

Série 5.<sup>a</sup>



B R A S I L I A N A

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA



Vol. 223

---

GEORGE GARDNER, M. D., F. L. S.

Superintendente dos jardins botânicos reais, de Cellão.

# VIAGENS NO BRASIL

principalmente nas províncias do norte e nos distritos  
do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841

TRADUÇÃO DE

ALBERTINO PINHEIRO

1942

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Pôrto Alegre

*Do original inglês*

TRAVELS IN BRAZIL

SEGUNDA EDIÇÃO.

Londres: Reeve, Benham, and Reeve King William Street, Strand. 1849

A COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
se reserva a propriedade literaria desta tradução.

A populous solitude of bees and birds,  
And fairy-formed and many colour'd things,  
. . . . .the gush of springs,  
And fall of lofty fountains, and the bend  
Of stirring branches, and the bud which brings  
The swiftest thought of beauty, here extend,  
Mingling, and made by Love unto one mighty end.

CHILDE HAROLD.

A

Sir WILLIAM JACKSON HOOKER,

K. H., D. C. L., F. R. S. A., e L. S.

Vice-presidente da *Sociedade de Lincol*, membro honorário da *Real Academia Irlandesa*, membro da *Academia Imperial Caesar. Leopold. Natural. Curiosorum*

e

*Diretor dos jardins reais de Kew,*

a quem a ciência da botânica tanto deve, por seu patrocínio como por contribuições feitas em numerosas e valiosas obras emanadas de sua pena,

*Dedica a seguinte obra*

contendo a narrativa das viagens que, se não fôra a sua bondade e o seu estímulo, nunca teriam sido empreendidas.

Com sentimentos de profundo respeito e estima,

Seu grato amigo e discipulo

GEORGE GARDNER

## INDICE

### CAPES.

I — Rio de Janeiro .....	1
II — Na Serra dos Órgãos .....	29
III — Baía e Pernambuco .....	59
IV — Alagoas e o rio São Francisco .....	81
V — Ceará .....	121
VI — Ceará (continuação) .....	162
VII — Ceará (continuação) .....	183
VIII — Oeiras e Paranaguá .....	210
IX — Paranaguá a Natividade .....	243
X — De Natividade a Arraias .....	279
XI — De Natividade a Arraias (cont.) .....	311
XII — De Natividade a Arraias (cont.) .....	348
XIII — Cidade de Diamantina a Ouro Preto ....	392
XIV — Ouro Preto ao Rio de Janeiro e segunda jornada à Serra dos Órgãos .....	426
XV — Maranhão, viagem à Inglaterra, conclusão	455

## PREFÁCIO

*Ao entregar ao público o presente livro, o Autor não tem a pretensão de dar a conhecer melhor certas partes do imenso Império do Brasil, que já foram estudadas nas obras de outros viajantes; porém, sim, a de fazer a descrição de uma grande porção desse interessante país, da qual ainda ninguém deu conta ao mundo. Foi sua preocupação traçar um quadro, quanto possível fiel, do aspecto físico e produções naturais da região, com algumas fugitivas observações sobre o carater, os costumes e a condição das diferentes raças, indígenas ou não, de que se compõe a população das partes visitadas.*

*Raramente se louvou em informações recebidas de outrem sobre esses pontos e espera que esta declaração seja tida como suficiente motivo de não entrar, mais frequentemente do que o fez, em dessultorios pormenores.*

*Amplas oportunidades se lhe depararam, ao Autor, para o estudo do que levava em vista, e dessas nunca deixou de se aproveitar.*

*Alem de visitar muitas terras ao longo da costa, fez também numerosas jornadas no interior do país; e, comquanto não se haja atrevido jamais, como Waterton — cuja veracidade não se pode pôr em duvida — a cavalgar um jacaré ou empenhar-se em combate singular com uma boa-constrictor, teve, todavia, seu amplo quinhão de aventuras, particularmente durante sua última jornada que se estendeu, de norte para o sul, desde as proximidades do equador até vinte e tres graus de latitude sul; e, de leste para oeste, desde a costa até os afluentes do Amazonas. As privações que sofre o viajante nessas regiões deshabitadas, e por vezes desertas, mal podem avaliar os que a elas nunca se aven-*

*turaram: ora exposto a um sol de fogo, ora a chuvas torrenciais, como só as ha nos trópicos; separado, por anos, de toda a sociedade civilizada, dormindo meses a fio ao relento; cercado em todas as estações do ano por feras e hordas de indios selvagens; sempre obrigado a carregar no lombo da cavalgadura, em caminhos desertos, uma provisão de agua de beber; e, não de raro, passando dois ou tres dias sem provar nenhum alimento sólido, nem sequer encontrando um macaco com que possa matar a fome. Não obstante tudo isto e tambem uma enfermidade séria, seu entusiasmo levou de vencida todas as dificuldades, que foram, até certo ponto, compensadas pelo prazer que ao amante da natureza sempre proporcionam tais peregrinações e pela quantidade de n vas espécies que poude aduzir à já longa lista dos seres organizados.*

Ao Autor só lhe resta acrescentar que as notas donde se extrai a narrativa foram, pela maior parte, escritas em horas que, em circumstancias outras, seriam devotadas ao sono; e que a própria narrativa delas compilada se fez durante uma travessia da Inglaterra para a Ilha de Ceilão.

*Kandy, Ceilão, 1.º de Janeiro de 1846.*

\* \* \*

Como o manuscrito das Viagens no Brasil, de Mr. Gardner, foi enviado de Ceilão e impresso durante a sua residência official naquela ilha, desejam os editores exprimir a grande obrigação em que se sentem para com Mr. John Miers, Esq., que, na ausência do autor, prestou valioso auxilio em corrigir os termos técnicos e botânicos, bem como os nomes proprios brasileiros, enquanto se fazia a impressão. Tambem desejam expressar o seu reconhecimento pelos atenciosos serviços prestados por Mr. Robert Heward, Esq., colaborando com Mr. Miers na revisão das provas.

Londres, 1.º de Outubro, 1846.

## CAPÍTULO I

### RIO DE JANEIRO

*Motivos para visitar o Brasil — Viagem da Inglaterra. Chegada ao Rio de Janeiro — Descrição da cidade. Os seus arredores — Carácter geológico das circunvizinhanças — Seu clima — Seus habitantes — Bom tratamento, em geral, dos escravos — Mistura de diferentes raças — Excursão ás montanhas que circundam a capital — Seu jardim botânico — Museu de história natural.*

Tendo devotado grande parte de meus lazeres durante o curso de medicina ao estudo da história natural em sua generalidade, mas particularmente ao da botânica, e com a mente acesa pelas fúlgidas descrições, feitas por Humboldt e outros viajantes, da beleza e variedade de produções naturais dos países dos trópicos, da grandiosidade dos cenários das montanhas e do esplendor do seu firmamento, apoderou-se de mim um ardente desejo de viajar em tais regiões.

Meu primeiro patrono e professor de botânica, Sir William T. Hooker, que então regia a cadeira dessa ciência na Universidade de Glasgow, conhecedor de meus desejos, instantemente me recomendou uma viagem a algum país da América do Sul. Recaiu a escolha no Brasil, o melhor campo para minhas pesquisas, visto que as produções vegetais daquele imenso império talvez fossem então menos conhecidas dos Ingleses, que as de qualquer outro país de igual tamanho em todo o mundo. Verdade é que tinha sido antes visitado por naturalistas alemães e ingleses; porém nenhum inglês, com a só exceção de Cunningham e Bowie e do intrépido Burchell, havia penetrado o interior: provincias inteiras, especialmente ao norte, ofereciam um



campo virgem ás investigações de futuros viajantes. E aquelas eram as que me interessava explorar.

Acabados os necessários preparativos para empresa de tal ordem, parti de Glasgow a 14 de março de 1836 e a 20 do mesmo mês estava a bordo da barca *Memnon*, com destino ao Rio de Janeiro, capital do Brasil. A travessia do Atlântico para a América do Sul já tem sido descrita com demasiada frequênciã, para que outra coisa me caiba dizer senão que tivemos igual quinhão de bonanças e ventanias, de céus rebrilhantes e esbraseados ocasos, tubarões e baleias, peixes voadores e esteiras fosforecentes. Após uma viagem tediosa, mas não desagradavel, avistámos terra em 22 de julho. Ao clarear do dia, como nos fôra predito pelo capitão, divisámos Cabo Frio, a distânciã de cerca de 25 milhas nor-noroeste. Fica este cabo a umas setenta milhas para leste do Rio de Janeiro, correndo entre ambos uma cadeia ondulante de elevados outeiros, recobertos de arvores até as cumiadas. Lá nessas alturas palmeiras inumeráveis, com troncos esbeltos encimados de copas arredondadas, sobranceiras ao resto da mata, e furando o espaço de encontro ao lindo azul do céu, imprimem á paisagem um cunho peculiar, que tacitamente faz sentir ao europeu sua aproximação de um mundo, cuja vegetação difere vastamente das que por ele foram ha tão pouco deixadas.

Os ventos sopraram brandos o dia todo e, como navegávamos rente da costa, meus olhos observavam sem cessar, através do telescópio de bordo, a selvática beleza do cenário, dentro do qual eu já me via em imaginação, a regalar-me com as suas multiformes produções naturais. Passava muito do meio-dia quando chegamos á entrada da bahía do Rio, notável pela quantidade de colinas cónicas e ilhas que se vêem em ambos os lados.

Uma destas é conhecida pelo nome de Pão de Açucar, pela sua semelhança com o objeto do mesmo nome. E' uma sólida mole granítica que se eleva á altura de cerca de mil pés e despida de vegetação, com exceção de uns poucos ar-

bustos enfezados na encosta oriental. Visto de grande distância, é uma admirável baliza para os navios que entram no pôrto. Passando pela magnífica entrada, ancorámos a umas poucas milhas abaixo da cidade, sem licença de avançar mais antes que recebêssemos a visita das autoridades. Impossível exprimir os sentimentos que dominam o observador enquanto os seus olhos contemplam o cenário lindamente variado que se apresenta á entrada do porto, cenário talvez sem rival na face da terra, e em que a natureza parece ter exaurido todas as suas energias. Tenho visitado desde então muitos lugares famosos pela beleza e magnificência, mas nenhum deles me deixou na mente igual impressão. Até onde a vista alcança na baía, belas ilhas verdejantes e cobertas de palmeiras se viam surgir da espessura, enquanto as colinas e altaneiras montanhas que a circundam, douradas pelo sol poente, formavam uma moldura adequada a tal quadro. Á noite as luzes da cidade produzem belo efeito, e, quando a brisa de terra começou a soprar, trazia em suas asas o delicioso aroma da flôr de laranjeira e outras flôres perfumosas, que me deliciavam tanto mais por haver estado tanto tempo privado da companhia das flôres. Ceilão tem sido decantada pelos viajantes por causa de suas especiarias odoríferas; mas eu já entrei duas vezes em suas praias quando soprava a brisa de terra sem experimentar nada que se comparasse ás doçuras que me acolhiam á chegada do Rio.

Na manhã seguinte, 23 de julho, pisei pela primeira vez as praias do grande continente do novo mundo.

Se o aspeto do país e a natureza da vegetação eram tão diferentes dos da velha pátria, quão mais estranhos eram os seres humanos que ao desembarcar se me depararam! As numerosas canôas e pequenos botes que cortam o porto são todos tripulados por pretos africanos; da mesma raça são os transeuntes que passam pelas longas e estreitas ruas, semi-nús muitos deles, suando sob pesados fardos, e a exalar um odor tão forte, que se torna quasi intolerável. Raro

se via um rosto branco. As lojas, cujas portas e janelas se abrem durante o dia, pareciam servidas por mulatos ou por portugueses quase da mesma côr. Vista de bordo pela manhã, a cidade apresentava um aspeto imponente por sua posição e por suas numerosas casas e igrejas caiadas de branco: mas, olhadas de perto, desvanecia-se a ilusão. As ruas são estreitas e sórdidas e, pela catinga de milhares de negros, como pelas emanções dos armazens de provisões, davam uma impressão que podia ser tudo, menos agradável. Acudiram-me, espontâncos, os versos de Childe Harold, que Byron applicou á capital da mãe-pátria.

“Quem quer que entre nesta cidade, que, cintilando ao longe, parecia ser celestial, desconsolado errará em meio de tanta coisa repugnante a olhos estranhos: porque palácio e choupana são igualmente imundos: os esqualidos habitantes na imundícia se criam”.

A cidade assenta em parte sôbre uma irregular língua de terra, situada na face ocidental da baía, a umas tres milhas da entrada na direção norte. O terreno em que se ergue é quase todo plano, mas limitado por uma série de colinas ao norte, oeste e sudeste. As ruas, estreitas e longas, correm em ângulos retos umas para as outras e por isso as casas formam grandes massas quadradas. A cidade nova projeta-se na direção do nordeste e só se separa da cidade velha pela grande praça chamada Campo de Santana. Além, penetra em terra um estreito braço de mar, á esquerda do qual está situado o extenso subúrbio de Catumbí e, mais adiante, o de Mataporcos e Engenho Velho. Além do campo de Santana ha duas outras grandes praças, uma em frente do teatro, outra no desembarcadouro onde se situa o palácio antigamente occupado pelos vice-reis. O palácio real de S. Cristovão, residência do Imperador, é um predio irregular e maciço situado um pouco além da cidade nova.

As ruas, além de estreitas e sujas, são também de mau calçamento e peor pavimentação, posto que a cidade seja circundada de perto por montanhas do mais belo granito.

As casas, solidamente edificadas, pela maior parte de granito, são em geral só de dois ou tres andares.

Há algumas belas igrejas, mas poucas dentre elas se acham situadas em posição de realçar á vista. A de Nossa Senhora da Gloria é uma das mais conspícuas, colocada que está sobre um outeiro arredondado, do mesmo nome, e que se projeta no mar entre a cidade e a Praia do Flamengo. Há além das igrejas muitos outros edificios públicos, entre os quais se pode mencionar o Mosteiro de S. Bento, perto do porto, o Convento de Sta. Tereza no tôpo de uma colina, além do belo aqueduto pelo qual corre das montanhas a agua que supre a cidade; uma casa da moeda, uma casa da Opera, um teatro, uma biblioteca que se diz conter cerca de cem mil volumes; um museu de história natural, uma escola de medicina, dois hospitais e, o que é o orgulho dos cidadãos, a Câmara dos Senadores, equivalente á nossa Câmara dos Lords. E' um belo edificio erigido ha poucos anos na face norte do Campo de Santana. Encontram-se espalhadas pela cidade algumas belas fontes supridas por um aqueduto. Uma destas está situada na praça do palácio e destina-se ao suprimento dos navios surtos no porto. O aqueduto tem mais de 6 milhas de extensão e termina junto da cidade por um magnífico renque de arcadas duplas.

De uma elevação no interior da cidade, chamada Morro do Castelo, tem-se uma bela vista tanto da cidade como da baía. E tambem uma deliciosa perspectiva da região do lado oposto da baía com a cidade de Niterói ou Praia Grande na frente e a alterosa Serra dos Orgãos, longe, á esquerda. Ha nas vizinhanças mais próximas do Rio certos sitios que relembram a um escocês as montanhas do país natal, com a diferença que, enquanto as montanhas de lá são desnúdas e estéreis, são as daqui cobertas até o cimo de luxuriante vegetação tropical.

O grande desejo dos habitantes da cidade parece que é dar-lhe ares europeus, o que até certo ponto já acontece,

parte pelo influxo dos próprios europeus, parte pelos próprios brasileiros que têm visitado a Europa para se educarem ou para outros fins. Raro se vêem hoje nas ruas os extravagantes trajas, quer de homens quer de mulheres, que se encontram representados nas publicações dos viajantes que têm visitado o Rio. Apenas algumas velhas, quase sempre gente de côr, ainda se veem usar o pente e a mantilha; e o chapéu armado e as fivelas estão praticamente extintos. Hoje em dia senhoras e cavalheiros se trajam ao rigor da moda parisiense e todos mostram excessivo pendor para a ostentação de joias. A rua do Ouvidor é uma das mais belas da cidade, não que seja mais larga, mais limpa ou mais bem pavimentada que as outras, mas porque suas lojas são principalmente ocupadas por modistas francesas, joalheiros, alfaiates, livreiros, confeitheiros, sapateiros e barbeiros. Estas lojas são montadas com uma elegância que surpreende o estrangeiro, sendo muitas delas providas de grandes espelhos semelhantes aos que se vêem frequentemente em todas as grandes cidades da Grã Bretanha. E' a Regent Street, do Rio, na qual se podem adquirir quase todos os artigos de luxo. Faz poucos anos que começaram a correr ónibus da cidade para os subúrbios. Pequenas barcas a vapor navegam regularmente entre o Rio e Niterói, do lado oposto, e uma vai diariamente a Piedade, ao fundo da baía. Há anualmente uma exposição de belas-artistas, em que se exibem bons quadros tanto de artistas nacionais como estrangeiros. Cultiva-se bastante música, e o piano, que só se encontrava nas mais ricas habitações ao tempo em que Spix e Martius visitaram o Rio, tornou-se agora quase universal. A guitarra, outrora o instrumento predileto, ainda o é por todo o interior. Há excelentes colégios para a educação dos moços, assim como se têm fundado internatos para moças, dirigidos segundo os mesmos princípios dos seus similares da Inglaterra.

Capital do Império com habitantes vindos de quase todas as nações européias, é o Rio um centro muito mais divertido do que o supõem os que nunca o visitaram. Mas, como sôbre estes assuntos já outros discorreram mais eru-

ditamente do que eu poderia pretender, passo em silêncio as recepções, a Ópera, os teatros franceses ou portuguezes e os bailes públicos ou particulares, que aqui como alhures tanto absorvem a atenção da sociedade elegante. Dos commerciantes europeus aqui estabelecidos, ingleses na maioria, poucos residem na cidade, tendo os mais residências de campo nos subúrbios. Um dos pontos favoritos de residência é o belo sítio, chamado Botafogo, a distancia de duas milhas. Ali as casas se erguem em semi-círculo em uma praia tranquila, quase toda cercada de altos montes. Pouco atrás das casas e quase sobranceira a elas, eleva-se uma montanha chamada Corcovado, a mais de dois mil pés acima do nível do mar, com dois terços da face oriental talhados a pique. Muitas outras residências de europeus estão situadas no Catete ou no Flamengo, entre Botafogo e a cidade, bem como no vale das Laranjeiras que se estende do Catete para as montanhas; ainda outras se encontram no lado opposto da cidade, no distrito de Engenho Velho.

Falta nos arredores do Rio uma coisa que não devia faltar em nenhuma grande cidade — estradas para passeios de carro. E' este um ponto a que na India se dá particular atenção, onde quer que se localizem sequer uns poucos de europeus. No Rio os que desejam fazer um passeio de carro, pela manhã ou á tarde, só o podem realizar em estradas públicas que apenas se prestam a corridas por umas poucas milhas fóra da cidade. Verdade é que existe, bem perto, o que se chama Passeio Público, grande jardim de ruas ensombradas, mas que só se destinam aos que andam a pé. Á tarde, quando faz bom tempo, é bem frequentado pelos habitantes da cidade. O Jardim Botânico, situado cerca de oito milhas da cidade, é bastante frequentado.

Ao desembarcar, alojei-me em um hotel italiano em uma das ruas principais; mas, como não era lugar adequado aos meus objetivos, mudei-me, logo que tive comigo toda a bagagem, para a casa de pensão de uma velha senhora inglesa, residente no país havia uns trinta anos. Era

situada a umas tres ou quatro milhas da cidade, em belo vale que se estende do subúrbio do Engenho Velho para o Corcovado e tem o nome de Rio Comprido, por causa do regato do mesmo nome que o atravessa. Aqui levantei minha tenda de trabalho por cinco meses, durante os quais minhas excursões se estenderam por todos os lados ao redor da cidade. Eram frequentes as visitas ás montanhas cobertas de densa mata virgem; aos úmidos vales; aos terrenos alagadiços do norte da cidade; ás praias e ás ilhas da baía. Destas excursões resultou abundante colheita botânica, além de numerosos espécimes pertencentes a outros ramos da história natural.

Como, porém, reinam neste clima privilegiado uma primavera e verão eternos, e quase que cada planta tem sua estação propria de dar flores, cada mês se caracteriza por uma flora diferente. Assim sendo, mal se pode esperar que uma estadia de poucos meses produza mais que um conhecimento parcial de suas riquezas vegetais.

Toda a região que circunda o Rio é essencialmente granítica e todas as rochas são da natureza das que se têm chamado granito-gneissico, pelo fato de terem inconfundiveis marcas de estratificação. As montanhas em geral correm em cadeias sem nenhuma direção particular e são de todos os tamanhos, desde pequenas elevações de terreno até montanhas que se erguem de dois a tres mil pés acima do nível do mar. As mais altas, como o pico da Tijuca, o Corcovado e a Gavea, são escalvadas e precipites a sudeste, mas ao norte são de ascensão gradual e cobertas de mata até o cimo. Não obstante estarem cobertas de densas florestas por enorme periodo de tempo, as encostas destas montanhas, as camadas de solo aluvial que nelas assentam são muito delgadas. Isto se pode explicar pelas pesadas chuvas que as carregam, bem como aos materiais de que se formam, ao fundo dos vales, onde as terras de aluvião chegam ás vezes a muitos pés de profundidade. E' por isso que os profundos vales que cortam as montanhas são a séde prin-

cipal da agricultura; e alguns deles, principalmente nas vizinhanças da cidade, estão crivados de habitações cercadas de plantações de café, laranja, banana e mandioca. Muitas das colinas menos altas ao pé da cidade tiveram suas matas derrubadas para o plantio de café; mas as plantações eram ainda muito novas quando parti, para que possa ajuizar do seu êxito em nível tão baixo. Por baixo do aluvião há uma camada de barro avermelhado, muito pegajoso quando úmido. Tem às vezes de trinta a quarenta pés de espessura, e não é peculiar a esta provincia, porque o encontrei quase em toda parte do Brasil por onde viajei. Contém frequentemente numerosos seixos formados de fragmentos arredondados ou angulares de gnáisse, granito e quartzo, tendo, por vezes, varias estratificações de areia e cascalho. E' obvio, pois, diante destas observações, que o solo das cercanias do Rio não é geralmente rico. Com effeito, a primeira coisa que impressiona o estrangeiro, ao chegar, é a aparente pobreza do solo em contraste com a riqueza da vegetação. Se não fôra a umidade da atmosfera, bem como as fortes orvalhadas da estação sêca e as chuvas da estação das aguas, combinadas com o calor do sol tropical, não valeria a pena cultivar a mór parte da região que circunda o Rio. A pequenez do solo que basta a algumas plantas causa admiração a um europeu. Rochas em que mal se observam uns vestigios de terra estão cobertas de *vellosias*, *tillandsias*, *melastomaceae*, *cacti*, *orchideae* e *fetos*, todos em pleno viço da vida.

O clima do Rio tem-se modificado grandemente com a derrubada das florestas vizinhas. Antes disto, as estações mal se poderiam dividir, como agora, em sêca e chuvosa. As chuvas caíam quase que o ano todo e as tempestades eram não só mais frequentes, porém mais violentas. A umidade se tem reduzido a ponto de diminuir consideravelmente o suprimento de agua da cidade, razão pela qual o governo tem proibido novas destruições das florestas do Corcovado, junto ás fontes do aqueduto. Nos meses de



maio a setembro o clima é habitualmente delicioso: é a estação seca e fresca. A temperatura media anual é de 22°, embora chova com frequencia na estação sêca, isto nada é em comparação com as chuvas continuadas do tempo das aguas que geralmente começa em outubro. A estação chuvosa entra com fortes tempestades, de occorrecia mais frequente no periodo da tarde.

A população do Rio consiste principalmente em portugueses e seus descendentes, brancos e de côr; só os nascidos no país são chamados brasileiros; e desde a independência, em 1822, tem reinado forte animosidade entre estes e os nativos de Portugal. Esta animosidade é menos comum nas camadas mais elevadas e talvez mais acentuada nas províncias do interior do que no litoral. Sempre que um motim ou qualquer tentativa de revolta se verifica no interior — estas occorrecias são, infelizmente, demasiado frequentes — os pobres portugueses são as primeiras vítimas, chacinados sem piedade, roubados de quanto possuem. Não obstante os maus tratos recebidos, centenas deles chegam anualmente para tentar fortuna no país que foi outrora a mais preciosa gema da corôa de Portugal.

Muitos dos que no Brasil se chamam brancos não merecem esse nome, por isso que bem poucas das familias, de longa data estabelecidas no país, têm preservado a pureza original. Os habitantes do Rio são em geral de pequena estatura e de constituição franzina, em frisante contraste com os altos e belos habitantes das provincias de S. Paulo e Minas e mesmo com os das provincias do norte.

O brasileiro, onde quer que se encontre, é sempre cortês e raramente inhospitaleiro, especialmente nas zonas menos frequentadas do país. E' muito mais moderado no beber que no comer e muito dado ao uso do rapé e do fumo: daí a frequência entre eles da dispepsia e molestias nervosas. O casamento é menos comum no Brasil que na Europa, fato que explica o baixo nivel moral aqui existente entre ambos os sexos.

As mulheres são geralmente pequenas e, quando moças, bastante atraentes; mas com o correr dos anos se tornam quase todas mui corpulentas, porque, bem alimentadas, fazem pouco exercício. No Rio e em outras grandes cidades sempre aparecem ás visitas de estranhos, mas isto não se dá quase nunca no interior, onde elas continuam esquivas, embora de grande curiosidade. Passei ás vezes uma semana toda em casas onde sabia que havia senhoras, sem jamais ver delas senão os olhos negros que espiavam nas frinças das portas dos aposentos internos.

Nas provincias longinquoas de Goiaz e Mato Grosso e Piauí, as mulheres de quase todas as classes são tão afeitadas ao cachimbo como os homens. Indios raramente se vêem no Rio: só meses depois de minha chegada vi o primeiro. Os morenos barqueiros do porto, que têm sido tomados por indios, são, como Spix e Martius já observaram, outras tantas variedades de mulatos.

Muito se tem escrito sobre a escravidão no Brasil. E' assunto de magna importancia e que reclama muito mais observação do que em geral lhe tem dado os que a esse respeito mais largamente escreveram. Estes têm sido particularmente viajantes apressados que hauriram de outrem suas informações, sem nenhuma observação pessoal. Aos estrangeiros recém-chegados contam os europeus residentes as mais ridículas histórias, como bem sei por experiencia pessoal. Um dos mais recentes livros sobre o Brasil, e que ao apparecer maior crédito mereceu na Europa, é, talvez, dos menos seguros em suas afirmações. Tenho bons fundamentos para asseverar que o autor registrou todas as informações que lhe foram ministradas, mesmo as mais extraordinarias, sem o mínimo exame dos fatos. Mais de uma pessoa me informou que em jantares se ouviam individuos, mais conhecidos como espirituosos que verazes, a ministrarem ao autor informações sobre o Brasil, que valiam menos que nenhuma informação; mas tudo parecia aceitaavel e era immediatamente anotado.

No ano de 1825 Humboldt calculou toda a população do Brasil em 4.000.000,\* dos quais 920.000 brancos, 1.960.000 pretos e 1.120.000 mestiços e índios nativos. Aqui a proporção das raças de côr para os brancos é de cerca de tres para um. Cálculos posteriores dão um total de 5.000.000 para toda a população.

Quando se promulgou aqui a lei que proibiu a introdução de novos escravos, imaginou-se que a proporção diminuiria rapidamente. E este seria sem duvida o caso, se a lei tivesse sido rigorosamente observada, pois é sabido que entre a população escrava do Brasil o numero de nascimentos é muito inferior ao de óbitos. Isto não acontece por motivo de maus tratos e ela infligidos, como têm suposto alguns escritores, mas pelo fato bem conhecido de que em todos os tempos foi menor a proporção de mulheres que de homens introduzidos no país. Em alguns Estados do interior a proporção de homens para mulheres chega ás vezes a ser de dez para um. Na zona diamantina, em particular, as mulheres são rarissimas.

A lei da proibição, porém, não foi cumprida e a consequência da incessante introdução de escravos é que o seu numero não tem declinado no país.

Nos cinco anos que passei no Brasil, tenho boas razões para crer que o suprimento de escravos foi quase igual á procura, mesmo nas mais remotas partes do Império.

A despeito de toda a vigilância dos cruzeiros tanto nas costas do Brasil como nas da Africa, era bem sabido de todos, no Rio, que se desembarcavam regularmente carregamentos de escravos a umas poucas milhas da cidade; e nas muitas viagens que fiz em canôas e em outras pequenas barcas ao longo das costas das provincias do norte, vi frequentemente desembarcarem levas de cem a trezentos escravos e ouvi falar de outras.

Há muitos pontos preferidos para desembarque entre Baía e Pernambuco, principalmente na embocadura do S. Francisco. Repetidas vezes, quando viajava pelo interior,

vi bandos de escravos cujo numero variava de vinte a cem indivíduos, todos incapazes de dizer uma palavra em português, tangidos para o sertão para serem vendidos, ou já comprados por proprietarios de plantações. Estes bandos andam sempre escoltados por capatazes armados, e os escravos já vendidos carregam frequentemente pequenos fardos, quase sempre de implementos agrícolas. Não se faz misterio de seus movimentos e até magistrados figuram entre os compradores de escravos. E' igualmente bem sabido que os magistrados dos distritos onde se vendem escravos recebem peita para guardar sigilo sobre a venda deles.

O alto preço que alcançam nos mercados, os escravos, é forte tentação para incorrer o risco de importá-los. Costuma-se dizer que, se de tres carregamentos de escravos um se salvar, será o bastante para cobrir todas as despesas e deixar larga margem de lucros.

Antes da minha chegada ao Brasil fôra eu levado a crer, por notícias publicadas na Inglaterra, que a condição do escravo no Brasil era a mais desgraçada que se podia conceber; e as narrativas que ouvi quando aportei, dadas por indivíduos que ora sei mal informados no assunto, tendiam a confirmar aquella crença. Uns poucos anos de residência no país, durante os quais vi mais do que o que tem sido dado ver á maioria dos europeus, contribuíram para alterar sensivelmente as primeiras impressões. Não sou defensor da permanência da escravatura; desejaria, ao contrario, vê-la extirpada da face da terra — mas nunca dei ouvidos aos que figuram o Senhor de escravos do Brasil como um monstro cruel. Posto que tenha sido larga minha permanencia entre eles, mui poucos atos de desabusada crueldade se passaram sob minha observação. O proprio temperamento dos brasileiros a isso se opõe. São plácidos e indolentes por habito, e isto os leva a relevar em seus escravos muita coisa que seria severamente punida por um povo de índole mais ativa e ardente. De europeus em quem a referida peculiaridade é mais acentuada se sabe que têm sido

não só os mais duros senhores, como também os mais severos punidores das faltas de seus escravos.

No Brasil, como em outros países, o crime é mais frequente nas grandes cidades que nas zonas agrícolas. Isto provem da maior facilidade que nas cidades existe para a aquisição de bebidas espirituosas; mesmo assim, a embriaguez não é frequente entre a população negra, conquanto densa no Rio.

Foi por uma manhã de domingo que aporti em Liverpool, de volta do Brasil, e no decurso do dia vi nas ruas mais casos de intoxicação alcoólica do que julgo ter observado, ao todo, entre brasileiros, brancos ou pretos, durante o tempo inteiro de minha residência no país.

Nas grandes cidades a necessidade de castigar os escravos é de frequente ocorrência e o Senhor tem poderes discricionarios para flagelá-los. Alguns, porém, preferem mandar o culpado ao calabouço, onde, mediante módico pagamento, a policia se incumbem do castigo. Muitos dos crimes pelos quais se applicam aqui apenas umas poucas lambadas são de tal natureza que, na Inglaterra, trariam para seu perpetrador a pena de morte ou exilio. Só por crimes muito sérios é que se entrega um escravo, de vez, aos tribunais judiciários, visto como então se perdem para sempre, ou, pelo menos, por muito tempo, os seus serviços ao Senhor.

Na maior parte das plantações são os escravos bem tratados e parecem muito felizes: é, com effeito, uma característica dos pretos, filha, por certo, de sua disposição apática, a facilidade de se afazerem á sua condição. Conversei com muitos cativos em toda a parte do país e só de uns poucos ouvi expressões de pesar por terem sido levados de sua terra, ou de desejo de para lá voltarem. Em algumas das grandes fazendas em que residi por curtos períodos o número de escravos por vezes subia a trezentos ou quatrocentos e, se não fôra o meu prévio conhecimento de sua condição, nunca teria descoberto, por minha simples observa-

ção, que eram todos escravos. Via grupos de trabalhadores, contentes e bem dispostos, que saíam de suas pequenas choças, por vezes cercadas de uma horta, a caminho das labutas diárias, das quais voltavam á tarde, em nada alquebrados pelo peso da tarefa. A condição do escravo de serviços domésticos é talvez ainda melhor que a dos outros: mais bem alimentados, mais bem vestidos e com trabalho mais leve.

Observei que as senhoras brasileiras são quase sem exceção bondosas para com os escravos domésticos de ambos os sexos, mas principalmente para com as que foram amas de leite. Em lugares onde não havia nenhum recurso médico, por vezes vi a senhora de escravos atendendo em pessoa aos doentes das enfermarias.

Mas a índole dos escravos é varia. Pela propria natureza do negro — por sua comprovada inferioridade intellectual; por falta de educação; pela consciencia de sua posição na sociedade e pela quase certeza de nunca poder alçar-se acima dela — não admira que haja entre os escravos alguns que são inquietos, impacientes de toda disciplina e dados a todos os vícios. E' a frequente necessidade que se apresenta de punir aos de más disposições, o que tem levado á suposição do uso indiscriminado e universal da chibata. Se se contrastar a capacidade mental dos indios nativos com a do negro, não será difficil, em quase todos os pontos, decidir em favor daquele. Não é das menos fortes provas da deficiencia mental do negro, o fato que, mesmo nas zonas mais remotas do país, tres ou quatro brancos podem conter trezentos ou mesmo quatrocentos deles na mais perfeita submissão. Com os indios isto nunca poderia acontecer, porque tambem a eles se permitiu, e ainda se permite, escravizar na fronteira do norte e de oeste, embora em desobediencia á lei. O indio, com inclinações animais menos desenvolvidas que o preto, é tambem por isso de disposição mais benigna, mas ao mesmo tempo muito mais insofrido de restrições.

O carater e a capacidade do negro variam grandemente em diferentes nações. Os da Africa setentrional são, em tudo e por tudo, os de melhor raça. Os escravos da Baía são mais difíceis de governar que os de qualquer outra parte do Brasil, e ai mais do que alhures se têm verificado tentativas de rebelião. A causa disso é obvia. Quase toda a população escrava daí vem da Costa do Ouro. Homens e mulheres não só são mais altos e mais belamente conformados que os de Moçambique, Bengala e outras regiões da África, mas possuem tambem muito maior soma de energia mental, filha talvez de seu próximo parentesco com os mouros e árabes. Há entre eles muitos que lêem e escrevem o arábico. São mais unidos entre si que os de outras nações e por isso menos sujeitos a terem divulgados os seus segredos quando planejam revoltas.

Para resumir estas observações: tenho tido amplas oportunidades, desde que deixei a America do Sul, para contrastar a condição da escravatura ai com a do *coolie* em Mauricio e na Índia, porém mais particularmente em Ceilão; e, se me fosse perguntado à qual delas daria preferênciã, certamente me decidiria em favor da primeira, muito embora, ao mesmo tempo, não pudesse deixar de exclamar com Sterne: — *Inda assim, ó escravidão, tu és um cálice amargo!*

Muito se teme no Brasil uma insurreição geral dos escravos, temor bem fundado quando se considera a sua superioridade numérica em relação aos brancos. Estivessem eles unidos pelos laços da simpatia comum e o fato já se teria dado de ha muito; mas os preconceitos hostís existentes entre as várias raças africanas o tem evitado até o presente.

Nas províncias do Norte e do interior largo estímulo à insubordinação se tem oferecido pelo sentimento generalizado que anima grande parte da população livre, constituida em grande parte dos mestiços, e desejosa de sacudir o jugo da monarquia e substituí-lo por uma forma de govêr-

no republicano. Sei que este sentimento é geral, não só entre as classes inferiores, mas também entre os magistrados, sacerdotes, oficiais do exercito e donos de terras; creio por isso que não vem longe o dia em que o Brasil participará do destino dos demais estados da América do Sul. Se tal acontecer, a população branca sem dúvida experimentará a selvagem capacidade das raças mistas, especialmente das que têm sangue africano: porque é notório que os peores criminosos são os desta classe, herdeira em parte do intellecto superior do branco, ao mesmo tempo que conserva a astúcia e ferocidade do negro; são em sua maioria livres e não têm boa vontade para com os brancos, que formam a parte menos numerosa da população. E' de notar, porém, que na classe mais abastada dos proprietários de terras e comerciantes, que têm recebido os beneficios de uma educação mais liberal, especialmente os pertencentes às províncias ao longo da costa e os residentes perto da capital, esta corrente de opinião pública, que já uma vez quase ameaçou a ruina do imperio, foi em grande parte detida; e muitos dos que outrora defendiam os principios republicanos são agora os mais fortes sustentáculos da monarquia constitucional, convencidos de que esta é a melhor garantia de sua vida e prosperidade e do desenvolvimento da industria e dos recursos do império.

As raças mestiças do Brasil recebem nomes diferentes dos que se lhes dão em territórios espanhois. Os descendentes de europeus e negros chamam-se *mulatos*; os de europeus e indios indigenas, *mamelucos*; os de negros e indios, *caboclos*; os de mulatos e negros, *cabras*; o termo crioulo applica-se à descendência dos negros. Considerei-me feliz, logo após minha chegada ao Rio, de fazer conhecimento e amizade com uma família que já viajara nas partes remotas da América do Sul. Só quem, dia após dia, realiza solitárias excursões pelas escuras florestas, em vales sombrios, no cimo dos montes ou pelas praias agitadas de um país como o Brasil, onde tudo é novo e estranho, pode plenamen-



te apreciar o privilegio de ser acolhido por uma familia cujas horas de lazer são devotadas a estudos semelhantes aos seus. Muitas das minhas excursões nos arredores do Rio foram realizadas em companhia destes amigos, cujo conhecimento local do país me proporcionou ensejo de fazer algumas de minhas mais belas aquisições botânicas. A esta familia, bem como à maioria dos ingleses, residentes no Rio, sou devedor de muitas atenções, nos diferentes períodos da minha residência nessa vizinhança.

Para dar uma idéia geral do esplêndido cenário e das características mais notáveis desta parte do Brasil farei a descrição de algumas excursões. Há um caminho ao lado do grande aqueduto que tem sido sempre o ponto predileto dos naturalistas que têm visitado o Rio. E por certo não ha perto da cidade outro sítio tão abundante de insetos ou plantas. As notas que se seguem foram tomadas de volta de minha primeira visita ao longo de todo o aqueduto. Depois de chegar à extremidade do Vale das Laranjeiras, que é de cerca de duas milhas de extensão, a subida torna-se um tanto íngreme. Desta vez era por volta do meio-dia, e os raios do sol em céu sem nuvens eram ardentísimos; mas a curta distância penetramos a fresca sombra de densa floresta que flanqueia o Corcovado e pela qual corria o nosso caminho. No vale vimos algumas grandes árvores de tronco coberto de espinhos (*Bombax*), mas estavam todas despidas de folhas e flores, sendo quase todas as arvores desta familia deciduas. Também passamos à sombra de uma grande árvore solitária à beira do caminho e bem conhecida pelo nome de Pau-Grande: é o *jequitibá* dos brasileiros e o *Courataris legalis*, de Martius. Muito mais acima, nas margens de um pequeno regato que desce das montanhas, encontramos algumas curiosas *dorstenias* e muitas espécies delicadas de fetos. Acrescentámos aqui às nossas coleções belos exemplares da *Trichopteris excelsa*, e que eram os primeiros da espécie por mim vistos. As florestas aqui ostentam todas as características de vegetação tropical.

O rico solo negro que tem estado em formação por séculos, nas grandes ravinas, pela queda das folhas, cobre-se de fetos herbaccos (dorstenias, heliconias, begonias) e outras plantas amigas de sombra e umidade, ao passo que acima dele se erguem os altos e grande fetos arborescentes e as nobres palmeiras cujas folhas estremecem à mínima viração. Mas são as árvores gigantescas da floresta as que produzem a mais forte impressão na mente do estrangeiro. Bem senti a verdade da observação de Humboldt, que, quando um viajante recémchegado da Europa penetra pela primeira vez nas selvas da América do Sul, a natureza se lhe apresenta sob tão inesperados aspectos, que ele mal pode discernir o que mais lhe excita a admiração — se o profundo silêncio dessas solidões, se a beleza individual e o contraste das formas ou o vigor e frescura da vida vegetal que caracteriza o clima dos tropicos. (\*).

O que primeiro fere a atenção é o tamanho das árvores, sua grossura e a altura a que se erguem os troncos sem ramos. Então, em vez dos poucos musgos e líquenes que cobrem o tronco e os galhos das árvores selváticas dos climas temperados, aqui elas se recamam desde a raiz até a extremidade dos menores ramos com fetos, *aroidae*, *tilandsias*, *cacti*, *orchideae*, *gesneriae* e outras plantas epífitas. Além disso, muitos dos grandes troncos são cingidos pelas hastes das *bignonias* e arbustos similares, cujos ramos por vezes se engrossam e comprimem a árvore de tal forma, que ela sucumbe ao estreito abraço. As trepadeiras que apenas se agarram ao tronco, sustentadas por numerosas e pequenas raízes, por vezes se desprendem depois de alcançar os galhos, e, quando são muitas, dão ao tronco a aparência de um grande mastro suportado por seus espeques. Estas trepadeiras e cipós, passando de árvore a árvore, descendo dos ramos ao chão, e subindo de novo a outros galhos, enredam-se de mil modos e tornam difícil e incômoda a passagem por essas partes da floresta.

---

(\*) *Personal Narrative*, vol. III, p. 36.

Chegados por volta do meio-dia ao nível pelo qual a agua do aqueduto é trazida de sua fonte, continuamos a caminhada por mais de duas milhas. O avanço, porém, era lento, por causa dos numerosos objetos que continuamente nos prendiam a atenção. Em sítios umidos e sombrios ao lado do aqueduto encontramos o agrião comum da Europa (*Nasturtium officinale*), que é uma das poucas plantas verdadeiramente cosmopolitas; e nas rochas cresciam alguns pequenos musgos europeus que, como velhos conhecidos, evocavam suaves recordações da pátria. Numerosos fetos e begonias de estranhas folhas cresciam ás margens do pequeno arroio. Ao colher exemplares de um musgo, escapei providencialmente de uma cobra venenosa: apanhei-a com um punhado do musgo, que deixei cair quando percebi o que o acompanhava. Serpentes venenosas não são raras na província do Rio de Janeiro, mas não são tão frequentes, como se poderia supôr, os acidentes que delas resultam.

As sete horas da tarde estávamos de volta ao lugar onde deixamos os criados, os cavalos e os mantimentos para o jantar e, quando acabamos esta refeição, a noite já havia caído. Como a descida do caminho não é fácil, mesmo de dia, não deveríamos ter-nos demorado tanto tempo, se não contássemos com o luar. Durante a meia hora em que esperamos o nascimento da lua escutávamos os sons produzidos pelos varios animais que estão ativos a esta hora da noite. Sobreleva a todos os outros o do sapo ferreiro. Todos os sons que ele emite ferem o ouvido como a pancada de um malho na bigorna, ao passo que os de seus congêneres se assemelham admiravelmente ao mugido do gado distante. Fóra isso, o pio de uma coruja, o canto agudo da cigarra e o chilro dos gafanhotos formavam uma assonância prolongada e pouco harmoniosa no ar iluminado pelo brilho intermitente de inúmeros pirilampos.

Quando surgiu a lua prosseguimos a jornada, mas as nuvens baixas e a sombra das árvores impediam-nos o be-

nefício de sua claridade. Quando emergimos da floresta e avistámos uma nesga do horizonte, tudo anunciava uma tempestade iminente. Ao norte bojava uma massa de escuríssimas nuvens, donde partiam, de quando em quando, os mais fúlgidos relâmpagos. Chegados a casa pouco depois das dez horas, mal nos havíamos sentado, quando a tempestade desabou com furia em torrentes diluviais.

De várias partes do regato avistam-se belos tratos de zona baixa, das quais o mais admiravel é talvez o que apresenta o lago Rodrigo de Freitas. Olhávamos, por assim dizer, através de um largo portal: á esquerda o Corcovado, coberto de densa floresta com folhagem de varias cores; á direita, a face quase perpendicular de outra montanha, com uns poucos cactos e outras plantas sumarentas, mas densamente coberta de árvores no cimo. Daqui deste ponto corre um largo vale ao sopé do qual jaz o Jardim Botânico e, ainda mais adiante, o lago.

Ao longo das margens do lago, numerosas cabanas cercadas de campos cultivados. Imediatamente depois, a praia do mar, com seu largo cinto de areia batido de contínuo pelos vagalhões. Tudo além, exceto uma ou duas ilhas á esquerda, é o grande Oceano Atlântico do Sul, sobre o qual se arqueia o céu azul. No decurso do passeio por vezes nos sentámos para descansar e gozar no silêncio e calma que nos envolviam as românticas paisagens que de contínuo se nos apresentavam. O Corcovado oferece ao botânico um precioso campo. Frequentemente lhe visitei a parte inferior, tendo apenas uma vez ido ao seu topo. A ascensão é pela face noroeste e, embora íngreme em alguns pontos, pode ser vencida a cavallo em todo o percurso. Algumas árvores da parte inferior são bastante grandes. A densa mata baixa consiste de palmeiras, *melastomaceae*, *myrtaceae*, fetos arborescentes, crotons, e outros; e por debaixo destas, fetos herbaceos, *dorstenias*, *heliconias*, e, em lugares mais abertos, algumas grandes gramineas.

Para o cimo as árvores são de menor crescimento e abundam os arbustos do genero *croton*, bem como uma espécie de pequenos bambús. O topo é uma grande massa de grosseiro granito granulado. Nas fendas de rochas algumas pequenas espécies de orquideas e uma bela *gesneria* de raiz tuberosa e flôr escarlata. Desta altura se desdobra magnifica vista panorâmica da baía, da cidade e das circunvizinhanças. A temperatura nesta elevação é tão baixa, que não é difficil imaginar-se a gente transportada a maior latitude. Soprava forte brisa e, pouco antes de nossa partida, o topo da montanha foi envolvido por uma dessas escuras nuvens que costumam pairar sobre ele no começo da estação chuvosa.

Outra interessante excursão feita durante minha estada no Rio foi ao alto da Tijuca, aonde me acompanhou um amigo e onde me demorei dez dias. Ao caminho direto que parte do Rio preferimos outro peor e cheio de voltas ao longo da praia. Perto do mar e a umas quinze milhas da cidade ergue-se a Gávea, assim chamada pela sua forma quadrada e bem conhecida dos marinheiros ingleses pelo nome de *Lord Hood's Nose*. Tem o topo achatado e ergue-se a dois mil metros acima do nível do mar, ao qual apresenta uma face cortada quase a pique. Pernoitámos em casa de um francês possuidor de pequena fazenda cafeeira. O café está plantado no declive rochoso que jaz entre a base da montanha e o mar. O lugar é fresco e de clima úmido. Entre as rochas sôltas do sopé da montanha fizemos uma bela colheita de conchas da terra e nos rochedos á beiramar vimos a bela *Gloxinia speciosa*, tão conhecida nas estufas da Inglaterra, a crescer em profusão e coberta de flores. Junto com ela cresce uma espécie de salsa silvestre e, enroscada nas moitas, uma nova espécie de mastruço (*Tropæolum orthoceras*, Gardn.). Na superfície da montanha, numa altura de centenas de pés, vimos grandes porções de uma dessas belas orquideas de grandes flores, tão comuns no Brasil. Suas grandes flores de um colorido rosado eram bem vi-

síveis, mas não podíamos alcançá-las. Poucos dias depois encontrámo-la em uma montanha vizinha e verificamos que era *Cattleya labiata*. As da Gávea continuarão a vegetar longo tempo, fóra do alcance do guloso colecionador. A estrada, depois de contornar a Gávea, termina em um pequeno lago salgado, que os viajantes são obrigados a atravessar, por causa do flanco de uma alta colina que entra nele e impede a passagem pela sua orla. Atravessámos o lago em uma canoa podre, que fazia agua, e observámos na face dos íngremes rochedos muitas plantas curiosas que não podíamos tocar. O trilho que conduzia á casa onde nos íamos alojar cortava por cerca de duas milhas um prado parte em sua condição primitiva, parte plantado de milho, mandioca e bananas. Passámos muitas casinhas pertencentes a pobre gente de côr, principalmente pescadores. Antes de chegar ao pé da montanha pela qual o caminho conduz á Tijuca passámos por uma migração de formiguinhas pretas. Para avaliar a imensa multidão de indivíduos que a compunham basta o fato de que a coluna era de mais de seis pés de largura e se projetava por mais de trinta jardas. O chão estava completamente tapado pelas criaturinhas unidas em massa compacta. A história natural das formigas está ainda bem pouco estudada, particularmente quanto á enumeração das espécies. São mais numerosas do que os naturalistas supõem. Nas zonas tropicais onde reina a umidade não são tão variadas em espécies nem tão abundantes em indivíduos como nas zonas mais sêcas. Lembra-me que, quando residia em Pernambuco, tomei nota de todas as espécies encontradas no decurso de um dia e que montavam a cerca de vinte e cinco.

Antes de subir a montanha visitámos as quedas da Tijuca, a pequena distância da estrada. A agua cristalina de um regato cai sucessivamente em dois pedaços de rocha levemente inclinados, com mais de cem pés de altura. É menos uma quéda que um largo lençol dagua que se desliza e penetra num grande lago em baixo. Esta cascata

lembra-me as que se vêem tão frequentemente nos vales cobertos de matas da Escocia. Após lenta ascensão chegamos a casa ao lusco-fusco da tarde.

Era uma casa situada no meio de velho cafezal pertencente a um brasileiro nobre, mas que fôra arrendada por um grupo de jovens comerciantes ingleses do Rio que a usavam para recreio nos feriados e que, por gentileza de um deles, nos fôra cedida como residencia por uns poucos dias.

Bem cedo, na manhã seguinte, fizemos uma excursão a uma montanha chantada Pedra Bonita, em frente da Gávea. De caminho visitámos os cafezais de Mrs. Moke e Mr. Lescene. São contíguos um do outro e eram tidos como os mais bem administrados nas proximidades do Rio. A grande zona cafeeira é muito mais para o interior, nas margens do Paraiba. As arvores são plantadas de 6 a 8 pés de distância uma da outra. As mudas foram tiradas do viveiro com raizes cobertas de terra vegetal e chegam a produzir fruto em cerca de dois anos, ao passo que as que são arrancadas da terra não produzem senão no terceiro ano e grande porção delas morre. Quando da altura de um pé, são plantadas na encosta das colinas, nos terrenos aluviais donde se tirou a mata virgem. Não se deixa que cresçam a mais de dez ou doze pés de altura, afim de que a fruta fique ao alcance da mão. Enquanto não estão em plena produção, um preto pode tratar e limpar dois mil pés; depois disso, dão-se apenas mil pés. Grandes e sadios cafeeiros chegam a produzir de oito a doze libras de café; a produção média, porém, varia de uma libra e meia até tres. Quando a baga está madura, é do tamanho e da côr da cereja. Destas bagas um preto pode colher até trinta e duas libras por dia. Há tres colheitas por ano, mas a maior parte da safra amadurece durante a sêca. Para secar, espalha-se o café ao sol em grandes terreiros ligeiramente convexos. A casca é depois tirada em moinhos ou pilões de madeira. Só em poucos estados do Brasil se vê o despoldador, tão

comumente usado nas Índias ocidentais e em Ceilão, para limpar as bagas frescas.

Nada mais belo que um cafezal em plena florada. As árvores deitam flores ao mesmo tempo, mas estas não duram mais que vinte e quatro horas. Vista de longe, a plantação se afigura coberta de neve e as flores exalam o mais delicioso perfume.

À margem de um córrego que atravessa o vale onde estão estas plantações, observei uma árvore semelhante à ortiga, com uma haste de oito polegadas de diâmetro e quase vinte pés de altura e que verifiquei ser uma nova espécie de *boehmeria* (*B. arborecens*, Gard.)

Numa longa extensão o caminho que subíamos era orlado de pés de laranja azeda, cuja sombra não era menos agradável que o seu fruto; porque o seu suco, embora um tanto amargo, não chega a ser desagradável. Tanto aqui como em muitas outras partes do Brasil, esta espécie de laranja cresce no mato e é chamada pelos brasileiros *laranja da terra*, embora certamente não seja indígena. Dali passámos a um trato de terra cuja mata fôra derribada e substituída por denso arvoredor novo, principalmente de *solanums*, *crotons*, *vernonias*, ao mesmo passo que numerosos espécimes de *Cecropia peltata* e *palmata* erguiam suas frondes acima de todas, visíveis a grande distancia por causa de sua casca branca, de suas folhas lobadas, cuja superfície inferior, agitada pelo vento, dá à arvore a aparência de estar coberta de flores grandes e brancas.

Perto do cimo da Pedra Bonita, existe uma pequena fazenda, cujo proprietário lhe está derribando a mata e convertendo as arvores maiores em carvão de lenha. Dos troncos maciços de algumas delas, havia pouco cortadas, obtivemos algumas lindas orquídeas e diversos outros exemplares pertencentes à ordem dos *melastomaceae*, *myrtaceae*, *compositae* e *leguminosae*.



A ascensão á Pedra Bonita se faz da face norte. Logo ao emergir da floresta e atingir o topo tem-se a magnífica vista da região circunjacente.

Era quase sol posto e pouco tempo nos sobrava para cuidar de botânica. Vimos apenas o suficiente para verificar que a vegetação do topo desta montanha era bastante diversa da de todas as outras por nós visitadas perto do Rio, assemelhando-se mais, como depois constatámos, com a das montanhas do interior. Poucos dias depois renovámos a visita a este ponto; mas desta vez toda a montanha estava coberta de nuvens, cujos minúsculos glóbulos se faziam visíveis ao serem tangidos pela brisa que soprava do norte. Grande parte do cimo cobria-se da linda *vellosia cândida* semelhante ao lírio, e em cujos ramos crescia um bonito *epidendrum* de flores rosadas. Junto com a *vellosia* cresciam dois lindos espécimes de *Echites atroviolacea*, um com grandes flores côr de violeta, outro com flores de igual tamanho, porém brancas. Ambas exalam um perfume semelhante ao da primavera comum, embora mais forte. Á beira do precipício, a leste, vimos coberta de suas grandes flores côr de rosa, a esplendida *Cattleya labiata*, que poucos dias antes encontrarámos na Gavea. No ano seguinte, de volta da Serra dos Órgãos, visitei de novo este lugar e verifiquei que houvera grande mudança. A floresta que antes cobria considerável porção do cimo, fôra cortada e convertida em carvão de lenha e os pequenos arbustos e *vellosias* que cresciam na parte exposta haviam sido devorados pelo fogo. O progresso da cultivação se vai fazendo tão rapidamente numas vinte milhas á volta do Rio, que muitas das espécies ainda existentes estarão, no decurso de poucos anos, completamente extintas, e os botânicos que no futuro visitarem o país debalde procurarão plantas colhidas por seus predecessores.

Outras excursões ás ilhas da baía, e ao Jurujuba, do lado oposto dela, foram também produtivas de muitas interessantes espécies de plantas. Foi neste último lugar, em

colinas enxutas e cobertas de moitas, que pela primeira vez vi um exemplar selvático da realmente bela *Buginvillea spectabilis*. Trepá á copa dos arbustos e árvores junto dos quais cresce, e o brilhante colorido de suas flores, as quais produz em profusão, torna-a conspícua a grande distância no meio da mata. Esta planta e a *bignonia venusta*, igualmente bela, são muito cultivadas nos subúrbios como trepadeiras ornamentais.

Antes de partir do Rio, visitei o Jardim Botânico e o Museu de História Natural. Aquele, como já foi notado, fica ao sopé de um vale perto do mar, cerca de oito milhas ao sudoeste da cidade. É antes um passeio público que um jardim botânico, porque, com exceção de uns poucos arbustos e árvores da Índia Oriental, bem como de umas plantas herbáceas da Europa, pouco há ali que lhe justifique o nome. Do imenso número de plantas indígenas do país, quase nenhuma vi. O botânico europeu, porém, é bem compensado de sua visita pela vista de algumas grandes árvores do pão e da jaqueira, com suas folhas inteiras muito menores, e o fruto monstro pendente do tronco e dos grandes galhos. Há também alguns belos cinamomos e craveiros. Quase ao centro do jardim algumas touceiras de bambús, com mais de cinquenta pés de altura, dão-lhe uma nota tropical característica. A alameda que começa á entrada do jardim é orlada em ambos os lados de casuarinas semelhantes a pinheiros. Num terreno de cerca de uma geira, á esquerda da alameda, erguem-se as árvores do chá que foram importadas da China pelo avô do atual Imperador. Pensava-se que o solo e o clima do Brasil fossem adequados á sua cultura; mas a experiência não confirmou a expectativa, muito embora o crescimento das plantas e a preparação das folhas fossem cuidadas por chineses nativos afeitos a tais occupaões. Na província de São Paulo se fizeram algumas plantaões de chá; a que pertence ao ex-regente Feijó contém para cima de 20 mil pés. O produto

que se vende no Rio mal se distingue na aparência do de manufatura chinesa; é, porém, inferior e tem gosto de erva.

Vende-se mais ou menos pelo mesmo preço que o importado; mas já se verificou que não se pode cultivar com vantagem para o plantador, por ser o trabalho no Brasil mais caro que na China. Diz-se que, para dar lucro, o chá do Brasil devia ser vendido a cinco xelins a libra.

O Museu Nacional de História Natural foi fundado por D. João VI. Dá uma idéa muito apoucada da grande copia de produtos naturais existentes no país. Como em muitos outros museus, deu-se aí mais atenção ao continente que ao conteúdo. A coleção está encerrada em um edificio de tamanho regular no Campo de Santana. Há umas oito salas que são franqueadas aos visitantes: uma destas é reservada para as vestes, ornamentos, armas e outros objetos dos aborígenes do Brasil. Outra contém uma porção de caixas de pássaros empalhados, estrangeiros bem como indígenas, mal preparados e poucos deles rotulados. Outras contêm uns poucos caixões de múmias enfileirados em um dos lados. De um destes o corpo foi retirado e posto em um caixão de vidro. As ataduras da cabeça e dos pés foram desfeitas e estas partes estão inteiramente expostas. Ha tambem nesta sala uma coleção mui limitada de moedas e medalhas e uns poucos quadros de pintura, dos quais um é o retrato do fundador em tamanho natural. Outra sala contém alguns caixões de quadrúpedes, principalmente de macacos. Duas salas são reservadas para uma coleção de minerais, que é a mais vasta bem como a mais interessante porção do que contém o Museu. Os especímenes são principalmente europeus.

O Museu abre-se ao público ás quintas-feiras, das 10 ás 16 horas, e parece ser bem frequentado.

## CAPÍTULO II

### NA SERRA DOS ÓRGÃOS

*Principal passeio de verão dos residentes ingleses — Viagem à Magé e Frechal — Subida às Montanhas — Descrição de florestas virgens — As plantações de Mr. March na Serra — Tratamento de seus escravidos — Uma pessoa picada por uma cobra venenosa — Amputação de um membro pelo Autor — Modo de tratamento usado pelos nativos em tais casos — Feitiços — Caça do tupir nas montanhas — Feras, pássaros e répteis lá encontrados — Visita a um fazendeiro brasileiro — Para Constância — Ascensão aos mais altos picos — Produções vegetais destas altas regiões — Agradavel estada na propriedade.*

Havendo acondicionado e remetido para a Inglaterra as coleções que se tinham acumulado no período da minha residência nas vizinhanças do Rio de Janeiro, fiz os preparativos para visitar a Serra dos Órgãos: Os picos que recebem este nome formam parte de uma cadeia de montanhas situada a cerca de 60 milhas ao norte do Rio, e que, ramificando-se em várias direções, se estende da Baía, na latitude de 12º S. a Santa Catarina, na latitude de 29º S. O nome da Serra dos Órgãos lhe foi dado pelos portugueses, em razão de uma imaginária semelhança que os seus picos, elevando-se uns acima dos outros, têm com os tubos de um órgão. Cerca de dez anos antes de minha visita fundára-se nesta montanha um sanatório em um lindo vale situado atrás dos picos mais elevados a uma altitude aproximada de três mil pés acima do nível do mar.

Um largo trato de terras dali pertence a um senhor inglês, Mr. March, que ali tem uma estância para a criação de cavalos e mulas, bem como uma grande plantação de hortaliças que suprem regularmente o mercado do Rio com

vegetais europeus. Nesta propriedade construíram-se várias casas de campo, que são ocupadas pelas famílias inglesas do Rio nos meses quentes. Também o proprietário dá pensão em sua residência e raro acontece que o lugar esteja sem visitantes. Uma terça parte da viagem se faz por agua; a outra, em mulas que são enviadas da fazenda.

Como aconteceu que Mr. March estivesse no Rio ao tempo em que eu tencionava visitar as montanhas, partimos juntos a 24 de dezembro, acompanhados de dois ou três comerciantes ingleses, que lá iam com suas famílias passar o Natal.

Era meio-dia quando pudemos partir da cidade e, sob a influência de uma forte brisa marinha, chegámos ao ponto de desembarque, em Piedade, por volta das três e meia, tendo vencido a distância de umas vinte milhas. O barco em que viajamos pertence a uma classe muito comum no porto e também muito usada para o transporte de mercadorias ao fundo da baía e, de lá para o Rio, os produtos das terras do interior. Também é empregado para viagens de passeio dos frequentadores das ilhas e praias da baía. Chama-se falúa e é tripulada por seis remadores e um timoneiro chamado patrão. Este, que é quase sempre o dono, é também, em geral, português de origem.

As falúas levam dois mastros, cada um dos quais com uma grande vela; a pôpa é coberta e fechada por cortinas. Os pretos que equipam estas embarcações são geralmente forte e musculosos. Sentados em um banco de través e com os pés apoiados em outro, erguem o tronco a cada golpe do remo, acompanhando o movimento com uma toada compassada e melancólica. Estas falúas alugam-se por um dia inteiro ao preço de dezoito xelins.

O dia era delicioso; o sol brilhava intensamente no límpido firmamento; doce brisa marinha refrescava o ar. Passámos rente da Ilha do Governador, a maior da baía, com cerca de oito milhas de comprimento, mas estreita,

e escassamente povoada. Pouco antes de minha chegada ao país, um inglês fundou ali uma fábrica de sabão e velas, artigos que alcançavam no Rio o mesmo preço que os importados da Europa.

As praias lodosas da ilha, como as de tôda a baía, abundam em caranguejos de todos os tamanhos e variedades de côr, desde os quase pretos até os de um vivo escarlate. Certa ocasião, quando visitava a ilha, observei em curto espaço de tempo cerca de oito espécies: são gregários, habitando cada espécie uma colonia distinta; enterram-se na lama, debaixo da sombra ou no meio das raizes do mangue ou de outras árvores praianas. Foi aqui que pela primeira vez observei a aparente anomalia de árvores que produzem ostras. Estes animais, quando novos, aderem à parte inferior do tronco e às longas raizes pendentes do mangue e de outras árvores que crescem no mar, mesmo em agua rasa. As ostras são pequenas, e de máu sabor. Outras, de enorme tamanho, se encontram na baía, medindo mais de um pé de comprimento algumas das conchas que recolhi como espécimes. Ao fundo da baía há muitas ilhotas, algumas delas habitadas e apresentando o agradável aspecto de cultura, ao passo que outras são pouco mais que massas de rocha, em cujas fendas crescem arbustos enfezados e grotescas figueira da India.

Em Piedade, mulas da fazenda de Mr. March esperavam por nós e nossa bagagem; e, após curta demora para o arranjo desta, começámos a parte da viagem por terra. Em Piedade, onde apenas se encontram algumas poucas casas esparsas, achava-se em construção um grande hotel do Coronel Leite, um senhor brasileiro que estava fazendo à própria custa uma nova estrada através da Serra dos Órgãos para se ligar à que vai de Porto Estrela aos distritos de mineração. Porto Estrela, que é outro desembarcadouro na extremidade da baía, tem sido até aqui o porto comum entre o Rio e o interior. O coronel Leite, porém,

espera que sua nova estrada virá a ser preferida, por ser muito mais curta. Quando novamente visitei o lugar quatro anos mais tarde, notei que a estrada ainda estava por acabar. Para evitar despesas com engenheiro traçara ele próprio a estrada, com o resultado de que, depois, muitas alterações se tornaram necessárias. A estrada que vai de Piedade a Magé, pequena cidade a distância de umas quatro milhas, atravessa uma planície arenosa, por vezes apaulada, abundante em árvores baixas e belos arbustos florentes. As margens são cobertas de numerosas trepadeiras, uma das quais é uma espécie de jasmineiro, pequeno e de flôr cheirosa, o único que até agora se encontrou selvático no continente americano. Nos lugares úmidos não era rara a *dichorizanda thyrsiflora*, com suas vergontes de flôres azuladas, ao passo que os campos se cobriam com uma espécie de cactos grandes, no meio dos quais se viam muitas plantas de *Fourcoya gigantea*, parecidas com o álves, projetando suas hastes a uma altura de trinta a quarenta pés.

A cidade de Magé está em bonita situação nas margens do Magé-assú, um dos numerosos riozinhos que nascem na Serra dos Órgãos e se lançam na baía. Tem uma graciosa igreja e muitas lojas bem sortidas. O rio é navegavel, em pequenas embarcações, a umas oito milhas da foz. Grande quantidade de farinha de mandioca se exporta desta cidade para o Rio. Sua situação em lugar baixo e cercado de pântanos a tornam insalubre em certas épocas do ano; são aqui comuns as febres intermitentes que frequentemente acabam em outras de carater maligno.

De Magé a Frechal, onde pernoitámos, a distância é aproximadamente da quatorze milhas. A estrada continuava plana, mas contornando muitas pequenas colinas, cujos flancos estavam cobertos de plantações de mandioca. Encontramos diversas tropas de mulas que vinham do interior carregadas com produtos da terra. Desconhecedor de tal modo de transporte, o europeu olha com admiração

para o grande número de animais que aqui são necessários, para carregar o que mal daria em seu país para a carga de um só animal. Tropas de mulas carregadas partem diariamente do Rio, de Picdade e de Porto Estrela em viagens para o interior, que se estendem de quinhentas a duas mil milhas e até a mais. Raro fazem mais de doze até dezesseis milhas por dia e a carga posta sobre cada mula varia de seis a oito arrobas. As cargas são protegidas contra o tempo por couros de boi, cortidos, ligados por correias.

Frechal é uma pequena aldeia com umas poucas casas esparsas e situada perto de duas milhas do sopé da montanha. O lugar em que nos alojámos por essa noite era uma grande venda onde havia uma sala aberta para a acomodação dos viajantes; em volta deste comodo collocam-se os leitos que lhe dão grande semelhança com sala de hospital. Aquí, ao contrário do que se dá na maioria das casas da mesma espécie entre o Rio e os distritos de mineração, pode-se sempre ter uma succulenta refeição.

Ao clarear da manhã seguinte continuámos nossa jornada. A ascensão da montanha começa a umas duas milhas de Frechal. Dalí à fazenda de Mr. March, situada numa elevação superior a três mil pés acima do nível do mar, a distância é de doze milhas. Em todo o percurso a estrada é pessima e muitos pontos tão íngremes, que só a custo as bestas podiam subir. Com effeito, a quem não está acostumado com tais caminhos mais parecidos com o leito de uma torrente das montanhas, que com uma estrada de animais de carga, muitas partes se lhe afiguram intransponíveis; mas é de ver a maneira segura, conquanto lenta, com que as mulas transpõem os peores trechos dela, especialmente quando deixadas inteiramente a si mesmas. Tôda a estrada corta uma densa floresta, cuja magnificência não pôde ser imaginada pelos que nunca a viram nem penetraram em seus recessos. Os remanescentes da mata virgem que ainda se erguem nas vizinhanças da Capital, conquanto grandiosos aos olhos de um recém-chegado da Europa, se tornam in-



significantes quando comparadas com a massa da gigantesca vegetação que veste as encostas da Serra dos Órgãos.

Até onde me foi dado verificar a grande floresta consiste de várias espécies de palmeiras, *laurus*, *ficus*, *cassia*, *bignonia*, *solanum*, *myrtaceas* e *melastomaceas*. Nos climas temperados as florestas naturais são compostas na maior parte de árvores que crescem gregariamente. Nos climas tropicais é raro verem-se duas ou três árvores da mesma espécie crescendo juntas, tão grande é a variedade das espécies. Muitas das árvores são de enorme tamanho e têm os troncos e galhos cobertos de plantas usualmente chamadas parasitas, mas que geralmente não o são, consistindo de *Orchideae*, *Cromeliaceae*, *peperomeae*, fetos e outras que derivam sua nutrição da umidade da casca e do elemento terroso que se forma dos musgos apodrecidos. Muitas das árvores têm os troncos cingidos por trepadeiras, que são por vezes mais grossas que os troncos em que se enroscam. Este é particularmente o caso de uma espécie de figueira brava que os brasileiros chamam *cipó matador*. Sob a árvore a que se agarrou e à distância de cada dez pés mais ou menos lança de cada lado um braço que se enrosca ao outro tronco e o comprime fortemente. À proporção que ambas as árvores aumentam de tamanho, a compressão se torna tão grande, que por fim a árvore cingida morre do abraço da parasita.

Há uma outra espécie de figueira brava, de enorme altura e mui grosso tronco, a que os ingleses residentes dão o nome de *buttress-tree* — (árvore-pegão), por causa das grandes e delgadas saliências que se projetam em forma de discos desde a parte inferior do tronco. Começam a lançar-se do tronco a uma altura de dez ou doze pés de base e gradualmente aumentam de largura até chegarem ao chão, onde se prendem às grandes raízes da árvore. Ao nível do chão estas saliências são às vezes de cinco pés de largura e em parte alguma têm mais de umas poucas polegadas de espessura. As várias espécies de *laurus* são belas árvores,

que florescem nos meses de abril e maio, ocasião em que a atmosfera se carrega do delicioso perfume de suas pequenas e brancas flores. Quando maduro, o seu fruto torna-se o principal alimento da jacutinga (penelope jacutinga, Spix), grande e bela ave que se caça. As grandes *cassiae*, quando florescidas, são de aspecto maravilhoso; e, como um número quase igual de grandes árvores da família *lasiandra fontanesiana* e outras da família *melastoma* florescem ao mesmo tempo, as florestas se tornam então uma como massa de amarelo e púrpura pela abundância de suas flores.

Salientes no meio destas distinguem-se facilmente as flores de côr de rosa da *chorisia speciosa*, espécie de bombax. É também uma grande árvore, com um tronco de cinco a oito pés de circunferência, coberto de duros espinhos e despido de galhos até a altura de trinta ou quarenta pés. Daí para cima os ramos formam uma copa quase hemisférica, que, quando coberta de suas milhares de grandes e belas flores côr de rosa, produzem maravilhoso efeito pelo contraste com a massa verde, amarela e purpurea de árvores em derredor.

Muitos destes grandes troncos dão suporte a várias espécies de lianas e cipós pertencentes à ordem natural das *bignoniaceae*, *compositae*, *apocynae* e *leguminosae*, cujas hastes assumem frequentemente extraordinária aparência: muitos deles se enroscam uns nos outros e pendem dos galhos das árvores como grossas cordas, ao passo que outros são chatos e comprimidos como cintos; destes tenho encontrado alguns com seis polegadas de largura e não mais de uma polegada de espessura. Duas trepadeiras são das mais admiráveis: uma, a bela *solandra grandiflora*, de grandes flores em forma de trombeta, que, espalhando-se entre as maiores árvores da floresta, lhes dão uma magnificência que não lhes é inerente; outras, uma vistosa espécie de fuchsia (*F. integrifolia*, Cambess) (\*) que é muito comum

---

(\*) Verifiquei que esta espécie é idêntica à *F. affenis*, Cambess; *F. pyrifolia*, Presti; e à *F. radicans*, Miers.

e sobe em tôda a espécie de árvore, chegando a atingir a altura de sessenta até cem pés de altura e depois caindo em lindíssimos festões.

Ao pé das montanhas o mato baixo consiste principalmente de arbustos pertencentes à ordem natural das *melastomaceae*, *myrtaceae*, *compositae*, *solanaceae* e *rubiaceae*, sobre as quais se encontram muitas espécies de grandes fetos herbáceos e algumas palmeiras. No meio do mato são abundantes as palmeiras e fetos, chegando alguns destes a altura não inferior a quarenta pés. Estas árvores são tão diferentes de tôdas as suas irmãs da floresta, de aparência tão estranha e, todavia, tão graciosa, que sempre me atraíram a atenção mais que quaisquer outras, sem mesmo exceptuar as palmeiras. A uma altura de cerca de dois mil pés aparece uma espécie de grande bambú (*bambusa tagoara*). As hastes desta gigantesca graminea têm por vezes dezoito polegadas de circunferência e atingem a altura de cinquenta a cem pés. Não crescem, porém, em linha perfeitamente vertical, elas descaem com suas copas em graciosa curva. Em todo o percurso o caminho era orlado de ambos os lados com as mais belas plantas herbáceas e delicados fetos.

Chegamos pela manhã à fazenda de Mr. March. Sua propriedade tem a extensão de sessenta e quatro milhas quadradas, cuja maior parte está ainda coberta de mata virgem; a que foi derribada consiste de pastagens e pequenas roças de milho, de feijão, e batatas. Feijão e milho dão fartas colheitas; mas a batata não é tão abundante nem bôa como na Inglaterra. Perto da casa há um grande pomar e horta aos cuidados de um hortelão francês, nos quais se cultivam com apreciável vantagem quase tôdas as frutas e vegetais europeus.

O pessegueiro, a oliveira, a figueira, o marmeleiro, o loquat, a pereira, a laranjeira e a bananeira, alí aparecem ao lado uns dos outros, produzindo todos, com exceção dos dois últimos, abundantes frutos. Bananas e laranjas também dão alí, mas o frio raramente permite que o fruto

chegue à perfeição. O morangueiro dá pouco fruto; a groselheira, nenhum. As maçãs são iguais às melhores que provei na Inglaterra; mas os pêssegos são muito inferiores: dão-nos aos alqueires para alimentos dos porcos. Os figos são ótimos, especialmente a variedade que produz um fruto pequeno e verde.

Couve-flôr, couves, aspargos, alcachofras, nabos, cenouras, ervilhas, cebolas e outras hortaliças colhem-se em abundância e enviam-se semanalmente para a cidade. A parte mais fértil é o grande vale situado entre a parte superior da Serra dos Órgãos e uma serra menor que lhe corre quase paralela; também são cultivados muitos dos menores vales que correm até os picos, regados todos por pequenas correntes límpidas e frescas.

Nessas alturas, o clima é muito mais fresco que no Rio, caindo o termômetro, às vezes, em maio e junho, até 0°. pouco antes do amanhecer. A temperatura mais baixa que observei foi a 26 de maio, quando, às 8 horas da manhã, o termômetro marcava 4°. A mais alta a que chegou nos seis meses de minha estada nas montanhas foi em 23 de fevereiro, a de 29° ao meio-dia.

A estação cálida é também a das chuvas, na qual ocorrem violentas trovoadas quase diárias durante os meses de janeiro e fevereiro. Vêm elas com grande regularidade por volta das 4 horas da tarde, e, quando cessam, deixam deliciosamente fresco o ar da tarde. Como as montanhas próximas do Rio, tôda a Serra dos Órgãos consiste de granito. As camadas de aluvião são espessas e ricas nos vales e por baixo delas a mesma terra argilaceo-ferruginosa, de côr vermelha, que é tão comum no Rio.

Como chegamos em dia de Natal, grande dia santo, encontrámos todos os escravos da fazenda, cerca de cem, dansando no terreiro diante da casa, vestidos todos de roupas que lhes haviam sido enviadas na véspera. À noite um magote dos mais bem comportados, principalmente crioulos, foi admitido à varanda da casa, onde tive oportu-

nidade de observar suas dansas, nem tôdas muito delicadas. Uma das melhores era uma espécie de dansa dramática, de que aqui vai uma descrição.

Ao pé da porta de uma casa pertencente a um padre um rapaz começa a dansar e tocar viola, uma espécie de guitarra. O padre ouve o ruído e manda um dos criados verificar o que é. Este encontra o músico dansando ao som do próprio instrumento e diz-lhe que foi mandado por seu amo indagar por que assim o perturbou. O músico declara que não está perturbando quem quer que seja, mas apenas ensaiando uma nova dansa da Baía, que viu o outro dia no *Diário*. O criado pergunta-lhe se é boa — “Oh! muito boa”, diz-lhe o outro. “Quer experimentá-la?”

O criado bate palmas e brada e entra imediatamente na dansa, exclamando: “O padre que vá dormir”.

E a coisa se repete, até que os domésticos do padre, homens, mulheres e crianças, estão todos dansando em círculo diante da casa. Por fim de tudo, o suposto padre aparece em pessoa, furioso, vestido de um grande *poncho*, chapéu preto de abas largas e uma máscara de longas barbas. Pergunta a causa do ruído que, segundo diz, o impede de saborear seu jantar. O músico diz o mesmo que já dissera aos criados e, depois de muita instância, persuade-o a entrar também na dansa. O padre dansa com tanto ardor como qualquer dos outros; mas, quando lhe parece oportuno, puxa um chicote que trouxera escondido debaixo do *poncho* e, zurzindo-os um por um, os põe todos para fóra e acaba-se o espetáculo.

Aqui nesta fazenda se observa para com os escravos disciplina mais rígida que em qualquer outra, do mesmo tamanho das que conheci no Brasil, ao mesmo tempo que se lhes dá tratamento cuidadoso e bom. Há uma enfermaria na fazenda e o seu administrador, Mr. Heath, tem adquirido larga experiência no tratamento das moléstias a que os pretos são sujeitos.

Bem que não haja no Brasil tantas espécies de cobras venenosas como o supõem os seus próprios habitantes, todavia são bastante frequentes os casos de picada entre os escravos empregados nas plantações.

Em todo o decurso de minhas viagens no Brasil, não encontrei, ao todo, mais de meia dúzia de espécies que, examinadas, mostraram ter presas de veneno. Algumas destas espécies, porém, apresentam numerosos exemplares. Na província do Rio e nas províncias do sul em geral, a espécie mais comum é, talvez, a jararaca (*bothrops neuwiedii*, Spix), gênero proximamente aparentado com o da cascavel, mas mui provavelmente distinta da espécie da América do Norte.

Na véspera de minha chegada à fazenda de Mr. March uma de suas escravas, de cerca de 32 anos e mãe de quatro filhos, quando limpava uma roça de milho, longe de casa, fôra picada de uma jararaca, na mão direita, entre o polegar e o índice. O acidente ocorreu pelas oito horas da manhã e imediatamente depois a mulher partiu para casa, mas chegou apenas ao meio do caminho, onde foi obrigada a deitar-se, por excessiva dôr e exaustão, dizendo ao mesmo tempo que se sentia com grande sêde. Como coincidiu estarem alí perto alguns escravos da fazenda, um deles partiu a cavalo a informar do ocorrido a Mr. Health, que, acudindo ao chamado, encontrou o braço da escrava inchado até o ombro, ao qual applicou uma atadura. De uma choupina vizinha obteve uma porção de tanchagem, parte da qual applicou à picada, dando a beber à paciente uma colher de chá da mezinha. Como a febre era alta, extraiu da paciente coisa de uma libra de sangue, o que a fez desmaiar. Removeram-na então, para a fazenda, onde lhe fizeram administrar dois grãos de calomelanos e, cerca de uma hora depois, uma grande dose de oleo de rícino.

Quando a ví no dia seguinte, como ainda se queixava de cruciantes dores no braço e na mão, procurei aliviá-la, mandando aplicar-lhe uma cataplasma de linhaça. Como

tinha o pulso cheio e a 130, tirou-se-lhe do outro braço mais uma libra de sangue.

No dia seguinte apareceram-lhe na mão e um pouco acima dos pulsos umas vesículas, que, furadas, deixavam sair um fluido aquoso. Ainda por dois dias continuaram-lhe as dores, renovando-se para seu alívio a aplicação de cataplasmas. Mais vesículas apareceram-lhe e a epiderme em torno da ferida começou a descascar-se. Na manhã de 29, quatro dias depois do acidente, quando se tirou o emplastro, a doente não tinha mais dores na mão; e, ao examiná-la cuidadosamente, constatei que a gangrena se

Pela condição do braço havia todos os indícios de que havia instalado, estando tudo morto do pulso para baixo. a gangrena se estendia. Ao fazer uma incisão na parte viva acima do pulso, escorreu grande quantidade de fluido aquoso, esbranquiçado e muito fétido; e, ao premer-lhe eu o braço entre o polegar e o indicador, senti uma crepitação de ar que se gerára embaixo do tegumento.

A doente estava agora muito abatida, pulso pequeno e débil, a 136, parecendo que o seu fim estava próximo. Como a amputação era o único meio de lhe dar uma possibilidade de cura, resolvi imediatamente cortar-lhe o braço; e, como a crepitação se estendia a umas polegadas acima do cotovelo, e o inchaço ao ombro, determinei fazer o corte tão próximo deste quanto possível. Não havendo condições para a aplicação do torniquete, fiz com que Mr. Heath comprimissem com uma chave acolchoada a arteria onde esta passa por baixo da clavícula. Perdeu-se grande quantidade de sangue antes que eu pudesse segurar a arteria, como cumpria fazer antes que o osso fosse cerrado. Quinze dias depois o coto do braço estava cicatrizado e a doente passeava no quarto. Vi-a novamente quatro anos mais tarde: sua saúde geral não fôra abalada no mínimo grau, conquanto ela se tornasse em extremo malhumorada e irritadica.

Nem os indígenas nem os estrangeiros têm para as mordeduras de serpentes remédio algum que lhes mereça implícita fé, segundo verifiquei pelo fato de recorrerem frequentemente a mim, quando os seus próprios recursos se haviam esgotado. Quando ocorre um acidente destes, especialmente no interior, o paciente é posto aos cuidados dos chamados curadores que aplicam seus remédios com muitas cerimônias misteriosas. A primeira operação do curador é a sucção da ferida, coisa que, quando praticada imediatamente, me parece ser a melhor depois da excisão ou cauterisação. O doente é recolhido depois a um quarto escuro e resguardado de correntes de ar. Um dos remédios que se reputa dos mais eficazes é o que se conhece em Minas e em outras províncias do interior pelo nome de *raiz preta* e *raiz de cobra*. É a raiz de um arbusto comum, ora bem conhecido dos botânicos pelo nome *chiococca anguifuga*. Tem um cheiro acre e desagradavel, que lembra o da Valeriana comum. Da raiz se fazem decoções que se dão a beber e emplastos que se aplicam à ferida. A raiz preta age como violento emético e purgativo e provoca abundantes suores. Se age francamente neste sentido, é favoravel augúrio da cura do doente. Além desta planta usam-se muitas outras. Como as serpentes em geral emitem um desagradavel odôr almiscarado, é voz corrente do povo que qualquer planta de cheiro semelhante é de segura eficácia na cura de suas mordeduras.

Na província de Pernambuco observei que um método comum de cura é dar de beber ao paciente uma dose de aguardente capaz de embriagá-lo de todo, porquê isto é por vezes remédio eficaz.

Porém o método mais extraordinário de que jamais ouvi falar é o que me comunicou um fazendeiro que me acompanhou ao Rio, de volta das montanhas. Apenas três dias antes de partir de sua fazenda, segundo me informou, um de seus bois fôra mordido na perna por uma jararaca,



e, aplicado imediatamente o remédio, ficára tão são como qualquer dos outros antes da partida de seu dono.

O remédio consiste no bem conhecido acróstico latino ou, como eles lhe chamam, palavras mágicas:

S. A. T. O. R.

A. R. E. P. O.

T. E. N. E. T.

O. P. E. R. A.

R. O. T. A. S.

Escreve-se cada linha separadamente numa tira de papel, enrola-se em forma de pilula e dá-se o mais depressa possível a pessoa ou animal mordido. O homem deu-me receita igualmente ridícula para a cura da embriaguês, e que consistia em pôr um pedaço de pão no casaco de um moribundo e lá deixá-lo até que o tal esteja bem morto. A menor parcela deste pão administrada aos intemperantes, sem que estes o saibam, produz uma cura perfeita.

Conta Catesby que viu na América do Norte um caso de morte causada em menos de dois minutos por uma picada de cascavel.

Também ouvi contar de mortes ocorridas no Brasil muito pouco depois da mordida, mas nunca observei caso em que se desse em menos de dez ou doze horas. Quando age assim rapidamente, deve ser tão forte, que destrua imediatamente tôdas as energias nervosas.

Quando o doente resiste por um dia ou mais, a morte quase sempre sobrevem por inflamação e gangrena da substância celular subcutânea. Em minhas viagens pelo interior encontrei a cada passo pessoas que tinham sobrevivido a sérias mordidas de serpentes; mas eram quase tôdas

de saúde combalida e sofriam de ulceração dos membros. De quanto tenho visto confesso, sem rodeios, que não tenho fé em nenhum remédio capaz de agir como específico para as picadas de serpente, quer como uso interno, quer externo. Não me refiro, é claro, aos que usualmente se aplicam para diminuir a inflamação ou febre, porque esses têm de ser empregados em qualquer fórmula de tratamento. A ligadura feita acima da ferida, incisões imediatas nesta e aplicação de ventosas que, na fórmula de copos, está sempre à mão, são de mais confiança que qualquer outro agente curativo externo.

Minha primeira jornada consideravel à floresta virgem, eu a fiz em companhia de Mr. e M. Lomonosof, o ministro russo na Côrte do Brasil. M. Lomonosof estava deseioso de assistir a uma caçada de tapir (anta), animal muito comum nesta serra. É o maior quadrupede sul-americano, mas não excede o tamanho de um bezerro de seis mêses e tem pernas muito mais curtas.

Partindo da fazenda por volta das seis e meia da manhã, penetramos na floresta situada cerca de três milhas ao norte. Fomos acompanhados por quatro negros, levando conosco provisão para dois dias. Tínhamos espingardas e seis bons cães.

Por milha e meia tivemos bom caminho através de uma floresta de belas árvores, com pouca mata baixa, exceto palmeiras novas, centenas das quais eram cortadas pelos pretos que nos iam limpando o caminho. Subindo o vale atravessamos por diversas vezes um pequeno rio chamado Imbuí, em cuja margem acrescentei muita coisa à minha coleção botânica. O peor trecho de nosso caminho foi u'a meia milha que tivemos de romper através de densa floresta de bambús. Transposta esta, demos com um velho trilho de anta. Era de uns dois pés de largura, bem batido, com rastos do animal, mas já velho de alguns dias. Este caminho conduziu-nos, através de um trecho de espessa floresta, a outra parte em que, sendo menor o número

de árvores, havia maior abundância de arbustos e grandes plantas herbáceas.

Encontrámos aqui diversos trilhos que vimos que iam ter a um fundo poço do rio, evidentemente o lugar procurado pela anta para beber e banhar-se. Enquanto Mr. Heath se esforçava por lançar os cães num rasto fresco, ocupava-me em coligir uma porção de plantas curiosas que cresciam num declive à margem do rio. Mas começou a chover, e, como os cães ainda não tivessem saído, de novo atravessámos o rio e seguimos vale acima por mais u'a milha.

Dali partiu um dos cães, mas estava de volta dentro de um quarto de hora, sem nada ter levantado. Como eram quase quatro horas da tarde e a chuva começava a engrossar, procurámos lugar de acampamento para a noite, visto como nos achassemos a dez milhas da fazenda e M. Lomonosof demasiadamente cansado para poder voltar. O lugar escolhido era à sombra de grandes árvores, perto das quais cresciam numerosas palmeiras pequenas (*euterpe edulis*, Mart.) cuja ponta é muito usada como alimento pelos brasileiros. Fez-se imediatamente um reparo, densamente coberto com folhas desta palmeira. A princípio fomos terrivelmente incomodados por mosquitos e uma pequena mosca da arêia; mas o fogo aceso em frente da choça logo as afugentou. Por leito tivemos as palmas estendidas no chão e por travesseiro um pequeno cepo.

A chuva que caiu torrencial durante tôda a noite não nos molestou. Mas, como continuasse até o dia seguinte, levantámo-nos ao clarear da manhã e preparamo-nos para voltar. Achei graça na vasilha em que os pretos cozeram seu almoço. Era feita de parte da grossa haste de um bambú, tendo por fundo a divisão existente em cada nó. Coloca-se de pé sobre o fogo e não se queima enquanto contém agua.

Entre os muitos préstimos do bambú, este é um de que eu nunca ouvi falar nem antes nem mais tarde. Depois

de ligeiro almoço começámos a jornada de retorno; mas, antes de sairmos fóra da floresta, M. Lomonosof, pouco afeito à vida de caçador, sentiu-se tão exausto de fadiga que mal pôde chegar ao ponto onde tínhamos dado ordens para que nos esperassem com animais para a volta.

Os animais que habitam as vastas florestas da Serra dos Órgãos são talvez de especie não menos várias que as do mundo vegetal. Antigamente a onça jaguar (*felis once*) era comum; agora, porém, só raramente se lhe ouve o rugido à noite e bois e carneiros pouco sofrem de suas depredações. Mais raro ainda é a variedade preta a que os brasileiros dão o nome de tigre. As florestas porém abundam em uma bela espécie de gato selvagem (*felis pardalis*). Macacos existem em grande número. Pela manhã as florestas reboam com os uivos do barbado (*mycetes barbatus*) que é do tamanho de um cão comum e que vive em bandos numerosos. Há diversas outras espécies de igual tamanho, mas raramente são vistas.

O bugio pardo, tão comum nas florestas das províncias do norte, nunca se encontra aqui; embora se encontre algumas vezes outra espécie talvez ainda mais bonita: é o *jaccus auritus*. Distingue-se facilmente das outras espécies por sua côr quase uniforme e o feixe de longos pelos brancos que saem das orelhas.

O bicho-preguiça (*acheus ai*) também por vezes se encontra nutrindo-se das folhas de *cecropia peltata*, seu alimento favorito. Um que tive preso por algum tempo era tímido e irritável. Como a maior parte dos animais em que o cérebro é pequeno em proporção ao desenvolvimento do sistema nervoso, é de tenaz vitalidade. Embora mais tardo de movimentos que os mais quadrúpedes de seu tamanho, passa com apreciavel rapidez de um galho para outro, do qual em sua marcha sempre se dependura pelas pernas e pés. Foi Waterton quem primeiro lhe tirou o estigma atribuido à sua índole por Buffon e outros.

No rio que atravessa o vale ainda se encontra às vezes a lontra brasileira, (*Iutra brasiliensis*) e a capivara (*hydrochoerus capybara*). Frequentemente atrai o caçador às matas um lindo veado (*cervus nemorivagus*), bem como duas espécies de porcos do mato, *dicotyles labiatus* e *torquatus*, muito encontradas em toda a zona intertropical da América do Sul. Uma espécie de raposa (*didelphis azaroe*) é aqui, como na Europa, a praga das aves domésticas. É de vida resistente, podendo levantar-se e fugir quando todos os ossos do corpo parecem quebrados das pancadas que lhe foram infligidas. É comum nas matas o tatu (*tatusia peba*) cuja carne refogada é excelente alimento, e nas florestas se encontra uma espécie de porco espinho de cauda prenil (*sphigurus spinosus*), ambos os quais se entocam no chão. Também se encontra, embora raro, o tamanduá (*myrmecophaga tamandua*). Como os macacos, também muitas vezes se vê um pequeno esquilo pardo que se diverte entre os ramos das árvores.

Além dos numerosos muscápicos e outros pequenos passaros, as pombas selvagens, os bandos de papagaios e periquitos, os gaviões, as corujas e as várias espécies de tucanos, notáveis pela plumagem de vivas cores e o grande tamanho do bico, há diversas aves muito procuradas pelos caçadores. São o jacú, a jacutinga, a jacubemba, o jacuassú todos galináceos, pertencentes ao gênero *penelope*, duas espécies de codornizes, o macuco (*tinamus macaco*) e o nambú (*pesus niamba*), e, por último, a perdiz (*perdix guaianensis*), a capoeira dos brasileiros. Entre os reptéis contam-se numerosas serpentes, muitas delas de linda cor, uma grande variedade de lagartos, inúmeros bandos de rãs e sapos, desde a pequenina rã das montanhas, de uma polegada de tamanho no mais, até os sapos dos pântanos, bastante grandes para encher um chapéu. Até que a gente se acostume com o seu coaxar, o som que emitem, principalmente antes da chuva, é quase ensurdecedor. De dia enchem-se os ares de lindos beija-flores de todos os mati-

zes, ora voejando de flôr em flôr, ora pousando em número sem conta nas margens arenosas e úmidas das lagôas e riachos. Grandes vespeiras pendem dos galhos das árvores; outras, pequenas, entre as folhas e ramos dos arbustos; e seus habitantes, quando molestados, saem impetuosamente para fora e infligem sumário castigo aos infelizes transgressores. Nos lugares abertos as folhas e flores da moita cobrem-se de escaravelhos; e, de noite, o ar ilumina-se de pirilampos de vários tamanhos, e que se diria estrelas caídas do céu, a flutuar á toa em busca de pouso.

Enquanto me demorei na fazenda de Mr. March fiz frequentes visitas a um brasileiro, Joaquim Paulo, de nome, que possui pequena propriedade situada a dez milhas de distância. Da primeira vez fui com o Mr. Heath e, lá chegado pouco antes do jantar, fomos convidados à refeição, o que não me desagradou, porque me deu ensejo de observar a economia interna de uma casa de campo brasileira, em que nunca antes eu entrára. O jantar era succulento e asseado, mas todos os pratos eram, conforme o costume do país, grandemente condimentados de alho. Cobria a mesa uma toalha limpa, em uma das pontas se amontoava uma porção de farinha de mandioca, e, na outra, de farinha de milho. Sobre um destes se collocava um grande prato de feijão cozido, com um naco de toucinho no meio; enquanto sobre o outro estava um prato de galinha ensopada. Havia também porco assado e chouriço. De iguarias e de farinha cada um se servia por si mesmo. De vegetal tínhamos um prato de palmito (*euterpe edulis*), tenro e delicioso, com sabor semelhante ao de aspargos.

Durante o jantar nos foi servido um copo de vinho de Lisboa e, à sobremesa, várias espécies de doces.

Além de nós, só estavam à mesa nosso hospedeiro e dois de seus filhos. Quanto à esposa e filhas, só as vi após diversas visitas á casa. As duas moças eram bem bonitas, mas não sabiam ler nem escrever, nem o pai consentia que aprendessem uma ou outra coisa, pelo receio de que se

déssem à leitura de novelas e a escrever cartas de amor. O fazendeiro era um apaixonado caçador que se encontrava quase sempre no mato em seu esporte. Era exímio atirador e tinha morto mais antas que qualquer dos seus vizinhos.

Também visitei uma ou outra vez o cafezal de uma fazenda chamada Constância, a umas quinze milhas da propriedade de Mr. March, e pertencente a M. De Luze, um suíço residente, havia longos anos, no país. Está situada em vale plano, cercado de colinas em declive, um dos mais lindos sítios que jamais vi. Há nas proximidades dois outros cafezais pertencentes a alemães.

Mas verificaram todos que a elevação é grande demais para a cultura proveitosa do café. Depois disso, M. De Luze vendeu sua propriedade a Mr. March, comprando outra maior, em ótima zona cafeeira às margens do Paraíba.

Na latitude do Rio o café não produz vantajosamente em altitude superior a dois mil pés. Na fazenda de Mr. March a árvore cresce bem, mas o fruto nunca amadurece adequadamente.

A viagem mais longa que fiz foi a uma propriedade distante cerca de vinte milhas da de Mr. March.

Pelos meados de abril recebeu Mr. Heath um bilhete do proprietário, D. Rita Terza da Rosa, pedindo-lhe como grande favor que lá fosse a cavalo e mē levasse consigo para lhe ver a filhinha, que havia sofrido, dias antes, um insulto apoplético com paralisia.

Era nossa intenção partir no dia seguinte; mas pesadas chuvas caíram, inundando os rios e obrigando-nos a adiar a viagem para a manhã seguinte. Como a casa de Mr. March ficava na parte sul da fazenda, tivemos de atravessá-la em toda a extensão, numa distância aproximada de oito milhas. Saindo fóra dela, o caminho passava por uma alta colina, bastante íngreme, e cujo solo, de argila vermelha, se tor-

nára tão escorregadio em virtude das recentes chuvas, que nossas mulas a custo podiam galgá-la. O declive do lado oposto pouco ou nada lhe ficava a dever. Deste ponto o caminho passava em maior parte por grandes roças de milho, já quase maduro para a colheita, e por pequenos arrozaes nas faixas úmidas e baixas. Quando chegamos à casa do fazendeiro, soubemos que a filha falecera na tarde anterior. Mostraram-nos o corpo que, colocado em ataúde, fôra levado a uma graciosa capelinha da fazenda e nela seria sepultado. O enterro deveria realizar-se com a chegada do padre, que tinha de ser trazido da distância de quarenta e oito milhas, e era esperado a todo momento. A criança contava apenas oito anos, mas tinha estado doente havia muito. Tivemos de permanecer para o jantar e, como haviam afluido muitos parentes e vizinhos, era grande a companhia. Até a hora do jantar, a filha mais velha, moça nada bonita, se entreteve em balançar-se numa rêde suspensa em um dos cantos da sala de jantar. Como exemplo da idade prematura com que casam as mulheres no Brasil, direi que nos informou a senhora da casa de que se casára aos dez anos e fôra mãe antes de ter completado onze. Era agora de quarenta e cinco e tivera nada menos de vinte e cinco partos, dez dos quais foram mal sucedidos.

Reccebu-nos com grandes atenções e mostrou-se muito grata por minha visita.

Como a Serra dos Orgãos se eleva a uma altura de cerca de quatro mil metros acima da casa de Mr. March, havia muito que eu estava desejoso de passar uns dias entre os seus altos picos, com o fim de colecionar seus produtos vegetais. Os únicos botânicos que antes de mim haviam visitado a fazenda de Mr. March foram Langsdorff, o célebre viajante, que fôra por esse tempo consul geral da Russia no Brasil; Burchell, o viajante africano, e um alemão de nome Lhotsky. O primeiro deles explorou a vegetação dos arredores da fazenda, durante uma per-



manênciã de poucas semanas, doze ou treze anos antes de minha visita; Mr. Burchell demorara-se seis semanas, nove ou dez anos antes; e Lhotosky, apenas duas ou três semanas, cerca de cinco anos mais tarde. Nenhum deles fizera explorações acima do nível da residênciã de Mr. March, fato que me tornára ainda mais ansioso de estudar um campo que acenava com tantas promessas de novidade.

Começos de abril fôra a época fixada para a ascensã, mas o mês decorreu tão chuvoso, que foi impossivel levar a efeito meu desígnio. Em maio, porém, firnado o bom tempo, parti na manhã do dia 6, acompanhado de quatro negros. Um deles, Pai Felipe, crioulo sexagenario, era o guia. Este velho camarada era um dos mais ativos, não só dentre os pretos, mas entre quaisquer indivíduos de sua idade, que tenho conhecido.

Afeito às selvas desde menino, era um dos melhores caçadores da fazenda. Os três outros deviam cuidar das provisões e ajudar-me a conduzir para casa as coleções. Entrámos na floresta à altura de uma milha ao norte da casa de Mr. March e nossa rota por aquele dia era quase a oeste.

Dois anos antes, um comerciante inglês do Rio subira, por mera curiosidade, até a umas poucas centenas de pés do cimo, guiado pelo mesmo velho preto que ora me acompanhava. Por umas poucas milhas pudemos seguir a trilha por ele aberta; mas, devido ao rápido crescimento dos bambús e arbustos através dos quais fôra cortado, eramos quase tão difficil romper para frente, como se nenhuma vereda tivesse sido feita. Iamos de vagar, com um dos pretos à frente para nos fazer caminho. Alguns dos bambús eram enormes: vários, que medi, eram de seis polegadas de diâmetro e de altura que não podia ser inferior a oitenta pés, talvez cem. Os entrenós são em geral cheios dagua, evidentemente secretada pela própria planta. O Príncipe Maximiliano, em suas viagens, fala deste flúido

como deliciosa beberagem para caçadores e hóspedes das florestas. Eu, que o provei frequentes vezes, achei-o tão nauseante, que só a mais devorante sede me poderia levar a tragá-lo.

A entrada da selva passamos junto de uma grande especimen de *copaifera*, cuja parte inferior do tronco fôra perfurada para o fim de obter-se o bálsamo que exsuda. Por milhas nossa rota corria paralela a um pequeno riacho, em cuja margem se erguiam grandes árvores, entre as quais observei uma espécie de *laurus* e outra de *pleroma*, ambas em flor.

A mata baixa consistia de grande variedade de arbustos (*melastomaceae*, *myrtaceae*, *rubiaceae*) e espécies sufrutescentes de *begonia*. Em outros lugares abundavam elegantes fetos arborescentes, com as hastes por vezes cobertas de delicadas espécies da mesma família ou aérides de lindas flores. Bonitos fetos herbaceos e begonias belamente floridos eram pisados a cada passo. Os troncos das grandes árvores cobriam-se de *bromelias tillandsias*, *orquideas*, fetos e uma espécie de *begonia* trepadeira. De quando em quando, via-se um grande *cactus truncatus* pendente do tronco de uma grande árvore e coberto de centenas de belas flores côr de cravo. Ao passar por sobre uma colina de cerca de quinhentos pés de altura no vale que ora cortávamos, encontrei o seu topo literalmente coberto de varias orquideas; mas, com exceção da pequenina e linda *sophronites grandiflora*, então em flôr, já todas haviam sido vistas em lugares de menor elevação.

Foi aquí também que encontrei pela primeira vez a *luxemburgia ciliosa*, belo arbusto que produz grandes corimbos de flores côr de limão, pertencentes à família da violeta. Ainda nesta colina observei duas espécies de bambús, diferentes das grandes espécies da floresta lá embaixo. Um deles tinha os entrenós bem mais curtos em proporção ao tamanho da planta e era em tudo muito menor. A outra espécie era menor ainda, tendo uma

haste de não mais de meia polegada de diâmetro, mas continuando desta dimensão até uma altura de quinze ou vinte pés. Romper caminho através deles fôra a parte mais penosa da jornada do dia.

Às quatro horas da tarde chegámos a um sitio à margem de um regato, onde resolvi pernoitar; e, enquanto os pretos cuidavam de cortar lenha para o fogo e de preparar o jantar, dei um passeio ao longo do riacho. Como estimava a elevação deste ponto em cerca de 4.500 pés, contava naturalmente encontrar vegetação diversa da do vale em baixo. A primeira planta que me atraiu a atenção foi a que eu supunha um belo exemplar do *cereus truncatus*, em plena floração, pendente da parte inferior do tronco de uma grande árvore que se arqueava sobre o arroio; mas, ao colhê-la, verifiquei que era uma nova espécie, talvez ainda mais bela. Chamei-lhe *cereus russellianus*, em honra de sua Alteza, o finado duque de Bedford, um dos mais generosos patronos de minha missão ao Brasil: a planta foi, depois disso, introduzida nas estufas da Inglaterra. Um pouco mais adiante, rio acima, ao lado de uma pequena queda d'água, bem como numa ribeira oblíqua perto dela, crescia em abundância um bela *amaryllis escura*, com flores vermelhas. Este é um dos sitios mais encantadores que jamais vi. O leito do riacho tem uns dez pés de largura; porém é só durante o período das grandes chuvas que a agua cobre este espaço: neste momento a corrente era apenas perceptivel. A água cai sobre três sucessivos planos de granito, cada um de cerca de oito pés de altura, com a superfície coberta de musgo. Ao longo da corrente, no fundo da queda, há diversas árvores de tamanho médio, cujos galhos se cobrem de festões de uma *fuchsia* carregada de esplendidas flores escarlates. Ao lado da cascata há diversas moitas de uma *pleroma* de grandes flores e, no meio delas, alguns exemplares de uma *esterhazyia* de flôr vermelha e uma espécie de *clusia* larga e cheia de folhas (*C. fragrans*, Gard) saturando o ambi-

ente com o delicioso aroma de suas grandes e alvas flores; abaixo destas, cresce a *amaryllis*, um *eryngium*, várias *tilandsias* e muitos fetos.

Tendo alcançado a parte superior da quêda, encontrei um espaço, que se estendia a consideravel distância de cada lado e montanha acima, tôda aberta e sem árvores — nada senão porções de rocha desnuda, com algumas moitas e plantas rasteiras. Entre as orquideas, a bela *zygotalon mackaii* e a odorifera *maxillaria picta* não eram as menos comuns.

Como as trevas começavam a descer, voltei ao acampamento, onde achei um grande fogo aceso; a noite era tão bela, que me pareceu inutil levantar um abrigo, e dei-me às oito horas sobre umas palmas ao pé do fogo, envolto em meu poncho, para alí dormir.

Quando acordei ao clarear do dia seguinte, o termômetro marcava 8.º. Enquanto se preparava o almoço, voltei à botânica, mas apenas acrescentei uns poucos fetos novos à coleção da véspera. A jornada até o ponto onde pousámos fôra de ascensão gradual; tínhamos agora de começar a subida propriamente dita aos picos. Deixando para trás tudo o que não precisassemos realmente levar conosco, começamos a jornada passando pela cascata e caminhando rio acima ao longo de uma rocha granítica em ligeiro declive. A ascensão de certas partes desta foi um tanto difficil, e tivemos de nos arrastar sobre as mãos e os joelhos; meia hora depois de penosos esforços chegámos a um sítio coberto de mata e relativamente plano. Na parte íngreme coligi, em lugares umidos, um *criocanton*, uma pequena erva-dos-gotosos e uma nova espécie da família das gencianas; entre estas, crescia também a curiosa *burmania bicolor*.

Atravessando a mata acima mencionada, vi em abundância o meu novo *cactus* crescendo no tronco das árvores maiores, ao passo que os rochedos se cobriam de *gesnerias*

e diferentes espécies de orquideas. Emergindo da floresta, encontramos outro rochedo alcantilado, quase todo coberto de uma grande espécie de *tillandsia* semelhante ao ananaz, acima do qual se erguiam uns pés de uma grande e bela *salvia* de flôr escarlata (*S. Benthamiana*, Garde) e uma *virgularia* de flôr pálida. Em uma parte quase desnuda da rocha cresciam diversas porções de uma grande planta herbacea pertencente à família das gencianas: tem de um a dois pés de altura, com folhas verdemar, grossas e sumarentas, sendo as de cima conatas; e delas sai cerca de meia duzia de pedículos, cada um com uma só grande flor, de cálice muito túmido e côr de púrpura: é a *prepusa connata*, Gardn. A única espécie antes conhecida fôra encontrada por Martius em uma grande montanha entre a Baía e a zona diamantina; uma terceira foi mais tarde descoberta no próprio cimo da Serra dos Órgãos. Passando além, de novo penetrámos em uma selva, onde descobrimos muitos trilhos de antas, como já acontecera no dia anterior, nas matas por onde passamos, e isto nos tornou mais rápido o avanço, visto como bastava cortar os ramos de cima para se ter bom caminho. A julgar pela abundância dos rastos que aqui encontramos, a anta deve ser animal muito comum nesta solitária e remota parte das montanhas. Aquí está ela, por enquanto, fôra do alcance do caçador, que faz devastações nas que habitam as matas das terras mais baixas. E há também abundância de forragens para provê-las de alimento.

Ao passar por esta mata um dos pretos atirou uma jacutinga (*penelope jacutinga*, Spix) e eu colhi umas poucas orquideas e um grande *senecio*, de flôr amarela.

Saindo da mata, encontrámos um atoleiro obliquo (*sphagnum*), no qual se viam alguns arbustos muito semelhantes aos alpinos; estes consistiam principalmente de uma *baccharis* proteica, um *vaccinium*, uma *andromeda*, o *lavosiera imbricata*, notável por suas grandes folhas, e uma *pleroma*; entre os musgos, um *eriocaulon* e uma bela

*utricularia*, com grandes folhas cordiformes, e flores purpurinas, cresciam em profusão.

A julgar pelo tpo da montanha, estávamos agora a uma elevação de cerca de 6 mil pés. Partindo daí, começamos uma íngreme ascensão por lugares cobertos apenas de mato baixo; seguimos nosso caminho por uma hora mais ou menos através desta vegetação enfezada, avançando muito lentamente, embora favorecidos pelo trilho de anta sobre o qual nos arrastávamos. Seguindo este trilho, chegamos a uma altura, donde se descortinava uma bela perspectiva das terras baixas, principalmente ao leste, onde tudo quanto a vista alcançava era uma sucessão de outeiros de fôrma cônica, e em que apenas um cume se elevava a certa altura apreciável acima dos outros. O ponto que tínhamos atingido era um dos muitos picos que formam a parte superior da Serra dos Órgãos. A um quarto de milha aproximadamente erguia-se o que eu então supunha o pico mais elevado, certamente não mais de trezentos ou quatrocentos pés acima de nós; mas entre um e outro pico cavava-se profundo despenhadeiro coberto por densa mata.

Como já passava de duas horas, era tarde demais para que se pudesse pensar de lá subir naquele dia, por isso resolvi pernoitar onde estávamos para tentar a subida no dia seguinte; mas os pretos recusaram fazê-lo, pelo fato de não haver água senão pouco acima do lugar onde dormiramos a noite anterior.

Como eu não podia forçá-los a ficar, fui obrigado, mau grado meu, a abandonar a idéia de chegar ao cimo por esta vez.

Não tendo comigo barômetro, procurei verificar o ponto de ebulição da água; mas, ao tentá-lo, quebrei o termômetro. Quatro anos depois disso, durante uma visita de seis dias aos picos, fui mais feliz; dessa excursão encontrar-se-á a narrativa em capítulo subsequente dêste livro. A extremidade do pico onde ora nos achávamos era um

perfeito jardim: uma linha *fuchsia* em flôr pendia sôbre a rocha núa; em suas frinchas viçava uma linda *amaryllis* e por todos os lados inúmeros arbustos florescentes. O silêncio e a frescura do ar eram um perfeito refrigerio; não se ouvia um som; os únicos animais que se viam eram uns poucos passaros, e estes tão mansos, que nos deixavam chegar quasi a tocá-los. Após pequena refeição, começamos a descida de volta, chegando ao acampamento à boca da noite. No dia seguinte, pelo mesmo caminho por onde vieramos, chegámos à fazenda por volta das quatro horas, gemendo sob nossos fardos.

Uma semana depois da volta fiz nova visita ao lugar onde havíamos antes acampado: meu fim era obter mais exemplares das muitas e novas plantas que encontrei nos arredores. Como da primeira vez, fui acompanhado por Pai Felipe e os três pretos. Partimos da fazenda às oito da manhã e chegámos ao pouso pelas três da tarde. O dia seguinte ocupei-o em excursões por várias partes e coligi grande porção de *cereus russellianus*. Esta planta oferece um bom exemplo de espécies intimamente ligadas que representam umas as outras em diferentes regiões da mesma montanha. Nas repetidas vezes que passei pelas florestas, em viagem de ida e volta aos picos, sempre encontrei o *cereus truncatus* confinado às densas florestas virgens, numa elevação de menos de 4.500 pés; ao passo que, dêste ponto até quasi o cimo das montanhas, só se encontrava o *cereus russellianus*, favorecido por uma região mais livre e mais fresca. O dia era dos mais deliciosos que me lembra ter visto, bem igual aos mais belos do verão inglês; ao céu claro e escampo, com o ar livre de névoa, que, por vezes, nos dias mais belos, torna indistintos os objectos distantes, gozavamos de uma perfeita e nítida perspectiva das altas montanhas nos longes de leste. Tendo acondicionado em papel todos os meus espécimes, deitei-me para dormir pouco depois das sete, mal suspeitando da desgraçada noite que ia passar. Mal adormecera ao pé do

fogo, em meu leito de palmas, quando fui subitamente despertado por uma chuva diluvial; uma dessas repentinas e lortas tempestades, nunca vistas nos climas temperados, desabava sobre nós. Estivéssemos em sítio aberto e tê-lá-íamos visto aproximar-se e poderíamos preparar-nos algum abrigo para esperá-la; mas a copa das arvores que nos cobriam no-lo impediu. Nunca estive exposto a um tempo assim: o fulgir dos relâmpagos, o rolar do trovão imediatamente por cima de nós, o rugido do vento nas árvores, a queda dos ramos pôdres, tudo se combinava para a cena terrífica. Em poucos minutos apagara-se o grande fogo e a agua alagára tudo em roda. Meu poncho nada valia como proteção em tal noite. Em meia hora o pequeno riacho ao lado, que durante o dia tinha apenas umas polegadas dagua, descia rugindo como uma catarata. Para cúmulo da miséria, a noite era escuríssima, de modo que nada podíamos ver para buscar remédio à situação. Da noite que passei pode-se fazer idéia se eu disser que fiquei sentado, sob incessante dilúvio, das sete meia da véspera até quase três da madrugada seguinte. Imagem mais perfeita da paciência — desvaneço-me em pensá-lo — nunca se viu.

Quando, lá pelas três horas, o temporal começou a amainar, fizemos várias tentativas inúteis para acender fogo, porque estávamos encharcados e tremendo de frio. Como nenhum combustível pegava fogo, sem fogo ficamos; sentado ao pé de uma arvore e encostado ao tronco, conseguí por quatro vezes conciliar um pouco de sono para dormir ao todo uma hora, mas acordando a cada momento, gelado e trémulo.

Nunca senti alegria tão grande como quando ví os primeiros raios de luz matutina coando-se atraves da folhagem; e, ao vê-los, apressámos os preparativos para a volta. Mas, assim que partimos, de novo começou a chover e chovendo continuou até que chegamos à fazenda às duas da tarde.



Durante os seis meses de minha residência nas montanhas, as casas de campo estavam geralmente repletas de visitantes. Havia, por isso, muita alegria, sendo rara a noite em que não havia diversões em uma ou outra delas, aonde afluíam quase todos os residentes do lugar. Havia também frequentes piqueniques a sítios vários e distantes da fazenda e, quando o tempo permitia, deliciosos passeios a cavalos à tarde. Com isso muitas de minhas horas de lazer, que de outra sorte teriam decorrido monotonas, passaram-se o mais agradavelmente possível.

E, com efeito, ainda hoje recordo êsses poucos meses como um dos períodos mais gratos da vida, porque, além daqueles passatempos, estive diariamente ocupado em uma tarefa favorita — e isso em um campo que era quase absolutamente novo.

### CAPÍTULO III

## BAÍA E PERNAMBUCO

*Partida do Rio de Janeiro — Chegada à Baía — Descrição desta cidade — Viagem a Pernambuco — Jangadas — Descrição da cidade e arredores de Pernambuco — Os Jesuitas — Os Camponeses — A Cidade de Olinda, seus colégios e jardim botânico — Visita à cidade de Monteiro — A colônia germânica de Catuca — A ilha de Itaparica — Pilar — Salinas de Jaguaripe — Moléstias prevaletentes na ilha — Pescaria — Maneira peculiar da pesca.*

Em dez de junho de 1837 cheguei ao Rio, de volta da Serra dos Órgãos e ocupei-me desde então até começo de setembro em preparar e acondicionar as coleções que trouxera e em fazer umas poucas excursões nos arredores. Tendo afinal despachado tudo para a Inglaterra, tomei passagem para Pernambuco a bordo do paquete *Opossum*, com o fito de explorar as províncias setentrionais. Navegámos do Rio a 15 de setembro e, após treze dias de viagem com mau tempo e ventos contrários, chegámos à Baía. Às três horas da tarde do dia 28 ancorámos ao fundo da baía, à distância de uma milha da cidade. Como a terra ao longo desta parte da costa se eleva poucas centenas de pés acima do nível do mar, não se torna visível a tão grande distância como o são as terras montanhosas do Rio. Navegando na baía, conservámos pouca distância da costa e não deixei de reparar na vegetação luxuriante. Os coqueiros e outras grandes palmeiras são abundantes e as mangueiras são maiores e mais numerosas que as do Rio.

A cidade da Baía tem à primeira vista um aspecto imponente, construída como está em grande parte na encosta de uma colina que se eleva a 500 pés acima do nível do

mar, com suas casas caiadas de branco e quase tôdas de vários andares. O efeito se realça pelo grande número de bananeiras, laranjeiras e coqueiros que se interpõem entre as casas, contrastando o verde escuro de sua folhagem com o branco das paredes e repousando a vista. Como o paquete teve licença de permanecer ali quarenta e oito horas para a preparação das malas postais para Pernambuco e Inglaterra, fui à terra logo depois da chegada em companhia de outros passageiros.

A cidade, também chamada S. Salvador, está situada na baía conhecida pelo nome de Baía de Todos os Santos. Há a cidade alta e a cidade baixa: esta se acha edificada na estreita faixa de terra entre o mar e a eminência em que se ergue a cidade alta. E' formada principalmente por uma longa rua, a um tempo estreita, mal calçada e suja. As casas são altas em sua maioria e as adjacentes à praia avançam bastante mar a dentro.

Depois de visitar esta parte comercial da cidade subimos à cidade alta. Como as ruas de comunicação entre elas são perpendiculares e não permitem o uso de carruagem, os que não preferem andar a pé são levados em uma espécie de cadeira coberta e suspensa numa vara, carregada aos ombros por dois negros. Estas cadeiras, usadas tanto por senhoras como por homens, alugam-se por tôda parte nas ruas. Nós, porém, preferimos andar a pé e, depois de passar por algumas das ruas principais e de visitar o interior de uma das grandes igrejas, fizemos uma pequena digressão pelo campo, deliciando-nos com a rica e sedutora paisagem que nos oferecia.

À tarde visitámos a sala de leitura da Sociedade Literária, onde encontrámos uns poucos jornais e muitas das revistas literárias e científicas da França, Inglaterra e Estados Unidos.

Após curta permanência fomos a um grande hotel em frente ao teatro, onde nos alojamos por essa noite; mas, com leitos sem conforto, com o ruído de rua e com o timir

ainda mais alto de dolares em um aposento bem em baixo do nosso, até quase quatro horas da madrugada, nosso repouso da noite não foi dos mais revigorantes.

Na manhã do dia seguinte visitámos um convento para os lados do oeste da cidade, onde as freiras fazem com penas de passaros flores artificiais para vender. Fomos introduzidos em uma pequena sala, separada do corpo do edificio por grossas paredes, através das quais se faz o comércio por meio de uma janela de grades. Estávamos logo cercados de grinaldas de todas as espécies e côres para ornamentação de cabeças e que nos eram oferecidas em cestos ou passadas uma a uma através da grade em varas.

E' obrigação de cada freira por sua vez fazer-se vendedora sempre que os compradores vão ao convento, e as flores lhe são trazidas por empregados do estabelecimento, raparigas pretas ou pardas. A freira a quem coube por sorte vender por ocasião da nossa visita não era moça nem bonita e desfez todas as minhas românticas noções de conventos e freiras. Alguns companheiros fizeram várias compras para levá-las como presentes para a Inglaterra.

Deixando o convento, aluguei um bote para avançar umas poucas milhas mais ao fundo da baía e desembarquei em uma península chamada Bomfim, que atravesssei a pé, acompanhado por um dos dois pretos do bote, numa distância um pouco inferior a duas milhas. Apartando-me da praia onde se encontram a *saphora tormentosa* e *Eugenia Michelli*, ambas comuns em tôda a costa do Brasil, passei por um pântano contendo diversas espécies de plantas novas para mim. Adiante dali, a estrada passava por um trecho côncavo, arenoso e sêco, em que não se sentia a mais leve brisa, e os raios do sol meridiano, refletindo-se na areia, tinham a tal ponto aquecido o ar, que eu quase sufocava ao chegar a uma pequena eminência do lado oposto. Também aqui aumentei minhas coleções e ainda um pouco adiante encontrei a *amphrephis aristata*, seme-

lhante ao cardo, viçando à beira da estrada. Algumas lagôas de um pantanal, à sombra de um bosque de palmeiras gigantescas, estavam cobertas de *pistia stratiotes*, planta aparentada com a lentilha-de-poço, da Inglaterra, porém de muito maior tamanho; outras lagôas ostentavam as flores amarelas de *limnanthemum humboldtianum*. Alcançando a praia, alonguei-me por pequena distância e voltei ao bote por outro caminho. Passando por um charco ao pé de uma colina sôbre a qual se ergue uma grande igreja, encontrei alguns espécimes da bela *angelonia hirsuta* com suas longas vergôntees de grandes flores azues.

Depois disso encontrei diversas novas espécies dêste belo gênero, algumas das quais, cultivadas de sementes mandadas à pátria por mim, são agora comuns nas estufas. Neste passeio observei algumas grandes mangueiras, muitas delas duas vezes maiores que as do Rio. Estas árvores têm bela aparência quando vistas de longe, circundando as numerosas casas de campo caiadas de branco. O tronco, por vezes muito grosso, raro se ergue acima de dez ou doze pés do chão, abrindo-se aí em muitas e largas ramificações que se erguem a grande altura e se cobrem tão densamente de folhas, a ponto de se tornarem impenetráveis aos raios ardentes do sol, formando assim agradávelíssimo refugio umbroso.

Às três horas voltamos ao bote, carregados com os meus despojos do dia. À tarde jantei com um senhor a quem levára cartas do Rio e encontrei-me com um jovem escocês que me convidou a pousar em sua casa e que me acompanhou na manhã seguinte em curto passeio ao campo.

Partimos pouco antes das seis da manhã, avançamos até a distância de cerca de seis milhas e, tomando diferente caminho, regressámos à cidade antes das dez.

O interior da terra, até onde pude observar, forma uma espécie de planura elevada em ondulações mansas, e a aparência da vegetação faz supôr grande riqueza do solo. Além da grande copia de grandes mangueiras, ob-

servei muitas jaqueiras (*artocarpus integrifolius*) quase de igual tamanho, com o tronco e galhos carregados com sua grande fruta amarela.

A arvore é grandemente cultivada nesta parte do Brasil e, segundo me informaram, durante um período de escassês de alimento na província, poucos anos antes de minha visita, sua fruta, sempre muito abundante, foi o meio de se prevenir a fome entre a população negra.

De regresso à cidade passámos por uma pequena aldeia rente do mar, cujos habitantes, pretos em sua maioria, se occupam principlamente da pesca da baleia, que não é rara nesta parte da costa. Ao entrar na baía vimos grande porção de barcos baleeiros tripulados por negros. Visitando a Baía, tem o estrangeiro, mesmo quando chegado de outras províncias do Brasil, a atenção fortemente impressionada pela aparência dos pretos encontrados nas ruas: são dos mais belos que se vêem no país, homens e mulheres de alta estatura, bem conformados, em geral inteligentes, sendo até alguns, como já mencionei em outro capítulo, sofrivelmente instruidos em arábico. Têm sido quase todos importados da Costa do Ouro; e, não só por sua maior robustez física e intellectual, como por serem mais unidos entre si, mostram-se mais inclinados aos movimentos revolucionários que as raças mistas das outras províncias. Apenas uma quinzena após minha partida da Baía ocorreu ali séria insurreição, chefiada por brancos, sim, porém, apoiada pela maioria da população negra.

Mantiveram-se por muitos meses senhores da cidade, que só foi retomada com grande sacrificio de vidas e propriedades.

No dia 31 às três horas da tarde abrimos velas para Pernambuco. Na segunda noite após a partida, quando eu caminhava pela tolda com o capitão, o vigia de bordo annunciou um navio a barlavento: a tripulação, chamada immediatamente a postos, formou-se em menos de cinco minutos no tombadilho, pronta para a ação. Instantes de-

pois vimos o navio passar a pequena distância e sumir-se. Como estes paquetes geralmente transportam grandes somas em espécie para a Inglaterra, não foi sem motivo que o capitão se preveniu para o que pudesse suceder, especialmente numa costa onde barcos suspeitos cruzam frequentemente os mares. Houve alguma excitação por êste pequeno incidente que deu assunto à conversação do dia seguinte.

Após uma travessia de nove dias avistou-se terra do topo do mastro, pela manhã cedo, e em poucas horas podíamos vê-la do convés, como longa núvem negra acima do horizonte.

Chegados perto da costa, apresentou-se-nos uma planura de aparência sáfara, em frisante e pouco promissor contraste com a magnífica entrada da baía do Rio de Janeiro.

Como a cidade está edificada quase ao nível do mar, apenas avistámos a parte que rodeia a praia, com suas casas e coqueiros aparecendo acima da linha do horizonte.

Nenhuma parte da costa dentro de muitas léguas de Pernambuco se eleva a considerável altura, exceto aquela em que se ergue a velha capital, chamada Olinda, e que se acha situada a três milhas ao norte de Recife, nome do porto marítimo. Enquanto esperávamos o momento de entrar no porto, perto de nós passou grande número de barcos de pesca, de construção originalíssima: chamam-se jangadas e são formados de quatro ou mais peças de madeira, atadas umas às outras, com um mastro e uma grande vela, um banco fixo em forma de mocho; mas, como não tem costados, as vagas rebentam de contínuo sobre elas; entretanto, navegam com bastante rapidez e aventuram-se a grandes distâncias. Também na baía se vêem destas jangadas: nenhuma, porém, no Rio. A madeira leve de que se formam obtem-se de uma espécie de apeiba, género relacionado com a nossa tilia. Ancorámos nos surgidouros exteriores ao meio-dia e só depois de hora e meia appareceu um piloto a bordo e nos introduziu no porto, que é

perfeitamente natural, formado por um recife que corre ao longo da costa, a pouca distância da praia.

A entrada se faz por uma abertura, ao sul da qual se erguem um farol e um fortim. Grandes vagas rolam lá fóra e estouram sobre os recifes, para dentro dos quais, entretanto, as aguas são sempre plácidas e, quando a maré sobe, bastante fundas para que aí flutuem os maiores navios que visitam o porto.

A cidade de Pernambuco é pouco recomendavel aos que não têm negócios a tratar. As casas são mais altas que as do Rio, as ruas pela maior parte ainda mais estreitas e, por certo, igualmente sujas. Em quase tôdas as cidades e capitais do Brasil são as chuvas o único varredor que as conserva sofrivelmente limpas, quando construidas em declive, o que, infelizmente, não é o caso com Pernambuco: na estação das aguas as ruas enchem-se de agua e lama; durante a sêca, a lama converte-se em nuvens de poeira. Sempre me pareceu extraordinário que as moléstias epidêmicas aí não prevaleçam com mais frequênciam em tais circumtâncias.

A cidade divide-se em três grandes partes: a do comércio principal está situada numa lingua de terra que se projeta de Olinda entre o mar e um rio e chama-se Recife; outra, occupada principalmente por lojas e contendo o palácio do Presidente, ergue-se em uma ilha e é conhecida pelo nome de Santo Antonio; a terceira, chamada Boa-Vista, constituida principalmente por uma rua, assenta no continente e é em tudo a mais bela do conjunto. Ligam-se tôdas por duas pontes de madeira. Como Pernambuco está situado na parte mais oriental do continente americano, fica plenamente exposta à influênciam das monções e goza, por isso, de clima fresco. E' considerado mais saudável que o Rio ou a Baía. Contém muito poucos edificios públicos, fóra duas ou três igrejas; e ao tempo de minha visita não contava um único hotel digno de menção. O palácio em que ora se executam os trabalhos do governo



da província foi outróra o colégio dos jesuitas e está edificado à beira do rio: é um casarão de aspeto tristonho, com paredes de grande espessura. Quando foi erigido, mal cuidavam aqueles empreendedores e caritativos jesuitas que sua carreira acabaria tão cedo como acabou. E' tradição principalmente na classe média e na camada inferior da sociedade que a extinção do poder dos jesuitas acarretou sérias perdas ao progresso do país.

Há, de certo, hoje, poucos sobreviventes dentre os que formaram a Companhia de Jesus, mas a sua memória perdurará por longo tempo. Deles sempre ouvi falar com respeito e saudade. Quão diferentes devem ter sido da geração decaída que ora dirige os destinos espirituais da nação!

Custa-me dizê-lo, mas eu o digo com plena ponderação do asserto, que o atual clero brasileiro é mais imoral e depravado que qualquer outra classe social. Por mais que os jesuitas tenham sido caluniados e perseguidos pelos que lhes invejavam o respeito em que eram tidos da parte do rebanho e a confiança que lhe mereciam, muito do bem que fizeram ainda subsiste para vergonha dos que lhes sucederam. Mais de uma tribu de indios do Brasil que, no tempo dos jesuitas, haviam renunciado à selvageria para se tornarem cristãos, voltaram, depois da expulsão deles, à condição de que haviam sido redimidos à custa de tantos labores e perigos. Quaisquer que tenham sido os motivos da expulsão dos jesuitas, o seu julgamento no Brasil se fez, não por esses motivos, mas pelas boas obras realizadas.

Os habitantes de Pernambuco assemelham-se muito aos do Rio; mas há grande diferença de aparência na gente da zona rural, a qual se distingue facilmente, aqui como alhures, dos moradores da cidade. Os que se vêem nas ruas do Rio são uma raça de homens altos e belos, vindos principalmente dos distritos de mineração ou da província mais meridional de São Paulo. Sua vestimenta consiste principalmente em uma jaqueta de linho e calças,

geralmente de côr azul, botas de couro amarelo, firmemente atadas à perna pouco acima do joelho, e um chapéu de palha branca de copa alta e abas largas.

Os que frequentam a cidade de Pernambuco são, ao contrário, mais pequenos e mais trigueiros, mas ainda assim muito superiores em aspecto aos mesquinhos moradores da cidade. Há duas classes deles: a dos matutos e a dos sertanejos. Os matutos habitam as planícies que se estendem da costa até a zona alta do interior chamado sertão, que dá nome aos sertanejos, e é por eles habitado. O vestuário de ambas as classes, mas principalmente do sertanejo, consiste de um chapéu de copa baixa e aba larga, jaqueta, calças feitas de couro amarelado, de preferência couro de veado; em vez de colete, usam frequentemente uma peça triangular da mesma espécie de couro, preso ao pescoço e à cintura por laços do mesmo material. As botas usadas na província do Rio são desconhecidas aqui, onde se usam, em vez delas, chinelos e sapatos, também de couro. O matuto dispensa geralmente as calças e sapatos de couro, usando apenas largos calções de algodão, que chegam apenas pouco abaixo do joelho, deixando nuas as pernas. Algodão e couros são os principais artigos trazidos do interior; e os únicos animais de carga são os cavalos, sendo tão raro aqui o emprego de mulas para esse fim, quanto o de cavalos nas províncias do sul. Cada cavalo carrega dois grandes fardos de algodão, além do cavaleiro, que se assenta entre eles, alongando as pernas ao nível do assento.

Ao desembarcar em Pernambuco encontrei o Dr. London, médico escocês residente na cidade, que me esperava e bondosamente me convidou a hospedar-me em sua casa; e, como residia no país havia dezesseis anos e era relacionado com a gente de maior influência, nacionais e estrangeiros, foi-me de grande proveito sua amizade, tanto mais quanto ele se interessava vivamente no estudo da história natural.

Logo após minha chegada, entreguei as cartas da recomendação que me haviam sido dadas por Mr. Hamilton, ministro britânico no Rio, a Mr. Watts, o consul, que obsequiosamente se prontificou a apresentar-me ao Presidente da província, o senhor Vicente Tomás Pires de Figueiredo Camargo. Dada a permissão de ser levado à sua presença poucos dias depois, fui acompanhado ao palácio por Mr. Watts, bem como pelo Dr. London, amigo pessoal do Presidente. Este me recebeu com grandes atenções e, sabedor do fim de minha visita ao país, prometeu facilitar-me todo o auxilio ao seu alcance, dando-me entrementes carta de apresentação ao Dr. Serpa, professor de botânica e director do Jardim Botânico de Olinda.

Fui acompanhado em minha visita a Olinda por Mr. Nash, jovem inglês, a quem fiquei devedor de inúmeras gentilezas durante minha estada em Pernambuco.

Ha três caminhos de Recife para Olinda: um ao longo da praia e raro tomado por causa da areia solta do solo e a completa exposição do viajante ao sol. Outro, de canôa, subindo a corrente da agua já mencionada, que leva para o mar o excesso de agua de um lago situado atrás de Olinda. Esta corrente acompanha a praia, da qual se separa por uma alta ribanceira de arêia e é orlada de ambos os lados por filas de mangues que crescem em chão lodoso, de emanações desagradaveis com a maré baixa, e abundante em caranguejos de vários tamanhos e côres, ao mesmo tempo que nuvens de mosquitos esvoaçam em torno das árvores e lhes pousam nos galhos.

O terceiro caminho, que foi por nós tomado, corre paralelo ao rio, penetrando o interior a grande distância. E' plano e tem nas extremidades belas casas de campo, embora atravesse terras em grande parte incultas e, por vezes, pantanosas. Aquí e alí, é cercado por sebes de *mimosa* em que se vê uma deliciosa espécie de jasmim (*jasminum bahiense*, D. C.), cujas brancas flores, à hora matutina de nossa passagem, perfumavam o ambiente de

deliciosa fragrância. As margens do caminho enfeitavam-se com as grandes flores de amarelo pálido de *turnera trioniflora* e as delicadas pontas côr de cravo de uma sensitiva. Diversas espécies desta encontram-se em abundância por tôda a zona sententrional do Brasil.

Bem diz Shelley que a sensitiva não dá belas flores; brilho e perfume não são sua prenda. Todavia, poucas espécies do reino vegetal são objeto de tanta curiosidade a todos os observadores e de tanto interesse ao fisiologista.

Ao aproximar-me de Olinda folguei de ver a superfície do lago, que é abundante de crocodilos, coberto de milhares de açucenas (*nymphaea ampla*, D. C.) com suas grandes e esplendidas flores e suas largas folhas flutuantes, entremeadas das flores amarelas do *limnocharis comersonni* e da grande *utricularia*.

O Jardim Botânico está situado em um terreno côncavo atrás da cidade de Olinda e, conquanto grande, só é em parte cultivado.

A residência do professor fica quase ao centro. Encontramos o Dr. Serpa em seu gabinete, bastante amplo, e que ele usa como sala de preleções.

Parecia homem de sessenta anos e impressionou-me por sua inteligência e atenciosas maneiras. Além de suas outras ocupações tinha a principal clientela de Olinda. Sua bibliotéca se compunha principalmente de obras em francês sôbre botânica, história natural, agricultura e medicina. Ví ali pela primeira vez a *Flora Fluminensis*, obra publicada a expensas do governo brasileiro. Os desenhos de que se fizeram as chapas foram preparados em fins do século passado sob a direção de um jesuita de nome Velloso. Custou 70.000 libras esterlinas e, para empregar as palavras do Dr. Von Martius, "é uma estranha publicação, que pode ser dada como exemplo de uma obra literária mal orientada, e em ponto tão grande, que nunca devera ter sido começada. Onze enormes volumes com cerca de mil e quinhentas ilustrações, constituem esta obra vultosa,

cuja utilidade, infelizmente, não está em proporção com os gastos que envolveu”.

O médico nos acompanhou em um passeio pelo Jardim Botânico, onde pouco encontrei que mereça menção: umas poucas plantas medicinais européias lutando para sobreviver e algumas grandes árvores indianas são as principais produções; entre estas, porém, figuram belos exemplares de mangueiras, tamarindos, caneleiras e tamareiras. Tinha recebido recentemente do interior plantas de uma espécie de ipecacuanha, cuja raiz constitue artigo de exportação de Pernambuco, e os espécimes vivos que dele obtive estão agora em pleno viço nas estufas do Jardim Botânico de Glasgow. São de aparência diferente do que é representado e descrito por St. Hilaire, oriundo do sul do Brasil, e que eu suponho ser uma espécie distinta, embora intimamente relacionada. Deixando o jardim, penetrámos um pouco no interior, onde eu contava encontrar alguma coisa mais interessante, e não me enganei na expectativa, porque enriqueci com muitas plantas minhas coleções. Nas colinas áridas e cobertas de moitas destes arredores encontra-se em grande abundância uma árvore frutífera e agreste, que os brasileiros chamam mangaba, a *hancornia speciosa* dos botânicos. É uma pequena árvore pertencente à ordem natural dos *apocynae*, de folhas delgadas e ramos pendentes que a assemelham um tanto com o chorão. O fruto é do tamanho de uma ameixa grande, de cor amarela, com riscos vermelhos de um lado, muitíssimo saboroso.

De tarde regressamos a Olinda, para jantar com outro cavalheiro, a quem trouxera também cartas de apresentação. O senhor da Cunha, homem inteligente e que fora educado na Inglaterra. Após o jantar saímos a passeio pela cidade, que se acha muito favoravelmente situada em uma eminência, não longe do mar. É de tamanho considerável e deve ter sido em outros tempos grandemente movimentada, pelo menos quanto à atividade do clero, a julgar pelo número de igrejas, conventos, mosteiros e outras

instituições. Hoje, porém, é de aspecto solitário e deserto com belas casas vazias e caindo em ruínas, ruas cobertas de gramas e ervas daninhas. Nos arrabaldes da frente marítima existem as ruínas de um grande mosteiro que fomos visitar por causa de um eremita que lá tinha vivido por mais de dezessete anos. É uma vasta construção, com uma igreja no centro, ainda em uso, e duas alas com os aposentos outrora habitados por frades e que se acham em plena decadência, especialmente os da ala do sul. A ala do norte está em muito melhor condição, com uns poucos aposentos bons, ou habitados por estudantes que frequentam uma escola de teologia e medicina de Olinda. Nos corredores e nos aposentos mais amplos há ainda algumas pinturas, mas em condições de ruína. Examinando este grande edificio, pensávamos no contraste que ora oferece com os tempos nada remotos, em que suas paredes ressoaram aos passos e preces dos devotos de uma religião, que florescia e dominava muito mais que hoje por quase todo o império do Brasil.

O eremita vivia entre as ruínas da ala do sul. Visitámos o quarto em que dizem que quase sempre está, mas não o encontramos. Passámos então por um pequeno pateo quase entupido de despejos e entrámos em uma grande sala escura, em parte cheia de tijolos e cal. Sobre o soalho deste sórdido aposento encontrámo-lo deitado, com o tronco apenas coberto por um leve pano preto, e nus os braços, as pernas, os pés e a cabeça, tudo em miserando aspecto. Aparentava sessenta anos de idade, mas as longas barbas e cabelos grisalhos faziam-no parecer mais velho, talvez, do que realmente era. Gemia e dava outras mostras de estar em grande sofrimento e foi a custo que nos disse que dois dias antes, quando passava por um quarto de cima, o soalho deu de sí, precipitando-o no lugar onde o viámos estendido e donde não se podia mover. Tentámos erguê-lo, mas o menor movimento dava-lhe dores cruciantes. Como parecia ter quebrado alguns dos

ossos, um moço que nos acompanhava partiu imediatamente em busca de socorro e para fazê-lo levar a um hospital. Tudo o que pude saber a respeito daquele infeliz foi que fôra outrora oficial do exercito e estava agora sofrendo o castigo de um assassinio cometido em sua mocidade. Visitámos também um convento, cujas freiras preparavam frutas em conserva para venda. Ao contrário do que víamos na Baía, só podíamos falar com as freiras que estavam do lado de dentro, sem vê-las. O fruto era colocado na prateleira giratória de um armário e assim passado para nós: o dinheiro e os pratos vazios voltavam do mesmo modo. Como tôdas as conservas que vi no país eram prejudicadas pelo excesso de açúcar.

Nos primeiros dias, meus passeios não se estenderam muito além dos arredores da cidade. Como a terra é plana, o solo arenoso e a sêca já começava, a vegetação herbácea nos lugares mais expostos já se ressentia da falta de chuvas. Por muitas milhas em roda da cidade o coqueiro e outras grandes palmeiras vingavam em grande profusão, de mistura com os cajueiros, então carregados com o seu curioso e refrigerante fruto amarelo ou avermelhado, além das jaqueiras, da árvore do pão e das laranjeiras. Muito cuidado se toma, segundo observei, com os hortos pertencentes às casas perto da cidade, vendo-se alguns deles formados com muito bom gosto e adornados com belos arbustos, parte brasileiros, parte de origem indiana. A mimosa e outras sebes são adornadas, como em redor do Rio, com festões de trepadeiras, entre as quais a mais comum é a erva fétida (*stizolobium urens*). Há também, em muitos lugares, uma grande espécie de *cuscuta* que trepa pelas sebes com seus longos ramos amarelos e cordiformes, dando-lhes singular aspecto. Colhi muitas plantas curiosas na costa do mar, especialmente em parte dela a umas oito milhas ao sul da cidade, onde o solo até certa distância para o interior é muito arenoso e coberto de mata baixa. Alí se me deparou em grande profusão uma nova

espécie desses curiosos cactos penugentos (*melocactus depressus*, Hook): era uma espécie muito pequena, com quatro polegadas apenas de altura e dezoito de circunferência. Uma quinzena após minha chegada a Pernambuco mudou-se o Dr. London para sua casa de campo situada nas margens do Rio Capibaribe, umas quatro milhas a oeste de Recife; e, como a região em torno era em grande parte inculta, oferecia mais amplo escopo às minhas investigações. O rio Capibaribe, que desagua no porto do Recife, é pequeno e apenas navegável por canoas a distância de umas dez milhas da cidade. Até Monteiro, seis milhas ao largo, a navegação é muito agradável e o cenário se torna mais atraente pela quantidade de casas, cercadas de hortos, que se espalham ao longo da ribanceira. Muitas delas são apenas habitadas na estação sêca, época em que a gente rica da cidade vai procurá-la para banhos de rio. Porque nos climas quentes se dá preferência à água dos rios, para evitar a grande irritação geralmente produzida no corpo, pela cristalização do sal sobre a pele, quando não lavada depois em água doce. Para os banhos cada casa tem uma cabana que entra pelo rio e é tapada por cima e pelos lados com folhas de coqueiro. Esta cabana é refeita quase todo ano, porque a enchente a leva na estação chuvosa.

Cerca de trinta milhas para o oeste de Pernambuco, existe uma pequena colônia alemã chamada Catucá. Fôra estabelecida uns vinte anos antes pelos remanescentes de um regimento alemão que estivera a serviço do governo brasileiro, tendo sido aqui dissolvido. Está agora em plena decadência.

As poucas famílias ali residentes ganhavam a vida com fabricação do carvão de lenha, que levavam a vender na cidade.

Desejando passar um ou dois dias nesse lugar, parti em uma manhã de novembro, bem cedo, em companhia de Mr. White, moço a quem eu já encontrára na Serra dos



Órgãos. Fomos guiados por dois alemães, que vinham de volta de Pernambuco e cujos cavalos carregavam nossa bagagem. Nossa rota, pelas primeiras duas horas, foi através de uma zona plana, quase tôda plantada de mandioca, embora ainda em grande parte coberta de matas, de que se cortaram apenas as árvores maiores. As poucas remanescentes destas erguiam-se altaneiras sobre suas irmãs da selva e imprimiam agradável variedade à paisagem.

Depois de passar a terra cultivada e de galgar pequena eminência, penetramos na mata virgem. Até ali o terreno fôra arenoso: achámo-lo, agora, de argila dura e vermelha. Muitas das árvores eram bastante altas, embora não iguallassem as da província do Rio, nem seus troncos tivessem a mesma circunferência. Entre os arbustos que em baixo delas cresciam observei algumas *melostomaceae*, *myrtaceae* e *rubiaceae*.

Tudo aqui indicava atmosfera mais sêca e solo mais árido que os do Rio. Não havia fetos, begonias, lilazes ou orquideas. Apenas se viam nos troncos e galhos das árvores maiores algumas *bromeliaceae* e *aroideae*. Depois de cavalgar por uma hora através da floresta, chegámos ao vale desmoitado onde se erguem as cabanas dos colonos e diante das quais passamos até a que nos devia hospedar. São geralmente pequenas, embora muito superiores em asseio e arranjo às dos brasileiros. À noite armámos nossa rêde em pequeno quarto, onde dormimos regaladamente até amanhecer.

Como meu companheiro desejasse passar uns dias caçando nas matas com um dos alemães, resolvi acompanhá-los, na esperança de acrescentar alguns exemplares à minha coleção botânica. Partimos cedo, entrando na mata a uma milha da cabana. Aquí, como em sítios similares perto da cidade, observei grande escassês de vegetação herbácea e nuíma caminhada de duas horas apenas colhi uns poucos fetos. Passando pela mata, vimos uma enorme árvore, uma espécie de *lecythis*: o chão em baixo estava

coberto de suas capsulas em fórmas de panela, quase do tamanho da cabeça de um homem, semelhança que se realça pela grande tampa que cai do topo de cada uma quando amadurecem as sementes interiores.

Muitas das que vimos estavam já vazias, porquê as haviam tirado os macacos que muito as apreciam. Saindo da mata, demos repentinamente com outro vale desmoitado onde se viam as ruínas de várias cabanas, as quais, segundo nos disseram, tinham sido a séde da colonia. Mas, como se houvesse proibido aos habitantes cortar mais madeira naquela direção, mudaram-se eles para o sítio mencionado.

Ao pé destas habitações derruidas encontrámos grande abundância de ananazes e nos deliciamos com os que estavam maduros, abrigados do sol à sombra de uma dependência exterior da casa que outrora servira para a preparação da farinha de mandioca. Perto dali encontrei duas belas árvores, uma das quais uma espécie de *vochysia*, cobertas de longas vergôntes de bonitas flores amarelas, e a outra a esplêndida *moronobeia coccinea*, literalmente cheia de flores redondas e carmezins. De volta apanhei espécimes de *palicourea*, de flor amarela, chamada mata-rato, que não é, entretanto, a planta conhecida no Rio pelo nome de erva de rato. Isto prova, todavia, que se atribuem qualidades venenosas a diferentes plantas do mesmo gênero em diferentes partes do país.

Perto do continente, cerca de trinta milhas ao norte de Pernambuco, há uma pequena ilha chamada Itamaracá, que por motivo de seu belo clima e sólo, como pela abundância e superioridade dos frutos que alí se colhem, é designada pelo nome de jardim de Pernambuco. Desejoso de visitar este lugar antes de deixar a província, parti com essa intenção em meados de dezembro, tendo-me por feliz de levar como companheiro Mr. Adamson, jovem cavalheiro residente desde alguns anos no país e amigo de estudos botânicos. Para fazer a viagem, tivemos de alu-

gar uma jangada, embarcação muito comum nesta parte da costa: tripulavam-na três homens. A um estrangeiro afigura-se singular esta espécie de barca; e, se não me houvessem garantido que, primitiva como é, oferece perfeita segurança, decerto eu relutaria em tomá-la.

Havendo feito colocar a bagagem em sua alta plataforma, fóra do alcance da água, que de continuo varre a jangada, começamos a viagem. Nesta estação o vento sopra quase constantemente do nordeste e por isso nos era quase ponteiro, obrigando-nos a navegar entre o recife e a praia, com a distância intermédia variando de um quarto de milha a duas milhas em todo o percurso de Recife até a ilha. Pelas quatro horas da tarde, vendo que o vento desfavoravel nos impedia de realizar mais que metade da viagem, resolvemos abicar em uma pequena aldeia de pesca chamada Pau Amarelo e allí pernoitar. Não foi sem custo que encontramos um abrigo em que armar nossas rêdes. Depois de várias recusas, o dono de uma venda indicou-nos uma cabana vaga, feita de folhas de coqueiro, onde nos permitiu passar a noite. Para lá, pois, nos encaminhámos, e, tendo ceado peixe cozido e farinha, dormimos profundamente até o dia seguinte. Logo que nos erguemos, saímos a um pequeno passeio pelo campo: achamos o solo arenoso e a vegetação herbácea inteiramente escorchada pela sêca. Neste lugar o recife dista uma milha da praia e é perfeitamente visível em tôda linha, tanto na maré alta como na baixa, porque, ao passo que a vasante deixa os rochedos inteiramente descobertos, a mareta marca sua posição mesmo durante a prêa-mar.

Como o vento agora se virou para léste, pudemos depois do almoço prosseguir em nossa viagem e, como avançavamos muito mais rãpidamente que na véspera, tocámos na ilha ao meio-dia desembarcando em Pilar, a cidade principal, a léste dela. Levávamos conosco duas ou três cartas de recomendação e com a primeira que entregámos obtivemos alojamento. Nosso hospedeiro, o Sr. Alexandre

Alcântara, era proprietário de uma grande salina das muitas existentes no lugar. Sua casa, como quase tôdas as outras que vimos, era térrea, com paredes de pau a pique barreado e teto coberto de telhas. Tinha quatro bons quartos, todos assoalhados, e estava situada em deliciosa posição rente do mar e cercada de coqueiros.

À tarde fomos levados por nosso hospedeiro a visitar sua salina estabelecida em um vale para dentro do qual a agua corre na maré alta. A agua de que se faz o sal é conservada em grandes reservatórios, donde a fazem correr de tempos a tempos dentro de poços e aí a deixam evaporar-se. Neste lugar, que se chama Jaguaribe, há vinte e quatro salinas, pertencentes a outros tantos indivíduos.

O lugar onde a agua se evapora divide-se em pequenos compartimentos, com dezesseis pés por doze.

Na do Sr. Alcântara há cento e vinte desses compartimentos, em cada um dos quais se faz correr duas polegadas d'agua do grande reservatório e esta se evapora completamente em oito dias. Rende-lhe a salina anualmente cerca de quatrocentos alqueires de sal, cada alqueire com quatro arrobas de trinta e duas libras. Produzem-se três qualidades: a melhor para uso doméstico; a média para salgar peixe e a qualidade inferior principalmente para a salga de couros. O preço médio do alqueire é dois e meio xelins, de sorte que o rendimento total orça apenas por cinquenta libras anuais.

Há outras manufaturas desta espécie em diversas partes da ilha.

A ilha, separada do continente por um estreito de cerca de meia legua de largura, tem quatro léguas de comprimento e de uma e meia a duas de largura. Contém apenas duas aldeias: a de Itamaracá, situada numa eminência do mar, a sudeste, conta apenas umas vinte casas, e Pilar, onde desembarcámos, formada de umas poucas

ruas irregulares, com cerca de oitenta habitações. O total das casas em tôda a ilha, ao que nos informaram, ascendia a trezentas, e a população tôda a duas mil almas. Embora haja muitas habitações bastante confortáveis na aparência, a maioria das casas são de insignificantes aspecto, porque feitas de pau a pique barreado ou de ramos de coqueiro. E, como a principal ocupação dos habitantes é a pesca, suas casas ficam geralmente perto da praia. Os peixes são principalmente apanhados em cercados ou currais feitos de estacas um pouco além do ponto da baixamar. Outra fonte de renda para os habitantes são os coqueiros que cingem de densa e profunda mata a parte superior da ilha. Peixe e cocos são levados à venda em Pernambuco. No interior da ilha há três canaviais e muitos dos habitantes mais abastados cultivam uvas e mangas em grande escala, as quais alcançam em Pernambuco melhores preços que as oriundas de outras partes da província. Comprei boas uvas ao preço de dez pences a libra; mas a sua cultura dá grande trabalho ao vinhateiro, porquê as vinhas são sempre atacadas por uma grande formiga parda que em uma só noite a despojam de suas folhas, salvo quando se toma a precaução de lhes isolar com agua a parte inferior do tronco.

Tôda a província de Pernambuco é infestada destes insetos.

Durante o tempo de nossa visita as mangas estavam amadurecendo e achei-as muito superiores em sabor a tôdas as que anteriormente provára. São muito menores que as cultivadas em Pernambuco e muito se assemelham aos pêssegos na côr. Nos poucos dias de permanência na ilha fizemos várias excursões através dela em todos os sentidos. Em vez das planuras quase uniformes das vizinhanças de Pernambuco há aqui ondulações mansas de outeiros e vales. Não se encontram aquí grandes madeiras, porque as matas são geralmente formadas de pequenas árvores e moitas, que dão a muitas partes da ilha aspectos mais semelhan-

tes a um pomar inglês que a uma inculta região equatorial. Algumas das vistas que se descortinaram do alto das colinas, embora nada grandiosas, eram pelo menos agradáveis.

Conquanto houvesse na ilha um padre e um advogado, não havia médico; e por isso, logo que se tornou sabido que eu o era, meus serviços foram solicitados de tôda a parte. O primeiro chamado que tive foi o de um homem com grande abcesso no pescoço, proveniente da supuração da glândula submaxilar direita: não podia falar nem engulir e seus parentes o consideravam caso perdido. Abrí o abcesso, dando-lhe com isso imediato alívio; e, no dia seguinte, quando o visitei, fui encontrá-lo sentado e em condições de me aturdir com agradecimentos pelo que ele imaginou ser uma cura miraculosa. O caso criou-me tal reputação, que tive mais clientes do que desejava. Dois de meus pacientes estavam na última fase da tuberculose; porém a maior parte dos casos eram consequência de febre intermitente, originados por desarranjo dos órgãos digestivos, acompanhado de dilatação do baço. É raro a tísica no Brasil, da qual não encontrei mais de meia dúzia de casos em tôdas as minhas viagens.

Como eu não quisesse aceitar honorários, enviaram-me inúmeros presentes de peixe, aves e frutas.

Escreví há pouco que a principal ocupação dos habitantes é a pesca e que os peixes são quase sempre colhidos em cercados. Estes cercados, que são muito comuns ao longo de tôda a costa de Pernambuco, têm a configuração que se vê abaixo. São feitos de fortes estacas, bem fincadas no chão a distância de poucos pés umas das outras, enchendo-se-lhes os vãos com pequenas varas retas, bem amarradas umas às outras. A linha de varas é, por vezes, quase do comprimento de uma milha, e corre da praia para o mar, com o fim de guiar os peixes ao cercado da extremidade.

Na véspera de nossa partida da ilha acompanhamos nosso hospedeiro em visita ao cercado de sua propriedade,

com o fim de observar o processo de apanhar o peixe. A visita só se faz no baixa-mar.

Fômos de canôa até a entrada do curral mais interior. Aí chegados, nosso hospedeiro e todos os que o acompanharam, despiram-se e penetraram no cercado interior, levando cada qual uma pequena rêde um pouco mais funda que a agua, com uma vara curta fixa em cada extremidade. Um dos homens fincou uma das varas perpendicularmente em um dos lados da entrada do curral, enquanto outro começou a abrir a rede, fechando a entrada, para prevenir o escapamento dos peixes; deu em seguida a volta ao lado da entrada até chegar ao companheiro, enrolando-se então a rêde e prendendo nela todos os peixes contidos no curral e que eram cerca de uma duzia e muito belos. Informaram-nos de que nesta época se apanham muito poucos, tão poucos, que mal bastam ao consumo das famílias possuidoras dos cercados. Na estação das chuvas, porém, colhem-se em tanta abundância, que se enviam botes carregados deles para o mercado de Pernambuco.

Voltamos para Recife em uma grande canôa.

## CAPÍTULO IV

### ALAGOAS E O RIO SÃO FRANCISCO

*Motivos do autor para esta excursão — Viagem para o Sul — Descrição da Costa e observações sobre a grande Restinga — Chegada à barra de S. Antonio Grande — Maceió — Descrição da cidade e região circunvizinha — O autor resolve visitar o rio S. Francisco — Embarca em uma jangada em viagem costeira para o Sul — Batel — Desembarca em Peba — Jornada daí para Piassabassú sobre o Rio S. Francisco — Sobre o rio até Penedo — Descrição da cidade — Produções do distrito — Sua população — Viagem rio acima — Modo de navegação — Chega a Propriá — Vegetação da zona — Descrição de uma feira — Vestuário da gente — Continuação da viagem até Traipú — Passa a Ilha dos Prazeres — Barra de Panema — Abundância de peixes da família do salmão — Aldeia de Lagoa Funda — Ilha de S. Pedro — Descrição da população indígena — Continúa a viagem — Terrível tempestade — Molestia grave e detenção ali — Escassês de alimento — Consequente renúncia de toda a intenção de prosseguir — Volta a Penedo — Projeto de navegar o Rio S. Francisco — Razão pela qual nunca será bem sucedido — Chega de novo a Maceió — Visita Alagoas — Descrição dessa cidade — Partida de Maceió — Viagem costeira — Estranha maneira de apanhar petre — Volta a Pernambuco.*

O grande objetivo de minha visita ao norte do Brasil era fazer uma viagem da costa às terras altas situadas ao lado oriental do Tocantins. Esta parte do país, que me fôra recomendado visitar por Von Martius e outros, em razão de suas riquezas botânicas, dista cerca de 1.200 milhas de Pernambuco e fica quasi diretamente ao oeste da província. Embora desejoso de encetar esta jornada, fui aconselhado por pessoas bem conhecedoras do interior do país a não empreendê-la ao fim da estação chuvosa, pela dificuldade de encontrar agua e pasto para os cavalos depois do período em que tudo foi escorchado pelo sol ar-



dente da estação sêca. Nem é o período das chuvas menos recomendável para início de uma longa jornada, porque, durante os quatro meses de sua duração habitual, raro se passam dois dias consecutivos sem chuva. Era agora fim de janeiro e, como a época de começar minha planejada expedição não viria antes do fim de junho ou princípios de julho, resolvi passar esse período intermédio em visita a Maceió, pequena cidade e porto marítimo da Província de Alagoas, a meio caminho entre Pernambuco e Baía; daí fazer uma excursão ao Rio São Francisco, e, se possível, continuar rio acima até a grande cachoeira de Paulo Afonso. Por falta de melhor condução em Maceió, fui obrigado a tomar passagem em uma canôa que partiu carregada de mercadorias.

Era por volta das tres horas da tarde de 30 de janeiro de 1838, quando pude obter meu passaporte, embarcando imediatamente; e, depois de passar pelo indispensável exame em um bote alfandegário, saímos fóra do recife e navegamos aos ventos de nordéste até às sete horas da tarde, quando ancorámos para passar a noite, em pequena baía arenosa, quatro leguas ao sul de Pernambuco. Na travessia abalroamos com as estacas dos pesqueiros que são comuns ao longo da costa.

Vou agora descrever a qualidade e aparência da embarcação em que viajei. Era formada do tronco de uma grande árvore, escavado e media quarenta pés de comprimento por tres de largura; uma pequena parte de cada extremidade era coberta e as cabinas assim formadas enchiam-se de fardos e provisões, servindo também, quando vazias, de camarotes para os tripulantes, que eram o capitão e dois homens.

Tinha um só mastro, comprido e delgado, ao qual se prendia uma vela triangular, cuja parte inferior era distendida por um longo botaló; um pouco abaixo do alcatrate de cada lado dependuravam-se dois tóros de madeira leve e boiante, quasi do comprimento da canôa, e da mesma

espécie de que se fazem as jangadas; estes faziam com que a canôa pudesse levar mais carga e ao mesmo tempo serviam para livrá-la de virar, além de dar lugar para se andar, visto como a carga de nossa embarcação se erguia a mais de dois pés acima da canôa. Bem se póde imaginar quão pequeno era meu conforto em tal meio de transporte, obrigado como estava a permanecer sentado em uma de minhas malas e sem outro abrigo contra o tempo senão o que me dava um guarda-chuva. Na praia, perto do lugar onde ancorámos, estavam acesas duas grandes fogueiras, à luz das quais viamos diversas pessoas e tres ou quatro cabanas. Eu estava ansioso por descer à terra afim de obter, se possível, lugar para dormir; mas o capitão se recusou a ir à praia, porque não estava em termos de boa amizade com alguns dos habitantes e não queria arriscar-se no meio deles. Assim sendo, depois de ceiar com os tripulantes peixe cozido, farinha e laranjas, envolvi-me no poncho, deitei-me sobre uma das malas e dormi como foi possível até amanhecer. Ao clarear do dia de novo abrimos vela e pelas oito horas passámos o Cabo Santo Agostinho, ponta de rocha, por trás da qual a terra se ergue de cem a duzentos pés acima do nível do mar. O cabo está a oito léguas ao sul de Pernambuco, sendo toda a região intermediária uma ininterrupta planura.

Durante todo esse dia navegámos bem perto da praia, conservando-nos sempre entre esta e o recife. A zona ó ondulada de colinas, coberta de árvore verdejante e arbustos, muitos dos quais em plena florescência. A beleza da costa, conquanto monótona, oferecia certa compensação a um dia de continuada exposição ao sol. Às oito da noite de novo ancorámos, mas agora em lugar onde nosso capitão era conhecido; aqui desembarcados, achei alojamento para a noite em uma ferraria; verifiquei no dia seguinte que era a melhor casa do lugar, feita de pau a pique barreado, enquanto as demais eram de estacas e folhas de coqueiro. Na manhã seguinte levou-me o ca-

pitão à casa de um parente seu, cerca de duas milhas de distância ao longo da praia, onde tivemos boa acolhida. Como parte da carga da canoa tinha de ser desembarcada aqui e outra carga ia ser recebida, aqui passamos o dia inteiro, coisa nada de lamentar, visto que choveu copiosamente até à noite. Por este motivo não me foi dado fazer excursão pelo interior, com o que, de certo não tive muito a perder, porquanto, em curto passeio que fiz, encontrei queimada quasi toda a vegetação herbácea. A terra aqui é mais alta que em qualquer outro ponto entre Pernambuco e Maceió; a superfície de diversas pequenas colinas exhibe uma espécie de rocha de arenito granulado, exatamente da natureza do recife que corre por centenas de milhas ao longo da costa ao norte e ao sul de Pernambuco. Este recife, que é revestido de pequenas conchas e substâncias coraloídes, Darwin supõe ter-se formado ou por uma barreira de arêia e seixos outrora subjacente na água, e que primeiro se consolidou e depois se elevou; ou por um banco de arêia correndo paralelo a costa, e cuja parte central se consolidou, e depois, por uma ligeira mudança no sentido das correntes, perdeu os elementos soltos da matéria, permanecendo só o núcleo sólido. Nenhuma destas suposições, tenho plena certeza, explica satisfatoriamente a origem do recife, porque no lugar onde estamos pude constatar, na baixa-mar, uma conexão rochosa entre o recife e as rochas de que se compõem as colinas. É mais provável que o recife deva sua origem à destruição da rocha entre ele e a praia, mas por processo que não tentarei explicar. Este arenito, como provarei daqui a pouco, pertence à série inferior da formação da greda.

Pernoitamos em casa do parente do capitão da canoa, alfaiate de profissão e conhecido poeta e homem de espírito. Em sua companhia e na de sua família, que eram vários filhos e filhas, passou-se muito agradavelmente o tempo. Bem cedo na manhã seguinte reencetámos a via-

gem, navegando, como antes, ao longo da praia. Pelas duas horas da tarde chegámos a Barra de S. Antonio Grande, pequena aldeia a nove léguas ao norte de Maceió, com cerca de cem casas, feitas quase todas de folhas de coqueiro e situadas em maior parte numa ponta de terra plana, cercada de um lado pelo mar, do outro por pequeno rio do mesmo nome da aldeia e derivados ambos de uma barra de arêia branca que se projeta através da foz do rio, a pequena distancia da praia. Seus habitantes vivem principalmente da pesca; mas fui informado, ao chegar, de que o lugar é muito procurado por navios negreiros para entrega de sua carga. E é sem dúvida bem apropriado a tal propósito.

À tarde dei um passeio nas margens do rio, mas pouco de interessante encontrei; como em todas as outras partes arenosas ao longo da costa, a vegetação consiste em baixas moitas entremeadas de pequenas árvores, das quais a mais comum é o *schinus terebinthifolius*. Um dos mais extraordinários fenômenos vegetais perto da aldeia é uma grande figueira selvática junto do rio, à sombra da qual quatro grandes canoas, maiores que aquela em que eu viajara, estavam sendo construídas. É um ponto de reunião para os amigos e compadres da aldeia, que allí se reúnem à tarde, sob ampla ramagem que quase toca o chão, abrigando-os do sol. As folhas medem cerca de seis polegadas de comprimento por tres de largura e o fruto é do tamanho de uma groselha grande.

À noite perambulei pela cidade e observei que quase todos os seus habitantes haviam saído de casa para gozar do belo luar e da brisa deliciosamente fresca, uns de cócoras, outros preguiçando em esteiras, ainda outros espichados sobre folhagem de coqueiro. Na maioria dos grupos um ou mais dos seus membros, quase sempre moço, divertia os companheiros tocando alegres modinhas com a guitarra. Como o capitão da canôa era da Aldeia, fui convidado a pousar em sua casa; mas, como não havia leito, fui

obrigado a deitar-me em um couro no canto de pequeno quarto. Mal, porém, adormecera, quando fui despertado por uma legião de percevejos que se despejaram das fendas das paredes de barro. Não podendo suportar o tormento, levantei-me e, levando para fóra da casa o material que me servia de leito, sacudí-o bem e, estendendo-o ao ar livre, ali dormi confortavelmente até amanhecer.

Foi esta a única vez em toda a viagem que fui incomodado por este inseto, que está longe de ser comum ou abundante como a pulga.

Ao dia seguinte, 4 de fevereiro, cerca de meio-dia deixamos a Barra de S. Antonio Grande e chegámos a Maceió ao anoitecer. Momentos depois entreguei as cartas de apresentação que trouxera de Pernambuco a Mr. Burnel, único comerciante britânico do lugar, que mui gentilmente me ofereceu a hospedagem durante minha permanência. A cidade de Maceió é bastante grande, com uma população de cerca de 5.000 almas. Antes da Independência do Brasil, quando os portugueses foram expulsos pelos brasileiros, a população subia a mais de sete mil, e, como estes eram os principais capitalistas, o comércio da cidade declinou sensivelmente desde então.

A cidade propriamente dita assenta em uma elevação plana de cinquenta ou sessenta metros acima do nível do mar e dele dista cerca de um quarto de milha. Mas, a pouco mais de uma milha ao nordeste, ha uma aldeiola chamada Jaraguá, rente ao mar, com dois caís para carregar e descarregar mercadoria, e uma aduana. A baía de Maceió é quasi um semi-círculo, bastante grande e oferece boa ancoragem às embarcações. Antigamente muito algodão e açúcar se embarcavam deste porto em navios britânicos; mas agora pouco mais de dois ou tres navios o visitam anualmente, e a maior parte deste produto é enviada para a Baía ou Pernambuco. A região em torno de Maceió não é tão plana e monótona como a dos arredores de Pernambuco. Pequenas cadeias de colinas ondulantes,

cobertas de moitas e arbustos, chegam até bem perto do mar.

Nos vários passeios que dei pelas vizinhanças, acompanhado de um moço escocês aqui residente havia algum tempo, como médico praticante, fiz muitos acréscimos às minhas coleções botânicas, isso principalmente num tracto de terreno arenoso e plano ao nordeste da cidade. Entre outros, mencionarei o bello *diospyros*, um curioso *ericaulon*, *marcetia taxifolia*, uma *eschwoilera*, diferente da que encontrei em Pernambuco, e um *melocactus*. Maceió é considerada mais insalubre que Pernambuco ou Baía, sendo aí muito frequentes, sobretudo na entrada das chuvas, os casos de febre intermitente.

Como o rio S. Francisco fica apenas a trinta e duas léguas de Maceió, e sabendo eu que era navegável, sem interrupção, por mais de cem milhas, resolvi visitá-lo. Um senhor português, porém, ao qual fui enviado para informações sobre o assunto, porque havia feito, poucos anos antes, uma viagem à Cachoeira de Paulo Afonso, declarou-me que, como era aquela a estação em que o rio sobe à sua altura máxima, estando as suas cabeceiras muito ao Sul, não me aconselharia a empreender a viagem, por motivo dos perigos da navegação no período das enchentes. Demais, haveria pouca probabilidade de acrescentar eu coisa apreciável às minhas coleções, porisso que, depois da longa estiagem, encontraria toda ressequida a vegetação. Ainda assim, tomei a resolução de partir, visto que nada de melhor havia com que encher o tempo, e eu aprendera, até então, que as dificuldades eram, na realidade, bem menores, que quando figuradas. Tive-me por feliz de poder alugar como camarada o mesmo preto que acompanhara ao meu informante acima referido.

Feitos os necessários preparativos para a viagem, fretei uma jangada para me levar ao longo da costa até à foz do rio e parti de Maceió às cinco da manhã do dia 15 de fevereiro. Era minha intenção partir na noite da

véspera, pelas onze horas, ao surgir da lua; mas, quando cheguei à praia com a bagagem, o dono da jangada, que prometera firmemente estar ali à minha espera, nem estava ali, nem foi encontrado em parte nenhuma pelo Pedro. o meu empregado preto, que mandei à sua procura e que logo voltou desenganado. Não tive outro recurso senão andar de um lado para outro na praia até pouco antes das cinco da madrugada, quando me apareceu o homem. Quando o interpelei sobre sua ausência, declarou-me com a máxima serenidade que, como não cheguei pontualmente ao nascer da lua, pensara êle que eu não viria senão de manhã — e que, por isso, para encher o tempo, fôra pescar.

Tendo, afinal, embarcado, logo perdemos de vista Maceió sob o látigo de um áspero nordeste, e costeando uma praia cheia de arbustos, chegamos à noite à embocadura de pequeno rio, em cuja margem sul, cerca de meia milha acima, ha uma aldeia chamada Batel. Neste lugar, que dista vinte leguas de Maceió, passámos a noite. Preferi, para dormir, a jangada à pequena cabana de palmas de coqueiro que me fôra oferecida; mas não me faltou motivo de arrependimento pela recusa. Era preamar quando chegámos à aldeia e a jangada foi levada rente da praia, de sorte que, quando veio a vasante, ficou em seco. Não me lembrei então que toda a praia lodosa e coberta de mangues, principalmente na embocadura dos rios, é sempre cheia de mosquitos. Mas a lembrança logo me acudiu, quando acordei, por volta da meia-noite, com as mãos e as faces ardendo e inchadas com as picadas dos terríveis insetos. Quando dormia de roupas e sem nenhuma coberta, era obrigado a tapar o rosto com o lenço e meter as mãos nos bolsos, para me defender assim de suas picadas. Ainda assim, passou-se longo tempo sem que pudesse conciliar o sono, por causa do contínuo zumbido, quasi tão alto como o das abelhas, que faziam em torno de mim. Quando acordei pela manhã, depois de uma noite agitada, vi que, além dos pernilongos, estava eu cercado de milhares de mosquitinhos pretos (*mero-*

hy), pouco maiores que um grão de pólvora, mas cujas picadas eram não menos irritantes que a de seus congêneres de maior tamanho.

A maré da manhã não se elevou à mesma altura a que chegara na tarde anterior, e só a custo, já perto das nove horas, é que a jangada rolou em água funda. Ao cruzar a barra na foz do rio, tivemos de passar por uma linha de vagas, tres das quais rebentaram sobre o alto estrado em que me sentava, molhando-me até os ossos, para meu grande desconforto no resto da viagem. Era uma hora da tarde quando alcançamos uma pequena aldeia chamada Peba, situada na costa, cerca de cinco leguas ao norte da embocadura do Rio São Francisco. Era o término de minha viagem por mar, por isso que o rolo do mar que se quebra na barra rasa daquele rio, não permite que a jangada aí entre. A aldeia está situada um pouco ao interior da terra e esconde-se à vista do mar por um grande banco de arêia ali trazida pelo vento; mas mesmo assim se reconhece de grande distância pela quantidade de coqueiros que se erguem perto da praia.

Aqui me feriu particularmente a atenção um fato que explica em grande parte o conhecido fenômeno de passar o tronco de uma árvore através de várias estratificações de arenito.

Muitos dos coqueiros têm os troncos mergulhados na profundidade de cinquenta ou mais pés no banco de arêia que se estende ao longo da praia, às vezes numa largura de centenas de pés. Alguns coqueiros enterram-se tão profundamente, que se lhes podem colher os cocos sem trepar na árvore. Ora, como esta arêia se acumula em diferentes períodos, especialmente sob a influência das monções do nordeste, deve apresentar, se vier a endurecer, grande número de camadas horizontais e irregulares, através das quais o tronco terá passado.

De um pescador que encontrei na praia obtive permissão para ocupar até o dia seguinte uma choça vazia.



Sentado em um tronco de árvore estendido na praia à hora da maré-cheia, observei que havia alí, como ao longo de toda a costa, grande abundância de caranguejos; e, enquanto esperava que minha bagagem fosse descarregada e conduzida para a choça, diverti-me em observar as operações de uma pequena espécie deles, pertencente ao gênero *gelasimus*, a fazer ou a alargar suas covas na areia. Uma vez em cada dois minutos emergia à superfície com certa porção de areia presa na pata esquerda e, com um movimento súbito, atirava-a a distância de umas seis polegadas, tendo sempre cuidado de variar a direção do arremesso, não fosse a matéria acumular-se no mesmo ponto. Tendo no bolso do casaco pequenas conchas pertencentes a uma espécie de *turbo*, esforcei-me por atirar uma destas na cova, afim de verificar se o caranguejo a traria ou não outra vez para cima. Das quatro que atirei apenas uma entrou na cova, ficando as outras a poucas polegadas dela. Passaram-se cinco minutos antes que ele reaparecesse, trazendo consigo a concha afundada e, levando-a à distância de um pé da cova, aí a depôs. Vendo as outras espalhadas perto da entrada da cova, levou-as imediatamente, uma por uma, ao lugar onde largára a primeira e depois voltou ao seu labor de carregar areia para cima. É impossível não concluir que as ações deste animalzinho, de posição tão ínfima na escala dos seres, resultavam da razão, que não do instinto cego, que se supõe geralmente guiar as ações dos animais inferiores. Porque o próprio homem, em idênticas circunstâncias, não teria agido com maior discernimento.

No dia seguinte ao de minha chegada a Peba, tratei com o dono de um carro de boi para me levar a bagagem a Piassabaçu, pequena aldeia situada na margem norte do rio S. Francisco, cerca de duas léguas da sua foz. Ele me prometeu chegar muito antes do meio-dia; mas, para meu grande aborrecimento, só apareceu pelas cinco da tarde, hora em que afinal partimos. Caminhámos por duas mi-

lhas ao longo da praia arenosa, depois entramos um pouco no interior da terra e prosseguimos na rota, em sentido quasi paralelo à praia, por uma região plana, arenosa, cheia de moitas em que abundavam a *mouriria guianensis*, Aubl., e diversas espécies de *laureaceae*. Estava realmente escuro durante a maior parte da jornada; mas, quando voltei, tive amplas oportunidades de verificar a natureza da vegetação. Não fiquei nada pesaroso, depois que nos pusemos a caminho, pela demora sofrida ao partir; porque a viagem nesta zona é muito mais agradável à noite que com o calor do dia. Nosso carro era de construção muito primitiva, semelhante aos que se vêem por toda parte no interior do Brasil e pouco diferente do que os romanos usavam. Resumia-se em uma rude mesa de solida prancha, suportada por duas rodas de cerca de seis pés de diâmetro. Era puxado por seis bois, encangados aos pares, aguilhoados por dois carreiros, cada qual com uma leve vara de ferrão, de dez pés de comprimento.

Os eixos não se engraxam; por isso o seu rangido, que se ouve a grande distância, é grandemente incomodativo: a razão dada para não os engraxar é que os bois estão de tal maneira afeitos ao ruído, que sem ouví-lo não puxariam bem.

Eram dez horas da noite quando chegámos ao termo da jornada; e, como não havia onde a gente se acomodasse, nem eu trouxera carta de apresentação a nenhum morador da aldeia, fui levado pelo nosso carreiro à casa de uns conhecidos seus, na qual a única possível acomodação foi um pequeno e sujo quarto da cabana, o que aliás pouco importava, visto que eu dormi em minha própria rede.

Piassabaçú é uma pequena aldeia, cujas casas se erguem, em maior parte, numa grande praça quadrada, com uma igreja no centro: são quase todas, casas terreas e, caiadas de branco por fóra, têm aspecto de limpeza. Muitas delas, as situadas mais perto do rio, haviam sido aban-

donadas por causa da enchente, que era a maior desde 1793, em que a inundaçào atingira altura ainda superior. Na manhã seguinte à nossa chegada ao lugar, aluguei uma canõa para me levar à Vila do Penedo, sete léguas rio acima. Partimos às onze horas da manhã; mas a correnteza era tão forte, que a canõa tinha de se conservar rente da praia para navegar contra ela. Uma pequena vela, pela qual eramos propellidos, mal bastava, às vezes, para nos livrar de ser levados rio abaixo; nesses momentos nossos dois canoeiros eram forçados a usar dos remos. Em Pias-sabuçú o rio se abre numa largura de duas léguas; mas não se avista a margem oposta, por causa de uma grande ilha que se ergue no meio. Foi só depois que subimos cerca de meia légua que observei pela primeira vez toda a largura deste soberbo rio.

Em ambas as margens do rio, numa extensão de cerca de tres leguas, a região é plana e estava inundada em grande parte. Passámos por grandes canaviais, dos quais nada se via senão as pontas das folhas ondulantes na corrente, com aparência de verdejantes prados. Onde havia árvore, delas só se viam os ramos mais altos e quase todas as casas que passamos tinham apenas o tecto acima da linha das aguas. O rio começa a subir no mês de outubro, que é o primeiro da estação das águas nas províncias do sul, onde estão as cabeceiras, e subindo daí até fins de março.

Por umas cinco léguas desde a costa toda a região do lado do sul do rio eleva-se mansamente e daí até Penedo é toda ondulante. O lado oposto, porém, continua plano. Depois de ter prosseguido em nossa subida por mais cinco léguas ao norte, fizemos a travessia para a margem do sul afim de obter brisa favorável:

Existem algumas plantações de cana de açúcar em ambas as margens, mas os claros abertos na floresta pelos sitios cultivados mal aparecem. Pela força da corrente, especialmente em certas voltas do rio, as margens são grandemente solapadas por um processo de erosão. Vimos

grandes massas de terra ruindo e as árvores que nelas se erguiam flutuando rio abaixo. Não chegamos à vista de Penedo senão à distância de uma légua quando, contornando uma ponta de terra rochosa e coberta de matas do lado do sul, se nos deparou a casaria branca, vivamente iluminada pelos raios do sol que se punha do lado oposto da cidade. Momentos depois avistámos Vila Nova, situada a meia légua abaixo de Penedo, mas na margem sul do rio. Como o S. Francisco separa a provincia de Alagôas da de Sergipe, é facil de ver que Vila Penedo pertence à primeira; Vila Nova, à última.

Quando desembarcámos, era tarde demais para entregar as cartas de apresentação que eu trouxera de Maceió; e, como os canoeiros não queriam ficar até a manhã seguinte, mandei o Pedro à procura de casa em que nos pudessemos alojar por aquela noite. Voltando ao cabo de mais de uma hora, informou-me que tivera grande dificuldade em arranjar casa, porque estavam quase todas tomadas pelas muitas famílias tocadas de seus lares pela enchente do rio. Eu teria preferido uma casa vaga; mas, como esta não se podia obter, fiz levar minha bagagem à única que o Pedro pudera arranjar, e que só mais tarde soube ser habitada por uma rapariga solteira, que ali exercia uma profissão que não é no Brasil tão desconceituada como na maior parte dos outros países. Em pequeno cômodo desta casa passámos a noite em nossas redes suspensas de um e outro lado do quarto. Durante a viagem pelo rio acima vi vários e grandes caniços em flor e larga copia de uma *jussicæa*, de grandes flores amarelas. Pouco abaixo do Penedo crescia abundantemente a *machaonia spinosa*, arbusto espinhoso de tamanho regular, com grandes panículas de pequenas flores brancas, chamada pelos brasileiros *espinho branco*. Colhi alguns espécimens desta, bem como de uma espécie de *oxypetalum*, com grandes umbelas de flores docemente perfumosas, não muito diversas das da *hoya carnosa*.

Na manhã seguinte entreguei as cartas de recomendação que trouxera de Maceió. Uma delas era destinada ao primeiro magistrado do distrito, o Juiz de Direito, Dr. Manuel Bernardino de Souza Figueiredo, por quem fui mui cordialmente recebido e convidado a hospedar-me em sua casa, até que houvesse oportunidade de prosseguir em minha viagem rio acima.

Voltei imediatamente para meu alojamento em busca de minha bagagem; mas, antes que esta pudesse ser mandada, o juiz retribuiu minha visita, e, ao descobrir meu pobre pouso, exprimiu seu pesar por não ter eu ido para sua casa logo após minha chegada. Uma das grandes desvantagens de quem viaja no Brasil é a dificuldade de obter acomodações. Porque em nenhuma cidade ou vila deste vasto império, exceto no Rio, Baía e em um ou outro distrito de mineração, se encontra uma estalagem de qualquer espécie, e as poucas que ha pertencem a estrangeiros. É muito tempo ainda terá de decorrer antes que tal comodidade entre nos costumes do país; porque os brasileiros, quando viajam, levam consigo criados, provisões, apetrechos de cozinha e camas; e é raro que não encontrem uma ou outra casa vaga em alguma aldeia durante sua viagem. Quando isto acontece, se é tempo da sêca, contentam-se em acampar sob alguma grande árvore, suspendendo suas rédes de um a outro galho dela. Foi assim que mais tarde tive de viajar, passando, não raro, meses a fio sem dormir sob um teto. Os brasileiros são particularmente atenciosos com qualquer estrangeiro que lhes é recomendado; e, durante todas as minhas peregrinações, poucas vezes fui de um lugar para outro sem cartas, nem me lembra uma só vez que não fosse cortêsmente recebido por aqueles a quem assim me apresentei.

A Vila do Penedo, que assim se chama porque está situada numa elevada ponta rochosa, à margem norte do rio, dista cerca de trinta milhas de sua foz. A rocha em que se ergue é de arenito de textura fina e côr amarelada,

cujo leito se inclina de leste para oeste. As ruas são irregulares, mas as casas muito sólidas, sendo as principais delas de dois andares e na sua maioria construídas da mesma qualidade de pedra da em que a cidade se funda.

Conta cerca de 4.000 habitantes, em maioria gente muito pobre. Ha nada menos de seis grandes igrejas solidamente construídas, a uma das quais está ligado um convento de frades franciscanos, chamado Nossa Senhora da Corrente. Contém apenas tres irmãos. Na comarca ou distrito de Penedo as principais culturas são de açúcar e algodão e a maior parte das plantações é feita na margem do rio, abaixo da cidade. Colhem-se mandioca, feijão e arroz em quantidade apreciável, mas só para consumo interno. Antigamente também se criava algum gado no interior do distrito; mas esta fonte de renda cessou em consequência das sêcas às vezes excessivas e também por causa do carrapato, praga não raro tão grande, que um criador perde todo o seu gado em uma só estação.

Penedo, que foi uma cidade florescente sob a dinastia portugueza, ora se acha em rápida decadência. O seguinte recenseamento de toda a comarca, feito no ano de 1837, e que devo à bondade do Juiz de Direito, merece citado, para mostrar a proporção das diferentes raças umas para com as outras nesta parte do país:

Branços .....	22.045
Mulatos livres .....	32.694
Mulatos escravos .....	4.531
Pretos livres .....	10.113
Pretos escravos .....	10.876
Indios nativos .....	2.331
<b>Total</b> .....	<b>82.590</b>

Tres dias depois de minha chegada a Penedo, tendo sabido que uma canôa vazia ia subir o rio até onde este é navegável, nela tomei passagem por pequena soma; e, feitos todos os preparativos de viagem, parti de Penedo

à uma hora da tarde de 22 de fevereiro, levando comigo cartas para alguns dos principais habitantes dos diversos lugares em que tinha probabilidade de parar. A canôa em que embarquei era bem grande, cerca de quarenta pés de comprimento por quatro de largura. É raro que uma só árvore seja de suficiente dimensão para se fazer uma canôa deste tamanho; mas, quando uma não basta, excava-se a maior que se pôde encontrar, serrando-a em duas de popa à prôa, dando-se-lhe a necessaria largura pelo acrescimo de uma ou mais pranchas entre as duas metades. A nossa assim fôra feita. Uma das extremidades era coberta, numa largura de dez pés, com folhas de coqueiro, como o teto de uma casa, que assim tanto servia de abrigo do sol de dia, como de cabina de dormir à noite. Havia apenas um mastro que levava duas grandes velas triangulares, de algodão grosseiro, fabricado no país, e que se abriam de cada lado por meio de uma vara longa. A brisa do mar geralmente chega a Penedo pelo meio-dia, soprando rio acima; e, com as velas abertas à maneira de asas, subimos com grande rapidez, não obstante a forte correnteza contrária. Como é perigoso navegar em pequenas canôas quando o rio está cheio, amarram-se duas lado a lado, formando, assim unidas, o que se chama um ajoujo.

As seis da tarde chegámos a Propriá, situada no lado do sul do rio, a sete leguas de Penedo. Contém cerca de 250 casas, quase todas pequenas, feitas de varas e barro, muitas das quais, na rua paralela com o rio, estavam abandonadas e com agua até o meio. Esse era o caso com muitas casas que observamos durante a viagem.

Os mais interessantes espécimes de vegetação que notei nas margens do rio foram árvores de grande dimensão, pertencentes à ordem das *leguminosae*, com grandes vergontees de flores de um purpúreo leve; abundância de uma curiosa especie de cactus, chegando à altura de vinte a trinta pés, e cujos braços nús e carnudos se projetam como os de um candelabro. Notava-se marcada diferença

entre o verdor da parte do país que, por mais de quatro meses, tinha estado submergida nagua e as partes mais elevadas em que não tinha caído chuva por quase seis meses. Estas mostravam mais o aspeto das matas decíduas da Europa no inverno, do que o de plantas crescidas nos trópicos. Apenas aqui e ali se via uma árvore coberta de folhas, estando as demais ressequidas e desnudas pela longa e excessiva sêca. Navegando rio acima, a perspectiva seria acabrunhadora, se não fosse o largo cinto de vegetação arbórea que cobria as margens.

A região entre Penedo e Propriá é constituída de colinas baixas; mas a cerca de duas léguas de Penedo, avista-se ao norte uma cadeia de montanhas um tanto elevadas chamada Serra de Priáca, a umas oito léguas do rio. Também a umas quatro léguas mais acima ha uma serra cônica chamada Marabá, que se ergue da planura como uma pirâmide, a cerca de seis léguas de distância ao nornoroeste.

Nesta Vila se realiza cada sábado uma feira; e, como o dono da canôa desejava fazer algumas compras para sua carga de volta, aqui fui detido por dois dias. Na manhã de nossa chegada, dei um pequeno passeio pelo campo atrás da cidade, mas encontrei a vegetação de tal modo esturricada, que nada de verde se via. Encaminhei então os passos para a margem do rio e apanhei espécimes de duas espécies de *caesalpinia* belamente floridas, bem como uma pequena espécie de *croton*, que é muito comum e cuja madeira, quando partida, exala uma fragrância que lembra a da *calycanthus*.

Os preparativos da feira criaram algum movimento, visto como durante todo o dia anterior, especialmente ao entardecer, não cessavam de chegar mercadorias para venda, trazidas pelo rio em canôas ou por terra em cavalos vindos da zona interior.

Como dormi na canôa, que estava ancorada no meio de muitas outras, acordei de manhã cedo ao ruido de uma multidão promiscua de homens, mulheres e crianças de



todas as côres, desde o negríssimo africano até os quasi brancos habitantes do Brasil. Como estivesse tomado pela enchente o lugar onde habitualmente se realiza a feira, a multidão se reunira em um ponto elevado da beira do rio ao oeste da Vila, em frente do sitio onde as canôas tinham sido amarradas umas ao lado das outras. Logo que me vesti, dei uma volta pelo meio da turba para observar a espécie de artigos expostos à venda, achando-os em extremo variados como fôra de esperar, mas consistindo principalmente de produtos alimentícios e de vestuário. Entre outros de inferior importância, particularizaremos por serem mais abundantes os seguintes: farinha de mandioca, carne sêca, grandes peixes, principalmente esturjões, colhidos no rio e secados ao sol, rapaduras em pedaços grandes com forma de queijo ou em pedaços menores em forma de tijolo, melado em ôdres, carne verde, banana, sabão, sapatos, panos e chitas, cordas de fibras nativas, fumo, pranchas e esteios, utensílios de cozinha feitos de barro, jarros trazidos pelos indios, couros, peles, aguardentes e outros.

A grande variedade de estilo no vestuário da gente é a primeira coisa que fere a atenção do estrangeiro. As classes mais altas usam ou jaquetas e calças ou apenas camisa e calça, sobre as quais vestem um longo paletó de algodão estampado, ao que se acrescenta, no frio da manhã ou da tarde, uma capa de lã escocesa. Raramente calçam meias, trazendo os pés metidos num par de chinelos de couro pardo. A gente do campo põe geralmente um chapéu de couro, de abas largas, e às vezes uma jaqueta de couro; mas quasi sempre seu único vestuário consta de um calção de algodão leve, que desce um pouco abaixo do joelho, e camisa do mesmo estofo, solta fôra dela. Os negros vestem-se geralmente como os brancos, mas as mulheres têm muito mais gosto que os homens, grande número dos quais se mostram literalmente esfarrapados, embora aparentemente tão felizes em seus molambos como

se estivessem rigorosamente bem trajados. Observei mais dos aborígenes do Brasil do que tinha visto a um só tempo antes. Muitos deles têm evidentes sinais de trazer nas veias mistura de sangue branco uns, de sangue preto outros, mas não em quantidade suficiente para destruir a peculiar obliquidade dos olhos e o cabelo preto e liso da raça americana.

Só por volta das tres horas pudemos partir de Propriá, e às oito chegavamos a Traipú, outra pequena aldeia situada à margem norte do rio, sete leguas acima. A meia légua de Propriá passamos por uma pequena aldeia chamada Colégio e, pouco além, à distancia de duas léguas e meia, outra ainda menor, chamada S. Braz, ambas situadas na margem do norte da corrente. Até à última aldeia referida o aspeto da região em ambas as margens do rio é muito semelhante ao da que fica acima de Penedo; mas, à distância de uma légua acima de S. Braz, torna-se mais alto, numa ondulação de colinas que em muitos lugares chegam até a agua, diminuindo assim a largura da corrente e, por isso mesmo, aumentando a sua rapidez. A parte mais elevada da zona é uma colina oposta a Traipú, última de uma cadeia chamada Serra de Tabangá. Os efeitos da sêca sobre a vegetação eram aqui ainda maiores do que abaixo: até onde a vista alcançava, nada se via parecido com floresta, estando vales e montanhas escassamente cobertos de pequenas árvores e arbustos, todos, com raras exceções, desnudados de folhagem. Na própria superficie da terra não havia vegetação herbácea e só se via o solo avermelhado através das moitas ressequidas. Aqui e além, ao longo das margens, vêem-se algumas habitações; nenhuma, porém, na parte interior da terra. Os únicos objetos que descansavam a vista nesta região quase deserta eram as moitas verdes que cresciam nas margens inundadas e os grotescos cactos abundantes em lugares sêcos e pedregosos.

São os mais conspícuos objetos que encontram os olhos do viajante: alguns dos troncos são de imensa grossura e

as ramificações do topo se elevam muito acima da vegetação em derredor. São estas, sem dúvida, as plantas de aparência mais extraordinária dentre as que cobrem a superfície do globo, com seus enormes ramos carnudos que se diriam obra de arte, que não da natureza. Só elas podem conservar-se verdes durante as longas estiagens a que esta região está sujeita. Nos lugares rochosos onde elas crescem também se notam muitas bromeliaceas que, apesar da falta de chuvas, não só crescem exuberantes, mas produzem grandes cachos de flores vermelhas da maior perfeição. As rochas em que vegetam são de gnaiss em leves camadas de côr escura, cheias de granates e inclinados para o sul em ângulos muito obtusos.

Pernoitámos em Traipú, continuando a viagem na manhã seguinte às nove horas; mas, como o vento era muito rijo, não podíamos vencer a corrente; e a meia légua do ponto de partida fomos obrigados a parar algumas horas na margem do norte. Isto me deu oportunidade de descer à terra e fazer nova colheita de espécimes para minha coleção; entre estes uma espécie, de *azolla*, da qual havia grande abundância, em um sítio lodoso e levemente inundado. Aqui encontrei também alguns dos maiores cactos que já vi, um deles de enorme tamanho, com haste de mais de tres pés de circunferência e sem ramos até a altura de dez pés. Em toda altura teria de trinta a quarenta pés. Estas e outras grandes espécies de cactos são chamados sheeke-sheeke (sic) pelos habitantes desta região. O tronco e os ramos carnudos da planta, depois de despojados da casca e espinhos, são assados e comidos em tempo de penúria e em idênticas circunstâncias dados crus aos animais. Um pouco abaixo deste lugar, na margem do sul do rio, passamos por uma velha mina de ouro situada no flanco de baixa colina, através da qual passa uma pequena ravina. Parecia ter sido abandonada desde muito tempo, visto que os montes de terra dela extraída estavam cobertos com a baixa vegetação peculiar ao distrito. Continuando a via-

gem, chegámos ao pôr do sol à vista de pequena ilha, chamada Ilha dos Prazeres, com uma igreja do mesmo nome no alto. Em frente à ilha, ao norte, passámos pela embocadura de pequeno rio, chamado Panema, que nasce no sertão da província de Alagoas. Na parte superior da foz deste rio ha uma pequena aldeia de poucas casas, chamada Barra de Panema.

Pouco acima atravessámos para o lado do sul para desembarcar um preto que nos tinha acompanhado desde Propriá; e com pesar nos vimos obrigados a ancorar por aquela noite um pouco acima deste lugar, porque o rio se volta na direção do norte, e, embora houvesse forte vento, não conseguimos pôr a canôa em posição favoravel para navegar, não obstante os melhores esforços dos tripulantes, que eram tres homens, auxiliados por mim e meu empregado: expôr a embarcação a um vento lateral fa-la-ia virar e ela era por demais pesada para levá-la à força de remo.

Na manhã seguinte antes do almoço dei um passeio em alta montanha de gnaiss, a pouca distância do rio, e encontrei uma variedade da espécie de cactos.

Um destes era um grande *melocactus*, muito maior que a espécie tão comum perto de Pernambuco: cresce nas fendas das rochas, onde quase não ha solo, e suas rijas raizes penetram em tal profundidade, que difficilmente se arrancam. Espécimes vivos deste *melocactus hookerianus* (Gard.) que remeti para a Inglaterra, ora existem nas coleções de Kew e Glasgow.

Enquanto estava deitado na canôa à espera do vento, ouvi uma bulha como de chuva pesada na agua; mas, ao olhar da beira da canôa, vi que era produzida por centenas de peixinhos. Eram tão abundantes, que, à falta de anzol, colhi uns trinta destes com um alfinete dobrado e preso na ponta de uma linha. Verifiquei que são uma espécie diminutiva da familia *salmonidae*, medindo de duas

a tres polegadas de comprimento e de uma a uma e meia polegadas de largura. São chamados piabas pelos indios. Os dois terços inferiores no sentido da largura são prateados, enquanto a parte superior é de um plumbeo palido. Sua aparência geral é de uma miniatura de arenque. São extremamente vorazes e abundantes, especialmente em agua rasa, onde as crianças as apanham em quantidade. Dão um excelente prato. De um moço que estava pescando com rede na parte rasa do rio, obtive algumas outras espécies de peixe, entre os quais um muito temido pelos habitantes das margens de quasi todos os lagos e rios das provincias do norte: é tambem um dos *salmonidae*, pertencente ao gênero *serasalmo*, e é chamado pelos brasileiros piranha. Tem habitualmente um pé de comprimento, mas às vezes até dois, sendo muito comprimido lateralmente e muito alto. As costas são de côr escura e o ventre de um branco amarelado, sendo todo o peixe pintado de leve manchas vermelhas; a maxila inferior projeta-se um pouco além da superior, ambas armadas com cerca de quatorze dentes achatados e triangulares, de mais de meia polegada de largura e muito curtos. E' extremamente voraz e difficil de ser apanhado.

Muita gente é frequentemente atacada por êles ao banhar-se nos rios e muitas vezes me mostraram cicatrizes causadas por suas mordidas. Dizem que os patos não raro perdem as pernas tragadas por sua voracidade e até se sabe de casos de rezes perecerem aos seus ataques quando entram nos rios para beber ou banhar-se.

Prosseguindo em nossa viagem cerca das onze horas da manhã seguinte, chegámos a Lagôa Funda, pequena povoação na margem do norte do rio, tendo vencido a distância de umas duas léguas. A povoação, que tem poucas casas, tira o nome de uma grande e funda lagôa que se estende para o oeste dela, em direção paralela, com o rio. Durante esta viagem avistámos uma cadeia de montanhas chamada Pão de Açúcar, a N. N. W.

Termina abruptamente ao W. S. W. e inclina-se daí para lesnordeste e é decididamente a mais alta do distrito. A região em torno começava então assumir um aspecto verdejante depois da queda recente de várias chuvas. Logo depois de nossa chegada a este lugar, faltando-nos o vento, fomos obrigados a esperar até às cinco horas da tarde, quando o vento de novo chegou, permitindo-nos partir e ainda alcançar pelas seis e meia outra aldeia chamada S. Pedro. Está situada na ilha do mesmo nome, com cerca de meia légua de comprimento por um quarto de largura, plana e de solo arenoso. A parte superior onde assenta a povoação, é descoberta, ao passo que a extremidade oposta é densamente tomada por pequenas árvores e moitas.

Passei a noite na canôa, mas quase não pude dormir por causa dos mosquitos que eram abundantíssimos. Bem de manhã, dei umas voltas pela ilha e apanhei algumas plantas. Durante o dia o calor foi insuportável, chegando o termômetro a marcar  $99\frac{1}{2}^{\circ}$  à sombra ao meio-dia. Como não soprava a mais leve brisa, a sensação opressiva tocava quasi o ponto de sufocação, como se o ar viesse de dentro de um forno. Não havia viva alma de portas a fóra. Porcos e cabras, poucos que eram na ilha, bem como os cães, procuravam a sombra das árvores de *zizyphus* que se erguem à margem do rio, perto da aldeia. Tudo estava imóvel e quieto como à meia-noite. O canto dos passarinhos que eu me deliciava em ouvir no passeio da manhã, o grito estridente da gavata (sic), grande ave aquatica, até o grito monótono do bem-te-vi, tudo cessara. Até as árvores estavam imóveis; as grandes aguas amarelas do rio rolavam vagarosas, sem uma ruga na superficie. Tudo era tão quieto, que a gente era quasi levada a crer que a vida cessára de existir. Tendo armado minha rêde debaixo de uma árvore de *zizyphus*, nela fiquei até que se entibiassem os raios do sol. Eram seis horas da tarde quando a brisa do mar chegou à ilha; e, como era já tarde para continuar a viagem, ficámos onde estávamos para passar a noite.

Mal o sol se escondera e a brisa refrescára quando a maior parte dos habitantes saiu de casa, sentando-se nos portais ou na beira do rio, a gozar a deliciosa frescura da viração da tarde. Claro que eu lhes segui o exemplo e só me retirei para dormir quase à meia-noite.

O número das famílias que habitam a ilha sobe a cerca de quarenta e são, em maior parte, índios civilizados. Na tarde de nossa chegada apresentei-me ao seu capitão, homem já velho, trajando calças de algodão grosso, camisa do mesmo pano, chapéu e sandálias de couro. Estava sentado debaixo de um *zyzyphus*, a concertar uma rêde de pesca. Dele soube que os índios da ilha estão diminuindo gradualmente de número. O velho suspirou ao dizer-me que não vinha longe o dia em que sua raça estaria extinta ou pelo menos amalgamada com os outros habitantes.

Os que ainda não se misturaram são de pequena estatura e de constituição vigorosa, parecendo de índole afável e obsequiosa.

Vi uma igreja na aldeia, mas o padre estava ausente durante o tempo de minha visita.

Na manhã do dia 28, a segunda depois de nossa chegada, de novo dei um passeio pela ilha e no centro dela encontrei um grande tracto de terra, coberto de uma espécie de *opuntia* muito espinhosa, cheia de cochonilhas. Colecionei diversas espécies de *viscum* e *loranthus*, que cresciam nos ramos de árvores de *mimosa* e *zizyphus*; por sua vez, as praias arenosas ao sul da ilha depararam-me abundância de *ehrenbergia tribuloides*, Mart., e uma espécie de *zornia*. A manhã estava relativamente fresca, mas o dia foi calmoso e abafadiço, com termômetro a 96° à sombra. Como a brisa só começou a soprar às seis da tarde, ficamos detidos mais uma vez. A volta da brisa foi acompanhada de um curioso fenômeno atmosférico. O sol descambava no poente com um avermelhado de fogo, cingido por bulções de nuvens rubras, ao mesmo tempo

que do oriente se via mover-se enorme massa de vapor que, vista à distancia, mais parecia fumo de um grande incendio. Essa massa veiu vindo vagarosamente, tangida pelo vento, até que chegou onde estavamos, a ponto de que podiamos ver enquanto passava, as pequeninas vesiculas de que se compunha. Por cerca de cinco minutos o vento era tão quente, que todos se apressaram em esconder-se delc. Dentro em pouco, porém, voltou a sua frescura habitual. Perguntando eu ao velho cacique se era frequente aquele fenômeno, respondeu-me que o era no começo da estação chuvosa, acrescentando que longa experiencia lhe havia ensinado que era tambem precursor de grande temporal.

No dia seguinte, primeiro de março, deixámos a ilha pelas cinco e meia da tarde. Ainda não haviamos viajado uma hora, quando para os lados do nordeste o céu se cobriu de escuras nuvens, precursoras de imminente tempestade. Estavamos então quasi no meio do rio, que era de cerca de uma légua de largura; e, como a tempestade se aproximava com grande ímpeto, o capitão da barca deu ordem immediatamente que a dirigissem para a margem do norte; mas, antes que tivesseamos vingado essa distância, foi a embarcação apanhada por uma rajada de vento que quase a virou de lado. Como a agua a invadissee em jorros, a tripulação perdeu todo o domínio de si, gritando um que se fizesse isto, outro que se fizesse aquilo, sem que afinal nada se fizesse. A parte inferior da vela a sota-vento estava dentro dagua, conservando abaixada a beira da canôa; e, se não fossem os meus esforços, bem com os do meu camarada Pedro, agarrando o cabo pelo qual a extremidade da longa trave é içado ao topo do mastro, assim levantando dagua a canôa, esta, sem sombra de dúvida, seria invadida pelas ondas, e todos, inevitavelmente, nos teriamos afogado. Estavamos ainda a alguma distância da margem, e a tempestade dominava com toda a furia, as ondas batiam de encontro à amurada de barlavento,



enquanto o lado de sotavento era invadido pela agua. Entrementes as velas se haviam desmantelado e, vendo o perigo de conservar por mais tempo a bordada para o vento, o mestre deu ordem para dirigir a canôa para o outro lado do rio, no sentido do vento. Navegamos assim em direção obliqua quasi tres milhas antes que chegassemos à margem sul e, durante este terrivel intervalo de tempo, o ventó, a chuva, os relâmpagos e trovões eram tais como eu nunca antes arrostára. Estava inteiramente escuro, mas os coriscos, ora bifurcados, ora em lençoes de de fogo, produziam, de quando em quando, uma luz quase tão intensa como a do meio-dia.

A canôa deu à costa entre algumas pequenas árvores, sendo amarrada a duas delas. A chuva continuou a cair torrencialmente por quase duas horas; e, como nos achavamos inteiramente expostos a ela, ficamos molhados até os ossos. Depois que a tempestade de todo serenou, notamos que tambem o vento caira, e, como não podiamos recommear a viagem, resolvemos voltar no sentido da corrente até a ilha de S. Pedro.

Assim fizemos, tendo de ficar em nossas roupas molhadas a maior parte da noite. Ao descermos o rio observei grande número de meteóros passando de nordeste para sudoeste na direção da tempestade. Os dois dias seguintes foram ainda de calmaria, com grandes trovoadas à tarde, de sorte que fomos obrigados a ficar todo esse tempo na ilha.

Um acontecimento mais sério, porém, ocorreu agora, para me deter no meio dos indios.

Um dia depois da referida tempestade, senti-me indisposto e febril e dois dias depois sofri um forte ataque de disenteria, que é molestia frequente nesta estação, e causada, sem dúvida, pelas súbitas mudanças de temperatura. Entretanto, começara a soprar um vento propício e, como eu estivesse doente de mais para prosseguir viagem, a

embarcação teve de partir sem mim. Fui assim deixado atrás em uma velha cabana, cujo solo se achava ainda úmido, por ter sido pouco antes inundado pelo rio. Aqui fiquei prêso à minha rede por cinco dias, durante os quais me senti tão mal, que perdi toda esperança do restabelecimento. De saúde robusta ainda pouco antes, fiquei reduzido em poucos dias a mero espectro, e mal me podia arrastar nas pernas quando consegui sair da rede. Senti grandemente a falta de minha caixa de remédios, que deixara em Maceió, por não querer, nesta excursão, sobrecarregar-me com bagagem. Meu único recurso, pois, era confiar-me aos remédios usados pelo povo. Vi por experiência própria que estes se limitavam ao óleo de rícino, que é, de ordinário, feito na ilha, e depois, *ad libitum*, uma forte beberagem de vinagre e açúcar branco. Havia na aldeia apenas uma venda onde se podiam obter estes artigos; mas, fóra estes, é estranho dizê-lo, só existia aguardente.

Nenhuma provisão de alimento se podia adquirir por consideração alguma; e, como em nossa longa permanência aqui havíamos esgotado todo o nosso estoque, ficamos reduzidos, eu e o Pedro, à condição quase de fome. Nem sequer um punhado de farinha se podia encontrar, e, se não fosse uma ou outra galinha fornecida por uma velha india, que bondosamente cuidou de mim durante minha doença, teríamos ficado em completa penúria. Enquanto ainda preso ao leito, mandei o Pedro a outra pequena aldeia a poucas léguas rio acima, para comprar, se possível, alguma provisão: mas ele voltou sem nenhum resultado.

Grande era minha pena por este pobre camarada, porque, estando de boa saúde, ele sofria muito mais que eu as torturas da fome. Entrementes, chegou por felicidade à ilha uma canôa com um pouco de farinha à venda; comprei então, quatro vezes mais caro que o preço usual, o que bastasse para nos levar de novo à Penedo, visto que já havíamos renunciado à idéia de continuar a subida do

rio. Os pobres moradores da ilha estavam também literalmente na mais completa penúria, apenas se alimentando do fruto da *geoffroya superba*, produto de uma pequena árvore bastante comum no sul da ilha. Chega à altura de quasi vinte pés e dá um fruto polpudo, mais ou menos do tamanho de uma noz, chamado pelos indios *umari*. Em quase todas as casas, quer de indios, quer de brasileiros, vi uma grande panela desta fruta em preparação, ou dentro de casa sobre um fogo aceso no chão, ou debaixo de uma árvore nas vizinhanças da casa. Assim que estão meio prontas para comer, grupos de crianças em completa nudez, e homens e mulheres semi-nús, sentam-se em roda da panela, cada qual munido de duas pedras, uma grande e outra pequena, para quebrar o caroço da fruta, depois de comida a parte carnosa. O miolo tem gosto um tanto semelhante ao do feijão cozido. Peixe é em geral o prato de resistência desta gente, mas é difícil apanhá-lo com o rio cheio.

Ao extremo oeste da aldeia ha uma grande e copada árvore de *zizyphus*, que se ergue solitária; e, como esta espécie de árvore conserva a sua espessa fronde o ano inteiro, procuram-lhe a sombra homens e animais nas horas excessivamente calmosas do dia. Debaixo de-la se viam aldeões de ambos os sexos, as mulheres agachadas sobre redes estendidas no chão e ocupadas em fiar com a roca uns grosseiros panos de algodão, usados principalmente para velas feitas de uma cera nativa, de côr amarelada. Os homens são muito menos industriosos que as mulheres: ou ficam em pé nos arredores, em completa ociosidade, ou se balançam em redes dentro de casa ou debaixo de alguma árvore.

Sob o grande *zizyphus* diversas redes se suspendem todas as manhãs e raro ficam vagas. Aos domingos as mulheres põem de lado a roca; mas logo depois da missa agrupam-se para jogar cartas e nisso se entretem o dia inteiro; e, como não jogam por dinheiro, servem-se de

grãos de feijão como tentos. Enquanto recobrava as forças para deixar a aldeia, também eu passei muito tempo debaixo desta árvore, ora escutando a conversa da gente, ora respondendo às mil e uma perguntas que me faziam sobre meu país e outras terras distantes. Eram perguntas às vezes bastante redículas e eu bem percebia frequentemente que minhas respostas eram tidas como pataratas, muito embora os meus interlocutores fossem em extremo delicados para me dizerem o que estavam pensando de mim. E não foi só em S. Pedro que observei este fato, ocorrido aliás até com pessoas respeitadas e de boa educação. Lembra-me ter estado conversando certa vez sobre navegação a vapor com o presidente de uma província do sertão, e, quando lhe disse que muitos dos navios de vapor ingleses eram agora feitos inteiramente de ferro, o homem não disse que não me acreditava, mas apenas ponderou que, “no Brasil, ferro deitado nagua sempre afunda”.

No dia doze de março despedi-me dos amigos indios e embarquei numa canôa que alugara para me levar a Penedo, após ter permanecido na ilha exatamente uma quinzena. Chegámos na manhã do dia quatorze ao nosso destino, onde tive o bondoso acolhimento do meu amigo juiz de direito. Na travessia descii várias vezes à terra afim de fazer coleções das diversas espécies de cactos, sempre abundantes nas margens do rio, onde quer que são formadas de rocha. Em um dos lugares de parada observei algumas belas árvores de *peltophorum vogelianum*, Benth. Esta árvore, que pertence à ordem das *leguminosae*, atinge a altura de cerca de quarenta pés e tem grande copa ramalhuda. As folhas são grandes, mas muito subdivididas e muito graciosas, mais parecendo a fronde de um feto que a folha de uma árvore. Os racimos de flores que aparecem na extremidade dos galhos têm por vezes mais de um pé de comprimento e as flores são de linda côr dourada. Vista a distância, a árvore é de aspeto mais lindo que o de quase todas as que tenho visto.

A canôa era levada rio abaixo pela força da corrente; mas à tarde e durante a maior parte da noite a brisa do mar soprou tão forte, que nos impedia o avanço.

Para vencê-la, os canoeiros lançaram mão de um recurso, que eu nunca dantes vira, de que nem sequer ouvira falar, e que, por isso, vou explicar em poucas palavras. Descendo em um sitio onde as arvores abundavam, puseram-se os homens a trabalhar, cortando grande quantidade de galhos, que eram fortemente atados por cordas, com uma das pontas em nó no meio do feixe, enquanto a outra se prendia à canoa. Dirigiram-se depois à parte do rio onde a correnteza era forte e atiraram nagua o feixe, que, sendo pesado por estar verde, flutuava pouco abaixo da superfície do rio, bem fora da ação do vento e recebendo, por isso, todo o impulso da corrente, de sorte que a canôa era levada rio abaixo com rapidez pouco inferior à que tivera quando rodávamos sob a calma do dia.

Demorei-me em Penedo oito dias e, graças à extrema bondade do juiz de direito, minha saude se restabeleceu rapidamente, permitindo-me fazer varias excursões ligeiras pelos arredores. O juiz é um dos poucos brasileiros com quem entrei em contacto e pelo qual nutro sentimentos de estima e respeito. Era homem superiormente inteligente, bem educado e com o curso da universidade de Coimbra. Era respeitado como juiz mesmo pelos litigantes brasileiros, por isso que suas opiniões e atos eram os de um espirito profundamente imbuido de benevolência. Quando viveu em Coimbra dera alguma atenção ao estudo da botânica, para o qual ainda mostravam pendor, embora se ativesse mais ao lado teórico que ao pratico. Conhecera M. Reidel e o Dr. Natterer, ambos os quais tinham convivido com ele ao tempo em que residira no Pará. Na companhia deste excelente cavalheiro, bem como na de seu irmão, padre da Baía, que então o visitava, no manejo de seus livros e em visita a algumas famílias da cidade, esco-

ou-se-me o mais agradavelmente possível o tempo de minha permanência alí.

Fui um dia a Vila Nova em visita ao Coronel Bento Mello Pereira, proprietário de grande plantação de açúcar. Depois de receber convite para voltar ao jantar, saí em visita à plantação, cerca de duas milhas de distância, mas quase nada encontrei que me compensasse o labor, porque o sol estava ardente e a terra sêca e arenosa. Cheguei de volta à casa antes das duas horas, tempo marcado para o jantar, verificando que mais duas pessoas, ambas do lugar, haviam também sido convidadas. O jantar, que era succulento e excelente, foi servido com alguma ostentação. Tínhamos cada um de nós um escravo para nos servir e, pouco antes da refeição, um pretinho nos trouxe agua para as mãos, em bacia de prata com grande bilha, também de prata. Trazia ao ombro uma grande toalha de enxugar. Depois do jantar levou-me o fazendeiro a vêr uma embarcação que estava construindo pouco acima da cidade. A barca, de cerca de cento e cinquenta toneladas, estava já quase pronta para ser lançada ao mar. Era destinada à navegação costeira, principalmente para o transporte de açúcar para a Baía. O madeiramento era de *páu amarelo e oiti*, que dizem ser as melhores madeiras para navios no norte do Brasil. Ignoro a que gênero pertence o *pau amarelo*; mas o *oiti* é a *moquilea tomentosa*, de Bentham, descrita pela primeira vez de espécimes que lhe enviei de Pernambuco.

Fez-se recentemente uma proposta para estabelecer navegação a vapor entre a costa e as províncias centrais do Brasil pelo rio S. Francisco. A uma simples inspecção do mapa desta parte do Império pareceria que a natureza oferece todas as facilidades para a realização desta especiosa proposta: uma comunicação fluvial, facil e barata. embora um tanto sinuosa, pode ligar o mar dos confins da provincia de Pernambuco às terras ricas e comparativamente bem povoadas das zonas interiores de mineração e

diamantes que se acham separadas dos grandes mercados do Rio e Baía por altas barreiras de montanhas, sempre de difícil acesso, e onde os meios de transporte são cansativos e dispendiosos. Tenho grandes dúvidas de que este plano possa ser levado a efeito, pelas razões ponderosas que vou aduzir. Em primeiro lugar, a barra na embocadura do rio, de cerca de duas léguas de largura, é sempre batida de fortes vagas, e raro tem mais de quatro pés de profundidade. Depois, na cachoeira de Paulo Afonso, ha uma série de corredeiras e quedas, numa extensão aproximada de sessenta milhas, criando sérios embaraços ao progresso da navegação. Por último, ha nas zonas intermediárias uma população mui escassa e que não tem probabilidade de crescer, por causa da natureza inospita da maior parte do interior. Por tudo isto o total dos productos a serem levados para a costa teria de ser, necessariamente, insignificante, de sorte que a empreza, ainda que praticável, nunca seria um successo financeiro.

Fosse o interior da zona central do Brasil tão fértil como a imaginam os que nunca a visitaram, e poder-se-iam alimentar esperanças de que se tornasse de futuro um opulento centro agrícola, como o é a faixa ao longo da costa. E só assim valeria a pena empreender a realização de communicações mais fáceis. Enquanto, porém, aquella zona fôr, como agora é, um vasto tracto de terra apenas adequado à criação de gado, não é de crer que brasileiros, pelo menos, ponham dinheiro numa tentativa de tornar navegavel o S. Francisco. Poderá talvez aventurar-se em tal tentativa uma companhia inglesa, em períodos de contagiosas especulações, porque alguns dos recentes e mal succedidos planos que tais, no Brasil, foram ainda mais absurdos. Haja visto aquele monumento de tolice, que se chamou Companhia do Rio Doce.

Dizem que os norte-americanos, nomeadamente os que se encontram em aglomerados remotos, são notórios por seu espirito inquiridor. Parece, porém, que o defeito é

comum e geral entre quantos se acham privados de frequentes relações com estranhos. Curioso exemplo do fato ocorreu poucos dias depois de meu regresso a Penedo. Eu trouxera carta de recomendação a um senhor aqui residente e que morava em companhia de um irmão casado. Eram da gente mais respeitável do lugar. Posto que não fossem ainda onze horas da manhã, encontrei a senhora, que por sinal era extraordinariamente bonita e elegante, a jogar cartas com o marido, ela reclinada em uma rede, ele sentado em uma cadeira ao lado. Era evidente que ela estivera fumando, pouco antes, porque um longo cachimbo jazia ao seu lado e o soalho trazia fortes indícios de excessiva salivação; além do que, fumar é distinção quase universal entre as senhoras elegantes do interior do país. Fizera-me sentar e, sem transição, fui logo crivado de perguntas pela boa senhora, que era de grande volubidade de lingua. Entre um dilúvio de outras, citarei estas: De que país é o senhor? Como se chama? Que idade tem? É médico? É casado? São vivos os seus pais? Como se chamam eles? O senhor tem irmãs? Como se chamam? E irmãos? Como se chamam? Têm todos os seus patricios olhos azues? Ha igrejas e padres em sua terra? Ha bananas e laranjas? E mil outras perguntas que tais. Mas, se ela era assim curiosa de conhecer minha vida, não estava menos disposta a contar muita coisa que lhe dizia respeito. Assim me informou que se casara com dezenove anos, fazia agora cinco, e que neste período de tempo dera anualmente um filho ao marido, todos vivos, com uma só exceção.

O marido, disse-me, tinha trinta e seis anos. Pediu-me que lhe tomasse o pulso, que ele sempre se queixava de má saúde. Logo vi que seu mal era dispepsia, um dos mais frequentes no Brasil, oriundo, sem dúvida, do excesso de alimentação e da ingestão de substâncias pouco digestivas, além das pesadas cêias em que se comprazem. Tive depois de lhe tomar o pulso, também a ela, que me pare-



ceu realmente satisfeita quando lhe disse que o tinha excelente. Tornei-me depois bastante íntimo da família e em sua companhia passei muitas horas agradáveis. O irmão a quem eu trouxera cartas de apresentação era homem bem educado, inteligente e exercia a profissão de advogado.

Na tarde do dia 21 despedi-me do juiz e dos outros amigos de Penedo e entre oito e nove da noite embarquei numa canôa que alugara para me levar a Piassabuçú, onde cheguei após uma navegação de pouco mais de quatro horas. Como não tinha casa a onde ir, fui obrigado a passar o resto da noite na canôa, atormentado pelos mosquitos, tão abundantes que tive de ir para a praia alta madrugada e ali ficar andando até que o dia amanhecesse.

A casa em que dormira da primeira vez que passara pela Vila estava agora vaga, mas tive licença de ocupá-la e, como não pude conseguir carro que me levasse a Peba senão no dia seguinte, aqui tive de me deter mais tempo do que pretendia.

Utilizei o intervalo em umas poucas excursões nos arredores, acrescentando várias novas plantas à minha coleção.

Chegando a Peba, ocupei a mesma choça em que estivera antes, aí permanecendo até que pudesse alugar uma jangada que me conduzisse a Maceió.

A que tomei era grande e boa e ainda não tinha estado no mar; e, na manhã de 26, tendo feito transportar para bordo toda minha bagagem e coleções botânicas, encetamos viagem. Peba é, segundo me pareceu, quase, se não tão pobre, como a Ilha de S. Pedro, não se encontrando ali nenhum artigo de provisão para comprar. Os habitantes vivem quasi todos da pesca e alimentam-se principalmente de peixe e farinha. Má colheita de mandioca, seguida de insucesso na pescaria, lançara-os em penuria e fome. Na véspera da partida o Pedro conseguiu comprar um frango e, quando embarcamos, toda a nossa provisão

de boca era uma asa de frango e uns côcos ainda verdes. Antes de partir, o dono da canôa mandou comprar feijão ou farinha em Piassabuçú, para alimentar os seus homens, mas lá nada havia para vender, de sorte que os seus tres tripulantes tiveram de contentar-se com côco verde.

Choveu o dia todo, mas a parte alta da jangada onde me deitava era bem coberta com folhas de coqueiro, de modo que a chuva pouco me incomodou. À noite não arribámos, como é costume com estas embarcações, porque os canoeiros estavam tão anciosos como eu por chegar a Maceió. Todavia, como o vento era fraco, pouco avanço fizemos.

Ao outro dia ainda os ventos eram fracos; mas, tendo refrescado ao entardecer, chegamos a Maceió pelas 8 horas da noite. As ondas, porém, rolavam tão altas na praia, que não consenti que a jangada arribasse, porque minhas coleções se estragariam irremediavelmente. Os jangadeiros queriam que eu ficasse a bordo até que a maré baixasse. Mas eu, que já tinha cortido muita fome durante a viagem para pensar em esperar mais tempo, saltei naguá com o Pedro, imediatamente depois de uma vaga que passara, chegando à praia antes que outra nos alcançasse, embora completamente molhados. Deixando tudo a bordo para ser desembarcado no dia seguinte, encaminhei-me para a residência do Mr. Burnett, à distância de uma milha, lá chegando justamente à hora do chá. Tendo trocado de roupa, reconfortei-me com a excelente refeição, a primeira que tivera nos últimos dois dias.

Desejando conhecer a cidade de Alagoas, fiz os preparativos para a visita e parti de Maceió a 31 de Março. A cidade está situada ao sul de um grande lago, que entra na terra umas quarenta milhas, e dista cerca de vinte de Maceió.

Ha uma estreita entrada para o lago do lado do mar, duas léguas ao sul do lugar referido. Ainda mais para o sul ha outra enseada, que segue na direção do norte até

uma milha da cidade e por meio de um canal que se abrisse podem agora as canoas aproximar-se até curta distância das casas. Acompanhado de um jovem camponês, tomei à meia-noite uma canoa ligeira, com a idéja de chegar a Alagôas de manhã bem cedo, evitando assim a exposição ao sol durante o calor do dia. O Pedro era o nosso único remador. Servia-se de um varejão, ao modo costumeiro de propelir canoas, porque o lago é extremamente raso.

Assim que começamos a deslizar no canal, deitei-me ao fundo da canoa para dormir; mas foi impossível conciliar o sono, em consequencia das miriades de mosquitos e pernilongos que enchem os ares entre os mangues abundantes nas praias arenosas.

Pelas 8 horas da manhã avistamos a cidade que se acha situada em posição um tanto elevada; e, como suas casas são bastante grandes e entremeadas de muitas igrejas e altas mangueiras, ostenta uma aparência realmente encantadora quando vista de longe.

Descemos à terra uma hora depois. Como não trouxera nenhuma carta de apresentação, despachei o meu Pedro à procura de casa onde pudessemos ficar até o outro dia.

Ele só voltou uma hora depois com a informação de que nada se podia obter, coisa que não me mortificou em excesso, visto que já descobrira ali perto uma velha habitação, com o qual poderia contentar-me, mesmo porque o tempo estava ótimo, e o de que precisavamos era só sombra.

Precisamente, porém, quando iamos carregar para lá nossa bagagem, o dono de uma casa vizinha, percebendo que eramos estranhos ao lugar, convidou-nos a hospedar-nos com ele, convite que aceitamos com alvoroço, não só porque gozariamos de mais conforto, como porque teríamos mais liberdade de passear nos arredores.

Como quase todas as outras cidades que visitei no Brasil, Alagôas tem muito melhor aparência de longe que de perto. Como aconteceu em Penedo, parece que Alagoas

foi outrora muito mais florescente que agora; porque a expulsão dos portugueses deu em sua indústria golpe mortífero, de que tão cedo não se recobrará. As casas são quase todas feitas de pedra; muitas delas são o que se chama *sobrados*, por terem mais de um andar, porém estão, em geral, caindo em ruína. E até as ruas principais se apresentam cobertas de grama e ervas daninhas e com aspeto solitário. As mais belas construções são as igrejas e os conventos. Ha oito igrejas e dois conventos. Como é a séde do governo provincial, o presidente lá reside. Mas, sendo Maceió o principal centro de comércio, ha lá uma casa do governo, para receber o seu presidente em suas visitas, que são frequentes para a realização de negócios. A população de Alagôas é de cerca de seis mil almas.

As principais produções da região que circunda Alagôas são açúcar, algodão e um pouco de mandioca. Ao tempo de minha visita ouviam-se muitas lamentações pela escacês de mantimentos; mas é impossível sentir grande simpatia com a gente pela sua penúria, quando se sabe que só por sua própria inercia não se colhe mandioca sufficiente à sua própria alimentação e até para exportar para outras partes do país. Ha abundância de terras baldias em volta da cidade que se prestam com pouco trabalho à cultura desta planta; mas é tal a indolência da gente, que, com todas as facilidades ofrecidas pelo solo, se contenta com obter escassamente o necessário para o uso immediato e raro lança o pensamento até o dia de amanhã. Para os lados de cima do lago, dizem que a zona é muito mais fecunda que ao pé de cidade, e para lá, com efeito, é que se fazem as maiores e mais produtivas plantações de açúcar e algodão. A lagôa não tem fundo sufficiente para a navegação de barcas de qualquer dimensão e todo o tráfico entre o mar e a cidade se faz em canôas ou em uma espécie de embarcações veleiras, de fundo chato, chamadas lanchas. Do lado oposto à cidade o lago tem de largura aproximadamente uma

légua, a agua é perfeitamente doce e produz abundância de excelente peixe, que constitue a parte principal da alimentação do povo, a quem se vende a baixo preço.

Muita madeira de qualidade das zonas altas é lançada ao lago, pelo qual desce boiando ao longo da côsta para ser exportada.

As duas pontes de madeira de Pernambuco são em grande parte construídas desse material.

Em minhas digressões pelos arredores encontrei diversas espécies de plantas ainda não vistas por mim. Em pequeno regato de aguas admiravelmente límpidas viça com abundância a curiosa *cabomba aquatica*, planta extremamente interessante ao botânico, visto como, tanto em habito como em estrutura, forma um élo de transição entre o *ranunculus* e o golfão. No mesmo riacho colhi igualmente espécimes de *marsilaea*, uma *pontederia* de flor de azul pálido e uma *nymphaea* de grande flôr branca, diferente da que cresce no lago de Olinda. Em agua salobra, um pouco acima de Maceió, aparece em grande quantidade um *potamogeton*, que, em comparação, não parece diferir do *P. pectinatus* britânico.

Regressámos de Maceió de dia e observei que as praias são abundantes em mangles, principalmente *rhizophora mangle*, que atinge aqui a muito maior tamanho do que tenho visto alhures, sendo algumas árvores, pelo menos, de trinta pés de altura, com tronco proporcionalmente grosso.

Apresenta um curioso aspecto: as grandes raízes sustentam o tronco à altura de vários pés acima da agua e curvam-se para fóra e para baixo. Se não se lhe visse o verdadeiro topo, dir-se-ia que a árvore se tinha voltado de cima para baixo. As compridas radículas flutuantes das sementes são também notáveis por serem lançadas ao solo enquanto o fruto ainda se acha preso à arvore-mãe.

O lenho desta árvore, que arde perfeitamente, mesmo verde, é largamente empregado como combustível.

No Maranhão quase não se faz uso de outro.

Na manhã de vinte de abril parti de Maceió em pequena embarcação carregada de algodão e cheguei a Pernambuco na tarde de vinte e quatro, levando comigo o Pedro, que se comprometera a acompanhar-me na viagem pelo interior.

O único fato digno de interesse que observei durante a travessia foi um modo de pescar inteiramente novo para mim. Ao entardecer do terceiro dia, enquanto corriamos entre o recife e a praia, a embarcação encalhou num banco de areia, estando a maré em meia-vasante.

Havendo-me deitado a dormir no convés, acordei pelas nove horas e fiquei surpreso de ver grande número de luzes a moverem-se rapidamente entre a praia e o recife, até onde a vista alcançava.

Os homens de bordo dormiam agora a sono solto; mas, com a maré em vasante e o chão em torno enxuto, caminhei para as luzes mais próximas e vi que pertenciam a um homem e um menino, ambos nus, cada qual com uma tocha na mão esquerda, uma faca na direita, pequeno cesto suspenso ao pescoço por um pedaço de corda. Logo compreendi que estavam empenhados em matar os peixinhos que a maré deixara nas poças d'agua no interior do recife.

Avançavam com certa rapidez, segurando a tocha rente d'agua, e assim avistavam os peixes, do tamanho, quando muito, de tres polegadas, e que, quando avistados, eram instantaneamente feridos com a faca, pegados e recolhidos ao cesto. O homem da tocha disse-me que tudo quanto esperava apanhar mal daria para a ceia das pessoas de que se compunha sua familia. Quando a maré voltou, viam-se as luzes recuar na direção da praia e pouco a

pouco extinguir-se. A madeira de que se fazem as tochas é de uma grande e bela espécie arborescente de *bignonia*, a que os brasileiros dão o nome de *pau-d'arco*, pelo fato de ser usado pelos índios para fazer seus arcos. Racham a madeira em finas lascas, que se juntam e amarram umas às outras e que, acesas, dão uma luz muito clara. Quando o óleo de mamona era menos cultivado que agora, aquela espécie de luz era largamente empregada pela gente de toda a zona, até nos engenhos de açúcar e outras obras.

## CAPÍTULO V

### CEARÁ

*Pernambuco a Crato — O autor parte de Pernambuco em navio costeiro — Descrição da viagem — Toca no Cabo de S. Roque — Chega a Aracati — Porto marítimo da província do Ceará — Descrição da cidade — Seu comércio — Tôda a província sujeitas a grandes secas — Começo de jornada no interior — Passa a Vila de S. Bernardo — Aridez da região — Catingas — Chega a Icó — Descrição da cidade — Continuação da jornada — Vila da Lavra da Mangabeira — Abandono da lavagem do ouro — A zona começa a progredir — Chega à Vila do Crato — Descrição da cidade — Baía — Nível moral dos habitantes — Plantações de açúcar — Processo de manufaturas — Açúcar mascavo formado em tábuas de rapaduras e assim usado em tôda a província — Condições da agricultura nos arredores — Produtos da região — Serra de Araripe — Diferentes espécies de madeira — Frutos silvestres — Tribus nômades de ciganos — Grandes festas religiosas — Clima — Doenças.*

Em minha volta de Maceió o Dr. London, que então se achava na cidade, ofereceu-me generosamente o uso de sua casa de campo, onde permaneci de fins de abril a princípios de julho. Quando para lá fui, apenas começada a estação das aguas, pude observar o extraordinário efeito que umas poucas chuvas haviam produzido na vegetação. Três meses antes, quando de lá partí, deixára murcha e queimada tôda a vegetação rasteira, enquanto as próprias arvores tinham uma côr pardacenta e aparência doentia. Agora, porém, tudo estava renovado e verdejante. A grama e as plantas herbáceas alastravam-se pela superfície da terra, rebentando em flores, Árvores e arbustos vestiam-se das galas do verão e o verde quente das folhas casava-se aos variegados matizes das flores. A estação chuvosa começa geralmente aqui em fim de abril e



prolonga-se até meados de agosto. A princípio, as chuvas caem em fortes bâtegas, acompanhadas de raios e trovões, mas ao depois se tornam mais frequentes, durando meio dia, ou dias inteiros, ou mesmo vários dias sucessivos, com mui curtas intermitências, tendo sido de trinta e seis horas o período máximo de duração que observei. Nesta época, por causa da planura do terreno, os caminhos ficam de tal modo encharcados, que é impossível andar a pé; e a atmosfera satura-se de umidade a ponto que tudo se reveste de uma camada de bolor azul: até os livros, se não são expostos à primeira luz do sol, se cobrem de mofo, estragando-se.

Como era impossível andar muito lá fóra, ocupei o tempo em pôr em ordem e empacotar minhas coleções feitas em Alagôas, como preparativos para a viagem ao interior, e em dissecar e estudar a estrutura de numerosos animais encontrados nos arredores. Também tratei de me inteirar de qual era a melhor rota para a viagem projetada. Os que tinham percorrido o interior recomendavam-me convictamente que fosse por mar até Aracatí, cidade da província do Ceará, a dois graus e meio ao norte de Pernambuco, e desse porto partisse para o interior, porquanto as estradas eram um tanto melhores que as que partiam de outros lugares da costa, e mais baratos os cavalos. Resolvi, pois, adotar êste plano, do que não tive, no fim de contas, motivos de arrependimento. Tive as melhores informações por parte de dois comerciantes portuguezes, de nome Pinto, residentes em Icó, grande cidade do interior da província do Ceará e que tinham vindo a Pernambuco a fazer compras, como era seu costume, cada dois ou três anos. Eram a gente de maior influência naquela zona, pelo que me considerei feliz em travar conhecimento com eles. Para transportar suas mercadorias para Aracatí, haviam fretado uma pequena escuna e eu adquiri passagem para mim e meu camarada na mesma embarcação. Poucos dias antes da partida, acompanhado do Vice-Consul Mr. Go-

ring, H. B. M. procurei o Vice-Presidente da província, o Senhor Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque (o presidente achava-se ausente no Rio), com o fim de obter o meu passaporte. Fomos atenciosamente recebidos, embora com menos franqueza que quando visitei o finado Presidente Camargo. O senhor Albuquerque é homem de grandes haveres e pertence a uma das principais e mais antigas famílias do norte do Brasil. Além do passaporte, mandou-me no dia seguinte cartas de recomendação ao Presidente do Ceará e ao do Piauí.

Após uma delonga de alguns dias, embarquei ao meio dia de 19 de julho na escuna *Maria Luisa*, de cerca de cem toneladas. A escuna ia grandemente carregada, com a cabina, a coberta, o porão, tudo abarrotado de mercadorias. Eramos, ao todo, dezeseite passageiros a bordo, e fora igual número de criados ou escravos negros. E todos traziam consigo grande bagagem, de sorte que tôda a coberta da escuna estava repleta de malas e pacotes amontoados em cima um dos outros, mal deixando livre o espaço necessário ao piloto. Dos lados havia dois compartimentos com aparência de canil, e que serviam de leito aos irmãos Pinto, enquanto os demais passageiros eram obrigados a arrumar-se como pudessem no convés, ao ar livre, porquê embaixo não havia lugar algum, mesmo para tomar as refeições. E assim cada qual procurava o melhor canto onde sentar-se ou deitar-se. Por mim, não pude obter melhor alojamento que em minhas próprias malas, sôbre as quais era forçado a passar a noite, muito embora uma fosse mais alta que outra, tornando-se, porisso, um leito incômodo.

Tudo isto ainda se agravou pelo mau tempo; porque, apenas deixáramos o porto, começou a chover copiosamente e contra a chuva não havia proteção, salvo a que me dava o poncho e o guarda-chuva, o que quer dizer que dentro em pouco me achei inteiramente em sopa.

Bem se imagina minha lastimosa situação,

Se outras viagens haviam sido desagradáveis esta era de todo ponto calamitosa. E meus sofrimentos subiam de ponto pelo enjôo do mar, do qual sempre fôra livre, mas que desta vez duramente me atacou nos primeiros dois dias, infligindo-me grande incômodo, agravado ainda pela contiguidade dos companheiros de viagem. Em qualquer circunstância não há mal que tão inteiramente abata o corpo e o espírito; mas, na minha situação do momento, ora exposto ao sol ardente, ora à pesadas chuvas de que não me podia abrigar, a sensação do mal estar grandemente se agravava. Mas, na tarde do segundo dia, sentia-me tão melhor, que me foi possível sentar-me e na manhã seguinte tomar algum alimento. Até então só havia comido laranjas, alimento aliás, dos mais agradáveis aos que enjoam no mar. Alguns de meus companheiros, menos felizes que eu, continuaram a sofrer até o fim da viagem.

Por minha passagem e do meu criado negro paguei vinte e seis mil réis, equivalente a três libras e cinco xelins, incluído o alimento. Este era regularmente servido do topo da meia-laranja, três vezes ao dia, pelo capitão. E eu me divertia deveras com as cênas que então se viam: cada qual se precipitava, para a frente a receber sua porção, vendo-se às vezes grupos de dois, três, quatro a comerem do mesmo prato com as mãos. Havia uns poucos de garfos e facas, em número muito menor que o dos passageiros, e porisso, ficaram com os que primeiro eram servidos.

A refeição consistia principalmente de picadinho de carne de sol cozida com arroz, a que se juntava pela manhã e à tarde, uma xícara de chá e, ao jantar, uma garrafa ou duas de ordinaríssimo vinho tinto.

Um dos meus companheiros de viagem era um tipo demasiadamente notável para que eu deixe de lhe fazer menção especial. Era um sujeito de uns trinta anos de idade, delgado de corpo, ativo, sofrivelmente bem vestido, com uma expressão de face, que denotava extraordinário

desenvolvimento do órgão da linguagem, como vi plenamente confirmado. Parecia bem conhecido dos passageiros e disfarçava o tédio da viagem com suas divertidas e extravagantes histórias, para o que possuía grande talento, nem me lembra ter ouvido a ninguém que o excedesse neste dom. Era chamado a cada passo para cantar, acompanhado de guitarra por um moço que a tocava bem.

Contou-me que era natural de Pernambuco, e tinha visitado Lisboa e conhecia todos os portos marítimos entre Buenos Aires e o Pará, descrevendo-me muitas das aventuras que lhe tinham sucedido.

Ao contar suas histórias sentava-se de pernas cruzadas sobre a meia-laranja, e enquanto falava, fazia rir aos companheiros em estrondosas gargalhadas.

As aventuras de Gil Bras eram nada em face das suas, sendo bem provável que, em máxima parte, fossem elaboradas de improviso.

Cerca das doze horas do dia seguinte passamos pelo Cabo S. Roque e à tarde lançámos âncora em pequena baía no interior do recife, a pequena distância de uma escuna de aparência suspeita, que sem dúvida ali entrara para desembarcar um carregamento de escravos, pois que era improvável que ali se achasse por qualquer outro fim. Bem cedo na manhã seguinte, dali partimos, prosseguindo em nossa viagem com as monções do sudeste, que sopravam muito frescas no momento.

O tempo tornára-se então muito mais belo, e eu, deliciando-me com a doce variação, podia observar a natureza da costa, da qual às vezes nos aproximávamos à distância de tiro, e que, com exceção de algumas poucas colinas de areia branca, quase despidas de vegetação, parecia extremamente plana. Por volta das doze horas do terceiro dia chegámos à barra do Aracati; mas, como era então a hora da vasante, rasa de mais para que pudessemos entrar, tivemos de focar de fora até quatro horas, quando veio a bordo um piloto, que nos levou às águas profundas e plá-

cidas da fóz do rio, barra a dentro, onde ancorámos por essa noite, sendo visitados por um official da alfândega, que se mostrou mais meticoloso no exame de minha bagagem que na de qualquer dos outros passageiros. Findo o exame e exhibido meu passaporte, tive permissão de alugar um bote para me levar à cidade, situada a doze milhas rio acima, visto que a escuna não podia sair senão no outro dia.

O rio sobre o qual está Aracatí chama-se Jaguaribe e tem cerca de uma milha de largura um pouco acima da barra. Por longa extensão a margem ocidental é comparativamente alta, mas a oriental é baixa em todo o percurso até a cidade. A parte inferior da margem de oeste é um tanto densamente coberta de pequenas arvores, mas as arvores do mangue são também numerosas em uma e outra margem. Legua e meia abaixo da cidade surgem em grande quantidade as palmeiras de carnaúba (*corypha cerifera*, Mart.). Esta palmeira, da qual atravessei depois imensas florestas, atinge a altura de vinte a quarenta pés e, além de ser a mais abundante, é também uma das mais belas dentre as de igual tamanho. Os troncos das mais novas são em geral inteiramente cobertos de folhas; mas à medida que as arvores envelhecem as folhas inferiores caem, deixando apenas no alto um tufo que se dispõe em fôrma de bola perfeita. As folhas são em fôrma de leque e em nada diferente das da palmeira das vassouras, da Europa meridional.

A cidade de Aracatí ergue-se na margem leste do rio e consiste quase só em uma longa e larga rua. Contém quatro belas igrejas e suas casas são geralmente de dois andares. A população é de cerca de cinco mil almas, em maioria gente paupérrima. Grande quantidade de carne seca se preparava aqui em tempos idos para exportação para outras partes do Brasil; mas este comércio tem declinado grandemente, sendo atualmente algodão e couros os principais artigos de exportação. De algodão se exportam

anualmente cerca de cinco mil fardos de vinte e cinco mil arrobas e trinta e duas libras; de couros, cerca de dois mil.

Pouco algodão, porém, se cultiva perto da costa, sendo a maior parte dele, bem como dos couros, trazida do interior, ao fim da estação chuvosa, em grandes carros, geralmente puxados por seis juntas de bois.

No tempo das aguas os caminhos são intransitaveis; em tempo de sêca, não se encontra nem agua nem erva para o gado.

O rio corre perto da cidade e, quando lá estive, no fim da estação das aguas, tinha um pouco menos de um quarto de milha de largura; mas, na força das chuvas, atinge por vezes, doze pés acima do nivel ordinário, e então inunda a cidade.

Com exceção de uma colina situada a duas leguas e meia ao sudoeste da cidade e que se elevava a seiscentos ou oitocentos pés, bem como de uns poucos montes de areia perto da costa, a região em derredor é tão plana, que o horizonte é tal qual o do mar.

As casas são construidas com um madeiramento feito do tronco da carnaúba e os espaços tapados com tijolos. O tronco desta utilíssima palmeira é usado pelos habitantes para quase todos os fins a que se pode aplicar a madeira. E' de tal duração, que a parte inferior, particularmente dos troncos plenamente crescidos, dura anos e anos, mesmo quando exposta ao tempo. Por isso dele se fazem todos os currais do gado, cortando-se a madeira em sentido longitudinal.

As folhas empregam-se para grande diversidãde de fins, como colmo, albardas, chapéus, além de produzirem uma espécie de cêra, tirada das folhas novas, cobertas de uma flôr verde-mar, sacudindo-as logo que se desprendem da arvore. Cada uma dá cerca de cinquenta grãos de um pó esbranquiçado que, reunido em grande quantidade, se lança em uma panela e se dissolve ao fogo. Anos atrás grande porção dele foi mandado para Lisbôa, mas não

se lhe encontrou nenhuma aplicação util. Pelos brasileiros é às vezes usada para falsificar a cera comum. Em tempo de penúria as folhas novas são partidas e dadas a comer aos bois e cavalos e delas o povo faz para si, da parte inferior do tronco, uma espécie de farinha.

As chuvas aqui ordinariamente começam em fevereiro e duram até começos de junho.

Toda a província é, por vezes, sujeita a prolongadas sêcas, a última delas ocorrida no ano de 1825, durante a qual não choveu absolutamente. Grande foi o sofrimento resultante desta calamidade, de que o povo ainda fala com supremo horror. Gados e cavalos extinguiram-se e a perda de vidas humanas na província avalia-se em trinta mil dos habitantes. Gente inumeravel pereceu quando procurava alcançar a costa; animais selvagens e domésticos sucumbiam por falta de agua e de alimento.

Tem-se notado que tais sêcas ocorrem periodicamente.

Aracati era suprida, quando lá estive, com agua de qualidade toleravel, vinda de um pôço perto da cidade; mas esperava-se ter dentro em pouco ótimo suprimento de uma fonte situada cerca de uma légua de distância. Quem se empenhava nisto era um senhor Maia, natural de Gibraltar, e que se havia estabelecido desde muitos anos em Aracati.

Tendo obtido um privilégio do governo, construiu de tijolos um canal para a agua e, como a nascente está em nivel muito inferior ao da cidade, estava exigindo uma bomba de sucção para puxar a agua.

A agua que então se consumia da fonte próxima da cidade era vendida pelas ruas em pequenos barrís, levados em carrinhos quase sempre puxados por carneiros. O Senhor Maia contava compensar os seus gastos com o produto da venda da agua, que certamente, pela sua superior qualidade, teria de obter preferêcia.

Como em Maceió, há em Aracatí apenas um comerciante inglês residente, Mr. Miller, a quem eu levára cartas de Pernambuco e em cuja casa fui hospitaleiramente tratado durante a quinzena de minha permanência ali. Também levára cartas de apresentação a diversos brasileiros respeitáveis, de quem igualmente recebi inúmeras atenções, destacando-se, entre outras, as de apresentação a amigos seus do interior.

Além de me ocupar em preparativos para viagem, fiz várias excursões nos arredores, no decurso das quais obtive espécimes da maior parte das plantas em florescência e, entre estas, uma linda espécie de *angelonia* (*A. arguta*, Benth.)

Como os senhores Pinto iam enviar suas mercadorias para Icó em carros, obsequiosamente me consentiram que por êsse meio mandasse tôda a minha bagagem mais pesada. Com êste arranjo foi-me bastante comprar dois cavalos em Aracatí, animais dos melhores possíveis para viagem, e que apenas me custaram quatro guinéus cada um.

Tendo combinado acompanhar os senhores Pinto até Icó, partimos de Aracatí, a cavalo, na manhã de três de agôsto, debaixo de forte chuva, que, felizmente, logo cessou. Depois de havermos cavalgado por densa floresta de carnaubeiras em estrada arenosa e inteiramente plana, atravéssamos o rio a distancia de cerca de duas e meia leguas da cidade.

O váu chama-se Passagem das Pedras, nome sugerido pelo leito rochoso do rio. Constatei que estas rochas pertencem a série do gnaiss com estratificações quasi verticais, sendo a pouca inclinação que possuam para o este, na direção da colina acima referida, chamada serra de Averé, distante cerca de meia milha.

Fizemos alto para o almoço, às 9 horas, em um grande rancho à beira da estrada, ali estacionando até depois do meio-dia; porque, viajando no norte do Brasil, onde reina grande calor, sempre se dá descanso aos animais no meio



do dia, ao contrário do que se faz no sul, onde as marchas se fazem sem parada o dia todo. Durante todo o percurso da manhã só vimos terras baixas, conquanto em muitos lugares, em vez de arenosas, se apresentassem cobertas de cascalho e seixos de vários tamanhos, até o máximo de quatro pés de diâmetro, todos mais ou menos arredondados, e consistindo de granito, gnaiss e quartzo.

A grande massa de vegetação consistia de palmeiras de carnaúba, entremeadas de pequenas arvores, das quais a mais encontrada é uma espécie de *patagonula*, chamada pelos brasileiros *pau branco*, por causa da côr da madeira e que se emprega principalmente como combustível.

Ao passar, levantámos bandos numerosos de pombas, algumas delas não maiores que pardais, ao passo que outras igualavam aos nossos pombos caseiros. Recreando-se entre as folhas das palmeiras, observamos diversas espécies de papagaios e periquitos, além de grande variedade de passarinhos, entre os quais uma espécie numerosa, muito semelhante ao canário comum. Os sons emitidos por estes é naturalmente tão variado quanto às suas espécies, sendo particularmente desagradavel o da família dos papagaios, que lembra o da gralha inglêsa; mas a nota que particularmente me feriu os ouvidos foi o grito monótono e estridente do *bem-te-vi*, passaro que tem o tamanho, a forma e a côr do tôrdo.

Aquele nome lhe foi dado pela semelhança do seu grito com a frase portugûesa que ele repete continuamente "bem te vi".

Reencetando a jornada às três horas da tarde, através da mesma espécie de região, passámos ao crepusculo por uma pequena vila chamada de S. Bernardo, a dez leguas de Aracatí. Está construida em fôrma de quadrado, sendo o lado ocidental ocupado principalmente por uma bela igreja, a qual, erigida em uma vargem ornada de um ou outro *zizyphus* frondoso e palmeiras de carnaúba no meio

das casinhas brancas, oferece de longe um aspeto imponente.

Uma légua além da cidade pousamos em pequena casa à beira da estrada. Tôdas as casas desta parte da zona, que não se encontram dentro da cidade, teem na frente um copiar, debaixo do qual os viandantes geralmente pedem licença para fazer o pouso da noite, suspendendo suas rêdes aos ganchos que para isso alí estão. Logo que foram desarreados os animais da sela e descarregados os que traziam a bagagem, soltámo-los para pastar nas circunvizinhanças, com as patas dianteiras bem manietadas, afim de que não se extraviassem.

Na madrugada seguinte, sob um belo e límpido luar, de novo nos pusemos a caminho. Mas não tínhamos vencido mais de duas léguas, quando fui impedido de proseguir com os companheiros, por motivo de lastimavel engano de meu criado, que, na pressa da partida, em vez de pegar um de meus cavalos, pegára outro da mesma côr e tamanho pertencente a outro dono. E só depois que o dia clareou bem é que deu pelo engano. Tive de me deter no caminho e, pondo bagagem e tudo mais no alpendre de uma velha casa, despachar o Pedro em busca de meu animal.

Por volta das duas horas chegou êle, trazendo-o consigo; mas, como me sentia um tanto indisposto, resolví não ir para diante nesse dia. Como não havia outra casa perto, ficámo-nos na ruinosa habitação, que meu estado de saúde não permitu deixar ainda por dois dias.

Como a estrada em que viajavamos era a que conduzia ao interior do Ceará, bem como à região central do Piauí, muitos viajantes passavam pelo nosso acampamento. Carros cheios de algodão e couros desciam, enquanto outros, bem como tropas de cavalos, subiam carregados de mercadorias européias e de sal, que é raro e caro no interior.

Quando mais tarde viajei por algumas das regiões mais solitárias e menos habitadas das províncias interiores, havia dois artigos que sempre me pediam ao chegar a qualquer habitação: primeiro, pólvora; depois, sal. É que algumas dessas pobres criaturas vivem às vezes sem prová-lo de princípio ao fim do ano, secando ao sol a carne dos animais, depois de tê-lo cortado em delgadas fatias. Eu tinha de levar sempre comigo uma provisão de sal e não raro comprá-lo ao preço de três xelins a libra, quando por dez xelins podia comprar um boi gordo.

Ao europeu afeito a viajar com relativa segurança sem recurso ao porte de armas, o encontro com viajantes triqueiros, ares de salteadores, cada qual armado com pistolas, espada, adaga, faca e espingarda, dá idéia muito desfavorável da moral desta gente. Assassínatos e roubos são frequentes entre eles, raramente se verificando um sem o outro, e sempre por traição. Por tudo o que tenho ouvido e visto, não creio que se registre caso de um brasileiro enfrentar corajosamente o outro e exigir-lhe a bolsa. Talvez que uma das razões disso seja que êle sabe que o outro está armado de faca e por isso evita pôr-se ao alcance dela. Dos muitos assassínatos que se cometem no Brasil são quase todos fruto de inveja ou do rancôr político.

Só na tarde do dia 6 me senti bastante são para deixar o solitário acampamento e retomar o caminho, a passo lento, até onze horas da noite. A lua surgira às seis e brilhava com esplendor tal como eu raro tenho visto. O luar e a fresca da noite tornam agradabilíssima a viagem depois do sol posto, embora bem pouco proveitosa ao naturalista. No decurso de minhas extensas viagens tive por princípio nunca andar de noite, a não ser através de zonas decididamente desertas, afim de que não me escapasse à observação nada que oferecesse interesse. O caminho que percorremos essa noite, numa extensão de sete leguas, corta uma zona do sólo tão sáfaro como a da parte já trans-

posta, com exceção de uma série de baixas colinas cobertas de pequenas árvores e moitas.

Na parte plana, quase nada se via senão palmeiras de carnaúba, pau branco, um *zizyphus* e uma espécie de *aspidospermum*, árvore que cresce em grupos e a que os habitantes dão o nome de pereira: tem a casca grossa, que é usada em infusão para destruir piolhos e bichos que atacam o gado. Atravessámos diversas grandes vargens cobertas de arêia grossa, quase despida de árvores e cuja vegetação rasteira, brotada durante as chuvas, estava agora queimada de sol. O silêncio da noite só era quebrado pelos gritos de uma espécie de noitibó (*caprimulgus*) que em grande número esvoaçava em roda.

Pernoitamos na varanda de uma casa à beira da estrada, passando ao chegar ao pouso por um rebanho de centenas de ovelhas, o maior que vimos reunido no país, mas grandemente desfigurado pelo excessivo calor, com a pele inteiramente despojada de lã e coberta de pêlo curto, como o de boi. Por semelhante modo perdem às cabras o longo pêlo que lhes é peculiar nos climas frios, o que prova quanto a economia animal é suscetível de adaptar-se às diferenças do meio.

Na manhã seguinte cortámos uma zona ainda cheia de palmeiras de carnaúbas e de lagos de água doce repleta de patos selvagens e outras aves aquáticas, chegando finalmente a um povoado com diversas casas, perto do rio Jaguaribe, em cujos arredores algumas pequenas árvores de *cochlospermum serratifolium*, D. C., ostentavam lindamente as grandes flores douradas fulgindo ao sol como laranjas.

Aqui verifiquei que, por estarem mal ajeitadas as albardas, o lombo do animal de carga se esfolára a ponto de não poder mais levar o fardo; pelo que fui obrigado a alugar outro de um viajante que encontrei em caminho para Icó, com carregamento de sal, e que tinha animais de sobressalente.

Como o tempo estava bom, preferi alojar-me à sombra de copada figueira que se erguia a alguma distância de qualquer habitação, embora convidado pelo dono de uma das casas a aceitar a acomodação que nela havia.

Porque o homem cujo cavalo eu tinha alugado só podia partir no dia seguinte, fui obrigado, bem a contragosto, a esperar pelos seus arranjos. Logo após a chegada, mandei o Pedro procurar leite para o almoço, trazendo-me ele uma grande vasilha cheia, pela qual, disse, nada lhe haviam cobrado; e no correr da tarde iguais presentes me foram mandados por duas outras pessoas. Durante a estação das chuvas e mesmo por alguns meses depois, o leite é abundante e de excelente qualidade; mas depois não se encontra mais, durante os quatro ou cinco meses de seca, senão nas grandes cidades. Os habitantes fazem algum queijo, mas de manteiga nem cogitam: o leite que sobra do almoço, porque as vacas só se ordenham de manhã, fica de lado até a noite, coalhando-se ao calor do dia. Este prato, grandemente apreciado pela gente da terra, adoça-se com açúcar mascavo, a que chamam rapadura e que lhes vem da zona acima de Icó. A rapadura é feita em pedaços de umas seis polegadas de comprimento por tres de largura, e é duríssima. Por muito tempo fui obrigado a usá-la como sucedâneo do açúcar. Embora não a apreciasse muito no princípio, acabei por achá-la tão boa, que a preferia ao açúcar, como toda a gente desta zona, a quem ví muita vez fazer sua refeição só de rapadura com farinha.

A maioria dos habitantes dos lugares que então percorriamos era de criadores de gado; mas nenhum deles possuía tão numerosos rebanhos, como os que depois encontrei nas provincias de Piauí e Goiás.

Os mantimentos eram aqui muito baratos por causa da pouca procura: tinha-se um boi por vinte e cinco chelins e um carneiro ou cabrito por quatro ou cinco; e o

Pedro comprou uma boa galinha por cerca de cem réis e oito ovos por vinte réis.

Vi muito poucos algodoads, porque os habitantes só o cultivavam para o proprio consumo; tambem plantam mandioca, de cuja raiz fazem uma espécie de farinha grosseira, muito conhecida em todo Brasil, e que constitue, como a carne sêca, o forte da alimentação da gente.

A farinha ou se come sêca, e então tem a consistência de serragem de madeira, ou cozida duma forma a que chamam *pirão*, dissolvendo-o em agua quente, ou em leite, quando o ha em abundância.

No primeiro dia da viagem com o novo companheiro fizemos sete leguas de caminho, cinco de manhã e duas à noite. A vila de Icó fica na direção do sul, um pouco a oeste de Aracatí, de que dista cerca de duzentas e quarenta milhas. Os senhores Pinto fizeram em cinco dias e meio a jornada que me levou mais tres, num atraso que não lamentei, porque viajei mais à vontade, fazendo de caminho algumas coleções que não poderia ter feito, se os tivesse acompanhado.

Na jornada desse dia observei que a região se ia gradualmente elevando, sendo o solo, onde visível, de uma argila avermelhada, mas com grandes tractos cobertos de cascalho, que lhes dava a aparência de haverem sido outrora o leito de um imenso rio.

Em ambos lugares camadas de gnaiss formando altas lombadas apareciam na superficie, em estratificações quase verticais.

Meia hora depois da partida, passamos por um lago à esquerda da estrada, chamado Lagoa Grande, com uma legua mais ou menos de comprimento e outro tanto de largura, abundante de peixe e cheio de patos selvagens.

As palmeiras de carnaúba começavam agora a rarear, substituidas por uma vegetação de tipo exatamente oposto. Em sitios um tanto arenosos aparece frequente uma espécie de *cassia* ananicada, bem como duas ou tres espe-

cies de *croton*, estas já bastante ressequidas, como toda a vegetação herbácea. Nos lugares de cascalho o que principalmente se vê é uma especie de *evolvilus* ereto, com um pé de altura, pequenas folha se numerosas flores azues, que lhe dão muita semelhança com o linho comum. Em tractos mais elevados vêem-se matas formadas de árvores baixas e arbustos, principalmente uma especie subarborea de *mimosa* e um *combretum*. Estas matas, que os nativos chamam *caatingas*, são quasi todas decíduas, porque o calor e a sêca lhes causam o mesmo efeito que o frio nas regiões do norte. Não ha vêr aí grandes arvores; mas nas zonas mais descampadas é comum uma especie copada do género *chrysobalácúceo*, que oferece sombra aos viajantes, bem como aos animais que pastam nas imediações.

A sombra de uma dessas árvores parei durante a calma do dia e jantei parte de um lagarto verde que matára na tarde da véspera.

O resto da jornada, fizêmo-lo através de uma região muito semelhante á que já foi descrita; embora a paisagem se diversificasse por uma espécie de *zizyphus* sempre verde e umas poucas espécies de grandes cactos.

No dia doze o aspecto da paisagem ainda mais se modificou com o aparecimento de uma cadeia de montanhas que correm de sudoeste para nordeste, numa extensão de cerca de dezesseis léguas. Chama-se Serra de Pereira, assim denominada pelo número de árvores desse nome que dizem nela existir.

O aparecimento desta serra foi um regalo para os olhos já afeitos aos longos tractos de terra quase plana. Na tarde desse mesmo dia vi pela primeira vez uma tropa formada de bois com fardos ao lombo, cerca de uma dúzia, todos grandes e bem nutridos, caminho de Aracatí, para onde conduziam couros cortidos. Esse espetáculo se tornou depois comum. Quanto mais avançamos, tanto maiores se mostravam os efeitos da sêca, pelo que pouco me foi dado acrescentar às coleções botânicas. Entre as pou-

cas plantas que floresciam observei uma linda espécie de *angelonia* (*A. biflora*, Berth.) projetando longas vergonteadas de grandes flores azuladas, espécie ora comum nos jardins ingleses, graças às sementes que para lá mandei.

As aves são aqui tão pouco perseguidas pelo homem, que se viam bandos delas, papagaios, periquitos e outras, imóveis nos galhos das pequenas arvores sob as quais passavamos. Grous de várias espécies, bem como muitas outras aves aquáticas, não se arredavam das margens das pequenas lagoas senão quando os cavalos já lhes estavam bem perto. Quase o mesmo se pode dizer de duas espécies de aves de rapina, chamadas pelos habitantes gavião e gavião vermelho, os quais existem numerosos, vivendo da presa que se lhes depara. Por vezes enquanto descansavamos nas horas cálidas do dia, tomei da espingarda para atirar papagaios e rolas, que, guizados para o jantar, eram os mais saborosos que a costumada carne sêca, embora a carne seja escura, ressecada e rija. Algumas das rolas, como já dissemos, não são mióres que pardais. Uma da espécie tem por hábito pousar no tópo das casas, particularmente pela manhã, e ficar-se ali horas a fio emitindo um grito que sôa distintamente como *fogo pegou, fogo pegou*, frase que em portuguez significa *a espingarda negou fogo*, e parece uma exclamação de zombaria do passaro, bem aplicada às espingardas dos matutos, as quais raramente dão fogo. Bem desconfio que é o mesmo pássaro de que fala Water-ton sob o nome de *will-come-go* (\*).

Pouco antes de chegarmos a Icó encontrámos um bando de homens e mulheres a cavallo, surpreendeno-me ver as mulheres escarranchadas, como os cavaleiros, e que é

---

(\*) Traduzimos o trecho supra rigorosamente de acordo com o original inglês. Qualquer leitor vê logo que se trata de uma confusão mental do autor, que entendeu mal o conhecido nome de *fogo-apagou*, que é, pelo menos, o nome que se dá à rola aqui em S. Paulo. O que não se percebe tão claramente é onde e como foi êle cavar a interpretação de *espingarda que nega fogo*. N. do T.



novê vezes em dez a maneira de as mulheres cavalgarem no interior.

Quando cheguei a Icó já os meus amigos, os senhores Pinto, haviam gentilmente obtido uma casa para me hospedar. Por motivo de se ter partido o carro que trazia minha bagagem e ainda por outros imprevistos, fui detido por três semanas neste lugar, coisa tanto mais de lamentar por não poder eu aproveitar o tempo em consequência da sêca reinante nas vizinhanças dali.

A cidade de Icó, uma das principais do interior do Ceará, está situada em uma planície a léste do rio Jaguaribe, que toma aqui o nome de Rio Salgado.

A população é, ao que ouvi, de seis mil habitantes. A planície, bastante vasta, é limitada a léste pela Serra de Pedreira e ao oeste por uma cadeia de montes muito mais baixos. A cidade consiste em três ruas principais que correm quase no sentido norte-sul, cortadas por outras menores. As casas são feitas de tijolos, por não se encontrar nos seus arredores madeira de suficiente dimensão. Com exceção da meia dúzia, são todas terreas e branqueadas por uma espécie de greda abundantíssima na região montanhosa a umas trinta léguas para o oeste. A rua principal é larga, com algumas casas de comércio bem sortidas. Há quatro belas igrejas, um sólido cárcere, e um mercado em que se expõem diariamente à venda carne verde, carne sêca, farinha, sal, rapadura, abóboras, ananazes, melões, melancias, laranjas e limas. As frutas são trazidas de longe, porque os arredores nada produzem, secos e áridos que são, salvo no tempo das aguas, que são apenas quatro mêses. A pequena distância avistam-se as numerosas matas decíduas que se chamam caatingas, mesmo estas despidas de folhas, nada havendo, até onde a vista alcança, que mereça o nome de arvore. O próprio rio que, a julgar pelo leito, deve ser bastante largo durante as chuvas, era agora sêco, em muitos lugares, apresentando apenas,

aqui e além, profundos poços, abundantes de variadas espécies de peixes, que, entretanto, logo se extinguem.

Não obstante a grande população do lugar, não conta sequer um médico praticante, embora contenha duas farmácias bem providas de medicamentos. Grande parte dos habitantes são comerciantes que suprem o interior com mercadorias européias, recebendo em troca os produtos da terra que enviam para a costa.

Poucos dias depois de minha chegada aqui, fui visitado pela maioria da gente distinta do lugar, e, como logo lhes retribui a gentileza, em breve formei numerosas relações sociais. Um de meus mais assíduos visitantes era um velho sacerdote, muito curioso de saber tudo o que dizia respeito à Inglaterra. Uma de suas primeiras perguntas, foi se eu era ou não batizado e em que religião. E, como eu lhe respondi que era protestante, retrucou-me: — Ah! então o sr. é pagão!

Esta ignorância era igual à que prevalecia no meio de quase todo o clero inferior que encontrei nas províncias do norte. Tive grande custo em convencer meu interlocutor de que os princípios fundamentais de nossas respectivas religiões eram os mesmos; e, depois disso, quando perguntado sobre minhas crenças religiosas, limitava-me a dizer que era cristão, e isso era bastante para merecer respeito. Quando se tornou sabido que eu era médico, foram numerosas as consultas que me fizeram. A doença mais comum aqui, como em outras partes do Brasil, são as perturbações crônicas do aparelho digestivo, que frequentemente acabam em hidropisia e paralisia. São também comuns e disenteria, a pleurisia e a oftalmia, principalmente na estação sêca; produzidas, sem dúvida, pela grande diferença de temperatura entre o dia e a noite, diferença de que o povo mais se ressentia por causa das roupas leves que usa o ano inteiro. Não me lembra ter visto jamais usar flanela junto à pele, o melhor dos preservativos contra as súbitas mudanças de temperatura. Uma de minhas pacientes era a

esposa de um de meus amigos portuguezes. Embora se tratasse de moléstia perigosa, de que afinal succumbiu, o grande pesar da mãe, que a servia como enfermeira, era o estado de magreza a que a filha se via reduzida.

Gordura é, com effeito, o encanto principal da bela do Brasil e o maior elogio que se lhe pôde dirigir é dizer que está ficando, de dia em dia, mais gorda e mais bonita, coisa que cedo lhes acontece, à maioria delas, pela vida sedentária que todas levam.

Após uma quinzena, comecei os preparativos para deixar Icó, visto que desejava chegar o mais cedo possível à cidade de Crato, situada a cerca de cento e vinte milhas ao sudoeste, no sopé de uma das montanhas que separam as províncias de Ceará e Piauí, onde, ao que me afirmavam, minhas pesquisas seriam amplamente compensadas, porque o clima era muito mais fresco e a região bem irrigada pelos regatos das montanhas. Adquiri mais dois cavalos, aluguei um guia experiente e provi-me de quanto era necessário para a viagem, quando ocorreu um incidente que me impediu de partir. Na véspera do dia marcado para a partida um de meus cavalos desapareceu do pasto onde estava, se pasto se pode chamar um espaço coberto de grama sêca. Como o furto de animais é crime cotidiano no Brasil, estava pensando que o cavallo me fôra roubado, quando me informaram que ele apenas se extraviára em uma catanga próxima e logo seria achado. Mandeí à sua procura o Pedro e mais um homem conhecedor da zona, os quais só voltaram ao cabo de dois dias, sem nada achar, sem notícias sequer.

Perdida toda a esperança de recobrá-lo, dispunha-me a comprar outro, quando um homem, que tambem andava em busca de seus animais fugidos, contou ao Pedro que vira um animal com os sinais descritos, na Serra de Pereira, a três léguas de distância.

Para lá, pois, despachei o Pedro com seu companheiro, que estiveram de volta à noite, trazendo consigo o fu-

ção, que haviam encontrado a pastar em alta lombada, no meio de grande porção de avestruzes (*Rhea americana*). Foi este o primeiro de uma série de aborrecimentos que depois me sobrevieram em viagem, por motivo de extravio ou furto de animais.

Às vezes o animal é levado por alguém que deseja fazer uma curta viagem, reaparecendo um ou dois dias depois no lugar donde foi tirado. Outras vezes são levados e escondidos por uns poucos dias para, quando achados, renderem uma gratificação; e, ainda que certo deste embuste, nunca recusei pagar o preço exigido, para evitar mal maior.

Tudo, finalmente, pronto para a partida, despedi-me de todos os meus amigos, que me apresentaram os mais cordiais votos de prosperidade na jornada. Na véspera da partida inúmeros presentes me foram mandados para meu uso na viagem, potinhos de doces, biscoitos feitos de farinha de arroz ou de milho, frangos assados e outros quitutes, tudo segundo um costume quase universal no norte do Brasil.

Na noite do segundo dia após a partida de Icó chegamos à Vila de Lavras de Mangabeira, cerca de dez léguas distante. Um pouco além de Icó a estrada torna-se áspera, com altos e baixos no seu leito pedregoso, imprestável, por isso, ao trânsito de carros, fazendo-se todo o tráfego para o interior ou nas costas de cavalo ou, por mais estranho que pareça, no lombo de bois. A alternativa de montes e vales torna menos monótona esta porção do caminho; e, conquanto a vegetação herbácea tenha sido grandemente destruída pelo calor, a maior parte das árvores, que são a um tempo grandes e muito numerosas, ainda retinham a folhagem. A árvore mais comum que aí observei era chamada pelos habitantes aroeira. É uma espécie de *schinus*, talvez a *S. Aroeira*, St. Hil., e chega à altura de trinta ou quarenta pés. Como o tronco é bem direito, empregam-na muito na construção de casas. Por aquele tem-

po estava despido de folhas, mas da ponta dos galhos pendiam cachos de pequeno fruto de cor escura, dando-lhe o aspeto do alno europeu coberto de suas flores pardo-escuras.

As demais arvores eram principalmente *acacias* e *mimosas*, *bignonias* de grande dimensão cobertas de flores amarelas e rosadas, uma *triplaris* e, mais belo de todos, um grande jacarandá, cuja ampla ramagem se cobria de grandes panículas de bonitas flores azues, não muito diversas da igualmente esplêndida *gloxinia speciosa*.

Entre estas apparecem às vezes umas poucas e solitárias palmeiras de carnaúba, as quais, entretanto, em lugares côncavos e protegidos, também se vêem em grupos.

Cactos não são raros e passamos por altos tractos de terra coberto de arbustos e abundante em uma espécie de *Krameria*.

A vila de Lavras de Mangabeira está situada nas margens do Rio Salgado, contendo de oitenta a cem casas, todas pequenas e muitas em ruina. Encontra-se ouro nos arredores, em solo de aluvião escuro, um pouco abaixo da superfície.

De tempos em tempos se tem aí estabelecido lavagem de ouro, mas sem nenhum resultado satisfatório, tendo sido a maior destas tentativas realizada cerca de dois anos antes de minha chegada. O presidente da província com outras pessoas organizaram-se em sociedade e mandaram vir mineiros ingleses para dirigir as operações; tinham continuado em seus labores até dois meses antes, quando o trabalho foi suspenso.

Cerca de um ano mais tarde encontrei-me com um desses mineiros em parte remota do país e dele ouvi dizer que o ouro existe em quantidade demasiado pequena para cobrir o custo da extração. Outro empecilho era a falta eventual de agua.

Aquí encontrei nas margens areentas do rio grande quantidade de uma espécie de *grangea*, poderoso amargo, usado em infusão pelos nativos contra as dispepsias, como usam a camomila, com a qual muito se parece: chamam-lhe macela.

Deixamos Lavras na tarde do mesmo dia da chegada e pousámos à noite numa pequena casa à beira do rio. Na manhã seguinte, quando caminhavamos tranquilamente, um dos cavalos bateu a carga de encontro a uma árvore, e a carga caiu; o animal, assim livre, fugiu em disparada por entre as arvores, logo seguido pelos outros, que rapidamente se haviam desembaraçado de seus fardos. Uma hora se perdeu em pegá-los e repôr-lhes as cargas; enquanto, porem, isto se fazia, um animal deitou-se no chão e começou a rolar, arrebrandando as cordas que lhe amarravam a carga e assim se libertando mais uma vez. Menciono este fato como exemplo dos muitos contratempos a que se expõe um viajante em tais regiões. Nestas cousas os cavalos são mais intrataveis que as mulas. Mas, nas províncias setentrionais do Brasil, estes animais são raros, não obstante haverem sido frequentemente trazidos do sul grandes tropas deles.

Refeito finalmente o desarranjo, continuámos viagem chegando ao meio-dia a uma casa à margem do rio e perto da estrada, onde pedi licença, como de costume, para passar as horas de calma do dia, sendo, porem, informado de que meia legua além encontraríamos melhores acomodações. Foi esta a primeira vez que topei com uma recusa e só me lembra mais um caso igual em tôdas as minhas viagens. Após o percurso de cerca de uma legua sem encontrar casa alguma, paramos à sombra de grande árvore junto do rio, resolvidos a passar a noite aí, porque os cavalos já haviam feito longa jornada matutina. À tardinha andei passeando pelos arredores, sem encontrar nenhuma espécie nova, sinão uma *mikania* aderente aos ramos de

uma *mimosa*. Achei também umas poucas de conchas no leito do rio.

Entre este pouso e Lavras o rio corre muito sinuoso e, como ora se achava quase sêco, notei que os moradores haviam plantado nele melões, melancias e abóboras. Também se começava a cultivar a banana e quase em cada casa havia uma plantação de algodão e fumo.

Por toda parte se encontra em abundância o *cardo santo* dos brasileiros, (*argemone mexicana*), cujas grandes flores amarelas e semelhantes à papoula são muito bonitas. Um punhado de folhas desta planta com um quarto de onça de suas sementes em efusão, é ministrado como bebezagem nos casos de iterícia.

Estava linda a noite quando me recolhi à rêde suspensa entre duas árvores. Mas, depois de curto sono acordei com um estranho ruído no meio da folhagem, verificando que era uma grande chuva que vinha do sul e logo desabou em torrentes sobre o nosso pouso. Não estávamos precavidos contra isso, porque era plena estação de sêca, ficando todos em sopa. Como na rêde molhada não podia mais deitar-me, levantei-me, envolvi-me no poncho e sentei-me em uma das albardas ao pé do extinto fogo. Por infelicidade não tinha sequer o abrigo do guarda chuva, que o perdera dois dias antes num sítio onde apeára para apanhar escaravelhos.

A chuva durou duas horas e, como não podia voltar à rêde, porque tudo estava encharcado, tive de ficar sentado na mesma posição até amanhecer; e só então, arranjadas o melhor possível nossas umedecidas bagagens, proseguimos na jornada. A manhã, embora nublada, estava sêca e havia nos ares um hálito de frescura como eu não havia sentido desde que partira da costa. Viajamos quase mais uma légua para encontrar casa; de sorte que, em vez de estar só a meia legua de onde nos recusaram pouso na vespera, estavam de fato a quasi duas. Caminhamos adiante ainda por outras duas léguas sem achar nenhuma

habitação e por isso fizemos alto durante o dia à sombra de uma grande árvore de jatobá (*hymenea*).

Esta zona é mui escassamente povoada. O sólo, quase todo de cascalho, nem se presta para o cultivo, mesmo que a agua fosse abundante, nem para a criação de gado.

É, além disso, montanhoso, com algumas das mais altas serras que já tínhamos encontrado. Do tópo de uma de suas eminências obtive uma bela vista dos serros ondulantes e de rara mata lá embaixo. Aqui e ali surgiram grandes bignonias amarelas ou côr de cravo, jacarandás de flores azues, erguendo seus ricos diademas acima das outras espécies da selva. Um ou outro *cochlospermum serratifolium* atrai a atenção do viajante. As rochas que observei neste passeio eram de uma ardósia argilosa de côr cinzenta.

Não havíamos vencido mais de meia legua durante a tarde, quando de novo fomos apanhados pela chuva, a qual, posto não durasse mais de meia hora, foi tão forte, que em pouco tempo a agua rolava em torrentes pela estrada, tornando-a muito escorregadia na parte argilosa, principalmente no declive das colinas.

Como trazia meu poncho sob os arreios, vesti-o, para grande espanto de alguns camponeses, que passavam e que inteiramente desconheciam aquela peça de vestuário. É, entretanto, muito superior às suas jaquetas de couro que, além de incomodativas, por muito quentes e por impedirem a dissipação das exalações corporais, também depressa se encharcam com a chuva e só a custo secam, ao passo que, com o poncho e minhas botas de cano, eu estava quase enxuto quando a chuva cessou.

As rochas que ví no fim da jornada desse dia eram de arenito branco e grosso, semelhante às que vira na costa entre o Rio de S. Francisco e Pernambuco. Em muitos lugares esta rocha era desnuda em longa extensão, sendo o cactus e a bromelia a única vegetação que a cobria.



Nas porções de matas, a atmosfera estava carregada do delicado perfume do coqueiro (*anacardium occidentale*) que aí existe em profusão. Era a primeira vez que via esta árvore a distância da costa, mas depois, encontrei-a, não de raro, no interior. O fruto, porém, ou, antes, o grosso pedúnculo que forma a parte comestível, é pequeno, pouco maior que uma cereja. Ao lusco-fusco parámos num sitio onde havia duas casas, mas onde não nos podíamos acomodar, por haverem alí chegado antes de nós duas tropas.

Como a habitação mais próxima ficava a duas leguas adiante e as estradas, ao que informavam, eram más, decidi permanecer onde estava, acampando debaixo de ramalhuda *caesalpinia* à beira da estrada.

Logo depois de tudo arranjado para a noite, veio-me permissão de uma das casas para lá armar minha rede, permissão que recusei, por me não parecer prudente separar-me do que era meu. Esta decisão era tanto mais necessária, em consequencia de uma briga entre Pedro e o guia. Este me fôra recomendado como muito útil para a jornada, mas saiu-me um sujeito preguiçoso e falador, bem ao contrário do Pedro, que era ativo e inteligente. A briga nasceu de recusar o guia fazer certo dever enquanto se descarregavam os cavalos, e, apesar de minha interferência, esquentaram-se tanto, que estiveram a ponto de puxar das facas, que é o modo usual de liquidar desavenças nesta terra sem lei. Ao levarem os cavalos para o pasto, ainda discutiam furiosamente, enchendo-me de apreensões até sua volta.

A tarde estava sombria, com tôda a aparência de chuva; mas, quando surgiu a lua, clareou e tornou-se bela a noite. Rede e poncho estavam ainda demasiado umidos para que eu pudesse dormir neles; por isso me deitei no alto de duas malas, com os arreios por travesseiros, ao pé de um grande fogo que havíamos feito.

Na manhã seguinte, oito de setembro, continuando o caminho, fomos parar às onze horas à sombra de uma árvore à beira do rio. A rota era agora em uma região mais rica que as que eu vira até então na provincia, coberta de densas matas, em maior parte, cheia de folhagem.

Em volta das casas, que ora apareciam mais numerosas que até aqui, vicejavam grandes plantações de algodão, fumo, cana de açúcar e mandioca. De sobre os galhos de grande árvore junto da estrada apanhei a primeira orquídea que havia visto na jornada, uma especie de *oncidium*, comprida e de folhas redondas.

A árvore em que a colhi era o *umarí* (*geoffroya superba*), mas a orquídea só crescia no lado inferior do galho, com suas longas folhas pendentes como outros tantos látegos, entremeados de grandes panículas de flores amarelas. Chamam-lhes os nativos do sertão *rabo-de-tatú*, pela semelhança das folhas com a cauda do armadilho.

Logo depois que estacionamos tomei da espingarda e saí à procura de caça para o jantar, só encontrando papagaios que em grande número, voando de árvore em árvore, soltavam o seu grito característico. Fiz fogo sobre alguns que ví pousados em alta árvore. Caindo um deles apenas ferido, rompeu em contínuos gritos quando tentei aproximar-me, ao que acudiram os companheiros, centenas deles, pousando de novo sobre a árvore. Atirando-os novamente, de novo voltaram aos gritos dos que agonizavam, nem cessaram de o fazer do mesmo modo, senão depois que eu os tinha morto em número mais que suficiente para o jantar de todos.

Na tarde desse dia avançamos ainda duas léguas e parámos para descansar em pequeno canal (engenho de rapadura).

Como era dia de S. Gonçalo, a gente estava dansando e divertindo-se em frente da casa.

Tive licença do dono para pernoitar no engenho, dois lados do qual estavam abertos. Ao apear pús o chapéu, com um lenço de scda dentro, num velho tronco de madeira, perto do dono do engenho. Menos de meia hora depois, quando todas as minhas coisas tinham sido recolhidas na casa das caldeiras, o lenço desaparecera: ninguém mais, a não ser meus criados e o proprietário, haviam estado perto de nós, de modo que tudo me levava a crer que fôra este que o surripiára.

Mas achei melhor fingir que não dera pelo corrido. Mas este não foi o único furto cometido aqui antes de amanhecer o dia: quando se estavam carregando os animais, o Pedro deu pela falta de um saco contendo minha grande lata de estanho para uso botânico, bem como uma carneira com tudo o que lhe pertencia a. êle Pedro. Tudo tinha sido tirado de minha bagagem, ao pé da rêde, enquanto dormiamos. O pobre do criado, como fôra de esperar, ficou grandemente acabrunhado com o prejuizo; mas eu dei graças por ter, antes de partir de Icó, passado vários de meus objetos mais uteis da caixa de estanho para uma das malas. Ora, aconteceu que apenas eu dera acôrdo do furto, quando o dono da casa veio consultar-me sobre um incômodo que sofria, tendo eu, exasperado como estava, recusado seu pedido. O homem expressou seu grande pesar pela perda que sofrêramos, dizendo, entretanto, que era a primeira vez que isso acontecia a um viajante hospedado em sua casa.

Continuando, porém, a viagem, não tínhamos andado um quarto de légua, quando o Pedro me disse que ia voltar ao engenho e tentar recuperar suas roupas, e não houve dissuadí-lo disso.

Seguimos viagem, pois, eu e o guia, indo parar a uma distância de tres léguas, à sombra de uma grande árvore, ao pé de pequenas habitações.

O Pedro voltou às duas da tarde, trazendo sua caixa dele e a minha caixa de botânica, tudo, menos o lenço de seda. Ao chegar, chamou-me à parte e disse que, de manhã, lhe acudira a suspeita de que o larápio teria sido o nosso guia e, se assim fosse, os objetos estariam escondidos ali por perto do engenho de cana. Fôra esta suspeita que o levára a voltar rasto atrás e o êxito da tentativa dera-lhe razão. Após uma hora de buscas, ajudado por toda a gente da casa, deu com a caixa escondida em uma moita e sua carneira enterrada a pequena distância. Não teve mais dúvida de que o guia fôra o ladrão de tudo o mais e que tudo escondera até sua volta a Icó. Ele se mostrou perturbado quando o Pedro voltou e meu primeiro impulso foi despedí-lo de chofre sem pagamento. Refletindo melhor, tomei o partido de não tomar conhecimento do caso, porque bem sabia da índole vingativa de tal gente: o que me doeu, porém, foi a maneira incauta com que tratára o dono do engenho.

A grande árvore sob a qual havíamos repousado era a primeira que eu via de uma espécie muito comum nos arredores de Crato. Os habitantes dão-lhe o nome de *visgeira* (sic.). É a *parkia platicephala*, de Bentham.

Tem o tronco grosso e ampla ramagem que em alguns casos quase toca o chão; a madeira é mole e quebradiça e, por isso mesmo, de pouco valor.

Na mesma tarde, após jornada de duas léguas e meia, chegamos à Vila de Crato. A estrada era plana e arenosa, a região ao sul coberta de grandes árvores, ao passo que o norte, mais plano, era principalmente plantado de cana de açúcar, vendo-se a pequenos intervalos diversas casas, cada qual com um engenho e uma caldeira ao lado para converter em rapadura o suco da cana.

A Carnaúba é substituída aqui por outra espécie de palmeira chamada macaúba (*acromia sclerocarpa*, Mart.), que se eleva à mesma altura daquela, mas tem folhas pinu-

ladas, e com um tronco que, em vez de ter a mesma grossura de alto a baixo, expande-se consideravelmente acima de meia altura e é da mesma espécie que uma muito comum em Pernambuco; além desta aparece outra espécie muito semelhante ao coqueiro em altura e folhagem, porém com tronco muito mais grosso; os cocos, do tamanho de maçãs, dão em grandes cachos; é uma espécie de *attalea* e aqui se chama palmeira.

Impossível descrever as delicias que senti ao entrar nesta zona, comparativamente rica e risonha, depois de uma marcha de mais de trezentas milhas através de uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto.

A tarde era das mais belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da serra de Araripe, longa cadeia de montanhas a cerca de uma legua para o oeste da Vila, com uma frescura ambiente que tirava aos seus raios o ardor que pouco antes do poente é tão opressivo ao viajante das terras baixas.

A beleza da noite, a doçura revigorante da atmosfera, a variedade de aspectos da paisagem, tão diferente de quanto, havia pouco, houvera visto, tudo tendia a gerar uma exultação de espírito, que só conhece o amante da natureza, e que em vão eu desejava fosse duradoura, porque me sentia não só em harmonia comigo mesmo, mas "em paz com tudo em torno".

Embora já houvesse escurecido quando entrei na Vila, logo encontrei a casa de um respeitável comerciante, o senhor Francisco Dias Azede e Melo, a quem levava cartas de apresentação. Fui introduzido na sala de visitas, onde me encontrei no meio de uma duzia de senhoras, todas sentadas sobre esteiras no soalho, e entre elas a dona da casa, que, como de costume, me crivou de perguntas a respeito de mim mesmo e de minha pátria. Notei que as visitantes tinham vindo dar-lhe os pêsames pela perda do sogro que falecera na véspera.

Mesmo nas casas mais respeitáveis do sertão, como lhe chamam ao interior do país, raramente se vêem cadeiras na sala de visitas, porque as mulheres preferem a rêde, da qual quase só se arredam à hora das refeições. Na rêde, como na esteira, sentam-se com as pernas encruzadas por baixo e aí passam o dia fumando, comendo doces e bebendo agua fria. Suspende-se a rêde à altura de um pé ou mais do solo, servindo assim de sofá, onde por vezes mais de uma pessoa se vê sentada ao mesmo tempo. À noite preferem-na também como leito, por ser muito mais fresca, como pode atestar quem, como eu, por espaço de mais de tres anos raro dormiu em outra espécie de cama.

Fazem-se de uma espécie de algodão encorpado, tecido pelos próprios habitantes, branco ou azul, sendo esta última côr obtida da tintura de uma espécie de anileira muito abundante nas circunvizinhanças. São mais largas que compridas, podendo assim a gente deitar-se nelas transversalmente e, portanto, mais horizontalmente. Tem ainda a rêde a vantagem de não precisar de outras roupas de cama, senão um cobertor fino no tempo fresco ou um lençol no calor.

Antes de minha partida de Icó um dos Pintos escreveu ao senhor Melo, pedindo-lhe que me provesse casa à minha chegada, mas a única que lhe foi possível obter era uma pequena habitação ligada a uma loja, nenhuma delas em boas condições. Contudo, servia bem ao fim que tinha em vista no momento.

Mas, ao cabo de seis semanas, fui obrigado a deixá-la, porque iam demolí-la, para construir outra em seu lugar. Com dificuldade encontrei dois quartos que aluguei ao preço de cinco chelins por mês; aí permanecendo durante todo o tempo de minha residencia em Crato. Meu mobiliario resumia-se em duas cadeiras que o Sr. Mello teve a gentileza de me mandar, uma caixa velha que servia de mesa e, como leito, minha rêde, já se vê.

No dia seguinte ao de minha chegada a Crato correu na cidade a noticia de que eu era um viajante comercial, com mercadorias à venda, e no decorrer do dia fui procurado por inúmeras senhoras que desejavam ver os artigos de negócio e muito espantadas se mostraram quando lhes disse que não os tinha. Nem foi esta a única vez que me tomaram por comerciante: porque, saindo de Crato, o mesmo engano ocorreu quase em toda a aldeia ou casa a que cheguei.

Não admira que isso se desse, porque grande é o número de indivíduos que correm o sertão, de cidade em cidade e de casa em casa, ou vendendo mercadorias européas ou trocando-as por gado ou cavalos.

A Vila de Crato é situada a trinta e duas léguas ao sudoeste de Icó, quase no mesmo paralelo de Pernambuco, de que dista, em linha reta, cerca de trezentas milhas. E' uma pequena e miseranda cidade, um terço de Icó em tamanho, com casas muito irregularmente construídas, todas terreas, com uma só exceção. Contém uma cadeia e duas igrejas, uma delas inacabada, já com aparência de ruína, tanto tempo ha que a deixaram assim. A cadeia, por sua vez, está de tal maneira decadente, que mal lhe vai o nome de prisão, embora encerre sempre uns poucos de criminosos. Era guardada por dois soldados que cumpriam seu dever tão molemente, que, ao passar, eu os via ora jogando cartas, ora dormindo à sombra da casa. De um sargento que ali foi mandado preso por desobediencia ao seu superior, diziam que se escapulia toda a noite por uma janela de trancas de pau, dormia em casa e voltava de manhã para passar o dia na prisão.

A população da Vila orça por dois mil habitantes, quase todos índios, puros ou mestiçados.

A gente mais respeitável são brasileiros, em maioria negociantes: como ganham a vida, os outros, é coisa com que não atino.

Os habitantes desta parte da provincia, geralmente conhecidos pelo nome indiano de cariris, são famigerados por sua índole revel ás leis. Certo que aqui foi, e até certo ponto ainda é, um esconderijo de assassinos e vagabundos de toda a espécie e vindos de todos os recantos do país.

Ha aqui um juiz de paz, um juiz de direito e outros representantes da lei, mas o seu poder é muito limitado e, ainda assim, quando o exercem, correm o risco de tombar pela faca do assassino.

Muitos criminosos de morte me foram apontados andando livremente à luz do dia. O principal perigo a que se expõem é da parte dos amigos dos assassinados, que lhes seguem o passo a grandes distâncias e não perdem oportunidade de tomar vingança.

A moral dos habitantes de Crato é, em geral, baixa. E o jogo de cartas sua occupação principal. Durante o dia, quando faz bom tempo, vêem-se grupos de todas as classes, desde os que se chamam gente boa até os de ínfima condição social, sentados nos passeios à sombra das casas, profundamente absorvidos no jogo. Os mais respeitáveis jogam dolares, os pobres ou jogam moedas de cobre ou usam grãos de feijão como tentos. Levantam-se então frequentes brigas que muitas vezes se resolvem a ponta de faca.

Raramente os homens da melhor classe social vivem com as esposas: poucos anos depois do casamento, separam-se delas, despedem-nas de casa e as substituem por mulheres mais moças que estão prontas a suprir-lhes o lugar sem se prenderem pelos vínculos do matrimônio. Sustentam assim duas casas. Entre outros que vivem nesta situação posso mencionar o juiz de direito, o juiz de órfãos e a maior parte dos comerciantes. Nem admira que tal seja o nível da moral quando se leva em conta a conduta do clero. O vigário, que era então de setenta a oitenta anos, era pai de seis filhos naturais, um dos quais



foi educado para ser sacerdote, depois se tornou presidente da província e era então senador do império, conquanto ainda conservasse seu título eclesiástico. Durante minha permanência em Crato veio o senador visitar o pai, trazendo consigo sua amante, que era sua prima, com oito filhos dos dez que ela lhe dera, tendo além disso cinco filhas de outra mulher, que falecera ao dar à luz o sexto. Além do vigário, havia na vila mais tres outros sacerdotes, todos êles com filhos havidos de mulheres com quem conviviam abertamente, sendo uma das mulheres a esposa de outro homem.

Vivi cinco meses no meio desta gente; mas em nenhuma outra parte do Brasil, mesmo em períodos mais curtos de residência, formei menos relações de amizade ou vivi em menos intimidade com os habitantes. Além do senhor Melo, o único individuo cuja casa frequentei era um outro filho do velho vigário, Capitão João Gonçalves, dono de um engenho de açúcar (rapadura), a duas léguas da vila.

Conheci-o pela primeira vez quando me veio consultar a respeito de uma oftalmia crônica de sua esposa. Era homem de excelentes qualidades, de quem ainda conservo grata lembrança pelas horas passadas em sua casa. Os olhos de sua senhora melhoraram muito sob meu tratamento e, como era mulher expansiva e bem humorada, entretínhamos longas conversas sobre os usos e costumes de nossos respectivos paises. A familia compunha-se de duas filhas, uma delas casada, vivendo a dezesseis léguas de distância em lugar que depois visitei; a irmã, bela moça de dezesseis anos, teve acanhamento de aparecer-me nas primeiras duas ou tres visitas. Mas, como me disse a mãe, sua curiosidade de ver um inglês e com êle conversar, deu-lhe força para vencer o natural retraimento, de modo que depois sempre a vi quando lá fui.

Estava então para se casar com um irmão mais moço do cunhado, havendo anos já que eram noivos,

E' raro aqui que as moças das familias respeitaveis tenham liberdade de escolher marido por si mesmas: são os pais quem se incumbem de tais arranjos.

Tive aqui frequentes ocasiões de vêr como se faz rapadura. A moagem e o cozimento do suco da cana se processam ao mesmo tempo. O engenho é de construção tosca, compondose de uma armação com tres moendas de pau, entre as quais a cana passa para se lhe exprimer o suco que se lança num receptor em baixo, donde escorre para um cocho feito do tronco escavado de grande árvore. Passa-se a cana tres vezes para que se extraia toda a garapa. Deste cocho parte do líquido é levado, de tempos em tempos, a pequenos tachos de metal, dos quais havia nove, juxtapostos em pequenas aberturas sobre uma fornalha arqueada. Nas diferentes fases do processo, à medida que se faz a evaporação, o suco é despejado de um tacho em outro, até adquirir a desejada consistência. Transfere-se então para uma cuba excavada em sólida madeira e que se chama gamela. Aí fica algum tempo para que se resfrie, sendo então lançado em fôrmas de madeira do tamanho do tijolo comum, embora algumas se façam com a metade deste tamanho. Tiradas das formas, ficam a endurecer ainda por dias e estão prontas para o mercado. As grandes vendem-se em Crato por dois vintens, em Icó por oito e em Aracatí por quatro.

As principais produções de Crato são a cana de açúcar, a mandioca, o arroz e o fumo. Na cidade e seus arredores cultivam-se as frutas comuns das regiões tropicais, a laranja, a lima, o limão, a banana, a manga, o papaio, a jaca, a fruta do pão e o cajú; não são raras as uvas, ananases, melões e melancias, que se vendem barato, custando uma duzia de laranjas quarenta réis; ananases, grandes e de fino sabor, oitenta réis cada um; grandes melões vendem-se pelo mesmo preço.

O solo eleva-se gradualmente de Crato para o sudoeste até alcançar a base da Serra de Araripe, lombada

semicircular em torno da planície ondulante em que assenta a cidade. Desta serra, que dista de legua e meia a duas leguas do Crato, brotam numerosas fontes a que se póde attribuir a grande fertilidade desta parte do sertão, cujas correntes de agua se diversificam em mil direções para os fins de irrigação.

Por enquanto se cultiva apenas pequena porção desta fertil zona, que, entretanto, bem compensaria o labor nisso empregado. Mas os arredores contem uma população rara e a gente nativa é, por hábito e índole, em extremo indolente. Podendo com pouco trabalho colher quanto lhes baste ao sustento da vida, nada mais parecem querer além disso. Seu vestuario é dos mais simples e, por isso, muito barato. Quando, porém, a população houver crescido e a civilização lhes tiver multiplicado as necessidades, certo que esta região virá a ser das mais ricas e valiosas partes da província. O maior empecilho ao seu progresso é a falta de communicações outras, que não as terrestres, com a costa. A junção de vários fios de água que descem da Serra de Araripe forma um regato que passa perto da Vila de Crato e provê aos habitantes a agua abundante e límpida em todas as estações do ano. Também forma tanques profundos para banho, coisa com que os moradores se delicias, principalmente no estio.

Durante o tempo de minha residência no lugar fiz inúmeras excursões nas redondezas. A Serra de Araripe foi o melhor campo de pesquisas, onde passei vários dias em diferentes ocasiões, explorando-lhe as grotas, as encostas e os cimos, que sempre me compensaram o labor com o suprimento de novas e raras plantas.

A maior parte da zona da mata em volta de Crato é formada por árvores decíduas e arbustos, que se chamam catingas. Mas nos sitios baixos e úmidos e na base da Serra ha muitas árvores sempre verdejantes. Um dos espécimes mais comuns das catingas é a *Magonia gablata*, St. Hil., que é aqui verdadeiramente gregaria, cobrindo lou-

gos tratos de terra, com exclusão de todas as outras plantas. Tem em geral de trinta a quarenta pés de altura, atingindo, porém, quando em pleno crescimento, tamanho muito maior. Como muitas outras espécies das catingas, aparecem-lhe as flores antes das folhas, em grandes panículas, de um amarelo esverdeado e de aroma agradabilíssimo. Chamam-lhe *tingi* (sic) os nativos, que a empregam para muitos fins uteis: uma infusão da casca da raiz usa-se para envenenar os peixes e a da casca do tronco para curar velhas úlceras. O fruto é constituído de uma grande cápsula triangular e sêca, cheia de sementes, largas e chatas, de cujo miolo se fabrica uma espécie de sabão. Eis a maneira por que o fazem: depois de pelada da membrana parda que as envolve, lançam-se as sementes por algum tempo em uma tina d'agua para se embeberem; quando os cotilédones começam a inchar e amolecer, tira-se-lhes facilmente a pelicula que ainda os cobre, deitando-os então em uma panela com uma pequena porção de sebo. Postos a ferver e remexidos, logo se convertem em massa homogenea, que, esfriada, dizem que se presta muito bem para lavar roupas.

Outra árvore que cresce em condições semelhantes é uma espécie de *caryocar*, de bela aparência quando coberta com seus grandes corimbos de flores amarelas. O fruto, ainda não maduro quando lá estive, dizem que é excelente quando cozido; e a madeira, muito dura, é de grande aplicação para construir engenhos. A *visgeira* (sic), já mencionada, e a timbaúba são também grandes árvores dos arredores: esta pertence ao gênero das *mimosas*, produzindo largas cabeças redondas, de flores amarelas e um legume largo e curvo, semelhante a uma ferradura.

Uma espécie de veado pequeno, muito frequente na mata, é amigo desta fruta e é por vezes vigiado à noite, no tempo da queda da fruta, deixando-se descobrir pelo ruido de estalo que as sementes fazem dentro da cápsula, quando pisadas.

O jatobá, especie de *hymeneae*, é outra grande árvore muito encontradiça, assim como o angelim, grande e bela especie do gênero *andira*; duas *bignonias* de consideravel tamanho são tambem comuns nas matas distantes, uma de flores purpúreas, outra de flores amarelas. Mas, por serem de madeira dura e duravel, muito procurada pelos nativos para a construção de engenhos e carros, não a deixam atingir grande tamanho nas cercanias da Vila de Crato. Além destas, ha ainda muitas arvores de menor tamanho, entre as quais se podem mencionar o *pau de jangada* (*apeiba tibourbou*), bastante comum e notável por suas cápsulas espinhosas. Na costa sua madeira é empregada para a construção das jangadas já descritas e de uso muito frequente ali: uma espécie de *byrsonema*, uma *callisthene*, uma *gomphia*, e uma *vitex*, são extraordinariamente belas quando em flôr.

Quando em certas partes do sertão — melhor diríamos em todo o sertão — ha necessidade de pranchas, dá-se um grande desperdicio de madeira; porque para fazer uma prancha se corta uma árvore, desbastando-a de ambos os lados, até que se reduza ao tamanho preciso.

Grande quantidade de frutas silvestres se encontra nas *catinas*, tais como a mangaba, já mencionada como muito comum em Pernambuco, a guava (sic), o araçá, e tambem, embora apenas no topo da serra, uma especie proximamente aliada que se chama marangaba.

E' o *psidium pigmeum* de Arrudo (sic), arbusto de um a dois pés de altura, cujo fruto é do tamanho de uma groselha e grandemente procurado pelo seu delicioso sabor, semelhante ao do morango. As moitas das vizinhanças da cidade dão uma fruta, chamada pusá, pertencente a uma nova especie de *mouriria* (M. Pusá, Gardn.): é do tamanho de uma ameixa pequena, de côr preta, e de gosto muito se assemelha com a jaboticaba (*eugenia cauliflora*, DC.) do sul do Brasil. Quando em sação, os indios a trazem a vender nas ruas. O cajú é tambem muito comum,

mas a parte comestível é menor e menos saborosa que a do cajú da costa.

Certo dia, perto da Serra de Araripe, passei por um acampamento de ciganos, cerca de doze pessoas entre homens, mulheres e crianças. Não são raros os ciganos no Brasil, porque eu os encontrei ou deles ouvi falar, em todas as cidades que visitei. São aborrecidos da gente comum, mas acoroçoados pelas classes endinheiradas, como se dava nesta ocasião, porque se acamparam embaixo de grandes árvores perto da casa de um major da Guarda Nacional, senhor de uma grande plantação de açúcar ao pé da Serra. Embora de pele mais escura, têm estes ciganos as mesmas feições que os da Grã-Bretanha, havendo entre eles moços e moças muito belos. Raro se aproximam das grandes cidades da costa, preferindo as zonas escassamente povoadas e, por isso mesmo, mais sem garantias legais. Andam errantes de aldeia em aldeia, de fazenda em fazenda, comprando, vendendo e barganhando cavalos e joias. Como os seus irmãos europeus, são frequentemente acusados de roubar cavalos, aves ou o que quer que as mãos alcançam. As velhas lêem a *buena-dicha*, mistér em que são muito acoroçoados pelas moças dos lugares por onde passam. Embora falem português como os mais habitantes do país, usam entre si a sua própria linguagem, entre si se casam, desprezam, ao que se diz, todas as observâncias religiosas da nação, nem usam nenhuma forma de culto seu próprio. Ciganos é o nome que lhes dão os brasileiros. Justamente ao tempo em que os ciganos apareceram nas cercanias de Crato, desapareceu do pasto um de meus cavalos, recaindo sobre elles forte suspeita de o terem levado. Mas neste caso, pelo menos, a suspeita era infundada; porque tenho boas razões para acreditar que o ladrão foi um fazendeiro que se mostrára muito desejoso de comprá-lo de mim, apenas um ou dois dias antes do roubo, bem na véspera de regressar de Crato para seu engenho, muitas léguas para o oeste. Como o

animal tinha numa das ancas a minha marca, e era sabido nas vizinhanças que me fôra roubado, afiançou-me o juiz de paz que acabariam por descobrir-lhe o paradeiro. E não se enganou. Seis semanas mais tarde foi visto em uma mata a tres léguas da cidade, mas com a pele em cima dos ossos, em vez do animal bem nutrido que fôra. O homem que o trouxe, um tal José Pereira de Holanda, de baixa reputação, o havia empregado para comprar gado em sua propriedade.

Durante minha estada em Crato celebrou-se o festival de Nossa Senhora da Conceição, precedido de nove dias de regozijo a expensas de vários indivíduos nomeados festeiros. Em todo o período da *novena*, como lhe chamam, o pequeno destacamento de soldados da Vila sustentou um fogo nutrido de dia e de noite. Com estas descargas, com as procissões e luminarias, com o estouro de fogos de artificio e os disparos de um pequeno canhão em frente da igreja, a Vila reboava incessantemente. Como me diziam que a última noite era a mais bela de todas, encaminhei-me pelas sete horas para a igreja diante da qual grande número de bandeirolas flutuavam em mastros e duas grandes fogueiras crepitavam. No terraço em frente do templo, ondulava grande massa humana e meia-duzia de soldados disparavam, a espaços, seus mosquetes. A pouca distância tocava uma banda de música, dois pífanos e dois tambores, música da peor categoria, a correr parêllhas com os fogos de artificio então exibidos. A igreja, por dentro, estava fartamente iluminada e apinhada de gente, que me subpreendeu verificar que eram, quase todas, mulheres. Vestiam-se todas de branco ou pelo menos traziam à cabeça e aos ombros uma mantilha branca. No dia seguinte, quasi ao crepúsculo, uma grande procissão — esta só de homens — percorreu as várias ruas, carregando com grande pompa imagens da Virgem e seu filho. Os tres sacerdotes da Vila, juntamente com o visitador ou deputado do Bispo, então em sua visita trienal às Vilas e

idades de província, caminhavam sob o pάλio. Pôs-se termo a tudo, na tarde seguinte, de domingo, com uma dansa de mascarados em frente à Igreja e exhibições no pau de sebo.

A temperatura média de Crato é muito mais baixa que a de Icó; não é considerada tão saudavel como este último lugar, porque o calor do dia é quase igual, embora, as noites sejam muito mais frescas.

A oftalmia é aí verdadeiramente endêmica e, em certa parte do ano, ninguem lhe escapa aos efeitos: eu tive um ataque que me prendeu em casa por dias. Fui consultado por não poucos dos que sofriam de molestia em estado crônico e firmei reputação por haver curado ou, quando menos, mitigado as manifestações da maioria dos casos, mesmo os de longa data. A cegueira é uma de suas consequencias e em parte alguma vi mais cegos que aqui nesta zona.

São também frequentes as manifestações secundárias da sífilis e numerosos os rebotalhos humanos por ela produzidos. Em tais casos raramente se applica o mercurio para os primeiros sintomas, que se combatem com uma especie de *croton*, geralmente conhecido pelo nome de *velame*. Usa-se tanto externa como internamente. Mas, sob este tratamento, cedo ou tarde aparecem os sintomas secundários em uma ou outra de suas formas proteicas. Aos médicos que presumem curar sem mercurio estas manifestações mórbidas, bastar-lhes-ia curta residencia no interior do Brasil, para lhes revelar o perigo de tal tratamento.



## CAPÍTULO VI

### CEARÁ

(continuação)

*Razões para adiar a viagem para o interior — Visita, enquanto isso, diferentes lugares nas vizinhanças de Crato — Transpõe a Serra de Araripe — Chega a Cajazeira — Vai à Barra do Jardim — Descrição da cidade e arredores — Encontra um interessante depósito de peixes fósseis — Constituição geológica da região — Descobre extensa formação de greda — Primeira descoberta de tais estratificações na América do Sul — Descrição da formação que a acompanha — Esta cadeia de montanhas cinge a vasta planície que abrange as províncias de Piauí e Maranhão — Chega a Massapé — Grandes festivais religiosos no dia de Natal — Sofre um acidente — Visita também Novo Mundo — Descobre outro depósito de peixes fósseis perto destes lugares — Produções ao longo do Tabuleiro — Diferentes tribus de índios não civilizados nessas vizinhanças — Curiosa descrição da seita fanática dos sebastianistas — Sua extranha crença — Cometem sacrifícios humanos — Sua destruição e dispersão — Volta a Crato.*

Em minha chegada a Crato soube que me seria necessário estacionar aí mais tempo do que tinha antecipado, por via da condição deserta da zona entre a Vila e Oeiras, capital da província do Piauí, durante a estação seca, época em que a água e a grama são tão escassas, que só as pessoas bem conhecedoras daqueles sitios se atrevem a empreender esta viagem. Aconselharam-me, pois, instantemente que adiasse minha partida de Crato até que principiassem as chuvas, no que assenti de bom grado, achando que aquele distrito era ótimo campo para as minhas pesquisas botânicas, e bem sabendo, por outro lado, que uma jornada a Oeiras, por esse tempo, me renderia pouco proveito. Era então começo de Dezembro e não se espera-

vam as chuvas senão em principios de fevereiro. Tendo chegado ao fim de minhas explorações nos arredores de Crato, quis visitar nesse meio tempo um lugarejo situado a cerca de dezesseis léguas dali, chamado Vila da Barra do Jardim. Meu desejo de passar algum tempo nesse lugar era aguçado pelas informações, que tivera, da existência nas suas imediações de um depósito de peixes fósseis, que muito me interessava investigar. Meu amigo Capitão João Gonçalves deu-me cartas para seu parente Capitão Antonio da Cruz, a pessoa mais grada do lugar, e na tarde de onze de dezembro deixei Crato. A estrada corre nas primeiras cinco leguas quase para léste ao longo da Serra de Araripe. Vencidas quatro léguas destas, fizemos alto, pelas oito horas, na pequena aldeia de Cajazeiras. Procurando pouso para a noite, porque era já escuro, fomos encaminhados a um rancho usado para a preparação da farinha, o qual, além de todo aberto em roda, era ainda mal coberto. Era ainda assim preferivel, como abrigo, a uma grande árvore, sob a qual primeiro pensámos em acampar; porque lá pela meia noite fomos despertados pelo tremendo estrondo de um trovão bem por cima de nossa cabeça. Veiu a tempestade e prolongou-se com maior ou menor furia por cerca de meia hora, seguida de forte aguaceiro, sem, entretanto, acarretar-me incômodos, porque minha rêde estava suspensa em lugar relativamente bem coberto, enquanto o Pedro e o guia foram obrigados à mudar o pouso.

Ao chegar encontramos o logarejo iluminado por diversas fogueiras, havendo também muitas salvas e outras expressões de regozijo, em honra do Visitador que durante o dia alí chegára, de passagem, com destino à Barra do Jardim.

Eram sete horas quando dali nos partimos, chegando um pouco depois ao pé da Serra, com intenção de transpô-la. Parámos, porém, alí para o almoço, informados de

que nas oito léguas restantes da jornada não encontraríamos nem casas nem agua. Afastados apenas meia hora de viagem de Cajazeiras, encontrámo-nos com grande número de cavaleiros, bem trajados, um dos quais, sabendo, por ouvir dizer a seus amigos de Crato para onde ora se dirigia, que eu era o botânico inglês prestes a visitar Barra do Jardim, disse-me que seu nome era Gouvêia e que estaria de volta dentro de poucos dias. Também me informou de que os seus companheiros iam ao encontro do Visitador para acompanhá-lo à Barra do Jardim. De fato, meia hora depois, todos passavam de novo por nós, de volta, em companhia do prelado, seguindo-os com pouca demora a tropa do Visitador, composta de oito ou nove cavalos, um deles carregado de agua para a travessia do *tabuleiro*, nome que se dá no interior a todos os altos tratos de terra. A agua era levada em grandes odres e, como não dispúnhamos de tal comodidade, contentei-me em comprar umas poucas de laranjas e canas de açúcar, de bom paladar e sucedâneos de mui fácil transporte.

Embora a serra aqui seja menos alta que em Crato, a subida é áspera e, por vezes, com forte declive. Meia hora depois da ascensão da Serra, passamos pelo Visitador e seu séquito, ora acampados à sombra de grande árvore, a comer as frutas de mangabeira ali abundantes. Tive dele amavel convite para me deter e participar do seu almoço, logo que chegasse a tropa; mas declinei o oferecimento, porque estava impaciente por transpor a serra de vereda. Despendi seis horas na travessia do tabuleiro, que é todo plano e escassamente povoado de pequenas árvores que lhe emprestam o aspecto de um pomar inglês.

O sólo era espessamente coberto de grama, ora sêca, à maneira de feno. Em muitos lugares havia largos tratos de campo queimado de propósito. Porque é aquí costume, segundo depois me informaram, deitar fogo aos campos ao acabar a estação sêca, afim de obter logo de-

pois das chuvas pastagens nova e bôa. E é realmente admiravel de se ver a rapidez com que então a grama brota. A vegetação que encontrei neste tabuleiro é de tal forma semelhante à do topo da Serra do Crato, que, com exceção de um único espécime de uma variedade de *cassia*, nada havia que já não figurasse em minhas coleções. Só ao subir a Serra dei com uma nova espécie de *rollinia* em flor.

Só depois que havíamos chegado quase à extremidade do tabuleiro é que descortinei o vale onde está situada a Barra do Jardim, nome que lhe advem da verde e luxuriante vegetação do sólo em que assenta. Mais baixa ao sul que ao norte, a descida da Serra suaviza-se um pouco e melhora também a estrada.

Ao chegar à vila, quase a meia légua do sopé da serra, verifiquei que tínhamos passado a casa do capitão Antonio da Cruz, sendo obrigados a voltar meia légua rasto atrás. Aborreceu-me não ter feito indagações prévias, porque meus animais estavam grandemente cansados após longa jornada feita todo o tempo sob um sol de brasa.

Chegados, afinal, à casa que se juxtapõe ao Engenho, tive a mais gentil acolhida da parte do capitão, bem como de seu filho e da senhora deste, filho de meu amigo Gonçalves, de Crato, ambos os quais já eu conhecera por ocasião da sua visita àquela vila. Meus animais foram mandados ao pasto e preparou-se-nos um jantar, que comi com o excelente apetite que me dera a longa caminhada do dia.

Prevenidos da minha visita, haviam-me preparado na vila uma casa então vaga, não me consentindo, porém, que para lá fosse senão ao outro dia depois do almoço.

A Vila da Barra do Jardim fica ao sul de Crato, um tanto inclinada para leste, assentada num vale de cerca de uma légua de extensão por meia de largura. A vila é pequena, em fórmula de quadrado, com três faces comple-

tas, vendo-se ao centro a única igreja do lugar, também esta inacabada.

Ao tempo da minha visita a região circunjacente, principalmente ao sul, estava muito queimada. Mas para o norte da cidade, ao fundo da Serra, havia numerosas plantações de cana de açúcar, regadas por pequenos riberros nascidos na serra. Se não fossem êles, o vale seria a antítese do que seu nome exprime: Aquí, como em volta de Crato, a cana de açúcar é a principal cultura, havendo, porém, nas vizinhanças da Vila pequenas plantações de café, a cujo cultivo o sólo bem se presta, a julgar pelo viço aparente das árvores e a farta colheita que dizem produzir.

Mas, como o total das safras dos arredores não é suficiente ao seu próprio consumo, do Rio se importa o que lhe falta e o que é necessário ao consumo de todo o resto da província. Perguntando eu aos donos das plantações de cana por quê não preferiam o plantio do café, sem dúvida muito mais rendoso, responderam-me todos que, acostumados a fazer rapadura, se arreceavam dos riscos de um sistema de cultura com que se achavam mui pouco familiarizados. Mas, em minha opinião, o grande motivo são os seus pendores para a indolência e o horror que sentem a tudo que envolve inovação nos costumes de seus antepassados. Estivesse esta zona em mãos de gente industriosa e seria, sem sombra de dúvidas, uma das mais ricas do norte do Brasil.

Dois dias após a minha chegada, fiz uma visita ao capitão Antonio da Cruz e dele soube que em uma elevação de terreno entre sua casa e a serra, se encontravam pedras calcareas arredondadas, as quais, partidas, ofereciam remanescentes de peixe. Acompanhado de dois de seus filhos, fui ao sitio indicado, de lá trazendo uma coleção de diversas espécies mais ou menos perfeitas. O ponto onde se encontram é no declive do pequeno outeiro a

uma milha da serra e a pedra calcárea em que apparecem, é impura e enegrecida. Achei-as de todos os tamanhos, mas nenhuma que não pudesse erguer, mais ou menos arredondadas e com evidentes sinais de atrição. O sitio que occupam não excede de cem jardas em quadro, occupado todo êle quase só com esta qualidade de pedra. Mas fóra dalí o chão cobre-se por igual maneira de blocos arredondados de arenito, da mesma natureza do que fórma a massa da Serra. Depósitos similares existem ao longo da base da cordilheira, mas todos em faixas isoladas, como no caso presente.

Tendo-me abstido até aqui de quaisquer observações sobre a constituição geológica da zona em torno de Crato, devo dizer de antemão que o que se segue é o transunto de um communicado lido pelo autor perante a *Sociedade Filosófica*, de Glasgow, em abril de 1843 e apparecido depois nas publicações daquela sociedade.

Nada de greda, com suas concomitantes pederneiras se tem ainda encontrado no continente da América do Norte; mas em New Jersey o Dr. Morton descobriu um depósito que êle considera equivalente das camadas de areia verde daquela formação, e a que deu o nome de "formação de areia ferruginosa dos Estados-Unidos". Os remanescentes fósseis nela contidos confirmam a correção de seu parecer. Pelo que toca ao continente sul americano, afirma Humboldt que não contem oolito nem greda, porquê nem um nem outra foram encontrados por nenhum dos viajantes que têm escrito sobre a geologia desse imenso continente. Foi-me, pois, motivo de não pequena satisfação verificar que fóra eu o primeiro a descobrir, em o novo mundo, tôda a série de rochas que constituem a formação de greda, tendo tido ainda a dita de colher espécimes de todas elas.

A serra de Araripe, isto é, a que corre entre Crato e Barra do Jardim, é apenas uma ramificação oriental de

um planalto que se estende continuamente da costa, na direção do sul, e forma um marco natural entre as duas grandes províncias do Ceará e Piauí. Eleva-se geralmente de 500 a 1.000 pés acima do nível da região a léste dela, mas não tanto acima da do este. A esta cordilheira dão os portuguezes o nome de serra Vermelha. Ipiapaba, chamam-lhe os indios. Entre dez e onze graus de latitude toma direção ocidental e a 47 de longitude inclina-se rumo do norte, indo morrer na foz do Amazonas, sob o equador, abrangendo dentro de seus contornos um vale de grande extensão que inclue, inteiras, as províncias de Piauí e Maranhão.

Esta alta cordilheira varia muito de largura, porquê muitas ramificações partem dela tanto para leste como para oeste. O topo é quase perfeitamente plano, formando, como já se disse, o que a gente da terra chama tabuleiros. A grande mole da terra consiste de arenito de tom branco, amarelo ou vermelho, muito mole, com profundidade, talvez, em muitos lugares, de mais de seiscentos pés. Nesta rocha existem os nódulos que encerram os peixes fósseis.

A circunstância que primeiro me levou a suspeitar que esta rocha pertencia à formação de greda, foi uma imensa acumulação de pederneiras e *septaria* semelhantes às da greda da Inglaterra e que encontrei na encosta da montanha no decurso de uma jornada ao longo de sua base ao norte de Crato.

Comecei então a investigar se se encontrava nas vizinhanças qualquer coisa semelhante à greda, quando soube que havia na serra diversas minas donde os habitantes a extraíam para cair suas habitações. Verifiquei depois que estas minas se achavam situadas em profunda camada de argila diluvial de côr vermelha, que jaz imediatamente sobre o arenito da serra. Em uma ravina perto de Crato procurei determinar a formação sobre a

qual assentava o arenito e averigüei que consistia de diversas camadas mais ou menos compostas de pedra calcarea e marga, com uma camada de lignite de cerca de dois pés de espessura. Sobre o que assentavam estas camadas não pude na ocasião verificar; mas tempos depois, quando passei para o lado ocidental da cordilheira, observei que estas pedras calcáreas assentavam sobre um depósito de arenito grosseiro e de côr escura, abundante em nódulozinhos de mineral de ferro. Assim se vê que a estrutura das rochas desta localidade é muito semelhante à formação de greda na Inglaterra.

Há, primeiro, um depósito ferruginoso de arenito equivalente à arêia verde inferior da arêia Shanklin; segundo, um depósito de margas, pedra calcárea mole e compacta e lignite, equivalente à marga calcárea inglêsa; terceiro, um espesso depósito de arenito, fino, mole e de várias côres, contendo Icthiolites, equivalente à arêia verde superior da Inglaterra; quarto, a própria greda branca e pederneiras encontradiças em minas parcialmente cobertas de argila diluvial.

As pederneiras são muito comuns ao longo da base da Serra, ao noroeste de Crato; mas nenhuma se encontraram nas minas de greda que examinei: soube, porém, que a grande distância ao norte de Crato, em uma porção desta cadeia de montanhas, chamada de Botarité (sic), greda e pederneiras são muito mais abundantes do que o são nas proximidades do primeiro lugar mencionado, donde parecem ter sido quase inteiramente carregadas pelas aguas, em período anterior às precipitações de argila vermelha em que ora se encontram.

Desde a época em que estas rochas foram primeiramente depositadas no fundo do mar até o presente período, tanto elas como as regiões circunvizinhas devem ter sofrido várias mudanças relativas à elevação. Mas, antes de fazer quaisquer observações sobre este assunto, indi-



carei diversos lugares em que encontrei traços de formação de greda, além dos que acabam de ser descritos.

Em 1838, no decurso de minha viagem subindo o S. Francisco, que se lança no Atlântico entre 10 e 11 graus de latitude sul, obtive espécimes da rocha sobre que assenta a Vila de Penedo e, por comparação, verifiquei que eram idênticos aos de arenito superior de Crato. Em 1839 descobri que o arenito ferruginoso de Crato se estende daí para o oeste cerca de 500 milhas; e em 1841 observei no Maranhão, a 2 graus de latitude sul e 44 de longitude oeste, uma formação muito semelhante à do Crato. Tôda a ilha em que se funda a cidade do Maranhão consiste de um arenito ferruginoso e de acentuado vermelho escuro; no continente, para o lado do oeste, vê-se a mesma rocha elevando-se um pouco acima do nível do mar, mas há sobre ela um depósito imediato, com mais de cinquenta pés de espessura em alguns pontos, de um arenito esverdeado e amarelado, muito mole e da natureza da marga.

Destes dados, pois, concluo que pouca dúvida pode haver de que tôda a imensa saliência que forma a ponta mais oriental do continente americano foi outróra um grande depósito para a formação da greda. As únicas outras rochas que observei em lugares desnudados dos depósitos pertencentes a greda são: primeiro, gnaiss e xisto micáceo, cujas estratificações aparecem em sentido quase vertical, como frequentemente observei em minha viagem da costa e quando subí o S. Francisco; segundo, camadas de ardósia cinzenta, sobre as quais passei a cerca de dezoito léguas de Crato. O arenito esbranquiçado e grosso, que depois encontrei, é provavelmente equivalente do arenito ferruginoso encontrado na face oriental da cadeia. Disto se concluiria que entre a série cretácea e as rochas primárias estratificadas não há traços nem de formações carboníferas nem de formações de oolito; nem

encontrei nenhuns sinais delas em parte alguma do Brasil por onde depois viajei. (\*)

Já vimos que a região, desde a costa de Crato, é em maior parte plana, com grandes porções cobertas de areia branca e grossa, ou cascalhos de vários tamanhos, que lhe dão a aparência de leito sêco de um imenso rio: larga parte deste cascalho consiste de calhaus, no meio dos quais se encontram numerosos seixos de vários tamanhos e mais ou menos redondos, formados de granito, gnaiss e quartzo. Onde quer que estes tractos de cascalhos deixam de aparecer, a superfície da região cobre-se de um depósito da mesma espécie de argila vermelha que jaz sobre a camada calcárea superior do planalto. Ao oeste deste planalto grandes porções estão cobertas de nódulos do mineral de ferro de variadas fórmãs encontrados no calcáreo ferruginoso e que se acumularam pela destruição daquela rocha.

Tenho de fazer agora algumas ponderações sobre as mudanças de elevação que esta parte do continente tem sofrido desde que as primeiras rochas calcáreas foram aí depositadas. É evidente que aquele depósito se fez no fundo de um oceano raso e que, sem dúvida nenhuma, se elevou gradualmente, em subsequente período, acima do nível do mar. É patente que a elevação foi gradual pela posição horizontal das estratificações formadas pelo depósito: porquê, se a causa da elevação tivesse sido súbita,

---

(\*) Parece, porém, que o Dr. Parigot encontrou carvão abundante na ilha de Santa Catarina, ao sul do Brasil. Ele se achava empregado pelo governo, ao tempo que lá estive, para explorar a zona em busca de carvão. E num folheto que publicou em 1841, *Memorias sobre as ruínas de carvão de pedra do Brasil*, menciona uma estratificação de três pés de profundidade e de consideravel extensão. Como, porém, depois disso nada mais transpirou sobre o assunto, pode-se pôr em dúvida que este carvão seja de qualidade util. O carvão que Spix e Martius nos informam que existia perto da Baía, consiste de camadas de lignite, segundo verificou o Dr. Parigot; e é provável que sejam equivalentes dos que encontrei em Crato.

não se teria conservado tão perfeitamente a posição original das estratificações. A primeira porção a emergir do oceano foi provavelmente o longo e elevado planalto que por algum período de tempo deve de ter constituído um istmo separando o Atlântico de leste da grande baía então formada pelo imenso vale de oeste.

De algumas das considerações precedentes é obvio que a formação calcárea deve ter coberto em certa época um grande trato das terras circunjacentes; e podemos mui razoavelmente concluir que foi durante a gradual elevação de terra que a ação das vagas do oceano destruiu, também gradualmente, a frágil matéria de que ela se formara. Mas, muito depois que isto se consumou, e num período geológico relativamente recente, tôda a região parece ter sido novamente coberta de agua — não só a parte quase plana entre as praias do mar atual e o elevado planalto, mas ainda os pontos mais altos do próprio planalto. Isto se prova pela espessa estratificação, que em ambos existe, de uma argila diluvial de côr vermelha, semelhante àquela que, segundo observei, cobre quase tôda a superfície do Brasil, desde as bordas do mar até os cimos de quase tôdas as montanhas e que é, às vezes, de mais de quarenta pés de espessura. Quando cortada, mostra várias camadas de argila e arêia grossa, encravadas de pedras arredondadas de diversos tamanhos e que evidentemente foram aí lançadas pela agua. Na parte da região de que ora estamos falando, este depósito de argila deve ter ocorrido em período subsequente à inundação da zona a leste e a oeste do planalto. Isto só poderia ter sido consumado por um novo abaixamento da terra ao nível do mar —, o que explicaria a destruição quase total da greda branca, bem como o aparecimento de pequenos cones dela que permanecem encravados na argila vermelha, depósito aí lançado antes que tôda a greda pudesse ser carregada. Desde então esta parte do continente deve ter gradualmente emergido, pela segunda vez, do fundo do oceano.

Parte de minha coleção de peixes fósseis foi enviada, logo depois que os descobri, aos cuidados do meu falecido amigo J. E. Bowman, Esq., de Manchester. Ele os exibiu na reunião da *Associação Britânica*, de Glasgow, onde foram vistos por M. Agassiz. (\*) Embora não os acompanhasse nenhum espécime das rochas, mas só pelo seu caráter zoológico, Agassiz declarou imediatamente que pertenciam à série calcárea. É bem sabido que este sabio naturalista divide todos os peixes em quatro classes pela natureza de suas escamas: duas destas, a *Gtenoid* e a *cycloid*, nunca aparecem em nenhuma das rochas embaixo da gređa, e foi pela ciência deste fato que ele concluiu que os meus espécimes eram daquela formação, porquanto consistiam principalmente em individuos dos grupos *Gtenoid* e *cycloid*. Os peixes achavam-se no mais perfeito estado de conservação, e, como já declarei, estão inseridos em uma impura pedra calcárea cõr de veado. Os blocos, porém, em que estão preservados, são apenas nódulos contidos no calcáreo amarelado. Têm, em geral, mais ou menos, a forma do peixe neles encravados e a matéria carbonácea aparentemente se lhes agregava em redor pela atração química do calcáreo branco ainda inconsistente; como estes nódulos são mais duros que o calcáreo, acumularam-se pela dissolução gradual deste, em vários lugares ao longo da encosta da montanha. E eu possuo espécimes tanto da encosta de leste como da de oeste da montanha.

Na tarde de 23 de dezembro recebi um convite do Tenente-Coronel João José de Gouvêia, cavalheiro a quem levára cartas de apresentação, para acompanhá-lo, a ele e

---

(\*) M. Agassiz verificou que os peixes eram todos novas espécies e descreveu-os em o *Novo Jornal Filosófico* de Edimburgo, de janeiro de 1841. Eu também possuo, procedentes da mesma rocha, espécimes de duas pequeníssimas espécies de conchas bivalves, meia concha de uma *Venus*, e moldes de uma concha univalve, todos aparentemente novos.

ao Visitador, a um lugar chamado Maçapé, cinco léguas a leste da Vila da Barra dos Jardim, aonde iam passar o dia de Natal. Accitei-o alegremente, visto que já fôra informado de que lá existia um grande depósito de peixes fósseis. Partimos às oito horas da manhã seguinte; e, como o Visitador não voltava, foi acompanhado até quase uma légua da Vila por meia duzia de pessoas das mais respeitaveis na circunvizinhança: o senhor Gouvêia, sua senhora, o senhor Machado e eu seguimos para Maçapé. A distância de meia légua da vila entramos numa estreita ravina, tapada de ambos os lados por grandes árvores de ramos cobertas de *tilladsia usneoides* e outra grande espécie do mesmo gênero; mas não observei uma única orquidea. Esta ravina é de quase meia legua de extensão e de dentro dela brota uma fonte de abundante agua límpida e fresca, que mais abaixo se applica a fins de irrigação. Como a ravina se eleva gradualmente, a ascensão da serra, por aquí, é menos íngreme que por onde passamos na vinda de Crato. Imediatamente ao entrar no Tabuleiro a vegetação muda e não se vê allí nenhuma das árvores encontradas lá embaixo; mas não percebi diferença alguma das que já observára em outras partes.

Após uma jornada de quatro horas chegámos ao lado oposto da serra, onde appareceu grande diversidade na vegetação comparada com a das vizinhanças da Barra do Jardim. Aquí tudo era verde e viçoso, graças às repetidas e fortes chuvas que haviam caído poucas semanas antes. As árvores do tabuleiro são também maiores que as das proximidades do Jardim e tudo denota que é uma região mais fertil.

Do lado da serra descortinámos ao oeste e ao sul o panorama ondulante da bela, mas deshabitada, região.

A serra é aquí muito mais alta que do lado occidental e a descida pode ser tudo, menos suave. A menos de um quarto de legua dali está situada a Fazenda de Maçapé, com a principal casa daquele lugar. Ao chegar vimos

duas grandes bandeiras flutuando no pateo em frente da casa e o Visitador foi saudado por uma descarga de cerca de doze mosquetes.

Daí a pouco começou a chegar gente inumeravel, com crianças de tôdas as idades, e imediatamente depois do jantar o Visitador deu principio aos seus deveres de batismos e outros mais.

Havendo-me informado a respeito dos lugares onde se encontram peixes fósseis, para lá me encaminhei em companhia do senhor Machado, chegando ao cabo de meia legua ao sitio procurado, que muito se assemelhava ao das proximidades da Barra do Jardim e cujas pedras ocupavam um espaço limitado no pendor do terreno ascendente que corre ao longo da base da serra.

Como neste sitio o mato fôra pouco antes limpado para o plantio de cana de açúcar, pouco trabalho tivemos para encontrar pedras em abundância, embora poucas fossem boas, não mais de três ou quatro espécimes sofríveis, em quase duas horas de procura, estando as demais muito quebradas.

Ao voltar, encontrámos reunida grande multidão de gente, enquanto outros mais ainda estavam chegando, especialmente para assistir às três missas que sempre se celebram à entrada do dia de Natal. Às nove horas da noite rezou-se a primeira missa sob a varanda, na extremidade da qual se erigiu pequeno altar profusamente iluminado com velas de cera e encimado por uma imagem da Virgem, da altura de uns cinco palmos, elegantemente vestida, com um colar de ouro ao pescoço, ao qual se prendia um relógio de bolso. A gente mais respeitável sentava-se no chão dentro da varanda, enquanto os restantes, homens, mulheres e crianças, se acoravam no sitio em frente da casa, ao todo nada menos de mil pessoas.

Acabada a cerimônia, foi-nos servida uma ceia de peixe fresco e às dez horas retirou-se o Visitador para um curto repouso em sua rede, antes de começar o officio da

meia-noite. Segui-lhe o exemplo, mas dormi tão profundamente, que só acordei depois da missa, apesar de estar minha rede suspensa no mesmo aposento do prelado e aberta a metade superior da porta que dava para a varanda. Nenhum comentário se fez, que eu ouvisse, sobre minha aparente negligência, mas cuido eu que me tomaram por acabado pagão. De manhã, outra missa; e, acabado o almoço, recomeçou o Visitador seus labores.

Durante o dia o lugar tinha todos os ares de feira: mercadorias européias, joias, alimentos, cachaça, tudo se via, de todos os lados, exposto à venda; e, quando caiu a noite, dansou-se ao ar livre até altas horas.

Ao dia seguinte regressei com meus companheiros, indo o Visitador em outro rumo, duas leguas além.

A meio caminho da travessia da Serra, apeámo-nos em sítio onde abundavam as mangabeiras, afim de apanhar algumas frutas, que só se consideram no ponto de comer quando caem ao chão. Nesta ocasião o senhor Gouvêia largou a rédea do seu cavalo, que, vendo-se livre, rompeu a galope pela estrada, rumo da Barra do Jardim. Eu pulei imediatamente nos arreios com a intenção de ir cercá-lo; mas, no ato de virar, bati com a cabeça com tal força no galho de uma grande árvore, que fui arremessado ao solo. Nada me lembra de tudo o que depois se passou até que chegámos à distância de meia legua do Jardim, quando acordei e me vi a cavalo, em marcha bem veloz, atrás de meus companheiros. Sentia-me mal, com muita dôr na parte inferior da testa e, peor que tudo, inteiramente desmemoriado, sem poder lembrar-me, por mais esforços que fizesse, de onde vinha ou para onde ia. Reconhecia perfeitamente os meus companheiros, mas não lhes sabia mais os nomes; e, posto me fizessem muitas perguntas, não sentia inclinação alguma para respondê-las. Neste estado de obscuridade e confusão mental calavagava em silêncio sem saber aonde ia e com a impressão de quem acabasse de acordar de longo sono.

Era lusco-fusco quando entrámos na vila e, embora conscio de alí haver estado antes, não me acudia à lembrança o nome do lugar, nem que era então alí minha residência. Ao separar-me dos amigos, não saberia para onde dirigir-me, se não fôra o Pedro que me esperava no fim da rua. Tôda minha memória dos lugares estava inteiramente obliterada. Ao chegar a casa, como ainda me sentisse muito mal, deitei-me e caí num profundo sono, só acordando no dia seguinte, já tarde, ainda com fortíssima dôr de cabeça. Veiu-me então confusa lembrança de onde havia estado, sem me ocorrer, entretanto, o nome do lugar, mas apenas vaga reminiscência de haver caído do cavalo.

Soube, porém, depois pelo senhor Machado, que veiu saber notícias minhas, que, ao cair, ficára eu algum tempo em completa insensibilidade, mas pouco depois me levantára, e sem nada dizer, montara a cavalo, seguindo atrás dos companheiros até a vila, nada respondendo aos que me falavam.

Dias e dias se passaram até que de todo me sentisse recobrado deste acidente.

Informado da existência de um grande depósito de peixes fósseis em um lugar chamado Novo Mundo, três leguas ao oeste da Barra do Jardim, resolvi fazer uma excursão até lá, antes de partir para diante. Para isso era-me necessario atravessar uma ramificação da Serra de Araripe, em um ponto onde, como na estrada de Maçapé, a serra estende-se ao norte e ao sul: aquí, porém, tem apenas duas leguas e meia de largura. Em caminho dei com duas ou três árvores inteiramente novas para mim, uma delas bastante grande, a *Copaifera nítida*, Mart., então profusamente coberta de pequenas e brancas flores: o seu tronco produz em abundância um oleo empregado na cura de úlceras e para fricções em caso de reumatismo. Passando a serra, encontrei a terra ainda mais ressecada que em Barra do Jardim; nos flancos da montanha viam-se



apenas umas poucas árvores verdejantes; pelo sopé da serra apareciam outras, grandes e belas, mas tôdas desnudadas de flores e folhas, de sorte que não pude reconhecer a que gênero pertenciam. Dão excelente madeira, rija e duravel, que se emprega na construção de engenhos de açucar, principalmente para moendas. *Braúna* é o nome que lhe dão os nativos.

Também aquí encontrei pela primeira vez a admirável *Chorisia ventricosa*, Nees e Mart., chamada barriguda pelos habitantes, por causa da fórma do tronco que se dilata, à altura do meio, cinco vezes o diâmetro das partes superior e inferior. Cerca de meia legua ao noroeste do sopé da Serra, encontramos a primeira habitação em nosso caminho. Pertencia à pessoa a quem eu fora recomendado e que me recebeu afavelmente, franqueando-me a casa, aliás pouco melhor que uma choupana.

Sabedor do objetivo de minha viagem, bondosamente se prontificou a acompanhar-me ao ponto procurado, aonde fomos ter depois do almoço em meia hora de caminho.

Como em todos os casos anteriores, ocupava um sitio isolado e de grande extensão no suave declive de pequena eminência que corre ao longo da base da serra. Também aqui, como em outros lugares, quase toda a pedra contem os restos de um peixe em condição mais ou menos perfeita. Os menores deles, que tinham quatro ou cinco polegadas de comprimento, estavam em maioria perfeitamente inteiros; porém os maiores, alguns dos quais mediam até seis pés, eram todos fragmentados.

Após três horas de trabalho colecionei muitos especímenes sofrivelmente perfeitos, mas nenhuma espécie diferente das já obtidas em outros lugares. De volta a casa com o meu hospedeiro, esperava-me excelente jantar, pelo qual não aceitou nenhum pagamento. O bondoso acolhimento aquí recebido era realmente superior ao que se podia esperar de uma pessoa em sua situação de pobreza. Folguei, por isso, de ter oportunidade de retribuir-lhe as gen-

tilezas no dia de ano bom, presenteando-o, na vila, com diversos objetos de utilidade. Certamente que nunca me esquecerei da bondade de Antonio Martins, do Mundo Novo.

Há duas pequenas tribus de índios não civilizados dentro do distrito de Barra do Jardim; mas o número deles vai rapidamente diminuindo.

Uma das tribus, os *huamães*, cerca de oitenta indivíduos, reside geralmente a umas sete leguas ao sudoeste da vila. A outra, a dos *xocós*, em número de setenta mais ou menos, tem sua morada habitual a cerca de treze leguas para o sul.

Embora habitualmente inofensivos por índole, tinham sido pouco antes de minha visita apanhados em roubo de gado nas fazendas vizinhas. Aparecem às vezes na vila. Dizem que são pouco limpos em seus hábitos e, na falta de melhor alimento, comem cascaveis e outras serpentes.

Encontrei em várias partes do Brasil muitos indivíduos pertencentes áquela extraordinária seita chamada dos *sebastianistas*, apelido que lhes advem de sua crença na volta à terra do rei D. Sebastião, que tombou na célebre batalha de Alcacerquibir, quando conduzia seu exército contra os mouros.

Os que professam esta crença, diz-se que são mais numerosos no Brasil que em Portugal. Acreditam que com sua volta o Brasil fruirá a mais perfeita felicidade e que então se realizará plenamente tudo quanto sonham os nossos próprios milenários.

Durante minha permanência em Pernambuco ocorreu com referência a esta crença uma das mais extraordinárias cênas de fanatismo de que há memória em tempos modernos e em que mal se poderia acreditar, se não fôra bem autenticada.

Embora assunto de muita conversação por esse tempo no Brasil, não creio que nenhuma notícia do fato chegasse à Europa. A carta infra, trasladada do "Diário de Pernam-

buco”, de 16 de junho de 1838, foi oficialmente endereçada ao senhor Francisco Rego Barros, então presidente da província.

Comarca de Flores, 25 de maio de 1838.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

Nesta primeira carta que tenho a honra de dirigir a V. Excia. sobre a situação desta comarca, que está ao presente tranquila, desejo expor a V. Excia. uma das mais extraordinárias, terríveis e cruéis ocorrências de que há notícia e em que mal se póde acreditar. Faz agora mais de dois anos que um homem chamado João Antonio, morador do sítio de Pedra Bonita, cerca de vinte léguas desta cidade, sítio cercado de matos e perto do qual há dois grandes rochedos, convocou o povo dali, dizendo que dentro daqueles rochedos havia um reino encantado, que êle ia desencantar, e que, imediatamente depois disso, appareceria el-rei D. Sebastião, ricamente adornado e à frente de um grande exército, e que todos quantos o seguissem seriam felizes. Continuou depois embelezando o lugar até o mês de novembro do ano findo, quando, por conselho do missionário Francisco José Caneca de Albuquerque, fez uma viagem no sertão de Inhamon, donde enviou um tal João Pereira, homem de péssimo carater, que, ao chegar a Pedra Bonita se proclamou rei e começou a incutir noções supersticiosas na mente do povo, dizendo-lhes que, para a restauração do reino encantado, seria necessário imolar grande porção de homens, mulheres e crianças; que, ao cabo de poucos dias, todos resuscitariam e seriam imortais, — que as riquezas abundariam em tôdas as classes e que tantos quantos fossem negros ou de côr trigueira se tornariam brancos como a lua. Assim induziu muitos ignorantes a crer em suas falsas asserções e danosas doutrinas, a ponto de alguns pais entregarem os filhos ao cutelo do tigre sanguinário. No dia quatro do corrente mês começou êle seus atuais sacrificios e, no decurso de dois ou três dias, nada menos de quarenta e dois seres humanos, vinte e um adultos e vinte e um menores, entregaram a vida em suas mãos. Também deu em casamento a cada homem duas ou três mulheres, com ritos supersticiosos, de acôrdo com sua conduta já sob outros aspetos imoral e como parte integrante de sua idolatria. O resultado, porém, lhe foi sinistro, porquê Pedro Antonio, irmão de José Antonio, o propagador desta idéias, impaciente com tal loucura, ou, talvez, ambicioso, êle próprio, de se fazer rei, resolveu assassiná-lo e levou a cabo seu plano sexta-feira, 17. Foi nesse dia que os habitantes, fugindo de lugar em lugar, deram notícia do ocorrido ao comandante Manuel Pereira da Silva, que immediatamente reuniu uma força de

vinte e seis guarda-nacionais e camponeses e, partindo no dia seguinte, encontraram, perto do lugar indicado, a Pedro Antonio com uma corôa feita de flores do campo, tomada de seu predecessor, e acompanhado por um grupo de homens e mulheres que receberam a escolta aos gritos, dizendo: "Venham! Não os tememos, porque estamos amparados pelas tropas do nosso reino." Avançaram depois ao seu encontro com cacetes e espadas, ferindo cinco soldados e matando outros tantos. Mas, vigorosamente contratcados, pereceram deles imediatamente vinte e seis homens e três mulheres, sendo feito prisioneiros três homens, nove mulheres e doze crianças. Os mais do bando, muitos deles feridos, embrenharam-se nas selvas. Só na tarde do dia dezoito é que tive notícia destas perturbações de ordem. Reunindo então quarenta homens, marchei à frente deles; mas, ao chegar, já tudo havia serenado da maneira acima referida. Os prisioneiros foram conduzidos a esta cidade e as crianças aqui bem cuidadas até que V. Excia. dê ordens a seu respeito.

Deus guarde a V. Excia.

*Francisco Barbosa Nogueira Paz*".

O distrito de Flores está situado bastante para o sul da vila de Crato (\*), perto do Rio S. Francisco, na província de Pernambuco. Os acontecimentos foram muito comentados durante minha estada nas redondezas de Crato e tive ocasião de conversar com os parentes de alguns dos que tombaram vítimas.

No dia 31 de dezembro houve grande trovoadas na Barra do Jardim, seguida de um aguaceiro de duas horas, o primeiro daquela estação e o mesmo aconteceu a 2 de janeiro, indicando que o período das aguas estava a começar. Observei que, fiados nisto, já os habitantes tinham preparado as plantações de arroz; pelo que, não perdi tempo em fazer arranjos para a volta a Crato, afim de me preparar para a viagem ao Piauí.

---

(\*) Alguns dos espécimes que obtive neste lugar eram da espécie que M. Agassiz me deu a honra de chamar *Gladocycclus gardneri*, e medem um pé de comprimento; um deles, que, por ser de grande tamanho, tive de deixar para trás, era ainda maior.

Minha partida de Barra do Jardim foi marcada para o dia 3. Para isso meus cavalos foram trazidos ao pasto na véspera e amarrados com segurança a umas laranjeiras, com abundância de crva verde para se alimentarem até o amanhecer; mas, ao clarear do dia, dois deles haviam desaparecido, o que me deixou apreensivo de que tivessem sido roubados. Despachei à sua procura o Pedro, a quem tive alegria de ver voltar com os cavalos fujões que êle fôra encontrar no velho pasto. Sem motivo para mais delongas parti, pois, ao meio dia, depois de me haver despedido dos amigos, e cheguei a Crato no dia seguinte.

## CAPÍTULO VII

### CEARÁ

(continuação)

*Preparativos para a jornada — Parte de Crato — Passa Guaribas — Chega a Brejo Grande — Descobre mais peixes fósseis — Passa Olho d'Água do Inferno — Chega a Poço de Cavallo — Crauatá — Marmeleira — Rosário — Os defuntos — Lagôa — Vargea da Vaca — Angicos — Atravessa os limites da província do Piauí — Chega a S. Gonçalves — Campos — Lagôa comprida — Dificuldades do caminho — Chega a Curumatá — Canabrava — Chega a Boa Esperança, grande propriedade, um excelente abrigo — Acha-se agora no meio dos grandes distritos do gado — Natureza da região — Dividida em duas espécies: campos mimosos e campos agrestes — Passa pântano das Mercês — S. Antonio — Cachimbinho — Vegetação da região circunvizinha — Chega a Retiro — Boqueirão — Canavieiras — Atravessa o Rio Caninde e chega a Oeiras, capital da província do Piauí.*

Após minha volta a Crato todas as minhas coleções foram despachadas para a costa a dez de janeiro, afim de serem embarcadas para a Inglaterra, e eu preparei tudo com vista à jornada, que me haviam assegurado que podia agora empreender sem receio, porque havia chovido quase diariamente desde o princípio do mês. Fui, porém, impedido de partir tão depressa como esperava, por necessidade de despedir meu empregado Pedro.

Fazia agora um ano que ele estava ao meu serviço e, porque era inteligente e bom de serviço e tínhamos viajado juntos mais como companheiros que como patrão e empregado, havendo ele, de mais a mais, procedido com grande bondade e atenção para comigo durante várias enfermidades ligeiras, eu sempre o tratei com muita indulgência e por certo não o teria mandado embora, se ele me não houvesse retribuído a benevolência com a ingratidão. Havia já algum tempo que o seu procedimento era como se ele cuidasse que eu não o podia dispensar. Era

num sábado que eu pretendia deixar Crato e na manhã desse dia mandei-o comprar diversos artigos para a viagem; mas ele só voltou às duas horas da tarde.

Desejoso, ainda assim, de partir, eu lhe disse que fosse chamar os outros homens que conosco deviam seguir e que trouxesse os animais do pasto. A resposta foi que iria, sim, buscá-los, mas que eu poderia, se quizesse, partir só com os outros, porque ele não tencionava deixar Crato senão segunda-feira próxima; e, como isto era mais do que eu podia aturar, despachei-o no mesmo instante.

Felizmente para mim, tive nesse mesmo momento a visita de um jovem inglês, Mr. Edward Walker, que viera a Crato, enquanto me achava na Barra do Jardim, para tomar conta de um engenho de rapadura, na ausência do dono que, embora de mais de quarenta anos de idade, estava de partida para Olinda, aonde ia fazer estudos eclesiásticos.

Por dois anos antes disto estivera Mr. Walker em viagem pelo interior do Ceará e ao norte do Piauí, vendendo mercadorias européias. Mas, dois meses antes de vir para Crato, fôra roubado de tudo quanto possuía, não tendo outro remédio senão aceitar a situação que ora ocupava para ganhar os recursos de que precisava afim de se transportar para a costa. E, como esta ocupação não lhe era do gosto, imediatamente se ofereceu para me acompanhar como ajudante. Tive, pois, de comprar mais dois cavalos, para ele e para suas malas; e, como não era facil achar à mão os que servissem às nossas necessidades, tive de protelar até o dia quinze nossa partida de Crato. O dia anterior, passei-o ocupado em me despedir dos bons amigos, capitão João Gonçalves, sua senhora e filha, além de outros mais.

Partimos às quatro horas. Passámos a noite em um engenho chamado Guaribas, ao pé da Serra de Araripe, cerca de légua e meia ao oeste de Crato. Ao clarear da manhã seguinte de novo nos pusemos a caminho e pouco

depois subíamos a serra debaixo de forte chuva e sobre uma parte bem mais baixa que a de poucas léguas a léste. A Serra tem aqui cerca de trinta milhas de largura. A primeira parte era muito semelhante às outras já por mim visitadas — bem plana, descampada, com árvores grandes mas raras, e coberta em muitos lugares de numerosos arbustos. A árvore aqui mais comum era uma bela espécie de *vachysia*, que só mui raramente eu encontrara antes, e de magnífica aparência com suas folhas verde-escuras e brilhantes e com suas vergôneas de vivas flores amarelas na ponta dos raminhos.

A parte mais ocidental é densamente coberta de pequenas árvores; grandes tratos delas são queimados anualmente para mais abundante suprimento de pastagens para o gado e os cavalos que para ai se mandam durante a estação da sêca.

A meio caminho da travessia da serra, parámos para almoçar debaixo de uma árvore. Havíamos levado conosco uma grande cabaça de agua para chá, cuidado desnecessário, porque encontrámos numa tóra de madeira abundância do líquido, bom para uso, embora nele nadassem duas rãs. A encosta ocidental é de suave declive e vai ter a longa e estreita ravina, que conduz a Brejo Grande, extenso vale cingido de todos os lados, exceto ao oeste, por algumas ramificações da serra. Na extremidade ocidental do vale encontrámos a casa do coronel Manuel de Barros Cavalcanti, a quem eu devia visitar a pedido de um filho seu residente em Crato por se achar bem doente, havia já muitos dias.

O coronel é a pessoa mais importante deste não mui populoso distrito, onde exerce as funções de juiz de paz. Visitando-o, encontrei-o sofrendo de forte ataque de reumatismo agudo; pelo que o sangrei abundantemente, administrando-lhe os remédios usuais.

Em pantanoso sítio quase no extremo do vale de Brejo Grande, passamos um grande grupo de belas palmeiras, que



eu só encontrara algumas vezes abaixo de Crato, mas depois vi em máxima profusão nos charcos de Piauí e Goiáz. É a *Mauritia vinifera*, de Martius, chamada buriti pelos habitantes. Não é só a mais bela das palmeiras do país, mas também a mais alta. As folhas, em forma de leque, formam no tôpo do tronco uma grande copa redonda, semelhante à da carnaúba. Produz grande número de nozes do tamanho de um ovo pequeno, coberto de escamas romboidais arranjadas em espiral; entre estas escamas e a substância albuminoide da noz existe uma polpa oleosa de côr vermelha, que os habitantes de Crato fervem com açúcar e convertem em confeitos. Em Piauí prepara-se com esta polpa uma emulsão que, adoçada com açúcar, dá uma heberagem bem saborosa, a qual, entretanto, se dela se abusa, dizem que dá á pele uma côr amarelada. O suco do tronco também produz uma bebida agradável; mas, para obtê-la, é necessário derrubar a árvore e fazer-lhe no tronco, a machado, diversas aberturas de seis polegadas quadradas e três de profundidade, a seis pés umas das outras: estas aberturas se enchem em pouco tempo de um líquido avermelhado, de sabor muito semelhante ao do vinho.

Em minhas viagens no Piauí por vezes cortámos estas palmeiras para lhes extrair o suco.

Tendo chovido copiosamente durante a noite, na manhã seguinte ainda estava tudo tão molhado, que nos foi impossível prosseguir imediatamente na jornada. Com effeito, o coronel Barros aconselhou-nos insistentemente adiassemos a partida para a manhã seguinte, porque o rio ao oeste das plantações devia de estar muito crescido pelas chuvas; também as condições da estrada não nos permitiriam chegar nesse dia ao ponto onde pensavamos em pousar.

Durante o dia visitei um outro depósito de peixes fósseis, cerca de uma milha da casa, guiado por um dos filhos do coronel, moço muito inteligente. Nem o depósito era

diferente dos outros já descritos, nem os espécimes ali obtidos eram diversos dos que eu encontrara no lado oriental.

Nessa excursão descobri uma grande espécie de *jatropha*, muito comum nas matas secas, e conhecida pelo nome de *manacóba*: é uma pequena árvore de dez a vinte pés de altura, cujas raízes, muito mais lenhosas que as da mandioca, são convertidas em farinha nos tempos de fome.

O vale do Brejo Grande, ainda em grande parte inculto, contém principalmente cana de açúcar, arroz e mandioca.

Como o tempo continuasse bom, despedi-me na manhã seguinte do coronel Barros a quem encontrei sensivelmente melhor. Depois de expressar seus profundos agradecimentos pelo alívio que eu lhe dera, ofereceu-me alguma compensação; como eu não quizesse aceitar dinheiro, ele insistiu em que eu levasse meio alqueire de arroz e uma porção de rapaduras como necessários às minhas provisões. Cerca de uma légua de sua casa passamos por uma pequena povoação chamada Santana, com meia duzia de casas e uma igreja. A estrada era boa em toda a extensão e apresentava uma pavimentação natural na forma de leito de pedra de cal em finas camadas. Após duas léguas de viagem chegámos a um lugar chamado Olho d'Água do Inferno, situado em pequena elevação do estreito vale, com três ou quatro casas apenas. Aqui nos detivemos para almoçar à sombra de enorme cassia que se achava literalmente coberta com grandes panículas de flores douradas. Como a primeira légua da jornada, foi ótima a última: mas a distância intermediária passa por uma zona plana, quase toda de agua e lama, em que os cavalos afundavam até os joelhos.

Atravessámos o rio mencionado diversas vezes pelo coronel Barros e que ainda mostrava, pelas marcas deixadas nas margens pela agua, os evidentes sinais de ter sido inundado na véspera, embora no momento não apresentasse mais de dois pés de profundidade. A parte mais baixa da re-

gião que atravessámos é bem cheia de matas formadas principalmente de *mimosas* e *erythrinas* cobertas de numerosas flores de vivo escarlate; havia também espécimes de *barrigudas*, algumas de grandes porporções, cujo tronco na parte do meio, singularmente dilatado, media cerca de vinte e quatro pés de circunferência, ao passo que a parte superior e a inferior não tinham mais de oito pés respectivamente.

Numerosos foram os acréscimos feitos nesse dia ao meu herbário: entre outras, e das mais belas, uma espécie de *allamanda*, arbusto de uns seis pés de altura, apresentando em profusão grandes flores côr de violeta, um tanto semelhantes às da *Gloxina speciosa*, e a que chamei *Allamanda violacea*, por causa da côr violacea de suas flores, nisto diferentes da de todas as outras especies, que as têm amarelas. Da raiz deste arbusto se faz uma infusão que é poderoso purgativo, usado principalmente nas febres malignas. Em derredor de Olho d'Agua do Inferno, há em grande quantidade uma nova especie de *cautarea*, que dá umas flores grandes e brancas, e é chamada pelos habitantes quina branca, por se ter descoberto que sua casca é excelente remédio das febres intermitentes, tão comuns nas planícies pantanosas do Piauí. Quase todo o viajante que entra na província leva consigo uma porção desta casca, pelo que, como observei, quase todas as árvores da beira da estrada trazem descascada grande parte do tronco.

Partimos de Olho d'Agua à tarde, entrando logo depois numa região semelhante à que medeia entre Icó e Crato; mas, como as chuvas vinham caindo havia já um mês, tudo em roda era verdejante. É admiravel com que rapidez, logo após as primeiras chuvas, a vegetação se desenvolve nestes desertos: a grama anual brota na areia branca, das árvores rebentam folhas e flores e as perenes plantas herbaceas, aparentemente extintas durante a sêca, lançam em curto período seus çaules floridos. Cortando

um riacho nesta jornada observei que a rocha de seu leito consistia em gnaisse inclinado para oeste; além daí, aparece de novo arenito; mas por cima dele aparecem disseminados em imensa quantidade grandes blocos angulares de gnaisse. Com mais três léguas de caminho chegámos ao lugar chamado Poço do Cavalo e aí pousamos essa noite em uma casa ainda inacabada, já coberta, mas com os lados abertos. Mais dois grupos de viajantes já aí se haviam acomodado. De um pantanal dos arredores ouvia-se o concerto noturno de uma legião de rãs, tão alto e forte, que me foi difícil conciliar o sono. Pouco antes de chegar a este sítio havia eu encontrado espécimes de uma grande e bela árvore, que soube depois que era muito comum na zona. Pertence à ordem das *miliaceae* e é chamada cedro pelos brasileiros, por causa da semelhança de sua madeira, tanto na côr como no cheiro, com o verdadeiro cedro. Usa-se para portas, mesas e diversas peças de mobiliário. As folhas e flores exalam tão forte cheiro de alho, que a atmosfera se torna desagradável de respirar. As pastagens dos animais eram agora excelentes, com erva nova e abundante, de quatro a seis pés de altura. A mim como botânico era uma verdadeira delícia viajar em tais regiões, onde quase a cada passo me era dado aduzir alguma coisa nova e bela às minhas colleções. O único aborrecimento era a dificuldade de preservar os espécimes, pela grande unidade do ar e pela falta de meios para secar o papel, quando o sól tão raramente brilhava cá fóra.

O dia seguinte amanheceu chuvoso e só pudemos recommençar a viagem às sete horas, com uma estiada. Mas pouco havíamos caminhado quando a chuva voltou a cair tão pesada, que, apesar de protegido por guarda chuva, me molhei até os ossos. Assim tivemos de viajar por duas léguas para chegar à primeira habitação destas quase deshabitadas regiões, a um lugar chamado Crauatá, onde não havia mais que três pequenas casas, em uma das quais, se possível, desejavamos passar o resto do dia, pois a chuva

caia sem intermissão. Havia, porém, só um quarto que se podia ocupar, esse mesmo tão pequeno, que mal podia conter minha bagagem, e muito menos o nosso grupo, que eramos agora quatro pessoas. Não houve remédio senão caminhar por mais uma légua debaixo de chuva até um lugar chamado Cachoeira. Lá chegados, vimos que havia apenas quatro casas, todas elas, com exceção de uma em que tivemos licença de pousar, semelhante às de Crauatá. Pertencia a casa a uma pessoa que dezoito anos antes estivera em Filadelfia e ainda falava um pouco de inglês. Ao saber de que país eramos, deu-nos cordial acolhida e toda a acomodação compatível com a casa, fazendo o possível para nos oferecer conforto. Instantes depois de nossa chegada a chuva desabou em torrentes, a ponto de um pequeno ribeiro, que havíamos atravessado pouco antes de entrar na casa, se tornar intransponível por animais. De sorte que, se houvessemos chegado uma hora mais tarde, teríamos ficado ao desabrigo do lado oposto. A chuva cessou logo depois, mas os trovões que a acompanharam continuaram ainda quase todo o dia.

A estrada de Poço do Cavallo a Cachoeira passa por uma região quase plana, coberta em muitas partes por matas de grandes árvores, das quais a mais comum é uma especie de *caesalpinia*, algumas grandes *mimosas*, o cedro, a barriguda e ainda outra espécie, também muito comum, embora não tão grande, chamada pelos habitantes imbuzeiro, *Spondius tuberosa*, Arrud., que produz em abundância um fruto de duas vezes, mais ou menos, o tamanho de uma groselha grande, de forma oblonga e cor amarelada, quando maduro; sob sua casca coriacea se encontra uma polpa succulenta, de gosto ácido, mas agradável. Como a fruta da mangabeira, também este só está bom quando caindo de maduro, podendo então comer-se em quantidade sem inconveniência.

Durante nossa jornada aos campos de Piauí, onde esta fruta não se encontra, raro deixavamos de levar conosco

uma provisão diária dela. De sua polpa misturada com leite, coalho e açúcar preparam os sertanejos um prato muito apreciado a que dão o nome de imbuzada. A árvore deita raízes longas e horizontais, que não penetram fundo na terra, e sobre elas se encontram, a curta distância, uns tubérculos redondos e escuros, com cerca de oito polegadas de diâmetro, consistindo inteiramente em uma substância celular branca, cheia d'agua evidentemente destinada pela natureza ao suprimento da vegetação da árvore na estação da sêca; mas os viajantes frequentemente os arrancam por amor da agua que contém, excelente em qualidade e na proporção de um quartilho em cada tubérculo. Outro fruto aquí comum, bem como em Crato e Pernambuco, é o de uma árvore chamada pitombeira (*Sapindus esculentus*, St. Hil.), que cresce à altura de trinta ou quarenta pés; dá o fruto em grandes cachos, do tamanho da uva comum; a parte exterior é dura, mas o miolo é coberto de uma polpa fina e agridoce, que é só o que se come; dizem que o miolo, se comido pelos perús, os envenena.

Ao dia seguinte, vinte de janeiro, saímos de Cachoeira bem de manhã em demanda de uma fazenda chamada Marmeleira, onde descansamos parte da tarde após uma viagem de cinco léguas. Logo que partimos de Cachoeira começamos a subir uma pequena Serra de suave declive, mas de caminhos às vezes maus, por sua natureza rochosa.

Esta cordilheira consiste de gnaisse, cuja estratificação é quase vertical; grandes blocos da mesma espécie de rocha se viam frequentemente ao longo da estrada, mas ao subir uma pequena colina observei muitos blocos redondos de arenito calcáreo grosso e esbranquiçado. De caminho atravessamos diversos rios que, pequenos ou inteiramente extintos na estação da sêca, se mostravam agora tão entumecidos pelas chuvas, que eram às vezes difíceis de transpôr. Passada a Serra, entramos em belo vale, de uma légua de extensão, cheio de grandes árvores e cortado ao

meio por um regato; a extremidade do oeste era quase toda despida de árvores e continha uma povoação chamada Rosário, além da qual ainda tínhamos meia légua de caminho para chegar ao pouso. Nesta viagem encontramos várias espécies novas do belo gênero *angelonia*, sendo das mais notáveis entre elas uma bela espécie de trepadeira (*A bracteata*, Berth); em lugares secos e rochosos observei diversas espécies de cactos, que não são tão comuns no lado ocidental da Serra de Ibiapaba. O gênero *Loasa*, frequentissimo no Perú e Chile, tem só uns poucos representantes no Brasil; um deles, a que chamei *Loasa rupestris*, encontrei-o aqui em sítios rochosos ao pé de um riacho, pouco antes de nosso pouso.

Como outras espécies deste gênero, toda a planta espinha fortemente e, por isso, em comum com outras plantas espinhentas, é chamada pelos habitantes cansaço (sic).

Como fizesse um belo sol durante nossa permanencia em Marmeleira, pudemos secar todas as nossas roupas e outras coisas que haviam sido empapadas pela chuva. Aqui receitei para a dona da casa, que se achava em melindroso estado de saude, recebendo à guisa de compensação farto suprimento de leite, que é abundante nesta estação do ano. À tarde avançamos mais três léguas de caminho, chegando ao lusco-fusco a um povoado de poucas casas, chamado Defuntos, perto do qual havia um brejo repleto de rãs: o seu coaxar, alto e incomodativo, só é comparavel aos uivos ou ladridos de uma matilha faminta. Sobre algumas árvores perto do paul pousavam corujas, sem dúvida atraídas pelas rãs, que, dizem, lhes servem de alimento.

Na manhã seguinte, após cinco léguas de viagem através da região plana e descampada, chegamos a um lugar chamado Varzea da Vaca. Cerca de um légua além de Defuntos passamos por uma fazenda chamada Lagôa, pertencente ao senhor José Pereira de Holanda, o homem que, sem licença, me tomou de empréstimo o cavalo em minha

estada em Crato. O nome da fazenda deriva-se de um lago nas vizinhanças da casa, muito frequentado por patos selvagens e outras aves aquáticas. Antes da Varzea, passámos por diversas outras fazendas, onde pastavam nos campos abertos grandes manadas de bois. Varzea da Vaca é uma povoação de umas oito casas, mas em todo o distrito desse nome se contam cerca de sessenta. Os moradores são quase todos criadores de gado; algumas das famílias pobres possuem apenas meia dúzia de cabeças, ao passo que há ricos que contam para cima de cem.

Cultivam também em pequenas plantações milho, arroz, mandioca e feijão. Os moradores da casa onde me acolhi pareceram-me muito pobres; a casa era pequena e mal construída, com uma grande abertura do lado, que servia de entrada, mas sem porta que abrigasse do vento e da chuva; tinha só dois comodios, um interior ocupado pela família, outro exterior, onde se hospedava o meu grupo e mais um viajante.

Como a noite era de tempestade e o vento entrava pela grande abertura lateral, tive de estender ali um dos couros usados para cobrir a carga dos animais.

De tarde atirei algumas aves e também encontrei algumas curiosas plantas anuais que haviam brotado nos arenosos campos.

Partindo de Varzea da Vaca, pelas sete horas da manhã seguinte, fomos ter duas léguas após a uma fazenda chamada Angicos. Não pretendia portar ali de passagem; mas, como a chuva caía forte, ficámos até à tarde quando, limpo o tempo, fizemos mais duas léguas de caminho até São Gonçalo, onde chegámos ao pôr do sol. A região que fica entre Varzea da Vaca e Angicos, plana e arenosa, é um desses tratos de terra chamados tabuleiros, cobertos em parte de pequenos arbustos, em outros de numerosas espécies de grandes cactos.

Entre as muitas e belas plantas vistas nesta jornada há uma que merece menção especial: é uma espécie de



*echites* (°), abundante nos areais abertos; não tem mais de seis polegadas de altura, com folhas soveladas e flores côm de cravo que lembram as do *Phlox subulata*. Chamam-lhe os habitantes *cavi* e comem-lhe cozida a raiz tuberosa, que é do tamanho e da côm de um rabano radisio, grande e preto; crú, tem gosto de nabo. Esta raiz é também alimento predileto do queixada (*Dycoteles torquatus*, Curv.), muito esperto em arrancá-la com o focinho, de que deixa as marcas nos buracos abertos na terra para esse fim.

A distância de meia légua de Angicos vê-se pequeno lago, que é a divisa entre as províncias do Ceará e Piauí. Há em S. Conçalo duas casas, ambas pertencentes a criadores de gado, pai e filho, os quais pelos fins das últimas chuvas possuíam em conjunto cerca de trezentas cabeças de gado, mas a forte estiagem que precedeu à entrada da estação chuvosa apenas lhe deixou cerca de quarenta rezes: todo o resto pereceu por falta de água e erva.

No dia seguinte, de manhã, após três leguas e meia de viagem por uma região quase plana e sofrivelmente coberta de matas, chegámos por volta de meio-dia a um povoado de três casas chamado Campos.

A árvore mais comum no caminho era o imbuzeiro, cujo fruto, chamado imbú, se encontrava em tal abundância, que o solo em baixo das árvores era inteiramente amarelo: comemo-los à farta e achámo-los muito saborosos.

Cerca de uma legua de Campos a região é fértil de uma especie arborescente de *jatropha*, de pequenas flores brancas e folhas sinuadas, semelhantes às do azevinho, apenas maiores; os pedúnculos das folhas são providos de uns poucos de espinhos, longos e aguçados; e eu, ignorando-lhes a natureza, peguei num ramo para colher uma porção de espécimes; apenas o fiz, passou-me pela mão inteira uma sensação como se a tivesse mergulhado em óleo

---

(°) *Echites tenuifolia*, Mikan. *Dipladenta tenuifolia*, var. *puberula*, Alph. D. C., Prodr. 8 p. 482.

fervente: era o veneno dos espinhos que me haviam picado em vários pontos, pungindo-me atrozmente por horas a fio. Da segunda vez, porém, fui mais precavido e consegui pegar vários espécimes.

A planta é chamada favela pelos habitantes.

Durante a estação sêca raspam-lhe a casca e o lenho, e lançam essa substância nos grandes poços onde vêm beber as pombas e outras aves que, envenenadas pelas aguas, ou morrem ou ficam de tal modo estupidificadas, que a gente as apanha para comer. Nesta viagem vimos grande quantidade de araras (*maccaus*), mas não me deixaram chegar a distância do tiro.

À tarde fizemos nova caminhada de cerca de legua e meia por uma região plana e arenosa, onde colhi espécimes novos, e fui pernoitar em uma fazenda de gado, chamada Lagôa Comprida. Era a maior que viamos desde que saíramos de Brejo Grande: está situada à beira de uma lagôa que lhe dá o nome, e que mede quatrocentas jardas de comprimento. Nenhum regato desemboca no lago, que se enche durante a estação chuvosa, e, se as chuvas são abundantes, não se sêca até que de novo comecem as aguas. Informou-me o proprietário de que no ano anterior caíram poucas chuvas e que, em consequência disto e da grande sêca que depois sobreveiu, secára-se a lagôa antes de começarem as atuais chuvas, do que resultara a morte de quase todo o rebanho de gado pertencente à fazenda. A gente ainda se achava em grande penuria de provisões, não me sendo possível adquiri-las para meu próprio uso, nem em Campos, nem aqui: não havia aves, nem carneiros, nem cabras, nem porcos, nem bois, nem coisa alguma que se pudesse obter por dinheiro.

Outra caminhada de três léguas levou-nos a outra fazenda, Corumatá. A região era ondulante, não montanhosa, mas coberta em muitos lugares de imensos blocos de granito, grandes e quadrados, que, vistos de longe, apinhados, nos deram a ilusão de uma grande aldeia. Duas

circunstâncias contribuíram para nos determos por muito tempo na estrada. Havendo-me apeado para apanhar alguns espécimes, meu cavalo fugiu para as matas e só se deixou pegar uma hora depois; pouco além dali, ao cortar uma porção arenosa da estrada onde pululavam formigueiros, a terra cedeu à passagem de um cavalo de carga sobre uma de suas excavações, sepultando-o a meio no areal, donde a muito custo podemos tirá-lo. Momentos depois descíamos através de péssimos caminhos, tomados por grandes blocos de granitos, a um vale por onde corre pequeno rio; passado este chegámos a Curumatá. O dono da fazenda não reside nela, mas deixa-a aos cuidados de um vaqueiro.

Aqui também nada havia que se comprasse, mas o vaqueiro presenteou-me com pequena manta de carne sêca e abundância de excelente leite. A fazenda, ao que êle me informou, produz anualmente cerca de duzentos bezerros; o gado interna-se a grandes distancias nas matas e campos; mas nesta época do ano, que é a da produção dos bezerros, o vaqueiro e seus ajudantes, geralmente escravos, estão sempre campeando as vacas paridas. Trazem então para casa os bezerros e os encerram em grandes cercados, a que chamam currais, aonde as mães os seguem naturalmente. No curral fecham-se à noite vacas e bezerros, mas de dia soltam-se as vacas a pastar fóra: indispensavel a precaução em região tão agreste, para evitar que as mães se extraviem nas matas. Tira-se um pouco de leite das vacas, pela manhã, ao soltá-las; à tarde nunca se ordenham. De parte do leite fazem uma especie de queijo mole, grandemente apreciado por todas as classes da sociedade. Ainda não o haviam começado a fazer aqui em geral; mas à tarde um dos vaqueiros veio oferecer à venda um bem grande, que folguei em poder comprar para os meus homens.

Pouco depois da nossa chegada aqui passou por sobre nós tremenda trovoadade oeste, seguida de chuvas torrenciais, que em um ápice havia entumecido o ribeiro a

ponto de se tornar intransponível; e, como a estrada para Canabrava, nosso próximo pouso, cortava este ribeiro, tivemos de estacionar aqui até a tarde do dia seguinte, quando afinal, tentando atravessá-lo, ainda o achámos tão fundo, que nos foi necessário tirar a carga dos cavalos e passá-la na cabeça dos homens.

Há aqui um fenômeno natural bastante curioso: sobre um outeiro desnudo, de forma cônica, com cerca de 800 pés de altura, e que é o termino de uma cordilheira chamada Serra Grande, há uma pedra enorme superposta a outra muito menor; e o ponto em que se apoia parece tão pequenino, que leva a gente a imaginar que um sopro de brisa a derrubaria.

Caminhando sempre à beira do rio, chegámos à hora do crepúsculo a um sítio onde a estrada corta duas vezes o rio, por motivos de uma súbita volta; mas em Curumatá nos informaram de que há na mata um atalho que nos livraria disso. Era já noite e, embora houvesse um belo luar, tivemos dificuldade em acertar com este atalho: quando afinal demos com êle, estava tão coberto de moitas, por pouco frequentado, que a muito, custo pudemos conduzir por êle os cavalos com suas cargas. Depois de labutar por uma hora neste labirinto, tivemos a alegria de alcançar a estrada que conduz do rio à fazenda de Canabrava, aonde fomos ter dentro de um quatro de hora. Quando pedimos acomodação para a noite nesta grande fazenda, mostraram-nos um velho rancho, cujo teto, em vários pontos, estava quasi em ruína: logo, porém, que o proprietário soube de meus homens quem eu era, ofereceu-me pouso em sua casa e fez preparar-nos ótima ceia de que nos servimos com delícia.

Ao partir de Canabrava bem cedo na manhã seguinte, cuidavamos alcançar a próxima parada em Bôá Esperança lá pelas treze horas, mas nisto fomos tristemente desiludidos. O rio corre em ziguezague através de um vale que se estende entre os dois lugares referidos: e, como a estrada

passa pelo centro, tivemos de atravessar o rio nada menos de oito vezes nesta curta distância, embora fosse possível com pouco trabalho construir uma estrada que não cortasse o rio.

Raras vezes, porém, terão viajantes afrontado tantos aborrecimentos como os nossos, porque durante o estio o leito do rio fica inteiramente sêco. Em quatro das passagens foi necessário que os homens tirassem a carga dos animais e as levassem sobre a cabeça; nas outras quatro, pudemos evitar este trabalho, com exceção dos pacotes de papel contendo espécimes, que estes eu sempre os fiz levar à mão por um dos homens. Como todos eramos obrigados a ajudar neste trabalho, ficamos expostos a maior parte do dia, quasi nós, aos raios ardentes do sol.

Minhas pernas, como as de Mr. Walter, ficaram de tal modo queimadas, que no dia seguinte se achavam cobertas de empolas, e tão inchadas que por dois dias estive de cama. Isto me ensinou a ser mais cauteloso no futuro: porque eu pensava que, como os pretos não hesitavam em expôr-se ao sol, tambem eu podia fazer o mesmo, esquecido de que a pele deles é de substância um pouco mais resistente que a minha.

Quando atravessamos o rio pela oitava e última vez eram oito horas, e dez minutos depois chegámos à fazenda de Boa Esperança, quase exaustos pelas grandes fadigas do dia.

Confortou-nos a afavel acolhida do seu excelente e culto proprietário, o Reverendo Padre Marcos de Araujo Costa, bem como de seu filho adotivo, o Dr. Alarico de Macedo, que acabara de regressar de uma visita à França e Inglaterra, aonde fora às expensas do governo para estudar a manufatura de porcelana, e a quem eu fora apresentado poucas semanas antes em Crato, sua terra natal.

Nesta viagem pouco aumentei minhas coleções botânicas, mas em umido prado à beira do rio matei bela bôa-constrictor, de cerca de sete pés de comprimento.

Embora frequentemente encontrados na região seca, chamada sertão, estes répteis não são tão numerosos nem tão grandes como os que se encontram nas planícies pantanosas de Piauí e Goiás.

A fazenda de Bôa-Esperança era das maiores que eu já visitára no Brasil e nela pastavam para mais de cinco mil cabeças de gado, além de centenas de carneiros. Embora sujeita esporadicamente a longas sêcas, como todas as outras do sertão, há todavia nesta fazenda agua abundante durante o ano todo, mesmo quando não chove por mais de doze meses a fio. O rio corre a pouca distância da casa e, conquanto apenas tenha agua na estação das chuvas, dele se obtém em todo o tempo abundante suprimento de liquido, graças a uma solida represa nele construida em lugares onde as margens são um tanto elevadas e rochosas de ambos os lados. Esta represa, posto que construida há mais de cinquenta anos, é ainda tão eficiente como quando foi feita, circumstancia bastante admiravel em país como o Brasil onde as obras desta natureza são geralmente tão mal executadas. A casa é edificada numa pequena elevação e, como há atrás dela cerca de trinta habitações menores pertencentes aos escravos, o lugar tem ares de pequena vila. Perto da casa o padre erigiu bonita capela onde diz missas todas as manhãs para seu povo.

A região em que está situada esta fazenda, como aliás toda a parte oriental de Piauí e quase toda a provincia do Ceará, é chamada pelos habitantes *Sertão Mimoso*, em contradistinação das zonas centrais e ocidentais a que dão o nome de *agreste*. A vegetação dos sertões mimosos caracteriza-se em primeiro lugar pelo fato de serem as florestas da natureza das chamadas *catingsas*. São as florestas que, como já disse, perdem a folhagem na estação da sêca. É de notar que produzem botões como outras árvores decíduas; mas, se acontece não chover, podem passar anos sem dar folhagem.

Em segundo lugar, como foi corretamente assinalado por Von Martius, a vegetação geral dos campos mimosos distingue-se pela delicadeza da fibra, rigidez das folhas, presença de pelos, espinhas ou puas e suco leitoso, espesso e frequente. A grama dos pastos é pela maior parte anual, geralmente de um verde mais vivo, e de folhas mais flexíveis que as dos campos agrestes, de que falarei depois.

O gado criado no sertão mimoso engorda logo após as chuvas e sua carne é muito mais apreciada que a dos que se alimentam nas rudes pastagens dos distritos agrestes.

É o padre Marcos de Araujo Costa bem conhecido em todo o norte do Brasil, não só por sua intelligencia e saber, como por seu excelente caráter moral e benévola disposição, qualidades que vi amplamente confirmadas durante os oito dias que em sua fazenda me hospedei. Se todos os sacerdotes do país tivessem metade de sua cultura, bem como de sua atividade e zêlo pela difusão do ensino, a condição do Brasil se tornaria bem diferente do que é e do que receio continue a ser por longo tempo, dada a presente situação. É surpreendente a atividade deste ancião de mais de sessenta anos e não o é menos a sua filantropia.

Como os meios de educação só estão ao alcance de muito pouca gente neste vasto país de tão escassa população, tem este velho mantido por anos o hábito de sustentar a educar em sua casa, livre de despesa, vinte meninos, até que adquiram sofrível conhecimento de latim, filosofia e matemática. Ele próprio é um erudito possuidor de vasta biblioteca de clássicos e filósofos; de botânica e história natural possui suficiente conhecimento para que estes assuntos se lhe tornem agradável distração. Entre os seus livros encontrei quase todas as obras de Lineu, as de Brotero, e uma de Vandelli, muito rara, sobre as plantas de Portugal e do Brasil, obra que êle acabou por me oferecer de presente.

Não faz da igreja meio de vida, contentando-se com o viver no sossegado retiro de criador de gado e dedicando os seus lazeres à educação dos discípulos.

Durante minha estada em Bôa Esperança fiz ligeiras excursões pelos arredores, acompanhado pelo velho padre e pelo Dr. Marcos de Macedo, acrescentando muitas novidades às minhas coleções.

Dous dias antes de nossa partida o Senhor Francisco de Souza Martins, deputado da provincia de Piauí e sobrinho do seu presidente, chegou de passagem para o Rio de Janeiro, acompanhado de seu irmão, Major Clementino Martins. Vieram pelo caminho de S. Bento, que é o primeiro pouso no caminho para Oeiras, capital da provincia.

Era esta a rota que nos propúnhamos seguir, mas foram tão más as informações que nos deram os dois viajantes sobre o estado dos caminhos em consequência da enchente dos regatos, que a seu conselho resolvi tomar outra estrada que, embora mais cheia de voltas, me disseram estar em melhores condições. O Major e um dos pretos que o acompanharam foram para cama, atacados de febre intermitente, em consequência das continuadas chuvas a que se haviam expostos.

A três de março nos preparámos para deixar a casa do velho e bondoso padre. Durante todo o tempo da nossa permanência fôramos suntuosamente tratados, porque é costume o ano todo abater diariamente um boi gordo para uso do proprietário e da gente da fazenda; um ou dois dias antes da nossa partida matara-se um e secára-se-lhe a carne para nosso alimento em jornada, de sorte que, com outros que eu recebera do dono, nossas caixas de provisões se encheram a ponto de quase nada mais ser necessário até que chegassemos a Oeiras.

Após ligeira refeição matutina, despedi-me do bom hospedeiro, que não pode acompanhar-me por ter outras visitas, mas o Dr. Marcos cavalgou a meu lado por mais



de légua e meia. Aí então nos separamos com mútuo pesar, porque é raro nestas remotas regiões que um amante de estudos da natureza encontre um espirito afim. Depois de meu regresso à Inglaterra temos mantido correspondência, havendo-me êle enviado espécimes de objetos de história natural, muitos dos quais diferentes dos que me fôra dado obter na curta estada ali.

Logo de partida ocorreu-nos um acidente que não dava idéia muito favoravel das condições da estrada. A distância de umas duas léguas de Bôa Esperança três de nossos cavalos de carga afundaram até meio corpo em um pântano, cuja superficie estava coberta de grama e que parecia perfeitamente sólido; mas o solo subjacente fôra saturado de agua, que se convertera em barro pegajoso. Foi difficil arrancar fóra os animais, que, ao sair, de novo afundavam a cada passo. Todas as cargas foram tiradas a mão e, como tinhamos de auxiliar na tarefa, participámos da sorte dos animais, afundando por vezes na lama até a cintura. Estes pântanos, que os nativos chamam atoleiros, são muito temidos, porque neles às vezes se perdem os animais. Três destes atoleiros tivemos de passar durante o dia, mas nenhum tão mau como o primeiro.

Nosso primeiro pouso depois de Bôa Esperança era a Vila de Santana das Mercês e, quando a distância de duas léguas dali, estacionámos à sombra de um imbuzeiro para jantar e descansar os animais.

Os sítios áridos e rochosos dos arredores eram cobertos de *melocactus*, pequeno e gregário, que produz espinhos longos e recurvos; tambem encontrei em um lugar úmido e arenoso grande número de belas plantas anuais.

Ao pôr do sol chegámos à vista da vila situada em pequena eminencia; entrando nela, alojamo-nos por essa noite em uma grande casa inacabada, pertencente ao padre Marços, de Bôa Esperança; mas dela fugimos tão depressa como entrámos, cobertos de pulgas, de que só nos livramos depois de acender no chão um grande fogo que

tornou o lugar habitavel. Como Mr. Walker e eu traziamos longas botas, soffremos menos que os pobres pretos, de pernas núas até os joelhos: observando-os quando acendiam o fogo, notei que erguiam por cima das chamas primeiro uma perna, depois outra, tapeando-as com ambas as mãos para se libertarem dos terriveis insetos. Em outras partes do Brasil tenho encontrado pulgas em quantidade em casas fechadas por algum tempo, mas nunca as vi tão numerosas como aqui: para fugir aos seus ataques fomos obrigados a pendurar bem alto nossas redes, despindo-nos depois em cima de uma mesa.

A vila de Santana das Mercês ou Jaicós, como é geralmente chamada, fica situada a cinco léguas ao oeste de Bôa Esperança e contém de setenta a oitenta casas edificadas em uma grande praça quadrada, da qual apenas três lados estavam então completos, com uma bela igreja ao centro. Os arredores contem muitas choças da gente mais pobre, feitas principalmente do tronco e folhas da carnaubeira, que é abundante nas vizinhanças. Uns poucos de vendedores e commerciantes, como alfaiates, sapateiros e outros, residem permanentemente na vila; mas a maioria das casas pertencem aos fazendeiros vizinhos que apenas as occupam durante o natal e outros festivais.

Logo depois que deixámos a vila na manhã seguinte ascendemos uma serra baixa que lhe corre ao norte. Como quase todas as outras serras do Brasil, é bem plana no topo; consiste toda ella de arenito branco e grosso, cheio de seixos redondos de quartzo, que são aliás muito abundantes em torno da vila até uma grande distância, dando aos caminhos, em muitos lugares, a apparencia de terem sido pavimentados com elles.

A largura da Serra, no ponto em que a atravessamos, é de cerca de legua e meia, coberta principalmente de *mimosas* e *croton*, que crescem em alguns pontos com densidade tal, que se tornam quase impenetraveis.

Os poucos descampados que ali existem dão boa pastagem durante o tempo das chuvas.

Depois de descer deste tabuleiro penetrámos numa região plana, coberta de matas e, tendo atravessado duas vezes um pequeno rio bastante cheio, chegámos no começo da tarde à fazenda de Santo Antonio. A distância percorrida fôra apenas de três léguas; mas, como o próximo ficava distante e eram más as informações que tínhamos a respeito do estado dos caminhos, ali estacionamos até a manhã seguinte.

A fazenda de Santo Antonio é pequena e os seus rebanhos apenas produzem cerca de cento e cinquenta bezerros por ano; muitos deles e mesmo do gado crescido, segundo me informou o proprietário, caem vítimas das onças que não são raras na região. Cerca de três meses antes matára ele uma grande onça preta, cuja pele e cabeça por ele preservadas bem mostravam que haviam pertencido a um animal possante e de grandes proporções. Esta cabeça, bem como as de outros animais por ele mortos de quando em quando, estavam espetadas na ponta de altos postes à entrada do curral.

Ao amanhecer do outro dia partimos de Santo Antonio e fomos chegar, após seis longas léguas, a uma pequena povoação chamada Cachimbinho: o caminho de permeio era quase todo plano e dos peores que havíamos percorrido. O rio que vadeámos na véspera corre em zigue-zague na direção do oeste e é cortado pelo caminho nada menos de vinte e sete vezes, e nestas ocasiões, por causa da profundidade das aguas, as cargas eram tiradas dos animais e carregadas na cabeça pelos homens. Tivemos de atravessar diversas pequenas lagôas por onde passa a estrada; e, como tivéssemos a desventura de errar o caminho, caro nos custou acertar de novo com ele.

Logo depois que saímos de Santo Antonio passámos por uma floresta de carnaubeiras, na qual se encontram várias lagôas, só cheias dagua no tempo da sêca.

À margem de uma destas vimos em grande número, uma ave aquatica chamada pelos habitantes jaburú (*Micteria americana*). Estas aves, intimamente aparentadas com o grou da Índia, são de enorme tamanho; inteiramente brancas, com exceção da cabeça, pescoço, bico e pés, que são pretos; a pele preta que lhes cobre a cabeça e pescoço é despida de penas. Encontramo-las depois disso ainda em maior abundância à margem de rios e lagôas, onde elas se alimentam de peixes, répteis e outros animais.

As outras partes da zona que passamos era principalmente de mata virgem, com uma vegetação baixa de *Croton baulienia* e *mimosa* rastejante.

Perto de uma fazenda chamada Ambrosia a estrada passava debaixo de grandes árvores, em uma das quais observei centenas de pequenos bugios. Atirei um deles para levá-lo como espécime; caiu vivo e seus gritos lamentosos fizeram voltar todos os companheiros às arvores donde haviam fugido quando dei o tiro; alí ficaram cerca de dez minutos, quando, cessados os gritos do ferido, partiram e logo desapareceram entre as ramagens das outras árvores. Impossível não lhes admirar a graciosa esperteza e vivacidade quando saltavam de galho em galho e de árvore para árvore.

Viajamos na manhã seguinte cerca de cinco léguas, chegando pouco depois do meio-dia à fazenda do Retiro. As duas primeiras léguas levaram-nos através de uma mata virgem, quasi toda formada por uma especie de mimosa chamada angico (\*), de *zizyphus* (joazeiro) e umas poucas espécies grandes de *bignonia*, com uma vegetação rasteira de *croton*, *cauhinia*, *lautana*, *myrtles* e outras espécies. A estrada continuou inteiramente plana e passamos repetidas vezes pelo mesmo rio que atravessamos no dia anterior, mas agora sem necessidade de remover a carga dos

---

(\*) A casca desta árvore é usada em todo o sertão para cortir o couro e a goma por ela exsudada é ao que dizem, o principal alimento dos bugios.

animais. Saindo da floresta, entramos num descampado abundante em carnaubeiras e cujo solo era muito arenoso, e quase destituído de vegetação erbacea. A umas três léguas de Cachimbinho passamos por pequena povoação chamada Samambaia, com cerca de vinte casas esparsas. A principal ocupação dos habitantes é a fabricação de redes para serem vendidas principalmente aos viajantes que por ali passam. Fazem-se de algodão que se produz muito bom nos arredores.

Além de samambaia a zona ainda continua bem plana dentro de certa distância de Retiro, onde se torna mais ondulante, apresentando várias montanhas de calcáreo, quase nús de vegetação, ou de fino arenito vermelho, que jaz sob o calcareo, cheio de nódulos de mineral de ferro, as quais pelo desgaste das rochas se espalham densamente na superfície: são de todas as dimensões, desde as particulas minúsculas até blocos arredondados do tamanho de duas mãos. Tem côr preta ou, pelo menos, de um pardo muito escuro, tomam formas as mais variadas e, a julgar por seu peso, são ricos em ferro.

A fazenda do Retiro está situada numa elevação de terreno às margens do Rio das Guaribas, um dos maiores que já havíamos encontrado, mas tão razo por causa da última sêca, que o atravessamos sem custo na manhã seguinte; embora suas margens ainda contivessem vestígios de recente inundaçãõ.

Mais duas léguas de viagem e chegamos a uma fazenda chamada Boqueirão, onde ficamos até a manhã seguinte por causa da chuva; prosseguindo então em nossa rota através de uma planície cheia de rochas isoladas, com poucas árvores e escassa vegetação herbacea, chegámos após quatro léguas de caminho à fazenda de Canabrava. Pertence esta fazenda ao Coronel Martins, pai de dois cavalleiros que encontrámos em Boa-Esperança, e irmão do Barão de Parnaíba, presidente da provincia do Piauí. Como eu lhe levava cartas de apresentação da parte do Padre

Marcos, fui recebido com a maior gentileza e hospitalidade. Aquí pernoitámos e na manhã seguinte só partimos depois de uma pequena refeição com café, que é, segundo a opinião do Coronel, excelente preventivo da febre intermitente, muito comum nesta estação em toda a zona que ora vamos correr.

O velho estava enlutado pela perda de um de seus filhos pouco antes falecido, repentinamente, em sua fazenda cerca de vinte e quatro léguas dali.

Como a pequena distância da casa partiam vários caminhos em direções diversas, fomos acompanhados por sua ordem de um pretinho que nos pôs na vereda certa.

Uma jornada de cinco e meia léguas através de bela região de pastagem com numerosos rebanhos de fino gado levou-nos a uma plantação chamada Canavieira, pertencente a um Major Clementino Martins, a quem haviámos encontrado em Bôa-Esperança. Vimos aquí um grande canavial, o primeiro que se nos deparou desde que deixamos Brejo Grande. Como o Major nunca reside no lugar, a casa é muito sem conforto e está quase em ruínas. Fomos obrigados a acolher-nos em um rancho que era o contraste perfeito do confortavel aposento que tivemos na noite anterior.

Um ou dois dias depois descobrindo que, em consequência de termos pousado neste rancho, fomos atacados por grande número de insetos chamados bicho de pé (*Pulex penetrans* Linn.), que só se encontram perto das habitações, mas existem em todas as partes do país por mim visitadas, desde a costa até as altas montanhas da zona dos diamantes. O inseto penetra na pele para se reproduzir, morrendo em seguida. Descobre-se facilmente no principio, pela sensação, não de todo desagradavel, que produz ao penetrar na pele e pode ser tirado com um alfinete ou ponta de faca. Quando chega á maturidade, o abdomen torna-se um bolso do tamanho de pequena ervilha, cheia de ovos de côr amarela e o ponto atacado toma

o aspecto de um apostema. Se não se remove a bolsa e seu conteúdo, pode formar-se uma ferida maligna. Os pés dos pretos descuidados ficam por vezes em tal estado por não se lhes tirarem os bichos, que a amputação se torna necessária.

Durante esta viagem fiz muitos e belos acréscimos às minhas coleções botânicas; ao passar por sobre uma baixa e achatada colina, cujo topo era rochoso e desnudo, encontrei grandes porções de terras cobertas de uma *cophea* fruticosa e nanica, com pequenas folhas, produzindo numerosas flores purpureas, e tão parecida à primeira vista com a urze de minhas montanhas nativas, que julguei ter descoberto uma nova especie desse gênero; embora desiludido neste ponto, o pequeno incidente evocou-me gratas recordações da patria. É fato notável na distribuição geográfica das plantas, e pouco sabido dos que não fazem deste assunto objeto de estudo, que, embora as urzes sejam mui comuns na Europa e Africa, nem uma especie sequer ainda foi descoberta no continente americano do norte ou do sul. O fato é tanto mais notável visto que a grande massa de vegetação no Cabo de Boa-Esperança é constituída por essas plantas, das quais já se encontraram quasi quatrocentas especies.

De Canavieiras fomos em jornada de seis léguas às margens do rio Canindé, a um lugar chamado Passagem de Dona Antonia, distante apenas légua e meia da cidade de Oeiras. Nosso caminho era através de uma floresta quase ininterrupta de carnaubeiras e, como o Rio das Guaribas corre quase paralelo com ela, e havia recentemente inundado a planície de uma e outra margem a consideravel distância, achamos os caminhos em péssimas condições pelo grande depósito de lodo, às vezes em profundidade de mais de um pé. Em vários lugares o tronco das palmeiras, pelo seu aspeto lamacento indicava que a agua os havia coberto à altura de mais de doze pés. Nesta

estação do ano prevalecem as febres malignas e intermitentes, produzidas pelas emanações de vastos tratos de terra que se secam pela baixa dos rios.

Sendo já tarde, quando chegámos, para atravessar o rio e alcançar a cidade, antes de escurecer, ficamos com outros viajantes por essa noite na casa das barcas.

Na manhã seguinte, dia 12 de Março, toda a nossa bagagem foi transportada para outra margem do rio em pequena canoa, que teve de voltar diversas vezes; por fim os cavalos foram levados a nado um a um. Atravessando a arenosa planície coberta de pequenas árvores e belos arbustos floridos, chegamos às onze da manhã à cidade de Oeiras.



## CAPÍTULO VIII

### OEIRAS A PARANAGUÁ

*Recepção do autor pelo presidente de Piauí — Descrição da cidade de Oeiras — Seu comércio com a costa — Grande falta de navegação fluvial — Suas principais exportações são couros e gado — Seu clima — Moléstias — Carater do Barão de Parnaíba — Seu grande poder na província — História deste homem extraordinário — Da guerra civil quando se declarou a independência do Brasil — Recurso da província — Fazendas nacionais de gado — Mudança do plano de viagem do autor por motivo de alarmante revolta — Descrição da revolta — O autor resolve viajar para o sul através de Goiás e Minas-Gerais — Parte de Oeiras — Descrição da região — Chapadas — Passa por muitas fazendas de criação de gado — Passa Pombas — Algodões — Golfes — Retiro Alegre — Genipapo — Canavieira — Urusuí — Prazeres — Descrição de uma família de Piauí — Chega a Flores — Raposa — Chega a Paranaguá — Hospitalidade geral dos nativos — Encontra-se sal nas vizinhanças.*

Como eu trazia diversas cartas de recomendação para o Barão de Parnaíba, presidente da província, indaguei da sua residência ao entrar na cidade e fui informado a este respeito por um soldado. O palácio, como lhe chamam, está situado na parte mais alta da cidade, tem um só andar e é de aspeto muito ordinário. Ao chegar à porta, encontrei-a guardada por uma sentinela, criatura da mais abjeta aparência imaginável. Era um mulato moço, vestido com o uniforme de tropa de linha, que parecia ter-lhe estado colado ao corpo pelos últimos seis anos; o boné de pano era velho e ensebado; a jaqueta azul, metade remendos, metade buracos, estava aberta na frente, mostrando-lhe o peito nú, porquê o homem não podia gabar-se de possuir

uma camisa; as calças eram pouco melhores que a jaqueta; e os seus pés estavam metidos até os calcanhares num velho sapato, com os dedos à mostra. Não fôra sua posição ereta e o uso do mosquete e eu o teria sem dúvida tomado por mendigo.

Havia na frente da casa um pavimento de poucos pés de largura, sobre o qual, quando parei, meu cavalo descansou as patas dianteiras, o que levou a sentinela, antes que eu abrisse a boca para falar, a dar um salto à frente, agarrar as rédeas do animal e empurrá-lo para a rua. Apeei-me então e ia dirigir-me para a porta, quando, ao pisar no pavimento, fui tratado precisamente como o fôra meu cavalo, mais a informação de que não era permitido entrar de esporas no palácio. Tirei-as imediatamente e, havendo perguntado se algo mais era necessário, tive emfim licença de entrar.

Ao penetrar no saguão veio-me ao encontro um sargento que me perguntou se desejava falar com Sua Excelência e, informado de que eu trazia cartas para entregar-lhe, disse que era seu dever levá-las. Após quinze minutos de espera no saguão, fui introduzido em uma grande sala, com duas pequenas mesas, um sofá e umas poucas de cadeiras. Não havia passado aqui cinco minutos quando Sua Excelência apareceu com minhas cartas na mão. Pediu-me licença para lê-las e desculpas pela exiguidade do vestuário que trazia, como explicou, pelo excessivo calor do dia. O vestuário era, com efeito, bastante ligeiro, o que geralmente usam em casa os habitantes da província: consistia em uma leve camisa branca de algodão, solta por cima das calças do mesmo estofa e que desciam pouco abaixo dos joelhos; nuas as pernas e os pés, mas estes metidos num par de chinelos velhos; em volta do pescoço diversos rosários, com crucifixo e outros berloques de ouro a eles presos.

Emquanto ele lia minhas cartas, não pude deixar de analisar o aspeto de um indivíduo cujo nome é mais céle-

bre que o de qualquer outro ao norte do Brasil e cujo governo despótico da província, de que é presidente, lhe grangeou o apelido de Francia do Piauí. Era de baixa estatura e vigorosa constituição, embora não corpulento, e seu semblante traia muito mais energia de corpo e de espírito do que é comum em homens de sua idade no Brasil. Era homem de setenta anos aproximadamente; cabeça extraordinariamente grande e, segundo os princípios de frenologia, bem proporcionada na parte anterior e posterior, mas deficiente na região dos sentimentos morais e de consideravel largura de ouvido a ouvido.

Na conversação seu rosto tinha uma expressão desagradavel e sinistra, embora modificada por um esboço de sorriso. Acabada a cuidadosa leitura das cartas, entramos no assunto de minha visita à província; mas foi-me impossivel fazer-lhe compreender que minhas coleções botânicas podiam servir a qualquer outro propósito que não o de se converterem em mezinhas ou drogas sêcas. Que se estudassem os produtos da natureza com objetivo diverso de mera utilidade prática para o homem, era coisa de que não tinha a mais fugitiva idéia.

Mas, logo que soube de minha intenção de permanecer algum tempo na cidade, mandou uma pessoa à procura de uma casa vaga onde me alojasse; e, como esta não continha mobilia, teve a gentileza de me mandar lá duas cadeiras, uma mesa e um grande pote de barro para agua.

A cidade de Oeiras, capital da província de Piauí, está situada num grande vale circular, de cerca de uma légua de largura, quase todo cingido de uma interrupta cadeia de baixas montanhas, de arenito mole e esbranquiçado.

Até 1724, quando foi elevada à dignidade de cidade, era conhecida pelo nome de Vila da Mocha, por causa do pequeno rio que lhe corre ao pé e lhe fornece o ano inteiro agua abundante, embora impregnada de salitre durante o tempo da sêca.

E' de construção muito irregular e formada principalmente de uma grande praça, e umas poucas ruas que lhe partem do lado de leste e ocste.

A população não vai além de três mil almas, e é constituída em sua parte mais respeitável, com exclusão dos funcionários do governo, por comerciantes varejistas de produtos europeus. A maior parte da mercadoria vem do Maranhão, levada em grandes canoas pelo rio Itapicurú acima a Caxias, e daí para Oeiras no lombo dos cavalos. Outra parte vem da Baía pelo mesmo meio de transporte, mas a distância é grande demais para que tais expedições dêem lucro: trazem-na os boiadeiros que lá vão anualmente vender seu gado.

Por vezes uma lancha solitária, deslocando vinte toneladas, chega carregada de sal ao rio Canindé, em frente de Oeiras, procedente da vila do Parnaíba, florescente cidade perto da costa na margem oriental de um grande rio do mesmo nome, que divide as províncias do Maranhão e Piauí, e pelo qual se faz a navegação. Uma destas lanchas chegou durante o tempo de minha visita, tendo levado três meses a vencer a distância, que é de cêrca de cem leguas.

E' só durante a estação chuvosa, quando o rio está cheio, que se pôde empreender esta viagem, e a corrente é tão forte, que a lancha tem de ser impelida por varejão em todo o percurso. Pela duração da viagem e pelo número de homens que requer, é raro que tal especulação dê lucros. Foi proposto recentemente por Mr. Sturz, consul-geral do Brasil, na Prussia, navegar o rio em pequeno bote de vapor; mas há muitos motivos para concluir que a proposta nunca será posta em execução.

Não é provavel que a zona central e a meridional da província jamais se tornem mais populosas do que ora são, visto que, pelas grandes sêcas anuais a que estão sujeitas, a cultura do algodão ou do açúcar nunca poderá ser praticada. Os únicos objetos de exportação são gado

e couros, e couros são os únicos artigos que um navio recebe como carregamento em viagem rio abaixo. Pelo que toca à importação de mercadorias européias, não é provável que tão cedo o tráfico se mude do Maranhão para o Parnaíba. Demais, o rio só é navegavel na estação das águas, tempo em que a força da corrente e os numerosos bancos de areia movediça, que dizem que seu leito contém, tornavam a viagem igualmente vagarosa e difficil.

A cidade tem três igrejas, duas das quais, embora já velhas, estão inacabadas. Há ainda vários outros edificios públicos, como cadeia, quartel, a casa da assembléia da província, a câmara municipal e um hospital, nenhum deles, porém, merece menção, excéto a cadeia que acaba de ser construida. Foi edificada sob a superintendência de um engenheiro alemão, que reside na província, desde muitos anos, a serviço do governo; o prédio é de dois andares, havendo na cidade apenas dois outros edificios que lhe são iguais neste particular; a parte inferior serve de cárcere e casa de correção; a parte de cima é usada como tribunal de justiça. Na extremidade norte da cidade há um grande e belo edificio, ora decadente, que foi o colégio dos jesuitas antes de sua expulsão do Brasil.

As estações são muito regulares nesta região e, embora se vejam poucos velhos aqui, o clima não é considerado insalubre. Cae quasi sempre algumas chuvas em outubro, mas a época regular das águas começa em janeiro e dura até fins de maio. Durante este período são frequentes as trovoadas, terrivelmente estrepitosas e de longa duração, não sendo raros, ao que dizem, os accidentes delas provindos. Entre Crato e Oeiras vi grandes árvores despedaçadas pelo raio; e, quando estive em Oeiras, contaram-me de um fazendeiro que de volta a casa, após uma festa de igreja, mandou adiante de si a família, esposa e vários filhos com os escravos que os serviam: ao alcançá-los, encontrou-os todos mortos, fulminados que foram por um raio durante uma trovoada passageira.

Os meses de maio, junho e julho são os mais agradáveis da estação, porque então as chuvas cessam, tudo em torno está renovado e verde e a atmosfera é relativamente fresca, por efeito do forte vento sudeste que prevalece nesse período. Mas depois de julho opera-se grande mutação: toda a região se reveste de um aspecto árido e enxuto, a grama e outras plantas erbáceas murcham-se, árvores e arbustos despem-se de sua folhagem. Cessa também então o refrescante sudeste, substituído por ventos leves e variáveis ou por calmarias, tornando-se o ambiente tão cáldo, que ninguém sai de casa, exceto sob a pressão da necessidade.

As principais moléstias dentro da cidade e em tempo dela são as febres malignas e intermitentes, maximé no começo e no fim da estação chuvosa; depois que as chuvas cessam, e enquanto prevalece o vento sudeste, não são raros os incomodos pulmonares e também a oftalmia; e, neste último caso, ou por motivo de inadequado tratamento ou por negligência dos doentes, muitos perdem a vista.

Mas a doença predominante, para a qual fui chamado e tive de receitar mais vezes, era a dispepsia, sob as várias formas em que ataca estas populações. A asma e a paralisia também ali prevalecem.

Ao tempo em que a visitei, Oeiras podia gabar-se de ter dois médicos residentes e uma farmácia; esta, porém, era pobremente provida de drogas que nem eram novas, nem de melhor qualidade. O mais velho dos dois médicos, o senhor José Luiz da Silva, cavalheiro inteligente e amavel de quem recebi muitas gentilezas, exerce o ofício de cirurgião-mór e tem a seu cargo um hospital que é quase inteiramente dedicado ao serviço militar. Português de nascimento, fôra em sua mocidade cirurgião na marinha de seu país.

Residia em Oeiras havia trinta e seis anos e era pai de numerosa família. O outro, um jovem brasileiro, edu-

cado da Baía, bem instruído e de índole amável, foi assassinado na rua poucos meses depois de minha partida. Embora acostumados ambos ao tratamento das molestias em geral, nenhum deles tinha a perícia, nem por conseguinte o ânimo de empreender qualquer operação séria, embora houvesse numerosos casos chamando desde muito tempo por socorro profissional.

Foi-me dada, pois, uma oportunidade de empreender várias operações que poucos jovens cirurgiões da Inglaterra podem tentar. As mais sérias destas foram de catarata e litotomia: da primeira especie tive três casos, dos quais um apenas bem sucedido produziu tal admiração da parte desta gente simples ao ver um cego recobrar a vista, que comentavam o fato quase como miraculoso. A operação de pedra na bexiga, também a realizei por três vezes, com perfeito successo em todos os casos. Mas é digno de nota que foram estes os únicos casos desta natureza que encontrei durante tôdas as minhas viagens, o que para mim tira tôda a dúvida, de que a molestia seja muito rara no país, embora não seja facil dizer a causa que a origina. Meu primeiro paciente era um preto fôrro, de cerca de trinta anos, de bôa saúde geral. Admirável de ver a rapidez com que a ferida sarou, o que aliás ocorre uniformemente com a gente de sua côr. O segundo doente era um pobre mulato que morava numa choça nos arredores da cidade: os dois pobres pretos fizeram quanto lhes cabia para mostrar sua gratidão, prontos a dar quanto possuíam para me pagar os serviços recebidos, mas eu naturalmente nada lhes quis levar. O terceiro caso, o mais extraordinário de todos, era o de um homem de cerca de quarenta e cinco anos, dos mais respeitaveis negociantes estabelecidos na cidade. Cerca de nove anos antes de minha chegada ali, fôra êle tratado pelo cirurgião mór de um estreitamento da uretra, quando por imperícia no tratamento uma pequena porção de candelinha de chumbo lhe penetrou na bexiga, formando-se assim o núcleo de uma pedra que

causava os mais cruciantes sofrimentos suportáveis por um mortal. Fui por êle consultado ao chegar e lhe assegurei que nada menos que uma operação lhe poderia dar qualquer alívio. Sendo, porém, de natureza tímida, o doente não consentiu na operação senão depois de conhecer o êxito dos outros casos.

Assistido então pelo cirurgião-mór, consegui felizmente extrair a pedra, que era de duas polegadas mais ou menos de comprimento.

Isto foi um mês antes de minha partida daquelle lugar, e, quando parti, já o deixei capaz de andar no quarto. Dezoito meses depois, ao chegar ao Rio, lá encontrei carta dele, com a informação de que se restabelecera perfeitamente e dava-me mil graças pelo bom serviço que lhe prestára.

Antes de minha partida havia-me êle dado a bela gratificação de trezentos dolares espanhois, dois bons cavalos e muitas coisinhas necessárias à jornada que estava prestes a encetar.

A provincia de Piauí manda dois membros à Câmara nacional de deputados no Rio; mas, em tudo o que se refere ao seu governo interno, o Barão de Parnaíba governa despoticamente. Tem sido êle o seu presidente desde o estabelecimento da independência do império, com exceção do curto período, em que outra pessoa foi mandada substituí-lo; mas o enviado não exerceu a função longo tempo, porque morreu subitamente, em circunstâncias suspeitas. Desde então para cá, embora os presidentes de outras provincias sejam mudados em cada período de dois ou três anos, o de Piauí permanece constante em seu posto.

E' antes temido que respeitado pelo grosso da população e, em casos de emergência, póde reunir dentre os seus amigos e dependentes mais de dois mil vigorosos defensores: tem sempre à mão quem esteja pronto a executar-lhe as ordens de qualquer natureza sem discuti-las. Pela



firmeza do seu governo tem suscitado muitos inimigos, particularmente pela decretação de algumas leis provinciais que, seja dito em seu favor, tendem sempre a beneficiar as classes destituidas da população. Entre outras coisas, proibiu que a carne de vaca e a farinha, os dois principais artigos de alimentação, se vendam na cidade acima de certo preço prefixado e que é bem módico: mas, por outro lado, tem sempre todo o cuidado de fazer com que seu gado seja mandado para a Baía e outros mercados distantes e mais remuneradores, e para isto dispõe de amplas facilidades. Ignorante de quase tudo, possui todavia grande atilamento e astúcia, qualidades altamente propícias à manutenção do despotismo com que tem regido a província, dando-lhe, é certo, com este regime mais paz e sossego do que fruem as outras províncias do império. E é admirável que, apesar de seus numerosos inimigos, só houve até aqui um atentado para assassiná-lo, isto no ano anterior à minha chegada ali.

Em 17 de janeiro de 1838, de volta de uma das suas fazendas e a meia légua da cidade, foi alevajado por um tiro desfechado por detrás de umas moitas e que o atingiu no ombro direito. Os assassinos, que eram dois, fugiram sem perda de tempo e um deles veio dar parabens ao Barão em sua chegada depois de tão felizmente escapo.

Bandos armados foram enviados imediatamente para bater as matas em procura dos delinquentes e um preto escondido nas moitas e que não soube explicar sua *presença* ali foi conduzido à cidade, onde ao ser interrogado, se confessou como um dos criminosos, embora não fosse o autor do tiro, que disse haver sido disparado por um tal Joaquim Saleiro, mulato, morador na casa do Barão. Era, ao que se dizia, de índole viciosa e paixões violentas e sabia-se que, dias antes de ocorrido o crime, fôra maltratado pelo Barão sem causa justa. Ao tempo da sua denúncia andava chefiando um bando de batedores da mata no encaicho dos assassinos, pelo que sofreu não pequeno

abalo ao ser preso na volta. Negou firmemente a culpa de que mui poucos o julgavam inocente. As leis do país não infligem pena de morte por simples tentativa de assassinato, sendo por isso o preso mandado para o cárcere, onde morreu vinte e cinco dias depois da perpetração do crime, em circunstâncias que deram azo a suspeitosos comentários.

Aos que se interessam pela história do Brasil não parecerá descabido um ligeiro esboço da vida de uma figura tão extraordinária como o Barão de Parnaíba, cujo nome se acha indissolavelmente ligado ao estabelecimento da independência nas províncias do norte. Seu pai era natural dos Açores e veio muito pobre para o Brasil, onde logo se casou com uma senhora de não poucos haveres. Dos filhos deste casal o mais velho, nascido no ano de 1776, é o objeto destas notas. Sua única educação resumiu-se em aprender a ler e escrever e adquirir leves noções de aritmética.

Sua primeira ocupação foi a de vaqueiro ao serviço do pai, que morreu quando o filho contava apenas vinte anos de idade, deixando-lhe em herança uma fazenda do valor de mil e quinhentos cruzados ou sejam duzentas libras esterlinas. Fôra criado por uma madrinha que ao morrer lhe herdou outra fazenda quasi do mesmo valor da primeira.

Após a morte do pai, não contente com o ofício de vaqueiro, começou a comprar gado para revendê-lo na Baía, aonde continuou a ir anualmente até um quarto de século atrás, embora desde então até o presente nunca tenha deixado de mandar para aquele mercado ano após ano uma manada de bois. Logo após a morte do pai foi alistado, como era o costume, na milícia de cavalaria, subindo logo ao posto de cabo de esquadra em que permaneceu por longo tempo. Foi depois promovido a alferes e por esse mesmo tempo nomeado tesoureiro das rendas nacionais. Assim ocupado, continuou até a proclamação

da independência, época em que seu nome tinha pouco prestígio na província, sendo mais conhecido por sua índole astuta e maneiras rudes que por quaisquer predicados mais dignos de nota. Era seu costume distribuir presentes e favores e mostrava-se obsequioso para com todas as altas autoridades, governadores, juizes e outras, provendo-lhes homens, cavalos e alimentos para trazê-los ao litoral. Por esta forma lhes grangeava o favor e, ao chegarem, se lhes mostrava sempre servo obediente, apoiando-lhes com vigor as medidas adotadas, sem atentar para as linhas de sua política.

Não media esforços para ganhar em todas as ocasiões a opinião favorável dos religiosos da comunidade, tentando em ser amigo de quantos pertenciam à igreja, ansioso sempre por se fazer nomear diretor de suas festas, nas quais despendia dinheiro à larga para captar a simpatia e amizade do clero.

Ao tempo em que D. João Sexto deu a constituição a Portugal eram as grandes províncias do Brasil regidas por governadores gerais e as menores por simples governadores, sendo o mando de uns e outros, até certo ponto, despótico. Por este tempo o governo da província de Piauí fôra posto nas mãos de Elías José Ribeiro de Carvalho, português de nascimento; mas, ao ser proclamada a constituição na metrópole, este governador foi imediatamente afastado e a província entregue aos cuidados de um governo provisório, composto de seis membros, um dos quais o atual presidente. Foi neste período que chegou a Oeiras, procedente do Rio, um Major Fedié, comandante das forças militares da província e que se tornou logo depois conspícuo em sua oposição à causa da independência. Foi também na vigência deste governo provisório, como lhe chamavam, que D. Pedro I proclamou a independência do Brasil.

Passou-se naturalmente longo tempo antes que a notícia deste acontecimento, que tinha ocorrido no Rio,

chegasse a esta remota província e, quando chegou, Fedié, fiel à autoridade de D. João, que para ali o mandára, e supondo que se tratava apenas de uma perturbação passageira, firmemente se opôs à sua proclamação em Oeiras; e, logo que soube que o movimento fôra apoiado na Vila de Parnaíba, reuniu tôda a tropa de linha e milicianos que pode levantar e marchou contra os habitantes daquela Vila, não obstante haver recebido anteriormente nota official do governo central, recentemente constituido no Rio, ordenando-lhe que proclamasse na cidade a independência do país.

Por esse mesmo tempo recebiam-se, tambem das provincias da Baía e Ceará, ambas as quais haviam seguido o exemplo da capital, instantes conselhos às pessoas mais influentes de Piauí para que fizessem o mesmo, mas todos à uma se recusavam a obedecer-lhes, declarando-se firmes defensores da constituição de D. João VI.

Nesses dias era ainda tão insignificante a influência do Barão, que nenhuma das cartas acima mencionadas fôra a êle dirigida; mas a oportunidade não lhe escapara, porque, pelos mesmos correios que levaram as respostas negativas, mandou dizer à gente de ambas as provincias que estava pronto, em combinação com vários amigos a dar caloroso apoio à causa da independência e fazê-la proclamar. Pouco depois da partida de Fedié para Parnaíba, o Barão recebeu resposta de suas cartas, ordenando-lhe urgentemente que não perdesse tempo em levar a efeito seu propósito.

Para este fim prendeu immediatamente os membros do governo provisório, que se encontravam em Oeiras, encarcerando-os, juntamente com outros que eram, ou se suspeitava que fossem, membros do partido oposto. Os habitantes de Parnaíba, sabedores de que Fedié estava em marcha para aquella Vila, reuniram-se e foram enfrentá-lo na estrada: o encontro deu-se em Campo Maior, a meio

caminho entre Oeiras e Parnaíba, onde em rápida ação Fedié os derrotou totalmente, pondo-os em fuga.

Entrementes o Barão estava lançando mãos de todos os recursos para engajar homens que marchassem contra Fedié, o mais poderoso adversário a temer. Para dar mais força à sua própria autoridade, proclama-se antes de tudo, presidente da província, e, sob o pretexto de que Fedié estava prestes a voltar para Oeiras, e que era preciso pôr a bom recado os fundos do tesouro municipal, que diziam serem então vultosos, deles se apoderou. Mas é voz pública que da maior parte deste tesouro nunca se prestaram contas satisfatórias. O que é certo é que neste período lançou o presidente os fundamentos da grande riqueza que ao presente possui.

Sem perda de tempo mandou ao Rio de Janeiro informações de como tinha agido: em troca disso D. Pedro confirmou-o na presidência, elevou-o ao posto de coronel da milícia e nomeou-lhe o irmão comandante em lugar de Fedié. Este, como não quisesse voltar a Oeiras, onde toda a gente se erguera em armas para combatê-lo, marchou imediatamente para a Vila de Caxias, a mais florescente de todo o interior do Maranhão, e que ainda se conservava fiel à causa dos portugueses. As tropas imperiais de Oeiras, ora em junção com as que foram derrotadas em Campo Maior, mais cerca de 2.500 homens vindos do Ceará, chefiados pelo presidente de Piauí e seu irmão, marcharam para Caxias contra Fedié, que com apenas 250 homens sustentou sua posição pelo longo período de onze meses, só se rendendo pela fome e quando reduzido à extrema necessidade. Preso, foi levado para Oeiras e de lá transportado para o Rio, onde o puseram em liberdade para depois remetê-lo para Portugal.

A marcha contra Caxias foi outra circunstância feliz, da qual, ao que dizem, soube o presidente colher todos os benefícios: é que, como quase todos os habitantes do lugar eram portugueses natos, por conseguinte favoráveis

à união dos dois países, eram naturalmente considerados inimigos pelos brasileiros e, como tais, tratados da peor maneira possível, roubados e assassinados.

Para salvar a vida e os bens, dizem que muitos pagaram ao presidente gordas quantias por sua proteção. E acredita-se que assim se amontoou sua imensa fortuna.

Depois de sua volta de Caxias elevou-o o imperador ao posto de brigadeiro e fê-lo Barão de Parnaíba.

A gestão de todos os negócios da provincia foi-lhe parar em mãos, como ainda param, sendo por isso mesmo preenchidas todas as vagas por seus parentes, ou por pessoas do seu partido. Ao tempo da coroação do atual imperador o barão foi feito visconde.

Uma das grandes fontes de renda do tesouro provincial acima aludida é o lucro proveniente da venda de gado criado nas trinta fazendas pertencentes à coroa. Pelos fins do século dezessete um tal Domingos Alfonso fundou várias fazendas de criação de gado em diferentes partes da provincia. Estas, por sua morte, caíram nas mãos dos jesuitas sob condição de que os lucros fossem applicados a fins caridosos. Mais tarde, expulsos os jesuitas do Brasil, tais fazendas e mais outras que haviam comprado, tornaram-se propriedade do estado. Vendem-se anualmente, em média, umas tres mil cabeças de gado. A venda se faz em leilão público a quem mais dê e, posto que os preços variem em diferentes anos, seis mil réis ou, digamos, quinze chelins podem ser dados como seu valor mínimo. Fosseem estas propriedades bem administradas e muito maior seriam os lucros delas derivados. Alem dos salários pagos a três inspetores, no importe de 300\$000 a cada um, toda a fazenda é administrada por um vaqueiro, cuja renda é constituída pela quarta parte dos bois e cavalos criados. Estas posições são muito disputadas, porisso que, no decurso de poucos anos, os que as exercem fazem grandes economias de dinheiro, não tendo de pagar aluguel de

casa e podendo auferir lucros de todos os mais produtos da fazenda, tais como, carneiros, cabras, porcos, queijo e outros. Para ajudá-los a vigiar o gado o governo lhes dá escravos, a quem se obrigam a alimentar e vestir, sendo o alimento todo produzido na fazenda e o vestuário, escasso e grosso, comprado por uma ninharia.

Pouco depois de minha chegada a Oeiras ocorreram sérias perturbações na vizinha província do Maranhão, as quais me impediram de levar avante meu plano anterior de prosseguir na direção de oeste para o rio Tocantins. Passo a narrar sumariamente a origem e desenvolvimento destas desordens. Em novembro de 1838 o prefeito de Caxias mandou quatro soldados prender um criminoso no Arraial da Chapada, a cerca de quatro léguas de distância. Um irmão deste indivíduo, um tal Raimundo Gomes, mestiço, melhor conhecido pela alcunha de Cara Preta e mais um bando de nove homens que ele ajustára para ajudá-lo, desarmaram os soldados e mandaram-nos embora. Maior número de soldados foi então enviado pelo prefeito para realizar a mesma tarefa; mas por este tempo já Raimundo aumentára o número de seus sequazes com uma multidão de vagabundos, desses que nunca faltam no interior, sempre mais prontos a apoiar uma empreitada de desordens que a aceitar qualquer emprêgo regular. E de novo desta vez foram os soldados batidos. Dentro em pouco este bando cresceu notóriamente, acrescido de escravos fugidos, de índios e de outros elementos, que iniciaram então um sistema regular de pilhagem, atacando fazendas e levando tudo o que lhes aprazia. Informado da situação, o presidente pôs em marcha uma tropa de trezentos soldados para dispersar os salteadores; mas, por algum erro ou descuido, quando encontraram os rebeldes em Chapada, lhes faltou munição e foram obrigados a render-se às mãos de Raimundo. O tenente-coronel que os comandava e um capitão foram mortos à espada, mas aos demais oficiais e soldados lhes pouparam a vida, sob condição de se unirem

aos insurrectos, condição a que, pelo dito, a maioria anuiu de bom grado. Raimundo, assim fortalecido, organizou então regularmente o partido revolucionário, nomeando seus secretários os oficiais capturados, uma vez que nem ele, nem nenhum de seus partidários, sabia ler ou escrever. E é quase certo que, por este tempo, entrou êle em correspondência com um partido na cidade do Maranhão que, oposto à forma de governo monárquico, desejava depô-lo. Deste grupo, dizem, é que procediam secretamente armas e munições para a gente de Raimundo.

Os rebeldes aquartelaram-se então em um sítio chamado Brejo e suas fileiras engrossaram-se rapidamente, sobretudo com escravos fugidos das grandes plantações de algodão das vizinhanças. Pelo mês de abril de 1839 já esta força unida se elevava a cerca de cinco mil homens, sendo seu principal chefe, depois de Raimundo, um velho índio conhecido pelo nome de Balaio, por ter vivido outrora de fazer balaios e vendê-los nas ruas de Caxias. Bem armado, o exército rebelde, como já lhe chamavam, marchou contra Caxias com o fito de capturá-la. A cidade não contava então com mais de vinte soldados, mas a população inteira da cidade levantou-se para defendê-la.

Os insurrectos sitiaram a praça por cerca de seis semanas, impedindo a entrada de provisões de boca, pelo que os habitantes, reduzidos pela fome e impotentes para sustentar o cerco por mais tempo, foram levados à capitulação a 30 de junho. Os termos da capitulação ditavam que todos os depósitos militares da praça, num total de cinco mil mosquetes com todos os seus pertences, bem como oitocentos barris de pólvora, seriam entregues, juntamente com setenta por cento das mercadorias de cada comerciante e lojista, tudo pago imediatamente. O prefeito e diversas outras pessoas gradas da cidade, nos termos da capitulação, foram declarados prisioneiros e conservados em prisão fechada por vários meses.



Como todas estas perturbações de ordem se passavam principalmente ao norte de Oeiras, ainda eu nutria esperanças de poder encaminhar-me para os lados do oeste; mas, precisamente quando estava em preparativos para partir, diversas pessoas chegaram a Oeiras, procedentes de Pastos Bons, pequena vila um pouco a oeste do rio Parnaíba, exatadamente na rota que eu pretendia seguir. Delas soube que um grupo de rebeldes fôra enviado de Caxias para tomar aquela vila, onde cinco portuguezes e um brasileiro, conhecidos como adversários seus, foram massacrados e as famílias deles esbulhadas de toda a sua propriedade. Tambem chegou então a Oeiras a notícia de que Raimundo, embriagado pelo successo, estava prestes a marchar de Caxias para tomar aquella cidade. O Barão de Parnaíba, que já vinha levantando tropas para enviá-las em socorro de Caxias, redobrou agora de esforços e a cidade encheu-se de soldados rústicos, submetidos ao necessário adextramento militar. Formavam um grupo variado, com gente de todo o tamanho, de toda côr, com trajos os mais diversos, muitos deles com calças, jaquetas e chapéu de couro. Como não havia indícios de que os rebeldes viessem tão cedo atacar Oeiras, cerca de seiscentos destes homens foram despachados em princípios de junho, sob o comando do Major Clementino Martius, sobrinho do Barão, para se reunirem com outros, já com ordem de marchar de Ceará e Pernambuco, em socorro de Caxias. Assim que os rebeldes souberam noticia deste movimento passaram a um saque em regra da cidade, levado a efeito por cerca de mil homens que ainda ali permaneciam, sendo nesse assalto mortos muitos dos habitantes da cidade, portuguezes em sua maioria.

Só em janeiro de 1840 foi afinal restaurada a ordem em Caxias e ainda mais tarde em Brejo e Pastos Bons.

Ao passar por um desfiladeiro perto de Caxias e que fôra fortificado pelos rebeldes, o Major Clementino e toda a sua tropa foram desbaratados. Calcula-se que do prin-

cípio ao fim da insurreição caíram mais de cinco mil vítimas.

E' este um dos exemplos das insubordinações de frequente ocorrência no Brasil, que o mantem em situação de quase contínua desordem e paralisam as energias dos que realmente desejam o bem de sua pátria.

Impedido assim de viajar para o oeste e não querendo voltar rasto atrás, decidi-me a caminhar para o sul em demanda do Rio de Janeiro através das grandes províncias interiores de Goiaz e Minas-Gerais, embora mal provido para tal, especialmente em matéria de recursos financeiros, porquanto a situação do país me impossibilitou de receber dinheiro do litoral. Eu tinha, porém, minha profissão, com a qual podia contar, e sabia que, se não podia ganhar muito dinheiro, podia, sim, poupar muitos gastos, porque a experiência já me ensinára que, como médico, seria recebido em toda parte.

Como a região do sul estivesse também em situação um tanto instavel, fui aconselhado pelo Barão de Parnaíba, bem como por outras pessoas influentes de Oeiras, a não levar por diante a jornada proposta; porque, se a fizesse, punha em perigo a própria vida. Isto não obstante, meu forte desejo de percorrer uma região ainda inexplorada, levou-me a fechar os ouvidos ao parecer dos amigos e pôr-me sem detença em preparativos para o empreendimento.

As grandes coleções que eu havia feito entre Crato e Oeiras, bem como nas vizinhanças desta, pretendia mandá-las para o Maranhão afim de serem embarcadas para a Inglaterra; isto, porém, era já agora impossivel, por motivos da grande distância entre Oeiras e Pernambuco ou Baía. Há muito pouco tráfico entre estes lugares e, se não fôra uma feliz casualidade, não haveria recurso senão levá-las comigo para o Rio. De Pernambuco eu trouxera cartas de apresentação ao Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento, jovem advogado, que occupava um modesto car-

go do governo em Oeiras, sua terra natal. Com este cavaleiro formei íntima amizade. Soube ser bem educado, era possuidor de alta inteligência, grande valor moral e notável bondade de coração. Trouxera consigo de Pernambuco, onde estudára, bela biblioteca de obras em português, francês e inglês, todas as quais me permitiu manusear livremente. No momento em que me preparava para deixar Oeiras, resolveu ele subitamente voltar a Pernambuco, consentindo bondosamente em levar consigo minhas coleções, as quais, acondicionadas em um só fardo, despachei em um de meus próprios cavalos.

Até onde me foi dado saber, só um inglês tinha visitado esta parte do país. Vários moradores ainda se lembraram dos Drs. Spix e Martius; e a casa em que residiram me foi indicada pelo velho Barão, que era ainda por esses tempos pessoa de pouco relevo no lugar. Nos quatro meses de residência nesta cidade fui tratado com a máxima polidez e hospitalidade por todas as classes sociais, muito mais, com efeito, que em qualquer outro ponto do império em que me demorei por algum tempo. O Barão me foi particularmente obsequioso: porque, além de me prover casa, mandou meus cavalos às pastagens de sua fazenda e teve-me como frequente convidado à sua mesa. Ele toma as refeições bem à velha maneira dos barões, em uma mesa muito longa que se estende de uma a outra extremidade de uma grande sala. Senta-se-lhe à cabeceira e os hóspedes em longos bancos sem encosto, colocados aos lados, com os lugares mais baixos frequentemente ocupados pelos seus campeiros mais comuns.

Ao Capitão Antonio de Moraes, pai de meu jovem amigo, bem como ao Capitão Faria, eu desejo salientar entre uma multidão de outros a quem sou devedor de inúmeros serviços. Com efeito, eu sempre me hei de lembrar de minha passagem em Oeiras como um dos períodos mais agradáveis de minhas peregrinações pelo Brasil.

Na tarde de 22 de julho dissemos adeus à cidade de Oeiras e começamos a jornada por terra para o Rio, jornada penosa e cheia de tédio, porém muito mais fértil do que eu anticipara em novidades botânicas. Era meu propósito partir pela manhã; mas, enquanto me preparava para fazê-lo, um dos homens que eu ajustára para me acompanhar até a extremidade sul da província do Piauí veio dizer-me que tinha mudado de idéia. Recorri imediatamente ao Barão, pedindo-lhe me ajudasse a procurar outro homem e, logo que soube do que me acontecera, mandou chamar o empregado, que, insistindo em sua recusa, foi mandado para a cadeia. O Barão teve então a gentileza de me fazer acompanhar por um soldado, a quem mandou chamar e disse que, se me servisse fielmente, êle o desengajaria em sua volta. Não gostei dos ares do soldado, da sua catadura de degolador, como nunca vi outra igual. Não tive remédio senão aceitar os serviços, posto que afinal me foi de grande alívio ver-me livre dele, porque foi um dos sujeitos mais insolentes, vadios e mal humorados que jamais tive sob minhas ordens.

O Capitão Morais e diversos outros amigos acompanharam-me até a distância de uma légua fóra da cidade, onde de mim se despediram com os melhores votos de feliz regresso à pátria.

Mais uma légua de caminho e acampamos por essa noite debaixo de grandes árvores à margem de um arroio.

Nossa róta agora seguia quase em direção do sol e cortava uma bela região de cenário variado e semelhante a um parque. Aparecem vastos tractos de planícies a que dão o nome de chapada, com matas raras de árvores de cajú (*Anacardium occidentale*), jabotá (*hymenoea*) paraíba (*Simaruba vescicolor*) e a folha larga (*Salvertia convallariodora*) — bela árvore de grandes folhas e vergonteadas de flores delicadamente perfumosas, não diversas das do castanheiro da Índia. Como o tempo estava agora

bem firme, dormíamos, quase sempre, ao relento, com as redes suspensas entre árvores.

A pouca distância de Oeiras passámos por diversas fazendas nacionais, em uma das quais tivemos ocasião de ver o método adotado pelos vaqueiros para pegar o gado que vagueia em grandes manadas, quase em estado selvagem.

Nas províncias do sul é bem sabido que se apanha o gado com laços e bolas, porisso que os descampados dessa zona permitem empregá-los livremente, o que não se dá ao norte. O instrumento aqui usado é uma longa vara, com cerca de nove pés de comprimento, um pouco mais grossa em uma ponta que na outra: na parte mais grossa se fixa uma peça de ferro, quadrangular e aguçada, com uma saliência apenas de meia polegada. Montado a cavalo, com essa vara na mão, o vaqueiro marca com a vista o animal que deseja pegar e, perseguindo-o a toda brida, logo o alcança e, ferindo-o na anca com a ponta da vara, facilmente o derruba e, antes que êle possa de novo erguer-se, o vaqueiro desmonta e segura-o. É assim que se apanha quase todo o gado nesta provincia.

Não há cercas entre as diversas propriedades, mas cada fazendeiro tem uma marca com que assinala todos os seus cavalos e bois antes de soltá-los a vaguear livremente e por esse sinal são, já se vê, facilmente reconhecidos.

O gado de Piauí supre em grande parte os mercados de Maranhão, Baía e Pernambuco; às vezes enviam-se algumas manadas para a provincia de Minas. O gado é geralmente de grande tamanho, mas as côres muito variadas, conquanto predomine o tom pardo. Os chifres são longos, pontudos e espalhados. Pousámos uma noite em uma destas fazendas nacionais, que era inteiramente destinada à criação de cavalos, a qual, segundo me informou o principal vaqueiro, produzia anualmente cerca de quatrocentos potros. Os cavalos de Piauí são geralmente

pequenos, de curta vida, raro excedendo de dez ou doze anos.

Os que se empregam nas fazendas de gado, gastos pelos violentos exercícios de campear o gado, cedo acabam. Os cavalos de sela são domados com grande perícia e alguns dos passos que aprendem são muito agradáveis. Nunca se ferram, porque as ferraduras são aqui menos necessárias que em muitas outras províncias, porque as estradas são em geral planas e fofas. O preço de um bom cavalo de trabalho, isto é, capaz de carregar um fardo em jornada, raro vai além do valor de três libras esterlinas.

Estavamos agora na região a que se dá no Piauí o nome de campos agrestes. Estes campos são em parte abertos, em parte coberto de mato: os abertos cobrem-se de ervas perenes e grosseiras e não são de todo despidos de árvores, mas as que há são todas mais ou menos deciduas, com a exceção de uma só que é verdadeiramente sempre verde, uma espécie de *zizyphus*, conhecida pelo nome de joazeiro; não é grande, mas tem ampla ramagem e dá excelente sombra, da qual por vezes nos valem durante a calma do dia. Também o gado gosta da sombra amiga desta árvore, bem como do doce fruto carnoso, do tamanho de uma pequena cereja, que ela dá em grande quantidade e que, quando maduro, cai ao chão. O fruto, que se chama joá, também o comem os habitantes. Muitas árvores destes tractos têm aspéto estiolado, com ramos nodosos e tortos. Por vezes se encontram nos campos agrestes paúes de grande extensão, onde crescem apinhadas as palmeiras do buriti, com o seu fruto doce, que é o principal alimento das três espécies de araras que em bando as frequentam. Estas aves voam geralmente aos pares, enchendo o espaço com os seus gritos de ará, ará, ará, donde o nome indiano de arara. Uma das espécies mais comuns é toda azul (*Psittacus hyacinthinus*, Lath); as outras são também azues, com exceção do peito, que

numa delas é côr de laranja, enquanto a outra o tem côr de carmin.

Muitas das chapadas, onde o solo é de argila vermelha, são cobertas de inúmeros formigueiros, às vezes de seis ou oito pés de altura que, vistos de longe, parecem choças de barro. São formados pela formiga branca e, como este inseto é o principal alimento do avestruz (*Rhea americana*) e do grande comedor de formiga, o tamanduá dos nativos (*Myrmecophaga jubata*), vimos muitos deles nos arredores dos formigueiros. Nas zonas de mata mais cerrada as árvores muito se assemelham às caatingas dos campos mimosos e, como estas, são deciduas na estação da sêca.

Na tarde de 29 de julho chegamos a uma pequena aldeia chamada Algodões, a trinta milhas de Ôeiras, e aí passamos um dia. A três léguas de Algodões parámos de manhã em uma fazenda chamada Pombas; quando partimos, dei pela falta de um mastim que nos acompanhava e me fôra dado de presente pelo capitão Morais. O fato era tanto mais estranho, quanto era certo que o cão se nos tornára muito amigo. Pensei que ele houvesse entrado na mata em perseguição de algum animal e logo nos seguisse: mas, como não nos apareceu até a manhã seguinte, fiz Mr. Walker voltar para fazer indagações do vaqueiro a respeito: a resposta foi que não mais vira o cão desde que partíramos. Desconfiei muito de que este homem, o único que se achava na fazenda, o tivesse furtado, e nisso não me enganei, porque dias depois uma pessoa, que lá pernoitára, me contou que viu o cão preso e fôra informada pelo vaqueiro de que o animal lhe havia sido dado de presente por um inglês em viagem para Minas.

Uma légua além de Pombas chegámos a uma grande lagoa de agua doce, de duas léguas de comprido, mas não mais de um quarto de légua de largura; acaba em Algodões; e em quasi toda a sua extensão é cercada por uma cinta de carnaubeiras. Como a estrada se lhe extendia ao

lado, encontravamos a cada passo grandes jacarés aqueitando-se ao sol nas margens rasas. Vimos também muitas capivaras (*Hydrochoerus capybara*), um bando das quais, para cima de cinquenta cabeças, atravessou a estrada a umas cem jardas à nossa frente e entrou nagua; vímo-las cortar a lagôa a nado e surgir na margem oposta. Muitas partes da lagôa se viam cobertas das grandes folhas flutuantes de uma açucena que infelizmente não estava em flor. Durante a noite ouviamos o ruído das capivaras mergulhando na lagôa, bem perto da casa em que dormíamos. Disseram-me que, como a carne delas não é boa para comer, raramente as molestam, razão pela qual se mostram tão mansas nestas vizinhanças. Desejando obter um espécime por causa do crâneo, saí uma manhã bem cedo com a espingarda, andei quase meia légua ao longo das margens do lago, mas não encontrei nenhuma. Vi, porém, muitos jacarés. Um deles, muito grande, a flutuar como um tóro de madeira à flor dagua, a curta distância da praia, era alvo por demais tentador para ser passado por alto: atirei-o na cabeça, com carga de bala; ele deu um salto para a agua funda, virou de costas e ficou boiando, como morto. Acreditando que assim fosse, mandei ao índio Manuel que o fosse buscar: ele vadeou o lago, com agua pelo queixo, e procurou agarrar o animal pela cauda; mas este, virando-se subitamente, desapareceu. Não sei qual dos dois se assustou mais: sei que o Manuel, com um berro, ganhou terra firme. É claro que o animal apenas tonteára com o tiro.

Nesta lagôa encontrei algumas curiosas plantas aquáticas, tais como uma nova espécie de cabomba (*C. piauhyensis*, Gardn.), a bela *jussioea* (*J. sedoides*, Humb.) encontrada a primeira vez por Humboldt nos lagos da Nova Granada; flutua nagua e suas folhas, que são pequenas, chegam todas à superfície e formam em torno do eixo da planta um denso círculo que, olhado a distância, parece uma grande folha inteiriça flutuando; coligi também es-



pécimes de uma *chara* e de uma *potamogeton*, interessantes ambas, por pertencerem a gêneros comuns à Inglaterra e à América do Sul.

No dia 31, de manhã bem cedo, partimos de Algodões, e depois de cavalgar três léguas sobre uma árida chapada chegamos a Golfes, casa solitária situada num outeiro junto de pequeno paul, onde se viam numerosos buritís. Paramos aí, à margem do pantano, à sombra de um grande coqueiro. À tarde, nova caminhada de duas léguas levou-nos a pequena casa deshabitada, em um sitio chamado Retiro Alegre, situado em pequeno vale, rodeado de altas colinas e abundante em buritís, cujas folhas dão abrigo a bandos numerosos de araras de peito alaranjado (canindé). Aquí encontrei um pretinho, que me esperava para me servir de guia à fazenda de Genipapo, distante dali cinco léguas e meia. Foi-me mandado pelo capitão Valentim Pereira da Silva, que eu havia encontrado em Algodões e a quem pertencia toda aquela região, que ora eu estava atravessando.

Quando o velho soube que eu era o homem que havia operado tantas curas em Oeiras, mostrou grande desejo de que eu visitasse seu filho, que estava de má saude; e, como a casa deste ficava a poucas léguas de nosso itinerário, consenti em visitá-lo.

A cerca de meia légua da fazenda veiu-nos ao encontro o próprio filho, a quem pertence a fazenda de Genipapo, onde ficamos por essa noite, indo êle para outra fazenda chamada Canavieiras duas léguas além, onde reside.

Na manhã seguinte chegámos a Canavieiras em tempo para o almoço e tivemos hospitaleira recepção por parte do capitão e seu filho.

Ao examiná-lo, verifiquei que apresentava sintomas de tuberculose incipiente e receitei-lhe. Como é raro aparecer um médico nessa parte do país, tive de receitar

para muitos outros doentes, alguns deles vindos de grande distância.

A um quarto de milha além de Genipapo chegámos às margens do Rio Gurgea, que nasce na extremidade sul da província e desemboca no Parnaíba, um pouco abaixo do paralelo de Oeiras.

Como geralmente succede com os rios das províncias do norte, as margens deste são mais densamente cobertas de mata e de aspecto mais verdejante que o resto da região.

Fiquei o dia todo com meus hospitaleiros amigos e recebi convite para acompanhá-los na manhã seguinte a uma fazenda distante dali oito léguas e pertencente ao sogro do filho. Para lá se dirigiu toda a família, visto que o Visitador estava em sua viagem trienal e era ali esperado por esse tempo. Como também este lugar era próximo de nosso caminho, aceitei o convite.

Na manhã de 3 de agosto deixamos Canavieira e três léguas além atravessamos o Rio Gurgea, entrando no distrito de Urusuí. O rio aquí tinha mais ou menos a largura do Clyde em Glasgow, mas era tão raso, que a agua não chegava muito acima do meu cavallo. Mais uma légua de caminho e chegámos à casa de um vaqueiro, onde paramos para almoçar e passar as horas mais cálidas do dia. A casa era situada num recôncavo onde fazia um calor insuportavel, por falta de viração. O termômetro marcava 98° graus à sombra e eu sofria terrivel dôr de cabeça. Só partimos daqui às quatro horas da tarde e, como havia quatro léguas a vencer, só chegámos à Fazenda Prazeres depois do sól posto. Toda a região que atravessamos, com exceção das ribanceiras do rio, estava inteiramente seca, por falta de chuvas.

O grupo era bastante grande. Além de nós, havia o capitão, seu filho e senhora, uma rapariga mulata pageando-lhes a criança que levavam a batizar, três sobrinhos do

capitão e um mestre-escola preto, todos vestidos de couro, da cabeça aos pés.

A senhora e a pagem montavam ambas em selas de homem, conforme o costume generalizado no interior do país. O mestre-escola preto era decididamente muito superior a qualquer espécime de sua raça que eu já havia encontrado. Era um crioulo, de fronte vasta e bela, muito bem educado. Era forro e a côr não o impedia de se mover na melhor sociedade da parte do país a que pertencia. É que, com efeito, são os brasileiros, mais, talvez, que qualquer outro povo, livres de tais preconceitos.

O preto tinha um vasto fundo de espírito e graça, cujo fluxo ininterrupto mantinha a caravana em constante bom humor, não obstante o calor excessivo do dia.

A fazenda dos Prazeres fica em outeiro um tanto elevado, dentro de um grande vale, cuja extremidade superior é pantanosa e cheia de buritizeiros. Nas encostas áridas das pequenas colinas que rodeiam o vale há grandes florestas daquela árvore chamada Palmeira, a que já nos referimos como sendo muito comum nos arredores de Crato; e na mata de caatinga, que ora atravessamos, eram abundantes umas espécies de palmeiras menores. Uma destas tinha o tronco bifurcado no tôpo, o único exemplar da espécie que jamais encontrei: o gomo central fôra destruído por alguma causa, gerando-se dois galhos em seu lugar.

A casa da fazenda era grande, bem construída, em tudo e por tudo a melhor que tínhamos visto desde que saímos de Oeiras. O proprietário dela, que morrera repentinamente um ano antes, parece que fôra pessoa não só mais industriosa, mas também de muito melhor gosto que a generalidade dos fazendeiros do Piauí. Em torno da casa até vasta distância havia muitas e belas laranjeiras carregadas de frutos, que, por serem raras nesta província, nos eram grandemente preciosas. Viam-se também perto da casa grandes plantações de tanchagens e bana-

nas, bem como alguns belos cajueiros começando a dar fruto. Por serem árvores essencialmente de beira-mar, raro se vêem cultivadas no interior, sendo estas as que encontrei mais longe do litoral. A fazenda era principalmente de criação de gado, mas havia no vale, abaixo da casa, um grande canavial, de que se fabricava a rapadura, e, como o sólo era próprio para o cultivo da mandioca, também esta se encontrava em abundância.

A viuva, que com os filhos ora dirigia a propriedade, era enérgica, inteligente e muito hospitaleira. Demorámo-nos ali dois dias e durante esse tempo chegou de vários sítios das redondezas muita gente que ali vinha para se valer dos serviços do Visitador. Antes de partirmos tinham-se enchido nossas caixas de provisões e uma grande porção de laranjas que dali levámos durou dias e serviu-nos de agradável refresco na jornada.

Atravessando de novo o Rio Gurgea em um lugar chamado Flores, a umas dezesseis léguas da fazenda dos Prazeres, viajámos dez dias em direção ao sul, mais ou menos paralela ao rio, chegando a uma pequena aldeia chamada Raposa. A região que atravessámos era uma planície geralmente árida, principalmente quando eramos obrigados a caminhar a distância do rio, porque suas margens são pela maior parte cobertas de matas, com árvores de jatobá piqui, diversas espécies de *laurus* e grandes *bignonias*, que se acham nesta estação ornadas de suas vivas flores amarelas. Entre estas cresciam muitas trepadeiras, *bauhinias*, *combretums*, *bignonias*, *malpighias* e outras, cuja ramagem, coberta de variegadas flores, adornavam lindamente a copa frondosa das árvores.

Grandes e numerosas figueiras silvestres que cobrem a margem do rio serviam-nos frequentemente de abrigo, tanto de dia como de noite. Era sempre agradável viajar à sua sombra e tanto mais porque a região em torno só apresentava umas poucas árvores sem folhas e o sólo, de um vermelho côr de tijolo, tinha sua vegetação rasteira

quase destruída. Durante esta estação o gado frequenta as margens do rio, em procura de agua como de grama e outras ervas rasteiras que aí crescem; mas no ano corrente estas haviam sido quase totalmente destruídas pela grande elevação das aguas durante as chuvas anteriores, mais pesadas, ao que se dizia, que quaisquer outras havidas desde 1820. Pelos sinais deixados nos troncos das árvores podia-se perceber que as aguas lodosas se haviam elevado dez pés acima do nível da estrada.

Em Raposa encontrei o Major José Martins de Sousa a quem levava cartas de apresentação da parte de seu tio, o barão de Parnaíba.

Sua residência ficava a cerca de trinta léguas de distância; mas, como tinha recebido ordens de levantar tropas para enviá-las para a cidade, fizera êle aquí o ponto de reunião.

Cerca de quatro anos antes comprara, por cinco contos de réis, no distrito de Paranaguá, um vasto tracto de terra, num total de noventa e seis léguas quadradas, dividindo-os em seis fazendas de gado, todas as quais estavam agora florescentes.

Contou-me que no distrito de que era prefeito havia mil e setecentos homens capazes de pegar em armas, mas tudo o que pudera reunir no decurso de uma semana eram vinte e dois. Toda a população era peor que selvagens aos quais nenhuma eloquência podia persuadir a erguer-se em defesa do país. Temia até que desordens semelhantes às que perturbavam a provincia do Maranhão chegassem em breve a este distrito, pelo que tencionava, o mais breve possivel, levar para a cidade a esposa e os filhos. Creio que o fez logo depois, e ainda bem que o fez, porque cerca de um mês após o nosso encontro, o distrito de Paranaguá se levantou para unir-se aos rebeldes, e o Major, que se deixára ficar para trás, a custo se livrou de cair vítima da sãha dos habitantes, ao mesmo tempo que foi destruído

quase todo o gado de sua fazenda. Em sua jornada para a cidade desertaram todos os seus recrutas, com exceção apenas de dois ou três.

Quatorze léguas de jornada levaram-nos a Paranaguá, a vila mais setentrional da província numa região sempre plana e muito semelhante à que já havíamos atravessado.

Em toda a jornada para Oeiras pouco se nos deparou digno de nota sob o ponto de vista geológico, sendo os rochedos que encontramos da mesma natureza dos que existiam nas vizinhanças da própria cidade.

O que me atraíu a atenção foi a construção peculiar das casas, muito diferentes das que se encontram em qualquer outra parte do Brasil, ou mesmo do Piauí: são edificadas pela maior parte com uma das extremidades voltadas para o caminho e nesta extremidade há um grande cômodo com uma mesa e um banco sem encosto, visivelmente destinado à acomodação de viajantes, porque sem comunicação direta com o resto da casa. Como a porta da parte habitada pela família está no outro lado, é raro vêr-se qualquer das mulheres da casa, que se conservam em rigorosa reclusão. Mas, se a casa se ergue paralela à estrada, então a porta para o quarto dos viajantes se abre em frente, enquanto a porta e as janelas dos outros são todas nos cômodos dos fundos. Assim, pode um viajante demorar-se por muitos dias em uma destas casas sem o mínimo conhecimento do que se passa lá dentro. As mulheres, porém, não são destituídas de curiosidade, visto como por vezes lobriguei um par de olhos negros espiando os forasteiros através de umas fendas nas frageis paredes. Todavia, como profissional, era eu frequentemente admitido no interior afim de receitar para uma ou outra das mulheres da família, cuja vida sedentária as predispunha às dispepsias e outros padecimentos que tais. É também realmente muito comum a febre intermitente, de cujos efeitos sofrem quase todos os habitantes.

Darwin, em seu *Diário*, refere que há poucas casas no Chile onde um viajante não seja recebido para pousar uma noite, mas que se espera dele uma gratificação pela manhã e que mesmo um rico aceita a oferta de dois ou três chelins. No Brasil é muito diferente; no caminho, não mui frequentado, do Rio de Janeiro até a zona de mineração, encontram-se sempre casas que fazem as vezes de estalagem e em que se espera pagamento por parte do viajante; mas, se êle se hospeda em qualquer das grandes fazendas, deixam-no comer gratuitamente à mesa, só pagando as rações dos animais. Nas partes mais remotas do país sempre encontrei a mais ilimitada hospitalidade mesmo das classes menos favorecidas, sendo que muitas vezes a tenue recompensa que essa pobre gente aceitava era um pouco de pólvora ou sal, artigos que por vezes não se obtem por preço nenhum.

Quando parti de Raposa, deu-me o Major Martins uma carta para o Juiz de paz de Paranaguá e uma autorização para receber as chaves de uma casa vazia em que êle se hospedava quando ia à Vila. Ao chegar, soube que o juiz tinha ido para sua fazenda a seis léguas dali. O vigário e outro padre do lugar também se achavam fóra, percorrendo o distrito. Um velho advogado, o mestre-escola e um logista eram as únicas pessoas de alguma importância que se encontravam no lugar. A vila assentada na parte ocidental de uma grande lagôa contem, ao todo, uma centena de casas, das quais apenas metade são habitadas, pertencendo as demais aos fazendeiros que as ocupam só nos dias de festas. Por motivo do recrutamento que se fazia por toda a província, a maior parte da população masculina tinha deixado a vila para lugares remotos, porque poucos se inclinavam a servir no exército: só se viam mulheres, crianças, e uns poucos de escravos. As casas são em geral grosseiramente construídas de varas de bambú, barreadas por dentro e por fóra, com uma argila avermelhada, sem caiação, o que dá à vila um as-

pecto bem estranho. Parece que seus melhores dias já se passaram, porque muitas de suas casas estão caindo em ruína; e a própria igreja, que se ergue numa grande praça e foi outróra bela construção, está também decadente, com parte do teto desabado, e isso, ao que parece, já há muitos anos. Não há no lugar um só comerciante retalhista permanente, pois o único que lá vimos, chegado pouco antes da Baía, para lá pretendia voltar assim que houvesse vendido toda a sua mercadoria: e, como não tinha competidor, valia-se disto para vender tudo por preços exorbitantes.

O povo, tanto da vila como das fazendas vizinhas, queixava-se de que com a revolução do Maranhão deixaram de vir a Paranaguá os mercadores que anualmente o visitam, trazendo-lhe produtos europeus, pólvora, sal e outros artigos de comércio que trocavam por bois, cavalos e couros.

Sal é um dos artigos de mais procura e a gente da vila descobriu um sucedâneo ao que lhe vem do litoral. Ao longo das margens da lagôa o solo é em muitos lugares altamente impregnado de uma substância salina que, embora misturada de salitre, é, todavia, na falta de melhor, perfeitamente passável. Durante nossa visita muita gente de lugares distantes se ocupava em apanhar deste sal. O processo para obtê-lo é o seguinte: limpa-se o solo da grama e outras vegetações rasteiras que o cobrem e, umedecido este com agua, a parte mais rica em sal revela-se pelo aparecimento de pequenos cristais. Esta terra é então revolvida com o osso escapular de um boi em uma celha feita de couro de vaca, suspensa em quatro estacas fincadas no chão. Na terra derrama-se agua que, durante um dia inteiro, se filtra lentamente através de pequenos orificios no fundo da celha e cai numa grande bacia colocada em baixo. Este processo continúa até que se extraia todo o sal. A agua assim coada ou se põe em celhas menores e evapora-se ao sol ou ferve-se em panela de barro: mas, como este objeto é um tanto raro, em Paranaguá



poucos são os que lançam mão deste recurso. O sal não é muito limpo, mas uma pequena porção dele que comprei salgou perfeitamente a carne.

A lagôa junto da qual está situada a Vila tem cerca de duas léguas de comprimento por uma de largura, mas é pouco profunda, ao que dizem. Tem sempre uma côr vermelha, produzida, sem dúvida, pelo solo da região circundante, que é por toda parte de uma argila acentuadamente avermelhada. Dizem que é abundante em peixe, mas enquanto lá estive não apanhei nenhum. Contém enorme quantidade de grandes jacarés, bem como bôas, capivaras e antas. Vi também grandes lontras, mas nenhuma que se aproximasse a distância de tiro.

Logo que chegámos fui banhar-me na lagôa e nadei bastante ao largo; mas não repeti o feito, porque me informaram da ocorrência de vários acidentes, não só por ataques de jacarés, como também de piranhas.

Com a exceção de uma pequena serra ao sudeste, a região em torno da vila é toda plana e, se não fôra a lagôa, seria de aspecto, bem pouco pitoresco. Fiz várias excursões nos arredores, sendo, porém, parcamente compensado por meus labores, em virtude da prolongada sêca.

Em um pantano que na estação chuvosa faz parte da lagôa encontrei duas espécies de açucena (*nymphoea*), pequena e de flores brancas, uma delas docemente perfumosa, outra exatamente com o cheiro fétido de alcatrão.

Na serra encontrei uma *gomphiâ* de pequenas folhas, uma *trixis* e uma *velloxia*, esta última não em flôr, como a que eu encontrara em Oeiras. Estes são os pontos mais setentrionais em que encontrei espécies deste gênero, cujo grande fóco jaz nas montanhas das zonas de mineração.

## CAPÍTULO IX

### PARANAGUÁ A NATIVIDADE

*Partida de Paranaguá — Chegada a Saco do Tanque — Carrapatos, grande praga dos viajantes, e do gado — Vegetação da região — Travessia das Serras da Batalha e de Mato-Grosso, limite da província do Piauí. Descida para o distrito de Rio Preto — Os índios cherentes — Chegada a Santa Rosa — Travessia do Rio Preto — Chegada à desolada região dos gerais — Passagem através da alta Chapada da Mangabeira — Chegada à Missão Indiana de Duro — Descrição destes índios — Chegada a Cachoeira — Travessia da Serra do Duro — Passagem a vau do rio Manuel Alves — Chegada a Almas — Galheiro Morto — Morrinhos — Abundância de mel silvestre — Descrição de várias espécies de abelhas — Chegada a Nossa Senhora do Amparo — Mato virgem — A papeira é comum — Passagem por Sociedade — Arraial da Chapada — Chegada a Natividade.*

Não foi sem custo que encontrei em Paranaguá uma pessoa que substituisse o soldado que nos acompanhou desde Ociras; o acaso deparou-me em caminho um mulato que, tendo vindo com uma grande manada de bois da província de Goiás, era por isso mesmo conhecedor das trilhas pouco frequentadas da região em que agora iam penetrar. Partimos de Paranaguá a 29 de Setembro e, tomando a direção quase para o sul, chegamos a 7 de outubro a uma fazenda chamada Saco do Tanque, vencido em percurso de cerca de vinte e seis léguas. A tarde ia adiantada quando partimos de Paranaguá e, sendo já quase escuro quando chegamos à extremidade da lagôa, aí fizemos alto para pernoitar debaixo de umas árvores. Pela madrugada nos sentimos tão regelados em nossa rede, que nos erguemos com prazer para nos aquecermos ao fogo

que os nossos homens haviam conservado aceso durante a noite.

Ao cavalgar ao longo das margens da lagoa vimos diversas capivaras e jacarés que, ao nos aproximarmos, afundavam nas águas.

Logo que partimos de Oeiras começámos a ser grandemente atormentados por uma espécie de inseto a que os brasileiros chamam carrapato. São insetos abundantes nas moitas secas onde se apegam aos rebentos delgados. A princípio são miudos e apresentam-se agrupados às centenas: — quando qualquer animal os toca ao passar, aderem-lhe imediatamente, enterrando-lhe o ferrão tão profundamente na pele, que só com muita força se pôde arrancar daí. Se não se tiram, continuam a aumentar de vulto até se tornarem do tamanho de um feijão ou ainda maiores. Aumentam de tamanho mesmo na relva ou nas moitas, mas têm então um aspeto magro e chato: é a esta forma que se dá o nome de carrapato grande. Spix e Martius acreditam que miudas e grandes são espécies distintas; mas eu penso que não ha dúvida de que são o mesmo inseto em fases diferentes: desta opinião é St. Hilaire e também os próprios habitantes do país. É só no começo da estação seca que os carrapatos miudos se encontram nos distritos que depois infestam; mas à medida que a estação avança desaparecem gradualmente, substituídos pelos grandes. Atacam indiferentemente a todos os quadrúpedes, mas os bois e cavalos são os que mais sofrem com seus ataques. Nas estações de grande seca aparecem em tal quantidade, que rebanhos inteiros perecem da exaustão por êles produzida. Se, porém, o animal em que parasitam sobrevive ao seu ataque até que venham as chuvas, logo recupera as forças, porque a úmidade é fatal ao carrapato. Vi por vezes alguns de meus cavalos infestados por estes insetos ficarem quasi livres deles depois de atravessarem a nado um grande rio. Notei também que alguns cavalos são muito mais sujeitos a êles que outros.

Encontrámos as moitas sêcas da região acima de Paranaguá infecionadas por esta praga e quase todas as noites tínhamos de arrancá-los do corpo às centenas antes de procurar as nossas redes. Os criados sofriam mais que Mr. Walker e eu, porque andavam a pé e com as pernas nuas do joelho para baixo.

Quando saía para os arredores do acampamento à procura de espécimens de botânica, voltava quase sempre coberto de carrapatos e era obrigado a mudar de roupa; mas, extendendo ao sol por um quarto de hora as peças tiradas, podia vesti-las de novo.

Um macaquinho de estimação que eu obtivera de um velho índio, poucos dias depois que partimos de Oeiras, também sofria tormentos com estes insetos.

Bem desenvolvido, um carrapato grande se assemelha à semente madura da mamona. Ao arrancá-lo, fica uma ferida que às vezes se torna maligna. Pertence o carrapato ao gênero *ixodes*, de Latreille.

Posto que a região entre Paranaguá e Saco do Tanque seja comparativamente plana, ha contudo uma elevação bem perceptível: e, embora a vegetação geral tenha muita semelhança com a de outras zonas de caatinga, muitos dos arbustos e árvores eram para mim inteiramente novos. Nesta estação muitos poucos estavam em flôr: dêstes o mais notável era uma árvore grande à qual os nativos dão o nome de sucupira e que depois vi que se encontra dai em diante até a província de Goiás; pertence à classe das leguminosas e foi muito recentemente descrita por Mr. Bentham sob o nome de *Commilobium polygalae florum*: é facilmente reconhecível a grande distância por numerosas e grandes paniculas de flôres lilazes. Um oleo essencial, que se contém no fruto, é muito usado pelos habitantes para aliviar a dôr de dente. Era também comum uma grande *bombax* inteiramente despida de folhas; mas em uma delas encontrei umas poucas de flôres, de enorme tamanho, medindo em plena expansão cerca de um e meio

pé de largura; as pétalas eram de um pardo escuro por fora, mas brancas por dentro. Perto de uma fazenda chamada Riacho de Arêia, onde parámos por um dia, havia numerosos espécimes de uma grande palmeira, em cujo tronco encontrei uma grande orquidea de haste carnuda, uma espécie de *cyrtopodium*, que produzia hastes florescentes de cerca de quatro pés de altura, terminadas em uma grande panícula de flôres, com botões pardos em fundo alaranjado, e de cheiro suave como o do goivo amarelo.

Em sítios apaulados e cheios de moitas vi nesta jornada muitas plantas de *Vanila planifolia*, raro produzindo flôres e, ainda mais raro, frutas. Está satisfatoriamente assentado que esta é a espécie de que se obtém a verdadeira baunilha de comércio. No México é largamente cultivada, por causa do fruto, que ela produz em abundância, ao passo que as plantas que se têm introduzido nas Índias Orientais e nas estufas da Europa, embora frequentemente dêem flores, mui raramente têm chegado a fruto perfeito. O Dr. Morren, de Liège, foi o primeiro a estudar atentamente a história natural desta planta e a provar experimentalmente que o fruto da baunilha se pôde produzir tão bem em nossas estufas como no México.

Descobriu êle que, por motivo de certas peculiaridades nos órgãos reprodutivos desta planta, se faz necessária a fecundação artificial.

No ano de 1836, em uma das estufas do jardim botânico de Liège, uma planta produziu cinquenta e quatro flôres que, artificialmente fecundadas, apresentaram o mesmo número de bainhas, inteiramente iguais às importadas do México; e em 1837 nova colheita de cerca de cem bainhas se obteve, pelo mesmo método, de outra planta. O Dr. Morren atribue a fecundação da planta no México à ação de algum inseto que frequenta a flôr; e assim se explica a não produção do fruto nas plantas que têm sido transplantadas para outros países. Não pôde haver dúvida

de que esta planta é tão perfeitamente indígena do Brasil como o é do México; porém não é menos certo que lá seu fruto raramente chega à maturação. Deve-se atribuir o fato à ausência dos meios pelos quais se supõe que a fecundação se efetua no México? Eis uma questão que, como judiciosamente pondera o Dr. Morren, bem merece atenção do ponto de vista comercial, uma vez que suas experiências parecem provar que em todos os climas inter-tropicais se pode cultivar a baunilha e obter grande abundância de fruto.

A região em que ora viajávamos era grandemente infestada pela *Felis onça*, de Lineu, a onça como lhe chamam os nativos do país, também conhecida pelo nome de jaguar.

Em nosso acampamento ouvíamos-lhe noite após noite o rugido distante, mas nenhuma chegou nunca bastante perto para que a pudessemos vêr. Na noite em que pou-sámos em Riacho de Arêia, não pudemos, a princípio, conciliar o sono, por causa do alto rugido de uma destas feras, rugido tão distinto e audível, que nos dava a impressão de estar ela a pouca distância de nós. Mas o fazendeiro, mais acostumado ao som, nos affiançou que estava pelo menos a meia légua e que, a julgar pelo som, devia ser um macharrão. Seu rugido era semelhante ao rosnar de um cão colérico, e prolongava-se em geral por um quarto de hora de cada vez, acabando por um som, duas ou tres vezes repetido, que lembrava o latido sufocado de um grande cão de guarda. Os cães da fazenda latiam alerta, mas nenhum saiu de casa. Alguns cavalos que então pastavam a pequena distância, vieram para mais perto de nós ao ouvir os tetricos sons emitidos pela feroz habitante da floresta; e com êles vieram até os que foram trazidos do litoral e que certamente nunca se viram expostos aos ataques dessas feras.

A Fazenda do Saco do Tanque está situada exatamente na linha divisória entre a província de Piauí e aquela

porção do sudoeste de Pernambuco, conhecida pelo nome de distrito do Rio Preto. Logo depois de entrar neste distrito chegámos a uma grande elevação de terra chamada Serra da Batalha, que nos era necessário atravessar; tem mais ou menos a altura da Serra do Araripe, em Crato, e, como esta, está coberta de vegetação sempre verde. A subida é aspera, com grandes blocos de arenito branco e grosso, de que parece ser composta a Serra. Ao pé desta serra, e na sua própria encosta, fiz uma das mais belas coleções de plantas que havia conseguido desde que partimos de Oeiras. Em sítios úmidos do sopé crescem algumas dessas belas *melastomaceae*, de grandes flores e pequenas folhas, tão abundantes nos distritos do ouro e diamante; ao passo que em trechos apenas mais elevados encontrei imensa quantidade de noz moscada (*myristica*) que não cresce além de três pés de altura. As árvores da própria Chapada são principalmente de cajú, piqui, jatobá, mangaba, sucupira, *gomphia*, *hexasperma* e uma *bignonia arborea*; mas, entremeadas com estas, havia muitas belas arvores e arbustos, que eu ainda não encontrára.

Depois de atravessar a Chapada, que tem três léguas de largura, a descida é muito gradual e vai morrer numa planície apaulada e abundante em buriti. Tôda a região apresenta aqui um aspecto muito diferente da que deixamos para trás: a vegetação se mostra fresca e verde, para grande alívio dos olhos acostumados a arvores sem folhas e a um solo desnudo, de argila vermelha. As matas são tôdas sempre verdes e entre os aglomerados de nobres palmeiras de buriti e as florestas da região havia os campos abertos e pantanosos, cobertos de grama e outras vegetações erbáceas próprias dos trechos apaulados.

Estávamos em uma zona muito sujeita às incursões dos índios selvagens, razão pela qual, pouco antes de nossa chegada, muitas das habitações mais solitárias haviam sido abandonadas pelos donos.

Depois de cavalgar cerca de meia milha à beira do primeiro campo aberto que encontrámos, demos com uma dessas moradas desertas e, pouco além daí, nos acolhemos a outra, também abandonada. Em Saco do Tanque nos informaram de que estas casas haviam sido abandonadas em consequência de um ataque feito pelos índios, poucos meses antes, contra outros situados a uma ou duas léguas a oeste, matando todos os habitantes.

Como eu tinha de pôr em ordem muitas de minhas recentes coleções e o sítio nos parecia muito favorável para novas pesquisas, aqui me detive por um dia. Havia boa pastagem para os animais, que também, como nós, precisavam de descanso.

Não tive desenganos nos poucos e curtos passeios que dei pelos arredores, pois encontrei diversas plantas notáveis, inteiramente diversas de quantas já vira; entre estas havia um *oryngium*, uma *jussiaea*, que era uma pequena árvore de cerca de vinte pés de altura, um feto arborecente, o único que encontrára desde que partí de Crato e uns poucos e curiosos *eriocaulons* dos pântanos. Na casa deserta onde nos aboletamos fomos atrozmente perseguidos por mosquitos e bichos-de-pé.

Partindo de Batalha, nome do lugar onde pousámos, chegamos após tres longas léguas de marcha à fazenda de Santa Rosa. Não havíamos caminhado muito quando tivemos de subir outra serra, mais baixa que a de Batalha e cujo topo forma uma chapada de uma légua mais ou menos de largura.

Vencida esta, fomos levados por mansa descida do topo de uma terceira elevação plana, chamada Serra do Mato-Grosso, nome que lhe advem da densa floresta que a cobre. Estas três serras pódem mais corretamente considerar-se uma só e grande serra, que não três cordilheiras distintas, visto que achamos a descida da última aproximadamente igual em altura à subida da primeira, e ambas muito maiores que as intermediárias; o lado sul estava tam-



bém, como o do norte, coberto de grandes blocos de arenito.

Entramos agora no vale de Santa Rosa que tende para o sul por cerca de legua e meia; no meio dele corre um regato da agua mais limpida que jamais vi e de cada lado dele uma fileira de pequenos e belos buritís, que dão abrigo e alimento a grande número de araras das três espécies já descritas. Perto da extremidade do vale ha um grande lago e outro mais ou menos ao meio dele, alimentados pelo pequeno rio, parte orlados por buritís, parte por uma palmeira muito menor, que bastante se assemelha ao burití; mas de tronco densamente coberto de longos e duros espinhos: esta palmeira, que depois encontrei muito frequente nos campos pantanosos da província de Goiás, chama-se buritizana.

Este belo vale mede cerca de uma légua em sua parte mais larga, onde está situada a fazenda do mesmo nome, e é limitado ao noroeste pela Serra do Livramento, mais ou menos da altura da Serra de Mato-Grosso, que lhe serve de limite ao nordeste.

Pouco antes da descida da Serra, a grande variedade de plantas novas que por ali surgiam levou-me a atrasar-me dos companheiros, coisa que então não me impressionou, porque era comum. Raro eu conservava um deles comigo, porque pela longa prática meus olhos se haviam habituado a conhecer pelas pegadas dos homens e rasto dos animais o trilho que seguiram. Além disso fazia tanto tempo que pela estrada não passavam viajantes, que não prevê possibilidade de êrro do caminho. E nisto me enganei; porque, se me foi fácil rastreá-los até a primeira parte da lagoa de cima, onde o terreno era bastante fofo e batido pelas patas dos bois e cavalos que ali iam beber, já não me foi possível, passado êste longo trecho de terra úmida, encontrar os sinais dos companheiros, por mais que os procurasse. É coisa entendida entre os viajantes destas regiões desertas do Brasil que, se um do grupo se atrasa e

não encontra o rasto dos companheiros, deve ficar nas imediações dos lugares onde os perdeu de vista, afim de ser facilmente achado pelos que voltam a procurá-lo. Agindo de acôrdo com isto e certo de que antes de anoitecer algum dos companheiros seria mandado à minha procura, voltei ao sopé da Serra, acolhi-me à sombra de umas arvores da beira do caminho e, manietando com as rédeas as patas dianteiras do meu cavalo, para que não se extraviasse ao pastar, sentei-me para estudar atentamente as plantas apanhadas durante a manhã. Meu único receio era que alguma das tribus de índios, que se sabia andarem errantes nas matas vizinhas, pudesse passar por mim ali; porque, tendo sofrido perseguições dos brasileiros, consideram todos os brancos que encontram alvo merecedor de ataque e destruição.

Já a tarde ia adeantada quando Mr. Walker, estranhando que eu não os alcançasse, mandou procurar-me por um dos homens; e, quando chegámos onde me fôra impossível seguir-lhes o rasto, observei que haviam passado para outro lado da lagôa por uma estreita trilha inteiramente coberta de grama alta.

Encontrando no dono da fazenda de Santa-Rosa, o senhor Antonio José de Guimarães, um homem obsequioso e cativante, resolvi ficar ali por alguns dias, afim de fazer os necessários arranjos para uma jornada de mais de quarenta léguas em região inteiramente desconhecida. Minhas coleções feitas entre Paranaguá e Santa-Rosa foram acondicionadas e empacotadas; mas tive grande dificuldade em achar mais um cavalo para comprar. Meu hospedeiro não dispunha de nenhum que me servisse, mas acompanhou Mr. Walker a uma fazenda distante dali cinco léguas para ajudá-lo a comprar um.

Nossas caixas de provisão também precisavam de ser refeitas e para isso compramos um boi, secando-lhe a carne ao sol, e, como não houvesse farinha em Santa-Rosa, ainda o nosso hospedeiro foi comprar-nos um fardo dela a

uma fazenda afastada dali quatro léguas a leste. Não pudemos, porém, adquirir as canastras de couros necessárias para o transporte de minhas coleções: tivemos de fazê-las sob a direção de Mr. Walker, que era muito perito em tudo o que dizia respeito ao aparelhamento da tropa. Nos doze dias que tivemos necessidade de permanecer neste lugar, não perdi oportunidade de aumentar minhas coleções, fazendo passeios pelos arredores, mas principalmente nas serras que limitavam o vale. À margem do pequeno regato que corria a pouca distância da casa encontrei uma das mais belas árvores que me lembro de ter visto solitária, uma espécie de *qualea*, com tronco direito e limpo de cerca de cem pés de altura, encimada por uma copa de vasta ramagem. Como ela havia florescido pouco antes da nossa chegada e não tínhamos outro meio de obter espécimes a não ser cortando a árvore, o senhor Guimarães se prontificou a fazê-lo logo que soube do nosso desejo. Após duas horas de trabalho seu e de mais dois companheiros veio abaixo com grande fragor a bela árvore, que me deu pena vêr destruída.

Na manhã de 21 de setembro deixámos Santa-Rosa e chegamos após quase tres léguas de jornada à margem do norte do Rio-Preto, que dá nome ao distrito e tem a nascente no lado oriental da Serra do Duro, indo desembarcar no São Francisco, um pouco acima da Vila da Barra. Acompanhando o curso dêste rio cerca de um quarto de milha, chegámos a barca que conduz à fazenda de Santa-Maria, do lado oposto. O rio tem aqui cerca de trinta jardas de largura, é muito fundo e de correnteza muito rápida. A distância suas aguas são negras como tinta e daí lhe vem o nome; mas, quando a gente se aproxima, a agua se mostra tão clara, que se lhe vê o alveo a grande profundidade.

E vimos também que era abundante em belos peixes. Um índio levou-nos a bagagem a uma canôa que, de tão pequena, não podia transportar mais que a carga de um

cavalo de cada vez. Fizemos nosso pouso durante a tarde à sombra da ampla ramagem de um grande cajueiro, embora esta espécie de árvores não ofereça perfeita proteção contra os raios do sol, por isso que sua folhagem é sempre pouco densa. Banhámo-nos nas águas do belo rio, alegres de pensar que este prazer nos estava reservado por muitos dias, visto que nosso caminho para o oeste seguia as margens da corrente. Para o viajante em clima tropical não ha refrigerio comparável ao banho frequente em agua fria.

Estavamos agora perto da casa que sofrera o assalto, já referido, por parte dos índios. O ataque foi levado a efeito durante o dia, quando os homens estavam ausentes no campo, e os selvagens, depois de queimar a casa e matar três mulheres, levaram consigo duas crianças. Os habitantes de Santa-Maria disseram-me que viviam em constante sobressalto pelo temor dos índios e pensavam seriamente em mudar-se para um distrito mais populoso. Estes índios, conhecidos pelo nome de Cherentes, viviam a grande distância para o noroeste e apenas levavam suas excursões a estas visinhanças quando andavam à caça. Supõe-se que este assalto se originou do fato de ter sido um dos índios atirado e ferido por engano, tendo depois, por vingança, procurado o auxílio de seus companheiros para cometer o ultraje acima mencionado.

A solitária região, de mais de quarenta léguas de largura, que ora tinhamos de transpôr para chegar à província de Goiás, é chamada pelos habitantes da terra os gerais. Raro a atravessam viajantes outros que não os boia-deiros, que levam seu gado do norte de Goiás para a Baía. Ha, porém, um caminho através dela e o mulato que ajustei em Paranaguá, e que a havia já uma vez atravessado, devia servir-nos de guia. Dele soube que havia só uma habitação a encontrar, uma pequena choça às vezes ocupada por um velho meio português, meio índio, coisa aliás de pouca importância, porque levávamos grande estoque de provisões para a jornada. Mas as histórias que ele contou

a respeito dos índios alarmaram grandemente meus companheiros, obrigando-me assim a pôr em ordem tôdas as minhas armas para assumir as aparências mais formidáveis que fosse possível. Eu levava um par de pequenas pistolas, além das que tinha nos coldres e tinha na cinta uma grande espada.

Mr. Walker carregava, além do facão dos brasileiros, uma pequena espada. Os homens todos tinham espingardas. Felizmente, porém, não tivemos de fazer uso de nossas armas.

A gente da zona tem muito medo desta região agreste e deshabitada e por isso, antes de nela entrar, frequentemente me perguntavam se não tinha receios de o fazer com tão poucos companheiros. Desconfio que seu temor é em grande parte filho da covardia, sentimento bastante generalizado em todos os lugares do país que visitei. Meu espírito se ocupava em demasia com antecipações da rica colheita de novidades que esperava encontrar para que me sobrasse tempo de pensar em perigos.

Tôda a região que eu tinha percorrido desde que deixára a costa em Aracatí era terreno virgem para o naturalista, com exceção de Oeiras, por onde haviam passado Spix e Martius em sua viagem da Baía para o Maranhão.

Entramos nos gerais na tarde do mesmo dia em que chegamos a Santa Maria, mas a primeira parte da viagem foi tudo, menos auspiciosa. Nossa rota era na direção de oeste ao longo das margens do Rio-Preto, que era orlado de buritís e buritizanas e numerosos arbustos florescentes. Após duas léguas de caminhada o céu escureceu-se ao oeste e logo depois se ouviu o trovão distante. Fizemos alto à beira do rio sob grandes árvores, mas a chuva apanhou-nos antes que tivéssemos achado um abrigo. Os relâmpagos eram vívidos, altos os trovões e a chuva desabou em torrentes. Fizemos um abrigo sofrível, prendendo dois grandes couros de boi aos ramos por cima de nossas cabeças. Logo que cessou a tempestade aumentamos nosso

abrigo, para que nos servisse de refúgio, caso voltasse a tormenta; e ainda bem que o fizemos, porque, tendo suspenso nossas redes, como de costume, entre as árvores, fomos despertados por volta da meia-noite pelo estampido de um trovão que rolou por cima de nossas cabeças, ao mesmo tempo que a chuva caía em jorros, obrigando-nos a procurar refúgio sob nossas cobertas de couro. Parecia-me que havia algo de mais terrível nesta trovoadas que em qualquer outra antes arrostada, mas esta sensação subia talvez de ponto pela solidão em que nos achavamos. Pode-se perguntar por que não levava eu uma barraca. Podia tê-lo feito; mas é que tive por norma durante a viagem adaptar-me aos costumes do país e no norte do Brasil ninguém pensa jamais em carregar barraca.

Evitam-se sempre as jornadas na estação das águas e, como a da seca dura geralmente mais de sete meses, êste é sempre o período escolhido para tal fim. Estas trovoadas são invariavelmente precursoras das grandes chuvas continuadas; mas nutrimos a esperança de chegar antes delas a alguma cidade ao norte de Goiás, onde pudésemos fazer alto até que voltasse a estação propícia às viagens.

No segundo dia vencemos cerca de seis léguas de caminho, às vezes através de densas florestas à margem do rio, às vezes sôbre prados relvosos em que se viam grupos de palmeiras de burití e, intervaladamente, sobre tractos planos e ligeiramente elevados, de moitas baixas e abundando de uma espécie de velosia, grande e de aspecto grotesco, na qual debalde procurei flores, porque estas só se produzem no tempo da sêca. Paramos durante o dia, mas apenas por pouco tempo, em uma rude choça de palmas, erguida por algum viajante à margem de um belo prado relvoso e orlado de árvores, com cerca de uma milha quadrada. Ao entardecer o céu do oeste começou a escurecer e logo depois tinha todos os indícios de imminente trovoadas. Avançamos tão depressa quanto nos permitia a natureza do caminho, pois o guia nos dizia que não estava

mos longe da habitação de um velho índio. Começaram os relâmpagos; ouviam-se os trovões distantes; a tempestade aproximou-se de nós gradualmente; e ao ocidente, do horizonte ao zenite, o céu se cobria de uma flama azulada que, enquanto durava, convertia aquele fim de crepúsculo quase no fulgor do meio-dia.

Graças aos fados, a tempestade não nos alcançou, tendo-se desviado para o noroeste: passando por sôbre uma alta Serra, que se erguia naquela direção, de novo alterou seu curso, e veio-se aproximando atrás de nós. Era já bem escuro quando chegamos a solitária morada: e, ao voltar-me para o pequeno portão de entrada, dela saiu o dono com uma espingarda na mão. Deu-nos imediatamente licença de nos abrigarmos por essa noite em um rancho aberto. Mal havíamos arranjado nele nossa bagagem e erguido alguns couros ao lado do vento, a tempestade rebentou furiosa sôbre a choupana, seguida de rajadas de vento, que rapidamente nos apagaram as luzes e por milagre não levaram diante de si a casa que, muito embora sem nenhum conforto, sempre era um abrigo pelo qual dávamos graças aos céus.

O velho morador disse-me que vivia em constante temor de um ataque dos cherentes. Fazia tres anos que vivia neste sítio solitário, mas estava agora resolvido a deixá-lo dentro de poucos meses. Morrera-lhe a mulher, havia agora um ano, ficando êle com três filhos como únicos habitantes do lugar. Possuía duas casas, a melhor das quais era aquela onde nos havíamos alojado e que êle nunca habitára: a razão que deu era que os índios, quando atacam uma casa: lhe põem fogo e a cercam para que ninguem escape. A choça em que morava ficava a certa distância e na aparência era pouco melhor que um chiqueiro: mas, explicou-nos êle, em caso de ataque, fácil lhe seria salvar-se fugindo para as matas. Tinha uma parte do rio um pedaço de chão limpo, onde plantava mandioca, milho, algodão e banana. Não possuía nenhum gado; mas,

ao que depois soube, era mestre em roubar bois das manadas que às vezes por ali passavam, caminho do litoral.

Três dias depois que deixamos esta habitação chegamos a um lugar onde o Rio-Preto separa a província de Pernambuco da de Goiás. A região que atravessamos era muito semelhante à primeira parte dos campos gerais, com exceção das últimas quatro léguas da jornada, que passavam por uma alta zona ondulante e destituída de vegetação arbórea. O solo era arenoso e branco, raramente coberto de arbustos nanicos e pequenos tufos secos de grama: apenas aqui e ali, entre moitas, surgia uma ou outra pequena árvore enfezada. À medida, porém, que nos aproximávamos do rio, a região se tornava mais achatada e mais bem servida de matas.

Não obstante a natureza árida deste tracto de terras, sua escassa vegetação era-me, com poucas exceções, inteiramente nova. Os lugares arenosos e mais umidos deram-me diversos desses curiosos *ericaulons*, de que tenho tantos em minhas coleções; um deles, que encontrei pouco antes de chegarmos ao rio, era uma espécie ramificada, com cerca de cinco pés de altura; estas extraordinárias formas, encontrei-as depois em abundância na zona dos diamantes, que é o grande centro dos *ericaulons*, como das *vellozias* ou açucenas.

O rio tinha aqui cerca de quarenta pés de largura e nada menos de dezesseis a vinte pés de profundidade; a corrente era ainda rápida e a água tão límpida, que se lhe via distintamente o fundo. Grandes bunités erguiam-se nas margens e a ponte sobre a qual passamos era uma destas árvores cortadas e lançadas através do rio. Não foi sem grande custo que conseguimos transportar tôda a nossa bagagem para o outro lado; e, feito isto, levámos os cavalos a transpor o rio a nado, pouco acima dali.

A umas duzentas jardas da margem acampámos em baixo de uma grande árvore de murta (*myrica*), onde per-



manecemos o dia inteiro, porque o lugar me pareceu excelente para minhas pesquisas. Em um paul perto do rio colhi espécimens de uma *isoetes*, que não parece diferir da que cresce na Grã-Bretanha (*Isoetes lacustris*). A presença desta planta evocou-me gratas lembranças de remotos tempos, que me arrastaram em longo caudal de reflexões, acabando por me comparar com a própria planta, estrangeiro em terra estranha e associado a companheiros ainda mais estranhos.

A jornada seguinte, que foi de quatro longas léguas, levou-nos através de uma região ainda arenosa, ondulante e mal coberta de matas ao pé da Chapada de Mangabeira, alta e plana, de cerca de quatro milhas de largura. Nesta jornada molestou-nos terrivelmente o sol ardente, sem o mínimo sôpro de viração que o mitigasse, além da sede que nos atormentava; porque não se encontrava uma gôta d'agua e os meus homens se haviam esquecido de encher, antes de partir, o sacco de couro, que para isso eu comprara, por ser indispensável, pouco antes de sairmos de Oeiras: podia levar duas canadas e, quando cheio, carregava-se entre os dois fardos de um dos cavalos. Pousá-mos à sombra de uma grande árvore de piqui, não longe de uma fonte de aguas frescas que corriam para um pantanal. Como esta é a última aguada que se encontra até o fim da Chapada, costuma a gente deixá-la pelo meio-dia e seguir sem parar até vencer metade da distância; e, partindo de novo bem cedo na manhã seguinte, alcançar a nova aguada antes de meio-dia.

No dia seguinte ao em que chegamos ao pé da Chapada, começamos a atravessá-la por volta de uma hora da tarde.

Fizemos os cavalos beber abundantemente, tendo eu o cuidado de que o sacco de couro fosse cheio desta vez. Depois de uma légua de viagem, começamos a entrar em acesso gradual na Chapada, ao mesmo tempo que eramos alcançados por uma trovoadá, que, felizmente, passou por

cima de nós, sem nos molhar. Mais cinco léguas de jornada e chegamos a um sítio de poucas e pequenas árvores, onde pousamos por aquela noite. No percurso da primeira légua e meia a Chapada tinha raras e pequenas árvores, que se iam tornando mais pequenas e delgadas à medida que avançávamos, até que por fim nada mais se via, naquele sítio safaro, senão uns poucos arbustos enfezados, de um a um e meio pé de altura; e o único ser vivente que encontrámos foi uma espécie de gafanhoto de umas quatro polegadas de comprimento, que voava em nuvens diante dos cavalos. Muitos esqueletos de bois e cavalos jaziam em ambos os lados da estrada, restos, sem dúvida, de animais que, ao atravessar estes desertos, haviam tombado exaustos, perecendo de sede.

Passada a tempestade, o céu tornara-se claro, limpo de nuvens, e o sol poente foi um dos mais belos que jamais observei: o esplendor de seus raios e a planície de aspeto oceânico em que viajavamos traziam-me reminiscências de tantos outros que vira no mar, entre os trópicos.

A atmosfera, deliciosamente fresca, era saturada do rico perfume de um dos pequenos arbustos então em flôr, e que ali se encontravam em profusão; êste arbusto, que depois verifiquei ser a *Spiranthera odoratissima*, de St. Hilaire, cresce em pequenos tufos e produz grandes corimbos de brancas flôres, maiores que as da madressilva, mas não diferentes delas em forma, embora o seu odôr mais se assemelhe ao do jasmim.

Logo depois que alcançámos o pouso, de novo o céu cobriu-se de nuvens ao oeste, com muitos relâmpagos que nos faziam temer nova tormenta. Como de costume, suspendemos as rêdes entre as árvores e, contra nossa expectativa, passamos a noite sem chuva.

Retomámos o caminho o mais cedo possível depois de amanhecer, e, vencidas cinco léguas em grande parte através dos peores caminhos já encontrados, fizemos alto

embaixo de grandes árvores perto de um pântano ao sudoeste de Chapada. A cerca de meia légua dêste pouso começa a descida de Chapada donde se descortina bela vista de uma grande planície lá embaixo, quase tôda cercada por uma cadeia de pequenas montanhas, muitas das quais, ao sul, de forma cônica. A encosta é rochosa e de ambos os lados do caminho erguem-se isoladas grandes porções colunares e em forma de paredões, que dão ao viajante a idéia de estar passando pelas ruínas de grande cidade destruída por catástrofe. A rocha é um conglomerado e, como muitas das pedras redondas de que se compõe são de considerável tamanho, a semelhança ainda se torna mais frisante. Este lado da Chapada é inteiramente formado de arenito grosso, que em alguns logares é mais mole que em outros, e as aparentes ruínas foram, sem dúvida, formadas pela desintegração das da textura mais mole.

Na descida tivemos de apeiar e conduzir os animais; um dos cavalos de carga caiu e rolou muito tempo antes de poder retomar o pé.

Ilogo que chegamos ao pântano os animais correram para a agua afim de matar a sêde antes que os pudessemos descarregar. Embora o dia estivesse ainda pouco adiantado quando chegamos, resolvi estacionar ali até a manhã seguinte para que a tropa descansasse.

A tarde esteve novamente nublada, com relâmpagos e trovões distantes, o que nos levou a fazer nossos abrigos de couro, como refúgio em caso de chuva: a chuva, porém, não caiu.

Bem cedo na manhã seguinte, partimos com a intenção de ir diretamente ao Duro, missão indiana a umas quatro léguas de distância; mas, a uma légua dêsse ponto, erramos o caminho e andamos quasi duas léguas antes que o guia dêsse pelo seu engano. Como era então meio dia mais ou menos, parámos para o almoço à sombra de uma grande *vockysia* à beira de uma nascente de límpidas aguas. Mal,

porém, nos havíamos acomodado neste sítio, quando nosso direito de posse foi embargado por milhares de pequenas abelhas, de tamanho menor que o de uma mosca comum. Saindo do ôco de uma grande árvore onde habitavam vinham zumbindo e voando em tôdas as direções. Não tinham ferrão, mas molestavam-nos bastante, voando-nos em torno do rosto e embaraçando-se em nossos cabelos. Tornaram-se menos incômodas quando acendemos um grande fogo. O único de nosso grupo que se mostrou alarmado foi o meu macaquinho que, ao vêr o enxame delas em tomo da cabeça, cobriu-a com as mãos e, guinchando aflitivamente, pulou em mim e escondeu-se em baixo do meu casaco.

A região que percorremos antes de chegar a êste lugar é de superfície ondulante e consiste principalmente em grandes campos abertos, cujo solo é quase todo de areia branca, e, sendo escassamente coberto de vegetação herbacea, tornava muito fatigante à vista o reflexo vivo do sol. Nestes campos como na Chapada da Mangabeira é muito comum um cajueiro nanico, de não mais de um péde altura, e que cresce gregariamente. Achei-o em flôr e com fruto, êste pouco maior que uma groselha. Parece distinto de espécie arbórea e é chamado pelos nativos cajú rasteiro.

Embora as partes montanhosas da região sejam sêcas e de aparência estéril, as pequenas concavidades ou vales que as cortam têm sempre um pequeno regato límpido e fresco que as rega e são geralmente bem servidas de matas.

À distância de meia milha da Aldêia de Duro alcançamos um indio de volta das matas e que nos levou à casa de um de seus dois capitães, a quem fomos pedir nos indicasse uma casa de pouso; mas êle não sabia de nenhuma.

Depois de algum tempo tivemos licença de ocupar uma aldeia inacabada, tôda aberta em roda, mas bem coberta, e que tornamos um tanto confortável, cercandoa de couros.

Como achei necessário ficar aqui por alguns dias, alegrei-me com a permissão de ocupar esta casa, visto que não era seguro expor-nos ao relento, agora que a estação das chuvas estava chegando.

A missão de Duro está situada na Serra do mesmo nome, sobre uma colina baixa e achatada, em torno de cuja base ocidental corre o pequeno Riacho de Sucuriu, que em tôdas as estações supre os habitantes de abundante e excelente agua. A aldeia contém cerca de vinte casas, tôdas do mais baixo tipo. A maior parte é feita com armação de duas cobertas de palmas e muitas se acham de tal maneira avariadas pelos anos e intempéries, que já nem sequer servem de abrigo contra o vento; outras, construídas de varas barreadas, estão ainda em peores condições. São dispostas de modo a formar um quadrado irregular, mas duas faces ainda permanecem quase abertas; do lado do oeste ha uma pequena igreja quase em ruínas, com um grande genipapeiro na frente. A missão abrange, ao todo, doze léguas quadradas da região, havendo sido feita a doação ao tempo de sua formação pelos jesuitas, e neste espaço se acham espalhadas vinte ou trinta outras casas. O total da população, no tempo de minha visita, montava a umas duzentas e cinquenta almas. Conquanto a maior parte dos habitantes seja de puro sangue índio, alguns ha mestiços de pretos, geralmente escravos fugidos, que de tempos em tempos ali se vieram estabelecer entre os primeiros.

É fácil, porém, reconhecer o índio puro por sua côr avermelhada, cabelos longos e lisos, ossos das faces salientes, e a obliquidade peculiar dos olhos. Posto que a raça atual tenha sido criada em grau de relativa civilização, todavia ainda conserva muitas caraterísticas da selvageria. Alguns dos mais respeitáveis deles vestem-se da mesma maneira que os brasileiros do sertão; calças curtas de algodão, com uma camisa do mesmo pano solta por cima delas; outros usam apenas ceroulas, que em geral estão longe de limpas,

feitas de um pano grosseiro tecido pelas mulheres. O vestuário destas, é, por sua vez, muito simples: algumas poucas usam uma camisa e saia de chita; a maioria, porém, veste apenas uma saia, do mesmo estofado que os homens usam, presa à cintura, e núsas daí para cima.

As meninas andam por tôda a parte inteiramente nuas até os nove ou dez anos, os rapazes até os onze ou quatorze. Algumas das mocinhas têm rosto bastante formoso, mas que não conservam por muito tempo, a julgá-las pela aparência das mais velhas.

Apesar de se prestar o clima e solo da missão à cultura dos vários produtos dos climas tropicais, os habitantes são tão indolentes, que vivem geralmente na maior penúria de mantimentos. Não encontrei aqui nem farinha de mandioca, nem arroz, cará, batata doce, nem bananas; e, como ao chegar aqui nossa provisão de carne estivesse quasi acabada, lutei com as maiores dificuldades para conseguir comprar uma vaca. Todo o gado existente na missão não ia além de quarenta cabeças, pertencentes tôdas estas a dois indivíduos. Possuem ao todo dezeseite cavalos. A parte principal do alimento desta gente é de natureza vegetal, frutas silvestres que buscam nas matas, tais como cocos de diferentes espécies de palmeiras, o fruto da pusá, mangaba, jatobá, pitomba, goiaba, araçá e outras. Na estação em que ali estivemos o principal fruto de que se nutriam era uma espécie de noz, de cerca de uma polegada e meia, a que chamam chodó. Cortam-lhe primeiro a parte carnosa, que corresponde à porção fibrosa do coco, usando depois uma grande pedra, que geralmente fica à porta, para quebrar a noz e tirar-lhe a substância interior. Muitos dêstes índios costumavam levantar-se bem cedo, despertados por uma spéci de tambor, para irem às matas do oeste à cata destas nozes e durante o resto do dia nada mais se ouvia na aldeia senão o ruído da quebra das nozes entre as duas pedras. O pouco de alimentação animal que usam é obtida pela caça, ocupação em

que os moços muito mais se comprazem que no trabalho das plantações.

Poucos dias depois de nossa chegada partiram uns treze ou quatorze deles à caça do outro lado da Chapada do Mangabeira, voltando após oito dias de ausência carregados de carne de veado e de queixada, já meio assada, que é o recurso de que lançam mão, à falta de sal, para preservá-la por alguns dias. De volta à aldeia, dividiram com os companheiros estes despojos, que foram imediatamente devorados sem sal ou qualquer espécie de vegetal, exceto umas poucas pimentas. No dia seguinte quase não se via um índio andando cá fóra: como a boa constrictor, digeriam, dormindo, o excessivo alimento. Quando matamos a vaca, tive bastante receio de que nada nos sobrasse dela: porque um pedia a cabeça; outro, os pés; o terceiro, o fígado, e assim por diante, até se acabarem de todo as vísceras, quando passaram a pedir pedaços da própria carne.

Até a última década havia um sacerdote residente no meio deles, mas desde êsse período ficaram sem nenhum. Visita-os uma vez por ano durante alguns dias o que reside na vila de Natividade, a trinta léguas da aldêia, onde se celebram os casamentos e se fazem os batizados das crianças. Não ha escola na aldêia e as únicas pessoas que sabem lêr e escrever são os dois capitães, um deles homem de quarenta anos; o outro, que se chama Luiz Francisco Pinto, contava então setenta e quatro. Dele obtive quase tôdas as minhas informações em referência à missão. Sua esposa, quase tão idosa como êle, esta presa ao leito por hidropisia. Visitei-a frequentemente durante nossa permanência ali, receitando-lhe os medicamentos que me pareciam poder aliviá-la; mas o que ela mais apreciava era um pequeno bule de chá que eu lhe mandava de manhã e de tarde. Parte da parede do quarto em que jazia a doente havia caído, mas a abertura fôra tapada com folhas de palmeira para resguardá-la do vento e da chuva.

Todos os habitantes falam português, embora ainda conservem alguns a linguagem de seus antepassados.

Pelo velho capitão fui informado de que a missão se estabelecera no ano de 1730: para isso viera com tropas de Pernambuco o tenente-coronel, Wenceslau Gomes, que conquistara a tribo dos índios coroás, dos quais descende a raça atual. Formaram-se então tres aldeias, com um total aproximado de mil indivíduos. Aquelas três aldeias fundiram-se para formar a que hoje se chama Duro e em sua própria língua *Ropechedi*, que significa bela situação, nome bem merecido. Notei também que os habitantes vivem aqui em constante receio dos índios cherentes que habitam as selvas das margens do Tocantins, ao oeste de Duro. Estes índios têm feito diversos ataques à missão; mas a vez em que cometeram as peores devastações foi no ano de 1789, quando um bando deles, em número superior a duzentos, cercou a aldeia pelas dez horas da manhã e antes do anoitecer tinham queimado tôdas as casas dos arredores, matando cerca de quarenta pessoas entre homens, mulheres e crianças. Carregaram também consigo quatro crianças, duas das quais sobrinhos do velho capitão. Os habitantes da aldeia sustentaram fogo nutrido contra os cherentes, não sabendo, porém, quantos deles haviam morto, por isso que os atacantes levarão consigo, ao partir, todos os seus mortos.

Por várias noites durante nossa visita à missão viam-se fogueiras nas serras, não longe; e certo dia, quando um dos habitantes voltava das matas, viu um índio armado de arco e flecha atravessar-lhe o caminho em frente. A notícia pôs os moradores em grande apreensão de novo ataque, que estavam muito mal preparados para enfrentar. Antigamente dispunham de armas e munições que lhes eram supridas pelo governo; mas fazia já anos que não vinham armas novas e as velhas estavam então quase imprestáveis. Em casos de necessidade pode o governo chamar os capitães com seus homens para o campo da luta e



cada capitão pode reunir cerca de quarenta indivíduos capazes de levar armas. Alguns destes índios possuem espingardas próprias que usam na caça, com pólvora grossa, fabricada por eles mesmos.

Alguns dos retalhistas das vilas do sudoeste descem anualmente o rio Tocantins para irem ao Pará vender couros e comprar artigos europeus de comércio. E muito frequentemente alguns dos moços de Duro alugam-se para trabalhar nas canoas e com o salário que recebem compram no Pará machado e outras ferramentas. Um grupo deles chegou de volta de uma dessas viagens pelo tempo de nossa visita.

Durante a quinzena de permanência na Aldeia do Duro estive principalmente atarefado em secar a imensa coleção de espécimes dos gerais e da Chapada da Mangabeira, bem como em acondicionar os que obtivera entre Santa Rosa e Duro. Fiz também muitas excursões nos arredores da aldeia, onde se me deparou excelente campo de pesquisas, embora fosse então o fim da estação seca.

Os paues arenosos deparavam-me muito curiosos *eris-caulons* e belas *melostamaceae*, ao passo que os altos campos apresentavam diversas espécies de *diplusodon*, muitas *compositae*, *labiatae* e outras; porém os mais comuns e também os mais belos produtos dos campos eram uma pequena espécie de *bignonia*, que crescia em tufos, apenas com um pé de altura e produzia numerosas flores cor de limão e em forma de trombeta; uma *ipomaea*, de habito semelhante e do mesmo tamanho, com grandes flores cor de violeta (*Ipomaea hirsutissima*, Gardn.) e duas espécies eretas de *echites* (\*) em sítios rochosos e secos a *Amaryllis solandraeflora*, Lindl, era muito comum, produzindo em abundância suas grandes flores amarelas.

---

(\*) *Echites virescens*, St. Hilaire; *Dipladenia gardneriana*, Alph. D. C.

Partimos de Duro a treze de outubro e pousámos na casa de um dos índios, a duas léguas da aldêia: o dono da casa, sabendo do dia de minha partida, chegou na noite da vespera e pediu-me que passasse lá, porque ficava a pequena distância da estrada, para vêr sua mulher, cega havia muitos anos, e que estava então sofrendo de oftalmia. Certamente que eu não podia negar-lhe o pedido e o pobre homem procurou cercar-nos de todo o conforto compatível com sua mísera habitação.

O lugar chamava-se Cachoeira, por causa de uma pequena queda d'agua perto dali. As altas colinas ondulantes que circundam o vale onde se erguia a casa, davam-lhe aspecto muito pitoresco. Havia mais duas casas a certa distância da em que pousámos; e, embora rodeadas pelas melhores terras possíveis para plantações, as tres famílias apenas tinham uma pequena plantação de mandioca, que parecia ser a única planta por êles cultivada. Apesar das abundantes pastagens das vizinhanças, nenhum dos moradores possuía uma só vaca, e disso se desculpavam pelo trabalho que lhes daria fazer um cercado em volta da plantação. Em vez de qualquer labor manual dessa espécie preferem vaguear ociosos em redor da casa ou entrar na moita, de machado e espingarda, em busca de caça ou mel silvestre.

Tendo-se acabado a farinha que levavamos, perguntei se havia alguma que se vendesse naqueles sítios. Disseram-me que não havia nenhuma, nem haveria por mais um mês, porque a mandioca ainda não estava madura. Felizmente passou por ali, de tarde, um moço com pequena quantidade dela, mas que, a princípio, se negou a vendê-la, porque ia levá-la em pagamento de empréstimo a um vizinho: — consentiu, afinal, em ceder-me a metade, sob a condição de receber em troca carne seca, condição que pude aceitar, porque tinha abundante provisão dela.

Na jornada de Duro a este lugar atravessamos bela região de montes e vales, em grande parte de mata pouco

densa; algumas zonas altas, de campos abertos, sob a ação das recentes chuvas se haviam coberto de grama nova, de um pé de altura, na qual nenhum animal pastava, exceto uns poucos veados mateiros.

É costume geral dos criadores de gado queimar os pastos no fim da estação sêca, afim de que a grama nova possa brôtar rapidamente no tempo das chuvas: é o que fazem também os habitantes da missão, mas com o fim de conservar mais abertos os campos de caça e atrair a visita dos veados. Parece provavel que em futuro não distante todo o distrito, bem como grande parte da região que se estende a leste e noroeste, se converterá em grandes fazendas de gado, cuja criação é ai bastante favorecida pela brandura do clima e pela abundância de pastagem e agua que existe durante o ano inteiro.

A chuva só nos permitiu partir de Cachoeira no dia seguinte às duas horas da tarde, fazendo então uma jornada de duas léguas, que nos levou à casa do juiz de paz de Duro, onde fomos chegar ao lusco-fusco por motivo do péssimo estado dos caminhos. A primeira légua de viagem foi por sôbre uma região de montanha rochosa; depois começámos a descer a Serra do Duro, entrando finalmente num tracto de chapada bem densamente coberto de mata. A missão de Duro termina no sopé da Serra e a casa de residência do juiz de paz ergue-se dali a meia milha. Era uma casa em extremo pequenina e, como o quarto exterior, que geralmente se dá aos viajantes, não nos acomodava convenientemente, o juiz nos disse que encontraríamos melhor alojamento, em casa de um parente seu que morava a distância de tiro. E para lá bondosamente nos conduziu. Ao chegar ai, encontrámos meia dúzia de índios sentados em roda do fogo, debaixo de uma varanda em frente da casa, a prepararem a ceia que se cozia em grande panela. Enquanto arrumavamos nossas malas perto da parede, o dono da casa pediu-nos que esperássemos que os homens tirassem suas camas.

Chegou então cada um por sua vez e carregou a sua, que não passava, afinal de contas, de metade de um couro de boi. Aqui como na aldeia de Duro estendem o couro em um canto e nele se deitam sem tirar as roupas. Não ví nenhum que usasse rêde.

Com três léguas de jornada da residência do juiz de paz, através de uma planície de poucas árvores e quasi nua de vegetação erbacea, porque ainda não havia chovido ali, chegámos a uma fazenda às margens do Rio de Manuel Alves, grande rio que nasce na Serra do Duro, ao norte da aldeia, e desemboca no Tocantins.

Aqui nos informaram de que, estando o rio muito cheio, era impossível fazer os cavalos atravessá-lo com suas cargas; e, como também a canoa usada para o transporte de passageiros e bagagens, tinha sido levada pelas enchentes da estação finda, era necessário levar tudo para o outro lado do rio na cabeça de homens. Na fazenda ajustei um negro e um mulato para ajudarem meus homens nesta tarefa. A barca estava a uma milha mais abaixo: aqui o rio tem cerca de quarenta jardas de largura e a corrente é muito forte por motivo de uma depressão do leito do rio um pouco abaixo. Quando os dois homens, que eram altos e fortes, entraram com as primeiras cargas, foi com dificuldade que se mantiveram de pé, porque as aguas, na maior parte da travessia, lhes chegava aos ombros.

A remuneração que pediram, de meio dolar cada um, foi bem ganha; porque tiveram de atravessar o rio, de ida e volta, cerca de doze vezes, pelo espaço de mais de duas horas.

Mr. Walker e eu tentámos atravessar o rio a nado, um pouco acima do ponto da barca, mas fomos arrastados pela correnteza, sendo Mr. Walker impellido com grande força de encontro a umas pedras; com grande custo alcançou o lado oposto, fora da corrente, mas inteiramen-

te exausto. — Eu fui mais feliz, indo dar comigo num lugar livre de pedras, donde alcancei de novo a mesma margem que acabára de deixar. Voltei para o ponto da barra, conseguido atravessar dai, ajudado por um dos homens; porque, sendo de baixa estatura, não podia sózinho arrostar a torrente. Depois desta demora, prosseguimos na jornada, com a intenção de passar essa noite em uma fazenda distante dali uma légua; mas, como ainda tínhamos muito tempo ao dispôr, avançamos até uma aldeia chamada Almas, duas léguas ao oeste, lá chegando ao pôr do sol. A região que percorremos depois de atravessar o rio era quase plana e de pouca mata, mas menos queimada que a que atravessamos pela manhã. A vila de Almas está situada em um recôncavo e consiste em umas poucas ruas irregulares, de casas baixas e mísero aspeto, feitas de tijolos crus, de barro misturado com grama aparada e secada ao sol. O número de habitantes eleva-se a cerca de oitocentos, negros e mulatos, em muito maior parte e mestiços dêstes com índios. O juiz de paz era preto crioulo, que não sabia ler nem escrever. Era o principal comerciante varejista da vila e fazia anualmente uma viagem à Baía para comprar mercadorias.

A aldeia possui uma igreja em condição quase tão ruínosa como a de Duro e, como esta, seu sacerdote residente.

Embora as redondezas do sítio ofereçam abundância de excelentes terras de lavoura, nada aqui se planta. Ao chegar animava-se a esperança de poder comprar farinha, mas nenhuma havia. E foi a título de favor que um consulente à procura de meus serviços profissionais me vendeu um pouco de arroz. Todos se queixavam da carência de provisões e de dinheiro, mas nem uma palavra se dizia da indolência e ociosidade, geradoras, sem dúvida, da fome então reinante.

Em consequência das prolongadas chuvas fomos obrigados a permanecer na vila quatro dias. Nosso primeiro pouso, depois que partimos de Almas, foi uma fazenda chamada Galheiro Morto, que se dizia ficar apenas a duas léguas adiante, mas que tenho motivos de dizer que eram quasi quatro; a julgar pelo tempo que levamos no percurso. As léguas nestas zonas do país nunca foram medidas e, como as terras foram originalmente compradas por léguas, era do interesse do comprador, fazê-las tão longas quanto possível. Na provincia do Piauí encontrámos léguas muito mais compridas que as do Ceará, mas as de Goiaz excederam mesmo a estas. É tão patente a diferença, que são designadas por légua pequena e légua grande. A légua curta, achei-a sempre suficientemente longa e, quando tinha de vencer uma das grandes, calculava geralmente o tempo necessário para transpôr duas das curtas — e raro me aconteceu gastar menos.

Fizemos alto neste lugar até meio-dia; depois, com uma caminhada de tres léguas, chegámos a uma pequena aldeia chamada Morrinhos. O dono da casa onde nos alojamos por essa noite voltou das matas pouco depois de nossa chegada, trazendo consigo grande quantidade de mel silvestre, do que nos deu bondosamente uma parte, excelente em qualidade, produto de uma abelha pequena e muito numerosa nesta parte do Brasil. Era a estação em que a gente se interna nas matas à procura de mel. É este um costume tão generalizado, que, da vila de Duro em diante, nos foi oferecida uma porção de mel quase em todas as casas onde parámos. Estas abelhas pertencem em maior parte ao gênero *melipona*, Illig. Fiz delas grande coleção, que se perdeu depois, com alguns outros espécimens zoológicos, ao atravessármos um rio.

Talvez seja de interesse incluir uma lista, delas com seus respectivos nomes e algumas observações.

1. *Jatai* — Espécie pequenina, de côr amarelada, do comprimento de duas linhas escassas. O mel, que é excelente; muito se assemelha ao da abelha européa comum.

2. *Mulher branca* — Do mesmo tamanho que a *Jatai*, mas de côr esbranquiçada; mel tambem bom, mas um tanto acido.

3. *Tubi* — Pequena abelha preta, menor que a nossa cascira comum; bom mel, de gosto peculiar e amargo.

4. *Manuel de Abreu* — Do tamanho do *tubi*, mas de côr amarelada; bom mel.

5. *Ataquira* — Preta e quase do mesmo tamanho da *tubi*, sendo a principal differença entre elas a espécie de entrada da colmeira; a *tubi* a faz de cera; a *ataquira*, de barro; mel muito bom.

6. *Oariti* — Quase preta, do tamanho da *tubi*; mel um pouco azedo, nada bom.

7. *Tataira* — do tamanho da *tubi*, mas de corpo amarelo e cabeça preta; mel excelente.

8. *Mumbuca* — Preta e maior que a *tubi*; o mel, guardado por uma hora, torna-se azedo como limão.

9. *Bejui* — Muito parecido com a *tubi*, porém menor; mel excelente.

10. *Tiubá* — Do tamanho de uma grande mosca cascira, de uma côr pardo-escura; mel excelente.

11. *Borá* — Do tamanho de uma mosca comum, côr amarelada, mel ácido.

12. *Urussú* — Do tamanho de um zangão grande; cabeça preta, corpo amareado; produz bom mel.

13. *Urussú-preto* — Inteiramente preta e de mais de uma polegada de comprimento, tambem produz bom mel.

14. *Caniara* — Preta, do mesmo tamanho da *urussú-preta*; mel demasiado amargo para comer; dizem-na grande ladra do mel de outras abelhas.

15. *Chupé* — Do tamanho da *tiubá*, côr-preta; faz a colmeia de barro sôbre os ramos das árvores e é ás vezes de grande tamanho; bom mel.

16, *Urupúá* — Muito semelhante à *chupé*, mas constrói sempre a colmeia mais redonda, mais chata e menor.

17. *Enxi* — É uma espécie de vespa, do tamanho de uma mosca; cabeça preta, corpo amarelo; faz a colmeia nos ramos das árvores, de um tecido semelhante ao papel, com cerca de três pés de circunferência; o mel é bom.

*Enxú-pequena* — Muito parecida com a última, mas faz sempre a colmeia menor; também produz bom mel.

As primeiras onze espécies destas abelhas constroem suas celas no óco dos troncos de árvores, as outras, ou assim mesmo, ou embaixo de terra; só as últimas tres espécies picam, as outras são inofensivas.

A única tentativa, que eu saiba, de domesticar qualquer destas abelhas foi feita no Distrito do Ouro por um mineiro cornoalhês, que cortou as partes do tronco das árvores que continham as celas e pendurou-as nas beiras de sua casa.

Pareciam ir bem, mas de cada vez que se queria tirar o mel era preciso destruir as abelhas.

Tanto os índios como os outros habitantes do país são mestres em descobrir estes insetos nas árvores onde trabalham.

Geralmente misturam com farinha o mel, que é muito flúido, para depois comê-lo. Da cêra fazem uma espécie de vela grosseira, do comprimento de uma jarda, que lhes serve de candieiro.

Achamo-as muito úteis e tivemos-las sempre conosco em quantidade. Por vezes tivemos de fazer-las por nós mesmos com cera comprada pelos meus homens. Para os pavios encontrava-se sempre à venda, nas fazendas e aldeias por onde passámos, um a espécie de fio de algodão grosso.

De Morrinhos fomos à fazenda de Nossa Senhora do Amparo, a tres léguas de distância. Era minha intenção



avançar mais duas léguas, até uma fazenda chamada Santa Cruz, nas margens do Rio do Peixe, onde havia uma canôa para atravessá-lo; mas, indagando do estado do rio, fomos informados de que estava então baixo e podia ser passado a vau, um pouco acima dali, sem tirar as cargas dos animais, e ainda com a vantagem de evitar uma volta de quase duas léguas. Tínhamos ainda cerca de uma légua de caminho antes de chegar a êste ponto de barca, onde achei o rio muito menor que o de Manuel Alves e bastante raso para ser atravessado sem dificuldade. Apesar disso, um dos fardos de plantas sêcas sofreu um revés: o cavalo que o levava escorregou e caiu justamente quando ia emergindo da margem, caindo no rio uma das caixas que, quando foi tirada, já estava cheia d'água. Só um botânico pode avaliar meu sentimento na ocasião em que vi mais de dois mil espécimes que me havia custado tanto labor colecionar, completamente encharcados e aparentemente perdidos para sempre. Meu primeiro cuidado foi abrir os fardos e pôr as plantas em papel sêco; mas havia tantos espécimes em cada folha, que o processo deu pouco resultado em dissipar a umidade. Contentei-me, porém, com a esperança de poder abrí-los no dia seguinte e expô-los ao sol.

Depois de enxuta a caixa e nela recolhidas de novo as plantas, o fardo foi, por maior segurança, posto sobre um cavalo mais forte. Não havíamos, entretanto, avançado meia légua, quando, ao atravessar um riacho, tive novamente a infelicidade de ver a mesma caixa, bem como outra que havia escapado ao primeiro desastre, afundadas na água. O mal afortunado animal que as levava ia na frente, e, em vez de entrar, no ponto do vau, escorregou dentro de grande buraco, de fundo lodoso, e, no esforço de sair fóra, atirou longe os fardos. Se de primeira vez me senti pesaroso, imagine-se a minha angústia ao ver o fruto do árduo trabalho de muitas semanas, colheita de um

distrito nunca dantes explorado por nenhum botânico, assim aparentemente arruinado. Tudo o que então se pôde fazer foi extrair a água das caixas e prosseguir na jornada. Aconteceu, porém, felizmente, que, ao entardecer, chegámos a uma fazenda onde o principal artigo manufacturado era farinha de mandioca; e, como choveu copiosamente todo o dia seguinte, folguei de ter licença de usar dois grandes fogões, nos quais enxuguei, folha por folha, todos os espécimes que se tinham molhado. Foi o dia de trabalho mais fatigante de tãda a minha vida. Mr. Walker e eu passamos desde as seis horas da manhã até depois da meia-noite ocupados em torno dos fogões acesos. Mas, em virtude desta pronta atenção, as plantas não sofreram tanto como eu houvera anticipado.

Ficamos dois dias nesta fazenda, chamada Mato-Vergem, um dia mais do que eu pretendia, por falta de farinha, que tinham começado a preparar no dia seguinte ao de nossa chegada e que só ficou pronta na véspera de nossa partida.

O lugar onde a preparavam era o mesmo quarto onde tivéramos licença de nos alojar. As pessoas que se ocupavam nesse mistér eram a dona de casa, mulata moça e oito escravos, quatro homens e quatro mulheres. Admirei-me de observar que todos êles, menos um homem e uma mulher, sofriam de papeira: o papo no pescoço de uma mulher era muito maior que sua cabeça. Afirmaram-me que a doença era muito comum nesta parte da província de Goiaz, especialmente nas vilas de Natividade e Arraias. Na aldeia de Duro só vi uma mulher afetada dêsse mal e outra mais no Arraial das Almas. Uma das escravas era mulher de mais de cem anos, inteiramente cega, o que não a impedia de trabalhar o dia inteiro em peneirar farinha. Seu único vestuário resumia-se em pequeno farrapo sujo, preso em volta da cintura; o das outras era bem pouco melhor. Com efeito, nunca vi em parte alguma do Brasil,

como aqui, escravos tão miseravelmente vestidos. Espan-  
tou-me que a senhora deles se não envergonhasse de vê-los  
em tal estado; mas não tenho dúvida de que era tudo  
culpa do fazendeiro que, a julgá-lo pela aparência, parecia  
ser um velho avarento.

Era meu propósito, ao partirmos de Mato-Virgem, che-  
gar a uma pequena aldêia, que diziam ficar a tres léguas  
de distância. Informaram-me de que não havia difficul-  
dade em chegar lá, porque havia caminho direto para êsse  
destino; mas tínhamos andado, no máximo, légua e meia,  
quando encontrámos uma encruzilhada, dois caminhos  
igualmente batidos, e, não sabendo qual deles tomar, esco-  
lhemos o da direita e avançamos durante o dia todo atra-  
vés de uma região plana, de pouca mata, sem encontrar  
gente nem habitação, até chegar, pouco antes do sol posto,  
a uma fazenda, onde nos certificámos, como já eu suspei-  
tava, de que tínhamos errado o caminho; mas isto pouco  
importava, porque estávamos em rumo de Natividade, lu-  
gar que pretendíamos finalmente alcançar. Esta fazenda,  
que se chamava Sociedade, pertencia ao senhor Manuel  
José Alves Leite, moço português, que era então juiz de  
paz do Arraial da Chapada, aldêia distante uma légua dali.  
Alí chegados, fomos muito bem recebidos pelo dono, que  
mandou matar uma galinha e preparar-nos excelente ceia,  
à qual fizemos ampla justiça, após o longo dia de jornada.  
Os portugueses estabelecidos no país são dados pelos bra-  
sileiros como gente de tendência baixa e gananciosa, desti-  
tuída de todo o sentimento de benevolência.

É possível que esse seja o caso de muitos dos mal edu-  
cados que emigram de Portugal para o Brasil, onde não  
ha muito estímulo para que se lhes melhore o caráter; mas  
ha entre êles muitos moços de certa educação, que, por seu  
bom comportamento e mais firme atenção aos negócios que  
os orgulhosos e indolentes brasileiros, adquirem mais de-  
pressa meios de independência, e que são o motivo de se  
tornarem o objeto da antipatia e inveja dos nativos.

Poucas oportunidades tive de me relacionar com os portugueses do litoral; mas no interior encontrei muitos dignos representantes daquela nação, de quem recebi as maiores atenções que me haviam sido recusadas por brasileiros. Têm sido, os portuguezes, grandemente perseguidos, desde os tempos da independência; e, sempre que surgem quaisquer perturbações políticas, são elles, como natural consequência, assassinados e esbulhados de quanto possuem.

Nenhuma simpatia existe entre as duas nações. Assim que o nosso hospedeiro teve conhecimento da minha intenção de estacionar um mês ou dois em Natividade, para dar descanso aos meus animais, instou comigo para mandá-los à sua fazenda, onde ficariam sob seus cuidados até o tempo de nossa partida. E foi tal e tanta a gentileza com que nos tratou, que não tive mais razão de lamentar a errada do caminho.

Bem cedo na manhã de 25 de outubro partimos da fazenda e chegámos a Natividade após duas léguas de jornada. A região entre estes dois lugares é plana e de poucas matas; mas ao lado oriental da estrada perto da vila, ha uma extensa serra, de cerca de dois mil pés de altura, que se projeta de norte a sul. A estrada corre perto da base desta serra por légua e meia aproximadamente; e causou-me admiração ver o solo, que é de areia grossa cavado em fundas trincheiras, apresentando, aqui e além, ruínas do que parecia terem sido casas de outrora. Estas excavações, ao que me informaram, foram antigas lavras de ouro, abandonadas desde muito por se ter exaurido o ouro. As lavras pareciam ter sido praticadas em vasta extensão, porque todo o solo, em léguas e meia de comprimento por mais de um quarto de milha de largura, tinha sido completamente escavado a certa profundidade e o todo dava aparência de ter sofrido o processo da lavagem. Verifiquei depois que a maior parte da zona nas vizinhanças da vila havia sido explorada da mesma maneira.

Ao chegar não tivemos dificuldade em encontrar casa vaga que nos acomodasse; logo depois, vicram as grandes chuvas, razão pelo qual aqui nos detivemos por mais de três meses. Não era motivo de lamentos, esta parada, depois de nossa longa jornada de mais de mil milhas, contadas desde que partimos de Ociras e de cujos efeitos se ressentiam os cavalos exaustos.

Não devo deixar de referir que, em nossa jornada de Duro a Natividade, encontramos em grande abundância um delicioso fruto silvestre, espécie de mangaba (*Hancornia pubescens* van. *Gardneri*, *Alph. DC.*), diferente da que cresce tão profusamente nas províncias de Ceará e Pernambuco. O fruto tem duas vezes o tamanho do outro e é ainda mais saboroso. Encontrámo-lo a primeira vez na Serra do Duro, onde lhe chamam mangaba do morro; mas é também abundante nas Chapadas, na planície em baixo, e, como o da outra espécie, só é bom de comer quando caíndo de maduro.

## CAPÍTULO X

### DE NATIVIDADE A ARRAIAS

*Descrição da vila de Natividade — Sua população — Vestuário e costumes da gente — Clima — Moléstias — O bócio é extremamente generalizado — Excursão às altas cordilheiras vizinhas — Sua geologia e vegetação — Visita ao Arraial da Chapada — Partida de Natividade — Passagem por S. Bento e chegada ao Arraial de Conceição — Sua população — Muito sujeita ao bócio — Causas prováveis deste mal — Chegada a Barra e travessia do Rio de Palma — Chegada a Santa Brida — Estada em Sapé — Descrição dos animais e produtos vegetais das redondezas — Chegada à Vila de Arraias — Descrição da vila — Aspectos geológicos da região circunvizinha — Clima e produções — Alarma dos habitantes — Convocação da guarda nacional — Preparativos para a partida.*

A vila de Natividade está situada perto da base ocidental da extremidade sul da Serra já mencionada, que tem o mesmo nome, e, como a maior parte das vilas do interior, é muito irregularmente construída. A população, de cerca de duas mil almas, compõe-se das mesmas raças mistas já frequentemente encontradas. Contém quatro igrejas que, embora um pouco velhas, ainda se acham inacabadas e não há probabilidade de que se acabem. Há também uma cadeia, mas feita de tijolos crus, através dos quais os presos geralmente encontram meios de fuga, de sorte que mal se lhe pôde chamar prisão. A maior parte das casas é edificada do mesmo material da cadeia. Os habitantes são indolentes e vadios ao extremo e, por isso mesmo, reina entre eles grande escassês das coisas de necessidade mais comum da vida. Conquanto grande parte dos arredores da vila se preste a plantações de mandioca e outros comestíveis, poucas são as que allí se vêem. Há grandes fazendas

de criação de gado apenas umas poucas de léguas distantes; entretanto, não se encontra carne fresca à venda senão uma vez por mês, o que não admira, sabido que o grosso da população, por seus hábitos indolentes, não dispõe de recursos para comprar carne ou qualquer outro artigo de consumo.

Perguntando a uma das mais respeitáveis pessoas do lugar como vivia esta gente, fui informado de que os poucos laboriosos tinham de sustentar os que nada fazem, porquê estes habitualmente furtam das plantações o que lhes baste ao sustento da mísera existência.

Durante nossa permanência no lugar fomos obrigados a alimentar-nos quase exclusivamente de farinha e carne sêca salgada, sem poder comprar arroz, nem batatas, nem carás. De vez em quando obtinha uma espécie de biscoito grosseiro feito de farinha de milho e uma ou duas vezes recebi de presente uns pãezinhos feitos de trigo produzido nas terras altas, perto da cidade de Cavalcante, muito para o sul. Nunca ví trigo cultivado em nenhum dos lugares que visitei e foi esta a única vez que provei pão de trigo produzido dentro dos trópicos.

Posto que o vestuário dos homens seja aqui igual ao das outras partes do Brasil, o das mulheres difere muito: porquê, quando se vestem para ir à igreja, acompanhar procissões ou visitar pessoas amigas, em vez do grande chale de algodão branco que as cearenses põem na cabeça, ou do pequeno lenço usado em Piauí para o mesmo fim, fiquei um tanto surpreendido de ver que aqui usam tôdas capas feitas de lã escocêsa ou pano azul, muito semelhante às que vestem no inverno as moças das fábricas de Glasgow.

Aquí o hábito de fumar é geral entre as mulheres: de manhã à noite, raro lhes sai da boca o pito, com seu longo canudo de pau, de cerca de três pés de comprimento. Trabalham pouco, mas comem e dormem muito; as mulheres de classe mais baixa são também muito dadas a beber ca-

chaça. O único preso da cadeia, quando estive na vila, era uma mulher condenada a vinte anos de prisão, por ter pouco antes induzido o próprio filho a matar o pai. O filho, que fôra condenado a prisão perpetua com trabalho, escapou-se pelos muros da cadeia pouco depois da sentença e fugiu.

Quando chegámos, havia na Vila três padres, um dos quais morreu durante o tempo de nossa permanência. Estes padres, como quase todos os mais que encontrei, em vez de serem exemplos de moralidade para o povo, eram quase incrivelmente imorais. O que morreu era um velho de mais de setenta e quatro anos de idade, natural de Santos, na província de S. Paulo e primo do célebre José Bonifácio de Andrada. Embora bem educado, humano e benévolo, deixou após si uma família de meia duzia de filhos de suas próprias escravas, os quais, juntamente com as mães, em cativeiro e vendidos depois, com os objetos herdados, para pagamento das dívidas do morto.

O vigário geral era um mestiço, de mais de quarenta anos de idade, que havia sido ordenado pouco tempo antes: era até esse tempo, como ainda hoje é, o maior fazendeiro de gado no distrito. Tendo aprendido com o velho sacerdote o pouco de latim que lhe bastasse a resmungar o officio religioso da igreja, mas sem nenhum preparo teológico, dirigiu-se à cidade de Goiás para comprar sua ordenação ao bispo. Tempos depois obteve também por compra, o vicariato geral do distrito.

Cerca de um mês depois de minha chegada à Vila, fui chamado par atender a uma bela moça de dezesseis anos e que veio a morrer de fêbre puerperal poucos dias depois de dar à luz uma criança que era filha do padre. Este homem era tão detestado pelos habitantes quanto o velho padre era querido e amado.

O sólo e clima destas redondezas são muito superiores aos de Piauí e Ceará; as chuvas geralmente começam em outubro e continuam mais ou menos até fins de abril.



Durante todo o mês de dezembro e parte de janeiro choveu quase incessantemente todos os dias, tornando impossível a gente sair de casa; mas na última parte de janeiro e princípios de fevereiro o tempo esteve muito bom, com excessão das tardes em que havia habitualmente forte trovoadas. Trovoadas e chuvas vinham do norte, nordeste e léste, formando-se provavelmente nas serras que existem a grande distância naquella direção.

O milho e a mandioca são os principais alimentos cultivados aqui; muitos fazendeiros, porém, acham que vale a pena plantar cana, não tanto para fazer açúcar, mas aguardente, que se vende com facilidade. As únicas árvores frutíferas que se cultivam são a laranjeira e o limoeiro e uma ou outra vez também a jaca e o tamarindo.

As principais moléstias deste distrito são a febre intermitente e a febre maligna, especialmente no começo e no fim da estação chuvosa. A oftalmia com tôdas as suas consequências, bem como a sífilis e todos os seus efeitos, são aqui comuns e produzem anualmente muitos casos dignos de compaixão. Quase tôdos os habitantes são afetados de papeira e as crianças muitas já nascem com papo, até os estrangeiros que vêm residir na vila e seus arredores acabam certamente afetados pela doença no decorrer dos anos.

Alguns o atribuem ao sal marítimo trazido do Ceará, pelo fato de ter estado o povo anteriormente acostumado ao sal que se obtém do solo das vizinhanças, impregnado dele; outros o dizem causado pelas aguas da serra, que são um pouco salinas, principalmente na época das chuvas. Qualquer que seja a causa, todos pareciam concordes, aqui como em Almas, na afirmação de que só nos últimos vinte anos é que a doença se generalizou entre os habitantes. Achei-a igualmente comum em Conceição e Arraias, duas vilas mais para o sul, ambas de aguas salinas, especialmente as que correm de montanhas calcáreas.

Todos os lugares em que a encontrei frequente ficam ao longo da base de leste da Serra Geral, larga cadeia de

montanhas que divide a província de Goiaz da de Pernambuco, e Minas. O único remédio empregado aquí contra a doença é esponja queimada. Há, porém, outro recurso em que depositam grande fé: é um pedacinho de corda que se leva à igreja e corta-se exatamente do comprimento do crucifixo para usá-lo em volta do pescoço. Perguntei a vários que usaram esta espécie de feitiço se acreditavam que produzia efeito na intumescência: mas, como fôra de esperar, todos me confessaram que nem a curava, nem sequer impedia que aumentasse de vulto.

Eu havia agora chegado ao ponto mais sententrional do império do Brasil jamais visitado por qualquer naturalista, porquê nem Pohl nem Burchell haviam levado suas excursões além de Natividade. Verdade é que Spix e Martius também viajaram ao norte do Brasil, mas sua rota seguiu direção muito diversa. Como fui aquí informado de que nenhum desses viajantes havia subido as altas serras vizinhas, resolvi fazê-lo, com o duplo propósito de obter coleções botânicas e de examinar a estrutura geológica do lugar.

Nesta jornada fui acompanhado por Mr. Walker, um preto sapateiro, que nos serviu de guia, e um de meus empregados. Seguindo as margens de um pequeno regato que corre da serra e que, passando perto do extremo norte da vila, a abastece de agua limpa e fresca, chegámos ao sopé da serra e logo depois, em ascensão gradual, ao topo de baixa ramificação, onde encontrámos um grande e baixo vale, de solo inteiramente escavado em busca de ouro; e, perto do centro dele, demos com as ruínas do que nos disseram que havia sido o sitio primitivo da vila.

Fôra fundada pelos que primeiro se aventuraram a estas longinquas regiões à procura de ouro e fôra abandonada, fazia agora sessenta ou setenta anos, quando este metal foi rareando e as fazendas de criação de gado se tornaram mais rendosas que as minas.

Perto do topo do vale há um pequeno lago artificial, que deve ter sido feito com grandes despesas e do qual as aguas eram levadas em pequenas correntes para os lugares onde se fazia a lavagem do ouro. O solo em que este metal se encontrava é um cascalho ferruginoso, formado pela desintegração das rochas primitivas que acompanham a serra.

Deixando o vale das minas de ouro, que é de mais de uma milha de extensão, e começando a ascensão da parte mais elevada da Serra, coberta de poucas e pequenas árvores, mas abundante em *vellozia*, bem como em diversas espécies de erva ordinária, chegámos a um lugar perto do pico, que era rochoso, íngreme e de difficil accesso. Perdemos algum tempo em procurar caminho próprio e, ao fazê-lo, Mr. Walker, que foi o primeiro a subir, sofreu um accidente quase fatal: quando estava perto do topo, parte da rocha a que se agarrava cedeu e ele foi arremessado com grande violência de uma altura de dezesseis ou dezoito pés, rolando por sobre grandes pedras até pouca distância de fundo precipício, onde, se caísse, teria sido despedaçado. Conquanto bastante contundido, pôs-se de novo à frente, chegando a salvo ao cume, aonde o seguimos com maior ou menor custo.

Atingido este ponto, pensávamos que tínhamos alcançado o ponto culminante da Serra, mas vimos cerca de meia milha ao norte pico ainda notoriamente mais alto para onde então encaminhamos os passos. Durante a ascensão o sol fôra muito forte, mas nesta altura encontrámos uma brisa deliciosamente fresca, soprando de leste, e que nos retemperou. Estando todos sedentos, tivemos a felicidade de achar na base do mais alto pico um poço de agua límpida e fresca, ao pé do qual tomámos algum alimento que leváramos. Destes cimos se descortinava bella perspectiva em tôdas as direções: a leste e ao norte a vista era limitada por várias cadeias de baixas montanhas, mas ao sul e ao oeste tôda a região era uma vasta planície que

se perdia no horizonte. O topo era coberto de grandes blocos de granito entre os quais apareciam árvores e arbustos enfezados.

Achei a parte ocidental da serra cercada de espessa camada de pedra calcárea compacta e de côr parda, a qual para além da ponta setentrional da serra forma, por leguas de extensão, grandes montanhas isoladas, cobertas de matas. A parte central da cadeia é granito e entre este e a formação da pedra calcárea as rochas são de chisto.

Minha colheita botânica foi de tal maneira rica, que me levou a subir a montanha mais duas vezes. Fiz uma coleção especial de muitos curiosos e belos fetos, espécies novas e várias lindas *vellozias*. São plantas peculiares do Brasil, estas; e, como delas tenho falado tão frequentemente, vou descreve-las: pertencem à divisão dos *endógenos* ou *monocotiledoneos* do reino vegetal e foram assim nomeados em honra do Dr. Joaquim Veloso de Miranda, jesuita, nativo da província de Minas Gerais, que dedicou muito dos seus lazeres ao estudo da botânica do seu país. Encontram-se geralmente nas montanhas do interior, mas principalmente nos distritos do ouro e do diamante, crescendo em lugares abertos e relvosos e por vezes cobrindo grandes tractos de terra; variam em altura desde umas poucas de polegadas até doze pés; os troncos são muito sécos e fibrosos e parecem formados de grande massa de longas e delgadas raizes, frouxamente ligadas umas às outras; e, não raro, contém uma substância resinosa, que as torna muito procuradas para combustível nas regiões destituidas de matas do distrito do diamante. Por vezes estes troncos não têm menos de um pé de diâmetro; são cheios de ramas e inteiramente despídos de folhas, exceto nas últimas divisões dos ramos que se cobrem de folhas estreitas e longas, semelhantes ao aloes, mas não polpudas; do centro destas brotam as flores, que são geralmente solitárias, embora algumas espécies menores apresentam até seis delas surgindo da ponta de cada ramo. Nas espécies gran-

des são de cerca de seis polegadas de comprimento, de branco puro ou mais frequentemente de uma bela côr purpurea; na fôrma não diferem das açucenas grandes de nossos jardins e daí o seu nome. São chamadas pelos brasileiros *canela de ema*, pela semelhança de seus troncos nús com as pernas daquela ave. Estas belas plantas foram primeiro introduzidas nas estufas da Inglaterra, de sementes que para lá mandei. Como são de crescimento lento e aparentemente de difficil culturação, é razoavel supor que se passe muito tempo antes que possam ostentar a beleza de seus progenitores silvestres.

Além de outras excursões mais curtas que fiz nos arredores de Natividade, fui diversas vezes ao Arraial da Chapada, situada duas leguas ao noroeste; tem mais ou menos o tamanho de Natividade e está situada em densas terras baixas e planas, que se chamam chapadas e donde lhe vem o nome. A região circumvizinha, como a de Natividade, foi revolvida à cata de ouro; mas os que outrora empregaram seus escravos nestes labores acham agora mais proveitoso empregá-los em plantações. Há ainda uns poucos de pretos velhos que ganham escassos meios de vida com lavagem de ouro.

Em minhas visitas a este lugar fui sempre hospitaleiramente acolhido pelo capitão Batista, portuguez idoso alí estabelecido desde muitos anos e sogro do proprietário da fazenda Sociedade. Falava frequentemente de Pohl e Burchell, ambos os quais se demoraram algum tempo em Arraial e de quem parece que foi íntimo.

Minhas visitas a este lugar renderam-me grandes acrescimos às minhas coleções, principalmente nas montanhas calcáreas perto de Sociedade, muito ricas em plantas. Durante minha permanência na Vila de Natividade recebi inumeras mostras de atenção do Senhor Zacarias Antonio dos Santos, Juiz de orfãos. Era homem bondoso e simples, como se verá pela seguinte anedota: Quando me procurou da primeira vez, disse-me que desejava falar comigo em par-

ticular. Começou por dizer que ouvira falar que os inglêses têm o poder de adivinhar os sitios em que o ouro se esconde e que, como havia muito deste metal na serra, se eu lhe contasse onde havia uma mina abundante, ele empreenderia a sua lavra e repartiria comigo os lucros. Quase ao mesmo tempo me informou de que poucos anos antes morrera nas vizinhanças dalí um portugûs, sempre tido por muito rico, mas que, por ocasião de sua morte, não se lhe achou o dinheiro. Acrescentou que firmemente acreditava que o dinheiro fôra enterrado alí pelas imediações de sua casa, ora em ruínas, e que, se eu o acompanhasse àquele sítio e descobrisse o dinheiro, podíamos dividi-lo entre nós, sem que ninguém o soubesse. E o pobre velho pareceu-me dolorosamente desapontado quando eu lhe disse que nunca fizera desse ramo de conhecimentos objeto de meus estudos.

Certa noite, em princípios de dezembro, quando passeava pelas ruas da vila de Natividade, observei alguns meninos que se divertiam com uns objetos luminosos, que a princípio supus fossem pirilampos; mas, fazendo indagações, descobri que era um belo fungus fosforecente, do gênero *agaricus*, que se produzia abundantemente nos arredores dalí sobre as folhas murchas de uma palmeira nanica. No dia seguinte obtive grande número de espécimes e notei que variavam de uma a duas polegadas e meia de largura. Tôda a planta dá à noite uma viva luz fosforecente, de um verde pálido, semelhante à que emitem os vagalumes ou aqueles curiosos animais marinhos, os *pyrosomae*. Por este fato e por crescer em palmeiras o povo lhe dá o nome de flôr de côco. A luz emitida por uns poucos destes *fungi*, em quarto escuro, é sufficiente para a gente ler. Constatou-se que era uma espécie nova e, depois de minha volta do Brasil, foi descrita pelo Revd. Berkeley sob o nome de *Agaricus gardneri*, à vista de espécimes que levei para minha patria. Eu já os havia denominado *A. phosphorecens*, ignorando na ocasião em que o descobri a exis-

tência de qualquer espécie deste gênero que exhibisse o mesmo fenômeno: mas o fenômeno se dá com o *agaricus olearius*, de De Candolle; e Mr. Drummond da Colonia de Swan River, na Australia, já descreveu uma grande espécie fosforescente que lá as vezes se encontra. (°)

No dia 10 de fevereiro de 1840 partimos de Natividade, com o intuito de ir até a vila de Arraias, cerca de trinta léguas ao sudeste. Tínhamos feito todos os preparativos para partir no segundo dia do mês, mas passamos pelo aborrecimento de saber que um dos cavalos desaparecera, o que nos reteve ali por oito dias mais. Verificámos, afinal, que alguém o levára de empréstimo, porquê quatro dias depois de nossa partida foi encontrado perto do lugar donde o haviam tirado, sendo então enviado, para me alcançar em caminho, pelo meu amigo, o juiz de orfãos.

Saindo de Natividade e contornando a Serra em direção do sul, chegámos à margem de pequena corrente chamada Riacho Salobro, que corre para o oeste e desemboca no Rio Manuel Alves; suas aguas são salobras durante o tempo da sêca. Os fardos tiveram de ser passados todos por sobre uma tosca espécie de ponte chamada pinguêla, feita do tronco de duas árvores; e, como o rio e suas margens eram fundas, tivemos não pouca dificuldade em fazer os animais atravessar a nado. Ficamos por essa noite na fazenda das Três Leguas, por ser essa a distância da vila, como o nome indica. Na manhã seguinte, após legua e meia de caminho, chegámos novamente às margens do Rio Manuel Alves, mais fundo e largo do que no lugar onde primeiro o atravessámos: aquí, porém, tivemos a dita de encontrar canôa. Meu primeiro cuidado foi o de fazer passar os animais para a outra margem; dois homens entraram na canôa e, segurando cada qual um dos cabrestos, puxaram os animais a nado, dois de cada vez. Antes que nossa bagagem fosse transportada para o lado oposto, pas-

---

(°) Hooker, Journal of Bot. vol. i, pág. 215.

sou por sobre nós, vinda do nordeste, grande trovoadas que nos encharcou. À vista disso pareceu-me que o melhor era seguirmos imediatamente para a primeira casa, legua e meia distante dali, onde pernoitámos.

A região entre a vila e o rio é quase toda uma planície baixa, de campos abertos, pântanos e tractos de terra escassamente cobertos de árvores. Alguns belos arbustos florescentes e umas poucas orquídeas terrestres foram colhidas na jornada.

Deste lugar, em dois dias e meio, vencemos mais dez leguas de distância para chegar ao Arraial da Conceição. Na noite de 12 dormimos em uma grande fazenda de criação de gado, chamada S. Bento, impedidos que fomos de partir à tarde por motivo de forte tempestade. Até uma legua do Arraial a região ainda é aberta e baixa; ao depois torna-se montanhosa, mas montanhas baixas e por vezes rochosas. Tão rara é a população destes distritos, que entre S. Bento e o Arraial, numa distância pelo menos de vinte milhas, só encontrámos uma casa. A maior parte deste distrito apenas se presta à criação de gado; mas há também grande porção admiravelmente propícia a plantações de várias espécies.

O Arraial da Conceição tem uma população de cerca de cem almas; mas há no lugar muitas casas, pertencentes a fazendeiros, que só as ocupam ao tempo das principais festas da igreja. Negros e mulatos formam a maioria da população residente e poucos brancos vimos nos quatro dias que lá estivemos.

A vila assenta em uma baixada entre duas colinas, mas a região em torno é geralmente plana. As casas erguem-se, quase todas, em duas ruas compridas, com duas igrejas, uma das quais em ruínas. A água de que o Arraial se abastece vem de pequeno regato; água má, de sabor salobro, que parece ter alguma influência na produção do bócio, tão comum na zona do oeste da Serra Geral, que é, até onde pude verificar, cercada de pedra calcárea seme-



lhante à que existe em Natividade. As aguas que manam nestas rochas são tôdas mais ou menos salinas e, onde quer que são bebidas pelos habitantes, aí se encontra o bócio. Ao longo da parte oriental da Serra, ao contrário, raramente se encontram casos desta doença; e aí, pelo menos nas partes por mim visitadas, não há pedra calcárea, nem são os riachos impregnados de matéria salina.

O solo dos arredores da aldeia, numa extensão de cerca de uma légua, dá evidentes mostras de ter sido escavado em busca de ouro e, por tudo quanto ouvi, muito deste metal aí se encontrou antigamente.

O pouco que hoje se acha, mal compensa os labores da procura. O solo em que se encontra é de argila e cascalho, restos, evidentemente, de primitivas rochas, onde o ouro aparece ou em particulas diminutas ou em grãos de todos os tamanhos, chegando alguns deles, ao que se diz, ao peso de várias onças. Acredita-se também na existência de ricos veios na rocha sólida, que consiste principalmente de quartzo; mas não se podem explorar em profundidade, por falta de meios de remover a agua que se acumula. Informou-me o vigário, talvez com exagero, que a pouca distância da aldeia existe uma mina tão rica, que um pequeno balde de terra dá quase um quarto de onça em ouro. Disse mais que a mina não tem mais de vinte pés de profundidade, mas teve de ser abandonada por muito tempo devido ao influxo de uma nascente dagua.

O único meio de se livrarem da agua era postar em diferentes alturas certo número de homens que passassem a agua de um para outro em pequenos baldes. Perguntando-lhes eu porquê não faziam uso de bombas, disseram-me que já haviam ouvido falar em tal coisa, mas nunca a tinham visto. Porquê os mecânicos do lugar eram a tal ponto ignorantes, que não sabiam fabricar tão simples instrumentos.

Do vigário recebi muitas provas de bondade durante minha visita. Era um homem em extremo benevolente e

muito estimado do povo. Embora avançado em anos, mostrava-se de temperamento ativo, muito mais ativo, com efeito, que o comum da gente de sua classe e da gente de todo o país.

Era a única pessoa daquelas paragens que assinava um jornal do Rio; mas pela irregularidade dos correios davam-se longos intervalos em sua entrega. O vigário deu-me uma apresentação a um dos homens mais influentes nos arredores da Vila Arraias e que era seu amigo íntimo.

Dentro dos últimos vinte anos sentiram-se dois ligeiros abalos sísmicos em Natividade e Conceição, o primeiro em 1826, e o segundo em 1834: o tremor de terra, ainda que de curta duração, foi nitidamente perceptível em ambos os lugares. Também foram os únicos lugares do Brasil onde soube que tais fenômenos se tinham observado.

Partimos de Conceição na manhã de 17 de fevereiro, vencendo quatro longas leguas para chegar, quando a tarde estava avançada, às margens do Rio da Palma. A cerca de meia legua do Arraial a estrada coleia na extremidade de uma serra rochosa, e um tanto elevada, não longe de cujo sopé passámos por algumas lavras de ouro. Os escravos nisto empregados não dão aos senhores tudo o que encontram, porque são obrigados a sustentar-se e vestir-se e pagar aos seus empregadores certa soma fixa de dinheiro, uns seis chelins por semana. Muitos deles têm sido bastante afortunados para comprar sua alforria, mas tornaram-se em sua maior parte, indolentes e dissipados. Pouco antes de nossa chegada um escravo achou um pedaço de ouro puro, de mais de dez onças de peso, mais do que suficiente para o seu resgate.

Os campos eram alegrados por uma bela orquídia terrestre (*epistephium*), de cerca de dois pés de altura, produzindo vergonhea de grandes flores côr de rosa.

Parámos ao meio do dia na única habitação da estrada, a fazenda de Pindobal, e partimos de novo cedo afim de chegar ao Rio das Palmas em tempo de atravessá-lo.

A região era geralmente chapada, com grandes campos abertos, mais bem providos de gado que qualquer outro por nós percorrido nesta província.

Quando estávamos a meio caminho do rio, errámos infelizmente o caminho, entrando por uma dessas estradas de gado, que nestas paragens tão pouco habitadas quase sempre iludem o viajante pela semelhança com a estrada real. Custou-nos dar pelo êrro; mas, sabendo a direção em que corre o rio, para lá nos encaminhamos e em menos de meia hora demos novamente com o caminho certo, que agora passava através de uma floresta pouco densa, principalmente de *Qualea parviflora*, Mart. Por causa do atraso assim ocasionado, era quase sol posto quando chegámos ao ponto da barca.

Posto não houvesse chovido aqui por mais de uma semana, achámos o rio muito cheio, concluindo disto que deviam ter caído fortes chuvas mais para cima daquele lugar. Por esta circunstância e pelo adiantado da hora, custou-nos persuadir ao barqueiro de levar-nos à outra banda do rio.

O Rio da Palma é bem mais largo e corre com muito mais força que o Manuel Alves. Neste como naquele rio a balsa é sustentada à custa do governo; mas era aqui tão pequena, que só podia levar um cavalo de cada vez; desta maneira a passagem se repetiu tediosamente nada menos de doze vezes antes que todos estivessem do outro lado, o que durou mais de três horas. Este sítio chama-se Fazenda da Barra e tem diversas casas de ambos os lados do rio; a que nos indicaram para pouso era tão pequena, que, como a noite prometia ser muito boa, preferimos ficar à sombra de umas árvores que se erguiam em frente.

Na manhã seguinte, depois de caminhar cerca de duas leguas e meia, tivemos de fazer uma parada para dar descanso a dois dos cavalos, que pareciam exaustos pelo grande esforço de atravessar o rio na noite anterior. Fizemos alto ao sopé da Serra de Santa Brida onde havia umas

poucas árvores que mal ofereciam abrigo contra os raios ardentes do sol. A serra é uma ramificação da mesma cordilheira em que assenta à Vila de Arraias e corre no sentido do noroeste até umas duas leguas do Rio da Palma. Não tem em seu ponto culminante mais de mil pés acima da região circunjacente.

À tarde demos novo avanço de legua e meia e acampamos para passar a noite debaixo de umas árvores à margem de claro regato que desce da serra. Nesta viagem fomos apanhados por algumas bátegas d'agua e ao chegarmos ao pouso passou por sobre a serra, rolando do sudeste, uma grande trovoada, que nos fez lamentar que tivéssemos necessidade de dormir no mato; felizmente, porém, quando estava já perto de nós, a tempestade voltou-se para o norte,

Nossa rota passava por um grande e baixo vale aberto, limitado ao norte e a leste pela Serra de Santa Brida e ao sul e leste por outra cadeia de montanha chamada Serra de Buriti.

Este vale consiste de grandes campos abertos, abundantes em velosias e contém poucas árvores, exceto na margem de pequenos riachos que correm das montanhas. Na manhã seguinte fizemos uma jornada de duas leguas através de uma região semelhante e chegamos, no começo da tarde, à fazenda de Santa Brida, pertencente à pessoa, para quem eu trazia cartas do vigário do Arraial de Conceição. O dono, porém, não reside na fazenda e a única habitação que encontrámos pertencia ao vaqueiro que cuidava do gado. Como os pastos eram bons, falhamos aqui o dia seguinte afim de dar pequeno descanso aos animais.

Partimos de manhã cedo e a curta distância da fazenda atravessamos pequeno regato que tinha em suas margens grandes e numerosas árvores, principalmente de jatobás (*hymenaea*).

Neste rio como em todos os desta província a enguia elétrica (*Gymnotus electricus*) é muito comum: há-as de todos os tamanhos, desde um até seis pés de comprimento,

e deixam-se facilmente apanhar nos anzoes lançados para outros peixes. Comem-se às vezes, não sempre, embora se diga que sua carne é muito boa. Cavalos e homens, ao entrarem em contacto com elas, são frequentemente lançados ao chão pela descarga electrica que delas recebem. Chamam-lhe os habitantes treme-treme. Em tempo de chuva os pescadores deste rio sofrem por vezes um choque que lhes vem através da umidade do caniço e da linha quando uma das enguias morde o anzol. Vi uma destas, cativa, de seis pés de comprimento, tão mansa, que deixava a gente passar-lhe a mão e mesmo correr os dedos por seu corpo; mas, se a irritavam um pouco, beliscando-a, mesmo de leve, descarregava immediatamente o golpe electrico.

Após fatigante jornada de mais de quatro leguas sob um sol de brasa, através de campo aberto, chegamos afinal à fazenda de Sapé, residência do proprietário da de Santa Brides, o tenente João Gomes Lagoeira. Ao chegar soube-mos que ele se achava a pouca distância em visita a uma plantação, mas estaria de volta immediatamente. Ao cabo de uma hora appareceu e, lida a carta do seu amigo o vigário, deu-me cordial acolhida. Era meu propósito seguir ao outro dia cedo para a vila de Arraias, a quatro leguas dali; mas nisso não consentiu meu bondoso hospedeiro, que só me deu licença de partir cinco dias depois; e, para que não chegássemos à Vila com escassês de alimentos, mandou matar em uma de suas fazendas um boi gordo e secar-lhe a carne para nosso uso, além de me obrigar a aceitar um fardo de farinha.

A fazenda do Sapé está situada no sopé da Serra de Santa Brides, perto da entrada de pequeno vale, cercado de ambos os lados por colinas; como o solo é fertil e suas terras bem irrigadas, muito se prestam ao cultivo da cana de açúcar, de que há varias plantações. Da maior parte desta cana se faz cachaça, por ser alí artigo de mais procura que o açúcar. Também o arroz e a mandioca aí se produzem copiosamente. Tôda a propriedade possuida

pelo tenente Lagoeira cobre uma área de sessenta e quatro leguas quadradas: está dividida em várias fazendas de criação de gado, contendo cerca de quatorze mil cabeças, para serem vendidas a boiadeiros que as levam para a Baía. O próprio dono foi outrora boiadeiro; mas, tendo-se tornado grande amigo do primitivo proprietário, este lhe deu a filha em casamento; e, morrendo pouco depois disto, deixou-lhe nas mãos toda a fazenda. Sendo um homem de boa índole e bem educado, merece a amizade e o respeito dos habitantes de toda a região em volta.

Durante nossa estada na fazenda, bem como nas diversas vezes que a visitei quando residindo em Arraias, fiz várias excursões aos arredores, sempre acompanhado pelo senhor Lagoeira, exímio caçador.

Às vezes percorriamos alta planície relvosa, ligeiramente coberta de *vellozia* e *diphudson*, sendo este último um belo arbusto que produz, profusamente, pequenas flores cor de rosa. Nesta árida planície encontra-se em abundância uma espécie de perdiz, do gênero *tinamus*, pouco menor que a européia. O senhor Lagoeira tinha diversos cães perdigueiros, um dos quais sempre nos acompanhava; mas, como não era bem ensinado, escapavam-lhe muitas aves. Às vezes visitávamos o vale ao fundo da casa, pantanoso em vários sitios e abundante em uma espécie de palmeira grande, chamada cabeçuda, (\*) cujo fruto é o principal alimento da arara azul, muito encontrada neste distrito.

Nos pântanos deste vale encontra-se a boa constrictor, às vezes de grande tamanho; não é rara em toda a província, especialmente nas margens dos lagos, paues e regatos cercados de árvores. Atingem às vezes o enorme comprimento de quarenta pés: a maior que vi, encontrei-a neste lugar: mas não estava vivã. Poucas semanas antes da nossa chegada a Sapé, desapareceu do pasto, não longe

---

(\*) *Cocos capitata*, Mart.

da casa do senhor Lagoeira, o cavalo predileto do fazendeiro: bateram em vão tôda a fazenda à sua procura. Logo depois um dos vaqueiros da fazenda, ao passar pela beira do pequeno rio, viu enorme boa suspensa na bifurcação de uma árvore que pendia sobre o rio: estava morta, mas era evidente que viera boiando agua abaixo em recente inundação do rio; e, como se achava em estado de inércia, não poude libertar-se da bifurcação quando a agua baixou. Arrastada para o campo por dois cavalos, verificou-se que media trinta e sete pés de comprimento. Abrindo-a, encontraram-lhe dentro os ossos meio quebrados de um cavalo, com a carne em parte digerida, estando a cabeça inteira. Concluimos que a boa devorara o cavalo desaparecido.

Em tôda a espécie de serpentes é prodigiosa a capacidade de deglutição. Vi mais de uma vez cobra da grossura do meu indicador engulir um sapo do tamanho de minha mão; e matei certa vez uma cascavel de uns quatro pés de comprimento, e pouco corpulenta, que havia engulido nada menos de tres grandes sapos, um dos quais lhe avultava no ventre, quase o dobro da grossura do resto do corpo. Estava ainda vivo e, liberto, fugiu aos pulos.

Ví também uma delgada serpente, dessas que frequentam os tetos das casas, engulir um morcego três vezes maior em grossura. Se esse é o caso com as serpentes menores, não admira que uma de trinta e sete pés de comprimento engulisse um cavalo, principalmente sabendo-se que, antes de o fazer, quebra os ossos do animal, enrolando-se nele e lubrificando-o depois com a substância viscosa que secreta na boca.

De outras vezes entramos numa floresta que circunda as bases da serra e cujas maiores árvores eram uma espécie de *mimosa* chamada *angico*. Em seus galhos viam-se um grande número de lindos macaquinhos, atraídos por uma goma que a árvore secreta e de que muito gostam. Entre as árvores desta floresta viam-se também alguns dos gran-

des macacos uivantes (*Mycetes barbatus*), conhecidos no Brasil pelo nome de barbudos e guaribas. Possui grande força muscular na longa cauda preensil e, mesmo depois de atirados e bem mortos, ainda ficam por elas suspensos das árvores. Aparecem geralmente aos bandos, emitindo uivos desagradáveis, principalmente nas primeiras horas do dia. Um pequeno macaco de cauda listada (*Ateles paniscus*) é ainda mais abundante e também mais perseguido pelo fazendeiro por motivo dos estragos que faz nas plantações. As roças de milho e de cana são as mais frequentemente visitadas e donde sempre carrega sua colheita para as matas. Afirmou-me um negro velho que vira muitas vezes um destes animais levar consigo nada menos de três espigas de milho, uma na boca, outra presa num dos braços e uma terceira segura na cauda preensil. confesso, porém, que, para dar crédito a esta história, preciso de ver o fato consumado. Os campos umidos e alagadiços produzem várias espécies de palmeiras, que dão grandes cachos de pequenas nozes, muito semelhante a cocos em miniatura. Quando maduros, cobrem-se exteriormente de uma substância oleosa e fibrosa, adocicada, que é o principal alimento destes macaquinhos, não menos amigos da parte interna da noz, de uma substância semelhante a dos cocos. Em varios lugares do interior me haviam dito que, para tirar o miolo da noz, cuja casca é demasiada dura para quebrar com os dentes, levam-na os macacos para uma rocha e aí a quebram com uma pedra. Encontrei até pessoas que me declararam ter observado às vezes, escondidos, dentro das moitas, os macacos empenhados nesta operação.

Tal história, como a do macaco que furtara três espigas de milho, eu a tive por fabulosa até que cheguei à fazenda do Sapé. Aí, em uma excursão que fizemos por sobre a serra bem por detrás da fazenda, onde quase tudo são picos de pedra calcárea, ásperos e desnudos, encontramos em alturas quase inacessíveis grandes montes de cas-



cas de nozes, geralmente na parte nua da rocha, e com elas uma quantidade de pedras arredondadas, maiores que um punho de homem, que evidentemente tinham sido usadas para quebrar as nozes. Estes sitios, ao que me disse o senhor Lagoeira, são os lugares procurados pelos macacos para a quebra das nozes colhidas nas palmeiras. Contou-me também que, em suas excursões venatórias sobre as montanhas, viu muitas vezes os macacos fugir à sua aproximação. Que são capazes de usar e, com efeito, usam a pedra para quebrar o que é duro demais para seus dentes, vi provado em um macaquinho de estimação que me acompanhou nas viagens. Obtive-o em Piauí e foi, dos muitos animais domesticados que levava comigo, o único que chegou vivo até o Rio de Janeiro. Era uma fêmea da espécie de que estamos tratando e chegou a ficar extremamente mansa. Jerry era a favorita de todos e comia de tudo o que comíamos: tornou-se tão amiga de chá, que o bebia de manhã e à noite e não ia dormir sem ganhar a dose costumada.

Seu alimento predileto era farinha, arroz cozido e bananas: mas de fato não rejeitava nada de comer que se lhe desse. Ovo crú era-lhe um regalo. Quando lho davam, batia-lhe a ponta, devagarinho, no chão e completava a abertura tirando-lhe os pedacinhos da casca e introduzindo-lhe a ponta do dedo longo e fino. Depois, atirando a cabeça para trás e segurando o ovo entre as duas mãos, sugava-lhe em pouco todo o conteúdo. Quando lhe davam qualquer coisa dura demais para quebrá-la nos dentes, procurava em roda de si uma pedra e, erguendo-a em uma das mãos, dava repetidas pancadas sobre o objeto na tentativa de partí-lo. Se nada conseguia, procurava pedra maior, que segurava com ambas as mãos; depois, erguendo-se nas patas traseiras, deixava-a cair, ao mesmo tempo que pulava para trás afim de livrar os dedos. Observei-a por vezes ocupada em apanhar algum objeto que lhe ficava um pouco fóra do alcance: se

conseguia pegar uma varinha ou uma vergõntea de qualquer espécie, esticava o corpo até onde lho permitia a corda e ficava trabalhando até puxar para junto de si o objecto desejado. Eram certamente operações desajeitadas, mas sempre interessantes, pela soma de raciocínio e de perseverança que o animal exhibia ao procurar atingir o seu fim. Jerry quase sempre viajava no lombo de um grande mastim que nos acompanhava e assim fez um percurso de milhares de milhas. Eram os dois animais grandemente afeiçoados um ao outro e dava gosto vê-los brincando juntos. Antes de partirmos, costumava o cão ir todas as manhãs ao lugar onde a macaquinha estava amarrada, à espera de que lha pusessem nas costas e lhe atassem a corda à coleira. Em viagem não se lhe dava ter a face voltada para a cabeça ou para a cauda do cão, salvo ao descer as montanhas. Porque então se virava sempre para a frente e, para não escorregar pela cabeça do cão, fazia uso da longa cauda preênsil como rabicho, enrolando-a na raiz da cauda do cão. Eu pretendia levá-la comigo para a Inglaterra; mas depois de minha chegada ao Rio de Janeiro, numa excursão à Serra dos Orgãos, tive o desgosto de perdê-la uma noite para nunca mais saber o seu paradeiro. Tenho certeza de que a furtou um dos escravos para vendê-la algures por uma bagatela.

Poucos dias depois de nossa chegada a Sapé um dos escravos pegou um machinho desta espécie. Grande numero destes animais tinha vindo visitar uma roça de milho; algumas fêmeas traziam nas costas os seus filhotes, que elas raramente soltam enquanto não podem cuidar de si. Perseguido pelos escravos, este macaquinho, na pressa da fuga, foi lançado das costas da mãe e, apanhado pelo escravo, me foi dado de presente pelo senhor Lagoeira como companheiro de Jerry. Mal eu supunha que ela desse qualquer atenção ao filhote, mas nem bem foram postos um ao lado do outro, quando o pequenino, imaginando, sem dúvida, que encontrára a mãe, lhe trepou nas costas

e pareceu sentir-se inteiramente à vontade. Jerry, longe de se zangar com esta intromissão, se lhe afeiçoou de tal maneira, que não consentia que ninguém nele tocasse. Era como se fosse seu próprio filho. Várias vezes notei que, quando o macaquinho lhe descia das costas para o chão e se ia afastando, ela o enlaçava com a cauda e puxava-o para junto de si. Nos primeiros dias de seu convívio inflamar-se-lhe as tetas com as tentativas que o filhote fazia para obter leite. Quase não a largava nem de dia nem de noite. Era divertido vê-la catar-lhe as pulgas, deitando-a no chão, remexendo-lhe os pêlos, camada por camada, e pegando entre os dedos os insetos que iam aparecendo e comendo-os em seguida; quando era difícil pegá-los assim, pegava-os então, de uma vez, com os dentes. Durante esta operação o filhote deitava-se quieto como se estivesse dormindo.

Pouco durou depois de nossa chegada a Arráias e o que me surpreendeu foi que, quando vivo, merecesse tantos cuidados da parte da que lhe servia de mãe, esta não deixou transparecer o mínimo de pesar por sua morte.

Nas partes mais densas das florestas próximas de Sapé não raro encontramos e levamos para casa como troféu a jacutinga (*Penelope jacutinga*, Spix), a grande e bela ave de caça, tão comum nas florestas da Serra dos Orgãos.

As montanhas são aqui, como já foi dito, inteiramente compostas de compacta e primitiva pedra calcárea, semelhante à que existe em Natividade, e que depois notei que se estende por muitas léguas na direção sul. As partes inferiores destas montanhas são regularmente cobertas de matas, mas as partes superiores, que consistem de picos agudos e ásperos, cercados em sua base de rochas desfeitas, são quase destituídas de vegetação, encontrando-se apenas uma pequena figueira silvestre, um grande *cactus* espinhento, uma *trixis* arbustiva, uma *legonia* e uma *loasa* picante.

Os montes de rocha desfeitas que ha nas bases dos picos são frequentados por numerosos animaizinhos, muito parecidos com o coelho e mais ou menos do mesmo tamanho: é aparentado com a cobaia e sua carne, que é branca, é muito boa de comer. É o *Kerodon moco*, dos naturalistas, e bem conhecido dos habitantes pelo nome de mocó.

Foi pela tarde de vinte e seis de fevereiro que deixamos Sapé em demanda de Arráias e depois de transpôr duas longas leguas chegámos ao sopé da Serra, no ponto da ascensão do planalto em que está situada a Vila. Aquí acampámos por essa noite, com as redes suspensas entre árvores, ao pé de pequeno arrôio que desce das montanhas. Nesta jornada, depois de sairmos do tracto de terra mais cerradamente coberto de matas, entrámos em amplo vale aberto entre a Serra de Santa Brida e a de Burití, o qual se vai gradualmente estreitando até o ponto em que as duas serras se unem, no lugar de nosso acampamento. Este vale é de poucas matas, exceto ao longo das margens dos numerosos regatos que o cortam e que, reunidos, formam pequeno rio que lhe passa pelo centro. Achei este sítio particularmente rico em produtos botânicos, abundante em graciosos e floridos arbustos e arvores, tais como *pleroma*, *crotalaria*, *lauhinia*, *diplusodon*, *vochysia*, *kielmeyera* e outros mais.

A subida da Serra, bastante rochosa, que fizemos na manhã seguinte, foi-nos a um tempo longa e enfadonha. Do topo da serra até a vila, légua e meia de distância, a estrada desce em suave declive.

Eu era portador de uma carta do senhor Lagoeira ao mestre-escola, que logo descobriu, para nos acomodar, uma casa vaga, de péssima condição, mal apropriada para nos defender do vento ou da chuva: mas era a única que se podia arranjar. Aquí ficámos por uma semana, até que se vagou outra casa, ocupada, quando chegámos, por um viajante comercial. Era muito superior e foi cedida para nosso uso. Como não era ainda o fim das aguas, perma-

neci em Arráias quase dois meses, tempo em que amontoei esplêndida coleção das curiosas e belas plantas peculiares às altas chapadas relvosas do interior do Brasil.

A vila de Arráias está agradavelmente situada em um recôncavo no alto da Serra: é cercada de todos os lados por baixas colinas de relva, com poucas moitas e pequenas árvores. As mais alta destas colinas ficam ao nordeste da vila e por detrás delas mana bela corrente de agua que a supre em todas as estações do ano.

Os habitantes costumam dizer que Arráias não tem água ruim nem caminhos bons, e o dito caracteristicamente verdadeiro. A vila é muito pequena, com uma população nada acima de trezentos habitantes, entre grandes e pequenos. Aquí, como em outras vilas do interior, muitas das casas pertencem a fazendeiros que só as ocupam em dias de festa. São quase todas alinhadas em frente de um largo, na face leste do qual se ergue a única igreja. Ao chegar fiquei surpreendido de ver uma casa com janelas envidraçadas, coisa rara no interior do Brasil; mas, ao examiná-la de mais perto, notei que os lugares do vidro eram supridos por lâminas de talco, que é abundante nestas redondezas.

Durante minha permanência no meio da gente do lugar achei-a uniformemente bondosa e serviçal dentro de seus limitados recursos; porque a maioria é muito pobre, embora sua pobreza seja as mais das vezes filha de sua indolência. Foi com dificuldade que conseguimos obter alguma coisa em materia de alimentos e é ainda hoje para mim mistério como vive a grande massa da população. Se não fôra a bondade do meu amigo, o senhor Lagoeira, que de novo me mandou provisões de boca, teriamos certamente sofrido fome. Não obstante sua pequenez e pobreza, tem a vila dois sacerdotes, nenhum dos quais me pareceu dos mais mal alimentados da comunidade. Há três escolas públicas, duas das quais primárias, uma para meninos, outra para meninas; na terceira só se ensina la-

tim. Aquí, como em todas vilas e aldeias do interior, os mestres são pagos pelo governo e, por conseguinte, é gratuita a educação de todas as classes sociais. Pois, apesar disso, pasmou-me ver quão pequeno o número dos que se valem desta oportunidade para a educação de seus filhos. Os que, vivendo no campo, mandam os filhos à escola, são obrigados a pagar-lhes pensão na vila, coisa que se considera geralmente grande sacrifício. Aquí como alhures pouca gente encontrei com gosto da leitura e os poucos livros que possuem são pequenos livros de reza. Mesmo as bibliotecas dos padres se limitam a umas poucas obras religiosas e clássicas, entre as quais raro se acha uma biblia, que é representada por uma abreviação.

As rochas que formam a cordilheira em que assenta a vila de Arráias pertencem todas às camadas primárias: estas são quase verticais e a pequena inclinação que apresentam é para leste, por ser esta direção da parte mais alta da Serra. As mais ocidentais destas rochas tem uma estrutura histoso-arenosa e sobrepõe-se a uma rocha estratificada de côr parda e muito compacta, de grande semelhança com o gnaisse, no qual se encravam numerosos seixos redondos, de granito e quartzo, em todos os tamanhos, desde uma até tres ou quatro polegadas, e que é provavelmente equivalente à rocha parda (grauwacke) do mundo antigo. A pedra calcárea de que se compõe a parte ocidental da Serra em Sapé e Natividade, não se encontra aquí; mas encontrei-a novamente para os lados do sul; em nenhuma das rochas notei quaisquer indícios de matéria orgânica.

Por causa de sua elevada posição, o clima de Arráias é muito mais fresco que o das planícies em baixo e as chuvas são também mais pesadas e de maior duração; elas vem sempre do nordeste, começando em outubro ou novembro e prolongando-se até o mês de abril ou até que comece um vento regular de sudeste, primeiro sinal de que a estação da seca entrou.

A criação de gado é a ocupação mais comum dos fazendeiros, porque o gado é de venda facil no mercado da Baía. Mas em geral cultivam tambem um pouco de cana de açúcar, principalmente para a fabricção de cachaça, largamente consumida em todas as classes da sociedade e por isso mesmo de grande procura. Tambem se cultiva a mandioca, o arroz e o milho, tanto para consuno da casa, como para venda na vila. Todas estas plantações, porém, se fazem nas terras baixas, principalmente ao sopé, da Serra; em roda da própria vila pouco ou nada se cultiva, posto seja o solo em muitos lugares propicio à pequena cultura. Tanto o solo como o clima se prestam bem ao cultivo do café, porque as poucas plantações dêle feitas dão boa safra, mesmo sem terem recebido o minimo cuidado.

No quintal da casa em que morei havia cerca de cento e cinquenta pés desta planta, que pelos fins de abril se apresentavam tão carregados de frutos como os das grandes plantações que eu vira na província do Rio de Janeiro.

Nunca, porém, poderá ser aquí cultivado em grande escala, para fins de exportação, por causa da grande distancia do litoral. O Rio Tocantins oferece a única possibilidade de transporte fuvial, e este é, por enquanto, apenas navegado por pequenas embarcações. Ha apenas dois comerciante varejistas na Vila, ambos os quais trazem suas mercadorias do Rio de Janeiro, aonde vão uma vez de cada dois ou tres anos, gastando de ida e volta de seis a nove meses.

As moléstias deste distrito são muito semelhante às que são comuns na parte mais setentrional da província. Nas terras baixas que, durante o tempo das chuvas, estão cheias de pântanos e charcos, prevalecem as febres intermitentes, por vezes fatais aos que vem das terras altas. Como são poucos os que podem comprar sulfato de quiniño, curam-se geralmente estas febres com emeticos e pur-

gantes e, uma ou outra vez, com cascas amargas tiradas das árvores da mata. Destas uma das mais frequentemente usadas se tira da *Strychnos pseudochina*, de St. Hilaire, árvore que cresce nos campos altos. Também se emprega às vezes uma forte infusão de café misturado com sal. Embora os habitantes das planícies sejam muitos sujeitos às febres, raramente morrem delas, porém, sim, dos efeitos remotos que produzem em sua constituição após longa série de ataques anuais. O principal órgão afetado é o baço, que cresce por vezes a ponto de quase encher toda a cavidade abdominal. Viajando nestes distritos, raro chegámos a uma casa em que não fossemos consultados a respeito da dilatação desse órgão. O fígado é menos frequentemente atacado: suas afecções são geralmente provocadas pela intemperança no comer e beber e pelo uso constante e imoderado do tabaco. Na vila as febres intermitentes são desconhecidas, por se achar ela situada acima da região miasmática e os casos que ha são de pessoas que contraíram a molestia na zona baixa.

O viajante acima mencionado que nos deu a casa para uso deixou atrás um empregado índio, sem ninguém que o tratasse, e a quem encontrei quase morto pelo ataque de uma forte febre terçã, mas que, convenientemente medicado, logo se restabeleceu. Este pobre selvagem era filho das margens do Amazonas e esteve depois ao meu serviço até a minha partida do Rio.

Estas febres muitas vezes perdem seu caracter intermitente e tornam-se malignas e remittentes.

As moléstias predominantes na Vila são a oftalmia, resfriados, doenças inflamatórias, reumatismo e dispepsia; é também comum a paralisia; e, como preventivo, quase toda a gente usa um grosso anel de ferro torcido, feito na sexta-feira da paixão e benzido por um padre. O bócio é frequente, muito menos, porém que em Natividade e Conceição. Aqui o atribuem à frieza da agua que bebem.



A região em volta de Arráias oferece muitas perspectivas tão pitorescas e encantadoras aos olhos do observador comum como aos do naturalista: para este, porém, o encanto é duplo, pela grande variedade de objetos de investigação oferecidos pela diversidade do solo e de situação. Meus passeios em várias direções deram-me em resultado mais de trezentas espécies de plantas, todas diferentes de quaisquer das colhidas alhures. Os campos altos e secos apresentavam numerosas gramíneas, quase todas grosseiras e viçosas, pouco próprias para pastagem: estas gramas não formam uma turfa cerrada como na Europa, mas crescem em tufos esparsos, deixando maiores trechos do solo nú que o total da superfície realmente ocupado por elas. Isto, porém, não se torna patente à primeira vista, porque as hastes são geralmente longas e, quando maduras e vistas a distância, dão aparência de campos cobertos de trigo ou aveia. Muitos arbustos florescentes e belas plantas erbáceas se encontram no meio do capim: daquelles o *diplusodon* e a *kielmeyera* são os mais ornamentais; um detes (*Kielmeyera rosea*, Mazt.) cresce em moitas de cerca de pé e meio de altura e produz grandes e numerosas flores côr de rosa, donde lhe vem o nome de rosa do campo. Das plantas erbáceas destes tractos as mais belas são as que pertencem à tribu das gencianas. Uma espécie de *lisianthus* produz grandes flores azues em forma de sino, não diversas na forma das da *digitalis*; e no fim da estação das chuvas os campos se mostram alegremente adornados de duas elegantes espécies de *callopisma*; uma destas é mais abundante que a outra e, sendo muito amarga, é usada medicinalmente como genciana pelos habitantes de Goiaz: colhem-na quando em pleno florescimento e conservam-na seca em feixes que se vêem pendurados em quase todas as casas. E' usado em infusão contra a dispepsia e também para fortalecer os convalescentes de febre. As arvores dos campos altos são quase sempre pequenas e as principais delas são a bela si-

cupira (*Commilobium polygalaeflorum*) *Qualea grandiflora* e *Qualea parviflora* uma *vochysia*, *Salvertia convallariodora*, uma *panax*, uma *albertina*, uma *lofoensia*, duas espécies de *cecropia*, a mangaba do mono, o cajú e diversas espécies de *mimosa*.

Pelos fins do mês de abril todo o norte da província de Goiaz foi posto em estado de alarma, em virtude de noticias vindas de S. Pedro de Alcântara, pequena vila no extremo setentrional da província, perto das margens do Tocantins, as quais informavam que parte das tropas de Raimundo Gomes e o Balaio haviam passado de Pastos Bons, na provincia do Maranhão, para Alcântara, tomando-a de assalto. Acrescentavam as noticias que a maior parte da população mais respeitável fugira para as matas, muitos haviam sido mortos e roubados, enquanto outros haviam aderido aos rebeldes. Também se dizia ao mesmo tempo que todas as canôas que haviam descido das partes centrais da província para o Pará (abril é geralmente o mês de sua partida) foram tomadas, mortos os seus donos e os couros de seu carregamento lançados ao rio. Supôs-se imediatamente que as canôas haviam sido capturadas para o fim de subirem o rio e devastarem as vilas e aldêias desta zona, como haviam feito com as da região inferior.

No dia 22 de abril fui chamado a uma fazenda três léguas ao norte de Arráias para visitar uma senhora que se achava indisposta. Quando lá cheguei, o pai dela acabava de receber carta do vigário de Conceição, dizendo que poucos dias antes os bandoleiros haviam chegado a Porto Imperial, aldeia do Tocantins apenas a tres dias de viagem da Vila de Natividade, e que os habitantes desta tinham fugido em todas as direções. De volta a Arráias, fui portador de uma carta sua ao presidente da Câmara Municipal, com as mesmas informações acima referidas; o presidente convocou imeditamente uma reunião dos principais habitantes para considerarem os passos necessários na emer-

gência. Combinou-se que a guarda-nacional seria convocada pelo toque de tambor. Havia um destes instrumentos na vila, mas infelizmente ninguém sabia tocá-lo. Até que afinal um de meus camaradas, um preto de Natividade, pediu-me licença para oferecer seus serviços e rufou o tambor em roda da vila, chamando às armas a guarda. Apareceu meia duzia. Na manhã seguinte, de novo chamados, apresentou-se mais uma duzia deles, quase todos sem armas. Estes poucos foram imediatamente submetidos á disciplina e manejo das armas por um fazendeiro que se achava, por acaso, na vila e que, embora ostentando as insignias de alferes da guarda-nacional, se revelou inteiramente ignorante da tarefa empreendida.

O Juiz de paz foi imediatamente chamado da fazenda e mensageiros expressos enviados à cidade de Goiaz para levar a notícia ao presidente, bem como às vilas intermediárias. Expediram-se igualmente ordens aos diferentes lugares do distrito para que se convocasse toda a guarda-nacional. Ao cabo de quatro ou cinco dias haviam apparecido na vila mais de cento e quarenta homens, armados, quase todos, com suas espingardas de caça; mas não havia nem mosquetes, nem pólvora, nem bala. Os que não possuíam espingardas vinham armados de longas facas, firmemente atadas na ponta de curtas hastes. Como as de Piauí, formava esta tropa o grupo mais mesclado possível, com gente de todas as côres e tamanhos, sem nenhum uniforme. Ficaram em exercícios militares por uns oito dias, ao cabo dos quais chegou noticia de que as informações anteriores haviam sido prematuras, porquanto os rebeldes, em número de uns quinhentos homens, todos bem armados, ainda estavam em Alcântara.

Logo que recebeu estas informações o Juiz de paz despediu a tropa, com exceção de dez homens, conservados como guarda para a defesa da vila. Em proporção com o numero de habitantes do distrito os guarda-nacionais reu-

nidos nesta ocasião foram mais numerosos que de qualquer distrito de Piauí. Dúvido, porém, que metade deles acudisse a uma segunda chamada. Porque estes pobres homens, tão repentinamente chamados para longe de casa e da família, muitos deles em longas jornadas feitas a pé, não ficaram satisfeitos com o tratamento recebido das autoridades. Nenhum alojamento lhes fôra preparado, exceto uma velha casa, de paredes pouco acima do chão, onde os arrumaram mais como porcos em chiqueiro, que como seres humanos em uma habitação. Se fizesse bom tempo, a maior parte deles teria preferido dormir ao relento; mas, infelizmente, por esse tempo chovia muito à noite. Além disto, durante todo o período de sua permanência na vila, nem um vintem se dispendeu com provisões de boca para os guardas, que, se não fosse a caridade de alguns habitantes da vila, ou teriam cortido fome ou teriam de obter alimento à força. Quando alguns dentre eles recorreram ao juiz de paz, este lhes declarou que não gostava de votar para fins de alimentação os fundos pertencentes á vila, porque esses se destinavam á ereção de uma cadêia nova que tinham planejado construir.

Poucas horas antes de se dispersarem finalmente, reuniram-se na igreja para ouvir missa, depois da qual o juiz deu a cada um deles um copo de cachaça, única recompensa de seus serviços.

Quando chegou da primeira vez a notícia de que os rebeldes haviam entrado em Porto Imperial, vários dos habitantes da vila, que tinham alardeado, por antecipação, seus feitos de bravura, caso o inimigo avançasse ao sul até Arráias, foram os primeiros a enfardelar seus valores, prontos a abalar ao primeiro alarma; e nenhuma das mulheres se via com anéis nos dedos, ou brincos nas orelhas, ou colares de ouro no pescoço, como era de seu costume.

Chegada afinal a estação própria das viagens, veio-me o desejo de recommençar minha jornada, de modo a chegar ao

Rio de Janeiro, se possível, antes das próximas chuvas. Graças à bondade de meu excelente amigo, o senhor Lagueira, que supriu de sua fazenda a maior parte de nossas provisões, meus recursos monetários não tinham sido muito diminuídos durante a permanência em Arráias. Por minha profissão ganhei ainda mais do que despendi e com isso pude acrescentar à minha tropa quatro ótimos cavalos, que agora se elevavam, ao todo, a dezesseis. No dia 4 de maio fui a Sapé, afim de me despedir do amigo e trazer de volta os cavalos que lá estavam pastando desde nossa chegada. Sabedor de minha próxima partida, o fazendeiro tinha preparado um boi e outros artigos de provisão para nossa jornada.

Minha separação deste homem verdadeiramente bom, com quem, em país estrangeiro, eu tinha vivido em íntima amizade, de quem recebera mostras de bondade nunca antes esperadas, e com quem não tinha nenhuma probabilidade de me encontrar novamente na vida, causou-me um sentimento de depressão que ainda perdurava muitos dias depois da partida.

## CAPITULO XI

### DE NATIVIDADE, A ARRAIAS

(continuação)

*Partida de Arraias — Razões de preferência pela rota ao longo da Serra Geral — Passagem por Gameleira — Bonita — Chegada a S. Domingos — S. João — S. Bernardo — Fatos curiosos a respeito do Rio S. Bernardo — Passagem por Bôa Vista — A região consiste em elevados planaltos — Suas produções naturais — Chegada à Capela da Posse — S. Pedro — Santo Antonio — Dôres — Riachão — Animais grandemente atormentados por morcegos — Hábitos destes vampiros — Chegada a S. Vidal — Bandos de gafanhotos — Passagem por N. S. da Abadia — Campinas — Pascuada — S. Francisco — Travessia do rio Carinhonha e entrada na província de Minas-Gerais — Descrição da região — Costumes do tamanduá grande — Passagem por Capão de Casca — Descida da Serra das Araras — Chegada a S. José — Rio Claro — Boqueirão — S. Maria — Espigão — Taboca — S. Miguel — Travessia do rio Urucuia — Passagem pelo Riachão — Chegada a S. Romão — Descrição da movila — Sua população — Hábitos do povo — Rio S. Francisco — Descrição das diferentes variedades de salmão aqui encontrados.*

Completos os necessários preparativos, partimos de Arraias na tarde de seis de maio, com o propósito de chegar à Vila de S. Romão no Rio S. Francisco; mas, em lugar de seguir na direção sul ao longo da base ocidental da Serra Geral até o paralelo de S. Romão, caminho geralmente seguido pela gente do país, preferi o menos frequentado e, por conseguinte, mais difícil, que segue ao longo da própria serra. Minhas razões para adotar este plano eram, primeiro, porque a zona baixa ao oeste já tinha sido percorrida por Pohl Burchell e parte por Spix e Martius; segundo, porque sempre preferi as regiões elevadas, por causa da maior diversidade de vegetação que nelas se encontra.

Fomos acompanhados até cerca de meia légua fóra da vila por alguns dos mais respeitáveis habitantes. Logo depois da volta de meus amigos, descemos a Serra em que se ergue a Vila, em caminho muito pedregoso; mas a descida não era tão grande como a subida do lado oposto; e, embora nos achássemos em região relativamente plana, estávamos ainda assim em considerável altura.

Após meia légua de caminho, acampamos por essa noite debaixo de algumas árvores ao pé de um riacho. Aqui suspendemos nossas redes, mas logo depois de meia-noite o frio se tornou tão grande, devido ao vento que soprava da Serra, que nos foi impossível dormir; e folgamos de levantar-nos muito antes de clarear o dia para nos sentarmos em roda de um grande fogo, desses que era nosso costume acender todas as noites que dormíamos ao ar livre.

Uma jornada de quatro longas léguas no dia seguinte levou-nos à fazenda da Gameleira, onde pernoitamos debaixo de uma grande figueira, porque só havia ali uma pequena casa pertencente ao vaqueiro. Esta fazenda é propriedade de uma senhora viuva, D. Maria Rosa, em cuja casa passamos algumas horas da tarde. Logo que deixamos Gameleira entrámos em uma floresta virgem, inteiramente diversa das que eu tinha visto desde que partira da província do Rio de Janeiro e que não supunha encontrar na região que percorriamos. Continha numerosas e grandes árvores cheias de orquídeas. A floresta tinha cerca de uma légua de extensão, depois da qual entrámos em um alto tracto, de pouca mata, onde parámos para almoçar, debaixo de umbrosa e bela gameleira. De tarde vencemos mais duas léguas, indo pernoitar em uma fazenda chamada Mangé, à qual chegámos através de uma chapada de muito pouca mata.

Na manhã de nove, após uma caminhada de légua e meia, descançamos a beira de um pequeno ribeiro, à sombra de buritis.

A primeira parte da jornada foi em região montanhosa e pedregosa, com baixos tractos intermediários cobertos de mata; mas a última parte foi feita através de uma bela zona de campos abertos e relvosos, com uma ou outra grande árvore copada. Durante a tarde viajamos em região inda mais bela que a percorrida pela manhã.

Subimos uma ligeira elevação que conduzia a uma chapada, relativamente de pouca mata, mas abundante de um grama viçosa, uma espécie de *andropogon*, crescendo em grandes tufos isolados, de cerca de três pés de altura; passando-a, entramos em uma região de campos abertos. Do término da chapada descortina-se bela vista de uma grande serra que corre de norte para sul, não de grande altura, e quase inteiramente plana até onde a vista podia alcançar: é esta a face ocidental da mais elevada porção da Serra Geral. Só bem depois do sol posto podemos achar um sitio conveniente para acampar; mas, como a lua brilhava em céu limpo, avançamos sem dificuldade. O sitio onde afinal fizemos alto era por debaixo de pequenas árvores à beira de uma mata, porém mal suspeitamos a praga que iamos encontrar: em menos de meia hora percebemos que estavamos com o corpo carregado de carrapato miudo. Como era tarde demais para mudar de alojamento, o único remédio foi deitar fogo na grama em roda do acampamento. Feito isto, lavamo-nos com uma forte infusão de fumo, que destruiu os carrapatos, e depois nos banhámos em agua tépida para prevenir o mau efeito do fumo, remédio habitualmente usado pelos vaqueiros, cuja occupação os leva diariamente a lugares infestados por estes terríveis insetos. Precavidos assim contra novos ataques desta peste, dormimos regaladamente; e, prosseguindo na jornada bem cedo na manhã seguinte, percorremos três léguas e meia de uma região plana, arenosa e coberta de moitas, chegando pelo meio-dia a uma fazenda chamada Bonita, onde permanecemos até o dia seguinte. °

A pequena casa pertencente ao dono da fazenda está situada em ligeira eminência, donde se descortina belo pa-



norama da Chapada circunvizinha. Vivia o fazendeiro outrora em um sítio um tanto baixo a pouca distância dali; mas de lá se mudou para este lugar, porque sua família sofria constantemente de febres intermitentes; e, conquanto a diferença de nível de um para outro lugar seja apenas de cem pés, o certo é que as febres não voltaram.

Pela manhã passou pela fazenda o juiz de paz do distrito, que mora a umas léguas ao norte da fazenda, e, sabendo que éramos estrangeiros e estávamos para visitar o Arraial de S. Domingo, pequena aldeia dali a duas léguas e meia de distância, disse-me que estava em caminho para lá, ele próprio, e que sua casa, só ocupada em ocasiões de festa, estava inteiramente ao meu dispôr durante minha permanencia ali. A distância da fazenda Bonita à aldeia, dizem que é de duas léguas e meia, mas foram das léguas compridas. A estrada até bem perto da aldeia é sofrivelmente plana e geralmente arenosa, tornando-se depois mais montanhosa e pedrenta. Segue em direção ao sul ao longo da base da Serra Geral, mas geralmente uma milha ou mais para o oeste dela. O topo da Serra continuava a ser plano, com uma face precípite, de roda amarelo-avermelhada. Logo adiante da fazenda Bonita avista-se ao sudeste um alto pico piramidal, da mesma elevação da Serra, apresentando rara semelhança com uma enorme obra de arte: fica a cerca de um quarto de milha da Serra e assenta em larga base regular.

Chegámos ao arraial de S. Domingos pouco antes do pôr do sol e nos alojámos na casa do juiz de paz. Como as demais habitações era feita de grandes tijolos crus, com as repartições formadas de um tecido de varas, barreadas de argila alisada pela mão do trabalhador e toda ornamentada de traços deixados por seus dedos.

A aldeia ergue-se entre pequenas colinas a coisa de uma légua ao oeste da Serra Geral: é muito pequenina, contendo cerca de quarenta casas, muitas das quais, pertencentes aos fazendeiros; inhabitadas, exceto ao tempo das festas. Corre perto dela um límpido rio, muito rá-

pido, mas que não tem peixes, porque são impedidos de subí-lo, por uma catarata existente a pouca distancia abaixo da aldeia.

Aqui ficámos por dois dias, esforçando-nos por alugar outro homem que nos ajudasse no cuidado da tropa; mas tivemos grande dificuldade em encontrá-lo, posto houvesse muito moço desocupado, sem disposição de trabalhar para ganhar a subsistência.

Aqui se ouve dizer constantemente que, para cada dez que trabalham, ha noventa que nada fazem e sustentam a mísera existência pela caça, ou pelo roubo de seus semelhantes mais industriosos. Tendo ouvido falar de um homem que já havia feito uma viagem a Minas Gerais, mandei chamá-lo e achei-o disposto a alugar-se ao meu serviço; mas, quando estavam concluindo o ajuste, chegou a esposa e insultou-me desabridamente por aliciar-lhe o esposo para deixá-la.

Ela era uma mulata, velha e feia, e, o que mais me surpreendeu, escrava, ao passo que ele, mulato tambem, era livre e muito mais moço. Pouco mais haviam feito senão brigar nos seis anos de casados e o marido parecia agora resoluta a livrar-se dela, dizendo-lhe que, embora ela o tivesse governado tanto tempo, doravante não o faria mais. Não conseguimos, porém, conciliá-la, senão depois que o homem lhe prometeu que não ficaria comigo por mais de um mês. Quando expirou esse prazo, não se sentindo inclinado a voltar, foi comigo até o distrito do ouro, onde obtive emprego em uma das minas.

Tudo pronto enfim, partimos cedo na manhã de 14, e, viajando na direção do sul, sempre do lado oriental da serra, chegamos na manhã seguinte a uma fazenda chamada S. João e, como nossas provisões estavam quase extintas, resolvi obter novo suprimento aqui, se possível. Indagando a este respeito do proprietário da fazenda, este me informou de que, não havendo gado perto da casa, teríamos de esperar pelo menos dois ou três dias, o tempo

de se trazer um boi ou vaca da invernada, que ficava a sete léguas dali: aceitei a condição, nem havia outro alvitre, visto que estávamos numa zona onde as provisões são sempre difíceis.

De tarde fui banhar-me em um riozinho que corre a pouca distância da casa e, vendo uma planta em flor entre umas moitas da margem, ali entrei para colhê-la; mas verifiquei, ao sair, que tinha pago caro a flor, porque minha camisa e calças, bem como as minhas mãos e pés, estavam pretos de carrapatinhos. Como não havia tempo a perder, puxei fora as calças e atirei-me nagua. Deu-me trabalho limpar destes insetos minha camisa e calças. Mas depois disso tomei sempre muito cuidado de não andar naquelas vizinhanças.

Só na manhã do segundo dia é que nos foi trazida e imediatamente sacrificada uma vaca bem nutrida; mas a carne não se secou bastante para o acondicionamento senão outros dois dias mais tarde.

O dono da fazenda, capitão Faustino Vieira, mostrou-se de índole avarenta e muito menos hospitaleiro que os outros fazendeiros que conheci nesta província. Embora sua casa fosse boa e cômoda, tivemos de nos instalar em rancho aberto, que servia para cobrir o engenho de cana da fazenda. Cobrou-nos, o fazendeiro, os preços mais exorbitantes por tudo o que lhe comprámos, exigindo pela carne de vaca cinquenta por cento mais que o preço corrente naquela região do país e fez o mesmo com relação à farinha e ao milho para os cavalos.

No dia da nossa partida de S. João fizemos jornada de três longas léguas e pernoitámos na fazenda de S. Bernardo. À tarde, ao passar entre duas árvores, um dos cavalos quebrou sua albarda e, para repará-la, tivemos que falhar aqui o outro dia; neste intervalo fui fazer pesquisas botânicas em um grande paúl através do qual corre pequeno rio. Este rio, como vários outros do mesmo tamanho, que atravessámos antes e depois que deixámos a fazenda de

S. João, perde-se sob uma serra baixa de pedra calcárea, que corre paralela com a Serra Geral, quase duas léguas ao oeste dela. Estes rios nascem na Serra Geral e entram, ao que dizem, embaixo da cadeia acima referida, onde se unem, e a distância de mais três léguas para o oeste reaparecem na superfície da terra em uma corrente, formando o Rio Pardo, que depois se lança no Rio Paraná. Uma pessoa da fazenda levou-me a ver o sítio onde o rio, que aqui passa, desaparece na montanha; e, contra minha expectativa, observei que o rio não entra por uma caverna aberta, porém, sim, por uma abertura muito abaixo da superfície da agua, formando o que os brasileiros chamam sumidouro: a corrente, aqui muito rápida, bate de encontro à face quase perpendicular da rocha calcárea e, formando uns poucos de remoinhos, perde-se na voragem em baixo. Por estas correntes os restos de muitos dos animais da região devem ser sepultados nas profundas cavernas por onde elas passam e não é impossível que tais depósitos formem, em épocas remotas do futuro, temas de especulação dos geólogos.

Como a tarde ia já adiantada quando partimos de S. Bernardo, não pudemos fazer senão uma legua de caminho em região muito semelhante àquela do lado oposto de S. Domingos. Ao dia seguinte, depois de longa legua e meia de marcha, parámos para o almoço em uma pequena habitação chamada Boa Vista, nome mal posto, porque o sítio, além de côncavo, é cercado de montanhas. A casa era de miseravel aspecto, mas sua velha dona, muito atenciosa e cortês, ofereceu-nos umas limas que saboreamos com delícia, depois de escaldados por um sol de fogo.

A região aqui é de superfície ondulante, bem coberta de matas, embora a terra seja fraca, por muito arenosa. Durante estas viagens minhas coleções foram enriquecidas de muitos e belos exemplares de arbustos e plantas herbáceas; porque os campos arenosos e sêcos abundam em numerosas espécies de *diphysodon*, elegante arbustozinho de

flores côr de rosa, além de que as porções de maior umidade me deram basta colheita de curiosas variedades de *eriocaulon*, bem pouco semelhante à nossa humilde espécie britânica, porque é alto e ramificado, e notavel tambem pelos grandes e brancos tufos de flores que apresenta na extremidade.

À tarde fizémos outra caminhada de duas léguas por uma estrada que cortava uma região alta e montanhosa, com várias ascensões graduais que terminam sempre em chapadas arenosas e de pouca mata.

Depois de uma légua de caminho, chegámos bem perto da Serra Geral e continuando a jornada ao longo da sua base, encontrámos um sítio muito conveniente, onde acampamos embaixo de algumas árvores à beira de um charco aberto, no meio do qual se erguia grande bosque de buritizeiros. Tínhamos estado subindo gradualmente, porque não estávamos a mais de duzentos pés abaixo do cimo da serra: essa elevada situação, bem como forte brisa que começou a soprar depois do sol posto, deu-nos uma noite de mais frio do que tínhamos experimentado havia tempo.

Outra jornada de duas longas léguas por alta e bela região levou-nos por volta do meio-dia a uma aldeiazinha chamada Capela da Posse. Era uma zona em grande parte de superfície ondulante; e a estrada às vezes cortava grandes campos abertos, com pequenos grupos de buritis e outras palmeiras, às vezes passava através de baixadas densamente cobertas de árvores; e, não de raro, ao longo das bastas moitas às margens de charcos abertos e arenosos, abundando em curiosos *eriocaulons*.

A poucas milhas de Posse, a cordilheira descreve uma curva para sudeste e, por consequência, a estrada diverge da Serra para ganhar a aldeia, que jaz ao sul, cercada de uma região plana, sêca e muito arenosa, coberta com uns poucos arbustos e árvores enfezadas.

A aldeia era miseranda, com meia dúzia de casas e uma pequenina igreja, e tão pobre, que não pode sustentar um padre: o que ali viera, cerca de um ano antes de nossa chegada, para residir no lugar, foi-se embora, ou porque os habitantes não podiam ou porque não queriam pagar-lhe mais que metade do salário prometido.

Era já tarde no dia seguinte quando partimos, porque tive de me demorar para pôr em ordem a vasta coleção feita entre S. Domingos e esta aldeia.

Até então havíamos evitado viajar na parte superior da Serra, pela dificuldade de encontrar agua; mas de Posse para diante a região relativamente plana e arenosa confunde-se com a cordilheira e por isso nossa rota era agora na direção sudeste. Na segunda noite após nossa partida chegámos a um pequeno povoado chamado S. Pedro, a cinco léguas de distância: meia dúzia de casas pequenas e uma capelinha.

Passámos a noite em um rancho, entre duas das casas; e, ao nos levantarmos no outro dia, Mr. Walker deu pela falta de algumas de suas roupas: e foi sorte que não faltassem outras coisas, porque depois soubemos que o lugar nada mais era que um covil de ladrões.

Contou-nos o fazendeiro, de quem houvemos esta informação, que, quando tinha ocasião de dormir ali, se levava consigo algum dinheiro, sempre o escondia na moita ali perto até a manhã seguinte.

Em todo o decurso de minhas viagens sempre evitei, o quanto possível, dormir ao ar livre, onde quer que se vissem duas ou três casas juntas; quando não, era certo desaparecer uma ou outra coisa. E, com efeito, ao tempo da sêca e onde os lugares a isso se prestam, é sempre preferível acampar a alguma distância de qualquer habitação, especialmente em distritos escassamente povoados.

Ao dia seguinte apenas caminhámos légua e meia; passamos a tarde e a noite na fazenda de S. Antonio, de propriedade de um preto muito hospitaleiro. Partindo

daquí cêdo na manhã seguinte, uma jornada de duas longas léguas levou-nos à fazenda chamada Dores, abandonada, fazia já algum tempo, por seus moradores. A região que ali percorremos era quase toda uma contínua e elevada planície arenosa, com um ou outro grande campo apaulado, nos lugares onde havia algum ligeiro declive.

A meio caminho encontramos longo e estreito vale, no meio do qual corria pequeno, mas profundo rio, de rápida corrente, que passámos em velha e misera ponte feita de dois troncos, de árvores, atravessados de uns paus menores e mal ajustados. Foi-me um alívio ver atravessar sem incidente o último dos cavalos, porque havia grande risco de suas patas escorregarem entre os paus cruzados.

De tarde caminhamos mais uma légua até a fazenda da Picada, que era, como quase todas as outras recentemente encontradas, muito pequena. Pertencia a um mulato, chefe de grande família e que não parecia estar em circunstâncias muito folgadas. Entre as numerosas plantas colecionadas nesta jornada, uma havia cuja raiz é afamada entre os habitantes deste distrito, pela sua virtude de curar picadas de cascavel. É uma espécie de *trixis* sufrutescente, de cerca de quatro pés de altura, com grandes folhas viscosas; a raiz tem um cheiro almiscarado e dizem mesmo que só o cheiro é suficiente para matar uma serpente.

Chamam-lhe raiz-de-cobra.

Partimos cêdo de Picada, mas não tínhamos andado mais de uma légua quando fomos detidos por um acidente, sofrido pelo guia indio que eu ajustára em Arraias: ia indo ele atrás de outro homem que montava um cavalo novo e fogoso, quando, de repente, talvez pela picada de algum inseto, o animal, espantando-se, lançou para o ar as patas traseiras atingindo o indio com violenta pancada no estômago, e depois partiu a galope, lançando por terra o cavaleiro, que, felizmente, nenhum mal sofreu,

Mandei adiante a tropa sob os cuidados de Mr. Walker enquanto eu ficava para trás para atender ao pobre indio, que parecia estar sofrendo muita dôr. Ele se sentiu bastante aliviado com um pouco d'agua, pela qual teve de esperar longo tempo até que a achassem; foi depois posto sobre um cavallo manso e guiado devagar à casa mais próxima, a duas milhas de distância; mas ao chegar estava tão abatido, que não se lhe sentia o pulso. Depois de tomar uma chicara de chá quente, único estimulante que se pode obter, melhorando-lhe o pulso, eu lhe fiz um sangria que o aliviou consideravelmente.

Pouco a pouco foi-se recobrando, de modo que pudemos prosseguir em nossa jornada na tarde do outro dia.

Parámos em um lugar chamado Riachão, com três casas, a distâncias de um quarto de milha uma da outra. Aqui pela terceira vez depois que partimos de Arraias, pude comprar para os meus cavalos um pouco de milho, de que muito precisavam, porque os pastos eram fracos, de um capim grosseiro, sêco e pouco nutritivo.

Os habitantes do distrito são tão desesperadamente preguiçosos, que mal plantam qualquer coisa suficiente à sua própria alimentação, posto que cada familia tenha à disposição terras ilimitadas para plantar.

Por várias noites antes de nossa chegada a este lugar os animais foram grandemente perseguidos por morcêgos, numerosissimos na Serra, onde moram em cavernas de pedra calcárea. Na noite em que passámos em Riachão toda a tropa sofreu mais que em qualquer ocasião anterior.

Todos tinham no pé ou nas costas um ou mais coagulos de sangue escorrido das feridas feitas e sugadas pelos morcêgos até se saciarem. Quando o animal traz no ombro uma pizadura preferem este ponto para a incisão. O dono da casa onde parámos disse-me que não podia criar gado aqui por causa da devastação dos morcêgos nos bezeros, de modo que ele era obrigado a tê-los longe dali, em um lugar mais baixo da região. Nem sequer os porcos escapavam aos ataques dos morcêgos.



As singulares criaturas causadoras de tamanhos estragos constituem o gênero *phyllostoma*, assim chamados por causa do apêndice em forma de folha de seu labio superior. São peculiares ao continente americano, distribuindo-se pelo imenso territorio entre o Paraguai e o Istmo de Darien. Sua lingua, que é susceptivel de consideravel projeção, é provida na ponta de numerosas papilas que parecem dispostas de maneira a formar um órgão de sucção e seus lábios têm também tubérculos simetricamente dispostos. São os famosos vampiros, de que vários viajantes têm feito tão espantosas descrições e que quase destruíram os primeiros europeus estabelecidos no novo mundo. Os molares do verdadeiro vampiro ou morcego gigante (*Spectre bat*) são decididamente de carnívoro, sendo os primeiros curtos e rombos, e os outros agudos e cortantes e terminando em três ou quatro pontas. Tem-se imaginado que ele se serve da lingua áspera para abrir a pele afim de chupar mais facilmente o sangue, mas os zoologistas são agora concordes em afirmar que tal suposição é inteiramente sem base.

Tendo cuidadosamente examinado, em muitos casos, as feridas assim feitas em cavalos, mulas, porcos e outros animais, observações confirmadas por informações recebidas dos habitantes das partes setentrionais do Brasil, sou levado a crer que a picada feita pelo vampiro na pele dos animais é praticada pela unha aguda e curva do polegar, e que da ferida assim feita chupa o sangue pela sucção dos lábios e da lingua. Que estes mocêgos atacam o homem tanto como os animais é fora de dúvida; por que me mostraram muitas vezes as cicatrizes das picadas nos dedos de pé de muitos que lhes sofreram o ataque; mas nunca observei um caso recente.

Os morcêgos atingem grande tamanho; alguns que matei mediam dois pés entre as pontas das asas.

Ia a tarde adiantada quando deixámos Riachão e fomos para um lugar adiante, debaixo de umas árvores, à

beira de pequena lagôa, porque nos haviam dito que a aguada mais próxima ficava a mais de uma légua adiante. Estavamos agora viajando ao longo da chapada e notei que os pequenos regatos que tínhamos vindo atravessando, havia algum tempo, corriam todos para a leste, desembocando no Rio S. Francisco. Sentimos frio durante a noite, além de sermos muito molestados por uma espécie de mosquito grande, cuja picada era dolorosa, e que nos inchou o rosto e as mãos até o outro dia. Não saímos daqui senão ao meio dia, por se ter extraviado para longe um de nossos cavalos; mas a perda de tempo foi compensada por ampla colheita botânica nos arredores.

Passávamos agora por uma densa floresta em um re-côncavo e a estrada era péssima em consequência do grande número de grandes rochas calcáreas ali abundantes.

O resto da jornada desta manhã, légua e meia, foi em região plana e aberta, um tanto arenosa; fizemos alto por pouco tempo à beira de outra lagôa, onde tínhamos boa agua e pasto para os cavalos. À tarde vencemos mais duas longas léguas e pousamos em pequena fazenda chamada S. Vidal. Duas léguas além alcançamos as margens de pequeno rio, profundo demais para dar passagem aos animais com suas cargas.

Disseram-nos em S. Vidal que encontraríamos uma ponte, mas só encontrámos uns restos dela: depois de longa procura na margem encharcada, achámos afinal um lugar que servia de vau, pelo qual passaram os meus homens com as cargas na cabeça, tarefa que nos levou hora e meia. Parámos na margem oposta do rio à sombra de uma grande *vochysia*, então coberta de suas longas vergôntes de flores amarelas.

Durante o tempo da travessia do Rio e ainda por mais de uma hora depois passou um imenso bando de gafanhotos de côr parda, voando do sul para o norte. Não voavam continuamente, mas pousavam em terra e partiam de novo em curtos intervalos e milhares deles, caindo no rio,

eram levados pela corrente. Não voam acima de doze pés do solo e seu continuo subir e descer dá aos ares a aparência de queda de flocos de neve.

A região que percorremos depois de partir de S. Vidal é quase toda uma continua planície, baixa e arenosa, com poucas e pequenas árvores, entre as quais de vez em vez aparecia uma bela palmeira, com tronco de uns dez pés de altura; largos tractos tinham sido recentemente queimados, como é costume nesta estação.

Em vários lugares são estas planícies belamente ornadas de uma espécie nanica de *deplusodon*, coberta de flores côr de rosa e pequenas folhas, que me faziam lembrar das urzes de minha terra natal. Era tambem muito comum uma velosia, com tronco de cerca de quatro pés de altura, bem como diversas belas palmeiras sem tronco.

À tarde avançamos mais légua e meia e passámos a noite debaixo de árvores à margem de pequeno rio muito semelhante ao que atravessamos de manhã. Em toda a jornada deste dia fomos sériamente molestados por numerosos gafanhotos retardados que seguiam o bando e que nos batiam no rosto, quase cegando-nos. Minha macaquinha divertia-se em apanhá-los ao passar e comia-os como alimento predileto: para que não lhe escapassem, porque às vezes tinha três deles nas mãos, cortava-lhes a cabeça com os dentes assim que os apanhava.

O rio em cuja margem norte dormimos era muito fundo e sua ponte tinha sido quase carregada pelas enchentes, de sorte que, para atravessá-lo, teríamos o mesmo trabalho de carregar à mão toda a bagagem.

Gastamos nisto uma hora e sem perda de tempo retomámos o caminho, na esperança de chegar a alguma habitação onde pudessemos averiguar se estávamos no caminho certo para uma pequena povoação, chamada N. S. de Abadia, pela qual eu desejava passar.

Passado o rio, subimos uma baixa colina, cujo topo é uma chapada de matas um tanto cerradas, que levamos quase meia hora para atravessar. Feito isto, avistámos a

certa distância, em um recôncavo, umas poucas de casas pequenas com uma igreja, que eram a povoação procurada.

Era meia duzia de pequenas e miseras choças feitas de varas barreadas e cobertas de palmas.

A igreja era de igual construção. As casas, todas em ruínas, eram deshabitadas, com exceção de uma só, em que morava uma mulata com umas poucas crianças.

Perguntei à mulher se podia ensinar-nos o caminho de Arraial Formoso, ao que ela só soube responder que ficava a três léguas dali, porque nunca lá fôra, nem nunca se distanciara meia legua do sitio onde vivia: mas, se fôssemos à casa do juiz de paz, teríamos a informação precisa. Fomos: sua casa era pouco melhor que as que acabavamos de deixar e o próprio juiz, um homemzinho magro e velho, com uma barba grisalha, que parecia nunca ter conhecido navalha. Quando lhe perguntei, como de costume, se nos podia dar licença de passar a tarde com ele, disse-nos que sentia não nos dar acomodação, porque dois viajantes comerciais do Rio de S. Francisco já ocupavam o único quarto disponível da casa. Como fazia bom tempo, descansámos à sombra de uma grande árvore chamada *pau paraíba* (*Simaba versicolor*, St. Hilaire) que se erguia em frente da casa.

Ainda desejoso de dar aos cavalos uma ração de milho, pedi ao velhinho o favor de vender uma pequena quantidade, ao que ele respondeu que não dispunha de um só grão daquele alimento.

Nisto não pude acreditar, porque via montes de palha pelo terreiro e pouco depois um escravo do lugar informou um dos meus camaradas de que seu senhor tinha milho em abundância. Durante o dia, tendo sabido da minha profissão, veio consultar-me sobre um incômodo de peito de que vinha sofrendo por uns oito dias passados. Tratei-o friamente, dizendo-lhe que, uma vez que ele tinha bastante milho, eu não o atenderia enquanto ele não me vendesse

o necessário para alimentar meus cavalos. Confessou que tinha um pouco e ia ceder-me o que pudesse. Daí a meia hora mandou-me um alqueire, pagando-lhe eu imediatamente o preço usual, cerca de dois chelins. Examinando-o, vi que ele estava sofrendo um leve ataque de inflamação dos pulmões, pelo que lhe fiz uma sangria e dei-lhe alguns remédios para beber. Não pude, porém, atinar com o motivo de me recusar a princípio vender o milho: apenas sei que meus conhecimentos agiram como que por magia para obtê-lo.

Quando partimos, o juiz de paz nos ensinou o caminho para Formoso, mas não foi bastante claro, como se vai ver. Saindo cedo, pretendíamos fazer longo percurso e, depois de caminhar duas longas horas, chegámos a uma pequena casa em um recôncavo, onde encontrámos um negro e um mulato fazendo farinha de mandioca. Por eles soubemos que tínhamos errado o caminho de Formoso e, tendo-lhes pedido licença de pernoitar ali, disseram-nos que havia pouco adiante melhores acomodações. Como a choça deles era pequena, tocámos para o lugar indicado, com esperança de achar bom abrigo, porque estivera trovejando a tarde inteira e o céu ameaçava chuva; mas, tendo viajado meia hora sem encontrar sinal de habitação, chegámos ao escurecer junto a um pequeno rio lodoso, e, ao atravessá-lo, um dos cavalos caiu com sua carga de espécimês de plantas sêcas, que ficaram inteiramente molhadas, revés tanto mais deploravel por serem as mesmas que tinham sofrido o mesmo acidente na viagem de Duro a Natividade.

Passado o rio, avançamos bem depressa por mais meia hora, chegando a uma pequena casa deserta e ruínosa, mas cujo teto estava quase intacto, e onde ficámos por essa noite. Estavamos indignados contra os homens que de propósito nos haviam dado informações falsas, porque, justamente quando começávamos a descarregar a tropa, caiu forte chuva acompanhada de vento impetuoso. Co-

brimos o melhor possível o teto e as paredes com couros de boi, o que não impediu que se passassem duas horas sem que pudessemos conservar acesa uma vela. Pela meia-noite a tempestade cessou e pudemos então acender em frente da casa grande fogueira que nos aqueceu e enxugou.

Na manhã seguinte examinámos as coleções que se tinham molhado e, como fazia sol, pusemo-las a enxugar espalhadas no papel que as embrulhava. Como a tarefa durou o dia todo, passámos a noite seguinte no mesmo abrigo. À tarde dei um passeio nas margens do pequeno rio que corre para uma lagôa próxima e orlada em ambos os lados de buritis e outras árvores e arbustos, colhendo na passagem bom número de belas plantas.

Na manhã seguinte, antes de partirmos, Mr. Walker, ao procurar uma argola para fixa-la na extremidade de uma das canastras, escapou por um trís de ser picado por uma cascavel: a argola fôra deixada em um canto do quarto e, ao procurá-la com a mão no escuro, apalpou um objeto mole que esteve para erguer, quando viu com horror que era uma serpente. Matámos sem perda de tempo o terrível réptil que media quase cinco pés de comprimento.

Eu havia dormido a noite inteira a dois pés de distância dele.

Partimos deste lugar na manhã de primeiro de junho e após uma legua de viagem avistámos algumas casas que supúnhamos serem de Formoso, mas fomos informados de que o lugar se chamavam Campinhos e que o do nosso destino ficára para atrás, um pouco para o oeste. Meia legua adiante parámos durante o dia na casa de um índio, em um lugar chamado Pasquada. Quando chegámos, o homem estava trabalhando na roça, mas sua mulher nos recebeu com grande hospitalidade, mandando imediatamente um de seus filhos levar-nos um grande cesto de laranjas e outros de batatas doces e ovos, tratando-nos bem diferente do modo a que estávamos ultimamente acostumados.

Deste lugar a duas léguas acampámos à noite debaixo de grande árvore chamada pelos habitantes folha-larga (*Salvertia Convallariodora*, St. Hilaire).

A região continuava a ser da mesma natureza da que vinhamos percorrendo desde que atingimos o alto da serra. Nas chapadas sêcas e relvosas encontrei uns espécimes de bela planta amarantácea que Martius descreveu sob o nome de *Gomphrena officinalis* e é bem conhecida do povo pelo nome vernáculo de para tudo. Tem grande raiz tuberosa, que é muito usada como purgativo e, como o nome implica, é remédio para todas as doenças. A haste, penugenta e folhuda, tem cerca de um pé de altura e na ponta um tufo compacto de flores carmesins.

Passámos uma noite terrivelmente fria e tivemos de deixar as redes várias vezes para nos aquecermos ao fogo. Tivéssemos avançado mais uma milha e chegaríamos a uma bôa fazenda, mas só soubemos que ficava tão perto de nós quando o galo cantou de madrugada. Parámos durante o dia seguinte em uma fazenda chamada S. Francisco, a duas léguas do último pouso.

Desde o tempo em que partimos de Arráias os cavalos vinham gradualmente perdendo as forças por causa da má qualidade das forragens, visto que dependiam quase inteiramente da grama ordinária e pouco nutritiva dos pastos da montanha. Estavam também acostumados a um clima mais quente que o do alto da serra, onde estávamos expostos a um gelado vento de sudeste, que era particularmente penetrante durante a noite. De dia, especialmente quando o ceu era escampo, o calor era excessivo, tornando-nos por isso mais suscetíveis ao frio da noite.

Em Riachão fui obrigado a trocar dois dos meus cavalos que não podiam ir para diante e, percebendo aqui que meu próprio cavalo, no qual tinha constantemente viajado desde que partira de Icó, na província do Ceará, mal podia agora acompanhar os outros, achei necessário substituí-lo por outro. Fi-lo muito a contra-gosto, como quem

se separa de um amigo, porque nos havíamos acostumado um ao outro. Meu cavalo castanho fôra trocado por outro, todo branco, de basta clina e cauda.

Não ficou, porém, muito tempo em meu poder, porque o roubaram logo depois que atravessámos o Rio S. Francisco.

Deixando a fazenda de S. Francisco, passámos de caminho pela primeira casa que diziam ficar a três leguas de distância; mas, como as leguas nestas paragens são ainda muito mais longas que as das partes mais povoadas de Goiás, a distância era, na realidade, muito maior. Pelo lusco-fusco acampamos embaixo de umas pequenas árvores (*Magonia glábrata*. St. Hilaire), em cujos ramos suspendemos nossas redes.

Alguns dos grandes campos relvosos e ondulantes por onde passámos, entre a fazenda e o pouso, tinham sido queimados semanas antes.

Estavam agora cobertos de bastas plantas erbaceas em plena florescência. Notei que nas partes que o fogo não tocara as mesmas plantas estavam atrasadas, não havendo nenhuma em flôr; mas pelos tractos queimados, a grama nova brotava viçosa, prometendo proxima e excelente pastagem para o gado.

Na manhã seguinte, tendo caminhado meia légua, chegamos ao rio Carinhenha, linha divisória entre a província de Pernambuco, em cujo ângulo de sudeste tínhamos estado passando, desde alguns dias, e a província de Minas Gerais, onde penetramos afinal, atravessado este rio. Viajando mais duas léguas, parámos para o almoço embaixo de frondoso *piqui*, à margem de um alagadiço coberto de buritis.

A primeira parte da jornada do dia fôra em um campo coberto, em grande parte recentemente queimado; a outra parte fôra através do terreno montanhoso e pobre de matas.



Como o dia estava nublado e soprava um vento fresco de sudeste, todos nos queixávamos de frio. Era minha intenção chegar à tarde à próxima habitação que me disseram ficar a três léguas da que passáramos de manhã; mas, tendo viajado até o anoitecer sem encontrá-la, acampamos por essa noite perto de umas moitas às margens de pequeno rio e, como não havia árvores a que suspendermos nossas redes, contentamo-nos de dormir em couros estendidos no chão.

Ao passar através de uma *taboleira coberta*, demos com grande tamanduá (*Myrmecophaga jubata*), que Mr. Walker seguiu com intenção de matar; como, porém, sua espingarda negou fogo, começámos todos a perseguir o animal, a pé e armados de paus, porque ninguém levava arma carregada. Fui o primeiro a alcançá-lo, e, sabendo-o inofensivo de boca, agarrei-o pelo focinho e procurava subjugá-lo, quando ele se ergueu nas patas traseiras e, cingindo-me pelo meio com as poderosas patas, imobilizou-me completamente. Um dos meus companheiros, achegando-se-lhe, deu-lhe na cabeça uma paulada que o lançou por terra momentaneamente. Não obstante aturdido com os repetidos golpes apanhados, sempre se levantava de novo e fugia. Por fim me lembrei das pistolas que sempre levava no bolso do casaco, com carga de bala, e com um tiro que lhe atravessou o peito, prostei-o morto.

Era um grande animal, medindo seis pés de comprimento, fóra a cauda, a qual, com os longos pelos que a cobriam, tinha quatro pés ou mais.

Corre muito pouco, o tamanduá, devido à peculiar organização das patas dianteiras, duas de cujas garras são muito grandes e se dobram ao andar, ou correr, fazendo com que um lado da pata se apoie no chão. O uso próprio ou, antes, principal destas fortes garras é ajudá-lo a apanhar as formigas de que se alimenta. Os grandes formigueiros de argila destes insetos são comuns nestes campos; e, quando quer uma refeição, o tamanduá ataca um destes mon-

ticulos com as patas dianteiras, arranca-lhe uma porção do lado, introduz aí sua lingua longa e fina, coberta de uma saliva viscosa, à qual aderem milhares de formigas brancas, e, abrindo a pequena boca, recolhe-a; depois, apertando os beiços, projeta-a para fóra uma segunda vez, retendo na boca as formigas até que a lingua esteja completamente saliente, e então as engole. Depois desta vez encontramos numerosos destes estranhos animais.

O pequeno rio junto do qual dormimos era cheio de pedras calcareas arredondadas que, por muito escorregadias, tornavam difficil nossa passagem; felizmente, porém, toda a bagagem atravessou a salvo.

Viajamos agora por uma légua através de uma região núa, árida e montanhosa, em que quase não havia arvores senão uma pequena espécie gregaria de *vóchysia*, chegando afinal à casa que esperavamos alcançar na noite anterior e onde permanecemos o dia todo afim de preparar a pele do tamanduá e pôr em ordem algumas das minhas coleções.

Este lugar, que se chama Capão da Casca, consiste em pequenas e miseraveis choças, inteiramente feitas de palmas de buriti.

Era habitada por um mulato, com mulher e três filhos. Tinha apenas dois commodos muito pequenos, de modo que fomos obrigados a dormir em couros estendidos no chão diante da casa, onde nossos homens haviam acendido uma fogueira. A casa fica à entrada de pequeno vale coberto de matas, e a única porção cultivada, que ví, era um mandioccal. A miseria da familia parecia inteiramente causada pela preguiça do chefe, tipo acabado da indolência.

Partimos cedo na manhã seguinte, com a intenção de fazer longa jornada, visto que a casa mais próxima se dizia ficar a seis léguas de distância, que logo imaginei equivalentes a dez leguas legais.

Logo que deixámos a casa tivemos de atravessar um pequeno rio, de leito lodoso, onde um dos cavalos se atolou e, tentando sair, caiu nagua com a carga toda. Quan-

do conseguimos tirar-lhe as caixas, já estavam cheias d'agua: felizmente não levavam espécimes botânicos. Mas uma das caixas continha os últimos restos de meu estoque de papel de embrulho para a plantas sêcas, bem como uma caixinha cheia de pele de morcêgos e de pequenos quadrúpedes, juntamente com insetos, tudo o que ficou mais ou menos estragado.

Como este fora o primeiro cavalo que tentara passar e eu não quis deixar que os outros se arriscassem com suas cargas, foram todos descarregados e puxados para outro lado pelos homens. Quando tudo estava novamente em ordem de viajar, só pudemos avançar meia légua até o meio-dia, parando então debaixo de uma grande árvore em uma baixada perto de uma lagôa cercada de matas. Nosso primeiro cuidado foi secar os objetos que se tinham molhado de manhã no que fomos muito favorecidos pelo sol que brilhava radioso.

Alguns dos campos que atravessámos estavam cobertos de uma espécie de *velosia*, com uma profusão de flores purpúreas e belas.

Prosseguimos no começo da tarde seguinte e pousamos em capão do mato, pouco acima de um buritizal, dormindo em duro leito, por não haver onde suspender as redes, e sofrendo muito frio.

Embora acostumados dia a dia a fadigas e privações havia indiscutível prazer na vida áspera que estávamos vivendo.

Verdade é que estávamos privados de quase todo o conforto da vida civilizada, mas livres em compensação de todas as suas restrições. Quando nos erguíamos pela manhã, não sabíamos onde seria o próximo repouso, mas a escolha dependia quase sempre de nós, embora não fosse feita a esmo, porém sempre motivada por necessidades prementes, como agua e pasto para os animais, árvores para as redes e lenha para o fogo de cada noite. Pouca dificuldade tínhamos tido até então em encontrar reunidas todas

estas conveniências; mas a parte da Serra Geral em que ora viajavamos, chamada Serra das Araras, era quase por toda parte tão despida de vegetação erbacea, que era raro encontrar árvores entre os requisitos do acampamento.

Ao chegar a um lugar onde desejava ficar, cada pessoa tinha seu cuidado a desempenhar. A primeira coisa era descarregar os cavalos, serviço em que todos ajudavam: Mr. Walker e eu sempre ensinávamos e desensinávamos nossos próprios cavalos; dois dos camaradas os levavam ao lugar que oferecia melhor pastagem, e onde eram deixados com as patas dianteiras manietadas com peças de couro, para impedir que se extrviassem de noite; estes homens traziam, de volta, a lenha que podiam carregar. Outro homem era mandado com grande ôdre a buscar agua, ao mesmo tempo que eu e Mr. Walker arrumávamos as cargas de jeito que pudessem ser prontamente cobertas em caso de chuva; duas grandes canastras, reunidas, nos serviam de mesa, enquanto duas outras, menores, eram os assentos.

Em geral, antes que os homens voltassem já Mr. Walker tinha aceso o fogo; e, enquanto se preparava a ceia, que era tambem o jantar, porque só tomávamos duas refeições no dia, eu me ocupava em preparar e mudar os espécimes colhidos na vespera. Enquanto se aquecia a agua para o chá, a carne sêca, enfiada no espeto e suspensa sobre brasas, estava pronta para a cêia, porque se comia mal assada. Chá, com carne sêca e farinha de mandioca era o passadio habitual; e tenho certeza de que, se algum dos amigos europeus fosse subitamente trazido a uma de nossas refeições, concluiria, pelo aspeto do alimento, que estávamos comendo serragem de madeira e couro assado. Nosso maior conforto era uma grande provisão de chá, que eu comprara em Pernambuco e durou até chegarmos a um lugar mais civilizado, onde pudessemos de novo adquiri-lo. Foi minha bebida única nesta longa e protraida jornada, incomparavel reconfortante ao cabo de um dia de viagem sob o sol ardente.

Quando cheguei ao Brasil, disseram-me que teria precisão de misturar vinho ou aguardente com a agua de beber; a experiência, porém, logo me ensinou que ambas eram não apenas desnecessárias, mas positivamente nocivas aos que, por sua occupação, têm de se expôr ao sol. Quem bebe estimulantes alcoólicos e viaja ao sol dia por dia, certamente sofre dôres de cabeça e em regiões miasmáticas, será mais sujeito ao ataque das doenças endêmicas. A carne sêca de um boi durava de três semanas a um mês, tornando-se ao cabo deste tempo dura como pau e quase impossivel de comer. Com o tempo úmido pelas chuvas era difficil conservá-la, porque nenhum cuidado a impedia de criar saltões, que se tinham de catar antes e depois de assá-la.

Raramente, porém, passavamos mais de uma quinzena sem provisões de uma espécie ou outra, sob a forma de veados, macacos, tatús, lagartos ou aves de várias qualidades.

Partimos cedo do buritizal onde dormimos, com esperança de chegar pelo meio-dia à fazenda de Rio-Claro, mas pouco antes dessa hora verificámos, pela direção em que seguíamos, que havíamos errado o caminho. Pouco depois do meio-dia chegámos ao termo sudeste da parte da Serra das Araras em que iamos viajando, donde tínhamos uma vista ininterrupta da vasta planicie que se estende ao sul e a léste, ponteadas, aqui e ali, de pequenas lagôas. Depois de descer a Serra por suaves caminhos, descansamos durante a tarde embaixo de algumas árvores, ao pé de uma corrente de frescas aguas que corriam da Serra, sem sabermos onde estavamos, nem quando encontraríamos quem nos dêsse informações. Mas logo redescobrimos o caminho e, viajando em região plana e de pouca mata, em trilha sofrivel, por espaço de meia hora, chegamos a uma casa que encontramos vazia e, pouco adiante, outra, em igual condição. Avançando pelo mesmo caminho por mais uma hora, encontramos um preto e um menino, de quem soubermos que havia uma fazenda cerca de meia legua adiante

dali. Verificámos tambem que a estrada escolhida era uma volta de umas tres e meia léguas para a fazenda do Rio-Claro, mas que era muito melhor que a outra geralmente seguida, o que era, pelo menos, um consolo do erro cometido. Era já quase sol posto quando chegámos a uma pequena fazenda, chamada S. José, onde estacionámos por essa noite. A casa, pertencente a um mulato, que parecia nada trabalhador, era pequena e estava em ruinoso e miserero estado.

O Rio Urucuia, que corre da Serra Geral em sentido direto para leste e desemboca no Rio S. Francisco, pouco abaixo de S. Romão, passa rente da casa e é mesmo aí de apreciavel largura e profundidade.

Neste dia de viagem não colhi planta alguma, falha única em minhas jornadas desde que parti da costa.

Na manhã seguinte, depois de obtidas indicações seguras para a fazenda de Rio-Claro, partimos de S. José, chegando pouco depois a um ribeiro tão fundo e lodoso, que a bagagem teve de ser passada à mão, em mais de duas horas, pela difficuldade de vadeá-lo. Como o ribeiro era estreito e as margens altas em ambos os lados, não seria difficil, com o trabalho de um só dia e com pequena despesa, lançar sobre êle uma boa ponte, porque há ali em roda madeira abundante. Mas isto não se póde esperar de gente que, cercada embora de todo o recurso material, não se dá ao trabalho de levantar para sua morada uma casa decente.

Acabada a passagem de tudo, como era já muito tarde para prosseguir antes do almoço, ali ficamos até a tarde. Enquanto almoçavamos, appareceu do outro lado do rio uma velha acompanhada de um filho que, atravessando a corrente, ficou em nosso acampamento nas horas da tarde. Era, pelo que vimos, não obstante sua idade, uma velha vivaz e enérgica, qualidades nada comuns em mulheres brasileiras.

Contou-nos que ia a um lugar distante, a cinco dias de viagem, cumprir uma promessa a S. Antonio, feita pouco antes por motivo de doença sua.

Fomos aqui grandemente afligidos pelos carrapatos. Partimos cedo e, passando por uma planície quase despida de árvores e apenas coberta de grosseira relva, chegamos afinal depois do pôr do sol à fazenda do Rio-Claro.

Toma o nome de um pequeno rio que por ali passa e cai no Urucuia, cerca de uma légua para o sul. Embora a casa fosse ampla e cômoda em comparação de outras destas regiões, o dono, senhor Manuel Lucas, negou-nos acomodações por essa noite, mandando-nos para um pequeno rancho em frente à cabana de um dos seus escravos. Aí alçamos as redes, depois de termos estendido dos lados alguns couros que nos protegessem dos ventos que sopravam da Serra abaixo.

Meus companheiros dormiram no chão, ao relento, ao pé de um grande fogo.

Como tinha muitas plantas para acondicionar e precisava de mais duas canastras para guarda-las, ficámos em Rio-Claro mais dois dias para este fim.

Achámos o proprietário desta fazenda nada menos exorbitante que o capitão Faustino, de S. João, nos preços que pediu pelos couros cortidos e milho que lhe comprei, e igualmente de conduta pouco hospitaleira.

Todo o tempo que aqui passamos estivemos hospedados no rancho atrás referido, onde eramos abrasados de calor durante o dia e transidos de frio durante a noite. Sentimos tanto frio em nossas rêdes por falta de cobertores, que por vezes nos levantavamos de noite para nos aquecermos ao fogo em roda do qual dormiam os meus homens.

Foi na tarde de 12 de junho que deixámos as pouco hospitaleiras margens do Rio-Claro, indo parar, após duas léguas de caminho, na próxima fazenda, chamada Boqueirão, de cujo proprietário recebemos tratamento bem dife-

rente do de Rio-Claro. Não só fomos acomodados em sua própria residência, mas ainda, logo depois de chegados, nos foi oferecida excelente ceia de carne fresca, delícia desconhecida desde que partimos da fazenda S. João, perto de S. Domingos. Lamentei então que não houvesse adiado meus preparativos até a chegada a este sítio, onde tudo me seria mais convenientemente provido.

Observei que desde a descida da Serra as árvores eram bem diferentes das que havíamos encontrado, assemelhando-se muito mais às dos sertões do Piauí: eram a cambaiba (*Caratella cambaiba*, St. Hilaire), a folha larga (*Salvertia Convallariodora*, St. Hilaire), duas espécies de *bignonia* arborea, com flores amarelas, e a sicupira (*Commilobium polygalaeflorum*, Benth), além de uma bela *gerascanthus*, produzindo grandes paniculas de flores brancas, uma bombax, e uma *rhopala*, de folha simples.

Nosso hospedeiro, cujo nome lamento ter deixado de registrar, não nos deixou partir na manhã seguinte sem que nos tivesse sido preparado o almoço.

Como nosso estoque de mantimentos ia de novo escasseando, vendeu-nos o quanto nos bastasse de carne seca para chegarmos a S. Romão, que não estava agora a muitos dias de viagem. Descansámos durante o calor do dia na próxima fazenda, após duas léguas e meia de viagem; ao entardecer, avançamos duas léguas mais e pernoitámos na fazenda de Santa Maria.

A região era ainda plana e árida, parte campos abertos, parte coberta de mata: alguns dos campos até onde a vista alcançava, abundavam em montículos de argila amarela, das formigas brancas, no meio dos quais vimos muitos tamanduáis e um grande bando de avestruzes, que, mal nos percebiam, fugiam com extraordinária rapidez.

De S. Maria fomos a uma aldeia chamada Espigão meia légua além; havia poucas casas em uma das quais paramos para perguntar o caminho: era de um alfaiate,



que trabalhava fóra da porta. Logo que chegámos mcia dúzia de mulheres moças, de todas as côres e de extrema sujeira, vieram reconhecer-nos.

Seguindo as indicações recebidas, prosseguimos cerca de uma legua e parámos para almoçar em uma casa deshabitada, junto de uma corrente de límpidas aguas, que corria de um buritizal. Retomando o caminho à tarde, atravessamos o rio, parámos perplexos em uma encruzilhada, sem saber que rumo seguir, se o do sul, se o de léste, e, como o rumo geral era no sentido de leste, para leste avançamos. Depois de viajarmos duas leguas e meia em árida e sáfara região, de longos tractos arenosos, com poucas e enfezadas árvores, e moitas e grandes buritizais abertos, chegámos a outra casa deshabitada. Na última parte da jornada a estrada inclinava-se tanto para o sul, que me convenci de que não tínhamos acertado com o caminho e resolvi voltar rasto atrás na manhã seguinte, afim de tomar o caminho que conduzia para o sul.

Como a casa estava em ruinosa condição, preferimos dormir debaixo de árvores; e, estando a noite demasiado fria para nos deitarmos em rédes, deixámo-las, preferindo um couro de boi estendido no chão, ao pé de um bom fogo, com uma canastra perto da cabeça e duas outras ao lado. Um monte de lenha estava sempre ao alcance da mão e, como o duro leito não nos permitia dormir profundamente, o fogo conservou-se sempre acêso. Os companheiros, por sua vez, conservavam o seu lá para si.

Na manhã seguinte voltamos ao ponto da encruzilhada e almoçamos à sombra de uma grande sicupira. Felizmente, quando estávamos para partir, passaram por ali a velha e o filho, que encontráramos na fazenda do Rio Claro, já de volta do cumprimento da promessa: dela soubemos que estávamos inteiramente fóra da estrada própria e que, para encontrá-la, era necessário voltarmos ao Espi-gão, onde havia outra encruzilhada e nos haviam enganado

quanto ao caminho. Não havia outra alternativa senão voltar para trás, tendo já perdido dia e meio pela informação errada.

Chegando ao Espigão, tomámos outra estrada, sem novas indagações e, viajando legua e meia, chegámos à beira de pequeno rio hora e meia depois do sol posto. Pousámos essa noite às margens de pequeno rio chamado Ribeirão de Areia: tinha apenas umas vinte jardas de largura e era bastante raso para dar passagem aos cavalos com as cargas, mas, como o fundo era mau, com grande quantidade de pedras redondas e lisas, achei mais seguro fazer passar toda a carga na manhã seguinte em grande canôa que se via amarrada do lado oposto, escapando assim a qualquer risco de danos, se os cavalos escorregassem nas pedras.

A região em roda era bem bonita, plana em ambos os lados do ribeirão até consideravel distância, com bastante relva e pouca mata. Logo acima do vau ha uma queda, ouvindo-se-lhe de longe o ruído dos aguas precipites. Como a canoa era grande, não havia demora na passagem das cargas e, passado o rio, vencemos mais duas leguas e meia de uma região levemente ondulante, árida e sáfara, principalmente de colinas desnudas e relvosas, abundando em muitos lugares em pedra ferruginosa, e coberta de taboleiras planas e arenosas de mata rala. Descansámos ao pé de um regato que corria de um alagadiço de buritis e, como não havia árvores, abrigamo-nos do sol ardente entre as moitas das margens.

À tarde outra viagem de duas leguas e meia levou-nos a uma pequena fazenda chamada Taboca e pertencente a um mulato, que nos acompanhou ao dia seguinte à distância de meia milha, afim de nos pôr no caminho certo, porque havia ali diversos outros trilhos conduzindo a diferentes lugares.

Deste ponto fizemos uma caminhada de dois dias e meio para chegar às margens do Urucuia, a um lugar chamado S. Miguel, pouco mais de uma legua a oeste de sua junção com o S. Francisco. Tínhamos de atravessá-lo aqui e a sua largura era a distância de tiro e a água muito funda.

Como não havia aqui nenhum serviço regular de balsa, alugamos uma pequena canôa, levando tudo a salvo ao outro lado. Os cavalos passaram um quarto de milha acima, em lugar onde tinham apenas metade da largura do rio para atravessar. Era manhã quando aqui chegamos e aqui resolvi ficar, embora não houvesse milho para os animais, porque desejava dar-lhe descanso, exausto que estavam da longa caminhada e da falta de forragens nutritivas. Achavamo-nos apenas a cinco leguas de S. Romão, que estávamos todos ansiosos por alcançar, por isso que nosso estoque de alimentos se acabára na vespera da chegada ao ponto da balsa.

A viagem de Boqueirão em diante ocupou mais tempo do que esperávamos e foi-nos uma desilusão descobrir, depois dali partimos, que nada se podia comprar nas pequenas fazendas por onde passamos.

Tendo observado por toda parte durante minhas viagens no Brasil o mesmo que notara St. Helaire: que, quanto mais perto de uma cidade ou aldeia chega o viajante, menos possibilidade encontra de renovar seu estoque de provisões.

Meus companheiros tinham ainda um pouco de feijão e um pedaço de toucinho, mas apenas o suficiente para uma refeição. Mr. Walker e eu tínhamos já passado dois dias e meio sem provar alimento sólido, sustentando-nos todo esse tempo com chá forte por não havermos encontrado um único animal selvagem de qualquer especie. Tínhamos já por vezes sofrido dura sede, mas era a primeira vez que passávamos por tanto tempo sem alimento. Era uma fe-

licidade termos chá, porque nos impediu de sofrer o que de leve se comparasse ao que eu imaginava sofrer com a fome. Parámos do lado sul do rio em uma miseravel e pequena casa de uma preta velha, única moradora do lugar, e que nada tinha a vender, nem sequer uma galinha. Dormimos numa parte descoberta da casa, com metade apenas das paredes inteiras. Acendemos um grande fogo e estendemos no chão os couros de boi por leito.

Na manhã seguinte, tendo havido algum custo em achar um dos cavalos, partimos já tarde das margens do Urucuia. Uma legua adiante parámos algum tempo num sítio onde ha duas pequenas lagôas chamadas as Duas Irmãs. Não avançamos mais, porque tínhamos sido avisados ao partir de que não acharíamos uma gota dagua nas três leguas seguintes; e que na tarde desse dia verificámos ser verdade, vendo a estrada alongar-se por uma planicie arenosa e sêca, de pequenas árvores e quase sem moitas.

Alcançamos a primeira aguada um pouco antes do pôr do sol, a uma legua de S. Romão, em um lugar chamado Riacho. Não há ali nenhuma habitação, assim como nenhuma vi em todo o percurso de Urucuia até a vila. Esperavamos chegar à Vila naquela tarde; mas os cavalos estavam cansados demais para levar-nos adiante. Pousámos essa noite debaixo de umas árvores ao pé de límpido ribeirão. Nenhum de nós tinha um bocado de alimento para comer, mas tínhamos todos uma grande vasilha de chá forte, que em parte compensou a falta de alimento mais substancial. A esta ajuntaram Mr. Walker e os companheiros uma cachimbada, porque todos eram inveterados fumantes.

Afinal, no domingo de 21 de junho, pela manhã, entramos na Vila de S. Romão e nos dirigimos à residência do juiz de paz para lhe mostrar meu passaporte, mandando ele em atenção a nós uma pessoa que procurasse casa para nos receber. Não houve demora em achá-la e, logo que des-

carregámos os animais, despachei um homem à procura de alimentos: mas, por mais estranho que pareça, o homem nada encontrou senão farinha.

Tinha havido de manhã cedo uma feira na vila, com carne fresca e curada, mas tudo se vendera antes da nossa chegada. Aconteceu, porém, o inesperado, que nos deu melhor almoço de que anticipávamos: quando fazíamos o chá, que iamós tomar com farinha, chegou um menino oferecendo um peixe que acabava de pescar e que estava na beira do rio. Para lá fui imediatamente e por uns poucos vintens comprei o peixe, um belo salmão de mais de dois pés de comprimento, que não preciso dizer que foi logo preparado e nos deu a todos a mais agradável refeição.

A Vila de S. Romão está situada na margem sul do Rio S. Francisco, no distrito de Paracatu. E' pequena, tem menos de mil habitantes e forma um quadrado com diversas ruas longas, estreitas e irregulares. As casas são todas de um só andar, e, sem exceção, feitas de varas barreadas com argila, por não haver pedra nas vizinhanças. As ruas principais correm paralelas com o rio e três delas, que lhe são as mais próximas, são anualmente inundadas pelo extravasamento das aguas durante as chuvas; a outra parte, um pouco mais alta, está livre desta inconveniência. A casa que ocupamos era uma das expostas a inundaçáo e, conquanto o assoalho estivesse pelo menos quatro pés acima do nível da rua, tinha de ser abandonado por algum tempo anualmente. Durante as enchentes de 1838, a que assisti em minha viagem pelo Rio S. Francisco acima, as aguas subiram cinco pés acima do assoalho e as paredes ainda conservavam os sinais do fato.

A população é quase toda de gente de côr e não creio que haja na vila meia dúzia de famílias brancas. A maior parte dos habitantes respeitáveis são negociantes que fornecem aos fazendeiros e outros moradores dos arredores mercadorias europeias e nacionais. Não se pode dizer que

a vila tem comércio próprio: a principal base do tráfico é peixe apanhado no rio e que, salgado e sêco, se vende aos sertanejos, especialmente amigos deste alimento. A melhor classe dos moradores é grandemente afeita ao jogo, reunindo-se todos os dias para esse fim na residência de um velho capitão, dono de um armazem de molhados. Tendo tido de procurar por vezes alguns deles a quem levava cartas de apresentação, raro os encontrei em casa, mas era sempre encaminhado para o armazem acima mencionado, onde era certo achá-los, na companhia de um dos dois padres, residentes na vila, e isso tanto aos domingos como nos outros dias.

Este padre, Francisco Fernandes Viana, que era homem da mais benevolente indole, estava longe de ser modelo do rebanho. Devo-lhe, porém, diversas mostras de atenção, bem como ao tenente-coronel Tomás da Conceição, pessoa de notável inteligência, e que, quanto ao carater, é uma exceção entre os habitantes. Deste cavalheiro recebi cartas de recomendação ao excelente e erudito Padre Antonio Nogueira Duarte, de Contendas, pequena aldeia entre o Rio S. Francisco e o distrito dos Diamantes, pessoa a quem St. Hilaire, Spix e Martius se referem nos termos mais elogiosos. Eu esperava passar por esta povoação para ter o prazer de encontrar o homem que, embora já muito idoso, ainda se compraz nos estudos de história natural. Mas, quando soube que para visitá-lo tinha de dar uma volta de várias léguas, renunciei à idéia de fazê-lo, tanto porque meus cavalos estavam muito cansados como pelo grande desejo, que ora tinha, de chegar a um lugar onde meus recursos monetários, já muito desfalcados, se pudessem renovar.

Na primeira tarde, ao passear pela vila fiquei surpreso de ouvir tocar rabeca em quase todas as casas. E' a rabeca um instrumento usado exclusivamente pelos barbeiros no Rio e outras grandes cidades costeiras; mas

no interior é raro encontrá-lo, porque a guitarra é muito preferida tanto por homens como por mulheres. Em S. Romão, porém, a moda é diferente e a educação de uma moça não está completa senão quando sabe manejar o arco.

Como era então o tempo da sêca, o rio estava muitos pés abaixo das margens e, embora muito largo, parecia estreito em comparação com o que era quando primeiro o contemplei em 1838. E' abundante de peixe que nesta estação se traz em canôas e se vende na vila por baixo preço. Durante minha residência alí preparei espécimes das qualidades mais comuns e que ora estão no Museu Botânico.

Vão abaixo os nomes de uns poucos dos mais apreciados.

*Surubim* (\*) — Este peixe que é uma espécie de esturjão, atinge seis pés de comprimento. Apanha-se mais comumente em rêdes; mas também o apanham às vezes, especialmente os índios, com uma seta a que se prende uma longa corda. A carne desta especie, depois de sêca, é a que se vende principalmente no sertão.

Provei-o diversas vezes e achei-o excelente.

*Curumatam* — Pertence, como as três especies seguinte, aos *salmonidae*. Tem cerca de dois pés de comprimento e tanto pela côr como pelo gosto muito se aproxima do nosso salmão comum. Mora no fundo do rio e apanha-se geralmente com a rêde, nunca com anzol.

Durante minha estada em S. Romão diversas canôas entravam quase todas as manhãs quase cheias deles, sendo vendidos por alguns vintens cada um. O estômago é muito espesso e muscular; mas nos que examinei nada encontrei

---

(\*) Esta grafia é diferente da empregada por St. Hilaire, que escreve *Suruby*. A que adoto neste caso, como no de todas as espécies, tomei-a de uma lista manuscrita que me foi dada pelo padre Francisco Fernandes Viana, de S. Romão.

jamais senão uma grande quantidade de terra fina em pedaços duros.

*Dourado* — Belo peixe, de dois a quatro pés de comprimento; apanha-se com anzol, mas não é considerado alimento delicado.

Nós, porém, achamos delicioso o primeiro que comemos, e foi aquele comprado de um menino no dia de nossa chegada a S. Romão.

*Matrixam* — Um tanto semelhante ao dourado, porém menor, e considerado de carne muito superior.

*Piau branco* — De um a dois pés de comprimento e com muito maiores escamas que qualquer dos outros; apanha-se com anzol; carne muito apreciada.

*Curvinha* — Cerca de dois pés de comprimento; mas a carne, que é mole, não é considerada boa.

*Traira* — Também de cerca de dois pés de comprimento, mas delgada; pega no anzol e é muito apreciada.

*Pirá* — Dois e meio pés de comprimento aproximadamente, e com um bico protraído; só se apanha em rêde e é tido como carne fina.

*Mandi* — Um dos *siluridae*, talvez uma espécie de *Mystus*, de um e meio a dois pés de comprimento, sem escamas aparentes e com longa barbela saindo da boca para trás. Conserva-se perto do fundo do rio, pega-se no anzol e é considerado dos melhores peixes que o rio produz.

*Pocomó* — Esta espécie e a seguinte pertencem aos *siluridae* e são, talvez, espécie de gênero *hypostomus*. É um peixe preto e feio, dois pés de comprimento, coberto de placas grandes e duras. Fica perto do fundo e apanha-se em grande quantidade nas rêdes lançadas para outros peixes.

Durante o tempo de minha visita às praias arenosas do rio estavam cobertas dos que tinham sido lançados fóra das rêdes. Raro o comem, mas serve de isca para outros peixes.



*Cascudo* — Espécie menor que a última, mas muito parecida com ela, exceto que é de côr amarela.

O *pirau* e a *piaba*, de ambos os quais já falei, são abundantes aqui como abaixo da cachoeira de Paulo Afonso. Além destes, deve de haver muitas outras espécies que não tive oportunidade de ver. Durante o tempo de nossa estada em S. Romão vivemos principalmente de peixe; é, com efeito, tão abundante, que raro se oferece carne de vaca no mercado.

Como a navegação é aqui interrompida pela cachoeira, muitas canôas sobem e descem anualmente o rio; sua principal carga é sal trazido das vastas baixadas salinas em ambos os lados do rio abaixo do Porto Salgado. Este sal se troca parte por dinheiro, parte por fumo, couros e outros produtos.

Como me era absolutamente necessário arranjar e enfiar as grandes coleções botânicas feitas durante nossa vinda de Arraias e como as longas jornadas já faziam sentir seus efeitos nos homens e nos animais, resolvi dar-lhes o descanso preciso, permanecendo uma quinzena em S. Romão. Assim resolvido, os cavalos foram levados às pastagens em uma grande ilha do rio, bem em frente da cidade. Esta ilha tem cerca de meia legua de comprimento e um quarto de milha de largura. Suas pastagens não são muito boas, mas os cavalos ficam muito mais seguros que em qualquer outro lugar. O furto de cavalos é aqui tão comum, que dificilmente uma tropa vinda de qualquer parte deixa de perder um ou mais cavalos roubados. Disto fomos avisados antes da chegada aqui para que não deixássemos de mandar os animais para a ilha.

Como a região em roda da Vila estava grandemente ressecada pelos efeitos da longa estiagem, pouco acrescentei às minhas coleções. Também um pequeno acidente que sofreu me impediu de andar tanto como em outro caso faria.

Poucos dias depois da chegada, indo visitar um cavalheiro da vila, falseei o pé ao subir uns degraus da porta, batendo com a perna violentamente na quina de um tijolo. O ferimento, embora pequeno, muito me molestou, porque meu organismo tinha caído em estado meio escorbútico por causa das longas fadigas passadas e da alimentação pouco nutritiva.

## CAPÍTULO XII

### DE NATIVIDADE A ARRAIAS

(continuação)

*Partida de S. Romão — Passagem por Guaribas — Passagem — Gerais Velhas — Espigão — Caiçara — Chegada à Vila de Formigas — Descrição da Vila — O impostor Douville — Riquezas botânicas da região circunvizinha — Passagem por Veados — Chegada ao Arraial do Bomfim — Chegada a Santo Eloi — Sítio — Chegada a Lavrinhas — Travessia do rio Inhabý — Chegada a Vargens — Registro do rio Inhai — Vassouras no Rio Jequitinhonha — O autor examina uma mina de diamantes — Formação em que se encontra o diamante — Modo de trabalhá-lo — Chegada ao Arraial de Mendanha — Descrição da Vila — Subida da serra de Mendanha — Chegada a Duas-Pontes — Chegada à cidade de Diamantina, antigamente Arraial do Tijuco, capital do Distrito de Diamante — A cidade é situada na encosta da montanha — Descrição dos habitantes — Seu modo de vestir — Temperatura fria da cidade — Produções dos arredores — A mineração de diamantes, outrora monopólio privilegiado, é hoje franca a todos — Carácter dos mineiros — Extensão das minas de diamantes — Privilegio dos escravos ali empregados — Clima salubérrimo — Mulheres muito formosas — Doenças próprias do clima — A lealdade manifestada pelos habitantes — Fatalidades entre os cavalos.*

A província de Minas-Gerais é ao mesmo tempo das maiores e das mais ricas do Brasil, com vastos recursos naturais. Fica entre 14 e 23 graus de latitude sul e entre 41 e 53 graus de longitude oeste, incluindo, porém, os quatro últimos mais a oeste apenas uma estreita faixa. É limitada a léste pela província marítima do Espírito Santo; ao norte, pelas da Baía e Pernambuco; ao sul, pelas do Rio de Janeiro e S. Paulo; e, ao oeste, pela de Goiaz. É naturalmente dividida em duas porções iguais por uma cadeia de montanhas que corre do sul para o norte, e onde estão situadas as minas de ouro e diamante, pelas quais a

provincia é tão célebre. A região de leste é em parte coberta de matas virgens, enquanto a do oeste, mais plana, consiste principalmente de terras de pastagens, embora haja vasta porção coberta de caatingas, um dos maiores tractos do Brasil, a que se dá o nome de sertão. Para chegar à cidade de Diamantina, capital do Distrito de Diamante, que era minha intenção visitar, era-me necessário fazer longa jornada através desta região meio deserta. A estrada mais frequentada é a que corre na direção do sul ao longo das margens de leste do Rio S. Francisco e o norte do Rio das Velhas, grande tributário daquele, que nasce na região do ouro; a outra estrada, que é muito peor, corta o sertão em direção sudeste: preferi-a, porém, porque me levaria mais depressa ás regiões montanhosas do distrito do diamante.

A primeiro de julho, preparando a partida, mandei buscar os cavalos na ilha de léste do S. Francisco e na manhã seguinte, bem cedo, tôdas as cargas atravessaram o rio, em grande ajoujo, duas canôas unidas. Tudo pronto, resolvi partir imediatamente; mas, ao reunir os animais, demos pela falta do meu cavalo de sela. Passou-se o dia em sua procura, mas o único traço encontrado foi a peia de couro que lhe manietava as patas dianteiras e que foi encontrada no mato com as duas pontas desabotoadas, o que só poderia ter sido feito por mão humana, donde concluímos que o cavalo fôra roubado. Resolvi, porisso, não perder tempo em procurá-lo. Por volta da meia-noite fomos acordados por um preto, que me ajudara na procura da manhã, e viera informar-me, de que um cavalo parecido com o meu fôra visto durante o dia, amarrado a uma árvore, a longa distância rio acima.

Bem cedo na manhã seguinte despachei um de meus camaradas a procurá-lo naquela direção: o homem voltou ao cabo de uma hora, trazendo consigo o cavalo. Era evidente que o cavalo lá fôra levado por alguém na esperança

de ocultá-lo até que ocorresse oportunidade de levá-lo de vez.

Não perdi mais tempo com isso. Começando a jornada e fazendo o percurso de uma légua, descancei pela tarde em uma fazenda chamada Guaribas. A primeira meia légua de caminho levou-nos através de um tracto plano e de mato ralo, geralmente inundado pelo rio no tempo das aguas. Vi nesta mata algumas grandes e belas árvores, uma espécie de *triplaris* e um *bignonia* arbórea, despida de folhas, mas coberta de flores semelhantes à dedaleira em tamanho, forma e côr. A mata baixa consistia principalmente de diferentes espécies de *mimosa*, *acacia*, *bauhinia*, *caesalpinia* e outras mais, bem como imensa quantidade de limoeiros carregados. Esta árvore se tornou aqui perfeitamente naturalizada e o gado que pasta no mato é tão gostador dos limões caídos, que, mortos, sua carne cheira fortemente àquela fruta.

A outra meia légua foi através de espessa taboleira. Em Guaribas me ocupei em tirar a pele de um grande macaco que Mr. Walker matara na tarde anterior em uma árvore das margens do S. Francisco. De tarde demos novo avanço de duas léguas, chegando a uma fazenda chamada Passagem. O caminho estava insuportavelmente mau por causa do mato baixo que tapava a trilha quase nunca pisada. Neste trajeto tôda a vergonzea e tôda a haste de grama estava carregada de carrapatos, em bolos às vezes do tamanho de uma avelã, e que nos cobriram inteiramente ao passarmos. As margens do pequeno regato perto da casa estavam particularmente infestadas por eles. Pela tarde passámos por duas pequenas lagôas cheias de patos selvagens, mas não pensámos em atirá-los, embora nos parecessem bem mansos, porque íamos então demasiado aborrecidos do mau caminho. Estes patos são menores que os que frequentam as lagôas do norte do país.

A fazenda da Passagem, onde parámos, pertence a uma pessoa residente em S. Romão a quem eu ficára conhe-

cendo quando por lá passei. O vaqueiro que a administra tinham ordem não só de nos acolher à noite, mas ainda de nos guiar à fazenda próxima, a tres léguas dali. Era meu plano partir bem cedo na manhã seguinte, mas tive de novo o aborrecimento de ver que meu cavalo não voltára com os outros. Como as redondezas fossem cobertas de espessa caatinga, abundando em muitos sítios em uma espécie de bambús pequenos, de cujas folhas os cavalos gostam extraordinariamente, concluímos que o havíamos de achar pastando algures ali à mão, perdendo com isso a tarde inteira à sua procura. O vaqueiro, muito serviçal e grande conhecedor daqueles sítios, montou então a cavalo em busca do animal perdido, mas voltou à tarde, sem ter conseguido descobrir-lhe o mínimo vestígio. Perdemos ainda mais um dia inteiro em busca inútil do cavalo sumido e, como os pastos deste lugar eram muito maus, fomos à tarde, por amor dos animais, às Gerais-Velhas, aonde o vaqueiro tinha ordem de nos conduzir. Aqui ficou êle conosco tôda a noite e na manhã seguinte mandei com ele um de meus homens para uma última procura do cavalo desaparecido, porque me custava partir sem ele, que era o melhor da tropa. Mais uma vez voltaram os homens sem nenhuma notícia. Não tive dúvidas de que o ladrão, falhada a primeira tentativa, nos viera seguindo e empolgara afinal a sua presa.

A região intermediária entre Passagem e Gerais-Velhas é formada quase tôda de uma taboleira, coberta em grande parte de capim alto, especie de *andropogon*, de seis a doze pés de altura.

Por quatro ou cinco dias depois que partimos de Gerais Velhas cortou nossa estrada uma região escassamente povoada, consistindo às vezes em caatinga, outras vezes em taboleiras cobertas, e não raro de montanhas relvosas, despidas de árvores onde cresce profusamente aquela espécie de *callopisma* chamada boca-de-sapo e a bela *Chresta pycnocephala*, ambas em plena florada. Passando por estes

relvosos tractos de sertão, os ouvidos do viajante são feridos, de manhã à noite, pelos altos gritos de um grande galináceo, chamado siriema pelos habitantes. Andam geralmente aos pares, mas raramente são avistados, por se conservarem sumidos no meio de alta grama. Como o avestruz do país (emu), correm com grande velocidade.

St. Hilaire compara o seu grito ao do perú, mas noto que em meu diário observei que se parecia com o ganido de um cãozinho.

Fazem o ninho em árvores baixas e põem dois ovos. Como sua carne não é apreciada, raro são perseguidas pelo caçador, razão pela qual se ouve tão frequentemente nas vizinhanças das casas o seu grito peculiar. E o *Dicolophus cristatus*, de Illizer.

Passando por pequena aldeia chamada Espigão, com cerca de doze casas esparsas, pertencentes a gente de côr, encontrei um mercador de cavalos, com quem troquei dois dos meus, bastante exhaustos, por dois outros melhores, dando boa quantia de volta. Mas, como ele percebeu que eu era quase forçado a fazer a troca, procurou naturalmente levar a melhor da barganha, coisa em que os mercadores de cavalos do Brasil muito se parecem com os de países mais civilizados.

Deixando o Espigão, viajamos toda a tarde e mais o dia seguinte inteiro, sem encontrar nenhuma habitação. Era já lusco-fusco quando avistámos a fazenda chamada Caiçara, aonde afinal chegámos, não sem custo, devido aos maus caminhos e à ignorância da trilha que devíamos seguir.

Foi-me uma desilusão encontrar esta parte da província com população tão escassa e apresentando apenas algumas manifestações de indústria nativa. Embora muitos tractos de terra parecessem tão próprios como os da maior parte de Goiás para a criação de gado, quase não vimos animais distribuídos por sua superfície. Parecia haver abundância de excelentes pastagens e bons abrigos para o gado

e os vales se mostravam bem servidos de matas, conquanto a parte superior das montanhas fosse às vezes desnuda.

Quando pedi pouso para a noite, o dono da casa, que era mulato, disse-me que, se quisesse, podia dormir embaixo de umas laranjeiras que me indicou a pouca distância da casa. Para lá fomos; mas, apenas descarregados os animais, veio o homem dizer-nos que, embora nos houvesse dado licença de dormir ali, não consentiria que acendessemos fogo. Como as noites nesta parte do país são frias demais para que se possa dormir ao ar livre sem aquecimento artificial, resolvi afastar-me do homem que se mostrava tão rude e pouco hospitaleiro e, deixando suas laranjeiras, levei comigo toda a equipagem para a estrada pública que passava perto da casa, onde fizemos um bom fogo, ao pé do qual dormimos, embora muito incomodados pelos carrapatos que cobriam o chão.

No dia seguinte, antes de partirmos, veio visitar-nos o dono da fazenda, que, de certo envergonhado de seu procedimento para conosco, nos pediu que a ninguém contássemos o modo pelo qual fôramos recebidos e que fôra exclusivamente devido à exiguidade das acomodações. Pura desculpa, que sua casa visivelmente não era pequena. A razão de suas excusas foi que, tendo sabido por um de meus empregados qual era minha profissão, trazia consigo uma das filhas para me consultar sobre uns incômodos que vinha sofrendo por algum tempo.

Pedi-me ainda que visitasse um de seus escravos, impedido de trabalhar, desde muitos anos, por uma sarcocele, molestia nada rara no Brasil. Este caso, porém, foi o mais extraordinário que já observei: o doente apresentava uma enorme massa de carne sólida e piriforme que tocava o chão e pesava quase tanto como o resto do corpo. O desgraçado era um homem ainda no vigor da vida e pouco sofria, exceto o incômodo que aquilo lhe acarretava.

Na tarde do dia seguinte chegámos a outra fazenda, chamada Cabeceira, separada legua e meia da primeira. A



zona percorrida era ainda de subida e antes de aqui chegar passámos por uma serra desnuda e de grande altura, cuja ascensão era um tanto difícil, conquanto a estrada fosse boa e feita de modo que os carros podem passar por ela sem dificuldade.

A parte da montanha em que está a estrada é uma ardósia mole e de côr parda; mas a certa distância consideravel, de ambos os lados, os cumes da serra consistem de negra e compacta pedra calcárea.

Os bastos campos por onde passámos pela manhã eram lindamente ententauos por uma planta pertencente á ordem natural das *compositae*, muito abundante e atingindo a altura de cerca de cinco pés — a *Chresta sphaerocephala*, de De Candolle. Tem grandes folhas que, como o tronco e as ramas, são inteiramente cobertas de uma substância branca e lanosa, e é muito ramificada no topo, terminando cada raminho por um grande tufo esférico e compacto de flores purpúreas.

Como havia uma boa aguada em uma mata pouco além da Cabeceira, preferimos seguir para lá em vez de ficar na casa para a qual fôramos convidados pelo dono.

Durante todo o tempo decorrido desde que deixámos a província de Goias nunca sofremos de falta d'agua como sofrêramos nas áridas províncias do norte. Por toda a parte da região que ora percorriamos encontrávamos quase que em cada vale uma pequena corrente de agua clara, fresca e deliciosa e que se tornava mais abundante ao passo que iamos avançando. Estavamos agora apenas a duas léguas e meia da Vila de Formigas, aonde só chegámos, entretanto, devido aos maus caminhos, quase à uma hora da tarde, conquanto tivéssemos partido bem de manhã. A região era um tanto montanhosa e de estradas pedrentas; mas oferecia ao viajante uma grande vantagem, que eu bem sabia avaliar, nas pontes de todos os rios que cruzavam o caminho. Construidas embora de tosca madeira,

poupavam ao viajante muito incômodo e garantiam dos riscos de dano à bagagem, como tantas vezes experimentámos em nossa jornada entre Arraias e S. Romão. Imediatamente ao entrar na Vila passamos por sôbre excelente ponte de amplo arco, uma das melhores que tenho visto no interior, lançada sôbre pequeno rio que corta parte da cidade.

Trazendo cartas de apresentação ao vigário do distrito, o padre Antonio Gonçalves Chaves, encaminhei-me para sua casa, onde tivemos o mais hospitaleiro acolhimento. Ofereceu-nos logo excelente almoço e deu-nos boas acomodações em uma casa vaga de sua propriedade e pegada à de sua residência.

A Vila de Montes Claros de Formigas é de pequenas dimensões, com uma população de cerca de mil almas; mas pelo que toca à situação, à disposição das ruas e ao aspeto das casas claras e limpas, excede de muito a qualquer vila que eu já encontrára no interior.

Dista mais de duzentas léguas do Rio e da Baía e cerca de cinquenta da cidade de Diamantina. Até 1832 era apenas arraial, mas foi naquele ano elevada à dignidade de Vila e é agora a principal da comarca do mesmo nome. O sítio em que assenta foi bem escolhido, em terreno um tanto elevado ao centro de grande vale, cercado por todos os lados de uma cordilheira de montanhas de considerável altura. As casas estão dispostas pela maior parte na forma de um grande quadrilátero mais cumprido que largo, cujo lado oriental está ainda incompleto. Ao norte ergue-se a única igreja da vila, perto da qual se encontra excelente mercado bem coberto para a venda das provisões vindas do interior; ao sul do espaço fronteiro à igreja, ha uma grande cadeia ainda inacabada. O pequeno rio que corta a Vila, chamado Rio Vieira, lança-se no Rio das Velhas, dando à população bom suprimento de peixes semelhantes aos que se encontram no Rio S. Francisco.

A Vila contém umas poucas de casas comerciais onde se vendem artigos europeus. Tais artigos vinham, de primeiro, da Baía; mas o Rio é agora o principal lugar a que recorrem os comerciantes, que levam consigo para costa em troca o principal produto do interior, o salitre, que se encontra não sómente no solo de certas partes do sertão, mas também nas cavernas de rocha calcárea, de que são principalmente formadas as baixas montanhas em derredor. Os fazendeiros das redondezas de Formigas occupam-se especialmente da criação de gado e cavalos, que são pela maior parte levados ao mercado da Baía. Cultivam também um pouco de mandioca e milho, mas não o arroz, porque a isso não se prestam as terras sêcas da zona.

Demorei-me apenas dois dias em Formigas, ansioso que estava por chegar à região do ouro, onde julgava que me esperavam cartas da Inglaterra. Se não fosse isto, teria permanecido mais tempo para me recobrar dos efeitos do ferimento da perna, sofrido em S. Romão, e que, em consequência das contínuas jornadas a cavalo, ultimamente se inflâmara e inchára a tal ponto, que me causava incômodos e dôres, impedindo-me totalmente de excursões a pé nas vizinhanças da Vila. Enquanto ali estive recebi muitas atenções do vigário, que me facultou o uso de sua biblioteca, a qual, embora pequena, continha bôa seleção de obras em latim, português e francês. Dele obtive a seguinte informação a respeito do infeliz impostor Douville, o pretenso autor das viagens no interior da Africa. (\*)

Em 1836 êle visitou Formigas e viveu algum tempo em casa do vigário, fazendo-se passar como Dr. Douville e ganhando muito dinheiro pela prática da medicina. Traficava também em compra e venda de cavalos, não obstante dizer que viera ao Brasil mandado pelo rei da França,

---

(\*) Para uma exposição a respeito dêste pseudo viajante africano, em comparação com quem Mendes Pinto foi um mero tipo, vide vols. 10.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> da *Foreign Quarterly Review*.

para estudar seus produtos naturais e curiosidades e traçar um mapa das porções do império que lhe aprovesse visitar em suas viagens. Ufanava-se de suas jornadas africanas, exibindo por tôda a parte uma medalha de ouro que dizia ter recebido da *Sociedade Geográfica* de Paris, subsequente à publicação de sua obra.

O vigário, bem como outras pessoas inteligentes de Formigas, suspeitavam-no de embuste, concluindo que não era o verdadeiro Douville, que se dizia ter viajado na África, mas outra pessoa que obtivera fraudulentamente a posse de seus papeis.

Ele cobrava geralmente somas exorbitantes aos que servia em sua capacidade de médico e foi por um incidente assim provocado que veio a perder a vida. Algures perto do Rio S. Francisco foi chamado para atender a um fazendeiro doente, com quem contratou a cura pelo preço de duzentos mil réis, ou sejam aproximadamente vinte e cinco libras esterlinas. Mas, vindo a falecer afinal o paciente, isto não impediu que o impostor insistisse em receber o preço estipulado, que os herdeiros do morto, cedendo-lhe às exigências, acabaram pagando-lhe. Não pretendiam, porém, que o dinheiro lhe ficasse por muito tempo nas mãos; porque, quando Douville embarcou para descer o rio, lhe mandaram no encalço um capanga que o assassinou de noite, quando dormia em uma canôa, roubando-lhe não só os duzentos mil réis, mas tudo o mais em seu poder. Assim tombou êle, vítima das próprias e grosseiras imposturas.

Partimos de Formigas na manhã de 13 de Julho e, depois de viajar légua e meia, chegámos à cadeia de montanhas que cinge o vale e cuja estrutura é de uma compacta e primitiva rocha calcárea escura. A encosta, que é de suave ascensão, é bem coberta de pequenas árvores; mas, ao chegar ao tôpo, entrámos em um descampado ondulante e estéril, onde se viam, apenas em sítios baixos,

um ou outro grupo de árvores. A estas matas isoladas dão aqui o nome de capão, designação altamente poética, porque se deriva do vocábulo indiano caapoam, que quer dizer ilha. Estas ilhas de mata constituem uma feição peculiar dos altos e ondulantes campos abertos da província de Minas Gerais. As árvores que os compõem consistem principalmente de diferentes espécies de *myrecia*, *eugenia*, *vochysia*, *anona*, *laurus*, *styrax* e outros, entremeados de trepadeiras como *bauhinia* e *paulinia*. O solo em que crescem estas árvores é por vezes tão pantanoso, que é difícil obtê-las, correndo-se sempre o risco das grandes succuriús (Bôa constrictor) que frequentam estes sítios.

Após três léguas de viagem através desta região chegámos a um pequeno rio em um recôncavo onde resolvemos estanciar o resto do dia, informados que estávamos de que a aguada mais próxima demorava a cerca de três léguas adiante.

O sítio escolhido para pouso era à sombra de pequenas árvores. Apenas, porém, descarregámos a tropa quando nos vimos cobertos de carrapatos, que infestavam o chão e a grama. Fugimos dali sem perda de tempo e, subindo novamente para o campo aberto, achamos abrigo sob os amplos galhos de grande árvore de jataí. Nos campos relvosos encontrei um lindo arbusto melastomáceo de flôres côr de rosa; e na encosta oblíqua de uma colina que conduzia a um dos capões de mato, apanhei nada menos de cinco espécies do gênero *eryngium*. Durante a noite soprou sôbre a elevação onde dormíamos um frio vento, de que nos protegemos por meio de grande fogueira, que conservámos acesa, apesar da quase carência de lenha sêca. Ao amanhecer fomos despertados pelos latidos de um grande mastim e os gritos de alguém por êle atacado. O acampamento era ao pé da estrada e o cão pulára sôbre um pobre preto vindo do distrito do diamante e em caminho de Formigas e que partira assim cedo para escapar ao calor do dia.

Na manhã seguinte partimos cedo, rumo da próxima aguada, que era uma fonte em um recôncavo de basta mata. A região por onde passamos era bem diversa da que cortáramos no dia anterior. A primeira meia légua das tres percorridas era uma região elevada, mas bem servida de matas, passada a qual, ao subir uma baixa serra, se nos deparou um desses tractos elevados, cobertos de arbustos enfezados, a que os habitantes de Minas Gerais, dão o nome de carrascais. (°)

Muitos destes arbustos aqui encontrados eram de ordem inteiramente desconhecida por mim. Um dos mais notáveis dêstes era uma bela e nova espécie de curioso gênero *lychnophora*, de ordem natural das *compositae*, própria da província de Minas, e que, com as *vellozias*, dá uma feição marcada à sua vegetação peculiar quanto ao mais.

E' este um arbusto de cerca de seis pés de altura, com numerosos ramos que se projetam quase horizontalmente

(°) Quero enumerar aqui em breve nota as diferentes espécies de florestas e matas que os brasileiros distinguem por nomes particulares. São primeiramente as matas virgens ou florestas virgens, tais como as que existem na Serra dos Órgãos ou, antes, ao longo de tôda a cordilheira marítima. A estas pertencem também os capões das regiões dos campos. Depois da mata virgem vêm as caatingas, de árvores em geral pequenas e decíduas, e que formam o laço da união entre as florestas e os carrascais (1), que apparecem em tractos mais elevados que as das caatingas e que se constituem por arbustos em formação compacta, com cerca de três ou quatro pés de altura. São todós êstes, matas naturais, muito diferentes das que passo a mencionar e que se chamam capoeiras. Estas são formadas por pequenas árvores e arbustos que brotam em terras já cultivadas ou preparadas para a cultura, depois de destruidas, geralmente por queimadas, as antigas matas virgens. As árvores que assim brotam são sempre distintas das que constituíam a vegetação original.

---

(1) O autor usa uniformemente a fôrma *carrasco*. N. do T.

da parte superior do tronco, produzindo cada qual um tufo de folhas estreitas, de mais ou menos meio pé de comprimento.

Tôda a planta, com exceção da parte superior das folhas, é coberta de longa e espessa lanugem parda que, onde abundante, é colhida pelos moradores da terra para encher travesseiros e colchões. Encontrei depois algumas outras espécies de folhas tão estreitas, que à primeira vista se parecem com o abeto escocês, aparência aumentada por sua maneira do crescimento, também um tanto semelhante.

À tarde fizemos uma jornada de mais três léguas em região montanhosa, árida e coberta de relva, pousando à noite em uma baixada ao pé de um ribeiro, pouco além da fazenda do viado.

Na manhã seguinte, depois de uma légua de viagem em região um tanto plana chegamos ao *Arraial do Bomfim*, irregularmente edificado, com uma igreja e quarenta ou cinquenta casas, muitas delas com aspeto ruinoso.

Parámos aqui apenas o tempo necessário para dar aos cavalos uma ração de milho, de que andavam sentindo grande falta, porque mal nutridos pelas pastagens pouco nutritivas dos lugares por onde iam passando.

A principal casa de comércio da aldêia pertencia, como vinte anos antes, ao tempo em que a visitou Mr. Auguste de St. Hilaire, ao coronel Pedro José Virciani, proprietário de uma grande fazenda a umas duas léguas de distância, onde reside, estando a casa comercial entregue a pessoa de sua confiança, prática aliás bem comum entre os fazendeiros desta província.

Do vigário de Formigas obtive um roteiro deste lugar até a cidade de Diamantina; mas, informado de que havia outro caminho, com a dupla vantagem de ser melhor e mais curto, dei-lhe preferência, tornando-se necessário, por isso mesmo, passarmos pela fazenda de Santo Eloi, pertencente ao coronel Virciani acima nomeado. Lá chegados,

mandei um de meus homens pedir licença para ali ficarmos até o dia seguinte, o que nos foi concedido; mas, sabendo que eu era um estrangeiro, mandou imediatamente preparar-nos dois bons quartos, para mim e meus companheiros, em uma casa contígua à de sua residência. Fui-lhe apresentado: era um homem idoso, de vigorosa aparência e maneiras muito cativantes. Passei em sua casa uma tarde agradável, sendo por êle informado de que St. Hilaire passára com êle um dia e uma noite, no decurso de sua jornada ao Rio São Francisco. Embora não me fizesse êle alusão ao fato, soube depois que algumas referências feitas pelo sábio viajante e botânico, ao mencionar sua visita a Santo Eloi, haviam grandemente ofendido a êste excelente homem.

Eis a malsinada passagem:

“Pendant tout le temps que je passai chez le Capitaine Virciani (porque êle era por êsse tempo simples capitão), lá maîtresse de la maison ne se montra point, cependant, tandis que nous mangions, je voyais um minois féminins s'avancer doucement à travers la porte entr'ouverte; mais aussitôt que je jetais les yeux de ce côté, la dame disparaissait. C'est par une curiosité semblable que les femmes cherchent à se dedommager du peu de liberté dont on les laisse jouir” (\*).

A mesma dama ainda vivia e eu a vi todo o tempo que estive em sua casa: mas vinte anos haviam feito grande mudança no lindo rosto de que St. Hilaire tivera apenas uma visão fugitiva. Suas filhas, porém, agora crescidas, não eram menos esquivas do que o fôra a mãe nos dias da mocidade.

Logo que o coronel soube que eu praticava a medicina não me falou mais de outra coisa, sendo, como êle próprio me disse, um *curioso*, nome que se dá aos que se

---

(\* ) *Voyage dans les Provinces do Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, t. 2, p. 350.



intrometem em qualquer profissão para a qual não foram regularmente preparados.

Como muitos de seus escravos estavam doentes, acompanhei-o em uma visita a cada um deles, sucessivamente, porque o coronel queria verificar se os estava tratando acertadamente e ouvir minha opinião a respeito de seus males. Seu guia usual no assunto era uma tradução portuguesa da Medicina Doméstica, de Buchan.

Encontrei por tôda parte, no Brasil, indivíduos, sem maiores conhecimentos que estes, vivendo da prática da medicina. Andavam de vila em vila e de fazenda em fazenda, ganhando muitos deles, como seus colegas europeus, gordas somas de dinheiro com sua pretendida ciência médica.

Esta fazenda é uma das melhores que eu tinha visto no interior: a casa do coronel, a qual era de dois andares, as dos escravos, as tulhas e outras dependências eram construídas em forma de quadrado. Perto da casa havia uma horta em que se cultivam com grande cuidado os vegetais mais comuns da Europa, e que produzia ampla colheita.

Aqui pela primeira vez, desde que deixei as costas de Aracati, vi empregar a agua para mover roda, em substituição do trabalho manual, na moagem da mandioca e outras plantas. Esta roda d'agua era de uns quinze pes de diâmetro e bem suprida por um pequeno rio que passava a distância, canalizado em bem construído aqueduto. Esta força servia igualmente para moer mandioca, cana de açúcar, milho e sementes de óleo de mamona. O Coronel prepara anualmente grande quantidade de óleo de mamona, de melhor qualidade que todos os que tenho visto em outras partes do Brasil.

E' usado principalmente como azeite de lampada, mas também um pouco medicinalmente.

A propriedade do Coronel Virციани é bem adaptada tanto para a criação de gado como para a cultivação de cana de açúcar: destes recursos tira êle seus grandes lucros.

A mandioca, o milho e outras plantas aqui cultivadas não dão mais que o necessário para o consumo da família e dos escravos.

Além de grande suprimento de milho para meu cavalo, sem nada me cobrar por isso, forneceu o coronel uma pequena porção de chá, porque meu estoque estava quase acabado e não havia onde comprá-lo em São Romão ou Formigas. O coronel Virciani e sua família usavam-no constantemente, recebendo do Rio, a espaços, uma caixa cheia dele.

Na manhã de nossa partida de Santo Eloi, havendo esperado pelo almoço, só vencemos umas duas léguas e meia de caminho, passando por uma região elevada e plana com largos tractos, cobertos de pequenos arbustos, formando a espécie de vegetação chamada carrascal. Aí fizemos alto por breve tempo sob uma arvore de bombax, perto de um campo apaulado, em que crescia em abundância uma bela espécie de *eriocaulon* sem haste. De tarde fizemos nova jornada de cerca de légua e meia através de uma região alta e montanhosa, coberta de relva.

Ao lusco-fusco chegamos à fazenda do Sítio, pertencente ao guarda-mór Gonçalvo Cristóvão Pereira d'Álcamí, de quem, embora não lhe levasse recomendação, recebi o mais hospitaleiro tratamento: prepararam-nos imediatamente aposentos para nosso uso e durante o dia e meio que lá permanecemos, Mr. Walker e eu, fomos convidados à sua mesa. A casa, que é uma excelente construção de dois andares, fica em um recôncavo donde se descortina bela vista dos montanhosos arredores.

Fiquei aqui um dia a mais do que pretendia, porque minha coleção de plantas se tornára tão grande, que me foi necessário pô-las em ordem. Isto me ocupou um dia inteiro; mas tive, felizmente, a meu favor um belo sol, que me permitiu secar todo o papel umedecido e colocar tôdas as espécies em folhas enxutas.

Passa perto da casa um belo regato que desce das montanhas e em cujas margens andei colhendo muitas novidades botânicas para minha coleção.

Contou-me o meu hospedeiro que no cascalho dêste rio se encontraram dois ou três diamantes, indício evidente de que estávamos nas fronteiras do distrito a que esta pedra preciosa dá o nome.

Postas em ordem tôdas as minhas coleções, decidi recommençar a viagem na manhã seguinte, mas disso fui impedido por se ter extraviado nas matas um de meus cavalos; pelo que a partida só se deu na tarde do outro dia.

Tinha aqui novamente de escolher entre dois caminhos, um colcando ao sopé de alta serra, e que, embora mais longo, era muito melhor que o outro que passava pelo topo da serra: preferi êste por causa da vegetação muito diferente que esperava ali encontrar; mas, pelo que toca aos animais, que não estavam absolutamente em boas condições, o primeiro teria sido muito preferível.

O guarda-mór quis que eu ainda ficasse mais uma noite para evitar o pouso no topo da montanha, longe de qualquer habitação; mas, como estávamos muito afeitos a isso, não mudámos de idéia, embora depois tivéssemos motivos de arrependimentos.

Logo que saímos da fazenda, subimos uma serra de grande altura, de raros e pequenos arbustos, quase todos pertencentes a tres espécies de *lychnophora*. Continuando neste ondulante topo, chegamos a outra subida, pedregosa e difficil em extremo para os cavalos, e que ia morrer em um cimo rochoso e um tanto plano, de considerável extensão.

Era um sítio de aparência quasi alpina: as ásperas rochas arenaceo-chistosas, bem como o chão e os pequenos arbustos, tinham uma aparência de bolor por causa dos numerosos liquens que os cobriam: e o frio que nos transia afinava com o aspeto da região.

De parte as altas montanhas da Serra dos Órgãos, era este o mais rico dos campos botânicos que se me deparava em minhas longas peregrinações. Com efeito, eram tão numerosos os espécimes que se me apresentavam de todos os lados, cada qual mais belo ou mais curioso que outro, que eu era obrigado a restringir o número dos exemplares colhidos, de modo a poder levar ao menos uns poucos de cada espécie. Os arbustos eram aqui de diferentes espécies de *lychnophora*, uma bela *melastomacea*, uma *virgularia* coberta de flôres côr de rosa, diversos *hypti*, um *panax* e outras mais; entre estes cresciam muitas curiosas espécies de *eriocaulon* e outras pequenas plantas erbáceas.

O solo era aqui um tanto alagadiço e numerosos ribeirinhos de límpidas aguas corriam da montanha em tôdas as direções.

Deixando esta chapada, começámos uma terceira ascensão, em terreno ainda mais íngreme e pedregoso que o outro, chegando a breve trecho a um sítio achatado, relvoso e um tanto basto de moitas.

Nesta subida novamente se nos deparou diferente vegetação: duas das mais belas plantas eram uma espécie de *physocalix*, belo arbusto de cerca de três pés de altura, com numerosas flôres de um vermelho alaranjado, cercadas de um grande cálice tumido, quase da mesma côr, e um lindo *lysanthus* de flôr escarlata. Caminhamos no tópo desta montanha cerca de meia légua, colhendo a cada passo uma nova planta. Era já noite fechada quando chegámos a um lugar adequado ao acampamento: era um sítio relvado, arenoso e sêco, ao pé do caminho. No meio das poucas árvores dos arredores imediatos os nossos companheiros andaram vagando, às apalpadelas, à cata de gravetos sêcos que bastassem para acender o fogo com que haviam de cozer-nos a ceia.

Quando chegámos, o céu estava inteiramente limpo; minutos depois víamos uma tempestade formando-se ao

oeste; e, apenas nos deitarámos nos leitos de couro ao pé do fogo, a chuva começou a cair; e, como não havia abrigo de espécie alguma, ficamos logo completamente alagados.

Os companheiros, na ânsia de conservar acêso o fogo, ergueram um couro por cima dele, até que passou a tempestade. Os relâmpagos eram extremamente vívidos e o estrépito dos trovões reboava aterradoramente.

Cessada a tormenta, acomodamo-nos o mais confortavelmente possível nas circunstâncias, com a esperança de não ser de novo perturbados.

Nisto, porém, muito nos enganamos; porque, mal havíamos adormecido novamente, quando a tempestade voltava com tôda a fúria, deixando-nos em peor estado que o primeiro.

Só os que já passaram uma noite em tais circunstâncias pôdem avaliar o que sofremos.

Se houvessemos podido prever o acontecimento, poderíamos estar mais prevenidos contra êle; mas, em plena estação de sêca, certo não tínhamos razão para esperar tanta chuva.

Pela terceira vez nos deitamos, já agora não mais para dormir, que era impossível, molhados e resfriados como estávamos, com o fogo completamente extinto pela quantidade de chuva caída.

Quando clareou a manhã, vi que o lugar onde acampáramos era um dos mais belos imagináveis, com enorme variedade de belos arbustos e inúmeras plantas curiosas. Aqui ficámos até o meio dia, na expectativa de que o sol brilhasse com força bastante para secar tudo quando se havia molhado com a chuva da noite; mas, como a tarde continuasse nublada, resolvemos prosseguir na jornada.

Pela manhã, logo após o almoço, voltei com um dos meus empregados ao tôpo da última subida por onde tínhamos passado na noite anterior, fazendo também várias ou-

tras excursões mais curtas nas vizinhanças do acampamento e assim acrescentando muitas e interessantes novidades às minhas coleções.

Tendo partido pouco depois do meio-dia, chegámos, ao cabo de longa e fatigante jornada de tres léguas, a uma lavra de ouro recém-estabelecida e chamada Lavrinha.

Nossa rota levara-nos ao longo do tópo achatado da serra, por vezes através de longos tractos abertos e relvosos, onde abundavam numerosas espécies de *ericaulon*, *Melastomaceae*, *compositae*, um *lupinus* de flôr azul, uma pequena *virgularia* com flôres de um rosado pálido, grande profusão de uma *vellozia* purpúrea e o belo *lysanthus* de flôr escarlate.

Também passámos algumas vezes através de ásperos tractos de raros e pequenos arbustos, entre os quais numerosas *melastomaceae*, muitas delas de folhas imbricadas, e grandes flôres côr de rosa, formando os mais graciosos tufos imagináveis, em geral semelhantes às urzes.

Embora muito fatigante para os animais, para nós esta jornada foi em extremo excitante e deliciosa: tôda a região que percorremos durante quase dois dias era um vasto jardim de flôres, no meio do qual, "como criança em festa", eu não sabia a que objeto atirar-me primeiro.

Tudo para mim era novo e cada coisa era mais bela ou mais curiosa que a outra.

Nesta alta região reinava um silencio solene: não se via em todo o percurso um só animal de qualquer espécie, nem se ouvia o mínimo som, exceto o causado por nós mesmos.

Chegámos a Lavrinha pelas cinco da tarde; e, conquanto o sol houvesse brilhado durante a melhor parte da jornada, era tarde de mais para tentarmos enxugar qualquer das nossas coisas.

Lavrinha, como já disse, é uma pequena lavra de ouro, ha pouco estabelecida.

As únicas construções em volta eram uma pequena choça, feita com umas poucas estacas e varas, cobertas com palmas de buriti, onde dormia o fiscal das obras, e uns poucos abrigos do mesmo material, destinados aos escravos.

Tivemos acomodação em um canto da choça.

Um pequeno rio, que corre ali perto, mas apenas na estação das chuvas, ofereceu alguns indícios de ouro, que levaram certos fazendeiros, entre os quais o Coronel Vir-ciani e o guarda-mór, a constituir-se em sociedade, seis meses antes da minha visita, com o fim de estabelecer uma lavra. Para isto mandaram cerca de quarenta escravos executar os trabalhos sob a direção da pessoa que primeiro descobriu o ouro, e que, em troca de seu trabalho, obteve certo número de ações da sociedade.

Descobriu-se que o veio, cujo ouro, encontrado neste pequeno rio, tinha sido lavado, descia através de uma rocha de chisto, branco e mole; e no período de minha visita já o tinham cavado na profundidade de cerca de trinta pés. Achei-os ocupados na lavagem do material extraído, cuja produção se verificou que era muito desigual, havendo dias de uma, duas e tres onças, porém mais frequentemente o total era menos de uma onça. Pouco antes de nossa chegada um dia de trabalho produzira até quatro onças, mas esta quantidade havia de novo baixado a menos de uma onça. Pelo modo primitivo com que se faziam os trabalhos pareceu-me que os resultados nunca seriam compensadores; porque o encarregado das operações não sómente ignorava inteiramente a arte da mineração, mas também desconhecia as mais elementares operações de mecânica.

Enquanto se fazia o trabalho de escavação, grande quantidade de agua de duas fontes corria para dentro da mina; esta agua era dali retirada em baldes num labor manual ininterrupto dia e noite, ao passo que uma bomba de pequeno diâmetro serviria para tirar a agua mais rápida

e satisfatoriamente, economizando o trabalho de dez ou doze homens pelo menos. Quando mencionei esta possibilidade, disse-me o intendente da mina que, naquelas redondezas, ninguém tinha a mínima idéia da construção de uma bomba.

Até um virador comum com baldes daria melhor resultado que o plano aqui adotado; mas era tal o atraso de seus conhecimentos mecânicos, que nem êsse simples engenheiro sabiam construir.

Como o dia foi de claro sol, ocupamos tôda a manhã em enxugar as roupas e pôr em ordem a grande coleção de espécimes feita no dia anterior. De tarde dei novos passeios nas vizinhanças em busca de novidades. Lavrinha está situada na extremidade sul da Serra, em um recôncavo rodeado de colinas de rocha, um tanto mais baixas que as das partes setentrionais da Serra. Aqui fiz outra vez numerosas coleções, entre as quais estavam duas belas orquídeas, ambas do belo gênero *laelia*, uma delas com flôres côr de violeta, outra com flôres de um amarelo vivo.

Nas fendas sêcas e estéreis dos rochedos cresciam diversas pequenas e curiosas *vellozias* e *eriocaulons*; um dêstes últimos era uma espécie ramada de cerca de seis pés de altura.

Tendo várias vezes mencionado esta curiosa família de plantas, farei aqui sôbre elas algumas observações. Quando Linneu publicou a última edição de sua *Species Plantarum*, em 1764, descreveu apenas cinco espécies de tôdas as partes do mundo, ao passo que, só do Brasil, meu *herbarium* contém mais de cem. Na Grã-Bretanha só se encontra uma espécie — uma pequena planta semelhante à grama, com uma só haste florescente, de cerca de seis polegadas, produzindo um pequeno topo esférico de minúsculas flores. Encontra-se apenas nos lagos da Ilha de Skye e no oeste da Irlanda. Mui poucas plantas brasileiras apresentam semelhança com esta espécie do norte; porque muitas delas são grandes plantas sufrutescentes, atingindo frequentemente a altura de quatro a seis pés, com hastes



folhosas e muito ramificadas, terminando cada raminho por uma grande bola branca, composta por numerosas cabeças menores, colocadas em pedúnculos de comprimento desigual.

Outra circunstância notável em relação a estas plantas é o fato que o maior número das espécies brasileiras não vivem na agua, à maneira da nossa única espécie britânica, mas cresce nas partes mais sêcas e sáfaras dos declives de montanhas; outras muitas se encontram em terrenos planos, arenosos e requeimados, que se inundam na estação das aguas; as espécies aquáticas verdadeiramente brasileiras mais ou menos se assemelham à nossa em hábito.

Logo depois de partir de Lavrinhas, começamos a descer a Serra, que neste lado não é de grande altura. A estrada era péssima e tortuosa, coleando entre grandes rochedos, e coberta de pedras soltas que rolavam sob as patas dos cavalos e tornavam não pouco perigosa a descida. Terminada esta afinal, entrámos em estrada relativamente boa de região plana, que era de fato um grande vale cercado de montes e apresentando diversos terrenos alagadiços com uns poucos buritis que, pequeninos em comparação com os que víramos em igual situação nas províncias de Piauí e Goiaz, não pareciam medrar sob o grande frio a que estavam expostos.

Depois de duas léguas e meia de viagem, paramos no meio do dia em sítio sombreado, ao pé de um arroio, em frente a um outeirinho redondo e coberto de *Lychnophora pinaster*, (\*) muito semelhante ao abeto escocês, e de uma espécie de lírio.

Prosseguindo à tarde através do mesmo vale, que agora se tornára gradualmente mais estreito, e que era cercado de duas grandes cadeias de montanhas relvosas, chegámos ao pôr do sol às margens do pequeno rio chamado Inhacica,

---

(\*) Depois do meu regresso à Inglaterra descrevi várias destas curiosas plantas no sexto vol. de *Icones Plantarum*, de Hooker.

alojando-nos por essa noite na varanda de pequena venda, única habitação do lugar. Contávamos como certo poder comprar aqui alguma coisa para reforçar nosso estoque de provisões, mas o único artigo que se encontrava à venda era a cachaça. Não muito, porém, depois de nossa chegada uma pessoa da casa voltou do rio com um belo peixe de cerca de pé e meio de comprimento, que folguei de comprar por pequena quantia e que nos deu excelente cêia. Enquanto me ocupava em pôr em ordem minhas plantas e acondicionar os espécimes em papel, fiquei surpreendido de ouvir dizer ao dono da venda, um mulato de meia idade, que me observava de pé, ao meu lado, que êle também entendia daquela espécie de ocupação, porque estivera ao serviço dos Doutores Spix e Martius durante suas excursões, nas províncias de Minas, Goiaz e Baía.

Referiu-se nos têrmos mais elogiosos às atenções recebidas dêsses viajantes e à agradável vida que levára em sua companhia, com restrição apenas quanto ao grande trabalho, que às vezes tinha, de secar o papel para preservar os espécimes botânicos.

Eu bem podia acreditá-lo, sabendo por experiência que os meus empregados também não gostavam dêste trabalho, obrigados que eram às vezes, com tempo nublado e chuvoso, a enxugar por dias diversas resmas, folha por folha, por cima do fogo.

Êste mulato, que era o barqueiro, passou as cargas para o lado oposto do rio em uma canôa.

Aqui mais uma vez fomos detidos pela causa tão frequente de nossas demoras, o desaparecimento de um dos cavalos, que não foi encontrado senão ao meio-dia, de modo que não pudemos fazer nesse dia mais que umas três léguas. A região era ainda plana, com exceção de uma ou duas montanhas de pedregulho, baixas e sêcas, que atravessamos. Alguns lugares, principalmente os recôncavos, estavam bem cobertos de pequenas árvores sempre verdes.

Era um dia quente e abafadiço e, como eu sofria muita dôr de cabeça, folguei de chegar ainda no começo da tarde ao nosso destino, uma pequena aldeia de cerca de doze casas, chamada Vargens. Tivemos licença de nos alojar em um alpendre pertencente a uma das casas, usado para a preparação da farinha de mandioca, mister em que então se ocupavam várias pessoas.

A roda empregada para moer as raízes era movida por uma pequena roda d'água, que, embora toscamente construída, servia ótamente para o fim destinado e economizava muito labor manual. As pequenas correntes d'água, tão frequentes nos distritos montanhosos da província de Minas, dão aos seus habitantes grandes vantagens sobre as das áridas províncias do norte.

Foi esta a segunda vez que vi o engenho d'água usado para tal fim; mas, avançando para o sul, achei-o frequentemente empregado.

A gente da casa onde pousamos era quase branca e, conquanto pobre, muito atenciosa e bôa.

Partindo de Vargens, fizemos mais légua e meia de caminho por um vale plano, limitado à direita por alta serra desnuda e rochosa, chegando a outro pequeno rio, o Inhai, por onde os cavalos passaram seguramente a vau com tôda a carga.

Em pequena elevação pouco além do rio observámos uma grande casa, perto do que parecia ser as ruínas de uma igreja. Mas soubemos depois que era um Registro, lugar onde todos os viajantes que entram ou saem do distrito do diamante propriamente dito, de que êste é um dos limites, são devidamente examinados para prevenir qualquer contrabando de diamante. Era um sistema de precaução que vigorava principalmente no período anterior à independência do Brasil, quando a mineração desta pedra preciosa era praticada exclusivamente pelo governo.

Encontrámos a casa deshabitada e caindo em ruína. Ocupamos um dos maiores cômodos que, por ser bem

coberto, nos oferecia melhor abrigo do sol do que teríamos à sombra de uma árvore. Ia a tarde adiantada quando daqui saímos, tendo passado a manhã a reparar os arreios dos cavalos. Não fizemos mais que légua e meia de jornada, caminhando quase todo o tempo por sôbre montanha desnuda e relvosa, onde encontrei alguns pequenos arbustos em flôr. Acampámos à noite debaixo de algumas árvores em um recôncavo ao pé de límpido riacho. Outra jornada de mais de meia légua levou-nos pela manhã do dia seguinte a um lugar chamado Vassouras e Aréias, nas margens do Rio Jequitinhonha. Embora êste rio não seja aqui muito grande, achámo-lo fundo de mais para sôbre êle arriscarmos a bagagem nas costas dos cavalos; mas, como não havia canôa, a única alternativa era fazê-la passar sôbre as cabeças dos empregados. Isto nos tomou tanto tempo, que achamos tarde demais para sairmos sem almoço.

Folguei depois por termos sido obrigados a demorar-nos aqui, porque isso me deparou oportunidade de presenciarem as operações em uma das maiores minas de diamantes, se não a maior dêste distrito.

A principal casa dêste lugar pertencia ao capitão José de Almeida e Silva, que era também o proprietário da mina.

Como não havia nenhuma grande árvore sob a qual nos pudéssemos abrigar, dirigí-me à casa do capitão, que era quem mais provavelmente poderia dar-nos acomodações durante o curto tempo que pretendíamos permanecer aqui. Vendo-o à porta, acheguei-me para êsse fim, respondendo-me êle que o único lugar possível era um alpendre, que nos indicou e onde trabalhavam alguns carpinteiros. Meia hora depois que nos havíamos acolhido a êste abrigo pouco confortável, enquanto cuidávamos das coleções feitas na jornada da manhã, o capitão, que já tinha sido informado de quem eu era, veio oferecer o uso de um quarto vago em sua casa. Como, porém, tôda a minha bagagem já estava descarregada, agradeçi-lhe a gen-

tileza e declinei o convite, o que não impediu que êle muito polidamente insistisse em que eu ficasse ali o dia todo para vêr como se faziam os trabalhos da mina.

Cerca de uma hora depois de nossa chegada veio de uma das fazendas uma tropa de mulas com provisões para os escravos; e logo depois recebi um presente de frutas mandadas pelo proprietário, um cesto de ótimas laranjas e outro de jaboticabas, com que nos deliciamos verdadeiramente, porque fazia tempo que não provavamos fruta de espécie alguma. A jaboticaba é a fruta de uma espécie de *eugenia* (*E. cantiflora*, Mart.), árvore silvestre das matas do sul do Brasil, mas também cultivada em quase todos os quintais nos distritos do ouro e do diamante. E' de côr preta, do tamanho de uma ameixa Rainha Claudia, polpuda e refrigerante.

A mina do capitão Almeida era perto do Rio Jequitinhonha, em uma língua de terra que outrora deve ter formado o leito do rio. Uma mina da vizinhança tinha sido trabalhada pelo governo havia cerca de quarenta anos e produzira, no decurso de três anos, nada menos de 37 lbs. e seis drs. de diamantes. (\*) Tendo-se exaurido no fim dêste tempo a formação, como lhe chamam, abandonou-se a mina.

Na expectativa de igual êxito, iniciou o capitão Almeida operações perto do mesmo lugar cerca de seis mêses antes da minha visita, com mais de cento e cinquenta escravos, todos alugados de seus vizinhos. Com dispêndio de cerca de mil libras esterlinas trouxe de uma distância de légua e meia uma pequena corrente dagua, fez grande escavação e levantou bombas movidas por uma roda dagua para extrair a agua da mina. Praticou-se a escavação até

---

(\*) Para uma excelente descrição das minas de diamantes e uma relação pela qual os trabalhos eram realizados sob a administração do governo remete-se o leitor à obra de M. Auguste de St. Hilaire — *Voyage dans les districts de Diamans et sur littoral du Brésil, Paris, 1833.*

a profundidade de cerca de trinta pés sem encontrar nenhuma formação de diamante propriamente dita, embora ao ser lavado produzisse pequeno número de pedras de não grande valor.

Pouco tempo antes de minha chegada começou êle nos mesmos arredores outra escavação de umas quarenta jardas quadradas. As diferentes espécies de solo a perfurar antes de alcançar o depósito em que se encontram os diamantes, foram em primeiro lugar cerca de vinte pés de um solo arenoso e avermelhado, que era quebrado pela enxada e depois carregado para o rio por uma corrente dagua vinda da que servia para mover a roda-dagua; abaixo dêste encontravam-se cerca de oito pés de uma argila amarela e pegajosa, que era cavada com a enxada e carregada na cabeça dos negros, em gamelas de pau, de pé e meio de diâmetro, por falta de carrinho de mão, que é aqui desconhecido; por baixo desta argila aparecia uma camada de arêia avermelhada e grossa, com dois pés e meio de espessura, sob a qual estava o solo peculiar que contém os diamantes.

Quando esta formação diamantina consiste de pedregulho solto, chama-se cascalho na linguagem dos mineiros; e, quando encontrada nas zonas de um conglomerado ferruginoso, dão-lhe o nome de ganga.

Esta camada varia de um a quatro pés de espessura e o cascalho de que se compõe consiste em pequenos seixos de rocha primitiva, os quais por sua forma redonda e polida, evidentemente formaram em época remota o leito de uma corrente dagua. Estes seixos são de várias espécies: mas, quando aparece grande quantidade de esmeril preto, variedade da turmalina, o cascalho é considerado rico em diamantes. O cascalho geralmente jaz sôbre um substrato de uma espécie de argila dura chamada piçarra, em baixo da qual se encontram as sólidas rochas chistosas que preponderam geralmente em todo o distrito do diamante. Às veze as ganga ou aglutinado de pedregulho

jaz sôbre uma rocha chamada mármore, que, segundo a descrição que dele faz o capitão Almeida, parece ser uma espécie de pedra calcárea; e, quando isto acontece, é certo ser rica em diamantes.

Eis como se faz a lavagem do cascalho: ao longo de um tanque dagua coloca-se uma fileira de onze cercados, de três pés quadrados, feitos de estacas fincadas no chão, com o lado perto da agua muito mais baixo que os outros; o fundo é feito de argila bem batida: estes cercados são chamados *bacós* (sic), em cada um dos quais um escravo, ali estacionado para êsse fim, lança uma porção de cascalho; bem em frente de cada *bacó* fica um escravo com agua pelos joelhos, munido de um grande prato raso de madeira, a batêia, com que atira com tôda força agua sôbre o cascalho: por êste processo, e remexendo-o a intervalos, com uma pequena enxada, liberta-se o cascalho da terra e arêia que se lhe misturam, retirando-se as partículas maiores de pedregulho que surgem à tona. É neste processo que se encontram os maiores diamantes. Bem de frente dêstes *bacós*, a uns três pés acima do nível do chão, levantam-se assentos separados para dois fiscais, armado cada qual de um grande chicote de corrêias, em rigorosa vigilância para que não se furte nenhum diamante.

O trabalho dura desde manhã até às quatro horas da tarde, quando o cascalho, assim lavado e purificado, é retirado dos *bacós* e levado à beira de pequena corrente dagua para ser finalmente lavado.

Acompanhando o capitão para observar esta operação, que para um estrangeiro é a mais interessante no processo de mineração do diamante, encontrei sete escravos sentados ao pé de um pequeno canal de quatro pés de largura, com a agua até os joelhos: chama-se esta corrente a *lavadeira*. Cada um dos escravos tinha um grande prato raso feito de pau, semelhante ao que é usado na lavagem do cascalho grosso, no qual é lançada uma pá de cascalho grosso por um escravo para esse fim estacionado atrás dos

outros. Feito isto, o lavador enchia de agua a batêia e, fazendo-a girar de modo peculiar por sobre a superficie da corrente, o cascalho maior vinha à tona e era cuidadosamente examinado. Repetida a operação várias vezes, punha então a batêia sobre os joelhos, com o direito muito mais baixo que o esquerdo, e com a mão lançava agua no cascalho fino, que era então tocado pela agua, com grande cuidado, para dentro do canal, até que a batêia ficava inteiramente vazia: é por este último processo que se podem encontrar os diamantes. Uma pequena batêia com um pouco d'agua estava posta num baixo suporte entre dois fiscais e nele se lançavam os diamantes que se iam encontrando, e que nesta ocasião se elevavam a onze, todos êles porém pequenos. No fundo das batêias se encontra sempre pequena quantidade de ouro em pó, que é cuidadosamente guardado.

Embora os diamantes se encontram ordinariamente no solo diluvial de cascalhos acima descrito, esta não é, todavia, a matriz em que originariamente se formaram. Seja qual fôr o caso em outros países, tive plena certeza de que aqui eles se formaram originariamente na rocha metamórfica de quartzo-chistoso, do qual são formadas as montanhas do distrito de diamante, e que foram, numa longa série de anos, carregados com os outros déritos (debris) para os sítios onde ora se encontram tão abundantemente.

Estas rochas são de natureza um tanto mole e facilmente desintegradas: daí as numerosas barrocas que cortam estas montanhas, cavadas pelas pequenas correntes que delas emanam.

Têm-se frequentemente encontrado pequenos pedaços da rocha contendo diamantes encravados. Na cidade de Diamantina ví dois belos espécimes, em cada um dos quais estava exposto um pequeno diamante; e, se não os comprei, foi só porquê me pediram por eles um preço exorbitante.



Quando lemos em livros que o diamante é um produto da mais recente época geográfica, como foi afirmado, por exemplo, pelo Dr. A. Petzholdt, no *Jamieson's Journal*, n.º 68, não podemos deixar de supôr que os que tais opiniões emitem foram induzidos em erro pelos viajantes que deram ouvidos às tolas historias contadas por incultos habitantes dos países diamantíferos. Afirmam quase todos estes que os diamantes se refazem, no decurso de poucos anos, no solo donde outros foram anternormente tirados. Esta é a opinião que encontrei generalizada no Brasil. Assim, porém, não pensam os mais aptos a chegar a uma conclusão exata sobre o assunto, mineiros inteligentes, como, por exemplo, o capitão José de Almeida, que têm opinião muito diferente daquela acima referida. Verdade é que este, tanto como outros, tem frequentes vezes lavado segunda vez o mesmo cascalho já trabalhado quando o governo tinha em suas mãos o monopólio, não, porém, que acreditassem que novos diamantes se haviam desde então formado, mas porquê bem sabiam que naqueles tempos o cascalho não era, como agora, cuidadosamente examinado. E, com efeito, não obstante o mais rigoroso cuidado, acredita-se que ainda agora escapam à vista alguns.

Partimos na manhã seguinte e depois de duas leguas e meia parámos para almoçar em um rancho pertencente a uma casa deshabitada à beira do caminho. A região que atravessámos era montanhosa e bem provida de matas e arbustos. A subida e a descida eram muito suavizadas pelo cuidado que se dera à formação das estradas, bem pavimentadas com grandes pedras de rocha chistosa de que se compunha a montanha. Em muitos lugares, porém, o pavimento está cedendo sob a ação da agua que sobre ele corre no tempo das chuvas, e se não fôr reparado, breve cairá em ruina. Uma ponte de madeira lançada sobre um pequeno rio, e que parece ter sido em tempos excelente construção, está agora em tão ruinoso estado, que ninguem se arriscava a passar por ela: fomos, por isso, obrigados a vadear o rio um pouco abaixo da ponte.

No leito do rio vimos vários grupos de pessoas lavando diamantes. No começo da tarde partimos para o Arraial de Mendanha, meia legua adiante; o caminho passava por um vale plano e coberto de moitas, cercado de ambos os lados por montanhas: as da esquerda erguiam-se a considerável altura e ofereciam o mesmo aspecto árido e rochoso das terras altas da Escocia. Pelo meio deste vale corre o rio Jequitinhonha, que atravessámos para chegar à aldeia do lado oposto: a travessia foi muito facilmente feita por uma ponte de madeira, bem construída e de considerável extensão, sobre a qual existe uma barreira, a primeira que encontramos no país, e que mostrava que nos estávamos aproximando de uma parte mais civilizada que qualquer outra por nós atravessada no Brasil.

Nesta barreira tive de pagar quarenta réis por cavalo carregado e vinte para cada um dos meus empregados, o que fiz com muito prazer, pois bem sabia os riscos e labores encontrados ao passar a bagagem sobre rios desprovidos de pontes.

Perguntando por um lugar onde pudéssemos pousar, indicaram-nos o rancho público; mas, achando-o pequeno, extremamente sujo e ocupado por uns negros tropeiros, não quis alojar-me ali.

Os ranchos são grandes abrigos, geralmente abertos de ambos os lados, edificados perto das vendas para acomodação dos viajantes. Este era o primeiro que eu via desde que partimos da costa, mas encontrei-os depois por tôda parte nas estradas mais frequentadas de Minas, mas particularmente na grande estrada pública entre o distrito do diamante e o Rio de Janeiro. Em lugar do rancho preferi alugar por essa noite uma casa vaga, e obtive afinal, depois de algum custo, a chave de uma recém-acabada.

O Arraial de Mendanha, pareceu-me florescente, com uma população de cerca de oitocentas pessoas e com quase tôdas as casas habitadas. O sitio, onde está assentada a aldeia, conquanto poético, está longe de fértil: está no fun-

do rochoso e desnudo de alta montanha, pendente sobre ela, com pouco ou nenhum solo vizinho adaptado a plantações de qualquer espécie. A grande maioria da população ganha os meios de vida empregando os escravos na mineração do diamante ou abrindo vendas para fornecer alimentos e roupas aos outros, principalmente em troca de diamantes e ouro em pó: e, com efeito, se não foram as minas de diamantes existentes nas vizinhanças, nem uma só casa se teria erguido neste lugar.

Logo depois de partir de Mendanha no dia seguinte, começamos a subir uma serra do mesmo nome. Era de cerca de uma legua de comprimento e, embora íngreme em muitos lugares, a ascensão era relativamente suavizada pela excelência do caminho. Em quase tôda a extensão é bem calçada de grandes pedras chatas de chisto arenoso, de que se forma a serra, e corre em ziguezague nas partes mais íngremes. A parte inferior da serra, particularmente ao longo de uma profunda barroca, ao lado da qual corre a estrada, é bem coberta de árvores e arbustos, mas ao cimo apresenta o mesmo aspeto alpino e desnudo, como o que atravessámos antes de chegar à pequena mina de ouro chamada Lavrinha.

Subi a pé a maior parte da encosta e apanhei diversos espécimes de novidades botânicas. Do cimo até Duas Pontes, que é uma legua distante, a estrada corta uma região plana e rochosa, de bastas moitas, com algumas montanhas à esquerda cobertas de arbustos muito enfezados. Parámos para almoçar em Duas Pontes, onde encontrámos duas casas, as únicas entre Mendanha e a cidade de Diamantina, numa extensão de quatro leguas. O lugar toma o nome de duas pontes existentes perto dali, cerca de uma milha uma da outra, ambas bem construídas de madeira.

Uma das casas era pequena venda pertencente a um negro que me informou de que era natural da Africa, e por muitos anos trabalhara na lavagem do diamante; mas, pelo uso do seu privilégio de trabalhar por conta própria

aos domingos e feriados, tivera a fortuna de encontrar diamantes em quantidade suficiente para comprar sua alforria, bem como a da mulher e vários filhos.

Perto deste lugar encontrei uma espécie de *rubus* carregado de fruto, que vivamente me evocou a lembrança de minha meninice e as sobras de espinho de meu país natal. Em sitios abertos achei espécimes de uma segunda espécie de *physocalix* e uma bela *andromeda*, com grandes paniculas de flores carmezins.

Estavamos agora apenas a duas leguas da cidade de Diamantina, jornada que bem facilmente poderíamos fazer aquela tarde; mas, não queríamos lá entrar de noite, pela dificuldade que um estrangeiro sempre encontra de obter acomodações, tanto para si como para seus animais.

Assim sendo, resolvi acampar por essa noite em sitio aberto no topo da Serra, perto de um ribeiro, a meia legua da cidade.

A região por onde passámos nesta curta jornada era quase inteiramente despida de árvores e arbustos e formada quase só de campos ondulantes e relvosos, abundante em muitos lugares em grandes rochedos semelhantes aos de que se compõe a Serra. Duas milhas antes do sitio em que acampámos descortinámos a leste vasta perspectiva da região, que é talvez uma das mais áridas e escabrosas do Brasil. Até onde os olhos alcançavam nada mais se via senão centenas de montanhas desnudas, cujos topos estérteis eram branqueados pelos inúmeros líquens que cobrem as rochas. A cavaleiro destas montanhas erguia-se o altaneiro pico de Itambé, a mais de seis mil pés acima do nível do mar. Foi com dificuldade que os meus homens acharam lenha bastante para cozer a nossa ceia e pela primeira vez fomos obrigados a deitar-nos para dormir sem um grande fogo aceso toda a noite, e isto em tempo de mais frio do que já havíamos experimentado até então.

Ao erguer-nos pela manhã, o termómetro marcava 54° Fahrenheit, frio excessivo que nos fazia tremer, acostumados como estávamos a climas mais quentes.

Uma hora depois da partida começamos a descer a serra em caminho semelhante ao da subida de Mendanha, porém menos longo e menos íngreme. Momentos depois estávamos à vista da famosa cidade de Diamantina, capital de uma rica província, ocupando tôda a encosta de uma serra, igual em altura à que acabávamos de descer e da qual se separa por estreito vale. A cidade surge tão subitamente à vista do viajante, que lhe parece chamada à existência por um poder mágico: admira-se ele à vista de tamanho aglomerado de grandes casas caiadas de branco, entremeadas de inúmeras igrejas, que se elevam gradualmente umas acima das outras nas íngremes encostas da serra, juntamente com numerosas plantações que rodeiam as casas, laranjeiras, bananeiras e outras plantas tropicais; compactas filas de jaboticabeiras e muitos e belos especímenes do grande e grotesco pinho brasileiro (*Araucaria brasiliiana*), em estranho contraste com os sitios rochosos e absolutamente sáfaros que cingem a cidade por todos os lados: é, com efeito, um oásis no deserto.

Não tendo carta de apresentação para pessoa alguma da cidade, dirigi-me logo ao chegar à casa do juiz de paz para apresentar meu passaporte, e, informado por ele de que se podia encontrar uma pequena estalagem na parte baixa da cidade, resolvi para lá ir, até que conseguisse alugar por dias uma casa vaga.

Felizmente, o senhorio tinha uma para alugar na parte alta da cidade, para a qual prontamente nos mudámos, folgando de não ser obrigados a ficar na estalagem, onde as acomodações eram tudo, menos tentadoras.

Este lugar, outrora conhecido como Arraial do Tijuco, foi em 1839 elevado à dignidade de cidade, sob o nome de Diamantina, por ser capital do distrito do diamante. Segundo informações do juiz de paz, sua população subia

a seis mil almas; as ruas são muito irregulares, geralmente bastante estreitas e mal calçadas; há na cidade e nos subúrbios muitas casas boas, de dois e tres andares, quase tôdas construídas de pedra excelente, abundante nos arredores. Custa, porém, muito cara a construção, por causa da grande distância a que vão buscar a madeira, que tem de ser puxada do sertão por novilhos, numa distância de quatro a dezesseis léguas, através de uma região montanhosa e alcantilada, por onde não passam carros. Pela mesma razão a lenha é extremamente cara na cidade, de má qualidade, porque quase sempre ainda meio verde quando se vende. Muitos escravos são empregados pelos senhores em cortar os grandes arbustos que crescem nas barrocás, a pequena distância da cidade, e cujos ramos são enfeixados e oferecidos a venda de casa em casa; os troncos das grandes *velozias* são também aproveitados como combustível, especialmente uma espécie que exuda abundante matéria resinosa.

Os tropeiros que se aproximam da cidade com sua tropa de mulas carregadas trazem sempre consigo, das matas por onde passam, feixes de lenha rachada que lhes basta para cozinhar seu alimento até o tempo da partida.

Muitas das lojas e armazens são bem iguais no aspecto aos do Rio de Janeiro e sortidas mais ou menos dos mesmos artigos, cuja diferença de preço não excede a vinte por cento. Tôdas as mercadorias européias, exceção feita de umas poucas da Baía, trazem-se do Rio no lombo das mulas, que chegam quase diariamente em tropas, às vezes de cem cabeças. Afóra uns poucos vegetais produzidos nas hortas em volta da cidade, todo o alimento aqui consumido vem de uma distância de dez a vinte léguas e vende-se em grandes feiras chamadas Intendências. São principalmente farinha de mandioca e de milho, esta muito mais largamente consumida na província de Minas que nas do norte; e também carne de sol, açúcar, carne de porco, queijo, milho, feijão, arroz e óleo de mamona, que se usa

para acender lâmpadas. A cidade conta três ou quatro belas igrejas; uma delas, chamada N. S. do Rosario, pertence aos negros da costa da Africa, e tem sobre um elevado altar a imagem da Virgem preta.

Como morávamos perto desta igreja, assistí muitas noites à celebração de uma de suas festas a que se achavam presentes, além dos pretos que habitualmente frequentam a igreja, muitos dos mais respeitáveis representantes do sexo masculino e feminino da cidade. Tudo se fazia com perfeita propriedade e certa noite ouvi excelente sermão prégado por um dos sacerdotes locais.

Ao tempo de nossa visita celebrou-se novena em uma das outras igrejas, a de N. S. das Mercês, onde estive várias vezes. Em tôdas essas ocasiões chamou-me particularmente a atenção a diferença na maneira de trajar das senhoras daqui em relação ao que eu observára em outras partes do interior. Nas grandes cidades que antes visitára notei que é maior o número de senhoras que frequentam as igrejas nas novenas que em qualquer outra ocasião, e que tanto as classes abastadas como a dos pobres se apresentam com os melhores trajes. Na cidade de Diamantina, embora as igrejas fossem em tais ocasiões igualmente bem frequentadas, as mais respeitáveis damas não estavam tão bem vestidas como do costume; e, se não fosse o privilégio, de que se valem as classes superiores, de se ajoelharem no chão diante do altar, não se distinguiriam dos pobres que se colocam para trás. Parecem que estão tôdas vestidas da mesma maneira; um capote de pano preto e uma capa em que se embuçam; um lenço branco atado em roda da cabeça e sobre esta um chapéu de homem. Nas tres semanas que passei na cidade nunca vi uma senhora andar na rua com qualquer outra espécie de chapéu; alguns poucos eram brancos, mas os pretos pareciam os mais em moda.

A parte mais alta da cidade está a uns quatro mil metros acima do nível do mar e o seu clima é por isso

mesmo ameno. No mês de julho, quando lá estive, o termômetro variou de 54° a 60° ao meio-dia, temperatura a que nos havíamos desde muito desacostumado, sofrendo por isso muito frio. Como só se podia fazer fogo na cozinha, todos nós achegávamos a êle o mais possível, principalmente pela manhã, mas era de noite que mais sofriamos, porque as cobertas eram leves demais para este clima e minhas reservas monetárias se achavam tão reduzidas, que me era impossível comprar novos agasalhos para mim ou para os meus companheiros. Fui obrigado a empregar o pouco dinheiro que tinha na renovação do estoque de alimentos para a continuação da viagem. Não havia aqui ninguém a que eu pudesse recorrer para obter dinheiro e ainda estávamos longe dos estabelecimentos mineiros ingleses onde podia sacar contra meus agentes no Rio.

Os meses mais frios nesta zona são maio, junho e julho; os mais quentes, novembro, janeiro e fevereiro, período em que o termômetro oscila em 74° e 88°, embora geralmente não passasse de 84°. No começo do verão são frequentes as tempestades, sempre vindas do norte.

Por uns poucos dias depois da nossa chegada a atmosfera esteve clara e revigorante, mas logo veio uma chuva peneirada e fria, que durou quase uma semana.

As casas têm geralmente nos fundos uma horta, em que se encontram os mais comuns vegetais europeus, como batata, couve, ervilha, alface, salsa e outros; vi também muitas das flores dos jardins europeus. Também se viam nos pomares algumas frutas da Europa, tais como a maçã, a pera, o pêssego, o figo e o marmelo. A cidade é abundantemente provida de água excelente vinda das fontes que brotam das montanhas. Estas águas são canalizadas para muitas das casas, suprimindo as famílias como uma das maiores comodidades que se podem desfrutar em clima quente, e isto por pouco preço. Há também fontes públicas, em diversos pontos da cidade.



O privilégio de lavar diamantes, embora monopólio do governo, tornou-se desde a declaração da independência do Brasil acessível a qualquer indivíduo disposto arriscar seu tempo e capital nesse labor: tudo o que se requer é que o aventureiro informe à câmara municipal do ponto exato onde pretende trabalhar, informação necessária para se protegerem alguns tractos virgens ainda reservados como propriedade real.

Quase todos os senhores de escravos em Diamantina empregam-nos nas lavagens, que se fazem de preferência nos lugares onde o cascalho está perto da superfície e perto do leito das pequenas correntes de agua das montanhas, tão comuns na localidade adjacente. Muitos pretos forros também trabalham por conta própria, obtendo assim escasos meios de subsistência. Os que se empenham nestas aventuras são quase todos gente muito impróvida: porque mesmo os que dirigem os mais vastos *serviços*, como lhes chamam, às vezes incorrem em grandes dívidas depois de exaurida uma mina e antes que encontrem outro sitio produtivo. Afirmou-me um dos maiores mineiros do distrito que a excitação produzida por este gênero de vida é semelhante a do jogador: quem nela entra, não sai mais.

O distrito onde se pratica esta curiosa espécie de indústria está abrangido no espaço de quatorze leguas quadradas e ficará aquem da realidade quem disser que dez mil indivíduos vivem inteiramente do produto do ouro e diamante extraídos do solo. Mas não são os mineiros, porém, sim, os vendeiros e lojistas, quem leva a maior parte dos lucros desta indústria, negociando todos em diamante e ouro em pó, que recebem dos mineiros em troca do supriemento do necessario a eles e a seus escravos.

Raro é encontrar-se um mineiro que não esteja indvidado para com um negociante varejista a quem é obrigado a entregar o produto de suas lavagens por menos do preço que obteria se tivesse liberdade de ofrecê-la no mercado livre a quem mais dêsse. A vida do negociante,

embora menos excelente que a do mineiro, é também menos sujeita a riscos: o negociante logo enriquece, ao passo que o pobre mineiro luta sempre com a pobreza, alimentando esperanças que raro se realizam.

Aos escravos se lhes permite trabalhar por conta própria aos domingos e feriados, não nas minas de seus senhores, mas em qualquer outro lugar, exceto nos domínios imperiais: e contaram-me o fato admirável que os maiores diamantes obtidos neste distrito têm sido, em regra, achados por escravos nestas ocasiões. Mas é lícito supôr que, sendo os escravos ladrões refinados, algumas das pedras, pelo menos, foram furtadas. Há agora mais oportunidades para dispôr prontamente dos diamantes assim obtidos, que quando as minas se achavam exclusivamente nas mãos do governo.

Nesses tempos eram os diamantes vendidos quase sempre clandestinamente a contrabandistas, muitos dos quais se escondiam de dia nas montanhas e de noite visitavam as choupanas dos escravos para comprar o roubado; até os negociantes estabelecidos se entregavam a este comércio ilícito.

O juiz de paz, que era ao tempo de minha visita um dos comerciantes mais ricos da cidade, deve sua fortuna ao seguinte fato.

Ao tempo em que o Brasil se achava ainda sob o domínio de Portugal era ele proprietário de pequena loja e de vez em quando fazia uma viagem ao Rio para se sortir de mercadorias.

Certa noite, de volta de uma dessas longas jornadas, tendo-se acomodado para descansar mais cedo que de costume, ouviu alguém bater-lhe à porta. A princípio não deu atenção ao fato, supondo que era algum freguês; mas, como continuassem a bater, levantou-se afinal, dando com um escravo que lhe vinha oferecer à venda um grande diamante que pesava cerca de cinquenta e seis grãos (*two*

*penny weights and a third*). Pedia-lhe o preço de seiscentos mil réis, equivalente nesse tempo a cento e oitenta libras esterlinas. Não tendo em mãos tôda essa importância, tomou parte emprestada de alguém. Bem cedo no dia seguinte partiu novamente, caminho do Rio, dizendo aos amigos que se esquecera de negócio importante e que só com sua presença se podia resolver.

Chegando à capital, usou de grande cautela ao procurar dispôr do seu tesouro, porque todo o comércio em diamante era a esse tempo considerado contrabando, sujeitando-se os infratores à pena de desterro por dez anos em Angola, na costa da Africa, bem como o confisco de suas propriedades, que eram vendidas em benefício do governo. Afinal consentiu em vendê-lo por vinte contos de réis, cerca de seis mil libras esterlinas, que lhe foram pagos em metal sonante. Como nunca tinha visto tanto dinheiro, ficou inteiramente atônito quando a importância lhe foi entregue e, depois de olhá-la por algum tempo, perguntou com grande simplicidade se tudo aquilo lhe pertencia. Pouco depois o indivíduo que lhe comprára o diamante revendeu-o por quarenta contos. E dizem que, quando o juiz ficou sabendo do real valor do diamante que lhe poderia ter rendido pelo menos tres vezes mais do que o recebido, seu pesar foi tão grande, que lhe afetou o juízo...

Recobrou-o, porém, de há muito, e é hoje em dia um dos mais ativos e atirados comerciantes de ouro e diamantes em seu distrito.

O clima temperado desta região torna mais sadios os seus habitantes em comparação com os sertanejos. As mulheres são as mais belas que eu já vi no Brasil e também os homens são de mais fina raça que os das regiões baixas, mais parecendo europeus que habitantes de um clima tropical. As moléstias mais comuns aqui são as produzidas pelas súbitas mudanças da temperatura, resfriados e doenças inflamatórias. Os escravos que trabalham constantemente com a gua pelos joelhos são muito sujeitos ao reu-

matismo; sua alimentação, que não é das mais nutritivas, consiste principalmente em feijão cozido e fubá de milho; que, ajuntando-se-lhe agua quente, se transforma numa pasta grossa chamada angú. Isto produz debilidade geral, especialmente aos que se dão ao uso imoderado da cachaça. Mas não são sómente os escravos que se entregam a este vício: os brancos de ambos os sexos, em quase todas as classes sociais, são também largamente viciados.

Isto se prova pela grande quantidade dessa bebida que entra diariamente no mercado. Porquê dizem que a cada tropa que entra carregada de provisões alimentícias corresponde outra que entra com a cachaça das plantações de açúcar nas zonas baixas.

Devo dizer que ví poucos casos de embriaguês nas ruas exccto entre gente de côr.

Como cheguei à cidade sem cartas de apresentação, poucos conhecimentos travei com os habitantes.

Ainda assim, recebi as maiores provas de atenção do juiz de paz, o senhor Antonio Gomes de Carvalho e do major Luis José de Figueiredo, presidente da câmara municipal, ambos os quais me visitaram no dia seguinte ao da minha chegada. M. Auguste de St. Hilairie, que visitou estas províncias em 1817, fala em termos elogiosos da grande hospitalidade dos habitantes de Minas Gerais; mas estes não parecem hoje tão bem dispostos a tratar com a mesma familiaridade aos estrangeiros. Isto se pode attribuir ao seu grande comércio com os europeus, especialmente depois da introdução das companhias inglêsas de mineração, que contribuíram grandemente para lhes alterar a disposição.

Em uma das casas que por vezes visitei encontrei traduções portugúesas de *Ivanhoe* e *Guy Mannering*, de Sir Walter Scott. Haviam sido enviadas ao Rio a uma das filhas da família que as lera com a maior admiração: tinha recebido excelente educação e fazia versos fluentes. Fi-

quei um tanto surpreendido ao saber que na cidade não havia nem livreiros nem bibliotéca.

Durante minha residência na cidade, chegou notícia sensacional: D. Pedro II, o jovem imperador, fôra chamado a assumir as rédeas do governo, em opposição ao desejo do Regente, antes de ter atingido a idade estabelecida por lei. Parece que o fato merecia aprovação decidida da maior parte da população, havendo por isso, manifestações de regosijo na ocasião. À tarde houve missa cantada na igreja matriz, estando presente todos os membros do Conselho Municipal, bem como tôda corporação da guarda-nacional. À noite houve iluminação pública e a guarda-nacional, após várias descargas em frente do quartel, desfilou pelas ruas principais, com banda de música à frente, acompanhada do concelho municipal e os principais habitantes da cidade. Acompanhei o concelho, ao qual fôra convidado pelo presidente, tendo assim oportunidade de observar tôda a cerimonia: aqui e ali, fazia-se alto em frente à casa de algum cidadão respeitavel, recitando cinco ou seis pessoas versos compostos durante o dia em honra do dia, enquanto das sacadas as senhoras da casa atiravam flores perfumadas com agua de Colonia. Também de vez em quando a multidão cá em baixo era honrada com uma canção de uma das belas. Isto se repetiu por três noites sucessivas. Muitos dos versos produzidos nesta ocasião eram em extremo apropriados: a maior porção, porém, se resumia na mais repulsiva adulação do jovem imperador. Adulação, por certo, tão vã e efêmera como a que se fez a seu pai que, quando proclumou a independência do Brasil, recebeu deste mesmo povo honras pouco inferiores às que se tributam à divindades, mas que, após dez anos de um reinado propício, teve de abdicar em favor de seu filho infante, sem a mínima expressão de pesar dos súditos. Ao contrário, estes pareciam regosijar-se com uma medida que tendia à consumação das idéias re-

publicanas, que por esse tempo ameaçavam arrastar o império a um vórtice de anarquia e confusão.

Felizmente, porém, para o país, a maior parte da comunidade teve o bom senso de renovar sua afeição às instituições monárquicas, que parecem bem adaptadas aos hábitos e maneiros do povo brasileiro. E eu tive então a grata oportunidade de presenciar as exuberantes expansões de entusiasmo, que espero seja mais duradouro que o que exibiram em outra ocasião ao ilustre fundador do império brasileiro.

Quando cheguei a Diamantina meus cavalos estavam em más condições por causa da longa e fatigante jornada que acabavam de fazer e das más pastagens com que se tinham ultimamente nutrido. Verifiquei, porém, com pesar, que os pastos daqui eram ainda peores e fiquei receoso de que, quando chegasse o tempo da partida, os animais não estivessem em condições de recomeçar a jornada. As únicas pastagens daqui se acham no topo da serra, acima da cidade, em região árida e especialmente fria nesta estação, donde o seu nome de Serro do Frio. Embora recebessem duas rações diárias de milho, estavam os cavalos cada dia mais magros e mais fracos depois que entraram as chuvas frias, tanto assim que, apesar de todo o nosso cuidado e atenção, oito deles morreram no decurso de poucos dias. Achando que os dez restantes estavam inteiramente incapazes do serviço, resolvi dispor deles de uma vez a troco de uma bagatela (setenta mil réis), de preferência a vê-los morrer um a um. O comprador levou-os imediatamente para o sertão. Como isto se deu em momento em que meu dinheiro estava quase acabado, sem esperança imediata de poder renová-lo, estava eu quase impossibilitado de agir: com o dinheiro da venda dos cavalos pude alugar uma tropa de mulas que nos conduzisse à Cidade do Serro (outrora Vila do Príncipe), dez léguas distante de Diamantina, na estrada do Rio de Janeiro.

E, feitos os necessários arranjos, preparei-me para a partida.

## CAPÍTULO XIII

### CIDADE DE DIAMANTINA A OURO PRETO

*Partida da cidade de Diamantina — Chegada a As Borbas — Passagem pelo Arraial do Milho — Tres Barras — Chegada à cidade do Serro, antigamente Vila do Príncipe — Descrição da cidade — Passagem por Tapanhuacanga — Retiro do Padre Bento — N. S. da Conceição — Descrição de uma fundição de ferro em Girau — Grande abundancia de minério de ferro neste distrito — Chegada a Escadinha — Morro de Gaspar Soares e duas outras fundições de ferro e forjas — Ponte Alta — Itambé — Passagem por Onça — Ponte do Machado, onde se via geada — Chegada a Cocais — Visita à grande Companhia de Mineração Inglesa de Cocais — Bondosa recepção pelo diretor da companhia — Chegada a S. João do Morro Grande, parte do estabelecimento de mineração da Companhia Inglesa de Gongo Soco — Hospitaleira recepção e visita das minas de ouro — Descrição das operações — Estrutura geológica das minas e região adjacente — Partida de Gongo Soco e passagem por Morro Velho — Raposa — Chegada ao estabelecimento de outra Companhia Inglesa de Mineração em Morro Velho — O prazer de receber cartas após dois anos de ausência — Bondosa recepção e residencia ali — Aldeia de Congonhas do Sabará — Sua ligação com as minas de ouro de Morro Velho — Descrição destas minas — Modo de trabalhar e extrair o ouro do mineral — Visita à cidade de Sabará — Estabelecimento de mineração de Cuiabá — Serra de Piedade — Serra de Curral de El-Rei — Partida de Morro Velho — Chegada à Vila de Caeté — Passagem por S. José do Morro Grande — Barra — Brumado — Serra de Caraça — Catas altas — Infeccionado — Bento Rodrigues — Camargos — Chegada a S. Caetano — Visita à cidade de Mariana — Passagem da Serra de Itacolumi — Arraial de Passagem — Chegada à cidade de Ouro-Preto, antigamente Vila Rica — Descrição da cidade — Sua população — Colegio — Jardim Botânico.*

Antes de partir da cidade de Diamantina andei em excursões pelos vales, barrocas e topos de montanhas das vizinhanças, fazendo numerosas aquisições. Feitos todos

os preparativos, partimos cedo na manhã de 15 de agosto. Fizemos uma jornada de cerca de três léguas e passamos a noite em um lugar chamado As Borbas, acampando em sitio aberto e relvoso, não longe da única casa ali existente, e que pertencia a um ferreiro. O caminho por onde passámos é a estrada real que conduz ao Rio de Janciro, talvez a peor do país, não obstante o tráfico que aqui se faz, não só para a capital da região do diamante, mas também para o grande distrito ao nordeste chamado Minas-Novas. As numerosas subidas e descidas são rochosas e cheias de grandes pedras; a última subida, de maior extensão que as outras, a cerca de uma légua da cidade, conduz a uma região plana, descampada e relvosa, o cume do Serro-Frio. Passámos por algumas mais altas à esquerda, uma das quais é a elevada Serra de Itambé. Era um tracto muito árido e desolado, contendo apenas uns poucos arbustos, que são duas ou três espécies de *lychnophora*, chamada candeia pelos habitantes, e a grotesca *Lychnocephalus tomentosus*, bem como, aqui e ali, uns grupos de *velosias*.

Pouco antes de chegar a Borbas descemos gradualmente em longa extensão por um trilho pedregoso e entramos em largo vale que, conquanto mais basto que a planície do alto, era ainda de aspecto árido.

Como algumas das mulas se tivessem extraviado durante a noite, ficámos no acampamento até quase o meio do dia seguinte, experiência pouco agradável, porque estávamos expostos ao sol, sem nenhuma forma de abrigo. Como não tinha agora nenhum animal meu próprio, tive de me submeter à vontade do tropeiro, que parecia ter pouca pressa na viagem. O modo de viajar nas províncias do sul, achámo-lo bem diverso daquele a que nos acostumáramos no norte. Raramente ou nunca se usam cavalos e só se faz uma caminhada por dia, a qual, conforme a natureza da estrada, se estende de três a quatro léguas. As tropas, às vezes de mais de cento e cinquenta



mulas, são bem organizadas: as que não são conduzidas pelo próprio dono são entregues a um arrieiro ou almocreve que, montado a cavalo, segue atrás da tropa. É ele quem dá ordem de marcha e de alto, examina as cangalhas e vigia o equilíbrio das cargas para que não pisem o lombo dos animais. Faz parte do seu officio examinar as patas das mulas, quando pára a tropa, para verificar o estado das ferraduras e substituir as que se perderam. A ele também frequentemente incumbe a compra e venda das mercadorias. O officio do almocreve é quase sempre exercido por mulatos.

As estradas do Brasil são tão estreitas, que os animais andam em fila, um atrás do outro, e de tal maneira se acostumam a isto, que, mesmo quando há espaço bastante para se emparelharem, persistem no hábito adquirido de seguir um atrás do outro.

A tropa é dividida em lotes de sete mulas cada um, que são conduzidos separadamente por um tocador, que anda a pé, e é geralmente um negro.

De Borbas fizemos uma jornada de cerca de três léguas e meia por uma região de montanhas pedregosas, chegando a um lugar chamado Três-Barras.

Pouco antes passámos pelo Arraial de Milho-Verde, mas a curta distância para o sul, em um lugar chamado Váu, atravessámos pequeno rio por uma ponte de madeira quase pôdre. Há aqui umas poucas casas de mísero aspetto, cujos donos são geralmente lavadores de diamantes: um destes me mostrou uns poucos deles, todos muito pequenos, e que estavam longe de igualar, quanto à côr, os que se encontram perto de Diamantina; um era negro como azeviche, côr não raramente encontrada.

Saindo de Três-Barras, fizemos outra jornada de três léguas e meia, que nos levou à cidade do Serro. A estrada corta uma região ondulante e montanhosa, evidentemente mais baixa que a do distrito do Diamante que deixáramos atrás, em Três-Barras: perdera a aparência pe-

dregosa e estéril, e sobre parte das montanhas arredondadas havia matas até o topo, vendo-se também às vezes plantações nos recôncavos. Em vez do solo pedregulhoso do Distrito do Diamante aparece de novo a argila ferruginosa vermelha, tão comum no país. Avistamos a cidade de cerca de uma légua de distância. Posto que muito menor que Diamantina, dá-lhe a sua elvada situação um aspecto imponente. Como Diamantina, também a cidade do Serro é construída no declive de uma montanha, embora de menos elevação e com as casas mais espalhadas. Neste lugar me separei do tropeiro que nos trouxera de Diamantina. Como não havia nenhuma estalagem, procurei o rancho público, grande casa bem construída e destinada expressamente à acomodação das tropas que vão e vêm, não podendo aí entrar mais que três a um tempo. O proprietario cobra quatro vintens por noite a cada tropeiro. Junto do rancho há uma venda grande para fornecer provisões e milho. E subentende-se que os tropeiros aí compreem o de que precisam para si, para seus homens e para as mulas. Neste rancho encontrei um arrieiro de volta de Ouro-Preto, com as mulas descarregadas. Aluguei-lhe dezoito destas para nos levarem para diante, concordando em pagar-lhe em nossa chegada 180 mil réis, cerca de 22 libras esterlinas.

A cidade do Serro, outrora conhecida pelo nome de Vila do Príncipe, está situada parte na encosta setentrional, parte no cume de uma montanha que corre de léste para oeste, e consiste principalmente em uma rua longa, cortada por outras poucas : são quase todas bem calçadas e as casas, com raras exceções, caiadas. Como na capital do Distrito de Diamante, quase toda a casa tem um pequeno jardim que dá à cidade, vista de longe, agradabilíssimo aspecto.

Aqui fiquei apenas parte do dia, tendo por isso pouca oportunidade de obter informações a respeito do lugar. Do pequeno passeio que dei na rua principal me ficou a

impressão de que é uma cidade tristonha. Segundo St. Hilaire, sua população era, em 1817, de 2.500 a 3.000 almas. Tem umas poucas casas comerciais, mas a maior parte dos habitantes são agricultores com fazendas nas redondezas. Aqui outrora se encontrava ouro em certa abundância no solo argiloso, especialmente em pequeno rio, chamado Córrego dos Quatro Vintens, que corre no vale abaixo da cidade. Apenas uns poucos dos habitantes mais endinheirados empregam seus escravos na procura deste metal.

As montanhas em torno da cidade são revestidas de uma grama que os brasileiros chamam capim gordura (*Melinis minutiflora*, Nees ab E.). É coberta de uma substância olosa e visguenta e aparece por toda a parte nos tractos de terra cujas matas virgens foram derrubadas para plantações. Os bois e os cavalos são ávidos dela; mas, embora engordem facilmente, comendo-a, os cavalos que a comem por muito tempo, ficam de fôlego curto.

Martius considera esta planta verdadeiramente nativa de Minas-Gerais, mas St. Hilaire é de opinião diferente. Como é agora tão comum em toda a provincia, seria difficil dizer qual daqueles distintos botânicos está com a razão. Todos os agricultores com quem conversei sobre o assunto concordam com St. Hilaire, embora difiram de opinião quanto ao lugar do aparecimento original da planta. É só nas montanhas que ela se encontra em grandes tractos e ao presente está-se extendendo para o norte. St. Hilaire em suas viagens não a observou além de 17° 40' de latitude sul; mas, ao atravessar a Serra-Geral, de Goiás para Minas, encontrei-a eu muitos graus ao norte daquele paralelo. Só a vi perto de habitações, mas pouca dúvida existe de que, no decurso de poucos anos, ter-se-á alastrado por toda a cordilheira, do mesmo modo que nas de Minas. As sementes foram evidentemente trazidas desta região pelos tropeiros que de lá entram em Goiás. Não se encontra absolutamente na zona do sertão.

Outra planta que apparece ao lado desta, e é uma das peores pragas com que o brasileiro tem de lutar, é a *Pteris caudata*, grande sarça semelhante à que se encontra em muitas partes da Grã-Bretanha, e a que os brasileiros dão o nome de samambaia.

Partindo da Cidade do Serro e passando por uma região montanhosa, de mata mais basta e mais habitada que a que havíamos recentemente atravessado, chegámos com quatro léguas de jornada ao Arraial de Tapanhuacanga, onde pousámos no rancho público. Uma grande tropa de cerca de cem mulas ali chegara do Rio antes de nós, carregada de mercadorias européias. O arraial assenta num recôncavo cercado por altas montanhas, as mais próximas das quais cobertas de grama, de umas poucas árvores solitárias e de um grande número de grandes formigueiros de formiga branca. As outras, mais distantes, cobriam-se de florestas virgens. Ao tempo da fundação do arraial descobriu-se ouro em abundância nas vizinhanças, mas está agora quase exausto: contém atualmente apenas vinte ou trinta casas, a maioria delas em ruínas, bem como duas igrejas em idênticas condições. Abaixo do Arraial corre pequeno rio, em cujo leito uns miseráveis indivíduos ainda se esforçam por obter os meios de vida pela lavagem do ouro. Enquanto estávamos no rancho, um dos tropeiros, trouxe um punhado de ramos cobertos de folhas e, esquentando-as ao fogo para torná-las quebradiças, fez delas um chá para si e seus companheiros.

Pelo seu fruto conclui que era uma espécie de *sym-plocos*. Das folhas de muitos arbustos e árvores, sob o nome de congonghas, fazem uso para o mesmo fim os habitantes de Minas: as mais empregadas, porém, são as do *Ilex paraguayensis*, de que se prepara a célebre *yerba do Paraguay*.

Partimos de Tapanhacuanga bem cedo na manhã seguinte e, vencidas cinco léguas e meia, parámos em uma fazenda chamada Retiro do Padre Bento, grande casa edi-

ficada no suave declive de relvosa montanha. Realmente, toda a jornada foi através de uma região descampada, cheia de montanhas relvosas, cuja pastagem era principalmente de capim gordura.

Em muitos lugares o chão tinha sido escavado em busca de ouro, mas as lavras foram todas abandonadas. Vastos tractos eram também cobertos da samambaia de que já falei. Uma das árvores mais comuns era uma grande e bela *hyptis* (*H membranacea*, Benth) a qual produz grandes panículas de flores purpúreas. A árvore tem de vinte a quarenta pés de altura e é uma das maiores espécies que encontrei no Brasil da família das *labiatae*.

Depois de viajar cerca de meia légua, na manhã seguinte passámos pelo Arraial de N. S. da Conceição de Mato Dentro. Está situado em um recôncavo, nas margens de pequeno rio e cercado por altas e relvosas montanhas. Contém cerca de duzentas casas distribuídas em duas longas ruas paralelas e é um dos lugares de mais miserando aspecto que jamais vi.

Muitas das casas estão-se desfazendo em ruínas e as que ainda se acham habitadas nem sequer caiadas são, mas apenas rebocadas de barro vermelho. A região ao redor tem aspecto sáfaro; mas, como as montanhas são cobertas de capim gordura, a aparência é de menos estéril que a das redondezas da cidade de Diamantina; são, porém, faltas dos pequenos e belos arbustos que tornam tão interessante ao botânico as montanhas do distrito do diamante. Com exceção de umas pequenas hortas de algumas das casas, não ha sinal de plantações nos arredores de Conceição. A pouca distância deste arraial a estrada corta alta montanha, no topo da qual, ao chegarmos, penetrámos em denso e frio nevoeiro, que o vento tangia, rolando-o pelo vale a dentro, mas que desapareceu logo que chegámos a uma atmosfera mais quente. Viajámos dentro

do nevoeiro cerca de meia légua, dele emergindo ao descermos o lado oposto da Serra. Nesta descida encontramos outra grande tropa de mais de cem mulas, parte destinada ao distrito do diamante, parte a Minas-Novas. E o caminho era de tal maneira apertado, que nossa pequena tropa foi obrigada a fazer alto enquanto a outra passava.

Perto de légua e meia de Conceição passamos uma pequena ferraria de um ferreiro alemão, situada no mais romântico sitio às margens de pequeno rio, cujas aguas se precipitam em estreito canal de rocha, e cercada de montanhas de mata virgem. O proprietário contou-me que havia dezoito anos que estava no Braisl, sete dos quais passados neste sitio. Sua forja era pequena, produzindo apenas cem arrobas de ferro por dia, mas ele ia construir outra igual.

O sopro que atiza a fornalha e a chama da forja, bem como o grande malho que bate o ferro para transformá-lo em barras, tudo é tocado a agua. Havia diversos homens ao seu serviço, fabricando toda especie de implementos usados no país, mas principalmente ferraduras para mulas, de facil e rápida venda aos tropeiros que passam diariamente. Manufatura também pequena quantidade de aço, que me confessou ser de qualidade inferior. Há abundância do mineral de ferro nos arredores e muito mato com que fazer carvão de lenha para reduzir o minerio. A província de Minas-Gerais é talvez mais rica que qualquer outra parte do mundo em ferro, que se pode realmente, como observa St. Hilaire, considerar inexaurivel. (\*)

---

(\*) Falando das produções de Minas-Gerais, diz Martius: "Encontram-se aqui quase todos os metais: o minério de ferro que produz noventa por cento acha-se por toda parte, e constitue de certo modo a principal parte componente de longas cordilheiras; encontra-se chumbo além do Rio S. Francisco em Abaeté; cobre, em S. Domingos, perto de Fanado, em Minas-Novas; cromo e manganês, em Paraopeba; platina, perto de Gaspar Soares e em outros rios; azougue, arsênico, bismuto, antimonio e chumbo virgem, em volta

Na Europa o minério de ferro encontra-se geralmente a grande profundidade, mas em Minas está frequentemente perto da superfície.

De Girão, que é este o nome da forja, avançamos uma légua e pousámos em um rancho público em uma fazenda chamada Escadinha. Nesta parte da jornada a região era de florestas virgens semelhantes às da Serra dos Órgãos e, como esta, abundante em fetos arborescentes, pequenas palmeiras e grandes bambús. Era um grande refrigério penetrar mais uma vez em uma zona assim depois de vaguear por tanto tempo nas áridas províncias do norte. Na manhã seguinte, após duas léguas de viagem, passamos pelo pequeno arraial do Morro de Gaspar Soares, o qual, ao contrario do costume geral no Brasil, está situado no cimo de alta montanha. É cercado de outras montanhas cobertas de capim gordura, que se apresentava bem verde no fim da estação da sêca, em frisante contraste com as pastagens do Ceará, Piauí e Goiás, que nesta época do ano se acham requeimadas.

Não havia sinal de plantações, embora, ao que me informaram, fossem estes campos, ora nós, cultivados até o tempo em que o capim gordura os invadiu.

Derrubando as florestas virgens, fizeram-se a alguma distância novas plantações que por sua vez terão de ser em tempo abandonadas pela mesma causa.

Pouco gado se vê aqui pastando, não obstante a riqueza das pastagens.

Como não pretendíamos parar neste arraial e a estrada passa ao sopé da montanha em que ele assenta, não

---

de Vila Rica; diamantes, em Tijuco e Abaeté; topázios azues e brancos, aguas marinhas verde claro e azulado, turmalinas, crisoberilos, granates e ametista, principalmente em Minas-Novas. Mas o que principalmente contribuiu para o grande influxo de colonos e rápido povoamento da província, particularmente da capital, foi a grande abundância do ouro que se tem obtido por mais de um século." *Travels in Brazil, Loyd's Translation*, vol. II, p. 181.

tive oportunidade de observá-lo mais de perto; mas, visto a distância, tinha aspecto agradável e pitoresco.

De caminho, passámos por duas pequenas fundições, a pouca distância uma da outra: foram estas estabelecidas pelo governo do Brasil enquanto colônia de Portugal, mandando-se a maior parte do ferro que produziam para uso das minas no distrito do diamante. São agora propriedades individuais. A duas léguas deste arraial findámos a jornada do dia em uma venda chamada Ponte Alta, com um rancho contíguo.

A região percorrida não oferecia interesse ao botânico; à margem de um ribeirão, perto do rancho, via-se uma bela *vochysia*, coberta de longas hastes de flores de amarelo vivo e um *rubus*, cujo fruto, quando maduro, é de côr verde e de sabor um tanto semelhante ao do morango. De Ponte Alta uma caminhada de três léguas levou-nos ao Arraial de Itambé. A estrada cortava uma região um tanto montanhosa e de boa mata, com vegetação geral mais variada que a de outras partes percorridas desde que deixámos o distrito do diamante.

A légua e meia de Itambé subimos uma montanha de apreciável elevação e, passando por uma mata baixa de perto de meia milha, penetrámos em um tracto aberto, de solo arenoso e úmido, que me proporcionou vasta coleção de plantas interessantes e raríssimas.

O Arraial de Itambé está situado em belo Vale, às margens de pequeno rio do mesmo nome e que atravessámos em excelente ponte de madeira, pouco antes de entrar na aldeia.

O arraial contém, além de uma igreja, de oitenta a cem casas, a maioria delas em grande decadência; de fato, tudo aqui tinha um tal aspecto de devastação e ruína como ainda eu não vira no Brasil, em lugar do mesmo tamanho, com exceção, talvez, da Vila de Paranaguá, ao sul da província do Piauí: e o aspecto dos seus habitantes era igualmente abjeto e miseravel.



O vale em que assenta é cercado por altas montanhas de suaves encostas, umas pedregosas e cobertas de relva, outras cobertas de matas baixas.

Para além destas montanhas, cerca de uma légua do arraial na direção do oeste, ergue-se mais alta a cordilheira de Itacolumí, também chamada dos Sete Pecados Mortais, por causa dos sete cumes que ostenta. Foi outrora coberta de florestas que haviam sido cerca de quarenta anos antes acidentalmente destruídas pelo fogo. Como no Arraial do Morro, os arredores de Itambé não apresentam sinais de plantações, se excetuarmos poucos pomares ao fundo de algumas casas contendo laranjeiras e outras árvores frutíferas.

Houve aqui outrora alguma lavagem de ouro no leito do rio, mas o que ora se encontra é em quantidade tão insignificante que não compensa o labor. De Itambé fomos a uma pequena aldeia de uma dúzia de casas e uma igreja, chamada Onça, numa distância de duas léguas e meia. A subida da serra era bastante pedregosa e toda a região, daí em diante, montanhosa. Das poucas plantas encontradas nesta jornada destaca-se uma bela *Mutisia campanulata*, Less., trepadeira com folhas semelhantes à da ervilha e grandes flores de vivo escarlate, pendendo graciosas, dos longos pedunculos.

A jornada seguinte foi muito longa, cerca de seis léguas, o dobro da marcha de um dia. A estrada cortava uma região descampada, ondulante, muito rica. Passamos por dezenas de fazendas rodeadas de extensas roças de milho. As partes não cultivadas eram cobertas de matas virgens, nas quais observei, pela primeira vez desde que parti da Serra dos Órgãos, abundância da couve-palmeira (*cabbage palm*), *Euterpe edulis*, Mart..

— Como o sol esteve escaldante o dia todo e quase não se sentia o sopro de uma ventação, sofri forte dor de cabeça. Parámos em Ponte do Machado, onde havia excelente

rancho; a noite estava limpa e fria; e, quando, na manhã seguinte, os empregados foram reunir as mulas, a grama estava alvejante de geada; e o sereno da noite, caído nas folhas dos arbustos, formára pequenos flocos de neve. Foi a primeira vez que vi neve no Brasil e a primeira vez que a viram na vida os meus empregados.

De Porto do Machado levou-nos curta jornada ao Arraial de Cocais, onde chegámos no começo da manhã, acomodando-nos no rancho público, que não havia coisa melhor na aldeia. Muito antes de chegar a este arraial fôra eu informado de que uma companhia inglesa de mineração possuía um estabelecimento nestas redondezas. Soube agora que estava situada em alta serra, do nome do arraial, apenas a um quarto de légua dali. Minha provisão de dinheiro estava quase acabada e, como tinha de pagar meu tropeiro ao chegar a Ouro-Preto, de que nos achavamos apenas a onze léguas, resolvi dirigir-me ao commissário de minas de Cocais em busca de auxílio.

De Natividade, na província de Goiaz, havia eu escrito à firma dos senhores Harrison & Cia., no Rio de Janeiro, meus bondosos agentes todo o tempo de minha residência no Brasil, pedindo-lhes enviassem todas as cartas e encomendas postais a Mr. Herring, commissário da companhia de mineração de S. João d'El Rey; e, ali chegado, não tinha dúvida de que seriam supridas todas as minhas necessidades, por isso que Mr. Herring me conhecia pessoalmente, tendo tido eu o prazer de encontrá-lo no Rio, em princípios de 1837.

Estávamos, porém, ainda a umas trinta e seis léguas da cidade de S. João d'El Rey, onde eu supunha que residia Mrs. Herring. Vindo eu, como vinha, do *far west* do Brasil, claro que não trazia cartas de apresentação a Mr. Goodair, commissario das minas de Cocais. Mesmo assim, resolvi solicitar-lhe o dinheiro que me fôra lícito esperar de um patricio meu.

Logo que minha bagagem ficou arruinada no rancho, parti a cavalo para a mina, mas soube que Mr. Goodair estava fóra em visita das obras a alguma distância, devendo estar de volta dentro de duas horas, pelo que resolvi esperá-lo. Enquanto isso, fui convidado a jantar com Mr. Roscoe, funcionário do estabelecimento. Este cavalheiro, que é casado com uma senhora inglesa, tinha um bando de loiras crianças e estas, bem como o jantar, que consistia principalmente em assado e batatinhas, me fizeram sentir como que transportado subitamente à minha terra natal. Logo depois do jantar chegou Mr. Goodair. Contando-lhe então o escopo de minha viagem, dei-lhe candidamente a conhecer a desagradável situação em que me encontrava por falta de dinheiro e pedi-lhe emprestadas vinte e cinco libras esterlinas, que lhe pagaria mediante uma ordem aos meus agentes no Rio. Com isto, disse-lhe eu, faria um favor a mim e àqueles sob cujo patrocínio estava viajando. Ao mesmo tempo me propus exhibir-lhe as credenciais, que sempre trazia comigo, para provar que não era um embusteiro. Ele, porém, se recusou a examiná-las, dizendo-me que lhe pesava nada poder fazer por mim; mas acrescentou que, como os meus agentes no Rio eram também agentes da companhia de mineração do Morro-Velho, talvez lá me fosse possível obter auxílio. “Em todo caso”, concluiu ele, o “médico de lá é patricio seu, um escocês, que talvez esteja disposto a valer-lhe”. Com este parecer virou-me as costas, sem se despedir, e retirou-se da sala.

Bem se póde imaginar quanto me sentí ofendido com este tratamento incivil. Certo que lhe cabia decidir se me emprestaria ou não o dinheiro, mas também certo que eu tinha o direito de esperar mais cortês recepção. Pensei nas longas e penosas jornadas de mais de dois anos passados e evoquei pela memória muitos atos da bondade da parte da gente nativa, que nunca ouvira falar em mim, e senti vivamente o marcado desprezo com que ora era tra-

tado por um inglês, o único aliás a cuja benevolência apelei em todo o decurso de minhas viagens.

Minha aparência pessoal podia ter influido nêlo, porque o guarda-roupa, naturalmente limitado, com que partira do litoral, estava agora quase exaustivo e faltavam-me fundos para renová-lo. Estava tostado pelo sol e a fadiga das contínuas e longas viagens, a dieta pouco nutritiva e, por último, até escassa, juntamente com as inquietações de espírito, provocadas pelo mal que ora aqui procurava remediar, davam-me, por certo, uns ares bem pouco insinuantes. Tivesse, porém, Mr. Goodair índole um nadinha mais benevolente, com pouca indagação se certificaria de que meu fim não era lográ-lo. O simples fato de haver eu chegado ao arraial com quatro servos e quase vinte mulas carregadas de bagagem, bém como as credenciais que possuía, eram satisfatória evidência de que eu não era um impostor.

Sabendo por M. Roscoe e Mr. Rigby, outro funcionário do estabelecimento de quem recebi muitas atenções, que Mr. Herring era o comissário chefe da mina do Morro-Velho, distante apenas onze leguas de Cocais, resolvi imediatamente lá ir para verificar se me haviam sido enviadas cartas do Rio de Janeiro. Esperava ter podido examinar a natureza geológica da mina, mas a recepção que tive frustrou minhas intenções.

Mr. Rigby, porém, mostrou-me as obras da superfície. A mina está situada no topo da face oriental da Serra de Cocais. Em 1833 a atual companhia assinou um contrato de arrendamento por cinquenta anos; os proprietários anteriores a haviam explorado com grande lucro por longo período; em junho de 1834 a companhia começou as operações e, embora executadas estas com muita perseverança e com grande dispêndio anual, muito pouco ouro se extrairia. Pelo tempo de minha visita o capital invertido na mina excedia de 200.000 libras.

A maneira de trabalhar a mina contrastava com a que fôra adotada pelos brasileiros. Todo o maquinismo era acionado por agua e era interessante observar como uma pequena corrente dagua, trazida de sete leguas de distância, podia ser utilizada para tantos fins uteis: em primeiro lugar tocava uma serra dagua, depois descia para o moinho, onde o milho dos escravos era convertido em fubá, daí era levada para uma ferraria para acionar o fole da fornalha e o moinho da forja, depois de irrigar uma grande horta, e daí era levada para tocar um maquinismo para a extração do metal da mina. Saindo desta, descia para mover uma grande roda de bomba, de quarenta pés de diâmetro; além do que conservava em ação duas máquinas para moer o metal, outra para levantá-lo, uma segunda roda de bomba de quarenta pés e, por último, fazia girar uma roda que acionava um ventilador da mina. O ouro encontra-se em um chisto micáceo de ferro, friável e mole, tirante a pardo, a que os os nativos chamam jacotinga (sic): o principal poço tem cerca de cinquenta braças de profundidade. Ao tempo de minha visita trabalhavam dentro e fóra das minas trinta mineiros ingleses, cerca de trezentos escravos e trinta brasileiros livres e alugados.

O arraial de Cocais não é somente o mais belo que vi em Minas, mas ainda o mais magnificamente situado. Está edificado no suave declive e no cimo de pequena montanha que se ergue no interior de um semicirculo formado pela serra, que em alguns lugares se cobre de matas virgens e em outros é pedregosa e desnuda. Entre o arraial e a serra corre o pequeno rio Una, de pouca agua na estação da sêca. Ao longo de suas margens, em considerável extensão, o solo foi por toda parte escavado e lavado em busca de ouro e estas operações ainda agora se fazem. Longe de dar a aparência de ruina e decadência, que apresentavam outros lugarejos havia pouco percorridos, aqui as casas eram todas caiadas, com ar de asseio e elegância, encravadas em pequenos pomares de laranjeiras, coqueiros,

bananeiras e outras árvores frutíferas. A igreja salienta-se, conspícua, entre as demais construções, cercada de altas palmeiras que dão àquele sítio uns ares verdadeiramente tropicais.

Na manhã do dia seguinte ao de nossa chegada partimos de Cocais. Era-me duro estar viajando no famoso El Dourado com uns míseros vintens no bolso e quase sem expectativa de melhorar de condição pecuniária, a julgar pela primeira tentativa que para isso fizera.

Subindo por ótima estrada a Serra de Cocais e passando a entrada da mina, descemos para o outro lado, seguimos uma rota quase ocidental, na distância de quatro leguas ao longo da base da Serra, e chegámos por volta das duas horas da tarde à celebre mina de Gongo Soco.

A meio caminho dali passámos pelo arraial de S. João do Morro Grande, que consiste principalmente em longa e estreita rua. A região em torno é formada de um solo ferruginoso e áspero, por toda parte excavado à procura de ouro, labor em que ora se empenham mui poucos dos habitantes, por estar quase extinto o metal. Como tantas outras aldêias que devem sua origem ao solo aurífero das vizinhanças, também esta apresenta todos os indícios de decadência: casas construídas em tempos de prosperidade estão caíndo em ruína e as que se edificaram mais recentemente são de construção muito inferior. Perto do arraial ha uma bela igreja ainda em bom estado de conservação.

Caminho do Rio, passaram por nós na estrada vários mineiros ingleses, de uma mina estabelecida poucos anos antes na Serra de Candonga, entre Tapanhuacanga e a cidade do Serro, mas ora prestes a ser abandonada.

Como eu trazia cartas de recomendação de Mr. Rigby, em Cocais, para Mr. T. Baird, socio de grande armazem geral em Gongo Soco, tendo sido por ele muito bem acolhido, senti-me em mais confortável posição que em Cocais. Pertencem à companhia todas as casas do lugar, que é, sem favor, uma das mais bonitas aldêias da província.

A sua situação realça-lhe a beleza, edificada como está em estreito vale limitado ao norte por alta Serra de matas, que corre de Cocais para leste, e cercado, ao sul, por uma colina, ondulante e relvosa. Com exceção da casa grande ocupada por Mr. Duval, comissário chefe, todas as casas são de um só andar, isoladas, em ruas, no estilo das casas de campo inglesas, adornadas na frente com canteiros de flôr e, não raro, com palmeiras e outras árvores tropicais.

Perto do centro da aldêia ergue-se pequena, mas elegante, uma igreja para uso dos operarios brasileiros, escravos ou livres, empregados pela Companhia. Ha um sacerdote católico pago pela companhia, tendo também outrora havido um clérigo inglês. Residem na aldêia os empregados e a maior parte dos mineiros ingleses. Os trabalhos de mineração fazem-se a meia milha adiante, ao oeste, em cujas proximidades se acham as casas dos escravos.

Por Mr. Hammond, comissário em exercício, (porque Mr. Duval estava em visita no Rio), bem como pelos outros funcionarios fui muito bem recebido no estabelecimento.

A um cavalheiro, em particular, serei sempre grato por sua desinteressada gentileza, tanto mais sendo ele um estrangeiro. Quero falar de Mr. Virgil Von Helmreichen, engenheiro civil do estabelecimento. Tendo entrado em conversações comigo sobre a natureza de minhas viagens e estudos, informou-me de que conhecia pessoalmente Mr. Natterer, o celebre zoologo e viajante no Brasil, que por vezes lhe mencionára as desagradaveis situações a que se vira reduzido, quando no interior do país, por falta de oportunidade para sacar dinheiro. Este fato o levou a indagar das minhas condições financeiras, que então candidamente lhe expus, oferecendo-se ele, á vista disso, para me adiantar quanto me bastasse para chegar ao Rio, e isto sem garantias outras que a de pagá-lo, quando lá chegasse, por intermédio de seus agentes. Generoso oferecimento,

que todavia recusei, até que pudesse verificar, em Morro-Velho, se tinham ou não lá chegado minhas cartas.

Tendo manifestado a Mr. Hammond desejo de obter licença para visitar o interior da mina, tive-a imediatamente, pedindo a um dos diretores da mineração que me acompanhasse: Mr. Ferriar, jovem cavalheiro a quem já eu encontrára no Rio, ofereceu-se para me acompanhar.

Antes de descer, fomos ao quarto onde os chefes guardam as roupas usadas na mina, tendo eu de envergar uma dessas.

Consistiam em uma camisa grande de flanela grosseira, ceroulas do mesmo pano, calças e casaco de lona grossa, forte chapéu de couro, que me apertava a cabeça, um par de sapatos reforçados que se calçavam sem meias. Assim aparelhados e munidos de duas velas, uma, para uso imediato, fincada em uma bola de barro mole que servia de castiçal, outra presa ao botão do casaco para ser usada depois. Tudo assim ajustado, penetrámos na mina pelo que se chama nível de entrada (*Adyt level*), daí descemos para o plano seguinte, sete braças mais fundo; e assim sucessivamente, até termos visitado sete dos nove planos ou lavras que constituem a mina, só não descendo aos dois últimos por estarem cheios dagua. A distância entre cada um dos planos é de sete braças, de sorte que chegamos à profundidade de 294 pés, sendo a máxima de 378. As excavações nestes planos consistem em estreitas passagens ou galerias, de quatro pés, quando muito, de largura, e cinco ou seis de altura, praticadas em várias direções através da jacotinga ou chisto micáceo de ferro.

Este chisto é tão mole, que as passagens, à medida que se vão abrindo, precisam de ser guarnecidas de madeira para evitar que se encham de novo; e é admirável de se ver que em muitos lugares alguns pilares de madeira brasileira, às vezes com um pé e meio de diâmetro, são comprimidos e quebrados pelo peso de cima. O principal veio de ouro corre na direção de oeste, mas ha muitas ramificações. O



filão é de rendimento muito desigual, mal produzindo às vezes, como ao tempo de minha visita, qualquer quantidade apreciável de ouro, ao passo que de outras vezes o ouro se encontra no que os mineiros chamam *bunches*, tão ricos, alguns que se tem chegado a extrair-lhes, em um só dia, mais de cem arráteis. O metal rico é pisado em almofariz, ao passo que o inferior é enviado para as máquinas de moer e, depois, ou separado pela lavagem na bateia ou amalgamado.

Não obstante a riqueza superior desta mina, era o seu maquinismo muito inferior ao do de Cocais.

De um excelente diagrama construído por Mr. Helms-  
reichen, exibindo uma secção da zona em que a mina está situada, e que bondosamente me permitiu examinar, pude traçar o seguinte esboço de sua estrutura geológica. A Serra que corre de leste para oeste e fica ao norte da mina, é de caráter primitivo, consistindo em granito a sua massa central; sobre o granito jaz um espesso depósito de ardósia de argila e chisto, aparecendo na superfície a um ângulo de cerca de 45°. Acima deste, outro espesso depósito de itacolumite ferruginosa, com a mesma inclinação dos rochedos acima; imediatamente sobre este o jacotinga ou chisto de ferro micáceo, que contém o ouro e que é de cerca de cinquenta braças de espessura.

Acima do jacotinga outra grossa camada de itacolumite; e finalmente, cerca de meia milha ao sul da mina, um espesso depósito de pedra calcárea altamente cristalizada e estratificada aparece na superfície no mesmo ângulo e na mesma direção das outras rochas. Cerca de meia milha a leste da entrada da mina o depósito de jacotinga estreita-se até certo ponto, mas para oeste parece ser inexaurível, e nessa direção serão feitos todos os novos trabalhos de mineração.

Na manhã de 29 de agosto deixei Gongo Soco para visitar a mina de Morro-Velho, a distância de umas seis leguas na direção noroeste. Fui acompanhado só por um

guia, havendo deixado todos os meus empregados com a bagagem em Gongo, visto como pretendia estar ausente apenas tres dias. A região entre os dois lugares é montanhosa e estéril, consistindo em elevadas colinas, às vezes ponteadas de pequenas árvores. Nos recôncavos, porém, há geralmente grupos de árvores formando as matas a que se dá o nome de capões. Cerca de duas leguas e meia de Gongo passámos por uma pequena e solitária aldêia chamada Morro-Vermelho, em estado de grande decadência, e cerca de duas leguas e meia mais adiante, outra aldêia, ainda menor, chamada Raposa e situada nas margens do Rio das Velhas, o qual atravessamos em velha ponte sem grades, estreita e vacilante.

Ao chegar a Morro-Velho pelas oito horas da noite seguinte tive o grande prazer de saber que todas as minhas cartas e encomendas postais da Inglaterra, que ali se estavam acumulando havia mais de dois anos, desde muitos meses aguardavam minha chegada. Cartas de crédito tinham sido também enviadas pelos senhores Harrison, na importância que me fosse necessária, de sorte que neste ponto meu espírito se tranquilizou inteiramente. Passei quase a noite inteira a ler as minhas cartas, mas o estado d'alma por elas gerado estava longe de ser feliz, porque não poucas traziam notícia da morte de parentes chegados e queridos amigos.

Sempre me lembrarei com gratidão do bondoso acolhimento que me dispensaram Mrs. Herring, esposa do commissário chefe, Mr. Crickitt, o commissário substituto de Mr. Herring, que então se achava com as duas filhas mais velhas no Rio.

Havia aposentos preparados para me receber e em vez de ficar apenas um dia, como era minha primeira intenção, tive de ceder a instância para permanecer cerca de um mês em Morro-Velho, período esse em que melhorei consideravelmente de saude.

No dia seguinte ao da minha chegada mandei buscar em Gongo Soco a Mr. Walker, meus empregados e minha bagagem.

A mina de Morro-Velho está situada a cerca de meia milha ao sudeste do Arraial de Congonhas de Sabará. A aldeia, muito irregularmente construída, contém uma população de cerca de dois mil habitantes, mas era ainda muito menor antes de os ingleses começarem a trabalhar as minas das vizinhanças. Há aqui três igrejas, uma das quais, nunca acabada, está caindo em ruínas.

A mina está situada em uma das montanhas que circundam o vale e foi trabalhada pelos seus proprietários por cerca de cem anos antes de ser comprada pela atual companhia.

Quando St. Hilaire visitou esta aldeia, considerava-se extinto o ouro, mas agora ela produz mais que qualquer outra mina do império (\*).

A atual companhia iniciou suas operações em 1830, sob a superintendência do Capitão Lyon, o viajante do norte. Esta mina é muito diferente da de Gongo Soco, por isso que o vêio aurífero ocorre em uma argila de côr parda, consistindo o próprio vêio metálico (lode) em uma espécie de rocha quartzosa, misturada com grande porção de carbonato de cálcio, fortemente impregnado de pirite de ferro, arsênico e cobre; sua direção geral é de léste para oeste e tem cerca de sete braças de largura um pouco para o oeste das lavras centrais, onde se divide em dois ramos que correm para o oeste, ao passo que dois outros se estendem para leste; os ramos mais para léste são os que

---

(\*) Congonhas doit sa fondation à des mineurs attirés par l'or que l'on trouvait dans les alentours, et son histoire est celle de tant d'autres bourgades. Le précieux métal s'est épuisé; les travaux sont devenus plus difficiles, et Congonhas n'annonce actuellement que la décadence et l'abandon. — *Voyage dans le District des Diamans*, par Auguste de St. Hilaire; vol. 1, pg. 169.

têm sido trabalhado em maior extensão. Estas ramificações divergem gradualmente e por fim tomam a direção nordeste, correndo paralelas numa distância de cerca de um pé. O minério é principalmente removido da matriz por explosão, depois partido por escravos em pequenos pedaços mais ou menos do tamanho das pedras que se põem em estradas macadamizadas, e, finalmente, levado às máquinas de trituração para ser reduzido a pó; esta máquina consiste em certo número de hastes perpendiculares postas em fila com grandes barras de ferro presas à parte inferior; estas hastes, erguidas alternadamente até certa altura por um cilindro dentado, movido por grande roda d'agua, caem sobre as pedras e as reduzem a pó. Uma pequena corrente d'agua que se faz correr continuamente sobre elas leva a matéria pulverizada a uma plataforma de madeira (*strakes*), levemente inclinada e dividida em compartimentos rasos, de quatorze polegadas de largura, com o comprimento de um a vinte e seis pés; o fundo de cada um destes compartimentos é forrado de couro cortido, de tres pés de comprimento por dezesseis polegadas de largura; estes couros ainda conservam os pelos, entre os quaes se depositam as particulas de ouro, ao passo que a matéria terrosa, por ser mais leve, é carregada pela agua. A maior parte do ouro se reune nos tres couros de cima, que se trocam de quatro em quatro horas, ao passo que os de baixo só se trocam de seis em seis ou de oito em oito horas, conforme a riqueza do minério. A arêia levada pela agua dos couros de cima é colhida e amalgamada com azougue em barris, ao passo que a dos couros debaixo é levada ao lavadouro e concentrada sobre plataformas (*strakes*) de construção semelhante às da máquina de moer, até que se torne suficientemente rico para ser amalgamado com a dos couros de cima. Os barris em que esta rica arêia é misturada com azougue são movidos por agua e o processo de amalgação completa-se geralmente em quarenta e oito horas; quando é daí tirado, o amálgama separa-se do

ouro por sublimação. Em todo o processo a perda de mercúrio monta a cerca de trinta e cinco libras por mês; mas até dois meses antes de minha visita era quase o dobro desta quantidade.

O *ziller thal* ou processo de amalgamação corrente (*running amalgamation process*), semelhante ao usado no Tirol, também foi tentado aqui, mas não foi considerado conveniente devido à grande perda de azougue. O processo de aquecimento (*roasting*) também foi experimentado; mas, embora por este meio o minério produza maior percentagem de ouro, foi abandonado por se ter verificado que o fumo do arsênico era grandemente nocivo à saúde dos operários.

Uma tonelada de minério produz de tres a quatro oitavas portuguezas de ouro; mas tem frequentemente produzido até sete oitavas. Ao tempo de minha visita reduziam-se a pó de quinze a dezesseis toneladas por mês.

Depois de haver descansado cerca de uma semana em Morro-Velho, parti com Mr. Monach, o cirurgião da da companhia, em ascensão da Serra da Piedade, que é a parte mais alta da grande cordilheira ocidental no distrito do ouro. Depois de tres leguas de viagem, em direção nordeste, chegámos à cidade de Sabará, que era, com exceção de Diamantina a maior cidade que eu tinha visto no interior. Está situada na margem setentrional do Rio das Velhas, no sopé oriental da grande cordilheira acima referida. Do ponto onde primeiro ela se avista, é de bela aparência, assentada em sítio um tanto elevado, com casas geralmente grandes e várias igrejas muito belas. A cidade velha e a nova, juntas, tem cerca de uma milha de extensão, mas de pouca largura. As ruas são bem calçadas e a cidade bem provida d'agua de numerosas fontes públicas. Fôra elevada à dignidade de cidade apenas uns dois anos antes de minha visita. A maior parte dos moradores são negociantes que fazem comércio com sertanejos do oeste. Embora se aproxime de Diamantina em tamanho,

apresenta frisante contraste com ela no silêncio das ruas. O solo de cascalho ferruginoso em roda da cidade e ao longo das margens do rio tem sido excavado em busca de ouro; mas hoje em dia poucos são, ao que parece, os que nisso se ocupam. Diz-se que o leito do rio é rico de pó de ouro.

De Sabará fomos a Cuiabá, estabelecimento de mineração pertencente à Companhia de Cocais, a duas leguas de distância. O caminho em quase todo o percurso corre num vale estreito e muito pitoresco ao longo das margens de pequeno rio.

Na mina de Cuiabá ha apenas dois funcionários, Mr. Richards, o superintendente, e o Dr. Morson, o cirurgião, casado com uma senhora inglesa, por quem fomos muito atenciosamente recebidos. Como a Serra de Piedade ficava ainda a duas leguas e meia de distância, pousámos essa noite em Cuiabá e partimos pelas seis e meia da manhã seguinte, acompanhados por Mr. Richards. Depois de atravessar o ribeiro que passa pela mina começámos quase imediatamente a subir a alta região do lado oposto. Tendo viajado cerca de duas leguas em sitios montanhosos, e cobertos de relva, mas despidos de árvores, exceto em baixos recôncavos, passamos inteiramente do lado oriental para o ocidental da cordilheira de que a Serra faz parte para chegar ao próprio lugar da ascensão; aqui viemos ter contornando a base da serra, através de um sitio pedregoso e basto de moitas, a consideravel altura acima da planicie. A primeira parte do caminho, a partir deste lugar, é sofrivelmente íngreme e passa por um áspero tracto de mineral de ferro avermelhado, com algumas moitas esparsas de uma espécie de *baccharis* e outras de *lychnophora*, ao passo que na superficie pedregosa e nua do chão havia numerosas espécies de orquídeas, entre as quais uma bela *laellia* de flores amarelas, uma espécie de *cactus* muito espinhoso e penso e numerosas grandes *tillandsias*. Saindo desta região, chegamos a um plano coberto de gran-

des blocos de rocha micácea, de camadas muito tortuosas. Daí a estrada coleia ao longo do lago ocidental da montanha, rente de fundos precipícios, e sobe finalmente a um sitio plano, situado pouco abaixo da parte mais alta da montanha. No extremo norte desta planície ha uma pequena igreja chamada Nossa Senhora da Piedade.

Ao chegar lá, encontramos um grupo de cerca de meia duzia de mulheres e dois homens, que haviam chegado pouco antes de nós e que logo soubemos que vinham cumprir promessas feitas.

Vimos grandes oferendas de velas que tinham apresentado à igreja; a maior parte dosromeiros tinha feito promessa de varrer o soalho da capela, porque observámos que as mulheres principalmente cortavam raminhos das moitas vizinhas, de que faziam vassouras com que, uma após outra, varriam o soalho, embora descuidadamente. Deixando os cavalos perto da igreja, subimos ao mais alto pico, que é de natureza rochosa e coberto pela vegetação de pequenas *orchideae* e *tillandsias*.

Pondo em ordem o que tínhamos trazido conosco a este lugar, sentámo-nos para o almoço.

Segundo Apix e Martius, fica esta montanha a 5.400 pés acima do nível do mar. Quando rodamos a sua parte inferior, sentimos muito frio, por termos sido envoltos em densas nuvens que passaram rolando e descarregaram sobre nós parte suficiente do seu conteúdo para nos molhar. Nunca até então vira eu tão distintamente as bolhinhas de que se formam as nuvens. Sómente pelas onze horas, quase duas depois de atingirmos o cimo da montanha, começaram as nuvens a dispersar-se, descortinando-se-nos então de todos os lados extenso panorama da região, que é toda muito montanhosa, exceto ao oeste, onde se apresenta a zona plana do sertão. Não obstante a magnificência da vista que deste ponto se alcança, faltava o prazer que deriva de contemplar do alto uma região populosa e ricamente cultivada.

Poucas casas se avistavam: a Vila de S. Luzia, seis leguas para o sul, era a única que se via, por estarem as outras ocultas pelas montanhas circundantes. Dois dos mais proeminentes objetos que atraem os olhos são as serras de Cocais e Caráça, esta última, a mais alta, a umas oito leguas na direção do nordeste.

Do lado oriental da montanha, perto da igreja, ha um pomar, que parecia ter sido bem cuidado em tempos idos. Notei ali uns poucos estiolados pessegueiros e macieiras, batatas e outros vegetais europeus. A maior parte do pomar, bem como o topo da Serra, em frente da igreja estava coberta de morangueiros comuns europeus; e, como era tempo da fruta, colhemos alguns punhados deles. Diversas outras plantas européias se naturalizaram aqui, como a orelha de rato, *Cerastium vulgatum*.

A igreja é guardada por uma mulata de meia idade e um velho, de côr branca e de sórdido aspeto, vestido à maneira de padre, que a si mesmo se chama eremita e que lá reside.

Exceto os poucos vegetais que cultivam, todo o alimento vem lá de baixo e a agua que bebem tiram-na das numerosas *tillandsias* que coroam as partes rochosas da serra, e que contém na base das folhas grande quantidade dagua, produzindo uma planta de tamanho normal cerca de um quartilho.

A Serra é rica de plantas interessantes para o botânico, muito menos, porém, que a Serra dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, sem dúvida por motivo da grande falta de umidade. Da parte superior da Serra trouxe dois belos arbustos pertencentes à ordem natural das *malpighiaceae*; uma bela *styrax* arbustiva; uma *cassia* de cerca de quatro pés de altura, e que é muito comum perto do meio da montanha; uma *gaylussacia* e uma *gualtheria*, abundantes ambas perto do cimo; uma variedade arbustiva de *Drymis granatensis*, vários fétos e musgos e líquens.



Pouco antes de começarmos a descida, a atmosfera tornou-se tão enublada, que a vista só alcançava curta distância. Vem isto do costume que prevalece de queimar os campos no fim da sêca, porque isso favorece o rápido crescimento de nova grama, depois que entra a estação das aguas.

E' tambem nesta estação que se queima a madeira nos terrenos que se limpam para culturação.

Depois da agradável excursão de um dia, chegámos a Cuiabá ao escurecer e, tendo passado a maior parte da tarde com o Dr. Morson e sua senhora, ocupei-me até perto de meia-noite em preparar os especimes que comigo trouxera da Serra. Voltámos no dia seguinte a Morro Velho. A mina de Cuiabá é muito semelhante em natureza à de Morro Velho, mas trabalhada em muito menor escala, além de que o minério não se lhe compara em riqueza. Durante minha estada em Morro-Velho fiz pequenas excursões na vizinhança, acrescentando muita coisa às minhas coleções.

Na manhã de 24 de Setembro, despedindo-me dos bondosos amigos de Morro-Velho, recomecei a jornada.

Ha um caminho direto deste lugar para a cidade de Ouro-Preto, capital da provincia de Minas, pelo qual desejava passar, tendo, porém, parte de minha bagagem sido enviada de Cocais para uma aldeia chamada S. Caetano, situada cerca de quatro leguas abaixo da cidade de Mariana, fui obrigado a ir lá primeiramente.

Era minha intenção voltar a Gongo Soco pelo caminho pelo qual viera; mas na véspera da partida chegou a Morro-Velho informação de que tinha ruido a ponte de madeira sobre o rio das Velhas, em Raposa. Fomos por isso obrigados a voltar via Sabará, o que aumentou de cerca de duas leguas nossa jornada. Passando por Sabará sem nos determos, chegámos à tarde à mina de Cuiabá, pousando em casa de Mr. Richards, e, partindo de novo na manhã seguinte depois do almoço, chegámos a Gongo Soco entre

cinco e seis horas da tarde. Quase toda a região que se estende entre os dois lugares, com exceção da Serra ao noroeste de Gongo, consiste em montanhas nús e relvosas, apenas se encontrando algumas poucas árvores nos recôncavos. Sendo então o fim da estação da sêca, as montanhas apresentavam aspeto árido e estéril, estando toda estorricada por falta de chuvas. As estradas estavam todas cobertas de um pó amarelo e fino, detritos de ardósia argilosa de que são formadas as montanhas; e eramos assim envolvidos quase todo o caminho por densa nuvem desse pó que as patas dos cavalos levantavam.

A meio caminho entre os dois lugares passámos pela Vila de Caeté, de tamanho regular e miseranda aparência, situada em estreito e raso vale que corre da Serra de Piedade no sentido de nordeste, estando a própria Vila a distância de duas leguas dela. Esta vila, como muitas outras dos distritos de mineração, tem toda a aparência de ter visto melhores dias, pois contem as ruínas de muitas belas casas, bem como das mais lindas igrejas do interior, chegando St. Hilaire a pôr em dúvida que mesmo no Rio haja outra que se lhe compare.

No dia em que partimos de Gongo Soco, passámos o Arraial de S. João do Morro-Grande e pousámos nessa noite em uma aldêia chamada Barra, uma legua ao sudeste. A região em volta, bem como a estrada por onde passámos, era montanhosa, safara e árida; passa pela aldeia um ribeiro, cujas margens foram inteiramente revolvidas à procura de ouro.

Ao dia seguinte, fizemos jornada de cerca de duas leguas e a meia legua de Barra passámos pelo Arraial do Brumado, solitário e em grande decadência. Daqui partindo, continuámos na direção de léste até o sopé da Serra do Caraça e contornando a sua base do lado do nordeste, chegámos logo depois do meio-dia ao arraial de Catas Altas, que está situado no sopé da serra na extremidade sudeste.

Consiste principalmente de uma longa rua e, como Brumado, não está vivendo dias muito florescentes.

As montanhas em torno da aldeia e entre esta e Brumado são cobertas de capim-gordura.

A grande altura na própria Serra ha uma ermida chamada Nossa Senhora Mãe dos Homens.

A edificação foi começada em 1771 por um português, que ainda era vivo, mais do que centenário, quando foi visitado por Spix e Martius em 1818. Era agora, a ermida, um seminário teológico, tendo, ao que dizem, muito poucos alunos.

Esta Serra foi botanicamente explorada por St. Hilaire, bem como por Spix e Martius, que a acharam riquíssima em curiosos e raros produtos vegetais. Desejava eu, por minha vez, separar um dia para subí-la, mas o tempo não me ajudou, porque choveu copiosamente e as partes mais altas da montanha ficaram envoltas em nuvens.

Partindo de Catas Altas, a estrada toma uma direção sudeste ao longo do sopé da Serra do Caraça. Depois de viajar duas leguas, passamos pelo Arraial de Inficionado, outra longa e estreita aldêia, mais ou menos do tamanho de Catas-Altas e, como esta, em visível estado de decadência. Uma legua mais adiante chegámos ao arraial de Bento Rodrigues, onde nos alojamos por essa noite no rancho público.

O caminho, montanhoso e pedrento, estava longe de bom.

Vi apenas um trecho de solo adequado a plantações; era quase todo de natureza argilosa, misturado de cascalho ferruginoso ou de detritos das rochas chistosas da Serra. Também este solo foi por toda a parte excavado à cata de ouro; mas, exceção feita de uma mina entre Inficionado e Bento Rodrigues, não vi lavras ativas em parte alguma. A uma legua de Bento Rodrigues passámos pelo Arraial de Camargos, situado entre montanhas ao pé de um ribeiro. Estavamos apenas a tres léguas do lugar de

nosso destino, que eu ansiava por alcançar sem demora; mas a estrada, que corta uma região montanhosa e estéril, era má e as mulas, ainda pouco afeitas ao trabalho, desviavam-se do caminho ou nele se deitavam, atrasando nossa marcha. Eram por isso cinco horas da tarde quando alcançamos a última casa na estrada de São Caetano, sendo a distância daí em diante menos de uma legua. Nesta casa queria o tropeiro pousar essa noite, idéia essa em que de modo algum consenti, especialmente porque ameaçava chuva e a casa era pequena e tão mal coberta, que não poderia oferecer-nos abrigo. Ele, porém, teimou em ficar e teria ficado, se eu o não ameaçasse de suspender-lhe o pagamento.

Então, muito a contragosto seu, prosseguimos na jornada, chegando ao lusco-fusco ao Arraial de S. Caetano, onde achei em boa condição todos os meus espécimes botânicos em casa do tropeiro que me trouxera da Cidade do Serro e que de novo se ajustou comigo para me levar ao Rio.

Ao passar por pequena floresta, não longe do Arraial, coligi espécimes de tres qualidades de feto arborescente e acrescentei à minha coleção de *orquideae* um lindo e cheiroso *epidendrum*.

O arraial de S. Caetano, pequeno e evidentemente pobre, está no declive de baixa colina na margem do norte de um ribeiro que desagúa no Rio Doce. Contem apenas uma igreja que, se fôra acabada na escala em que começou, seria grande ornamento do lugar, edificada como está numa elevação que domina a aldeia. A lavagem do ouro no leito do rio e ao longo de suas margens parece ter sido outrora a principal ocupação dos habitantes que, exausta essa fonte de renda, se entregaram em grande parte à cultura do solo, bem adaptado, quase todo, nas vizinhanças ao café, ao milho e outro cereais.

Como por muitos dias depois de minha chegada o tropeiro não pudesse partir e tivesse objeções a dar a volta

por Ouro-Preto, que eu tinha grande desejo de ver, resolvi fazer sozinho uma apressada visita àquela cidade.

Aluguei um guia e parti na manhã de 3 de outubro. Uma jornada de tres léguas por uma região montuosa e raras matas levou-me à cidade de Mariana, cujo aspeto e situação muito apreciei: ergue-se ao sudeste de largo e plano vale, no manso declive de uma elevação de terreno que rodeia a base da Serra de Itacolomi. E' de edificações mais compactas que as cidades que eu havia geralmente visto no Brasil; e, como tem diversas formosas e finas igrejas, e as casas são em maioria amplas e caiadas, é em tudo de nobre aparência. Nos arredores e na própria cidade, muitas casas têm pomares com bananeiras, laranjeiras e copadas jaboticabeiras, que com seus diferentes matizes verdes contrastam bem com as paredes das casas caiadas de branco.

Percorrendo a cidade, achei-a tão quieta, que por pouco a diria deserta. Em algumas das ruas principais vi negociantes reclinados negligentemente sobre os balcões e nas escadas em frentes da cadeia uns poucos soldados montando-lhe guarda. Estes e um ou outro moleque preto acororado a uma porta eram toda a expressão da vida na cidade que se diz conter cerca de cinco mil habitantes.

E' antes uma cidade clerical que comercial, residência do bispo e séde de uma faculdade de teologia.

A imperial cidade de Ouro-Preto, antigamente Vila-Rica, está a cerca de duas leguas de Mariana na direção de sudeste. A estrada, que é muito boa, eleva-se gradualmente para Ouro-Preto; em muitos sitios à sua margem estão plantadas, a distâncias irregulares, figueiras silvestres naturais do país, as quais, crescidas, não sómente dão boa sombra, mas acordam em um europeu lembranças de sua terra natal. Perto da entrada da cidade onde a estrada foi cavada em sólida rocha, veem-se muitas galerias penetrando as montanhas: são lavras de ouro ha muito abandonadas, algumas das quais ora usadas como chiqueiros de porcos pela gente pobre que lhe mora vizinha.

Cerca de meio caminho entre as duas cidades a estrada corta o pequeno Arraial da Passagem, cujos habitantes outrora viviam da lavagem do ouro, mas agora, extintas as minas, se ocupam na plantação de gêneros alimentícios de facil venda em Ouro-Preto.

Durante minha curta estada na imperial cidade assisti em casa do senhor José Peixoto de Sousa a quem levava de Morro-Vermelho cartas de recomendação. É o principal comerciante na província de Minas e possui a mais bela casa da cidade, cuja edificação lhe custou £ 4.000 esterlinas, alto preço para uma casa no interior do Brasil. E' homem de índole serviçal e bondosa, representante de todas as companhias inglesas de mineração, sendo por isso sua residência onde se hospedam, de passagem pela cidade, todos os funcionários a elas pertencentes, porque não ha nenhum hotel respeitável em toda a cidade. E não são sómente os ingleses que em sua casa se reúnem: também os brasileiros se valem igualmente de sua hospitalidade. Nos tres dias que lá passei chegaram e saíram tantos hóspedes, que mais parecia estar a gente em um hotel que em residência particular.

O homem começou a vida como simples faiscador de ouro e é hoje o principal mercador desse metal na provincia.

A região em torno da cidade é extremamente montanhosa e consiste de ardósia, chisto de ferro micáceo, geralmente chamado jacutinga e aquela rocha de ardósia dura, ora conhecida pelo nome de itacolumite, todas dispostas em camadas muito inclinadas. A região em derredor é aurífera e ha muitas lavras nas redondezas.

No estreito vale em uma de cujas margens se ergue a cidade corre um pequeno rio, chamado Ribeirão do Ouro-Preto, que nasce nas vizinhanças: o leito deste rio consiste em uma espécie de cascalho mole e dele a maior parte da pobreza obtem escassa subsistência pela lavagem

do ouro. A operação chama-se *mergulhar* e os que trabalham desta maneira são chamados faiscadores. Vão geralmente seminús e, depois de arrancarem as pedras maiores dos lugares escolhidos no leito da corrente, enchem a bateia da areia e cascalho fino, que é lavado de modo peculiar, até que todo o ouro em pó fique no fundo da batéia, donde é transferido para um saco de couro que eles trazem suspenso à cintura: não conseguem ganhar mais de um chelim por dia.

Preferem trabalhar depois que as grandes chuvas criam uma forte corrente no rio.

Posto que Ouro-Preto seja muito maior que a cidade de Mariana, não tem o mesmo aspeto imponente, não que lhe faltem grandes construções, mas pela irregularidade do sitio onde assenta.

A maior parte está edificada na encosta da Serra de S. Sebastião, limite noroeste de profundo e estreito vale. É naturalmente dividida em cidade alta e cidade baixa, sendo a de cima incomparavelmente mais bela. Contem grande número de formosos edificios, tais como o palácio do governo provisório, grande e sólida construção de pedra, em uma das faces de uma grande praça e cuja face oposta é formada pela câmara municipal e a cadeia pública, que é igualmente belo edificio.

Um pouco abaixo ficam as casernas, que são as melhores que vi no interior. O tesouro é tambem uma sólida construção de pedra, mas não se destaca por estar em lugar baixo e em rua estreita. A cidade contém seis igrejas, a mais bela das quais, a de Nossa Senhora do Carmo, na cidade alta, não longe da cadeia.

A cidade é abundantemente suprida de agua de excelente qualidade, havendo uma fonte quase em cada rua.

A população da cidade é calculada em 8.000 almas: Ha boas lojas, mas nenhuma livraria. Ufana-se de duas tipografias e quatro jornais, dois do ministério e dois da

oposição. São de pequeno formato e o seu conteúdo é quase inteiro de matéria política. Em princípios do ano de 1840 fundou-se por decreto da assembléia presidencial um collegio de preparatórios, no qual bons professores ensinavam latim, francês, inglês, filosofia e matemática.

A uma milha da cidade existe um jardim botânico, mantido pelo governo, e destinado à propagação de plantas exóticas a serem distribuidas gratis aos que as pedirem.

Verifiquei que as plantas aqui principalmente cultivadas são o chá, a canela, a jaca, a árvore do pão, a manga, além de outras. Muitas geiras são separadas para a cultura de chá, que se manufactura anualmente em apreciável quantidade e se vende na cidade ao preço do que é importado da China.

A avenida que conduz ao jardim, bem como outras que o rodeiam, está plantada com o pinho brasileiro (*Araucaria brasiliensis*) que dá grande realce à beleza das terras. Estas árvores eram de cerca de trinta anos de idade e produziam em abundância suas grandes pinhas anuais.



## CAPÍTULO XIV

# OURO PRETO AO RIO DE JANEIRO E SEGUNDA JORNADA À SERRA DOS ÓRGÃOS

*Partida de Ouro Preto — Chegada a S. Caetano — Passagem pelo arraial de Pinheiro — Piranga — Felipe Alves — S. Caetano — Pousou Alegre — Penosos incomodos causados por uma tempestade — Chegada ao Arraial das Mercês — Chapéu de Uva — Entre Morros — Travessia do Rio Paraíba — Entrada na Província do Rio de Janeiro — Passagem por Paiol — Chegada à Vila de Parnaíba — Travessia do Rio Paraíba — Descrição do modo de atravessar — Passagem por Padre Corrêta — Córrego Sêco — Passo da Serra da Estrela — Magnífico panorama da metropole, seu porto e terras circunjacentes — Chegada ao Porto de Estrela — Embarque para a cidade do Rio de Janeiro e chegada lá — Todas as coleções trazidas do interior são acondicionadas e despachadas para a Inglaterra — O autor resolve visitar novamente a Serra dos Órgãos — Partida para lá — Grandes acréscimos às coleções — Ascensão aos mais altos picos da Serra — Cerca de 7.500 pés acima do nível do mar — Partida em excursão para o interior — Passagem da Serra do Capim — Monte Café — Santa Elisa — Sapucaia — Porto da Anta — Travessia do Rio Paraíba — Passagem por Barra do Laurical — S. José — Porto do Cunha — Nova travessia do rio Paraíba — Chegada a Cantagalo — Visita a Nova Friburgo — Descrição destas duas colônias Suíças — Agradavel estada na Serra dos Órgãos.*

Dois dias após minha volta de Ouro Preto partimos de S. Caetano para o Rio de Janeiro e, vencendo cerca de duas leguas e meia em direção sudeste, pousámos essa noite em um rancho público, perto de pequena fazenda. Choveu copiosamente, com muitos trovões, durante toda a viagem. A estrada passava por uma região montanhosa, só coberta de matas nos recôncavos; em sítios apaulados observei algumas grandes e belas árvores de *talauma*, que

são as magnólias da América do Sul e cujas grandes flores são igualmente fragrantas. A chuva continuou durante a noite inteira, mas ao amanhecer o tempo clareou, permitindo-nos recomeçar a jornada.

Além das mulas que carregavam minha bagagem, tinha o tropeiro muitas outras carregadas de café, planta atualmente cultivada em larga escala na província de Minas. Nova jornada de tres leguas e meia para uma região montuosa e de bastas matas e densa povoação, levou-nos ao Arraial do Pinheiro, pequeno e cercado de sitios de lavagem do ouro, a qual, entretanto só se faz em pequena escala. No rancho onde pousámos havia duas grandes tropas, uma que levava café para o Rio, outra que de lá voltava carregada de sal para o interior. As matas por onde passámos traziam-me à lembrança as da Serra dos Órgãos, não só por sua aparência, como também pela semelhança da vegetação. Em sítios úmidos e sombreados cresciam três ou quatro belas espécies de fetos arborescentes; e em tractos mais elevados viam-se grandes exemplares de uma *vernonia* arbórea, de mais de quarenta pés de altura, cobertas com grandes panículas de flores brancas, as quais, juntamente com as de uma grande *myrcia*, perfumavam de rico odor o ar ambiente.

Continuando na direção sudeste, chegámos ao arraial de Piranga, a três leguas de Pinheiro; este arraial, como tantos outros por que antes passámos, deve sua origem ao ouro que existiu outrora, em grande quantidade, na sua vizinhança, mas que ora está esgotado.

A população é de 1.200 habitantes, a mór parte em grande pobreza. Tem um aspeto solitário e melancólico, ao mesmo tempo que vestígios de antiga opulência. Contem três igrejas e a maior parte das casas são grandes e, em geral, de dois andares, o que é pouco comum nas aldeias do Brasil. Muitos dos habitantes entregam-se a trabalhos de agricultura.

A jornada do dia seguinte, de cerca de três leguas, em zona semelhante à que deixámos para trás, embora um pouco mais bem servida de matas, levou-nos a uma grande fazenda chamada Felipe Alves.

Tivemos licença de pousar no engenho de açúcar, grande construção, quase toda aberta em roda. O engenho era tocado por uma roda d'agua de cerca de trinta pés de diâmetro, também utilizada, às vezes, para mover o moinho de fubá: este moinho, que gemia dia e noite, sem cessar, bastante nos incomodou com seu ruído. Grandes porções de terra em redor da casa haviam sido plantadas de milho e arroz.

De Felipe Alves fomos para um arraial chamado São Caetano, a distância de umas tres leguas. Lugarejo pobre em cujas vendas não encontrei provisões para comprar, senão somente farinha de milho.

Nesta viagem encontrei uma variedade grande de *equisetum*, a maior, realmente, que se tem visto em estado recente, aparecendo abundantemente em terrenos apaulados perto da estrada. Medi uma delas que tinha para cima de quinze pés de altura, tendo a parte inferior do tronco três polegadas de circunferência.

Embora gigantesca, quando comparada com outras espécies ora existentes na face da terra, está longe de igualar aos enormes restos que se encontram fossilizados nas camadas de carvão e conhecidas dos geólogos pelo nome de *calamites*; muitas destas têm troncos da grossura do corpo de um homem. Com efeito, a diferença de tamanho entre as espécies recentes de *equisetum* e as que existiram em períodos anteriores da história da terra é mais ou menos como a que há entre uma haste de trigo e os gigantescos bambús das Índias Orientais e da América do Sul.

Viajámos no dia seguinte cerca de três leguas através de uma região montanhosa, às vezes bem coberta de matas, mas pela maior parte de grandes tractos limpos, cultivados outrora, mas atualmente cobertos por toda parte da samam-

baia atrás mencionada. Este feto, porém, não é inteiramente inútil, porque os brotos novos, cortados em pequenos pedaços e fervidos ou cozidos com carne de porco, são comidos pelos habitantes; e dizem que são de gosto agradável e saudáveis. Alojamo-nos por essa noite em um grande rancho aberto, perto de uma fazenda chamada Pouso-Alegre. Passámos aqui uma noite agitada. Pela meia-noite fomos despertados por grande trovoadá seguida de chuva e vento, vinda do oeste. O rancho era todo coberto em roda e o lado exposto à tempestade era, infelizmente, o em que Mr. Walker e eu haviam armado nossas rêdes.

Acordci com o ribombo de um trovão que passava rolando temerosamente por sobre nossas cabeças. Minha rêde era sacudida de um lado para outro pelo impeto do vento que soprava em furacão. E daí a pouco estávamos inteiramente alagados pela chuva que caía do teto em torrentes. Meu grande receio era que o velho abrigo desabasse sobre nós: felizmente, porém, ele resistiu às rajadas. Minha coleção de espécimes botânicos muito se prejudicou, porque as caixas em que se achavam empacotadas estavam arrumadas no chão ao meio do rancho, em nível inferior ao dos lados e que foi invadido pelas águas numa altura de seis polegadas.

Os feixes de plantas no fundo de quatro das caixas ficaram seriamente danificados.

A tempestade durou mais de uma hora com igual violência. Quando amainou, acendemos uma luz, porque o fogo se apagára, tirámos a água que entrara no rancho e erguemos as caixas do chão. Com dificuldade se acendeu um fogo em roda do qual nos reunimos, porque sentíamos todos muito frio.

O ponto agora era saber como dormiríamos o resto da noite, molhados, como estavam, todas as caixas que nos poderiam servir de cama. Por minha parte arrumei ao pé do fogo umas achas de lenha trazidas na tarde an-

terior e que me serviram de leito, pouco macio, de certo, mas onde passei um noite sofrível.

Como amanhecesse ainda nublado, sem nenhum sinal de sol, mandei pedir licença ao dono do rancho para secar minhas plantas no forno de mandiocas e, tendo ele consentido, para lá levámos imediatamente tudo. Ao chegarmos, porém, parece que o homem havia mudado de idéia, não sei por que, pois me disse que fossemos para outra parte, porque não nos dava licença de entrar em sua casa. Raramente me senti tão irritado como com tal procedimento. Este homem, que se chamava Domingos José de Barros, era português de nascimento, com cerca de oitenta anos de idade, e possuía, ao que me informaram, mais de cem mil cruzados. Era um miserável, como o atestava toda a sua aparência e o seu vestuário grosseiro e velho.

Fomos uma légua adiante, a uma fazenda pertencente a um genro do velho avarento, também português, mas de disposição mui diversa.

Deu-me imediatamente acomodação para a bagagem e, como fazia bom sol, não perdemos tempo em expôr à sua luz as coleções de plantas molhadas na noite anterior. Tivemos nova trovoadá à tarde, só conseguindo, por isso, enxugar metade da coleção. Nesta fazenda hospitaleira passei todo o dia seguinte para completar a séca e empacotamento das coleções. Na manhã seguinte, depois de três léguas de viagem, chegamos ao Arraial das Mercês, que tem apenas uma rua de cerca de um quarto de milha de comprimento. Em grande praça ao meio do Arraial estão umas boas casas de dois andares e a única igreja do lugar, construída de tijolos crus e não rebocados, em desfavorável contraste com as casas caiadas que a circundam.

Todo o arraial tem o aspeto de maior prosperidade que qualquer dos outros pelos quais passamos na estrada que corre de Mariana: a razão obvia é a inexistência de ouro em seus arredores.

A região percorrida neste dia fôra ainda montuosa e coberta de florestas virgens. Passámos por diversas fazendas, de casas mal construídas e sujas, muito diferentes do que esperavamos encontrar no interior do Brasil. Perto das casas vastos tractos de florestas tinham sido recentemente cortados e queimados e no chão assim limpo se fazem roças de milho, que é o alimento principal no sul, como o é a mandioca no norte.

Durante os quatro dias seguintes vencemos quatorze léguas e chegámos a Chapéu de Uva, onde a estrada pela qual viemos, chamada Caminho do Mato, se confunde com a do tráfico comum, a qual passa pela cidade de Barbacena e pela zona de campo entre esta e a capital de Minas. A zona percorrida foi ainda montanhosa, com estradas pessimas, cortando, em geral, matas virgens, cujas árvores eram, em certos lugares, muito grandes e consistiam principalmente em várias especies de *cecropia*, *vochyseia*, *copaifera*, *laurus*, *ficus*, *eugenia*, *myrcia* e *pleroma*. Observei ainda muitas especies de fetos arborescentes e palmeiras, sendo a mais abundante destas a delgada *Euterpe edulis* Mart. Cortámos muitas delas por amor do grande rebento terminal que, cozido, é de sabor igual ao do aspargo.

Em Chapeu de Uva dormimos, como de costume, no rancho público. Daí fizemos uma jornada de cerca de três léguas e parámos em um grande rancho perto do arraial de Entre-Morros. A estrada era excelente, parte da que se estava então construindo, a partir de Ouro-Preto para Barbacena. A umas duas leguas e meia de Chapeu de Uva passamos pela primeira barreira que encontrei em estrada pública do Brasil. Todos os animais, carregados ou não, pagam aqui trinta reis por légua, soma que é também cobrada de pedestres. A distância daqui à barreira seguinte é de dez léguas e paga-se aqui pela distância a percorrer até a próxima barreira, que era então o ponto terminal da parte completa da estrada. A assembleia legislativa criou uma lei, três anos antes deste período, autorizando a assem-

bléia provincial de Minas Gerais a construir novas estradas através dos distritos mais populosos e levantou-se pouco depois um empréstimo de mais £ 4.000 esterlinas para pôr em execução o que a lei ordenára. As dez leguas que achei acabadas no fim do ano de 1840 foram feitas na peor parte da estrada de Minas, por serem os terrenos, que ela corta, em grande parte baixos e pantanosos. Tão grande é o tráfico nesta estrada, que a soma cobrada nas barreiras foi, por esse tempo, suficiente para cobrir os juros do empréstimo; e esperava-se que, no decurso de poucos anos, se acabaria uma sofrível estrada para carros do Rio de Janeiro à capital do distrito da mineração.

Logo após a passagem da barreira atravessámos o Rio Paraibuna em ponte provisória, feita para servir até que se pudesse levantar outra, definitiva, para a estrada que se estava construindo.

Os arcobotantes eram solidamente construídos de pedra, mas o arco seria de madeira.

Nas margens do rio encontrei bela espécie do género *petraea*, trepando pelos ramos das árvores; e num pântano, a pouco distância do rio, uma bela espécie de *franciscea*, que crescia onde a agua jazia a uns dois pés de fundo: era abundante e estava literalmente coberta de lindas flores purpúreas. Três dias depois pãssámos a segunda barreira e de novo atravessámos o Rio Paraibuna, no lugar que serve de limite entre a província de Minas Gerais e a do Rio de Janeiro.

O rio é muito mais largo aqui que no ponto da travessia anterior e tem excelente ponte, formada de diversos arcos pequenos: os pegões e os pilares são feitos de pedra, mas os arcos são de madeira. A ponte é toda coberta para proteger o madeiramento contra as influências do tempo.

Logo depois de atravessar o rio fizemos alto por essa noite em pequena povoação chamada Paiol. A região em ambos os lados do rio é bastante montuosa e, antes de chegar a Paiol, atravessámos uma serra alta chamada *Serra*

das *Aboboras*, a qual é inteiramente composta de rochas de gnaïsse, que tornam as vezes difficil a passagem. Antes de chegarmos a Paraibuna vimos as estradas cobertas de uma bela espécie de *bugenvillea*, cheia de flores da estação, e que era um grande ornamento das matas, porque as bracteas côr de rosa das flores a tornam conspicua.

A jornada seguinte levou-nos à Vila de Paraiba, situada na margem noroeste do rio do mesmo nome, que aqui atravessámos de bote. As mulas não foram descarregadas, passaram em grande balsa que comportava quinze animais. Uma forte corrente de ferro lançava-se através do rio, a altura de poucos pés acima da agua, prendendo-se a ella uma corrente menor, com uma argola na ponta, de modo que pudesse correr de uma a outra extremidade, ao mesmo tempo que impedia a balsa de ser levada rio abaixo pelo impeto das aguas que rolam aqui com grande força. A balsa era então puxada por um cabo, operação em que se empregavam três negros.

Cerca de quatro anos antes de minha visita a este lugar começara-se a construir uma ponte de pedra a umas trinta jardas deste ponto, mas as obras arrastavam-se lentamente, só estando então acabados o pegão da face norte e três pilares. Os fundamentos em que assenta são bons, porque o leito do rio é aqui formado de rocha de gnaïsse, de camadas quase verticaes.

Na balsa cobram-se noventa reis por animal.

Três dias depois de passarmos o Paraíba, chegámos a uma fazenda chamada Padre Corrêia, distante sete léguas, mais ou menos daquelle rio. A estrada era, em muitos lugares, péssima e a região continuava a apresentar-se montuosa e densamente coberta de florestas virgens.

A fazenda do Padre Corrêia está situada em um recôncavo cingido de montanhas núas; consiste em uma casa de morada, uma pequena capela contígua, o rancho e uma venda, formando tudo isto quase três faces de um grande quadrado, em cujo centro se vê uma grande figueira sil-



vestre que se parte pouco acima da raiz em dois troncos quase do mesmo tamanho. Em uma elevação a leste da fazenda vêem-se dois grandes renques de pinheiros do Brasil, que realçam a beleza do lugar; um ribeiro chamado Piabanha, que corre ali perto, lança-se no Paraíba. Há aqui uma grande fábrica de ferraduras e implementos de ferro usados no interior.

A jornada seguinte levou-me mais uma vez à vista do mar. A estrada entre Padre Correia e o pouso da Serra da Estrela, que é uma continuação da Serra dos Órgãos, estava em concertos: os operários eram alemães, que viviam em pequena aldêia à parte. Passámos também por uma pequena e miserável aldeia chamada Córrego Seco.

A região, que é bastante montanhosa, está coberta de soberbas florestas virgens, e muito se assemelha com a que já alhures descrevi, entre a Serra dos Órgãos e a colônia suíça de Nova-Friburgo. Do alto do passo da Serra da Estrela, descortina-se bela vista dos arredores do Rio de Janeiro e da baía com suas numerosas ilhas verdejantes. Ao chegar a este sítio parei por muito tempo admirando a cena de meus primeiros labores no Brasil. Meus sentimentos, ao contemplar o magnífico panorama, tinham algo de semelhante ao que eu deveria experimentar de volta à própria pátria, porque tudo me evocava a lembrança de tempos passados e de bons amigos: o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Gávea e o pico da Tijuca erguiam seus cimos nas límpidas alturas como para me acolherem de regresso à civilização.

A parte mais elevada deste passo é mais ou menos três mil metros acima do nível do mar. A estrada, que desce da Serra em zigue-zague, é de cerca de uma légua de extensão, bem construída, bem calçada com grandes blocos de pedra e em excelente estado de conservação. Mas, como era um tanto escarpada em alguns lugares, preferi dscê-la a pé, que não a cavalo. Um pouco além do sopé da Serra passamos por Mandioca, propriedade que outro-

ra pertenceu a M. Langsdorff, o falecido consul geral da Rússia no Brasil, o celebre viajante. Foi convertida em fábrica de pólvora e pertence agora ao governo.

O passo da Estrela é muito melhor que o da Serra dos Órgãos, mas por este a jornada para Minas encurta-se de umas dezesseis léguas. Pouco adiante de Mandioca parámos em um grande rancho, donde, depois de postas em ordem as coleções feitas nesta excursão, parti sozinho para Porto de Estrela, com a intenção de embarcar alí, ao anoitecer, para o Rio de Janeiro, afim de lá estar com tempo de ter um lugar pronto para receber minhas bagagens, antes que estas chegassem.

Tinha ainda de percorrer a cavallo uma distância de cerca de três léguas por uma planicie geralmente pantanosa, muito semelhante à que fica entre Piedade e o começo da subida para a propriedade de Mr. March. A tarde ia adiantada quando cheguei à aldeia de Porto Estrela e, como as barcas só podem partir para a cidade depois que deixa de soprar a brisa do mar, percebi que chegára cedo demais, e, como ainda não havia jantado, procurei lugar onde pudesse fazê-lo. Interrogando o menino da venda donde partem as barcas, este me disse que costumavam preparar ali refeições para os passageiros e que, se eu quisesse, ele me faria um jantar. Depois de esperar com larga paciência por mais de duas horas, fui afinal introduzido em uma salinha sórdida ao fundo, onde se me deparou um prato de peixe e pirão, pasta grossa feita de farinha de mandioca, tudo tão sujo, que com pouco se me saciou o apetite.

Quase todas as mercadorias destinadas ao interior embarcam-se no Rio em grandes botes chamados falúas e descarregam-se nesta aldêia. Os fardos são todos de igual peso, de sorte que se equilibrem quando postos no lombo das mulas que os devem levar para o sertão. Ha aqui, por isso, grande atividade, visto que nem um só dia se passa sem que cheguem e partam diversas tropas grandes.

Os principais artigos para aqui trazidos do interior são café, queijo, toucinho, marmelada, além de outros. É uma aldeia solitária, extensa e suja, com poucos atrativos para deter um viajante. Por volta das sete horas fui informado de que o bote que eu alugára estava pronto para navegar; mal, porém, me achava a bordo, quando uma grande trovoadá veio rolando das montanhas, retardando-nos de uma hora a partida.

A aldeia, distante do mar uma milha, assenta nas margens de pequeno rio chamado Inhomirim; e tão lenta foi a navegação, que eram onze horas quando chegamos à sua confluência com a baía. Existe aqui excelente estalagem com muito boas acomodações, como de outra feita já experimentara.

Sendo muito fraca a brisa da terra o bote teve de ser impellido a remo quase toda a viagem, razão pela qual só chegámos à cidade às quatro horas da madrugada. Não querendo incomodar meus amigos nessa hora matutina, fiquei no bote até às seis horas. Dirigi-me então à casa dos senhores William Harrison & Cia., onde recebi dos velhos amigos cordialissimas boas vindas ao Rio de Janeiro, após uma ausência de mais de três anos.

Dois dias depois, 2 de novembro de 1840, chegou Mr. Walker com toda a minha bagagem em boas condições. Sabendo por experiência anterior quão mal se presta um hotel ou casa de pensão para um naturalista trabalhar de portas a dentro, resolvi alugar uma pequena casa.

Encontrei-a em tudo adequada aos meus propósitos no distrito de Catumbí, nas vizinhanças imediatas da cidade. Tendo-a mobilado com poucos gastos, para lá mudei minhas coleções, cerca de tres mil espécies botânicas, incluindo mais de sessenta mil espécimes, que levei mais de três meses a classificar e empacotar convenientemente, afim de remetê-las para a Inglaterra.

Durante esta residência no Rio o tempo escoou-se-me suavemente na agradável companhia em que me encontrei,

compensando-me amplamente da solidão e privações dos três anos anteriores. Os dias, consagrava-os inteiros às minhas coleções; as tardes, passava-as com a família de um ou outro dos muitos comerciantes ingleses lá residentes. Tive ainda por esse tempo o prazer de travar relações amistosas com o Dr. Ildefonso Gomes, talentoso médico brasileiro, que, quando moço, acompanhara a M. Augusto de St. Hilaire em sua primeira jornada aos distritos da mineração. Sua casa de campo, apenas a uma milha de minha residência, estava-me sempre aberta, como sempre esteve para todos os cientistas que têm visitado o Rio. Passei também muitas horas felizes com meu vizinho M. Riedel, o botânico russo, companheiro de viagem de M. Langsdorff pelo interior do Brasil; e, juntos fizemos várias excursões às matas a cata de objetos associados à nossa ciência predileta.

Apenas concluídos meus labores no Rio, resolvi fazer outra jornada à Serra dos Órgãos, desejoso como estava de consagrar mais tempo às investigações botânicas na parte superior daquela cordilheira, que o de que pudera dispôr em minha primeira residência lá.

Com este proposito parti do Rio a 12 de março de 1841 e por todo o mês seguinte ocupei-me em excursões na fazenda de Mr. March.

O tempo correu demasiado mudavel para que eu pensasse em fazer uma visita ao topo da Serra; como, porém, em começo de abril, melhorasse bastante, comecei os preparativos para a ascensão, agora em companhia de Mr. George Hockin, da firma Harrison & Cia., o qual por vezes me acompanhara nas excursões pelos arredores do Rio.

Partimos da fazenda no dia 9, pelas oito horas da manhã, levando conosco três pretos, além do meu próprio criado. O pai Felipe, meu velho guia, estava doente demais para empreender tal jornada, mas a sua vaga foi preenchida por um dos filhos. Seguindo a trilha de quatro

anos atrás, atingimos às quatro horas o ponto mais alto a que chegámos na primeira visita; aqui pousámos essa noite sob uma saliência de rocha e, como parecesse conveniente e seguro abrigo, decidimos fazê-lo nosso quartel nos poucos dias que nos demorámos na serra.

Alem de espécimes de quase todas as plantas que encontrara na primeira jornada, colhi na subida muitas outras novidades: duas das mais notáveis foram uma espécie de *fuchsia* (*F. alpestris*, Gardn.), e uma especie mui extraordinária de *utriculária*.

Esta especie, a que dei o nome de *Nelumbifolia*, foi depois dada à estampa em excelente desenho em *Icones plantarum*, de Hooker. E', como muitas congêneres, aquatica; o mais curioso, porém, é que só se vê crescer na agua que se ajunta no fundo das folhas de uma grande *tillandsia*, encontrada em abundância numa parte árida e pedregosa da montanha, a cinco mil pés, mais ou menos, acima do nivel do mar. Além do processo ordinário da reprodução por semente, tambem se propaga pelas vergonteadas da base do pedúnculo. Este renovo se projeta sempre na direção da *tillandsia* mais próxima e insere a ponta na agua e dá origem a uma nova planta, que por sua vez lança outro rebento; por este processo vi nada menos de seis plantas unidas. As flores, que se fixam no talo pelo centro (*peltate*), medem mais de três polegadas de largura. O pedúnculo, de mais de dois pés de comprimento, dá grandes e numerosas flores purpúreas.

Bem cedo na manhã seguinte, após uma refeição, partimos para subir à parte da serra que, vista da casa da fazenda, parece a mais alta. Este pico, que me não foi possível escalar em 1837, foi alcançado no dia seguinte pelo Revdo. Maister, que era então o clérigo inglês no Rio; e, novamente, seis semanas antes de nossa visita, por Mr. Lobb, jardineiro, que fôra enviado pelo diretor de um viveiro para colher sementes e plantas vivas. Assim encontramos já aberta a vereda para nós. Esta parte da mon-

tanha fica a seiscentos metros acima do sitio que escolhêramos para nosso acampamento.

Partindo, pois, deste lugar, descemos por uma barroca de matas, com o chão coberto pela bela *Alstroemeria nemorosa* e por muitos fetos delicados, ao passo que os ramos das *melastomaceae* e de outras árvores e arbustos estavam engravatadas pela *fuchsia* trepadeira, brilhando com suas flores escarlates. Galgando depois por algum tempo um tracto de mata densa, entramos numa parte mais alcantilada da serra, coberta de belos arbustos em flôr, entre os quais diversas belas *melastomaceae*, *compositae* frutescentes, uma *gualtheria*, algumas espécies de *vaccinium* uma bela e nova *escallonia* (*E. organensis*, Gardn.), produzindo em profusão flores côr de rosa. Verificámos que o ápice deste pico consiste em blocos esparsos de granito, coberto de liquens, pequenas orquidias, *gesnereae* e, onde havia qualquer acumulação de solo, uma *amaryllis* de grandes flores (*Hippeastrum organensis*), ora comum nas estufas inglêsas; tambem se encontrava aqui uma *fuchsia* trepadeira anã e pensa. Chegados ao cimo, erguemos uma bandeira em haste para dar a saber aos amigos lá embaixo que subíramos a salvo; e, instantes e depois, com o auxílio de um binóculo, vimos o sinal respondido por outro de cima das casas de campo perto da fazenda. O dia estava mirificamente límpido facultando-nos esplêndida vista da região circunvizinha. Mas, olhando para leste, tornou-se-nos evidente que não estávamos no pico mais alto da Serra, porque avistámos, coisa de uma milha de distancia, um cabeço arredondado e bastante mais alto; e decidimos imediatamente subir lá no dia seguinte.

Encontrei aqui duas plantas muito interessantes: um belo feto arborescente que se verificou ser o *Hemitelia capensis*, nativa do Cabo da Boa Esperança, o que é um fato notável na distribuição geográfica das plantas, por isso que a zona própria dos fetos arborescentes é muito limitada; a outra era uma bellissima planta erbácea, de

cerca de quatro pés de altura, com a haste coberta de penugem e grandes folhas, parecidas com as de *verbascum* com grandes panículas de flores côr de laranja.

Pertencia à ordem das *compositae* e, como verifiquei que era um gênero novo, dei-lhe o nome de meu saudoso amigo J. E. Bowman, Esq., de Manchester.

Bem cedo na manhã seguinte, partimos em demanda do mais alto pico da serra, já mencionado, tendo, porém, jornada mais fatigante, que a da véspera, por termos de abrir caminho através de dois ou três tractos de matas de consideravel extensão: a trilha do tapir favoreceu-nos, frequentemente, a marcha. Logo que partimos, fomos agradavelmente surpreendidos ao descobrir na parte baixa do vale que tínhamos de atravessar, uma pequena corrente d'agua límpida e fresca, descendo das alturas da montanha e fluindo para léste. Havia em muitos lugares poços muito mais profundos e largos que o curso geral da corrente e que, a julgar pelas trilhas que a eles conduzem, haviam sido formados pelas antas que habitavam esta porção da montanha, onde podem gozar, sossegadas, do seu prazer predileto de banhar-se em agua fria.

Este vale tem pouco menos que um quarto de milha quadrada e é coberto, em ambas as margens da corrente, mas particularmente na do oeste, por florestas virgens, com árvores de grandes proporções, sendo uma das maiores uma espécie de *weinmannia*. O sólo parece ser de excelente qualidade, havendo nele grande camada de terras de aluvião. Realmente, em parte alguma do Brasil vi outro sítio como este em que uma pessoa desejosa de segregar-se do mundo pudesse encontrar um retiro igualmente saudavel, belo e fertil. Aqui se pode levar à máxima perfeição a cultura de todas as espécies de vegetais e frutas da Europa. E o regato, além de oferecer contínuo suprimento de agua da mais deliciosa, pode ainda ser utilizado para mover um moinho.

Transpondo uma motanha que serve de limite deste vale a oeste, chegámos a um tracto plano e apaulado, em maior parte coberto de uma grama alta, de cerca de cinco pés, formando tufos.

Deixando este sítio, penetrámos noutra trecho de mata, formado de árvores muito menores que as observadas antes, e pelo qual passámos ao longo da trilha do tapir. Aí notei com surpresa que, ao passo que o tronco e os ramos de quase todas as árvores estavam cobertas de pequena e linda *Sophronitis grandiflora*, não se via mais nenhuma outra orquidea. Além desta, não vimos mata alguma: a vegetação resumia-se em várias plantas erbáceas e uns poucos de arbustos enfezados. Da região da mata vai-se ao cimo da montanha por um declive precípito, de um lado do qual se rasga larga barroca, repleta de imensos blocos de granito.

O ápice deste pico era bem diverso do que visitáramos na véspera: consistia em grande massa de granito, de superfície achatada e consideravel extensão; a rocha era pela maior parte núa, tendo apenas algumas porções do lado do oeste cobertas de enfezados arbustos e plantas rasteiras; entre estas, a mais abundante era uma bonita *prepusa hookeriana*, cujos cálices túmidos se assemelham aos de algumas espécies da apanha-mosca (*catchfly*).

Bem no cimo, viam-se pequeninas e numerosas escavações na rocha, cheias de excelente agua. Tivessemos adivinhado isto, que nos livrariamos do grande trabalho de carregar conosco a estas alturas algumas garrafas dagua.

Era um belo dia, mas uma larga faixa de nuvens, que cingia a montanha abaixo de nós, impediu-nos de gozar o esplêndido cenário cuja beleza anticipáramos. Ao meio-dia o termômetro marcava 64.<sup>o</sup> graus à sombra e verifiquei que a agua fervia à temperatura de 198.<sup>o</sup>, por onde pude avaliar a altura da montanha em 7.800 pés acima do nivel do mar. Um registro do termômetro, conservado durante nossa permanência nas partes superiores da serra



e observado ao nível da fazenda de Mr. March, deu uma diferença média de temperatura entre os dois lugares de 12°. 5'.

O Barão de Humboldt calcula o decrescimento médio do calor dentro dos trópicos em 1.º a cada 344 pés de elevação e considera uniforme esta proporção até a altura de 8.000 pés, além da qual se reduz a três quintos daquela quantidade até a altura de 20.000 pés. Verificou-se, porém, depois que em geral o efeito da elevação acima do nível do mar em diminuir a temperatura é, para todas as latitudes, quase em proporção com a altura, sendo o decrescimento de 1.º calor para cada 352 pés de altitude (\*). Isto daria 4.000 pés para elevação do mais alto pico da Serra dos Órgãos acima da fazenda de Mr. March; e, como está a 3.100 pés acima do nível do mar, temos 7.500 pés para a máxima elevação total.

Regressamos ao anoitecer para o nosso primeiro ponto de descanso, satisfeitos em tudo com a excursão daquele dia.

Na manhã do dia 12, às 6 horas, o termômetro marcava 44.º, o tempo estava muito claro e soprava forte brisa de oeste. Subindo ao topo do rochedo sob o qual dormíamos descortinou-se-nos uma das mais belas perspectivas que jamais contemplei. Para os lados do Rio de Janeiro a imensa baía e toda a região entre a baía e a montanha se nos ocultavam à vista por detrás de nuvens alvas como neve, esparsas a uns 3.000 metros abaixo do sítio onde estávamos. Assim que o sol surgiu, este espaço tomou o aspecto de vasto oceano coberto de espumas, realçado pelo topo das montanhas mais baixas que se erguiam, como ilhas, no meio delas. Do lado oposto, o vale em que está a fazenda de Mr. March obscurecia-se, por semelhante modo, de nuvens que lhe davam aparência de extenso

---

(\*) *Phillips, Treatise on Geology, in Lardner's Cyclopaedia, vol. II, p. 227.*

lago, circundado de montanhas. Mas, com a força do sol, dispersaram-se gradualmente as nuvens.

Depois do almoço Mr. Hockin saiu de novo em visita ao mais alto pico com a intenção de fazer, lá em cima, um esboço panorâmico, mas o propósito falhou por causa das nuvens que rodeavam o cume da serra. Não o acompanhei, por preferir realizar umas excursões laterais nas cercanias do acampamento.

Ia a tarde adiantada quando observamos um fenómeno frequentemente visto no topo das montanhas: grandes nuvens vinham rolando do oeste, em sucessão ininterrupta, por sobre os topos da serra; mas, apenas chegadas à parte de cima do vale em frente à nossa cabana, desvaneciam-se desfeitas pela temperatura do ar, mais elevada no lado oposto da montanha. É deste modo que se vêem, às vezes bulções de nuvens como que pousadas em alto pico ao mesmo tempo que sopra forte brisa.

Na manhã de 13 dissemos adeus ao abrigo das rochas e pernoitámos em uma choça de palmas e fetos arborescentes, erguida à beira de pequena corrente dagua, orlada de belos fetos rasteiros.

Na tarde seguinte chegámos à fazenda após uma ausência de seis dias.

Para satisfazer meu desejo de examinar as florestas virgens que existem nas margens do Paraíba, decidi fazer-lhes apressada visita antes de meu regresso ao Rio de Janeiro.

O Paraíba fórma a divisa entre as províncias do Rio e Minas-Gerais, mas sómente depois que recebe o Paraíbauna.

Nesta expedição folguei de ter de novo à excelente companhia de Mr. Hockin.

Deixámos a fazenda a 24 de Março e, fazendo uma jornada de sete léguas, chegámos a uma granja chamada Serra do Capim. Andámos por estrada nova, em construção sob a superintendência do Coronel Leite, rico agri-

cultor. A estrada que partia de Piedade para Minas-Gerais, através da Serra dos Órgãos, mal estava praticavel.

A região percorrida era ainda, em máxima parte, primitiva, coberta de matas virgens e abundante em fetos e palmeiras.

A fazenda onde pousámos pertencia a um cavalheiro residente no Rio, mas a carta que levei ao administrador valeu-nos cordial recepção: mandou-se dar milho às mulas e preparou-se-nos regalado jantar. Nosso hospedeiro, bondoso e inteligente ancião, disse-me que havia sido por muitos anos boticário em Minas e, como muitos fazendeiros do Brasil, fazia as vezes de medico no hospital da fazenda, sendo-lhe por isso muito grata a oportunidade de me consultar sobre a maioria dos casos sob sua responsabilidade.

Na manhã seguinte não consentiu que saíssemos senão depois do almoço.

Partindo daqui, passámos por algumas das mais belas florestas que jamais vira na provincia e chegámos de tarde a um grande cafezal, chamado Monte Café, numa distancia aproximada de sete léguas. Esta fazenda pertencia ao Brigadeiro Inacio Gabriel, brasileiro, a quem eu levava tambem cartas de apresentação. Embora não o encontrássemos em casa, fomos carinhosamente tratados na fazenda por sua esposa e por Mr. Hadley, principal administrador da propriedade, e que é um inglês a quem eu já havia encontrado em casa de Mr. March, quando lá me hospedei em 1837.

A fazenda estava ainda em inicio, mas era tida como das melhores do distrito e, embora as árvores fossem ainda novas, esperava-se que produzissem naquele ano 12.000 arrobas de 32 libras. Ao tempo de nossa visita as bagas estavam começando a pintar e os ramos vergavam ao peso da carga.

A região é formada por colinas, outrora cobertas de matas e agora transformadas em plantação.

Havia na fazenda duzentos escravos, setenta apenas ocupados em lavrar a terra, os demais em diversos misteres, como entalhadores, carpinteiros, pedreiros, ferreiros e outros mais. Poucos dias antes de nossa chegada haviam sido trazidos do Rio, em recente importação, cerca de vinte moleques, que aparentavam dez a quinze anos de idade e que ainda não falavam português. Eram todos rapagotes ativos e sadios, que corriam de um lado para outro, rindo e brincando, aparentemente felizes e inconscientes da própria sorte. Faço justiça, porém, aos brasileiros, dizendo deles, após cinco anos de experiência, que estão longe de ser senhores de dura condição e que, salvo casos raros, sempre os achei atenciosos e bons para com os escravos.

O Brigadeiro tinha construído, pouco antes, uma excelente serra dagua e estava agora construindo um grande secador artificial de café; obra esta sob a superintendência de um alemão, que havia residido por anos em Java.

Na manhã de 28 partimos de Monte-Café, rumo do rio Paraíba, distante dali apenas légua e meia. Acompanhou-nos Mr. Hadley por uma légua mais ou menos e, ao passarmos por um pequeno sitio chamado Santa-Eliza, contíguo de Monte-Café e também pertencente ao Brigadeiro, contou-nos que o antigo dono dele se servia da casa como negaça para os viajantes que iam para Minas ou de lá voltavam e que, logo que caíam na cilada, eram roubados e mortos. A casa ainda está de pé, conquanto inhabitada: os alçapões empregados nesse diabólico mister ainda se vêem no soalho.

Abeirámo-nos, pouco depois, de um rio, tocando a margem em ponto onde a corrente rola com ímpeto em estreito e pedregoso canal. Contávamos poder atravessá-lo aqui, mas fomos informados de que faltava a canôa e que convinha que fôssemos a um lugar chamado Sapucaia, légua e meia acima, como, de fato, fomos.

A estrada corria quase sempre paralela ao rio, através de esplêndida floresta, formada por grandes árvores, de

troncos em geral direitos, por vezes sem galhos até à altura de mais de cem metros. Cavalgando estrada a dentro, senti grande pesar ao refletir que nestas regiões se cortam e queimam léguas quadradas de tais florestas para o plantio de café.

Não há meios de transportes desta excelente madeira para o litoral, porque o rio, conquanto caudaloso, não é navegavel por jangadas, por causa das muitas corredeiras rochosas.

Neste lugar observei que o leito das aguas é constituído por fina camada de rocha de gnaissé, em saliência vertical e, como o rio, correndo de oeste para léste.

Sapucáia é uma pequena aldeia com poucas casas, de recente construção, que deve sua origem à proximidade da nova ponte, ora em construção sobre o rio, em conexão com a estrada do Coronel Leite para a provincia de Minas-Gerais. Aqui encontramos uma canôa, que só servia para pedestres; ao que nos disseram, cavaleiros raramente por ali apareciam nestas estações do ano, porque a rapidez das correntes túmidas tornava perigoso lançar os cavalos à travessia. Deviamos, pois, caminhar mais légua e meia, rio acima, a outro sitio chamado Porto d'Anta. Em Sapucáia demos milho às mulas, mas para nós mesmo nada encontrámos de comer, senão umas poucas bananas e um pouco de farinha de mandioca: foi esse o nosso jantar.

No tronco das árvores desta floresta encontrei lindas e numerosas orquidias, sendo uma das mais abundantes, e sem dúvida a mais alta, a *Cattleya labiata*. A região entre Sapucáia e Porto d'Anta, que alcançamos ao lusco-fusco, era um tanto semelhante à que havíamos encontrado um pouco mais baixo ao longo do rio, mas de matas menos espessas. Aqui, afinal, pudemos atravessar o rio, havendo uma balsa para cavalos, formada de três grandes canôas, ajoujadas, cobertas de pranchas e cingidas de ferro. O rio tem aqui mais ou menos a largura do

Clyde em Erskine Ferry, mas a corrente era muito mais rápida. A barca, como lhe chamavam, era impelida a remo; mas, por causa do impulso da corrente, os barqueiros eram primeiro obrigados a avançar a considerável distância rio acima antes de começarem a travessia.

Encontrámos aqui, no lado oposto do rio, uma boa venda onde nos aboletámos por essa noite e onde também dentre em pouco nos serviam excelente ceia e nos prepararam camas bem sofríveis.

Na manhã seguinte depois do almoço, fomos a uma fazenda chamada Barra de Lourical, pertencente ao coronel Custodio Leite, de quem já fiz menção, como superintendente da construção da nova estrada e a quem encontrara frequentemente, quando lá estive, em casa de Mr. March. Fica este lugar a légua e meia de Porto d'Anta; aqui de novo tivemos de descer cerca de uma légua ao longo das margens do rio, em romântica estrada que corta magnífica floresta abundante em espécimes de grande interesse para o botânico, bem como para o zoólogo. Vimos muitos macacos pousando nos galhos das árvores por cima de nossa cabeça, destacando-se entre eles uma espécie preta de uivantes (mycetes), cujas fêmeas carregavam os filhos nas costas.

Partimos então rumo do norte, chegando à fazenda bem antes do meio-dia. Não encontramos o coronel em casa, mas fomos muito cordialmente recebidos por um de seus filhos.

Esta magnífica fazenda produz cerca de 10.000 arrobas de café.

No dia seguinte fomos visitar o capitão Francisco Leite, irmão do coronel, cuja fazenda fica mais ou menos légua e meia ao norte.

Tivemos o prazer de encontrá-lo em casa e de percorrer em sua companhia a fazenda, vendo tudo o que valia pena ver.

E' homem alto e magro, bastante avançado em idade, mas ainda assim ativo e bem disposto. Informou-me que era natural do distrito da mineração e começara a vida como simples lavador de ouro; mas, tendo ganho, por felicidade, algum dinheiro, abandonou a profissão e adquiriu, havia vinte anos, esta propriedade, ainda por esse tempo inteiramente coberta de florestas. E é agora um dos homens mais ricos, senão o mais rico, desta parte do país. A plantação de café enriqueceu também a muitos outros desta fértil região.

Sua propriedade produz-lhe cerca de onze mil arrobas de café, além de grande quantidade de queijo, açúcar e aguardente, que são mandados principalmente para o mercado do Rio de Janeiro. Quis o nosso hospedeiro que ficássemos por essa noite de pouso, mas fomos obrigados a declinar o generoso convite, porque tínhamos prometido voltar à casa do coronel, com a intenção de recommençar a viagem bem cedo na manhã seguinte.

Na manhã de 31 despedimo-nos do coronel Leite e à tarde chegámos a Porto-Cunha, seis léguas, rio abaixo, tendo de vencer, para isso, outra légua, por havermos perdido o caminho.

Algumas partes da região percorridas eram bem poéticas, particularmente às margens do rio, que são às vezes cheias de rochas e cobertas de matas: as florestas são realmente as mais belas que se podem imaginar.

Passámos por algumas casas pequenas pertencentes, quase todas, a gente de côr; mas só ao cabo da jornada se nos deparou uma ou duas plantações de café.

Por volta das tres horas da tarde, quando percorriamos um tracto de espessa floresta, chegamos a um sitio de tres ou quatro geiras de extensão, que nos pareceu ter tido as matas derrubadas recentemente, com uma casa feita de pau a pique e folhas de palmeiras. Achegando-nos vimos que pertencia a um índio que tinha mulher e filhos. Ocupavam-se na colheita de uma roça de milho,

do qual prontamente compramos uma ração para nossos animais, embora para nós mesmo nada obtivéssemos de comer.

A pequena distância daqui, em uma clareira da mata, encontrei uma bela espécie de *bugenvillea* arbórea, bem distinta de qualquer das anteriormente descritas.

E' árvore de vinte a quarenta pés de altura, tronco de mais de dois pés de circunferência. Infelizmente, por descuido de meu empregado, perdi todos os espécimes dela reunidos.

No fundo das selvas encontrei numerosas e variadas orquídias nos troncos das árvores, inclusive a rara e bela *Huntleya meleagris*.

Era já escuro quando entramos em Porto da Cunha, não encontrando acomodações. Fomos primeiro a uma venda, descendo um pouco à beira do rio; lá chegando, vimos que era uma casa inacabada e inhabitada, sem abrigo para homem ou animal. Daqui fomos encaminhados a um arraial, chamado S. José, légua e meia adiante, rio abaixo. Ao mesmo tempo nos informaram de que, a meio caminho desse arraial, encontraríamos uma fazendinha pertencente a uma velha viuva, que às vezes dava hospedagem a viajantes. Para lá fomos e pousamos essa noite. Era casa de misera aparência, sem dúvida; mas o de que precisavamos era abrigo de qualquer espécie.

A velha senhora, D. Custodia de nome, mostrou-se um tanto desconfiada de nós, talvez por chegarmos lá tarde; olhando-nos da sacada, perguntou-nos porque não queríamos ir para alguma das diferentes casas que nos indicava; e, como lhe respondessemos que eramos estrangeiros e que a nenhuma das pessoas indicadas conhecíamos, deu-nos ordem de apear.

Veio milho para os animais e logo depois ceia para nós: uma fritada de carne seca e diversos pratos feitos com milho, fraco substituto, por certo, de uma refeição, mas



para nós, famintos como estávamos, esplêndido jantar e ceia ao mesmo tempo.

Logo depois nos levaram ao quarto de dormir, um quarto com duas camas de campo, numa das quais estava sentado um mísero preto, que também parecia viajante: a outra cama era nossa e não tínhamos remédio senão ocupá-la.

Estendeu-se um couro no chão para o meu empregado e assim, neste cubículo, em que mal cabiam duas pessoas, quatro de nós tivemos de passar a noite.

Para coroar tudo, o teto era tão esfuracado, que de dentro poderíamos ter estudado astronomia; e a janela, sem vidraças e sem folhas de fechar, dava para um chiqueiro, cujos ocupantes nos acordaram bem cedo na manhã seguinte.

Mas, se os cômodos eram maus, o preço cobrado no dia seguinte foi uma ninharia, um chelim e oito pences por tudo, incluindo o café da manhã e outra ração de milho para as mulas. Dei-lhe o dobro da soma, com meus melhores agradecimentos por sua bondade, com o que se mostrou não pouco satisfeita. Contou-nos então que já estivera em melhores condições, no distrito da mineração, mas tudo perdera em especulações infelizes da mineração, tendo de vir então com seu filho para este sítio, onde se esforçava por ganhar a subsistência, fabricando açúcar e cachaça que vendiam principalmente no Arraial vizinho.

De D. Custodia fomos para o arraial de S. José; com esperança de um bom almoço, baldada esperança, porque lá nada havia que se comprasse. Voltamos então a Porto Cunha, onde fomos igualmente mal sucedidos, mas tivemos notícia de que numa venda do outro lado do rio se poderia obter almoço. Havia lá um barco de passagem em mãos do governo provincial de Minas-Gerais, a cargo de um sargento ali estacionado, que cobrava a passagem bem como os impostos sobre artigos expedidos para fóra da província. Como era nossa intenção atravessar de novo o rio neste

lugar, não perdemos tempo em fazê-lo: a passagem foi em tudo igual à de Porto-Anta. Chegando à venda, disseram-nos, para nossa confusão, que de comer nada ali havia. Mas o rapaz da venda, que por sinal era um pobre diabo muito grosseiro, disse-nos que tinha peixe salgado e umas poucas bolachas, que nos poderia vender, mas que não cozinharía o peixe para nós. Isto, porém, podíamos fazer, porque o nosso empregado fizera fogo lá fora.

Saindo de Porto Cunha, seguimos em direção de léste, com a intenção de visitar uma pequena vila, chamada Cantagalo, famosa outrora por sua lavagem de ouro. Logo que partimos, passámos pequena fazenda de café pertencente ao célebre deputado brasileiro, Carneiro Leão; e, mais ou menos uma légua adiante, chegámos ao rio Paquequer Grande, em cujas margens meridionais cortámos largo tracto de belas florestas. Ao lusco-fusco, quando ainda seguíamos avante sem saber onde pousar, encontramos um moço que havia andado caçando e por ele fomos informados de que havia, pouco adiante, uma fazenda, a que ele pertencia, onde sem dúvida acharíamos acolhida por aquela noite.

Dele também soubemos que estávamos fora da estrada de Cantagalo, embora lá pudessemos ir ter dando voltas e trilhando peor caminho. Chogados à fazenda, deram-nos um aposento bem mobiliado, vindo logo depois o dono em pessoa dar-nos as boas vindas. E, sabendo que vinhamos da fazenda de Mr. March, veio apertar-me a mão; eu então o reconheci: era o Dr. Saporiti, que um mês antes pousou uma noite em casa do Dr. March, de volta da cidade. Mostrou-se satisfeitiíssimo por ver-nos; mandou vir café e diŕse-nos que daí a pouco nos seria servida a ceia.

Enquanto isso, apresentou-nos sua esposa, que se revelou mais polida de maneiras que a generalidade das esposas de fazendeiros, esta, sem dúvida, por haver residido por muitos anos no Rio. Soubemos que o moço que

nos indicára a fazenda era filho do primeiro casamento daquela senhora. O Dr. Saporiti, italiano de nascimento, estava residindo no Brasil por mais de vinte anos.

Pelas dez horas nos sentamos à mesa para uma excelente cêia, passando-se as horas da noite muito agradavelmente, animada pela conversação do hospedeiro e de sua esposa, esta principalmente entretendo-nos com os quadros que traçou da vida rústica na longinqua província do Mato-Grosso, onde nascera. Na manhã seguinte preparou-se-nos mais cedo o almoço, porque desejavamos partir a tempo e hora.

Devido ao mau estado das estradas, era já seis horas da tarde quando chegámos a Cantagalo, embora a distância a vencer fossem apenas quatro leguas. A região é de bastas selvas e, em geral, plana. Na descida de alta montanha, passámos por uma grande plantação de café, que fôra abandonada por ser fria demais para que as bagas chegassem à maturação perfeita. Dali, porém, até Cantagalo, vimos alguns extensos cafezais, em sítios perfeitamente apropriados, em sólo e clima, ao cultivo dessa planta.

A vila de Cantagalo está situada em estreito vale, cercado de ambos os lados por montanhas de apreciavel elevação: consiste principalmente em uma rua comprida e larga praça, dois lados da qual já cheios. Suas casas são em máxima parte bem construídas e o conjunto tem um aspecto de asseio e elegância. Antigamente havia na vizinhança muita lavagem de ouro, mas hoje em dia quase ninguém se dá à procura desse metal. O grande objeto de cultivo é o café, que enche imensos tractos de terra. E' levado por mulas ao fundo da baía e daí embarcado para o Rio.

Hospedámo-nos em uma estalagem dirigida por um francês, um homenzarrão já bem avançado em idade, que nos disse que em moço pertencera à guarda de Napoleão.

Na segunda manhã após nossa chegada recomeçámos a marcha e às nove horas da manhã chegámos à colonia suiça de Nova-Friburgo, a oito leguas de distância.

A primeira parte da jornada se faz por uma zona plana e bem cultivada, mas depois a estrada se torna muito montanhosa, especialmente nas duas léguas últimas, através de um passo fundo, de aspecto agreste e romântico. Embora fosse já tarde quando chegámos ao fim da caminhada do dia, favoreceu-nos belo luar que nos permitia admirar os encantos do cenário.

A cidade de Nova-Friburgo, também chamada Morro-Queimado, está construída em forma de quadrado, com casas, quase todas, de um só andar.

E' habitada principalmente por suíços, emigrados ha muitos anos para o Brasil, mas também residem ali algumas famílias brasileiras.

Para o lado do oeste, a uma milha de distância, há uma pequena aldeia em que reside a parte protestante da comunidade.

A maior parte dos colonos, porém, acham-se espalhados por muitas milhas nos arredores. São muito pobres e foram postos pelo governo brasileiro em um dos peores sítios para o exercício de sua indústria, em uma altura de mais de três mil metros acima do nível do mar, de más terras e de clima inteiramente inadaptado à produção quer de açúcar, quer de café. Sua principal colheita é de milho e de uns poucos vegetais europeus; fazem também um pouco de manteiga. Como o clima é muito ameno nos meses de estio, para lá vão muitas famílias de estrangeiros e de nativos, que fogem ao grande calor da cidade.

O cenário das montanhas, em torno, é muito belo, embora incomparavel com o da Serra dos Orgãos. Ha em Friburgo uma estalagem, dirigida por um suíço, onde nos hospedámos por todo o tempo de nossa breve visita.

Partimos de Nova-Friburgo a 6 de Abril e voltámos à Serra dos Orgãos. Passando em direção ao oeste através de uma zona montuosa e cheia de matas, chegamos à tarde a uma pequena habitação situada em um vale, ao pé de

pequena corrente dagua, onde folgamos de obter abrigo por uma noite, porque chovia copiosamente desde a meia-noite anterior; nada tivemos para o jantar senão um pouco de arroz e umas folhas de couve cozida. Pouco antes de ali chegar passamos por espessa mata de grandes árvores, em cujos troncos e ramos havia enorme quantidade da bela *Gesneria bulbosa* e cujas panículas, de numerosas flores de vivo escarlata, pendiam do caminho sobre nossas cabeças. Eram também abundantes as orquideas, estando em flor uma das mais belas, *Oncidium forbesii*.

Na noite seguinte pousamos em uma granja pertencente ao Almirante Taylor, um inglês que desde muito estava em serviço do Brasil e nosso conhecido, mas não o encontrámos em casa.

Na tarde do dia seguinte, após uma marcha de três léguas, chegámos à fazenda de Mr. March.

Conquanto esta nova visita à Serra dos Orgãos fosse feita na mesma estação que da primeira vez, tão grande era a variedade de vegetação, que acrescentei à minha coleção centenas de plantas que antes não encontrára.

Minha saúde, grandemente abalada pelas fadigas da jornada ao interior e pela demora de quase três meses no Rio ao tempo do calor, melhorara admiravelmente com a residência nas montanhas.

Já não havia aqui tantas famílias inglesas como no ano de 1837 e, por isso mesmo, não reinava a mesma alegria: ainda assim, minhas horas de lazer se passavam agradavelmente em uma ou outra casa de campo.

## CAPÍTULO XV

### MARANHÃO, VIAGEM À INGLATERRA, CONCLUSÃO

*Partida da Serra dos Órgãos e volta ao Rio de Janeiro — Embarque para a Inglaterra com grandes coleções de plantas vivas e plantas secas — De passagem pelo Maranhão — Descrição da cidade — Sua população — Edifícios públicos — Comércio — Geologia dos arredores — Visita a Alcantara — Partida para a Inglaterra — Golfo do sargaço — Sua grande extensão e origem — Peixes voadores — Observações sobre seu modo de voar — Notáveis fosforescências no mar — Descrição do singular animal que produz este fenómeno — Seus curiosos ninhos — Cintilações causadas por uma espécie de minúsculos camarões — Chegada à Inglaterra — Observações finais.*

Sabendo que havia no porto do Rio um navio prestes a navegar para Liverpool, pus em ordem minhas coleções e parti da Serra dos Órgãos na manhã de 25 de abril, cheguei à Piedade na tarde do mesmo dia e à cidade na manhã seguinte. Além de espécimes botânicos para o erário, reuni durante a residência nas montanhas grande número das mais belas plantas vivas para levá-las comigo para a pátria. Enchiam seis grandes caixas, mas apenas metade delas chegaram vivas, por não terem sido bem feitas as caixas: muitas das que sobreviveram andam agora largamente dispersas e são plantas muito ornamentais. (\*)

---

(\*) Entre as que foram pela primeira vez introduzidas na Inglaterra nesta ocasião, podem-se enumerar as seguintes: — *Symphoricarpos betulaeifolius*, G. Don; *Pteroma benthamiana*, Gardn. e *P. multiflora*, Gardn.; *Franciscea hydrangeaeformis*, Pohl.; *Nematanthus longipes*, Pohl.; *Gesneria salviaefolia*, Gardn.; e *G. leptopes*, Gardn.; *Clusia fragrans*, Gardn.; *Luxemburgia ciliata*, Gardn.; *Dorstenia elata*, Hook.; *Prepusa coronata*, Gardn.; e *P. Hookeriano*, Gardn.; *Campo-*

Bem cedo na manhã de 6 de maio fui para bordo do Gipsy que levantou âncora logo depois. Não ia, porém, em viagem direta para a Inglaterra, tendo de tocar no Maranhão, ao norte do Brasil, para receber um carregamento de algodão. Tive assim inesperada oportunidade de conhecer outro dos grandes portos brasileiros e de fazer umas poucas de coleções novas em uma parte do império que possui vegetação diferente da de qualquer outra por mim visitada. Fizemos viagem propícia até Maranhão, onde chegamos em quinze dias. Na noite anterior ao desembarque soprou de terra um vento rijo, que trouxe consigo grande número de traças e borboletas de todos os tamanhos: das que chegaram a bordo pude fazer uma coleção de cerca de uma dúzia de espécies.

A terra é aqui, como em Pernambuco, muito plana. Os grandes portos do Brasil vão diminuindo de importância do sul para o norte, sendo o do Rio o mais importante; depois, o da Baía, terceiro, o de Pernambuco, quarto, o do Maranhão.

A cidade de S. Luiz do Maranhão está situada em uma parte ligeiramente elevada do extremo noroeste da ilha do mesmo nome, de cerca de sete léguas de comprimento por cinco de largura, e separada do continente por um canal pouco largo. O rio em cuja embocadura está situada a cidade é formado pela reunião de vários outros que nascem nas zonas do sudoeste da província. A população é calculada em vinte e seis mil almas; as casas são solidamente construídas de arenito avermelhado; geralmente com dois andares e de aparência mais regular que as das outras grandes cidades do Brasil. As ruas são geralmente bem calçadas e mais limpas que quaisquer outras que vi no país, o que é devido, sem dúvida, ao fato de terem muitas

---

*manesia hirsuta*, Gardn.; *Bidens speciosa*, Gardn.; *Anemia stricta*, Gardn. M. S.; *Pteris sagittaeifolia*, Raddi; *Alstraemeria nemorosa*, Gardn.; *Euterpe edulis*, Mart., e *Corypha cerifera*, Mart., do Maranhão.

delas uma leve inclinação que lhes dá o benefício da queda das fortes chuvas, já começadas, quando lá cheguei.

Contém a cidade oitenta e cinco igrejas, o palácio do presidente forma parte de uma grande praça, sendo a outra parte ocupada por grande edificio, que foi outrora o colégio dos jesuitas, pela cadeia pública e pela câmara municipal.

Há aqui consideravel comércio tanto de importação como de exportação: a maior parte das mercadorias européias que chegam são remetidas para o interior da província e também para o de Piauí. Os principais produtos de exportação são: algodão e couros.

Ao chegar ao Maranhão fui cordialmente recebido pelos ingleses lá residentes, que tinham ouvido falar a meu respeito quando estive em Oeiras, recebendo eu um convite para me hospedar em casa do Dr. Arbuckle. Como o navio se demorou no porto cerca de três semanas, tive amplas oportunidades de fazer excursões nos arredores, não podendo, porém, por causa das chuvas, ver tudo o que desejava naquela zona.

A ilha em que assenta a cidade é plana, paludosa em alguns sítios, e coberta de arbustos e pequenas árvores. Nos pântanos crescem belas palmeiras do gênero *attalea* e *euterpe*.

De fato, o aspecto geral da região indica um clima menos úmido e, por isso mesmo, uma vegetação menos vigorosa que a que se encontra para as bandas do trópico do sul.

Há na ilha poucas terras de cultura; grande parte do solo é de superfície arenosa e, por baixo, de cascalho altamente impregnado de ferro; e o mesmo acontece no continente, do lado oposto da cidade.

A rocha que constitue a base da ilha é um arenito vermelho escuro, semelhante ao que encontrei nas províncias do Ceará e Piauí em conexão com a formação cretácea da região. Em muitos lugares é de rocha conglomerada.



da, sendo as pedras redondas do mesmo carater da matriz menos dura em que se encontram.

No continente oposto, perto da cidade de Alcantara, encontrei a mesma rocha elevando-se pouco acima do nivel do mar, mas coberta por outro depósito rochoso, de mais de cinquenta pés de espessura em alguns lugares, consistindo de camadas alternadas de arenito tirante a amarelo e a verde, irregularmente depositado, mole e, em alguns lugares, da natureza da marga.

Não tenho dúvida em considerar estas rochas equivalentes às subjacentes da greda branca perto da Vila do Crato e Barra do Jardim, no interior da província do Ceará; e, sem dúvida, fazem parte do grande depósito de greda, que parece ter outrora coberto a ponta oriental do continente sul-americano, mas que desapareceu em muitos lugares.

Além de diversas excursões em várias parte da ilha, tambem fui a Alcantara onde me demorei três dias. Levava uma carta de apresentação ao principal comerciante do lugar, o Senhor Peixoto, portuguez de nascimento, com quem convivi durante minha estada ali. Atravessei a baía, que é de umas quatro léguas de largura, em um dos navios mercantes regulares que são de cerca de quarenta toneladas; transportam de Alcantara, algodão e lenha, aquele cultivado a alguma distância no interior, donde se traz no lombo dos cavalos; a lenha obtem-se do tronco e galhos da árvore do mangue (*Rhizophora mangle*), que é abundante nas praias pantanosas: arde ainda verde, melhor, talvez, que qualquer outra espécie de árvore. Ao longo destas praias paludosas se vêem quase sempre bandos de belos flamingos vermelhos (*Phoenicopterus chileunis*, *Molina*). À noite dormem entre os mangues e são muito procurados pelos habitantes que lhes apreciam imensamente a carne. A cidade de Alcantara, como a do Maranhão, está situada em uma elevação de terreno e parece ter sido outrora mais florescente que hoje; as çasas e igrejas são geralmente gran-

des, mas em muito mau estado de conservação, enquanto as ruas estão alastradas de erva má.

A gente mais abastada que aquí reside são plantadores de algodão, ao passo que os pobres ganham a vida pescando e fazendo rêdes, artigo este de grande procura nas províncias do norte.

Algumas redes são tão bem trabalhadas que se vendem por seis ou oito libras cada uma: são feitas de um tecido de fino algodão, de uma só côr, ou brancas e azues, obtendo-se esta côr dum anil silvéstre, muito abundante em toda a região:

Ao norte da cidade há umas salinas que pertenceram antigamente aos jesuitas, que delas auferiam grande lucro, mas estão agora muito pouco aproveitadas.

Ao longo da praia, espalhadas aquí e alí entre as moitas, sobre as colinas, vi umas poucas de palmeiras ceríferas (*Corypha ceryfera*, Mart.) tão comuns em torno de Aracati, na província do Ceará.

No decurso dos passeios por estas redondezas encontrei muitas plantas ainda inexistentes em minhas coleções; a flora do Maranhão tem mais afinidade com a da Guiana que qualquer outra parte do Brasil por mim visitada, como era de esperar pela sua situação setentrional; é sabido também que as plantas que só crescem junto ao mar têm area geográfica mais extensa que as que crescem no interior. Impressionou-me particularmente este fenômeno quando no interior viajei de Pernambuco e Aracati. Em ambos estes lugares se vêem muitas plantas comuns às praias das Índias Ocidentais, Guiana, e quase toda a costa intertropical do Brasil, ao passo que na mesma latitude, desde um ponto um pouco ao interior da terra até a ponta ocidental que toquei, a vegetação tinha um carater distinto do de qualquer outro lugar.

A mesma observação applica-se a vastos plainos, cuja vegetação é tão frequente e irritantemente monótona ao

botânico, ao passo que nos tractos mais elevados ocorre muito maior diversidade.

Foi o conhecimento deste fato que me levou, no decurso de todas as viagens a conservar-me o mais possível ao longo das cadeias de montanhas e altos taboleiros.

Ainda não se encontrou explicação satisfatória para o fato de existir maior número de espécie em dado espaço de montanha que em uma planície.

Temperatura, luz e umidade são, de certo, os fatores mais importantes: mas outras causas, inda desconhecidas, deve de haver.

No Maranhão encontrei dois de meus conhecidos de Oeiras: um deles, embora Major do exército, era tambem negociante e tinha vindo comprar mercadorias européias; e outro, filho do velho Barão de Paranaíba, tinha por objetivo tomar ordens sacerdotais afim de ser nomeado vigário de Oeiras. Destes soube que a insurreição tinha sido afinal jugulada e que a província ia voltando ao regime da ordem. As autoridades estavam capturando quantos alcançavam dentre os que tiveram parte na rebelião, remetendo-os depois para o Rio Grande do Sul para lutar contra os rebeldes de lá — obra prima de política. . .

Vi diversos desses grupos assim trazidos e era tudo gente de má catadura.

Tendo o navio afinal recebido toda a carga, embarquei na manhã de oito de junho, despedindo-me, definitivamente do Brasil.

Quando estávamos a uns cinquenta e seis graus de longitude oeste e entre vinte e dois e vinte e três de latitude norte, passámos através desses enormes campos de algas marinhas (*Sargassum bacciferum*) que têm sido descritas por quase todos os viajantes desses mares.

Existiam geralmente em grandes faixas, jazendo contra o vento, às vezes separadas por distância não maior que o comprimento do navio, às vezes muito distanciadas uma da outra. Reina grande diversidade de opinião

quanto à origem desta massa flutuante. Humboldt acredita que se destaca das rochas, a grande profundidade, nas latitudes onde flutua. Supõem-na outros providas das praias dos mares do norte, onde se destacam dos rochedos pela violência dos ventos.

Imaginam ainda outros què ella vem das praias rochosas dos golfos do México e da Florida, ao passo que muitos pensam, como eu, que ella nunca teve outra habitação que a actual: ninguém a viu jámais adherente às rochas, nem se descobriram jámais raizes que lhe pertencessem. Nos cinco ou seis dias que navegámos através deste sargaço fisquei para bordo mais de mil pedaços dele, apresentando cada um a mesma aparência dos outros. A parte inferior da haste tinha sempre um aspecto esbranquiçado e murcho, exactamente como um fragmento de alga lançado por algum tempo à praia, ao passo que a extremidade dos ramos eram uniformemente de aparência fresca e sadia. Sendo este o caso, não se pode deixar de supor que estas extraordinárias plantas, desde que foram criadas, até hoje, têm existido, como ora as encontramos, sempre flutuando neste golfo revolvente, em perpetua mutação pelo definhamento de uma extremidade e crescimento da outra. Nada há desarrazoado nesta opinião, visto que as algas marinhas não são como as plantas da terra que derivam a nutrição do sitio a que estão ligadas.

Encontrei entre as algas grande variedade de zoófitos e outros minusculos animais marinhos: era frequente um caranguejo que media de uma a uma e meia polegada de largura; observei também o ninho de um formado de pequenos ramos entrecidos por uma espécie de fios fortes, parecidos com os de que a aranha faz a sua teia: continha muitos filhotes.

Foi também curioso nessas latitudes observar os movimentos dos peixes voadores (*Exocetus volitans*), que em multidões se erguiam rente do navio. Não tive dúvidas desta vez, como de outras que atravessei o oceano, de que

eles fazem uso das barbatanas peitorais durante todo o tempo em que permanecem acima da agua. É fato que eu desejava particularmente verificar, porquanto Cuvier, bem como outros autores que tenho consultado, com exceção de Humboldt, o negam. (\*)

A distância a que voam é às vezes muito curta, outras vezes os tenho visto resvalar pela superficie das aguas até quase se perderem de vista, podendo dizer que o seu vôo se estende por vezes a trezentas jardas. A altura a que se elevam acima do mar não excede habitualmente a três ou quatro pés; mas, que voam mais alto é bem sabido, pelo fato de que não raro caem a bordo dos navios, que ficam de dez a quinze pés fôra d'agua. Quando o mar está calmo, voam no mesmo plano, como uma seta, e parece que o impulso adquirido ao deixar a agua é o único que os leva para diante. A primeira vez que descobri que usam as barbatanas como asas foi num dia em que o mar estava um tanto agitado. Voavam muitos peixes, mas não em grande número de uma só vez. Individuos solitários podiam ser seguidos pela vista a grande distância, mas não se conservavam no mesmo plano em sua passagem, nem o curso do vôo formava o segmento de um circulo; mas viam-se muito distintamente elevar-se e abaixar-se sobre as tímidas ondas, conservando-se sempre à mesma altura acima da agua, justamente como o faria um passaro. Só uma vez, no Atlântico, ví distintamente moverem-se as barbatanas à maneira de asas. Num claro e lindo dia em que navegávamos mansamente sob a influênciã de ligeira brisa, enquanto alguns grandes golfinhos brincavam

---

(\*) Eis o que diz Cuvier: — Leur vol n'est jamais bien long; s'élevant pour fuir les poissons voraces, ils retombent bientôt, parce que leurs ailes ne leur servent que de parachute. *Le Règne Animal*. Tomo 2, pag. 287. Edição de 1829.

em torno, ví um deles perseguir um peixe voador: este levantou o vôo, mas foi seguido pelo golfinho. Caiu rente do navio e, ao tentar erguer-se de novo, o impulso não foi suficiente para arrancá-lo inteiramente fôra d'agua; voou com a cauda quase fôra do mar por uma jarda, caindo então presa do perseguidor. Diversos outros passageiros também o estavam observando e de todos foi visto que as barbatanas se moviam com grande rapidez. Concorro com Humboldt (\*) quando diz que estes peixes nem sempre se elevam acima da agua só para fugir do inimigo, porque muitas vezes saltam perto do navio, quando não há sinais de grandes peixes estarem por ali em roda.

Por que haviam os peixes voadores, podendo faze-lo, deixar de gozar a delicia de um giro pelos ares, como um pato a de afundar na agua ou os animais terrestres a de se banharem?

Outro notável fenômeno oceânico é a brilhante fosforescência da agua que frequentemente ocorre em baixas latitudes, fenômeno sobre o qual passo a fazer observações que não julgo descabidas. Em minha viagem da Inglaterra e quando nos achávamos a cerca de dois graus de latitude sul e vinte e seis de longitude oeste, fui chamado pelo capitão, por volta das dez e meia da noite, para observar o admiravel aspecto que o mar tomára. Ao chegar ao convés deparou-se-me uma das mais magníficas cenas que se podem imaginar: em volta de todo o navio, até onde a vista podia alcançar, as aguas que rolavam ondas altas, emitiam da superficie, a curtos intervalos, em amplos e longos lençóes, uma luz fosforecente, que brilhava apenas um ou dois segundos e depois morria. O contínuo fulgurar destas longas faixas de luz, seu súbito aparecimento, como se porções destacadas de relâmpagos estivessem voando de onda em onda, imprimiam à superficie

---

(\*) Personal Narrative, vol. II, p. 15.

do oceano um aspecto espantoso e terrífico: os reflexos eram tão grandes que iluminavam as velas do navio. Olhando para os lados da popa, via-se numa extensão de umas quinze jardas uma esteira de luz de amarelo pálido, sobre a qual, de quando em quando, flutuavam e apagavam-se curiosas massas de forma circular, de meio pé a dois pés de largo, de côr lívida, semelhante à do enxofre ao arder. Estas massas conservaram sua lívida aparência de chama até atingirem a distância de seis ou oito jardas do navio, quando gradualmente desapareciam, contrastando singularmente sua bela côr com a da esteira de amarelo pálido em que flutuavam.

Este curioso estado do mar durou somente por um quarto de hora mais ou menos, depois a agua retomou o seu aspecto usual, e apenas a espuma da prôa tinha a cintilação que costuma apresentar dentro dos trópicos.

Isto se deu a 7 de julho: o tempo estivera continuamente nublado, com o termômetro a 79° ao meio dia; a noite era escura e soprava uma fresca brisa de lessueste e o navio ia fazendo seis nós por hora.

É bem sabido que as massas circulares de luz, que acabo de descrever, são produzidas por agregados de miúsculas animais marinhos a que se dá o nome de pyrosoma. Não apanhei nenhum deles, porque, minha rêde na ocasião não estava em condições; mas fui mais feliz durante minha viagem a Ceilão. No dia 25 de novembro de 1843, entre 3 e 4 graus de latitude norte e 23 graus de longitude oeste, com tempo nublado e o termômetro a 81° ao meio-dia, entrámos, logo que escureceu, numa zona destes animais; e, conquanto sua luz não fosse tão brilhante como na primeira ocasião, o número deles era maior e pelo meio deles o navio sulcou as aguas por algumas horas. Viam-se em largos cardumes, a distâncias grandes, mas irregulares, uns dos outros. Lançada a rêde, foram trazidos a bordo numerosos destes extraordinários

animais que compunham os cardumes: emitiam uma luz de amarelo pálido e esverdeado que ainda conservavam algum tempo depois de chegados a bordo. Cada massa tinha forma semelhante à de um dedo de luva, vazia e fechada em uma das extremidades. Variavam um pouco de tamanho, mas eram geralmente de umas quatro polegadas de comprimento. Os pequeninos animais de que estas massas se compõem estão dispostos horizontalmente e em camadas compactas umas sobre as outras, estando a cabeça voltada para a face exterior.

Postos por algum tempo em um copo dagua com sal, logo se separam uns dos outros, e, como eram muito transparentes, mal se distinguiam então da agua. Têm exatamente o gosto de ostras frescas. Durante esta viagem obtive quatro espécies distintas, duas das quais ao largo do Cabo de Bôa Esperança; uma destas massas em forma de dedo, pegada perto do Equador, media cerca de dois pés de comprimento. Tenho por muitas vezes observado estes corpos a grande profundidade junto do navio e emitindo uma fraca luz. Estou convencido de que os brilhantes lampejos emitidos dos lados das ondas, na primeira ocasião que os vi, eram devidos à qualidade de *pyrosomae* então existente no mar. As cintilações que partiam da espuma levantada pelo navio eram causadas por uma espécie microscopica de camarões fosforescentes (*Noctilula oceanica?* *Spix*) que reuni em grande número numa rêde feita de velha bandeira.

Nossa viagem de regresso à pátria foi rápida e muito agradável.

Passámos trinta e dois dias no mar desde o Maranhão; não tivemos tempo desfavoravel; o único dia de cálmia ocorreu entre a perda dos ventos de nordeste e o encontro dos de oeste.

Quanto mais perto da pátria, mais se me intensificava o desejo de me ver de novo entre os meus amigos.



E creio que isto se dá quase uniformemente com todos em idênticas circunstâncias. Quando nos achámos bem longes dos que nos são caros e sem nenhuma possibilidade immediata de volta, reprimimos, quanto possível, o surto de esperanças que se não podem realizar; quando, porém, cada hora que passa nos leva para mais perto do lar, soltamos as rédeas da imaginação e só lamentamos que o avanço não seja mais célere.

Na tarde de 8 de junho ouviu-se o desejado grito — terra. No dia seguinte chegámos à embocadura do Mersey; mas, por falta de altura de agua, tivemos de esperar até a manhã seguinte, intervalo em que soprou um forte vento do noroeste que nos manteve a todos acordados. Bem cedo no dia seguinte, 10 de Julho, após uma ausência de mais de cinco anos, pisei de novo o solo britânico.

\* \* \*

Chegado agora ao termo de minha narrativa, só me resta assinalar que o objetivo em vista quando deixei a Inglaterra, eu o realizei com plena satisfação de todos os interessados e não sofri nenhum desengano quanto aos prazeres que anticipara derivar de tal expedição. Se cada dia trouxe seus pequenos aborrecimentos, estes foram amplamente resgatados pelos deleites que novas cenas e novos objetos de estudos constantemente produziam. As dificuldades só se nos afiguram insuperaveis enquanto as não enfrentamos resolutamente; e, por felicidade nossa, o lado brilhante das cenas do passado é mais frequentemente lembrado que o escuro. Tenho muito de que me dar os parabens; porque, embora tantas vezes exposto ao tempo de dia e de noite, minha saude foi sempre boa exceto uma única vez, e, tambem com poucas exceções, recebi as maiores expressões práticas de boa vontade de meus semelhantes com quem entrei em contacto.

Fui também mais bem afortunado que muitos naturalistas viajantes, porque as numerosas coleções de espécimes despachadas para a Inglaterra chegaram a salvo a seu destino. Também foram ter às mãos de seus destinatários, com uma só exceção, todas as cartas que remeti; e das que me foram enviadas nem sequer uma se perdeu, embora, às vezes, tarde me viessem ter às mãos.

Não foi sem grande pesar que deixei o Brasil, porque a vida que lá vivi era independente e livre e eu me dava muito melhor com o seu clima que com o da Inglaterra; além de que o país é belo e mais rico em qualquer outro nos objetos naturais a que votei a minha vida.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo — para a Companhia Editora Nacional, em dezembro de 1942.*